

"Leitura imprescindível para os admiradores
de romances de época e, principalmente, para
os que são fãs de grandes escritoras inglesas."

The Guardian

Mary Barton

*Elizabeth
Gaskell*





*E l i z a b e t h
G a s k e l l*

*Mary
Barton*

Uma história sobre a vida em Manchester

Tradução e Prefácio de
JULIA ROMEU

1ª edição



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G231m

Gaskell, Elizabeth, 1810-1865

Mary Barton [recurso eletrônico] / Elizabeth Gaskell ; tradução Julia Romeu. - 1. ed.
- Rio de Janeiro : Record, 2017.
recurso digital

Tradução de: Mary Barton

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11270-5 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Romeu, Julia. II. Título.

17-45535

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Mary Barton, de autoria de Elizabeth Gaskell.

Primeira edição impressa em setembro de 2017.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original inglês:

MARY BARTON

Nota do editor: Este livro tem por base a edição com texto integral e inalterado publicado por Chapman & Hall em 1848.

Capa: Departamento de Design do Grupo Editorial Record com imagens istockphoto (Botanical illustrations with leaves e Fundo grunge).

Todos os direitos desta edição reservados a Editora Record Ltda. Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11270-5

Mary
Barton

Prefácio da tradutora

Manchester: cidade partida

Mary Barton, publicado em 1848, foi a estreia literária da escritora inglesa Elizabeth Gaskell. A inspiração para o que pode ser considerado o principal tema do livro — a enorme diferença entre classes na cidade de Manchester durante a década de 1840 — surgiu, de acordo com alguns biógrafos, de um diálogo que Gaskell teve com um homem pobre quando, ao tentar argumentar contra a maneira suspeita como ele encarava os ricos, ouviu-o perguntar se ela já vira uma criança morrer de fome. *Mary Barton* é uma tentativa de compreender a revolta dos pobres diante de sua miséria, não para justificar quaisquer radicalismos da parte destes, mas para despertar nos mais ricos um sentimento de solidariedade e amor cristão que, na ideologia de Gaskell, acabará por diminuir o abismo entre as classes.

Manchester é considerada a cidade-símbolo da fase mais dinâmica da Revolução Industrial: em apenas uma década, entre 1821 e 1831, sua população cresceu em 45%. Eram pessoas que deixavam o campo para trabalhar em fábricas, em sua maioria da indústria têxtil, numa era em que os operários gozavam de poucos direitos e os sindicatos estavam apenas começando a se formar. Esses operários trabalhavam em jornadas diárias de, em média, 14 horas por dia, podiam ser demitidos a qualquer momento em que a demanda pelos produtos caísse, sofriam acidentes frequentes nas máquinas das fábricas e recebiam salários que mal lhes permitiam subsistir. As condições precárias em que viviam faziam com que a expectativa de vida entre os pobres fosse muito mais baixa do que entre os mais ricos. Muitos intelectuais da época denunciaram essa realidade, entre eles o teórico alemão Friedrich Engels, que, após passar algum tempo em Manchester para estudar a indústria têxtil na cidade, descreveu-a como “o inferno na terra” na obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de 1845. No mesmo ano em que *Mary Barton* foi lançado, 1848, Engels e Marx publicariam o *Manifesto Comunista*.

Para Elizabeth Gaskell, de família burguesa, casada com um pastor da Igreja Unitária e profundamente religiosa, a solução para a condição dos pobres em Manchester não passava por nenhuma espécie de revolução. Ao longo de *Mary Barton*, ela usa o personagem John Barton, pai da heroína, para demonstrar como um homem de coração bom e sentimentos fortes podia acabar desenvolvendo ideias radicais de ódio aos mais ricos ao ver seus amigos e parentes sofrendo em situações de miséria absoluta. A revolta de Barton parece tão justificada diante das provações pelas quais ele passa que o livro de Gaskell chegou a ser considerado subversivo na

época, sendo denunciado por alguns setores da burguesia à qual ela própria pertencia. A autora, inclusive, foi convencida por seu editor a tirar um pouco o foco da história de John Barton e dar mais ênfase ao triângulo amoroso no qual sua filha Mary se envolve. O livro, que a princípio ia se chamar *John Barton*, mudou então de título, tendo mais capítulos dedicados à trama romântica, mais convencional para os romances femininos da Era Vitoriana.

Mas o drama de John Barton segue tendo enorme peso na obra, de tal modo que alguns críticos chegam a considerar a história de Mary e seus dois amores como desnecessária e forçada. Para eles, por ser incapaz de resolver de forma satisfatória a questão social apresentada através do personagem de John Barton, Gaskell usa a trama envolvendo Mary como um artifício para contornar o assunto. Depois de retratar uma sociedade profundamente desigual e cheia de contrastes, a autora não consegue se comprometer com a ideia de que era preciso forçar essa sociedade a passar por uma mudança concreta — e assim simplesmente desvia seu olhar para uma história de amor, retornando à esfera considerada adequada para as escritoras mulheres de sua época. Mas a realidade é que Gaskell se mantém fiel à tese que defende desde o início do livro, o que torna desnecessário qualquer subterfúgio de sua parte para escapar da discussão que propõe. Para a autora, não era preciso mudar as relações econômicas entre patrões e empregados, pois elas não são vistas como o verdadeiro problema. O que Gaskell acredita ser a solução para a sociedade de Manchester é um retorno a uma ética cristã, em que a solidariedade e a capacidade de perdoar fariam com que as diferenças naturais entre ricos e pobres deixassem de ser cruéis.

O triângulo amoroso de Mary Barton e a trama policial na qual ele resulta complementam de forma perfeita a discussão da condição dos pobres trazida por meio da figura de John Barton. Gaskell consegue amarrar as duas partes do livro num final emocionante, digno de um romance policial, dando à heroína, Mary, um papel muito mais ativo do que o da maioria das protagonistas da época. Com isso, mesmo que discorde da solução de Elizabeth Gaskell para mitigar as desigualdades entre classes, o leitor contemporâneo terá dois bons motivos para se interessar por *Mary Barton*: o retrato realista de uma cidade e seus habitantes numa época que repercute no modo em que vivemos até hoje; e uma velha e boa história de amor e assassinato, daquelas de nos deixar roendo as unhas até a última página.

Julia Romeu
escritora e tradutora

Sumário

- 1 - Um desaparecimento misterioso
- 2 - Um chá em Manchester
- 3 - A desgraça de John Barton
- 4 - A história da velha Alice
- 5 - A fábrica pega fogo — Jem Wilson para o resgate
- 6 - Pobreza e morte
- 7 - A repulsa a Jem Wilson
- 8 - A estreia de Margaret como cantora profissional
- 9 - As experiências de Barton em Londres
- 10 - O retorno da filha pródiga
- 11 - Reveladas as intenções do Sr. Carson
- 12 - A cria da velha Alice
- 13 - As histórias do viajante
- 14 - O encontro de Jem com a pobre Esther
- 15 - Um encontro violento entre os rivais
- 16 - Reunião entre patrões e empregados
- 17 - A missão noturna de Barton
- 18 - Assassinato
- 19 - Jem Wilson preso por suspeita de assassinato
- 20 - O sonho de Mary — e o despertar
- 21 - Por que Esther procurou Mary
- 22 - Os esforços de Mary para provar um álibi
- 23 - A intimação
- 24 - No leito de morte

- 25 - A determinação da Sra. Wilson
- 26 - A viagem a Liverpool
- 27 - No cais de Liverpool
- 28 - John Cropper, ahoy!
- 29 - Uma denúncia formal contra Jem
- 31 - Como Mary passou a noite
- 32 - O julgamento e o veredicto
- 33 - Requiescat in Pace
- 34 - A volta para casa
- 35 - “Perdoai nossas ofensas”
- 36 - A reunião de Jem com o Sr. Duncombe
- 37 - Detalhes do assassinato
- 38 - Conclusão

1

Um desaparecimento misterioso

Oh! Como é duro trabalhar
Durante o dia inteiro
Enquanto todos em volta
Vão se divertir

Lá vai Richard com seu bebê
E Mary com a pequena Jane
Com amor, vão passear
Pelos campos e aleias

“Canção de Manchester”¹

Existem alguns campos perto de Manchester que os habitantes da cidade conhecem bem pelo nome Campos Green Heys, cruzados por uma aleia pública que leva a uma pequena aldeia a cerca de três quilômetros de distância. Apesar de serem baixos e planos, ou melhor, apesar de sua falta de árvores (a maior e mais popular vantagem dos terrenos planos), têm um encanto percebido até pelos moradores de regiões montanhosas, que veem e sentem o contraste entre esses campos que nada possuem de extraordinário, mas são completamente rurais, com a cidade industrial agitada e repleta de gente que fica a apenas meia hora dali. Aqui e ali, uma velha casa de fazenda pintada de preto e branco, cercada por enormes galpões, lembra outros tempos e ocupações diferentes daquelas que agora absorvem a população das redondezas. Aqui, na estação certa, podem ser observadas tarefas campestres como a produção de feno, a semeadura etc., mistérios que o povo da cidade gosta de ver; e aqui o operário, ensurdecido pelo ruído das lançadeiras e dos motores, pode vir escutar os deliciosos sons da vida rural: os mugidos das vacas, a voz das ordenhadeiras, os pios e cacarejos das galinhas nos velhos quintais. Você não há de se espantar, portanto, com o fato de que esses campos são um lugar popular para um passeio em qualquer dia de folga; e não se espantaria, se pudesse ver, ou se eu

soubesse descrever devidamente, com o encanto de um torniquete de madeira em particular, que, nessas ocasiões, estaria cheio de gente. Ali perto há um laguinho fundo de águas limpas, cuja superfície verde-escura reflete as árvores sombrias que se debruçam sobre ele para excluir o sol. A margem só forma um declive no ponto diante do imenso quintal de uma dessas já mencionadas casas de outrora, com seus frontões e sua pintura preto-e-branca, que dá para o campo atravessado pela aleia pública. O portão dessa casa é coberto por uma roseira; e o pequeno jardim em volta é repleto de uma mixórdia de ervas e flores antiquadas, plantadas há muito, quando o jardim era a única drogaria por perto, e que têm permissão para crescer numa abundância desordenada e selvagem — rosas, lavanda, sálvia, erva-cidreira (para o chá), alecrim, cravos, goivos, cebolas e jasmims, numa grande democracia. Essa casa e esse jardim ficam a cerca de cem metros do torniquete do qual falei, levando do grande pasto a um menor, dividido por uma sebe de arbustos espinhosos; e, perto desse torniquete, mais adiante, dizem que com frequência é possível encontrar primulas, e às vezes lindas violetas na margem verdejante.

Não sei se foi num feriado dado pelos patrões ou num feriado exigido pelos operários para que desfrutassem da natureza e sua linda primavera, mas, certa manhã (há cerca de dez ou doze anos) esses campos estavam repletos de gente. Era uma tarde de início de maio — o abril dos poetas; pois uma chuva pesada caíra durante toda a manhã e, entre as nuvens redondas, macias e brancas sopradas por um vento oeste pelo céu azul-escuro, às vezes surgia uma mais negra e ameaçadora. A suavidade do dia animou as jovens folhas verdes, que brotavam de maneira quase perceptível; e os salgueiros, que naquela manhã tinham apenas um reflexo marrom na água lá embaixo, agora estavam revestidos daquele verde-acinzentado terno que se mistura de maneira tão delicada à harmonia de cores da primavera.

Grupos de meninas alegres falando um pouco alto, com idades que podiam ir de doze a vinte, chegavam aos pulos. A maioria trabalhava nas fábricas e usava a roupa de rua normal para aquela classe particular de moças; ou seja, um xale, que ao meio-dia ou quando o tempo estava bom, era reconhecido como apenas um xale, mas que, no fim da tarde, ou se o dia estava frio, se tornava uma espécie de mantilha espanhola ou manta escocesa, sendo colocado sobre a cabeça com as pontas soltas ou amarrado sob o queixo de um jeito bastante bonito.

Seus rostos não tinham uma beleza excepcional; na verdade, ficavam abaixo da média, com uma ou duas exceções; tinham cabelos escuros, arrumados em penteados clássicos, e olhos escuros, mas peles amareladas e feições irregulares. A única coisa que chamava atenção era uma expressão de agudeza e inteligência, que muitos já notavam na população operária.

Também havia diversos meninos, ou melhor, rapazes, passeando por esses campos, prontos para fazer troça de qualquer um, e particularmente ansiosos para iniciar uma conversa com as moças, que, no entanto, se mantinham afastadas — não por timidez, mas por independência, fingindo indiferença aos gracejos e elogios barulhentos que vinham deles. Aqui e ali surgia um casal silencioso e sóbrio, ou namorados que sussurravam um para o outro, ou marido e mulher, dependendo do caso; e, se fosse a segunda opção, raramente estavam livres das crianças, quase sempre carregadas pelo pai. Alguns tinham chegado a trazer três ou quatro pequenos até ali, de modo que a família inteira pudesse desfrutar a tarde deliciosa de maio.

Em dado momento daquela tarde, dois operários trocaram cumprimentos amistosos no torniquete já mencionado tantas vezes. Um era um espécime perfeito do homem de Manchester: filho de operários, tinha se criado nas fábricas, onde ganhava a vida. Era de baixa estatura e bastante magro; quase parecia um anão; e seu rosto macilento e sem cor dava a ideia de que, na infância, ele sofrera as privações que eram consequência de épocas de escassez e de hábitos imprudentes. Tinha feições bem marcadas, embora não irregulares, e sua expressão mostrava um extremo fervor; uma resolução tanto para o bem quanto para o mal, uma espécie de profundo entusiasmo latente. Na época em que escrevo, o bem predominava sobre o mal naquele rosto, e ele era um homem a quem um estranho teria pedido um favor com confiança tolerável de que seria atendido. Estava acompanhado pela esposa, que poderia, sem exagero, ser descrita como uma mulher linda, embora naquele momento seu rosto estivesse inchado de chorar e muitas vezes se encontrasse escondido atrás do avental. Tinha a beleza fresca das regiões agricultoras; e, na expressão do rosto, um pouco daquela deficiência de bom senso que também é característica dos habitantes do campo, em comparação com os nativos das cidades manufatureiras. Estava num estágio avançado de gravidez, o que talvez causasse a qualidade arrasadora e histérica de sua tristeza. O amigo que encontraram era mais bonito e tinha a aparência mais sensata do que o homem que acabei de descrever; parecia saudável e esperançoso e, embora fosse mais velho, demonstrava muito mais da animação da juventude. Carregava com ternura um bebê nos braços, enquanto a esposa, uma mulher delicada que parecia frágil, mancando de uma perna, levava outro da mesma idade; gêmeos, pequenos e doentios, tendo herdado a aparência de fragilidade da mãe.

O segundo homem a ser mencionado foi o primeiro a falar, quando uma súbita expressão de piedade obscureceu seu rosto alegre.

— Bem, John, como você anda?

E, numa voz mais baixa, acrescentou:

— Já teve alguma notícia de Esther?

Enquanto dizia isso, as esposas se cumprimentaram como velhas amigas, com a voz suave e lamuriosa da mãe dos gêmeos parecendo obter apenas mais soluços da parte da Sra. Barton.

— Venham, mulheres — disse John Barton —, vocês duas já caminharam bastante. Minha Mary deve parir em três semanas; e quanto a você, senhora Wilson, sabe que mesmo quando está bem, não é lá muito robusta.

Isso foi dito com tanta gentileza que foi impossível se ofender.

— Sente-se aqui — continuou John. — A grama já deve estar quase seca nesse horário. E nem uma, nem outra se resfria fácil. Espere — acrescentou ele, com alguma ternura —, tomem meu lenço para vocês espalharem embaixo desses vestidos, já que as mulheres sempre pensam tanto nisso; e agora, senhora Wilson, me dê o bebê. É melhor eu ficar com ele enquanto você conversa e consola a minha mulher; pobrezinha, ela está muito infeliz por causa da Esther.

Esses preparativos logo foram terminados; as duas mulheres se sentaram nos lenços de algodão azul dos maridos e eles dois, cada um com um bebê, foram andar mais um pouco; mas assim que Barton deu as costas para a esposa, voltou a fazer uma expressão de melancolia.

— Quer dizer que você não soube nada da pobre Esther? — perguntou Wilson.

— Não, e acho que nem vou saber. Aposto que ela fugiu com alguém. Minha mulher fica se preocupando, com medo de ela ter se afogado, mas eu já disse que ninguém coloca a melhor roupa para ir se afogar; e a senhora Bradshaw, dona da casa onde ela morava, disse que a última vez que viu Esther foi na terça passada, quando ela desceu vestida com roupa de domingo, uma fita nova no chapéu e luvas nas mãos, como se fosse a moça fina que gostava de pensar que era.

— Por essa luz que me ilumina, nunca vi moça mais bonita.

— Era formosa mesmo; pior ainda — acrescentou Barton, com um suspiro. — Você vê que essa gente de Buckinghamshire que vem trabalhar aqui tem uma cara bem diferente do nosso povo de Manchester. Não se encontram nas moças de Manchester essas bochechas rosadas e frescas e esses cílios tão pretos que fazem os olhos cinzentos parecerem pretos também, como os da minha mulher e de Esther. Nunca vi duas irmãs tão bonitas; nunca. Mas a beleza pode ser uma tremenda esparrela. Esther andava tão inchada de orgulho que parecia que ia rebentar. Ela sempre perdia a paciência se eu tentava lhe dar um conselho; e minha mulher estragava a menina. É verdade, pois ela é tão mais velha que a Esther que mais parece mãe do que irmã, fazendo tudo para ela.

— É de se admirar que tenha querido ir embora.

— Isso é que é o pior de ter moças trabalhando na fábrica. Elas ganham tanto, quando têm trabalho, que conseguem se manter sem a ajuda de ninguém. Minha filha Mary nunca vai trabalhar numa fábrica, isso eu garanto. Esther gastava o dinheiro dela com roupas, para mostrar melhor o rosto bonito; e começou a chegar em casa tão tarde que eu acabei lhe dizendo o que achava disso; minha senhora acha que falei atravessado, mas a intenção era boa, pois eu gostava de Esther, mesmo que fosse só por causa de Mary. Eu disse: “Esther, eu sei onde você vai parar com essa pintura, esses véus transparentes e essa mania de ficar na rua quando as mulheres honestas já estão na cama dormindo; vai virar mulher da vida, e então não pense que eu vou deixar você entrar na minha casa, apesar de ser irmã da minha mulher.” E ela respondeu: “Não se incomode, John, vou arrumar minhas coisas e vou embora. Não vou deixar você me chamar disso de novo.” Esther ficou vermelha que nem uma maçã e pareceu que ia sair fogo de seus olhos; mas quando ela viu Mary chorando (pois Mary não suporta ver uma discussão), foi lhe dar um beijo e disse que ela não era tão má quanto eu pensava. Nossa conversa ficou mais amistosa, pois eu disse que gostava da moça, tão bonita e alegre. Mas Esther achava (e na época eu pensei que isso fazia muito sentido) que nós nos daríamos bem melhor se ela fosse morar numa casa de cômodos e só viesse nos visitar de vez em quando.

— Quer dizer que vocês ainda se davam bem? O povo disse que você expulsou Esther de casa e declarou que nunca mais falaria com ela.

— O povo sempre acha que a gente é bem pior do que é — disse John Barton, irritado. — Esther veio muitas vezes à nossa casa depois que deixou de morar com a gente. No domingo, há duas semanas... Não! No domingo passado mesmo ela veio tomar um chá com Mary; e essa foi a última vez que a gente botou os olhos nela.

— Ela estava diferente de algum jeito? — perguntou Wilson.

— Ah, não sei. Desde esse dia já pensei muitas vezes que estava mais quieta e mais feminina; mais gentil, mais recatada, não tão agitada e barulhenta. Chegou lá pelas quatro, quando o

povo estava saindo da missa da tarde, e foi pendurar o chapéu no prego velho que dizíamos ser o prego dela, quando morava com a gente. Lembro de pensar como era uma moça bonita quando se sentou no banquinho baixo perto de Mary, que estava balançando para a frente e para trás, sem se sentir muito bem. Esther riu e chorou, mas fez tudo tão baixinho, que nem uma criança, que não tive coragem de lhe dar uma bronca, principalmente porque Mary já andava preocupada. Uma coisa eu me lembro que disse, e foi até com raiva. Ela pegou a pequena Mary pela cintura e...

— Você vai ter de parar de chamar sua filha de “pequena” Mary, pois ela está ficando tão bonita quanto um dia de verão; parece mais com a mãe do que com o pai — interrompeu Wilson.

— Bem, eu a chamo de “pequena” porque o nome da mãe também é Mary. Mas, como eu ia dizendo, ela pegou Mary e falou, cheia de mel: “Mary, o que você acha de um dia eu mandar lhe buscar e lhe transformar numa moça fina?” Eu não aguentei ouvir alguém dizendo esse tipo de coisa para a minha filha e respondi: “É melhor você não enfiar essas coisas na cabeça da menina; prefiro que ela ganhe o pão com o suor do rosto, como diz a Bíblia, mesmo que nunca tenha manteiga para passar nele, a ser uma dessas mulheres ricas e inúteis, que passam a manhã atazanando os donos das lojas, a tarde espancando o piano, e vão para cama sem terem feito o bem a nenhuma criatura de Deus, só a si mesmas.”

— Você nunca suportou os ricos — disse Wilson, um pouco divertido com a veemência do amigo.

— E que bem eles me fizeram para eu gostar deles? — perguntou Barton, com aquele fogo latente ardendo nos olhos; e, numa explosão, continuou: — Quando eu fico doente, vêm cuidar de mim? Se meu filho estiver à beira da morte (como o pobre Tom, com os lábios brancos tremendo, precisando de comida melhor do que aquela que eu pude lhe dar), o rico traz o vinho ou o caldo que talvez lhe salve a vida? Se passo semanas sem trabalhar, nos tempos ruins, e o inverno chega, com a geada negra, ou o vento cortante do leste, e não temos carvão para colocar na lareira, nem cobertas para pôr na cama, e os ossos aparecem no meio das roupas esfarrapadas, o rico vem dividir sua abundância comigo, como devia fazer, se sua religião não fosse balela? Quando eu estiver no leito de morte, e a pobre da Mary (coitada) se consumindo, como sei que vai se consumir — continuou Barton, com um tremor na voz —, uma mulher rica vai vir tomar as providências? Não, são os pobres, e só os pobres, que fazem essas coisas pelos pobres. Não me venha com aquela velha história de que os ricos não sabem nada das provações dos pobres; para mim, se não sabem, deveriam saber. Nós somos escravos deles enquanto conseguimos trabalhar; ajudamos a aumentar sua fortuna com o suor do nosso rosto; mas temos de viver tão separados como se estivéssemos em dois mundos diferentes; sim, tão separados quanto o Rico e Lázaro, com um enorme abismo entre nós: mas eu sei quem está com a vantagem — terminou ele, com uma risada sem alegria.

— Bem, vizinho. — disse Wilson — Tudo isso pode ser bem verdade, mas o que eu quero é saber de Esther. Qual foi a última notícia que você teve dela?

— Ora, ela se despediu de nós naquela noite de domingo com muito carinho, beijando tanto minha mulher Mary quanto minha filha Mary (vou dizer assim, já que não posso mais

chamá-la de “pequena”) e apertando minha mão; mas tudo muito alegre, de modo que não pensamos nada dos beijos e apertos. Mas, na noite de quarta, me aparece o filho da Sra. Bradshaw com a mala de Esther, e logo depois a própria Sra. Bradshaw com a chave; e, quando começamos a conversar, descobrimos que Esther tinha dito à senhoria que ia voltar a morar com a gente e ia pagar pelo aluguel da semana, já que não tinha avisado com antecedência; e que, na noite de terça, saiu carregando um embrulhinho (e usando as melhores roupas, como eu já falei) e disse à senhora Bradshaw que não se apressasse com a mala grande, mas levasse só quando tivesse tempo. Ou seja, é claro que ela achava que ia encontrar Esther na nossa casa; e, quando contou essa história, minha senhora deu um grito agudo e caiu desmaiada, como se morta. Mary correu para pegar água para a mãe, e eu fiquei tão preocupado com a minha mulher que nem me importei com Esther. Mas, no dia seguinte, perguntei a todos os vizinhos (tanto os nossos como os da senhora Bradshaw) sobre ela, mas ninguém tinha visto nem ouvido nada. Até procurei um policial, um tipo simpático, mas com quem eu nunca tinha falado por causa do uniforme, e perguntei se ele poderia descobrir alguma coisa para nós. Acho que ele deve ter perguntado aos outros policiais; e um tinha visto uma moça parecida com a Esther, andando muito depressa com uma trouxa embaixo do braço na terça à noite, lá pelas oito, e entrando numa carruagem de aluguel perto da igreja Hulme. Ninguém sabe o número da carruagem e a gente não consegue ir além disso. Tenho pena da menina, pois tenho certeza de que isso vai acabar mal, de um jeito ou de outro, mas tenho mais pena da minha mulher. Ela amava Esther como ama Mary e eu, e nunca mais foi a mesma desde a morte do pobre Tom. Bem, vamos voltar para perto delas. Talvez a sua senhora tenha lhe feito bem.

Quando eles estavam andando para casa num passo mais rápido, Wilson lamentou que não morassem tão perto um do outro quanto antigamente.

— Mas Alice ainda mora no porão do número 14, na rua Barber, e basta você pedir que em cinco minutos ela se arruma para fazer companhia para sua esposa quando ela estiver se sentindo sozinha. Eu sou irmão de Alice e talvez não devesse dizer isso, mas mesmo assim afirmo que não existe ninguém mais disposto a ajudar com simpatia ou trabalho do que ela. Pode ter passado o dia inteiro lavando roupa que, se tiver uma criança doente na rua, ela se oferece para passar a noite cuidando e passa mesmo, até quando tem de estar no trabalho às seis da manhã.

— Ela é pobre e consegue ter pena dos pobres, Wilson — respondeu Barton. — Muito obrigado pela oferta. Pode ser que eu peça sim que ela venha ver minha mulher, pois, quando estou no trabalho e Mary na escola, sei que ela fica nervosa. Lá vem Mary!

E os olhos do pai brilharam quando, a distância, em meio a um grupo de moças, ele viu sua filha única, uma menina bonita de cerca de treze anos de idade que veio aos pulos cumprimentá-lo, com um jeito que mostrava que aquele homem de aparência severa tinha um coração terno. Os dois homens tinham passado pelo último torniquete, enquanto Mary se demorava a colher alguns botões do pilriteiro que estava abrindo, quando um rapaz grandalhão passou por ela e roubou um beijo, dizendo:

— Para um velho amigo, Mary.

— Tome isso, velho amigo — disse a menina, ficando vermelha como uma rosa, mais de

raiva do que de vergonha, e lhe dando uma bofetada. O tom de sua voz fez com que o pai e o amigo dele se virassem, e o agressor provou ser o filho mais velho do segundo, com 18 anos a mais do que os irmãos caçulas.

— Aqui, crianças, em vez de ficarem se beijando e brigando, venham pegar um bebê cada um, pois, se os braços de Wilson estiverem como os meus, devem estar doendo bastante.

Mary pulou para pegar o bebê do pai, com o carinho das moças pelas crianças pequenas, e pensando no evento que logo ocorreria na sua casa; enquanto o jovem Wilson pareceu deixar de lado todo o seu desajeito juvenil ao se agachar para fazer carinho no irmãozinho.

— Coitadinhos, é difícil para um homem ter gêmeos — disse o pai meio orgulhoso, meio cansado, dando um beijo estalado no bebê antes de entregá-lo ao filho.

-
1. Acredita-se que os versos das epígrafes dos capítulos de *Mary Barton*, cuja autoria não está especificada no original, foram compostos pelo marido de Elizabeth Gaskell, o reverendo William Gaskell (1805-1884). Quando Gaskell cita o autor, em geral o faz usando apenas seu sobrenome. Informações adicionais sobre cada autor estão nas notas de rodapé desta edição. (*N. da T.*)

Um chá em Manchester

Polly, pegue o bule
E vamos tomar um chá
Polly, pegue o bule
Vamos todos tomar chá²

— **A**qui estamos, mulher. Achou que tínhamos nos perdido? — perguntou o alegre Wilson, conforme as duas mulheres se levantavam e se sacudiam, se preparando para a caminhada para casa. A Sra. Barton evidentemente tinha ficado mais consolada, ainda que não menos triste, ao compartilhar seus medos e pensamentos com a amiga; e ela exibiu um olhar de grande aprovação para reforçar o convite do marido, de que o grupo inteiro deveria deixar os Campos Green Heys e ir tomar chá na casa da família Barton. A única leve oposição veio da parte da Sra. Wilson, que argumentou que eles provavelmente voltariam bastante tarde, o que não seria bom para os bebês.

— Ora, o que é isso, minha filha? — disse o marido desta, sem perder o bom humor. — Não sabe que esses danados só vão dormir lá pelas dez? E você não tem um xale para enrolar na cabeça de um deles, que vai ficar tão segura quanto a cabeça de um pássaro embaixo da asa? Quanto ao outro, prefiro enfiá-lo no bolso a não ficar para o chá, agora que estamos tão longe de casa.

— Ou eu posso lhe emprestar outro xale — sugeriu a Sra. Barton.

— Isso! Qualquer coisa, menos deixar de ir.

Com a questão resolvida, o grupo foi para casa, passando por muitas ruas mal-acabadas, todas tão parecidas umas com as outras que qualquer um poderia facilmente ter se atrapalhado e se perdido. Nossos amigos, no entanto, não erraram nem um passo; entraram por ali, cortaram caminho por aquela esquina, até que, numa dessas inúmeras ruas, entraram num pequeno pátio de chão de terra, que, no lado oposto ao da rua, dava para os fundos de algumas casas e tinha, atravessando o meio, um valão para levar o esgoto e a água suja. As mulheres que viviam em torno do pátio estavam ocupadas em recolher as roupas dos varais repletos de

toucas, vestidos e diversos lençóis que ficavam pendurados de um lado a outro, tão baixos que, se nossos amigos tivessem chegado alguns minutos antes, teriam tido de se agachar bastante, ou as roupas úmidas teriam batido em seus rostos. Mas, embora a tarde ainda parecesse longe de terminar quando eles estavam nos campos abertos, em meio às casas apertadas, a noite, com suas brumas e sua escuridão, já começara a cair.

Muitos cumprimentos foram trocados entre os Wilson e essas mulheres, pois, até pouco tempo atrás, eles também tinham morado por ali.

Dois rapazes grosseiros, sentados diante de uma porta suja, exclamaram quando Mary Barton (a filha) passou:

— Olhem só! Mary Barton arrumou um namorado!

É claro que isso foi dito em referência ao jovem Wilson, que espiou para ver o que Mary achava da ideia. A menina assumiu a aparência de uma jovem furiosa e recusou-se a responder quando ele se dirigiu a ela.

A Sra. Barton pegou a chave no bolso; e, quando eles entraram na casa, parecia que estavam na mais completa escuridão, com exceção de um ponto brilhante, que podia ser o olho de um gato ou, como de fato era, um fogo em brasa, ardendo debaixo de um grande pedaço de carvão, que John Barton imediatamente se pôs a quebrar, produzindo um calor e uma luz que se espalharam por todos os cantos da sala. Para aumentar a luminosidade (embora o brilho vulgar e amarelo parecesse perdido em meio ao fulgor vermelho do fogo), a Sra. Barton acendeu uma vela colocando o pavio em meio às chamas e, após fixá-la de maneira satisfatória a um castiçal de lata, começou a olhar em torno, pensando em como deixar seus convidados confortáveis. O cômodo era bastante grande e possuía diversas conveniências. Ao lado da porta, à direita de quem entrava, havia uma janela alta, com um parapeito largo. De cada lado desta, ficavam penduradas cortinas xadrez em azul e branco, que naquele momento estavam fechadas, dando privacidade aos amigos que tinham se encontrado para se divertir um pouco. Dois gerânios folhosos, nunca podados, que ficavam no peitoril, formavam outra barreira contra bisbilhoteiros externos. No canto entre a janela e a lareira ficava um armário, aparentemente repleto de pratos, travessas, xícaras, pires e outros artigos comuns, para os quais ninguém imaginaria que seus donos encontrariam uso — como pedaços triangulares de vidro que evitavam que garfos e facas de serra sujassem toalhas de mesa. No entanto, era evidente que a Sra. Barton sentia orgulho de sua louça e de seus objetos de vidro, pois deixou a porta do armário aberta, olhando em torno com satisfação e prazer. No lado oposto à porta e à janela ficavam a escada e duas portas; uma das quais (a mais próxima da lareira) levava a uma espécie de cozinha minúscula, onde trabalhos sujos como a lavagem da louça podiam ser feitos, e cujas prateleiras serviam de despensa e copa, tudo ao mesmo tempo. A outra porta, que era bem mais baixa, levava ao depósito de carvão — o armário de teto inclinado que ficava debaixo da escada; e de lá até a lareira estendia-se um pedaço de lona de cor alegre. Havia tanta mobília que a sala parecia quase entupida (um sinal certo de uma época de abundância nas fábricas). Abaixo da janela ficava uma cômoda, com três gavetas fundas. Diante da lareira havia uma mesa, que eu chamaria de uma mesa Pembroke, a não ser pelo fato de ser feita de madeira de pinho, e não sei se o nome se aplica quando o material é tão humilde. Sobre ela, encostada na

parede, havia uma bandeja de chá de laca verde-esmeralda, com um casal escarlate se abraçando no meio. A luz do fogo se refletia alegremente sobre ela, acrescentando alguma cor àquela parte da sala, ainda que de maneira um tanto exagerada para o gosto de qualquer um, com exceção de uma criança. Ficava de pé com a ajuda de uma lata de chá, também de laca. Uma mesa redonda com um apoio central, usada como aparador, ficava no canto oposto ao do armário; e se você conseguir imaginar tudo isso e paredes cobertas por um papel desbotado, porém com uma bela estampa, terá uma ideia de como era a casa de John Barton.

A bandeja logo foi baixada e, antes que o estrépito das xícaras e pires começasse, as duas mulheres se livraram de seus chapéus, xales e luvas e mandaram Mary subir levando tudo. Então, durante um bom tempo, ouviram-se sussurros e o tilintar de moedas; que o Sr. e a Sra. Wilson, por educação, fingiram não escutar, pois sabiam muito bem que tinham a ver com os preparativos da hospitalidade que, por seu lado, também ofereciam com prazer. Por isso, tentaram se ocupar com as crianças e não ouvir as ordens que a Sra. Barton deu a Mary.

— Mary, vá correndo até a esquina, na Tipping's, e compre ovos frescos (pode comprar um para cada, vai custar cinco centavos) e veja se eles têm algum presunto cortado para pedir meio quilo.

— Um quilo, mulher, nada de pão-durice — interrompeu o marido.

— Bem, 750 gramas, Mary. E compre presunto de Cumberland, pois Wilson é de lá e vai lembrar de casa quando comer. E, Mary — (vendo que a menina estava doida para ir) —, compre um centavo de leite e uma broa de pão. Preste atenção para ver se o pão está fresquinho. E... só isso, Mary.

— Não é só isso, nada — disse o marido. — Compre seis centavos de rum, para esquentar o chá. Vá ao Grapes. E vá até a casa de Alice Wilson. Ele disse que ela mora aqui na esquina, no número 14 da rua Barber. — (Essa última frase foi dita para a mulher.) — Diga-lhe que venha tomar chá com a gente; ela vai gostar de ver o irmão, aposto, para não falar de Jane e dos gêmeos.

— Se ela vier, vai ter de trazer uma xícara e um pires, pois nós só temos meia dúzia, e somos seis — disse a Sra. Barton.

— Que bobagem! Jem e Mary podem dividir.

Mas Mary secretamente resolveu que pediria a Alice para trazer uma xícara e um pires, se a alternativa fosse ter de dividir qualquer coisa com Jem.

Alice Wilson acabara de chegar. Tinha passado o dia nos campos, colhendo ervas para beberagens e remédios, pois, além de ser inigualável como enfermeira e na ocupação mais mundana de lavadeira, ela possuía um conhecimento considerável sobre plantas medicinais; e, nos dias de tempo bom, quando não havia nada mais importante a fazer, costumava se embrenhar pelas aleias e pastos, andando até não poder mais. Esta noite, voltara carregada de urtigas e seu primeiro gesto fora acender uma vela e pendurar molhos da planta em todo canto disponível do porão que ocupava. O cômodo era de uma organização perfeita; num canto ficava a cama humilde, com uma cortina xadrez na cabeceira e apenas a brancura da parede pintada de cal no lugar onde deveria haver outra igual. O chão era de tijolos e escrupulosamente limpo, embora tão úmido que parecia que nunca ia secar por completo.

Como a janela do porão dava para uma área da rua, por onde os meninos podiam jogar pedras, era protegida por uma persiana externa e estranhamente ornada com diversas plantas encontradas nas sebes, nas valas e nos campos, que nos acostumamos a considerar sem valor, mas que têm efeitos poderosos tanto para o bem quanto para o mal e, portanto, são muito usadas pelos pobres. Os molhos de plantas estavam pendurados e espalhados por todo o cômodo e eram tantos que chegavam a deixá-lo mais escuro, emitindo um odor não muito agradável em seu processo de secar. Num dos cantos havia uma espécie de prateleira larga feita de tábuas velhas, onde alguns dos velhos tesouros de Alice estavam guardados. Suas poucas louças estavam espalhadas sobre a lareira, onde também ficavam seu castiçal e uma caixa de fósforos. Um pequeno armário guardava carvão na parte de baixo e, na parte de cima, pão, uma tigela de aveia, uma frigideira, um bule e uma pequena panela de lata, que servia de chaleira e também para cozinhar os delicados caldos que Alice às vezes tinha condições de preparar para algum vizinho doente.

Ela estava se sentindo gelada e cansada depois de andar, e tentava acender o fogo com carvão úmido e sua madeira verde quando Mary bateu na porta.

— Entre — disse Alice, lembrando, no entanto, que já trancara a porta para ir dormir e correndo para tornar possível a entrada de quem estivesse lá fora. — É você, Mary Barton? — exclamou, quando a luz da vela iluminou o rosto da menina. — Como cresceu desde a época em que eu via você na casa do meu irmão! Entre, entre.

— Por favor — disse Mary, quase sem fôlego —, mamãe disse que é para você vir tomar chá, e trazer sua xícara e seu pires, pois George e Jane Wilson estão lá em casa, e os gêmeos e Jem também. E é para vir depressa, por favor.

— É muito amável da parte da sua mãe. Irei sim, muito agradecida. Espere, Mary. Sua mãe tem urtiga para fazer chá? Se não tiver, eu levo um pouco.

— Não, acho que não.

Mary correu como um coelho para realizar aquela que, para uma menina de treze anos que gostava de ter poder, era a parte mais interessante da tarefa — a hora de gastar dinheiro. Fez tudo muito bem e com muita habilidade, voltando para casa com uma garrafinha de rum e os ovos numa das mãos e, na outra, um excelente pedaço de presunto defumado vermelho e branco de Cumberland, embrulhado em papel.

Ela já estava de volta, fritando o presunto antes de Alice escolher as urtigas, apagar a vela, trancar a porta e andar bem devagar, com os pés doendo, até a casa de John Barton. Que aparência de conforto tinha aquela casa para alguém que havia saído de um porão tão humilde! Alice nem pensou em fazer comparações; apenas sentiu o brilho delicioso do fogo, a luz alegre que fulgurava em cada canto da sala, os cheiros saborosos, os sons confortáveis da chaleira fervendo e do presunto chiando na gordura. Com uma breve mesura antiquada, ela fechou a porta e respondeu ternamente ao cumprimento alegre e surpreso do irmão.

Agora que tudo estava pronto, o grupo de sentou; a Sra. Wilson no lugar de honra, a cadeira de balanço à direita do fogo, embalando um bebê, enquanto seu marido, na poltrona em frente, tentava em vão aquietar o outro com um pedaço de pão molhado no leite.

A Sra. Barton conhecia a etiqueta bem demais para fazer qualquer coisa além de se sentar à

mesa e preparar o chá, embora no fundo desejasse poder supervisionar a fritura do presunto, e tenha lançado muitos olhares ansiosos para Mary conforme ela quebrava os ovos e virava o presunto na frigideira, com uma confiança bastante confortável em seus dotes culinários. Jem ficou de pé, encostado na cômoda, respondendo com embaraço às palavras da tia, que faziam, ele achou, com que parecesse um menininho; enquanto se considerava já um rapaz, e nem tão novo assim, já que ia fazer dezoito anos em dois meses. Barton vibrava entre a lareira e a mesa de chá, tendo apenas um incômodo ao achar que, às vezes, o rosto da esposa ficava vermelho e se contraía, como se ela estivesse sentindo alguma dor.

Afinal, os trabalhos começaram de fato. Facas e garfos, xícaras e pires fizeram barulho, mas as vozes humanas se calaram, pois os humanos estavam com fome e não tinham tempo para falar. Foi Alice quem quebrou o silêncio primeiro; erguendo a xícara à maneira de quem fazia um brinde, disse:

— Aos amigos ausentes. Os amigos podem se encontrar; as montanhas, nunca.

Foi um brinde infeliz, como ela logo percebeu. Todos pensaram em Esther, a ausente Esther; e a Sra. Barton pôs a comida de lado, sem conseguir esconder as lágrimas que lhe escorriam dos olhos. Alice quis arrancar a própria língua.

Foi uma ducha de água fria para a ocasião; pois, embora todos tenham dito e sugerido aquilo que podia ser dito e sugerido, todos queriam dizer algo para confortar a Sra. Barton e não tiveram vontade de falar de outras coisas enquanto as lágrimas quentes lhe molhavam o rosto. Com isso, George Wilson, a esposa e os filhos foram embora cedo para casa, sem deixar de expressar um desejo de que (apesar de discursos malfadados) tais reuniões acontecessem com frequência. John Barton não deixou de concordar enfaticamente e declarou que, assim que sua esposa voltasse a se sentir bem, eles fariam outro encontro como aquele.

“E eu vou ter o cuidado de não vir estragá-la,” pensou a pobre Alice; e, aproximando-se da Sra. Barton, pegou sua mão num gesto quase humilde e disse:

— Você não sabe como lamento o que disse.

Para sua surpresa, uma surpresa que levou lágrimas de alegria aos seus olhos, Mary Barton enlaçou o pescoço da pesarosa Alice e beijou-a.

— Você não disse por mal. Eu é que fui boba; é que essa história de Esther e de não saber onde ela está é um peso no meu coração. Boa noite, e não pense mais nisso. Deus abençoe você, Alice.

Muitas e muitas vezes no futuro, quando Alice pensou naquela noite, sentiu-se grata a Mary Barton por essas palavras gentis e solícitas. Mas, naquele momento, tudo o que conseguiu responder foi:

— Boa noite, Mary, e que Deus abençoe *você*.

A desgraça de John Barton

Mas quando a manhã surgiu, sombria e triste
Gelada com a chuva que veio cedo
Suas pálpebras se fecharam em silêncio
O amanhecer dela era diferente do nosso

Hood³

No meio daquela mesma noite, uma vizinha da família Barton foi acordada de seu sono pesado e merecido por batidas que, a princípio, fizeram parte do sonho; mas, levantando assim que ficou convencida de que eram reais, ela abriu a janela e perguntou quem estava ali.

— Sou eu... John Barton — respondeu ele, com uma voz trêmula. — Minha mulher está em trabalho de parto e, pelo amor de Deus, fique com ela enquanto eu corro até o médico, pois ela está muito mal.

Enquanto se vestia, apressada, deixando a janela ainda aberta, a mulher ouviu os gritos de agonia que ressoavam no pequeno pátio em meio ao silêncio da noite. Em menos de cinco minutos ela estava na cabeceira da Sra. Barton, assumindo o posto da aterrorizada Mary, que fazia o que lhe mandavam, como um autômato; os olhos secos, o rosto calmo, apesar da palidez mortal, e sem emitir um som, exceto o dos dentes que batiam de puro nervoso.

Os gritos ficaram piores.

O médico demorou muito a ouvir os toques repetidos em sua campainha, e ainda mais a compreender quem exigia seus serviços de maneira tão súbita; então, implorou que Barton esperasse apenas ele se vestir, para que não precisasse perder tempo tentando achar o pátio e a casa certos. Barton chegou a bater o pé de impaciência, diante da porta do médico, antes de ele descer, e andou para casa tão depressa que o homem lhe pediu diversas vezes que diminuísse o passo.

— Ela está tão mal assim? — perguntou.

— Pior, muito pior do que eu já vi — respondeu John Barton.

Não! Não estava. Estava em paz. Os gritos tinham se calado para sempre. John não teve tempo de escutar. Abriu o trinco da porta e não esperou para acender uma vela para a mera cerimônia de ajudar o médico a subir a escada que ele próprio conhecia tão bem; em dois minutos estava no quarto, onde se encontrava sua esposa morta, a quem amara com todo o furor de seu coração forte. O médico subiu a escada aos tropeços, à luz da lareira, e se deparou com a expressão aterrada da vizinha, que imediatamente o fez compreender o estado das coisas. O quarto estava mergulhado no silêncio quando ele, pé ante pé como de hábito, se aproximou do pobre corpo frágil, que nada mais poderia perturbar. A filha estava ajoelhada ao lado da cama, com o rosto enterrado nos lençóis que quase enfiara na boca, para abafar os soluços estrangulados. O marido de pé, fulminado. O médico fez perguntas à vizinha aos sussurros e então, aproximando-se de Barton, disse:

— Você precisa descer. É um choque enorme, mas tem de suportá-lo como um homem. Desça.

Barton foi mecanicamente e se sentou na primeira cadeira. Não tinha esperanças. A morte estava estampada no rosto dela com clareza demais. Ainda assim, quando ouviu um ou dois ruídos estranhos, teve o pensamento súbito de que podia ser apenas um transe, um ataque, um... ele não sabia o que... mas não a morte! Ah, não a morte! E ele estava prestes a subir de novo quando os passos pesados e cuidadosos do médico fizeram ranger os degraus da escada. Então Barton compreendeu o que de fato havia ocorrido no quarto lá em cima.

— Nada poderia ter sido feito... ela sofreu algum choque do sistema nervoso... — disse o médico, e continuou; mas falou a ouvidos desatentos que, no entanto, retiveram aquelas palavras para ponderar sobre elas; palavras que não eram para uso imediato na transmissão de sentido, mas para serem colocadas de lado, no depósito da memória, até época mais conveniente. O médico, vendo a situação, lamentou pelo homem; e, muito sonolento, achou que era melhor ir embora, desejando-lhe boa-noite. Não obteve resposta e, por isso, abriu ele próprio a porta da casa, enquanto Barton continuou sentado, como um tronco ou uma pedra, de tão rígido, tão imóvel. Ouviu os sons que vinham lá de cima e compreendeu o que significavam. Ouviu a gaveta dura do móvel novo onde a esposa guardava as roupas sendo aberta. Viu a vizinha descer e procurar por sabão e água. Sabia bem o que ela queria e *por que* queria, mas não disse nada e nem se ofereceu para ajudar. Afinal, ela se foi, com algumas palavras bem-intencionadas (que tentaram dar conforto, mas soaram em ouvidos moucos) e algo sobre “Mary”; mas qual das duas, John Barton, naquele estado de perplexidade, não soube dizer.

Ele tentou compreender aquilo — imaginar que era possível. Então divagou, lembrando-se de outros dias, de um tempo muito diferente. Barton pensou no namoro dos dois; em quando a vira pela primeira vez, uma moça rústica, linda e tímida, lânguida demais para o trabalho delicado da fábrica na qual era aprendiz; do primeiro presente que lhe dera, um colar de contas, que há muito fora guardado numa das gavetas fundas da cômoda, para um dia ser repassado a Mary. Perguntou-se se ainda estaria lá e, com uma estranha curiosidade, se levantou para ir tatear em busca dele; pois o fogo já tinha praticamente se apagado e ele não

tinha uma vela. Às cegas, Barton tocou a pilha de louça usada no chá, que, por desejo seu, ela deixara para lavar de manhã — eles estavam todos tão cansados. Lembrou de uma dessas pequenas tarefas do cotidiano que adquirem tanto significado quando foram realizadas pela última vez por aqueles que amamos. Começou a lembrar dos deveres que sua mulher cumpria todos os dias: e algo na ideia de que eles nunca mais seriam feitos por ela tocou a fonte das lágrimas, fazendo-o chorar em voz alta. Enquanto isso, a pobre Mary tinha mecanicamente ajudado a vizinha em todas as últimas atenções com a morta; e, quando se dirigiram a ela e a beijaram com carinho, lágrimas silenciosas escorreram por ambas as faces; mas ela reservou o luxo de se abandonar por completo à tristeza para o momento em que se visse a sós. Fechou a porta do quarto devagar depois que a vizinha foi embora e então chegou a sacudir a cama diante da qual se ajoelhou, tamanha era sua angústia. Repetiu, sem parar, as mesmas palavras; o mesmo chamado vão e sem resposta àquela que já se fora:

— Ah, mamãe! Mamãe, você morreu mesmo? Ah, mamãe, mamãe!

Afinal, ela parou, pois se deu conta de que a violência de sua tristeza podia perturbar seu pai. Tudo estava quieto lá embaixo. Mary olhou para o rosto tão mudado que guardava, no entanto, uma estranha semelhança. Debruçou-se para beijá-lo. A carne fria e rígida fez seu coração estremecer e, obedecendo depressa um impulso, agarrou a vela e abriu a porta. Então ouviu os soluços da tristeza do pai e, rapidamente descendo os degraus sem fazer ruído, ajoelhou-se ao lado dele e beijou sua mão. Barton não percebeu a princípio, incapaz de conter sua agonia. Mas quando os soluços mais agudos de Mary e seus gritos aterrorizados (que ela não conseguiu reprimir) surgiram em seus ouvidos, ele se controlou.

— Minha filha, precisamos ser tudo um para o outro agora que ela se foi — sussurrou.

— Ah, papai, o que posso fazer por você? Diga! Farei qualquer coisa.

— Sei que fará. Não fique doente de tanta tristeza, é a primeira coisa que peço. Tem de me deixar sozinho e ir para a cama agora, como a boa menina que é.

— Deixar você sozinho, papai! Ah, não diga isso.

— É necessário. Você precisa ir para a cama, tentar dormir. Vai ter muita coisa para fazer e muito a aguentar amanhã, pobrezinha.

Mary se levantou, beijou o pai e foi tristemente para o quartinho do andar de cima, onde dormia. Ela achou que não adiantaria de nada se despir, já que nunca, nunca, ia conseguir dormir, e por isso se atirou na cama de roupa e em menos de dez minutos a dor intensa da juventude se amainara, dando lugar ao sono.

Barton fora desperto pela chegada da filha, tanto de seu estupor quanto de sua tristeza incontrolável. Conseguiu pensar no que precisava ser feito, planejar o enterro, calcular a necessidade de voltar logo ao trabalho, já que a extravagância da noite passada os deixaria sem dinheiro se ele ficasse longe da fábrica por muito tempo. Ele pertencia a um clube que prestava assistência funerária aos membros,⁴ de modo que receberia dinheiro para o enterro. Quando esses assuntos tinham sido resolvidos em sua mente, ele se lembrou das palavras do médico e pensou amargamente no choque que sua pobre mulher sofrera há pouco, com o desaparecimento misterioso da irmã que tanto amava. Quase chegou a amaldiçoar Esther. Sua irresponsabilidade, sua conduta leviana tinham engendrado aquela desgraça. Antes, ele pensara

nela com espanto e pena, mas seu coração se endureceu para sempre.

Uma das influências boas da vida de John Barton tinha partido naquela noite. Um dos laços que o prendiam às humanidades afáveis da terra foi desatado e, dali em diante, todos os vizinhos notaram que ele se tornou um homem mudado. Sua melancolia e severidade passaram a ser habituais em vez de ocasionais. Ele se tornou mais obstinado. Mas nunca com Mary. Entre o pai e a filha, existia com força total aquele elo misterioso que une os que foram amados por uma pessoa que já se foi. Barton era ríspido e calado com os outros, mas amava tanto Mary que a mimava; e a jovem tinha mais liberdades do que as meninas de sua idade de qualquer classe em geral têm. Parte disso era fruto da necessidade; pois é claro que todo o dinheiro que ganhava passava pelas mãos dela e os afazeres domésticos eram realizados de acordo com sua vontade e seu prazer. Mas parte vinha da indulgência do pai, que deixava, com confiança absoluta em sua sensatez e inteligência, que ela escolhesse com quem se relacionava e que saísse quando quera.

Apesar disso, o pai de Mary não lhe confiava as questões que começaram a ocupá-lo de coração e alma; ela sabia que John entrara em algumas associações e se tornara membro ativo do sindicato, mas teria sido muito improvável que uma menina de sua idade (mesmo após dois ou três anos da morte de sua mãe) se importasse muito com as diferenças entre patrões e empregados — um assunto que sempre traz agitação aos distritos manufatureiros e que, embora adormecido durante algum tempo, nunca deixa de despertar com mais violência quando o mercado fica ruim, mostrando que, em meio a uma aparente tranquilidade, as brasas ainda ardiam nos corações de alguns homens.

John Barton era um desses homens. O pobre tecelão sempre ficava perplexo de ver seu patrão mudando de casa, indo sempre para uma mais grandiosa que a outra, até que acaba construindo uma mais magnífica que todas, ou deixa de ser sócio da companhia, ou vende a fábrica, para comprar uma propriedade no campo, enquanto o tecelão, que acha que ele e seus colegas são as verdadeiras fontes daquela riqueza, luta para obter pão para os filhos, lidando com as vicissitudes dos salários mais baixos, de menos horas, da demissão de parte dos empregados etc. E, apesar de ele saber que os negócios vão mal e talvez compreender (ao menos parcialmente) que não há compradores suficientes no mercado para adquirir a mercadoria já pronta e que, portanto, não há demanda para mais; apesar de ser capaz de suportar muito sem reclamar, se visse que os patrões suportavam seu quinhão; ficava, como eu disse, perplexo e (para usar sua própria palavra) “apoquentado” de ver que tudo continuava muito bem na vida dos donos das fábricas. As mansões permanecem ocupadas enquanto as casinhas dos fiandeiros e dos tecelões ficam vazias, porque as famílias que costumavam viver lá são obrigadas a ir morar em quatinhos ou porões. As carruagens ainda atravessam as ruas, os concertos ainda ficam lotados, as lojas de artigos de luxo ainda têm clientes todos os dias, enquanto o operário passa os dias sem ofício observando essas coisas e pensando na esposa pálida que está em casa, sem reclamar, e nas crianças que choram, pedindo em vão por mais comida — na saúde que se esvai, na vida daqueles que mais ama se acabando. O contraste é grande demais. Por que só ele sofre nos maus tempos?

Sei que não é bem assim; e sei como é a situação na realidade: mas o que desejo passar é a

impressão do que o operário sente e pensa. Também é verdade que, com a imprevidência de uma criança, os bons tempos muitas vezes dissipam suas reclamações e o fazem esquecer a prudência e o pensamento no futuro.

Mas existem homens honestos entre essas pessoas, homens que suportaram injustiças sem reclamar, mas sem nunca esquecer ou perdoar aqueles que (segundo eles) causaram toda a sua infelicidade.

John Barton era um deles. Seus pais tinham sofrido. Sua mãe morrera devido à privação absoluta das necessidades da vida. Ele próprio era um trabalhador competente e confiável e, como tal, quase sempre podia contar que teria ocupação. Mas gastava tudo o que ganhava com a confiança (talvez você chame de imprevidência) de alguém que estava disposto a obter qualquer coisa que precisasse por meio dos próprios esforços e que acreditava ser capaz de fazê-lo. E quando seu patrão faliu subitamente e todos os empregados da fábrica foram mandados embora, certa terça de manhã, depois de receber a notícia de que o Sr. Turner ia fechar, Barton só possuía alguns xelins de reserva; mas tinha esperanças de conseguir algo em outro lugar e, por isso, antes de voltar para casa, passou algumas horas indo de fábrica em fábrica, pedindo trabalho. Mas em todas elas havia algum sinal de queda de produção! Algumas estavam funcionando em horário reduzido, outras mandando alguns empregados embora; e, durante semanas, Barton ficou sem trabalhar, dependendo de crédito. Foi nessa época que seu filhinho, a paixão de sua vida, o foco de toda a força do seu amor, caiu doente com escarlatina. Eles conseguiram ajudá-lo a passar pela pior fase da doença, mas sua vida ficou por um fio de gaze. De acordo com o médico, tudo dependia de boa alimentação, de vida larga, para manter a força do menininho, na prostração em que a febre o deixara. Palavras de escárnio! Pois foram ditas quando os alimentos mais comuns na casa não eram suficientes nem para uma parca refeição. Barton tentou comprar a crédito; mas já haviam esgotado tudo nos mercadinhos, que, por sua vez, estavam sofrendo as consequências da crise. Ele pensou que não seria pecado roubar, e teria roubado; mas não teve oportunidade nos poucos dias de vida da criança. O próprio Barton estava com fome, tanta fome que quase chegara a um estado de selvageria animal; mas com a dor física esquecida diante da ansiedade pelo pobre filho doente, postou-se diante da vitrine de uma loja onde todos os artigos alimentícios de luxo são exibidos; filés de cervo, queijos de Stilton, montanhas de geleia — uma visão de abrir o apetite de qualquer transeunte. E da loja saiu a Sra. Hunter! Atravessou a rua até sua carruagem, seguida pelo vendedor, que vinha carregado de compras feitas para uma festa. A porta rapidamente foi fechada, ela seguiu adiante e Barton voltou para casa com amargura e fúria no coração; e lá encontrou seu único filho morto!

Imagine então o desejo de vingança contra os patrões que surgiu em seu peito. Pois nunca há escassez daqueles que têm interesse em alimentar, por meio de discursos ou artigos impressos, esses sentimentos em meio à classe trabalhadora; que sabem como e quando despertar o perigoso poder que têm nas mãos; e que usam seus conhecimentos com determinação implacável para favorecer seus fins.

Assim, conforme Mary ia crescendo solta e ficando mais geniosa e mais bonita a cada dia, seu pai era presidente de muitas das assembleias do sindicato; era amigo de delegados e

ambicionava ele próprio se tornar um; era um cartista,⁵ pronto a fazer qualquer coisa pelo movimento.

Mas agora os tempos eram bons; e todos os sentimentos eram teóricos, não práticos. Seu pensamento mais prático era obter para Mary uma posição de aprendiz de costureira; pois ele nunca deixara de ser contra a ideia de moças trabalharem nas fábricas, por diversos motivos.

Mary tinha de trabalhar em algum lugar. As fábricas, como eu disse, estavam fora de questão e, portanto, havia duas possibilidades — ser empregada doméstica ou costurar para fora; e Mary se opôs à primeira com toda a sua força de vontade. Que resultado essa força de vontade teria obtido se o pai estivesse contra ela, não sei dizer; mas Barton não gostava da ideia de se separar de Mary, que era a alegria da casa; a única voz de um lar silencioso. Além do mais, com suas ideias e sentimentos sobre as classes mais altas, ele considerava o serviço doméstico uma espécie de escravidão; de um lado, havia aqueles que exigiam satisfazer necessidades artificiais e, de outro, aqueles que abriam mão de todo o lazer de dia e de todo o descanso à noite. Até que ponto esses sentimentos fortes e exagerados tinham base verdadeira é você que deve julgar. Temo que a determinação de Mary em não fazer serviço doméstico tenha motivos muito menos sensatos do que os de seu pai. Três anos de independência (esse é o tempo que havia se passado desde a morte de sua mãe) não a deixaram nem um pouco inclinada a se submeter a regras que ditariam seus horários e companhias, a escolher suas roupas de acordo com a noção de decoro de uma patroa qualquer ou a perder privilégios femininos que lhe eram tão caros, como os de fofocar com uma vizinha simpática ou trabalhar noite e dia para ajudar quem estava triste. Além disso tudo, as palavras de uma pessoa ausente, a misteriosa tia Esther, tinham uma influência inconfessa sobre Mary. A menina sabia que era muito bonita; os inúmeros operários que circulavam pelas fábricas e que, com sua franqueza, falavam a verdade (qualquer que fosse) a qualquer transeunte, logo tinham revelado a Mary o segredo de sua beleza. Mesmo que ela tenha feito ouvidos moucos para esses comentários, havia muitos rapazes de classes mais altas que estavam dispostos a elogiar a bela filha do tecelão quando a viam na rua. Além do mais, sempre se pode confiar numa moça de 16 anos para ter ideia de sua beleza; de sua feiura é que talvez seja ignorante. Assim, com essa consciência, Mary logo decidiu que aquela beleza faria dela uma dama; um status que ambicionava ainda mais devido às agruras do pai; um status que acreditava firmemente ter sido atingido pela tia Esther. Bem, enquanto uma criada sempre precisava labutar e se sujar e sempre tinha de ser vista como criada por todos que visitavam a casa de seu patrão, uma aprendiz de costureira (pensava Mary) devia se vestir com certo zelo pela aparência; não devia nunca sujar as mãos; e não precisava ficar com o rosto vermelho de tanto trabalhar duro. Antes que o fato de eu lhe contar com tanta honestidade as bobagens que Mary sentia ou pensava faça com que você pense irremediavelmente mal dela, lembre-se das ideias tolas que têm as pessoas de 16 anos de todas as classes e todas as circunstâncias. A conclusão de todas as reflexões do pai e da filha era que, como eu disse antes, Mary ia ser costureira; e a ambição da moça fez com que Barton, sem muita boa vontade, fosse perguntar em todos os lugares mais refinados, quanta labuta e quanto zelo seriam necessários para que sua filha fosse admitida num deles, mesmo na posição mais humilde. Mas todos pediram taxas altíssimas. Pobre homem! Ele podia ter descoberto isso sem

precisar desperdiçar um dia de trabalho. Barton teria ficado mais indignado ainda se soubesse que, se Mary o houvesse acompanhado, a coisa poderia ter sido muito diferente, pois sua beleza a teria tornado desejável como vendedora. Depois, ele tentou os lugares menos renomados; em todos, era necessário um pagamento em dinheiro, e dinheiro não havia. À noite, desanimado e furioso, Barton foi para casa, declarando que tinha perdido seu tempo; e que a costura, de qualquer maneira, era um ofício cheio de problemas, que não valia a pena aprender. Mary viu que as uvas estavam verdes e, no dia seguinte, foi ela própria tentar a sorte, já que o pai não podia faltar mais ao trabalho; e, antes que a noite caísse (já que a experiência do dia anterior tinha diminuído muito suas expectativas) obtivera a posição de aprendiz (assim chamada, embora não envolvesse nenhum contrato ou documento) de uma certa Srta. Simmonds, chapeleira e costureira, numa ruazinha respeitável que dava no parque Ardwick Green, onde seu negócio estava anunciado numa placa preta com letras douradas e moldura de bordo de olho de pássaro, que ficava na janela da sala de estar frontal; e onde Mary ia trabalhar durante dois anos sem nenhuma remuneração e, em troca, aprenderia o ofício; e onde, depois, passaria a receber jantar, chá e um pequeno salário quinzenal (pois dessa forma era tão mais chique do que semanal), um salário *bem* pequeno, que se tornava uma ninharia ao ser dividido por semana. No verão, deveria chegar às seis, levando as refeições do dia durante os primeiros dois anos; no inverno, podia chegar só depois do café. Seu horário para voltar à noite sempre dependeria da quantidade de trabalho que a Srta. Simmonds tinha para fazer.

Mary ficou satisfeita; e, ao ver isso, seu pai ficou contente também, embora tenha resmungado melancolicamente. Ela, que já conhecia o jeito dele, falou com tanto entusiasmo e fez planos tão alegres para o futuro que ambos foram dormir tranquilos, embora não felizes.

3. Trecho de “The Death-Bed” [O leito de morte] do poeta inglês Thomas Hood (1799-1845). (N. da T.)

4. Os chamados “*burial clubs*”, ou “clubes de enterro” numa tradução literal, eram muito comuns na Era Vitoriana. Os membros pagavam uma mensalidade e recebiam o valor do enterro quando alguém da família falecia. (N. da T.)

5. O cartismo foi um movimento operário surgido no Reino Unido no início do século XIX. (N. da T.)

A história da velha Alice

Não invejar nada que existe sobre a terra
Não ter nenhum malfeito a lamentar
E, como a violeta viva, em silêncio
Retribuir com o cheiro doce o que o céu lhe deu
E se dobrar sob a chuva que fustiga, sem reclamar.

E. Elliott⁶

Outro ano se passou. As ondas do tempo há muito pareciam ter levado qualquer vestígio de Mary Barton. Mas seu marido ainda pensava nela, embora o fizesse com uma dor serena, nas vigílias silenciosas da noite; e Mary acordava com um sobressalto do sono dos justos, e pensava, naquele estado de quem está meio dormindo, meio acordado, ver a mãe na cabeceira, como costumava acontecer “no tempo de antigamente”: com uma vela num castiçal fechado e uma expressão de ternura inefável, observando a filha adormecida. Mary esfregava os olhos e afundava de volta no travesseiro, acordada, sabendo que fora um sonho; mas, ainda assim, quando tinha algum problema ou dúvida, seu coração pedia ajuda à mãe, e ela pensava: “Se mamãe estivesse viva, saberia o que fazer.” Esquecia-se que os pesares da mulher são mais difíceis de mitigar do que os da criança, mesmo com o poder do amor de mãe; e sem consciência do fato de que era mais inteligente e mais forte do que a mãe que pranteava. O sumiço da tia Esther ainda era um mistério; as pessoas tinham se cansado de tentar adivinhar seu paradeiro e começado a esquecê-la. Barton ainda frequentava sua associação e era um membro ativo do sindicato; na verdade, ia às reuniões com mais frequência do que nunca, já que o horário de chegada de Mary à noite era tão incerto; e já que ela, de tempos em tempos, nas épocas de muito trabalho, passava a noite inteira na loja. Seu melhor amigo ainda era George Wilson, embora este não tivesse muita simpatia pelas importantes questões que agitavam a mente de Barton. Mas seus corações eram ligados um ao outro devido aos velhos

tempos, e a lembrança de outrora dava um encanto tácito a seus encontros. Nosso velho amigo, o menino desajeitado chamado Jem Wilson, tinha crescido muito e se tornando um rapaz forte e bem-formado, com um rosto bastante simpático; um rosto que até poderia ter sido bonito, se não tivesse uma marca de varíola aqui e ali. Ele trabalhava numa dessas grandes empresas de engenharia que enviam, de fábricas tão grandes que parecem cidades, motores e máquinas para os domínios do czar e do sultão. Os pais de Jem nunca se cansavam de elogiá-lo, e, diante de todos esses louvores, a bela Mary Barton atirava a cabeça para o lado, vendo claramente que eles queriam que compreendesse que belo marido o filho daria e que aceitasse seu amor, sobre o qual o rapaz jamais ousava falar nada, por mais que seus olhos revelassem.

Um dia, no início do inverno, quando as pessoas estavam providas de roupas boas e grossas, que dificilmente gastariam logo, e quando, portanto, os negócios não andavam muito bons no ateliê da Srta. Simmonds, Mary encontrou Alice Wilson voltando para casa após cumprir meio período de trabalho na casa de algum comerciante. Mary e Alice sempre tinham gostado uma da outra; na verdade, Alice sentia um interesse particular pela moça sem mãe, filha daquela cujo beijo de perdão a confortara em muitas horas insones. Assim, a velhinha asseada e a jovem e linda costureira se cumprimentaram com afeto; e Alice se atreveu a perguntar se Mary gostaria de tomar chá com ela naquela noite mesmo.

— Você vai achar muito aborrecido fazer companhia só para uma velha como eu, mas há uma moça direita que mora no andar de cima e que faz bainhas e outros consertos simples em roupas, e às vezes até uns trabalhos mais complicados como os seus, Mary; ela é a neta do velho Job Legh, um fiandeiro, e é uma menina muito boazinha. Venha sim, Mary! Gostaria muito de apresentar vocês uma para a outra. Além do mais, ela até parece uma fidalga.

Quando Alice começara a falar, Mary teve medo de que a visita que ia receber fosse a de ninguém mais do que seu sobrinho; mas Alice era delicada demais para planejar um encontro que incluísse alguém que não estava disposto a participar dele, mesmo para seu querido Jem; e Mary, aliviada de suas apreensões pela conclusão, aceitou o convite com prazer. Como Alice se sentiu importante! Não era sempre que ela recebia alguém para tomar chá; e agora sua preocupação com os deveres de anfitriã a deixavam atarantada. Correu para casa e acendeu com dificuldade o fogo, pegando um fole emprestado para que o processo fosse mais rápido. Quando estava sozinha, sempre era paciente; permitia que o carvão levasse o tempo que quisesse. Depois colocou as galochas e foi encher a chaleira na bomba d'água que havia no pátio da casa seguinte e, no caminho de volta, pegou uma xícara emprestada; tinha muitos pires de estampados diferentes, que usava como pratos quando precisava. Comprando 15 gramas de chá e cem gramas de manteiga, gastou quase tudo que ganhara com o trabalho de uma manhã inteira; mas aquela era uma ocasião incomum. Em geral, Alice tomava chá feito das ervas que colhia quando estava sozinha em casa, a não ser quando uma patroa mais atenciosa, com uma despensa mais abundante, lhe dava folhas de presente. As duas cadeiras foram devidamente limpas, espanadas e colocadas no meio do quarto para receber as visitas; uma velha tábua de madeira disposta com alguma habilidade sobre duas velhas caixas de vela juntas (formando um assento bastante bambo, é verdade, mas que Alice já conhecia há tempos, e sobre o qual sabia que devia sentar com leveza; na verdade, o arranjo todo era mais para dar

aparente dignidade do que para conforto); uma mesa redonda bem, bem pequena, arrastada para perto do fogo, que àquela altura já ardia alegremente; sua bandeja de chá antiquíssima, de madeira não pintada e de terceira mão, com o bule preto, duas xícaras com uma estampa vermelha e branca e outra com a velha estampa familiar de folhas de salgueiro, e pires que não combinavam (sendo que, num dos extras estava exibida, com pompa, a bolinha de manteiga); e, com todos esses preparativos feitos, Alice começou a olhar em torno, satisfeita, perguntando-se o que mais poderia ser feito para dar mais conforto às convidadas. Tirou uma das cadeiras do lugar apropriado diante da mesa e, colocando-a perto da prateleira larga de que lhe falei quando descrevi seu quarto de porão pela primeira vez, e subindo nela, puxou uma velha caixa de madeira de pinho e pegou de lá de dentro alguns pedaços do pão de aveia do norte, o chamado *clap-bread* de Cumberland e Westmoreland e, descendo com cuidado com as broas finas, que ameaçavam quebrar na sua mão, colocou-as sobre a mesa sem toalha, acreditando que suas convidadas iam gostar de experimentar o pão de sua infância. Também pegou um bom pedaço de uma broa de 2 quilos de pão comum e então se sentou para descansar, mas para descansar mesmo, e não para fingir que estava fazendo isso, numa das cadeiras de assento de junco. A vela estava pronta para ser acesa, a água, para ser servida, o chá aguardava seu fim no embrulho de papel; tudo estava preparado.

Uma batida na porta! Era Margaret, a jovem costureira que vivia nos aposentos acima e que, tendo escutado o alvoroço e o silêncio subsequente, começou a achar que já estava na hora de ir fazer sua visita lá embaixo. Era uma jovem de pele amarelada e doentia que tinha um ar preocupado, mas a aparência doce; sua roupa era humilde e muito simples, consistindo de um vestido de tecido preto e de um xale ou lenço largo puído que lhe cobria o pescoço, preso atrás da cabeça e no colo com alfinetes. A velhinha lhe cumprimentou com entusiasmo e a fez sentar na cadeira que acabara de ocupar, enquanto ela própria se equilibrava sobre a tábua, de modo que Margaret pudesse pensar que sentar ali fora uma escolha que fizera de maneira livre e independente.

— Não consigo imaginar por que Mary Barton está atrasada. Ela anda muito refinada, com esses horários — disse Alice, pois Mary ainda não havia chegado.

A verdade era que Mary estava se arrumando; sim, mesmo para ir à casa da pobre e velha Alice ela achou que valia a pena pensar no vestido que ia colocar. Não para Alice, disso você pode ter certeza; não, elas duas se conheciam bem demais. Mas Mary gostava de causar certa impressão e devo admitir que muitas vezes conseguia; e havia essa moça estranha a ser levada em consideração. Por isso, ela colocou seu belo vestido novo de lã merino azul, de gola fechada, seu colarinho e seus punhos de linho, e partiu para impressionar a pobre e afável Margaret. Foi muito bem-sucedida. Alice, que nunca pensava muito em beleza, jamais dissera a Margaret como Mary era bonita; e, quando ela surgiu, corando de leve com a consciência da própria aparência, Margaret mal conseguiu desviar o olhar. Mary fechou os olhos de cílios longos e negros com um certo desgosto pelo mesmo escrutínio que se esforçara tanto para obter. Você pode imaginar o alvoroço que Alice fez na hora de preparar o chá, servi-lo, adoçá-lo ao gosto de ambas e oferecer pilhas e mais pilhas de pão de aveia e pão com manteiga? Pode imaginar o deleite com que viu a pilha de pão de aveia desaparecer diante das moças famintas e com que

ouviu os elogios à iguaria de sua infância?

— Minha mãe costumava me mandar pão de aveia por qualquer pessoa que vinha do norte. Coitada! Ela sabia como essas coisas são gostosas quando a gente está longe de casa. Mas todo mundo aprecia. Quando eu trabalhava de doméstica, os outros empregados sempre gostavam de comer um pouquinho. Ah, como faz tempo.

— Conte como era, Alice — disse Margaret.

— Ora, menina, não tem nada para contar. Lá em casa, tinha boca demais para alimentar. Tom, o pai de Will (você não conhece Will, ele é marinheiro no estrangeiro), tinha vindo para Manchester e mandou avisar que havia uma enormidade de trabalho por aqui, tanto para os rapazes quanto para as moças. Por isso meu pai mandou George primeiro (você conhece George muito bem, Mary) e depois, como não tinha muito trabalho lá pelas bandas de Burton, onde nós morávamos, ele disse que eu devia tentar conseguir alguma coisa. George escreveu dizendo que os salários eram muito maiores em Manchester do que em Milnthorpe ou Lancaster, e eu, meninas, que era nova e boba, achei que seria muito bom ir para tão longe de casa. Então, um dia, o açougueiro trouxe uma carta de George dizendo que ele tinha ouvido falar de um emprego. Eu fiquei doidinha para partir e meu pai gostou; mas minha mãe não disse quase nada e, quando disse, falou baixinho. Já pensei muitas vezes que ela deve ter ficado um pouco magoada de me ver com tanta vontade de ir embora. Que Deus me perdoe! Mas ela embrulhou minhas roupas, e algumas das melhores das suas que cabiam em mim, naquela caixinha de papel ali. Não serve para mais nada agora, mas eu prefiro ficar sem fogo a usar aquilo para queimar; e olhe que já deve ter quase oitenta anos, pois era da minha mãe quando ela era criança, e foi ali que ela levou suas roupas para a casa do meu pai quando eles se casaram. Mas, como eu ia dizendo, ela não chorou, embora tenha ficado com os olhos molhados muitas vezes; e ficou me olhando descer a estrada até não conseguir mais me ver, com a mão protegendo os olhos do sol. E essa foi a última vez que eu a vi.

Alice sabia que, em pouco tempo, se encontraria com aquela mãe; e, além disso, as dores e amarguras da juventude perdem o viço quando nós ficamos velhos; mas ela fez uma expressão tão infeliz que sua tristeza foi contagiosa e as meninas lamentaram pela pobre mulher que estava morta há tantos anos.

— Você nunca mais viu sua mãe, Alice? Nunca mais voltou para casa enquanto ela era viva? — perguntou Mary.

— Não, e também não voltei desde que ela morreu. Já planejei ir muitas vezes. Ainda planejo e espero ir para casa antes de Deus me levar. Costumava tentar economizar dinheiro suficiente para passar uma semana lá quando estava trabalhando de doméstica; mas primeiro aconteceu uma coisa, depois, outra. Primeiro os filhos da patroa pegaram sarampo justo na semana que eu tinha pedido, e eu não pude ir embora, pois todos choravam por mim e pediam que eu cuidasse deles. Depois foi a patroa que ficou doente, e aí é que eu não pude ir mesmo. Pois eles tinham uma lojinha, e o patrão bebia, e eu e a patroa éramos as únicas que cuidávamos das crianças e da loja também, além de termos que cozinhar e lavar roupa.

Mary ficou feliz por não ter ido fazer trabalho doméstico e comentou isso.

— Ah, menina! Você não sabe o prazer de ajudar os outros. Eu fui muito feliz lá; quase tão

feliz quanto era em casa. Bem, mas no ano seguinte eu achei que ia poder ir nas férias, e minha patroa me disse que eu ia poder tirar duas semanas, e eu passei o inverno todo fazendo retalhos para ter uma colcha para levar para a minha mãe. Mas o patrão morreu, a patroa se mudou de Manchester e eu tive de procurar outro emprego.

— Ora — interrompeu Mary —, eu pensei que esse teria sido o melhor momento para voltar para casa.

— Eu achei que não. Era diferente ir para casa durante uma semana para fazer uma visita, quem sabe com dinheiro no bolso para ajudar um pouco meu pai, e ir para casa ser um fardo para ele. Além do mais, como eu ia encontrar um emprego novo estando lá? Bem, eu achei melhor ficar, mas talvez tivesse sido melhor ir, pois então eu poderia ter visto minha mãe mais uma vez — disse a pobre Alice, com um ar indeciso.

— Tenho certeza de que você fez o que achava certo — disse Margaret bondosamente.

— É isso mesmo, menina — respondeu Alice, erguendo a cabeça, mais alegre. — É isso que a gente tem que fazer, e o Senhor manda o que Ele achar melhor. Mas eu fiquei triste, ah, triste e aperreada na primavera seguinte, quando a minha colcha estava prontinha, com borda e tudo, e George veio me ver numa tarde para me dizer que nossa mãe tinha morrido. Chorei muito naquela noite e em muitas outras noites; não tinha tempo de chorar de dia, pois aquela patroa era muito rígida; não quis nem ouvir a ideia de eu ir para o enterro; e eu chegaria tarde demais, de qualquer maneira, pois George partiu naquela noite mesmo de carruagem e descobriu que a carta avisando tinha sido retida, ou alguma coisa assim (o correio não era bom como é hoje em dia), então o enterro já tinha acabado e meu pai estava falando em ir embora, pois não conseguia mais ficar na casa depois da morte da mamãe.

— Era um lugar bonito? — perguntou Mary.

— Se era bonito, menina? Ora, nunca vi mais bonito. Lá as montanhas parecem que quase chegam ao céu, e não devem nem chegar perto, mas são muito vistosas. Eu costumava achar que eram as colinas douradas do céu, sobre as quais minha mãe cantava quando eu era criança: “Lá ficam as colinas douradas do céu/ Onde nunca vais vencer.” Era sobre um navio e um homem que tinha amado e traído uma mulher, essa canção. E perto da nossa cabana tinha umas pedras. Ah, minhas filhas! Vocês aqui em Manchester não sabem o que são pedras! Umas rochas cinzentas do tamanho de casas, todas cobertas de musgo de cores diferentes, alguns amarelos, outros amarronzados; e no chão as urzes roxas que vinham até a altura do joelho, com um cheiro tão doce, e as abelhinhas zumbindo sem parar. Minha mãe costumava mandar eu e Sally catarmos urze e queiró para fazer vassoura e nós nos divertíamos a valer! Chegávamos em casa à noite tão carregadas que mal dava para nos enxergar. Era muito leve carregar as plantas! Então minha mãe nos mandava sentar debaixo do pilriteiro, e brincávamos de casinha no meio das raízes enormes que saíam do chão, e ficávamos catando e amarrando a urze. Parece que foi ontem, mas tem muito, muito tempo. Minha pobre irmã Sally já se foi desta para a melhor há mais de quarenta anos, mas muitas vezes eu me pergunto se o pilriteiro ainda está de pé e se as moças ainda vão catar urze, como nós fazíamos antigamente. Meu coração chega a doer de vontade de ver minha casa de novo. Talvez no próximo verão eu vá até lá, se Deus me der saúde para durar até o próximo verão.

— Por que você não foi lá esses anos todos? — Perguntou Mary.

— Ora, menina! Primeiro apareceu um emprego, depois outro. E eu também não podia ir sem dinheiro e já cheguei a ser muito pobre. Tom era um tratante, coitado, e sempre precisava de ajuda nisso ou naquilo; e sua esposa (pois eu acho que os tratantes conseguem se casar muito antes que as pessoas ajuizadas) não prestava para muita coisa. Ela estava sempre doente, e ele estava sempre metido em confusão; por isso eu sempre tinha o que fazer e com o que gastar também. Eles morreram com um ano de diferença um do outro e deixaram um menininho (tinham tido sete, mas o Senhor levou seis para o céu), Will, de quem eu estava falando mais cedo; e eu peguei para criar, e deixei de morar no serviço para ajeitar uma casinha para ele. Era um belo menino, igualzinho ao pai, só que mais ajuizado. Era ajuizado, sim, mas quis porque quis ir trabalhar num navio. Fiz de tudo para ele desistir da vida de marinheiro. Falei: “O povo fica doente quando está no mar. Sua própria mãe me disse (pois veio do estrangeiro, era da Ilha de Man) que ficou tão mal que queria mais era ser jogada dentro d’água.” Até cheguei a mandar o menino para Runcorn pelo canal do duque, para ele ver o que era o mar; e fiquei esperando que voltasse branco que nem um lençol de tanto vomitar. Mas ele foi até Liverpool, viu navios de verdade e voltou com mais vontade do que nunca de ser marinheiro, e disse que não tinha se sentido nada mal e que achava que ia aguentar o mar muito bem. Então eu disse que era para ele fazer como quisesse; e ele agradeceu e me beijou, apesar de eu estar danada da vida. E agora está na América do Sul, que me disseram que fica do outro lado do sol.

Mary deu uma espiada em Margaret para ver o que ela achava da geografia de Alice; mas Margaret parecia tão quieta e recatada que Mary se perguntou se não seria, na verdade, uma menina ignorante. Não que a própria Mary tivesse um conhecimento profundo, mas já vira um globo terrestre e sabia encontrar a França e os continentes num mapa.

Depois desse longo discurso, Alice ficou algum tempo como que em devaneio; e as meninas, respeitando seus pensamentos, que suspeitavam estar ocupados pela casa e pelas cenas de sua infância, ficaram em silêncio. De repente, Alice se lembrou de seus deveres de anfitriã e, com esforço, trouxe sua atenção de volta para o presente.

— Margaret, você precisa cantar para Mary. Eu não entendo nada de música, mas o povo diz que ela canta como ninguém. Só sei que choro toda vez que ela canta “O tecelão de Oldham”. Cante essa, Margaret, por favor.

Com um leve sorriso, como se achasse a escolha de Alice divertida, Margaret começou a cantar.

Você conhece “O tecelão de Oldham”? Não deve conhecer, a não ser que tenha nascido e se criado em Lancashire. Eu copio a letra para você.

O tecelão de Oldham

I.

Sou um pobre tecelão que não tem nenhum vintém
Não tenho o que comer e minhas roupas estão gastas

Tudo o que eu visto não vale nem dois centavos
Meus sapatos estão quebrados e eu não tenho meias
É muito duro
A gente estar no mundo
Para passar fome e trabalhar o melhor que pode

II.

O velho Dicky do Billy há muito me diz
Que os tempos estariam melhores se eu tivesse segurado a língua
Eu segurei a língua até quase ficar sem ar
Acho que daqui a pouco vou morrer de fome
O velho Dicky está com a pança cheia
Não sabe o que é não ter o que comer
E nunca usou um tear na vida

III.

Passamos seis semanas achando que cada dia seria o último
Fizemos de tudo para comer, até que a comida acabou
Ficamos vivendo de urtiga enquanto pudemos
E mingau aguado, era o melhor que tínhamos
Estou falando a verdade
Não conheço ninguém
Que estivesse vivendo pior do que eu

IV.

O velho Billy do Dans mandou a polícia
Cobrar uma dívida que eu não podia pagar
Mas foi tarde demais, pois o velho Billy da curva
Tinha vendido a carroça e a colheita para o aluguel
Nós ficamos só com o banco
Com lugar para duas pessoas
Onde sentamos Margaret e eu

V.

Os policiais ficaram com cara de bobos
Quando viram que tudo na casa tinha sido levado
Um disse para o outro: “Não tem nada aqui.”
E eu falei: “Não se preocupem, podem me levar.”
Sem demora então
Eles levaram o banco
E nós ficamos caídos na laje

VI.

Então eu disse para Margaret, quando estávamos no chão

“Não temos como descer mais, disso eu tenho certeza

Se as coisas mudarem, vai ser para o bem

Pois meu coração me diz que esse é o fim

Não temos carne, nem tear onde fiar

Minha nossa! Nossa vida não vale nada.”

VII.

Margaret declarou que se eu tivesse roupas para botar

Podia ir a Londres falar com o grande homem

E se as coisas não mudassem depois de ir até lá

Ela estava resolvida a dar um fim a tudo

Não se deve falar mal do rei

Mas todos gostam de justiça

E quem sabe dizer quem passa necessidade?

A melodia dessa música é uma espécie de recitativo arrastado, que depende muito da capacidade de o cantor de exprimir emoção. Ao ler a letra, ela talvez pareça engraçada; mas é aquele humor próximo do patético e, para aqueles que já testemunharam a dor descrita, é uma música profundamente emocionante. Margaret não apenas já vira a miséria como tinha a sensibilidade de se apiedar dela e, além do mais, sua voz era daquelas tão ricas e extraordinárias que não necessitam de grandes notas para mostrar sua beleza. Alice desfrutou de suas lágrimas em silêncio, mas Margaret, com o olhar fixo e uma expressão de entrega absoluta, parecia ficar mais e mais absorta em tornar real para si mesma a tristeza que estava descrevendo e que, imaginou, naquele instante mesmo podia estar afligindo algum desesperado próximo dali do comparativo conforto delas três.

Subitamente, Margaret deixou ecoar todo o poder de sua magnífica voz, como se esta fosse uma prece vinda do coração de todos que sofriam, na grandiosa súplica, “Senhor, lembra-te de Davi.”⁷ Mary prendeu a respiração, sem querer perder uma nota, de tão cristalino, perfeito e comovente que era. Um apreciador de música muito mais exigente que Mary poderia ter pausado com igual admiração diante da maneira realmente científica com que aquela pobre costureira de aparência frágil usava sua voz flexível e soberba. A própria Deborah Travers⁸ (que já fora uma operária de Oldham e depois se tornou a queridinha dos sofisticados frequentadores da casa da Sra. Knyvett) poderia ter reconhecido nela uma irmã em sua arte.

Margaret parou de cantar; e, com lágrimas de santa compaixão nos olhos, Alice agradeceu à cantora, que voltou a mostrar-se tranquila e recatada, para espanto de Mary, que a olhou sem cansar, como se estivesse surpresa de que aquele poder oculto não pudesse ser percebido na aparência exterior.

Quando Alice terminou seu breve discurso de agradecimento, fez-se silêncio suficiente para ouvir uma voz masculina bonita, embora bastante trêmula, que cantava algumas das estrofes da

canção de Margaret.

— É o vovô! — exclamou a moça. — Tenho de ir, pois ele disse que só ia chegar depois das nove.

— Bem, não vou dizer para você não ir, pois tenho de acordar às quatro para lavar um fardo enorme de roupa na casa da senhora Simpson. Mas vou ficar muito feliz se quiserem me fazer outra visita, meninas; e espero que fiquem amigas.

Quando as meninas estavam subindo juntas a escada do porão, Margaret disse:

— Entre um instante para conhecer meu avô. Gostaria que ele visse você.

E Mary consentiu.

6. Trecho de “Withered Wild Flowers” [Flores silvestres murchas], do poeta inglês Ebenezer Elliott (1781-1849). (*N. da T.*)

7. Salmos 132: 1. (*N. da T.*)

8. Uma tecelã que ganhou fama como cantora no início do século XIX. (*N. da T.*)

A fábrica pega fogo — Jem Wilson para o resgate

Era um sábio; ave ou inseto não havia
Cujo lar folhoso e história não sabia:
De toda flor silvestre ou musgo que nascia
O nome e as qualidades conhecia

Elliott⁹

Há um certo tipo de homem em Manchester, desconhecido até de muitos habitantes da cidade, e cuja existência provavelmente será duvidada por muitos, que, no entanto, poderia reclamar para si muitos dos títulos nobres com que a ciência reconhece seus estudiosos. Eu disse em Manchester, mas esses homens estão espalhados por todos os distritos manufatureiros de Lancashire. Nos arredores de Oldham há tecelões daqueles comuns, que trabalham em teares artesanais, movendo a lançadeira sem cessar, mas com *Principia*, de Isaac Newton, aberto sobre o artefato, para ser rapidamente consultado durante o horário de trabalho, mas lido com calma durante as refeições ou à noite. Problemas matemáticos são recebidos com interesse e estudados com grande atenção por muitos operários de aparência comum e linguagem vulgar. E, o que talvez seja menos espantoso, as áreas mais populares da história natural têm seguidores apaixonados em meio a essa classe. Há botânicos entre eles, familiarizados tanto com o sistema de Lineu quanto com o sistema natural, que conhecem o nome e o habitat de todas as plantas existentes num raio de um dia de caminhada de casa; que roubam um dia ou dois quando uma planta em particular está florescendo, colocando uma refeição simples numa trouxa feita de um lenço de bolso, partem com o único propósito de catar a humilde erva e trazê-la para casa. Há entomólogos que podem ser vistos com uma rede tosca, prontos para capturar qualquer inseto alado, ou com uma espécie de puçá que usam para esquadrihar lagos verdes e gosmentos; homens práticos e espertos que trabalham duro e que

se debruçam sobre qualquer novo espécime com deleite científico. Mas não são apenas as áreas mais comuns da entomologia e da botânica que atraem esses honestos caçadores de conhecimento. Talvez seja porque o grande feriado municipal anual de Pentecostes muitas vezes caia em maio ou junho que as grandes e belas famílias Ephemeridae e Phryganidae tenham sido estudadas com tanto afinho pelos operários de Manchester, embora escapassem à observação geral. Se você consultar o prefácio do livro *Life*, de Sir J. E. Smith¹⁰ (não o tenho aqui diante de mim, mas copiaria a passagem exata), descobrirá que ele menciona um detalhe que corrobora o que acabei de dizer. Ao visitar Sr. Roscoe,¹¹ em Liverpool, Sir J. E. Smith fez algumas perguntas sobre o habitat de uma planta muito rara que dizem poder ser encontrada em certos locais de Lancashire. O Sr. Roscoe desconhecia a planta; mas afirmou que se alguém saberia dar a informação procurada seria um tecelão artesanal de Manchester, cujo nome ele lhe passou. Sir J. E. Smith foi de barco até Manchester e, ao chegar à cidade, perguntou ao funcionário que lhe carregava a bagagem se sabia onde morava o Fulano.

— Ah, sei — respondeu o homem. — Ele tem uns acertos comigo.

Ao investigar um pouco mais o caso, Sir J. E. Smith descobriu que tanto o carregador de bagagem quanto seu amigo tecelão eram habilidosos botânicos que souberam lhe dar precisamente a informação que procurava.

Esses são os gostos e passatempos de alguns desses estudiosos e pouco compreendidos operários de Manchester.

E o avô de Margaret era um deles. Era um homenzinho franzino que se movia aos arrancos, como se seus membros estivessem atados a um barbante que nem os de um brinquedo de criança; com um cabelo cor de burro quando foge, fino e macio, cobrindo as laterais e a parte de trás da cabeça; e uma testa tão larga que parecia maior que todo o rosto — o qual, de fato, perdera o contorno natural devido à ausência de todos os dentes. Seus olhos faiscavam de inteligência; eram tão agudos, tão observadores, que você chegava a pensar que eram olhos de feiticeiro. Realmente, o quarto não era muito diferente da moradia de um mago. Em vez de quadros, nas paredes havia molduras de madeira tosca com insetos empalados; a mesa estava coberta de livros cabalísticos; e ao lado deles ficava uma caixa de instrumentos misteriosos, um dos quais estava sendo usado por Job Legh quando a neta entrou.

Ao vê-la, ele empurrou os óculos para cima, de modo que ficaram na metade da testa, e recebeu Mary com um cumprimento breve e gentil. Já Margaret, ele tratou como uma mãe trata seu primogênito, fazendo-lhe um carinho terno e quase alterando a voz ao falar com ela.

Mary olhou em torno, observando aqueles objetos estranhos que nunca vira em casa e que lhe pareceram extraordinários.

— Seu avô é adivinho? — sussurrou ela para Margaret.

— Não — respondeu Margaret, baixinho também. — Mas você não é a primeira pessoa a pensar isso. Ele só gosta de coisas que quase ninguém entende.

— E você entende alguma coisa delas?

— Entendo um pouco; ele gosta tanto que eu tento aprender.

— Que coisas são essas? — perguntou Mary, impressionada com as criaturas bizarras que se espalhavam pelo cômodo em redomas toscas de vidro.

Mas não estava preparada para os nomes técnicos que Job Legh derramou sobre seus ouvidos, onde caíram como granizo sobre uma abóbada; e aquela estranha linguagem só a deixou ainda mais atarantada. Margaret percebeu seu estado e veio ao seu resgate.

— Olhe, Mary, esse escorpião horroroso. Quase me matou de susto; ainda tremo só de pensar. O vovô foi a Liverpool num feriado de Pentecostes para passear no cais e comprar o que pudesse dos marinheiros, que muitas vezes trazem algumas coisas esquisitas dos países quentes aonde vão. Ele então viu um rapaz com uma garrafa na mão, parecida com uma garrafinha de botica; e disse: “O que você tem aí?” O marinheiro levantou a garrafinha e o vovô viu logo que era um tipo raro de escorpião, difícil de encontrar até nas Índias Orientais, de onde o homem tinha vindo. E ele disse: “E como foi que pegou esse bicho bonito, que não deve ter sido nada fácil de apanhar?” E o homem contou que, quando eles estavam descarregando o navio, encontrou o bicho num saco de arroz, e achou que o frio o tinha matado, pois ele não estava amassado nem machucado. Não quis desperdiçar sua aguardente para conservar o escorpião, mas colocou-o na garrafa, sabendo que tinha gente que lhe daria algum dinheiro por ele. E meu avô lhe deu um xelim.

— Dois xelins — interrompeu Job Legh —, e foi uma barganha.

— Veja você! Bem, o vovô chegou em casa com o rei na barriga e tirou a garrafa do bolso. Mas o escorpião estava dobrado e ele achou que eu não ia conseguir ver bem como era grande. Por isso, sacudiu-o diante do fogo; e olhe que era um fogo bem bom, pois eu estava passando roupa, me lembro bem. Parei de passar a roupa e me debrucei para ver o escorpião melhor enquanto o vovô pegava um livro e começava a ler como aquela era a espécie mais venenosa e perigosa, como sua picada muitas vezes era fatal e como as pessoas que eram picadas inchavam e gritavam de dor. Eu estava prestando atenção, mas acabou que nunca tirei os olhos do bicho, embora nem houvesse me dado conta de que estava olhando para ele. De repente, o escorpião deu um arranco e, antes que eu pudesse abrir a boca, deu outro, e em menos de um minuto estava zanzando, correndo atrás de mim que nem um cachorro louco.

— O que você fez? — perguntou Mary.

— Eu! Ora, primeiro pulei numa cadeira e depois em cima da roupa que estava passando na cômoda e gritei para o vovô vir também, mas ele não me obedeceu.

— Ora, se eu tivesse subido com você, quem ia pegar o bicho?

— Bem, eu implorei que o vovô esmagasse o escorpião e cheguei a ficar com o ferro bem em cima dele, pronto para derrubá-lo, mas o vovô me pediu que não o machucasse daquele jeito. E eu não entendia o que ele queria, pois pulava pelo quarto como se estivesse morrendo de medo, ao mesmo tempo em que me dizia para não machucar o bicho. Finalmente, o vovô foi até o bule, levantou a tampa e espiou lá dentro. Por que será que está fazendo isso, eu pensei; não é possível que vá tomar chá com um escorpião correndo pelo quarto. Então ele pegou as pinças da lareira, colocou os óculos no nariz e, em um minuto, tinha erguido o bicho por uma perna e atirado na água fervendo.

— E isso o matou? — perguntou Mary.

— Matou bem matado. Ele ficou fervendo durante mais tempo do que o vovô queria, mas eu morri de medo de que saísse correndo de novo. Fui correndo na venda comprar um pouco

de gim; o vovô encheu a garrafa e nós jogamos fora a água, o apanhamos de dentro da chaleira e o colocamos lá dentro. Ele está aí há mais de um ano.

— O que será que o fez reviver?

— Entenda, ele não estava morto de verdade, só entorpecido... quer dizer, desmaiado de frio. Nosso fogo o fez acordar.

— Fico feliz que o papai não ligue para essas coisas — disse Mary.

— É mesmo? Bem, muitas vezes eu fico feliz de o vovô gostar tanto de seus livros, de seus bichos e de suas plantas. É bom para o meu coração vê-lo tão alegre, separando todos em casa, e sempre tão ansioso para ir procurar mais, sempre que tem um dia livre. Olhe só para ele! Já voltou a ler e vai ficar ali, mais feliz que um pinto no lixo, trabalhando até eu obrigá-lo a ir se deitar. É verdade que ele fica muito quieto quando está fazendo isso; mas, contanto que esteja tão entusiasmado e satisfeito, de que me importa? Além do mais, quando desata a falar, você não imagina o quanto tem a dizer. Meu querido avô! Você não sabe como nós somos felizes!

Mary se perguntou se o avô tinha ouvido tudo aquilo, pois Margaret não falou aos sussurros; mas não! Estava absorto demais em resolver um problema. Job Legh nem sequer ouviu a despedida de Mary, e ela foi para casa com a sensação de que, naquela noite, conhecera duas das pessoas mais estranhas que já vira na vida. Margaret, tão quieta, tão comum, até que o poder de sua voz surgisse; tão silenciosa quando fora de casa, tão alegre e afável dentro; e seu avô, tão distinto de qualquer outra pessoa que Mary conhecera. Margaret dissera que ele não era adivinho, mas Mary não sabia se devia acreditar.

Para dissipar suas dúvidas, ela falou daquela noite para o pai, que ficou interessado no relato e curioso para ver e julgar por conta própria. Oportunidades em geral não faltam quando a vontade as precede e, antes do fim daquele inverno, Mary já considerava Margaret quase uma velha amiga. Esta última trazia sua costura quando era provável que Mary estivesse em casa à noite, para lhe fazer companhia; e Job Legh colocava um livro e o cachimbo no bolso e dava um pulo na esquina para buscar a neta, sempre pronto para um dedo de prosa, se encontrasse Barton por lá; ou pronto para pegar o livro e o cachimbo se não estivesse, mas as meninas quisessem que ele esperasse. Em resumo, pronto para fazer qualquer coisa que agradasse sua adorada Margaret.

Não sei que semelhanças ou diferenças (pois ambas unem as pessoas) atraíram as duas meninas para a companhia uma da outra. Margaret tinha o profundo encanto de possuir um forte bom senso, e você sabe como damos valor a isso, ainda que involuntariamente. É tão agradável ter um amigo que possui o poder de ver bem uma situação difícil; cujo discernimento encontra a melhor solução; e que conhece tão bem o caminho mais sábio que, ao nos fazer pensar no destino, consegue diminuir as dificuldades do trajeto. As pessoas admiram o talento e falam de sua admiração. Mas dão valor ao bom senso sem falar sobre isso e, muitas vezes, sem perceber.

Assim, Mary e Margaret foram gostando cada vez mais uma da outra. Mary falou de muitos dos seus sentimentos, como jamais fizera com outra pessoa. A maior parte de seus defeitos também se revelaram para Margaret, mas havia uma exceção; fraqueza que Mary acalentava e também ocultava de todos. Dizia respeito a um pretendente que ela não amava, mas que dava

asas à sua imaginação. Um rapaz galante e bonito, mas... que Mary não amava. Ainda assim, esperava encontrá-lo todos os dias, corava quando ouvia seu nome e tentava considerá-lo seu futuro marido e, acima de tudo, tentava considerar-se sua futura esposa. Ah, pobre Mary! Quanta infelicidade essa fraqueza iria lhe trazer!

Mary tinha outros pretendentes. Um ou dois teriam adorado poder acompanhá-la, mas ela era presumida demais, diziam. Jem Wilson não falava nada, mas continuava a amá-la, cada vez mais; tinha esperanças, apesar de tudo; recusava-se a desistir, pois desistir de Mary lhe parecia desistir da vida. Não ousava pensar em como a história terminaria; o presente, contanto que pudesse vê-la e ter algum contato com ela, por mais humilde que fosse, era suficiente. Decerto, com o tempo, um amor tão profundo seria correspondido.

Jem não perdia as esperanças, mas a frieza de Mary era o bastante para desalentar qualquer homem; e deixava-o mais desesperado do que ele reconhecia, até para si mesmo.

Mas, certa noite, Jem foi até a casa de Barton, feliz em levar um recado de seu pai, e, ao abrir a porta, encontrou Margaret dormindo diante do fogo. Ela entrara para falar com Mary e, exausta após uma longa noite trabalhando, adormecera no calor aconchegante.

Um antigo ditado sobre um sapato velho surgiu na mente de Jem e, se aproximando devagar, ele deu um beijo amistoso em Margaret.

Ela acordou e, entendendo perfeitamente a intenção dele, disse:

— Que vergonha, Jem! O que Mary ia dizer?

Foi dito de brincadeira e respondido com outra:

— Não ia dizer nada além de “a prática leva à perfeição”.

Os dois riram. Mas as palavras de Margaret deixaram uma sensação desagradável em Jem. Será que Mary se importaria? Nem que fosse um pouquinho? Essa pergunta o incomodou noite e dia, exigindo uma resposta; e o coração de Jem lhe disse que Mary era indiferente a qualquer coisa que ele fizesse. Mas ele continuou a amar, cada dia mais.

O pai de Mary sabia muito bem qual era a natureza do sentimento de Jem Wilson por sua filha, mas não falava disso com ninguém, achando-a jovem demais para as preocupações da vida de casada e sem querer pensar em se separar dela algum dia, por mais distante que fosse. No entanto, recebia Jem em sua casa por ele ser filho de quem era, sem se importar com os motivos do rapaz para ir até lá; e, de tempos em tempos, admitia que, quando o momento chegasse, não seria algo ruim para Mary se casar com Jem Wilson, um funcionário competente com um bom emprego, que tratava bem os pais e era um rapaz valente e arrojado — pelo menos, quando ela não estava por perto; pois, quando estava, ficava observando tanto a menina, e com tanta ansiedade, que não conseguia exibir muito do que John Barton chamava de “brio”.

Era fim de fevereiro daquele ano, e uma terrível geada negra já durava diversas semanas. O cortante vento leste há muito limpava as ruas, mas num dia de tempestade a poeira subia como um turbilhão de gelo, fazendo os rostos das pessoas arderem com a força com que batia contra eles. As casas, o céu, as pessoas, tudo, em suma, parecia ter sido pintado com uma grossa camada de nanquim por um pincel gigante. Havia algum motivo para essa aparência encardida das pessoas, ainda que talvez não para o tom enegrecido da paisagem; pois a água se tornara

um artigo impossível de se obter até mesmo com dinheiro; e as pobres lavadeiras podiam ser vistas em vão tentando conseguir um pouco com a quebra de pedaços cinzentos de gelo que cobriam as poças e as valas da vizinhança. As pessoas previam que aquela geada, já longa, ainda ia demorar bem mais; diziam que a primavera chegaria muito tarde; que não era preciso pensar na moda da primavera; e nem comprar roupas de verão para uma estação que seria tão curta e incerta. De fato, não havia limites para o mal previsto enquanto durou aquele gélido vento leste.

Certa tarde, Mary ia correndo para casa do ateliê da Srta. Simmonds bem quando a luz do dia se esvaecia, com o xale até a altura da boca e a cabeça baixa, como quem desprezasse o vento cruel. Por isso, não percebeu Margaret até estar bem próxima dela, na ruazinha que dava no pátio onde morava.

— Que susto, Margaret! É você? Para onde vai?

— Para lugar nenhum, só para sua casa (quer dizer, se você me quiser lá). Tenho um trabalho para terminar hoje; roupa de luto que tem de estar pronta para o velório amanhã; e o vovô saiu para catar musgo e só vai chegar em casa tarde.

— Ah, que delícia que vai ser! Eu lhe ajudo, se você estiver atrasada. Tem muita coisa para fazer?

— Tenho, só recebi o pedido ontem ao meio-dia, e são três meninas, além da mãe; e, com todas as provas e depois de ter que encontrar um tecido igual (pois não havia pano suficiente na peça que elas escolheram primeiro), as tarefas se acumularam bastante. Ainda falta fazer todas as saias. Deixei isso para fazer à luz da vela; e as mangas também, para não falar de alguns detalhes do corpete; pois a senhora é muito exigente e eu quase não contive um sorriso quando elas estavam chorando tanto, muito tristes mesmo, mas então primeiro uma, depois a outra, parou para reparar no caimento do vestido. Não queriam estar esfarrapadas, pode ter certeza, apesar do sofrimento.

— Bem, Margaret, eu não me incomodo, como você sabe, e ajudo com prazer, apesar de já estar bastante cansada de tanto costurar no ateliê da Srta. Simmonds.

A essa altura, Mary já partira os pedaços de carvão e acendera sua vela; e Margaret se sentara para trabalhar em um dos lados da mesa, enquanto a amiga tomava depressa o chá no outro. As coisas então foram todas levadas numa grande pilha para a cômoda; e, limpando seu lado da mesa com o avental que sempre usava em casa, Mary pegou alguns cortes de tecido e começou a costurar.

— Para quem é tudo isso? Se você por acaso me disse, eu já esqueci.

— Para a Sra. Ogden, que tem aquele mercado na Oxford. O marido bebeu até morrer e, embora ela tenha chorado por causa dele a vida toda, agora que morreu, está se acabando de tristeza.

— Ele deixou bastante coisa para ela viver? — perguntou Mary, examinando a textura do vestido. — Que beleza de bombazina, tão macia.

— Não, infelizmente deixou muito pouco, e eles têm vários filhos pequenos, além das três que já estão moças.

— Eu achei que moças assim faziam seus próprios vestidos — observou Mary.

— Imagino que façam muitos, mas agora parecem estar tão ocupadas em se preparar para o velório... Pois vai ser um grande evento: quase vinte pessoas para o café, foi o que um dos pequenos me disse; e pareceu estar gostando de toda aquela confusão. Acho mesmo que foi um conforto para a pobre Sra. Ogden arrumar tanta coisa para fazer. Senti um cheiro tão forte de presunto cozido e galinha assada quando estava esperando na cozinha, que mais parecia um casamento do que um velório. Dizem que ela gastou mais de sessenta libras com o enterro.

— Você não disse que ela ficou com pouco dinheiro?

— É, sei que ela pediu crédito em muitos lugares, dizendo que o marido gastou cada centavo que tinha em bebida. Mas os homens da funerária incentivam, entende? Dizem que é assim que se faz, que se não, é falta de respeito, e que todo mundo tem pelo menos isso, até que a pobre mulher não tem mais vontade própria. E imagino também que ela deva lembrar (como sempre acontece quando alguém falece) de muitas coisas que disse e fez para magoar aquele que se foi; e acha que deve compensar por tudo, digamos assim, com um velório imponente, embora sua família talvez tenha de economizar muitos anos para pagar as despesas, se é que vão conseguir quitar tudo.

— Essas roupas de luto também vão custar caro — disse Mary. — Eu canso de me perguntar por que o povo usa luto; não é bonito nem cai bem; custa bastante dinheiro, bem na hora que se tem menos para gastar; e, se o que a Bíblia diz é verdade, não devíamos lamentar quando alguém que amamos, se foi bom, vai descansar; e, quanto aos ruins, é bom que a gente se livre deles. Não sei de que adianta usar luto.

— Vou lhe dizer por que eu acho que essa moda nos foi mandada (a dona Alice sempre diz que tudo “nos foi mandado” e, para mim, ela tem razão). Faz bem, embora o custo seja maior do que o benefício, obrigar o povo que está triste e não consegue fazer nada além de chorar a ocupar a cabeça. Agora mesmo eu lhe disse como elas estavam chorando; pois talvez ele fosse bom marido e bom pai, de seu jeito amalucado, quando não estava embriagado. Mas se alegraram muito quando eu estava lá, e eu pedi muito mais instruções do que o normal, para elas terem o que discutir e resolver; e deixei minha revista de modas (embora ela já tenha dois meses de uso) lá justamente por causa disso.

— Não acho que todos demonstrem assim a sua tristeza. A dona Alice, por exemplo, não faria isso.

— A dona Alice é uma em mil. Também duvido que fosse ficar muito agitada, por mais triste que estivesse. Diria que foi Deus quem mandou a morte e tentaria descobrir que bem viria dela. Para ela, todo sofrimento traz algum bem. Eu já lhe contei, Mary, o que ela disse um dia, quando me viu preocupada?

— Não; conte. Em primeiro lugar, por que você estava preocupada?

— Não posso dizer agora; talvez daqui a algum tempo.

— Quando?

— Talvez esta noite mesmo, se a vontade me surgir no coração; talvez nunca. É um medo que tenho, no qual às vezes não suporto pensar, mas que às vezes não me sai da cabeça. Bem, eu estava me preocupando com esse medo quando Alice veio me pedir alguma coisa e me encontrou chorando. Eu não quis contar mais do que contei a você, Mary; então ela disse:

“Bem, minha querida, você tem de pensar numa coisa quando quiser se preocupar e se chatear: uma mente ansiosa nunca é uma mente santa.” Ah, Mary, desde que ela disse isso eu já cansei de controlar meus resmungos.

O som monótono da costura foi a única coisa que se ouviu durante algum tempo, até Mary perguntar:

— Você acha que vai receber por estas roupas?

— Não acredito, não. Já pensei nisso algumas vezes e tenho a intenção de pensar que não vou, e que estou fazendo isso para ajudar a confortar a família. Acho que não têm dinheiro para pagar, mas são o tipo de pessoa que vai se sentir melhor se estiver usando luto. Eu só não gosto muito de costurar roupa preta porque me machuca tanto os olhos.

Margaret largou a costura com um suspiro e passou a mão sobre os olhos. Depois disse, num tom mais alegre:

— Você não vai ter de esperar muito, Mary, pois meu segredo está na ponta da minha língua. Mary, sabia que às vezes eu acho que estou ficando um pouco cega? Se for verdade, o que será de mim e do vovô? Ah, Senhor Deus, me ajude!

Ela desatou a chorar, em desespero, e Mary se ajoelhou ao seu lado, tentando consolá-la; mas, por ser inexperiente, o fez negando que o medo de Margaret tivesse fundamento, em vez de se esforçar para ajudá-la a enfrentar aquele mal.

— Não — disse Margaret, encarando Mary com resignação. — Sei que não estou errada. Já sinto isso há muito tempo, muito antes de começar a pensar no que iria dar; e, no outono passado, fui a um médico. Ele não fez rodeios; disse que, a não ser que eu ficasse numa sala escura, com as mãos diante dos olhos, minha vista não ia durar mais muitos anos. E como eu poderia fazer isso, Mary? Em primeiro lugar, o vovô ia descobrir que há algo errado. Ah, ele vai ficar muito triste quando souber! Por isso, quanto mais demorar, melhor. E além do mais, Mary, às vezes nós não temos muito dinheiro e o que eu ganho ajuda muito. Pois o vovô tira um dia aqui, outro ali, para estudar botânica ou caçar insetos, e nem pensa na hora de pagar quatro ou cinco xelins por um espécime. Meu amado avô! Eu não quero pensar em privá-lo de fazer aquilo que lhe dá tanto prazer. Por isso fui a outro médico para ver se conseguia fazê-lo dizer algo diferente; e ele disse: “Ah, é só fraqueza” e me deu um frasco de remédio. Já usei três frascos (e cada um custou dois xelins) e minha vista está muito pior. Não dói mais tanto, mas eu quase não vejo nada. Assim, Mary — continuou ela, fechando um dos olhos —, você fica uma grande sombra preta, com as bordas ondulando e piscando.

— E com o outro, você vê bem?

— Vejo, quase tão bem quanto antes. A única diferença é que, quando costuro durante muito tempo sem parar, um ponto brilhante como o sol aparece bem onde estou olhando; todo o resto fica nítido, a não ser exatamente onde quero ver. Já me consultei com os dois médicos de novo e agora os dois falam a mesma coisa; e acho que estou mesmo ficando cega, e bem depressa. A costura simples paga tão mal, e houve tanto pedido de luto este inverno que eu fiquei tentada a pegar todas as encomendas de roupa preta e agora estou sofrendo por isso.

— E ainda continua a pegar. Se fosse outra pessoa, você chamaria isso de tolice.

— E é, Mary! Mas o que eu posso fazer? Precisamos ganhar nosso pão. Eu acho que vou

ficar cega de qualquer jeito, e além do mais não tenho coragem de contar ao meu avô. Se não fosse por isso, deixava de trabalhar; mas ele vai se preocupar tanto.

Margaret se sacudiu para a frente e para trás, tentando controlar suas emoções.

— Ah, Mary! Eu fico tentando memorizar o rosto dele. Olho para ele sem parar quando não está prestando atenção e depois fecho os olhos para ver se consigo lembrar daquele rosto tão querido. Tem uma coisa, Mary, que me consola um pouco. Você já ouviu falar de Jacob Butterworth, o tecelão cantor? É meu conhecido e, por isso, fui ter com ele e pedi que me ensinasse o jeito certo de cantar. Ele disse que eu tenho uma voz boa e rara; tenho ido lá uma vez por semana para fazer uma aula. Ele já foi um cantor importante. Era o líder do coro nos festivais e já foi elogiado muitas vezes por gente até de Londres; e uma cantora estrangeira, Madame Catalani, se virou e apertou a mão dele na igreja velha, na frente de todo mundo. Ele diz que eu posso ganhar bastante dinheiro cantando, mas não sei se é verdade. De qualquer jeito, é muito triste ficar cega.

Ela pegou a costura, dizendo que seus olhos já estavam descansados e, durante algum tempo, as duas trabalharam em silêncio.

Subitamente, ouviram-se passos no pequeno pátio de pedra; diversas pessoas passaram correndo pela janela de cortinas fechadas.

— Aconteceu alguma coisa — disse Mary.

Ela foi até a porta e, interpelando a primeira pessoa que viu, perguntou o motivo da comoção.

— Ora, menina! Não viu a luz do fogo? Tem um incêndio brabo na fábrica dos Carson.

E lá se foi seu informante, correndo.

— Vamos, Margaret, coloque o chapéu e vamos ver a fábrica da família Carson. Está pegando fogo, e dizem que um incêndio numa fábrica é uma cena inesquecível. Eu nunca vi.

— Mas eu acho que deve ser uma cena aterrorizante. Além do mais, tenho todo este trabalho para fazer.

Mas Mary convenceu-a com seu jeito doce e seus carinhos gentis, prometendo passar a noite toda ajudando com os vestidos; e mais, dizendo que até ia gostar.

A verdade era que o segredo de Margaret era um peso doloroso em sua mente e ela sentia que não tinha capacidade de consolá-la; ademais, queria que a amiga se distraísse; e, além desses sentimentos altruístas, sentia também o desejo que expressara de ver uma fábrica pegando fogo.

Assim, em dois minutos, elas estavam prontas. Na entrada da casa encontraram John Barton, a quem disseram para onde estavam indo.

— A fábrica dos Carson! É, tem uma fábrica pegando fogo em algum lugar, dá para ver pela luz, e vai ser um incêndio tremendo, pois não há nenhuma gota d'água para apagar. E os Carson não vão nem ligar, pois têm seguro e as máquinas de lá são velhas. Eles vão até achar bom, você vai ver. Não vão agradecer a quem tentar apagar.

Ele deu passagem às impacientes meninas. Guiadas pela luz avermelhada, mais do que por um conhecimento exato das ruas que levavam à fábrica, elas correram com as cabeças baixas, enfrentando o terrível vento leste o melhor que puderam.

A fábrica da família Carson tomava todo o comprimento da rua. Paralela à ela ficava uma das avenidas mais antigas de Manchester. Na verdade, toda aquela parte da cidade era comparativamente velha; ali tinham sido construídas as primeiras fábricas de algodão e os becos e ruelas cheios de casas da vizinhança tornavam um incêndio particularmente aterrorizante. A escada da fábrica situava-se na entrada do lado oeste, que dava numa rua larga e malcuidada onde quase só havia bares, lojas de penhores, ferros-velhos e mercadinhos sujos. Já o lado leste dava numa ruela muito estreita, com pouco mais de 5 metros de largura, muito mal-iluminada e calçada. Encostada nesse lado da fábrica ficava a última casa da rua principal — uma casa que, pelo tamanho, a bela fachada de pedra e os ornamentos na entrada, um dia provavelmente pertencera a um cavalheiro. Mas, agora, a luz que saía de suas enormes janelas frontais mostrava o interior de uma sala esplendidamente decorada, com paredes pintadas, recessos flanqueados por pilastras, lindos detalhes dourados e clientes emaciados e melancólicos. Era um sofisticado bar.

Mary quase desejou estar longe dali, tão aterrorizante (como dissera Margaret) era a cena que viram quando se juntaram à multidão reunida para ver o incêndio. Um murmúrio de muitas vozes tinha início sempre que as chamas altas desapareciam por um instante. Era fácil perceber que a massa estava profundamente interessada.

— O que eles estão dizendo? — perguntou Margaret, sobre uma mulher ao seu lado na multidão ao perceber algumas palavras em meio aos sussurros gerais.

— Não é possível que tenha alguém dentro da fábrica! — exclamou Mary, no instante em que o mar de rostos voltados para cima se virou num só movimento para o lado leste, olhando para a rua Dunham, aquela ruela já mencionada.

No lado oeste da fábrica, para onde as chamas estavam sendo levadas pelo vento, havia um teto e torres de fogo triunfante. As chamas infernais saíam de cada janela, lambendo as paredes negras com uma ferocidade amorosa; elas eram sopradas e quase apagadas pelas rajadas de vento, mas então se erguiam mais e mais alto, rugindo e destruindo tudo com selvageria. Essa parte do teto ruiu com um estrondo ensurdecedor enquanto a multidão se espremia até a rua Dunham, pois o que são chamas terríveis e magníficas — o que são vigas que caem e paredes que desabam em comparação com a vida humana?

Lá, onde o fogo devorador tinha sido vencido por um vento ainda mais forte, mas onde a fumaça negra ainda saía de todas as fendas — lá, numa das janelas do quarto andar, ou melhor, numa das portas, diante da qual havia um guindaste para suspender objetos, era possível ver, de tempos em tempos, quando o fumo espesso se dissipava por um instante, as silhuetas suplicantes de dois homens. Tinham permanecido no local depois que os outros funcionários foram embora por um motivo qualquer e, como o vento levava as chamas para a direção oposta, não tinham visto nem ouvido nada que os alarmasse, vendo o incêndio apenas um longo tempo (se é que se pode falar em longo tempo ao se referir àquela sucessão de horrores que ocorrera em menos de meia hora) depois que este já consumira a velha escada de madeira na outra ponta do prédio. Talvez tenha sido o som dos passos da multidão que corria lá embaixo que os fez tomar consciência da posição terrível em que se encontravam.

— Onde estão os carros de bombeiro? — perguntou Margaret às pessoas em volta.

— Devem estar vindo; mas faz menos de dez minutos que percebemos que tinha um incêndio; ele se espalhou muito depressa com todo esse vento e tudo tão seco.

— Ninguém foi pegar uma escada? — exclamou Mary, pois era possível ver, ainda que não ouvir, os homens implorando ajuda à multidão lá embaixo.

— Sim, o filho de Wilson e outro homem saíram a toda há menos de cinco minutos. Mas os pedreiros, os telhadores e outros operários do tipo já foram embora e trancaram suas lojas.

Wilson, então, era aquele homem cuja silhueta assomava contra a luz quente e cada vez mais forte atrás, sempre que a fumaça se dissipava? George Wilson? Mary foi tomada pelo terror. Sabia que ele trabalhava para a Carson; mas, de início, não tivera ideia de que havia alguma vida em perigo; e, desde que descobrira isso, o ar abafado, as chamas que rugiam, a luz estonteante e a multidão agitada que murmurava tinham-na deixado perplexa.

— Ah! Vamos para casa, Margaret. Não posso ficar aqui.

— Não podemos ir! Estamos espremidas pelo povo. Pobre Mary! Nunca mais vai querer ver um incêndio. Atenção! Ouça!

Pois, em meio à multidão apavorada que se ajuntava em torno do fábrica e por toda a rua Dunham, ouviu-se o estrépito do carro de bombeiros, os passos pesados e rápidos dos cavalos carregados.

— Graças a Deus, o carro de bombeiros chegou — disse a pessoa ao lado de Margaret.

Então houve uma pressão em toda a multidão, com as primeiras fileiras se apertando contra as de trás, até que as meninas começaram a se sentir sufocadas. Mas depois as pessoas se espalharam e elas puderam respirar bem de novo.

— É o jovem Wilson e um bombeiro com uma escada — dizia a pessoa ao lado de Margaret, um homem alto que conseguia enxergar no meio da multidão.

— Ah, por favor, nos diga o que você está vendo! — implorou Mary.

— Eles encostaram a escada na parede do bar. Um dos operários da fábrica caiu para trás; deve estar tonto com a fumaça, aposto. O chão não desabou naquele pedaço. Meu Deus! — exclamou o homem, olhando para baixo. — A escada é curta demais! Esses não vão se salvar, coitados. O fogo está vindo para essa ponta e, antes de chegar água ou outra escada, já vão estar mortinhos. Que Deus tenha piedade deles!

Um soluço parecido com um lamento de mulher foi ouvido no silêncio da multidão. Outra pressão, igual à primeira! Mary se agarrou ao braço de Margaret e quis desmaiar, perder os sentidos, para escapar do sofrimento opressor de suas sensações. Um minuto se passou.

— Levaram a escada para o templo de Apolo. Não conseguem voltar com ela para o pátio.

Ouviu-se um grito potente; um som de acordar os mortos. Lá em cima, tremendo no ar, viu-se a ponta da escada, saindo pela janela da água-furtada, no frontão do bar, quase imediatamente diante da porta onde os homens tinham sido vistos. As pessoas na multidão que estavam mais próximas da fábrica e que, portanto, podiam ver melhor pela janela da água-furtada, contaram que diversos homens estavam segurando uma ponta da escada e guiando-a para que passasse pela porta. O caixilho da janela fora tirado da parede antes que a multidão tivesse tempo de ver o que estava acontecendo.

Após algum tempo — que pareceu longo, medido pelas batidas dos corações, embora não

tenha durado mais do que dois minutos —, a escada foi presa, uma ponte suspensa de uma altura estonteante, atravessando a rua estreita.

Todos os olhos se fixaram nela sem piscar de ansiedade, e até mesmo as respirações cessaram com o suspense. Não era possível ver os homens, mas, naquele momento, o vento parecia mais forte do que nunca, expulsando as chamas invasoras para o outro lado.

Mary e Margaret podiam ver agora; bem acima delas estava a escada, dançando ao vento. A multidão empurrava lá embaixo; capacetes de bombeiros estavam visíveis na janela, segurando firme a escada, quando um homem, com passos seguros e rápidos e a cabeça ereta, passou de um lado a outro. A multidão nem ousou sussurrar enquanto ele cruzava a perigosa ponte, que tremeu aos seus pés; mas, quando chegou ao outro lado, na comparativa segurança da fábrica, ouviu-se um viva por um instante, que logo, no entanto, silenciou, devido à incerteza do resultado e ao desejo de não prejudicar de nenhuma maneira os nervos do rapaz corajoso que arriscara tanto a vida.

— Lá está ele de novo! — exclamaram diversas pessoas ao vê-lo na porta, parado, como quem desejava respirar um pouco de ar mais fresco antes de ter confiança o suficiente para atravessar de volta. Nos ombros, levava um homem desmaiado.

— É Jem Wilson e o pai — sussurrou Margaret; mas Mary já os reconhecera.

O povo ficou doente de terror e ansiedade. Jem não podia mais se equilibrar com os braços; tudo dependia dos nervos e dos olhos. Esses últimos estavam fixos adiante, algo que a multidão viu pela posição da cabeça dele, que nem sequer estremeceu. A escada sacudiu com o peso duplo; mas, ainda assim, Jem não mexeu a cabeça — não ousava olhar para baixo. A sensação foi de que uma eternidade se passara antes que ele conseguisse atravessar. Afinal, a janela foi alcançada; alguém tomou o fardo dos braços de Jem; e ele e o pai desapareceram.

Então, a multidão pôde gritar; e, mais alto que o clamor das chamas e os uivos do vento poderoso, ressoou a tremenda salva de palmas pelo sucesso daquela corajosa empreitada. Alguém gritou, perguntando:

— O velho está vivo? Vai sobreviver?

— Está — respondeu um dos bombeiros para a multidão expectante. — Está se recuperando bem, agora que bebeu um pouco de água gelada.

Ele recolheu de novo a cabeça; e as perguntas ansiosas, os gritos, os murmúrios que rumorejavam como ondas quebrando no mar daquela massa movediça e oscilante ressurgiram — mas apenas por um instante. Em muito menos tempo até do que eu levei tentando descrever brevemente esse interregno, o mesmo herói valente voltou a pisar sobre a escada, com o evidente propósito de resgatar o homem que ainda permanecia na fábrica em chamas.

Ele atravessou com os mesmos passos velozes e firmes que antes. As pessoas lá embaixo, um pouco menos ansiosas devido a seu sucesso prévio, estavam conversando umas com as outras, gritando informações sobre o progresso do fogo no outro lado da fábrica e relatando as tentativas que os bombeiros faziam para obter água naquela extremidade, enquanto a massa humana compacta ondulava e oscilava. Foi diferente do silêncio absoluto e aterrador de antes. Não sei se foi por causa disso, ou por ter se lembrado do perigo pelo qual passara, ou por ter olhado para baixo, no momento em que respirava antes de voltar com a pessoa que restara (um

homem pequeno e franzino) carregada nos ombros, os passos de Jem Wilson estavam menos firmes; seu caminhar, mais incerto. Ele pareceu tatear com o pé pelo degrau seguinte da escada, hesitar e, afinal, estacar na metade do caminho. Àquela altura, a multidão estava paralisada; durante aquele terrível intervalo, ninguém ousou dizer nada, nem sequer para encorajar. Muitos foram tomados pelo pavor e fecharam os olhos para evitar ver a catástrofe que temiam. Ela aconteceu. O bravo homem oscilou, primeiro levemente, como se estivesse apenas se equilibrando; mas era evidente que estava perdendo a coragem, talvez até a cabeça; o mais espantoso foi que o instinto animal de autopreservação não tenha sido mais forte que qualquer impulso generoso, impelindo-o a soltar o corpo inanimado que carregava; talvez o mesmo instinto tenha lhe dito que a perda súbita de um peso tão grande seria, em si, um enorme perigo iminente.

— Ajudem! Ela desmaiou! — exclamou Margaret. Mas ninguém ouviu. Todos os olhos estavam voltados para cima. A essa altura uma corda com um nó corrediço na ponta foi habilmente atirada por um dos bombeiros, como se fosse um laço, sobre as cabeças e em torno dos corpos de ambos os homens. É verdade que a corda ficou mal presa; mas, ainda assim, serviu para estabilizar e guiar; estimulou a coragem que falhava, a cabeça que tonteava. Mais uma vez, Jem seguiu adiante. Não foi apressado por nenhum puxão ou arranco. De maneira lenta e gradual a corda foi sendo puxada e, assim, Jem deu os quatro ou cinco passos que se colocavam entre ele e a segurança. A janela foi alcançada, e todos foram salvos. A multidão na rua chegou a dançar de triunfo, dando tantas vivas e gritos que quase parecia que as gargantas de todos iam rebentar; então, com a inconstância de interesse característica de qualquer massa de gente, saiu andando aos trancos e empurrões, praguejando e vociferando, na sua pressa de deixar a rua Dunham e voltar para o lado do incêndio, cujas chamas urravam, acompanhando com seu som terrível os berros e as imprecações do povo.

Quando eles se afastaram, Margaret permaneceu, lívida e quase desabando com o peso do corpo de Mary, que mantivera ereto envolvendo firmemente com os braços a cintura da amiga, por temer, com razão, que esta fosse pisoteada por pés distraídos.

Com a aglomeração dispersa, no entanto, deitou-a gentilmente sobre a calçada fria e limpa; e a mudança de postura, junto com a diferença de temperatura, agora que as pessoas não estavam mais tão próximas, ajudaram-na a recobrar a consciência rapidamente.

Seu primeiro olhar foi de perplexidade e incerteza. Esquecera onde estava. Seu leito frio e duro pareceu-lhe estranho; o clarão tenebroso no céu a assustou. Ela fechou os olhos para pensar, para lembrar.

Seu segundo olhar foi para cima. A assustadora ponte fora retirada; não havia ninguém na janela.

— Estão todos a salvo — disse Margaret.

— Todos? Todos mesmo, Margaret? — perguntou Mary.

— Pergunte àquele bombeiro e ele saberá dizer melhor do que eu. Mas tenho certeza de que todo mundo se salvou.

O bombeiro corroborou apressadamente as palavras de Margaret.

— Por que vocês deixaram Jem Wilson entrar duas vezes?

— Deixamos o quê! Ninguém conseguiu impedir. Assim que ouviu o pai dizer alguma coisa (o que não demorou muito), Jem Wilson saiu como um raio. Só disse que sabia melhor do que nós onde encontrar o outro homem. Todos teríamos ido, se ele não tivesse sido tão rápido, pois ninguém pode dizer que os bombeiros de Manchester fogem do perigo.

Após afirmar isso, o homem saiu correndo; e as duas moças, sem nenhum comentário, foram andando para casa. Foram alcançadas por George Wilson, que estava pálido, sujo de fuligem e com os olhos lacrimejantes, mas parecia tão forte e saudável quanto antes. Ele se demorou por um ou dois minutos ao lado delas, explicando por que tinha ficado até mais tarde na fábrica; depois desejou-lhes boa-noite apressadamente, dizendo que precisava ir para casa dizer à sua senhora que estava vivo e bem; mas, após dar alguns passos, se virou, postou-se na calçada ao lado de Mary e, num sussurro enfático, que Margaret não conseguiu deixar de ouvir, disse:

— Mary, se você cruzar com meu filho esta noite, seja boazinha com ele, por mim. Por favor! Deus lhe abençoe.

Mary baixou a cabeça e não respondeu nada; e, num instante, ele desapareceu.

Quando as meninas chegaram em casa, encontraram John Barton fumando cachimbo, sem querer fazer perguntas, mas muito disposto a ouvir todos os detalhes que elas pudessem dar. Margaret relatou a história toda e foi divertido ver o interesse e a excitação dele irem crescendo aos poucos. Primeiro, as baforadas foram ficando mais espaçadas, até cessarem. Depois, o cachimbo foi tirado da boca e ficou suspenso no ar. Afinal, John Barton se levantou e, a cada nova informação, se aproximava um passo da narradora.

No final, jurou (o que não fazia com frequência) que, se Jem Wilson quisesse se casar com Mary, podia levá-la amanhã mesmo, ainda que não tivesse um centavo para sustentá-la.

Margaret riu, mas Mary, já recuperada de sua agitação, emburrou e ficou zangada.

O trabalho que elas tinham largado foi reiniciado: quando o coração está transbordando, porém, os dedos nunca são ágeis; e eu lamento informar que, devido ao incêndio, as duas filhas mais novas da Sra. Ogden ficaram tão tristes com a perda de seu excelente pai que não conseguiram fazer uma aparição em meio ao pequeno círculo de amigos que se reuniu para dar condolências, confortar a viúva e participar do velório.

9. Trecho de “The Splendid Village” [A aldeia esplêndida], de Ebenezer Elliott. (*N. da T.*).

10. Sir James Edward Smith (1759-1828), botânico britânico. (*N. da T.*).

11 William Roscoe (1753-1831), amigo de Sir Edward e um dos colaboradores da sociedade de botânica que ele fundou. (*N. da T.*).

Pobreza e morte

Quão pouco pode saber o rico
Do que sente o pobre
Quando a privação, como um demônio
Se aproxima cada vez mais!

Ele nunca saiu pelas ruas, cansado
Procurando por trabalho
Ficando doente ao ouvir a resposta
Que dizia que fora tudo em vão

Jamais, com dor nos pés e no coração
Enfrentou o vento do inverno
Para chegar a um porão úmido e escuro
Sem fogo, nem comida

Nunca viu seus amados, trêmulos
Deitados numa cama de palha
Nunca ouviu a súplica enlouquecedora:
Papai, me dê um pedaço de pão!

“Canção de Manchester”

John Barton não estava muito errado em pensar que os Carson não ficariam muito tristes com as consequências do incêndio em sua fábrica. Tinham um bom seguro; e as máquinas não contavam com as melhorias dos últimos anos e trabalhavam mal em comparação com aquelas que agora poderiam ser compradas. Acima de tudo, os negócios andavam mal; não havia mercado para o algodão e a maioria dos produtos permanecia empilhada nos depósitos. As fábricas só funcionavam para manter as máquinas, tanto de metal quanto humanas, em alguma ordem, prontas para serem usadas em tempos melhores. Por isso, os Carson consideraram que aquela era uma excelente oportunidade para equipar sua fábrica com tecnologias de primeira

linha, para as quais o dinheiro do seguro seria mais do que suficiente. Não tinham pressa, no entanto. O ônus semanal dos salários dos trabalhadores, inúteis no estado atual do mercado, cessou. Os sócios passaram a ter mais tempo livre do que em qualquer outro momento dos últimos anos; e prometeram a suas mulheres e filhas que fariam toda sorte de passeios agradáveis quando o tempo fosse mais favorável. Era simpático poder se demorar à mesa do café, com uma revista ou um jornal na mão; ter tempo para conhecer melhor as filhas afáveis e prendadas que tinham recebido a melhor educação que o dinheiro podia comprar, mas cujos pais, após passarem longos dias em meio a peças de chita e contadores, quase nunca podiam desfrutar de seus talentos. Ocorreram muitas noites felizes passadas em família, agora que os homens de negócios tinham tempo para as distrações domésticas. Mas há outro lado na história. Em alguns lares, o incêndio da fábrica da família Carson fez surgir uma melancolia profunda e terrível; os lares daqueles que preferiam trabalhar, mas que não tinham oferta de trabalho — os lares daqueles para quem o tempo livre era uma maldição. Lá, a única melodia que se ouvia era a dos gemidos de fome, quando, semana após semana, o tempo passava sem que houvesse trabalho e, portanto, sem que houvesse dinheiro para pagar pelo pão implorado pelas crianças, na sua impaciência com o sofrimento. Não havia café diante do qual se demorar; eles se demoravam na cama, tentando se aquecer em meio àquele clima cruel de março e, com a imobilidade, aquietar o lobo que lhes roía o estômago. Muitas moedas que não teriam comprado muita aveia ou muitas batatas eram usadas para comprar ópio para aquietar as crianças famintas e fazer com que esquecessem sua agonia num sono pesado, porém inquieto. Era por misericórdia que o faziam. O pior e o melhor da nossa natureza surgiram com mais força. Havia pais desesperados; mães amargas (Meu Deus! Quem se surpreende com isso?); crianças imprudentes; os laços mais profundos foram cortados nessa época de provação e angústia. Havia uma fé que os ricos não podem imaginar nesta terra; um amor tão forte quanto a morte; e atos de altruísmo entre homens rudes e simples que eram similares aos feitos mais gloriosos de Sir Philip Sidney¹². Os vícios dos pobres muitas vezes nos deixam perplexos; mas quando os segredos de todos os corações forem revelados, suas virtudes nos espantarão muito mais. Disso, eu tenho certeza.

Quando chegou a primavera fria e desoladora (que de primavera só tinha o nome, mais nada), e quando o mercado, por consequência, continuou ruim, outras fábricas diminuíram as jornadas, despediram empregados e, finalmente, fecharam por completo.

Barton trabalhou em meio período; enquanto Wilson, por ser empregado da fábrica dos Carson, é claro, não trabalhou. Seu filho, porém, que trabalhava para uma empresa de engenharia e era um bom funcionário, ganhava bem o suficiente para sustentar toda a família, ainda que sem abundância. Mas Wilson ficava perturbado por dever tanto ao filho. Ficou deprimido e desanimado. Barton se tornou sorumbático e ressentido com a humanidade como um todo e com os ricos em particular. Certa noite, quando a luz clara das 6 horas da tarde formava um contraste extraordinário com o frio do Natal e o vento cruel penetrava por todas as janelas e frestas da casa, Barton cismava diante de um fogo baixo, esperando ouvir os passos de Mary, numa confiança tácita de que sua presença o alegraria. A porta foi aberta e Wilson entrou, ofegante.

— Você não tem um pouco de dinheiro para emprestar, tem, Barton? — perguntou.

— Eu, não; e quem tem hoje em dia, posso saber? Você quer para quê?

— Não é para mim; e olhe que lá em casa não temos nenhum. Você conhece Ben Davenport, que trabalhava na Carson? Ele está doente, com febre, e não tem nem um pedaço de lenha e nem uma batata para comer em casa.

— Não tenho dinheiro nenhum, já disse — repetiu Barton.

Wilson ficou desapontado. Barton tentou não se interessar, mas não conseguiu, apesar do mau humor. Ele se levantou e foi até o armário das louças (que, antigamente, era o orgulho de sua mulher). Lá dentro estava o resto do seu almoço, reservado para o jantar: pão e uma fatia de bacon cozido bem gordo. Barton embrulhou tudo no lenço, colocou dentro do chapéu e disse:

— Vamos indo.

— Indo? Você vai trabalhar a essa hora?

— Não, seu burro, claro que não. Vamos ver o camarada de quem você falou.

Assim, eles colocaram os chapéus e foram. No caminho, Wilson contou que Davenport era um homem bom, embora “gostasse demais desses negócios de metodista”; que seus filhos eram novos demais para trabalhar, mas não para sentir frio e fome; que eles tinham ficado cada vez mais pobres, penhorando primeiro uma coisa, depois a outra, e que agora moravam num porão na rua Berry, que dava na rua Store. Barton grunhiu palavras não muito benevolentes sobre boa parte da humanidade, e assim eles foram até chegarem à rua Berry. Era uma rua de terra; atravessada ao meio por uma grossa vala que, aqui e ali, formava poças nos abundantes buracos. Nunca a frase que se ouvia em Edimburgo, *Gardez l'eau*¹³ foi mais necessária do que nessa rua. Enquanto eles passavam, mulheres chegavam às portas e despejavam *diversos* tipos de água suja na vala; a água então corria até a próxima poça, que transbordava e estagnava. Pilhas de excrementos formavam ilhas onde qualquer transeunte que se importasse minimamente com o asseio cuidava para não pôr o pé. Nossos amigos não eram delicados, mas até mesmo eles foram escolhendo onde pisar até chegar a alguns degraus que desciam até uma pequena área. Ali, uma pessoa em pé ficaria cerca de 30 centímetros abaixo do nível da rua, podendo ao mesmo tempo, sem mover o corpo, tocar a janela do porão e a parede úmida e enlameada em frente. Mesmo daquela área fétida, era preciso descer mais um degrau para chegar ao portão onde vivia uma família de seres humanos. Era muito escuro lá dentro. Muitos dos vidros das janelas tinham sido quebrados e havia farrapos enfiados nos buracos, o que já seria motivo suficiente para a obscuridade presente em todo o ambiente, mesmo ao meio-dia. Após a descrição que eu dei do estado da rua, ninguém ficará surpreso em saber que, ao entrar no porão, sentia-se um cheiro tão repulsivo que os dois homens quase perderam os sentidos. Recuperando-se depressa, como acontece com aqueles que já estão acostumados a esse tipo de coisa, eles começaram a penetrar a escuridão fechada do recinto e viram três ou quatro crianças pequenas, rolando no chão úmido, ou melhor, molhado, pelo qual penetrava o líquido estagnado e imundo da rua; a lareira estava negra e vazia; a mulher, sentada no catre do marido, chorando na escuridão desoladora.

— Estou de volta, minha senhora. Silêncio, crianças, não incomodem sua mãe pedindo pão.

Esse camarada aqui trouxe um pouco para vocês.

À luz fraca, que era o mesmo que escuridão para estranhos, as crianças rodearam Barton e arrancaram de suas mãos a comida que ele trouxera. Era um pedaço grande de pão, mas desapareceu num instante.

— Precisamos fazer alguma coisa por eles — disse Barton para Wilson. — Fique aqui, que eu volto daqui a meia hora.

Ele voltou para casa a passos largos, chegando até a correr. Colocou naquele utilíssimo lenço de bolso a pequena refeição que ainda restara no armário. Mary ia tomar chá no ateliê da Srta. Simmonds; tinha a comida do dia garantida. Depois, subiu para pegar seu casaco mais novo e o único lenço de seda que tinha, um bem alegre, amarelo e vermelho — aquelas eram suas joias, sua prataria, todas as suas riquezas. Foi à loja de penhores; penhorou ambos por cinco xelins; e não parou, nem hesitou, até se ver na estrada Londres, a uma caminhada de cinco minutos da rua Berry — só então caminhou mais devagar, para procurar as lojas que queria. Comprou carne, uma broa de pão, velas, batata portuguesa e, num mercadinho, alguns quilos de carvão. Ainda restava um pouco de dinheiro — tudo destinado a eles, mas Barton ainda não sabia a melhor maneira de gastá-lo. Comida, luz e calor, vira imediatamente que eram necessários; pelos luxos, iria esperar. Os olhos de Wilson se encheram de lágrimas quando ele viu Barton entrar com suas compras. Compreendeu tudo e ansiou por voltar ao trabalho, de modo a poder ajudar nessas coisas materiais sem sentir que estava usando o dinheiro do filho. Mas, embora não tivesse prata nem ouro, dava bondade e carinho, o que tinha muito mais valor. E John Barton também tinha isso a oferecer. A “febre” era, como em geral ocorre em Manchester, uma febre baixa e pútrida, como a febre tifoide; um resultado das condições de vida miseráveis, da vizinhança imunda e de uma enorme depressão mental e física. É virulenta, maligna e altamente contagiosa. Mas os pobres são fatalistas em relação à infecção; e que bom que seja assim, pois em suas pequenas moradias nenhum inválido pode ser isolado dos demais. Wilson perguntou a Barton se ele achava que aquilo pegava e foi caçoado em resposta.

Os dois homens, dois enfermeiros rudes, mas ternos, acenderam o fogo, que encheu o cômodo de fumaça, como se não soubesse como subir pela chaminé molhada e sem uso. Até a fumaça pareceu purificar aquele ar espesso e úmido. As crianças voltaram a exigir pão; mas, dessa vez, Barton primeiro levou um pedaço para aquela pobre mulher, indefesa e sem esperanças, ainda sentada na cabeceira do marido, ouvindo seus murmúrios ansiosos e desesperados. Ela pegou o pão quando este foi colocado em sua mão e arrancou um pedaço, mas não conseguiu comer. Estava além da fome. Ela desmaiou, caindo no chão com um baque forte. Os dois homens ficaram sem saber o que fazer.

— Está quase morta de fome — disse Barton. — O povo diz mesmo que não se deve dar coisa demais de comer a quem está muito faminto; mas ela não comeu foi nada.

— Já sei o que fazer — disse Wilson. — Vou levar esses dois grandalhões aqui, que só fazem brigar, para passar a noite lá com a minha senhora, e pego uma jarra de chá. Essas mulheres sempre gostam mais de beber chá e essas porcarias do que de comer.

Assim, Barton ficou sozinho com uma criança pequena que (depois de terminar de comer)

não parava de chorar pela mamãe; com uma mulher desmaiada, como que morta; e com o homem doente, cujos murmúrios estavam ficando mais fortes e se tornando gritos de angústia e ansiedade. Ele levou a mulher para perto do fogo e esfregou suas mãos. Olhou em torno, procurando algo que pudesse ser usado para manter a cabeça dela erguida. Não havia literalmente nada no cômodo além de alguns tijolos soltos. Eles, no entanto, iam servir; e, tirando o casaco, Barton cobriu-os o melhor que pôde. Aproximou os pés da mulher do fogo, que já começava a irradiar um pouco de calor. Procurou água, mas a coitada estivera fraca demais para se arrastar até a bomba distante e, por isso, não havia nenhuma. Ele agarrou a criança, correu pela escada até o quarto de cima e pegou emprestada sua única panela com um pouco de água dentro. Então, com a habilidade de um trabalhador, começou a fazer um pouco de mingau; e, após completar às pressas essa tarefa, pegou uma velha colher de ferro (que fora mantida, mesmo depois que muitos outros pequenos objetos tinham sido vendidos para o ferro-velho) usada para alimentar o bebê e, com ela, forçou uma ou duas gotas da mistura por entre os dentes cerrados. A boca se abriu mecanicamente para receber mais e, aos poucos, a mulher reviveu. Ela se sentou e olhou ao redor. Lembrando-se de tudo, voltou a cair num desespero débil e passivo. Seu filhinho engatinhou para perto e, com os dedos, limpou as lágrimas grossas que a mulher agora tinha forças para derramar. Já passara da hora de cuidar do homem. Ele estava deitado numa cama de palha tão úmida e bolorenta que até um cão teria preferido dormir numa laje de pedra; sobre a palha estava um pedaço de anagem, tocando o corpo esquelético; sobre o homem, tinham sido empilhadas todas as peças de roupa das quais a mulher e os filhos tinham podido abrir mão naquele clima cruel; e, junto com as roupas dele, elas talvez tivessem conseguido lhe dar o calor de um único cobertor, caso fossem mantidas no lugar; mas ele se debatia tanto que caíam no chão, deixando-o trêmulo apesar da pele que ardia de tão quente. De tempos em tempos, o homem ficava sentado na cama em sua loucura nua, parecendo um profeta do sofrimento nas histórias aterradoras sobre a peste; mas logo voltava a se deitar, exausto, e Barton viu que era preciso prestar atenção nele, para que, numa dessas quedas, não se machucasse, batendo contra o chão duro de tijolo. Ele ficou aliviado quando Wilson reapareceu, trazendo nas mãos uma jarra de chá fumegante. Sua intenção era dá-lo à pobre mulher; mas, quando o homem, em seu delírio, viu algo de beber, agarrou o líquido com um instinto animal, com um egoísmo que nunca demonstrara quando estava com saúde.

Então os dois homens confabularam. Pareceu estar decidido, sem que uma palavra fosse dita sobre o assunto, que ambos passariam a noite com o desgraçado casal; aquilo já estava resolvido. Mas será que era impossível chamar um médico? Provavelmente, sim; no dia seguinte eles teriam de implorar por um pedido de leito¹⁴ na enfermaria, mas, enquanto isso, a única consulta médica que poderiam obter seria do boticário. Por isso, Barton (que estava com o dinheiro) saiu para encontrar uma botica na estrada de Londres.

É bonito andar por uma rua com as lojas acesas; a luz a gás é tão brilhante e as vitrines com as mercadorias ficam muito mais vívidas do que durante o dia; e, de todas as lojas, uma botica é a que mais nos faz lembrar das histórias da nossa infância, desde o jardim de frutas encantadas de Aladim até a encantadora Rosamund com sua jarra roxa.¹⁵ Barton não fez essas associações; no entanto, sentiu o contraste entre as lojas cheias e bem-iluminadas e o porão sombrio e

melancólico, e ficou mal-humorado por esses contrastes existirem. Eles são o mistério da vida para muitos além dele. Barton se perguntou se alguém ali naquela multidão viera de um lugar tão triste quanto ele. Achou que todos pareciam felizes e sentiu raiva deles. Mas não era possível para ele, como não é para ninguém, adivinhar a sorte daqueles que passam na rua. Como saber os dramas profundos de suas vidas? As provações, as tentações que naquele instante até eles suportam ou resistem, ou que os subjugam? Talvez você leve uma cotovelada de uma moça desesperada no seu abandono, mostrando uma alegria louca com o gesto externo, enquanto a alma anseia pelo descanso dos mortos e pensa na correnteza fria do rio como a única misericórdia de Deus que ainda lhe resta. Talvez passe pelo criminoso, premeditando crimes que lhe darão arrepios no dia seguinte, quando estiver lendo sobre eles. Pode empurrar alguém humilde e ignorado, o último na terra, que no céu estará para sempre à luz imediata do rosto de Deus. Atos de misericórdia, atos pecaminosos — você já parou para pensar para onde vão as milhares de pessoas que encontra todos os dias? O ato de Barton era de misericórdia; mas seu coração estava maculado pelo pecado, pelo ódio amargo dos felizes, que ele, naquele momento, confundia com os egoístas.

Barton chegou à botica e entrou. O boticário (tão polido que parecia ter sido untado com seu próprio espermacete) ouviu atentamente a descrição dos sintomas da doença de Davenport; concluiu que era febre tifoide, muito comum naquela vizinhança, e pôs-se a preparar um frasco de remédio, uma solução de ácido nítrico ou outra poção inocente qualquer, muito boa para resfriados leves, mas sem nenhum poder de parar, mesmo que por um instante, a febre intensa do pobre homem a quem deveria aliviar. Ele recomendou a mesma providência que Barton e Wilson já tinham decidido tomar, ou seja, pedir um leito na enfermaria na manhã seguinte; e Barton deixou a botica com uma fé confortável no remédio que lhe fora dado; pois os homens de sua classe, quando acreditam na medicina, acreditam que todos os remédios são igualmente eficazes.

Enquanto isso, Wilson fizera tudo o que podia na casa dos Davenports. Acalmara e cobrira o homem muitas vezes; alimentara e aquietara a criancinha e dissera palavras de carinho para a mulher, que continuava paralisada de fraqueza e cansaço. Tinha aberto uma porta, mas apenas por um instante; ela dava num sótão dos fundos que tinha uma grade em vez de uma janela, por onde era atirada a sujeira dos chiqueiros e outras abominações. O chão era de terra e tinha se transformado numa massa de lama malcheirosa. Nunca tinha sido usado: não havia sequer um móvel ali. Além do mais, um ser humano não teria conseguido viver naquele lugar durante muitos dias — um porco, muito menos. No entanto, o “aposento dos fundos” contava na hora de pagar o aluguel. Os Davenports pagavam três centavos a mais por terem dois cômodos. Quando ele se virou de novo, viu a mulher amamentando a criança no peito seco e murchado.

— Não é possível que esse menino ainda mame! — exclamou, surpreso. — Ora, quantos anos ele tem?

— Quase dois — respondeu a mulher, com a voz fraca. — Ah, mas isso aquietta o menino quando eu não tenho mais nada para dar, e ele acaba dormindo um pouco, mesmo que não mate a fome. Nós fazemos de tudo para dar comida para as crianças, mesmo quando estamos passando fome.

— Vocês não receberam dinheiro da prefeitura?

— Não. Meu marido nasceu em Buckinghamshire; e tem medo de que a prefeitura lhe mande de volta para sua paróquia se nós formos fazer o pedido. De modo que aguentamos, na esperança de que ia melhorar. Mas acho que não vou viver para ver isso!

E a pobre mulher voltou a dar seus soluços débeis e agudos.

— Tome aqui, coma um pouco de mingau e tente dormir um pouco. Eu e John vamos ficar cuidando do seu marido esta noite.

— Que Deus abençoe vocês.

Ela terminou de comer o mingau e caiu num sono profundo. Wilson cobriu-a o melhor que pôde com o casaco e tentou pisar leve, temendo perturbá-la; mas não precisava ter se preocupado com isso, pois seu sono foi pesado de exaustão. A mulher só se levantou uma vez, para puxar o casaco para cima do filho pequeno.

E agora os cuidados de Wilson, e os de Barton também, foram necessários para conter a agonia insana do homem febril. Ele se ergueu com um sobressalto, gritou, parecia enfurecido com uma ansiedade absoluta. Praguejou e blasfemou, para surpresa de Wilson, que sabia como ele era pio normalmente e desconhecia a língua sem freios do delírio. Afinal, pareceu exausto e caiu no sono; e Barton e Wilson se aproximaram do fogo e conversaram aos sussurros. Sentaram no chão, pois não havia cadeiras; e a única mesa era uma banheira velha virada de cabeça para baixo. Apagaram a vela e conversaram à luz bruxuleante da fogueira.

— Você conhece esse camarada há muito tempo?

— Há mais de três anos. Ele ficou esse tempo todo na fábrica dos Carson e sempre foi um rapaz trabalhador e educado, embora, como eu disse antes, gostasse demais desses negócios de metodista. Queria poder mostrar uma carta que ele mandou para sua senhora há uma ou duas semanas, quando estava batendo perna para ver se encontrava trabalho. Foi bom para o meu coração ler. Eu andava meio aperreado, pensando que não era fácil estar dependendo de Jem e pegando o dinheiro suado dele para me sustentar e alimentar minha família. Mas você sabe, não é porque eu não estou ganhando nada que não preciso comer. Bem, como eu disse, eu andava chateado quando ela — continuou Wilson, indicando a mulher que dormia — me trouxe a carta, pois não sabe ler sozinha. Foi que nem ler a Bíblia; nem uma palavra de raiva; só dizendo que Deus é nosso pai e que nós temos de ter paciência com o que Ele manda.

— E Deus também não é pai dos patrões? Esse tipo de irmão eu não quero.

— Ah, John! Não fale assim. Olhe que deve ter muito patrão por aí que é tão bom quanto a gente, ou melhor.

— Se você acha isso, então me diga: por que eles são ricos, e nós, pobres? Eles fazem por nós o que nós fazemos por eles?

Mas Wilson não sabia argumentar; não era bom de discurso, como ele próprio dizia. E Barton, vendo que provavelmente ia levar a melhor, continuou:

— Você vai dizer (como muita gente diz) que eles têm capital, e nós não. Eu digo que nosso trabalho é nosso capital e a gente dizia receber juros por ele. Eles recebem juros pelo seu capital nessas épocas, enquanto o nosso fica parado. Senão, como iam conseguir viver do jeito que vivem? Além do mais, muitos não tinham nada no começo: os Carson, os Duncombe, os

Mengy e muitos outros que vieram para Manchester só com a roupa do corpo e mais nada. E agora valem dez, vinte, trinta mil, tudo conseguido com o nosso trabalho. Ora, até a terra que valia sessenta libras há vinte anos agora vale dez vezes mais, e isso também é por causa do nosso trabalho. Mas olhe para você, olhe para mim e olhe para o pobre Davenport ali. Nossa vida ficou melhor? Eles batem na gente até não poderem mais para ganhar rios de dinheiro e construir aquelas casas enormes, enquanto a gente fica passando fome. E você me diz que não tem nada de errado com isso?

— Bem, Barton, eu não vou negar o que você diz. Mas o senhor Carson falou comigo logo depois do incêndio e disse: “Eu vou ter de apertar o cinto e cuidar dos meus gastos durante esses tempos difíceis, pode acreditar.” De modo que os patrões sofrem também.

— Eles já viram um filho morrer por não ter o que comer? — perguntou Barton, num sussurro grave. — Não estou dizendo que eu estou tão mal. Não é de mim que estou falando. Mas, quando vejo homens como o Davenport ali, morrendo de fome, não consigo aguentar. Eu só tenho Mary, e ela praticamente se sustenta. Acho que vamos ter de abrir mão da casa, mas não me importo com isso.

E, com essa conversa, a noite longa e difícil de vigília passou. Pelo que eles observaram, Davenport continuava no mesmo estado, embora os sintomas variassem de tempos em tempos. A mulher continuava a dormir, só acordando de vez em quando com o choro da criança, que parecia ter um poder sobre ela, enquanto ruídos muito mais altos não a perturbavam. Os dois homens concordaram que, assim que fosse provável que o Sr. Carson já estivesse acordado e pronto para receber alguém, Wilson iria até sua casa e imploraria por um pedido de leito na enfermaria. Afinal, a madrugada cinzenta penetrou até na escuridão do porão; Davenport dormia e Barton continuaria ali até que Wilson voltasse. Assim, saindo em meio ao ar fresco, que era revigorante mesmo naquela rua de abominações, Wilson foi ver o Sr. Carson.

Wilson teve de andar mais de 3 quilômetros para chegar à casa do Sr. Carson, que era quase fora da cidade. As ruas ainda não estavam fervilhando de gente. Os donos das lojas abriam suas cortinas preguiçosamente, embora já fossem quase oito da manhã; mesmo assim, haveria tempo suficiente para as compras que as pessoas faziam naquela parte da cidade numa época de vendas tão fracas. Uma ou duas mulheres miseráveis partiam para pedir as esmolas do dia. Mas havia poucas pessoas nas ruas. A casa do Sr. Carson era boa e tinha sido mobiliada sem preocupação com os gastos. Mas, além de opulenta, a decoração também era de muito bom gosto e diversos objetos escolhidos pela beleza e pela elegância adornavam seus aposentos. Quando Wilson passou por uma janela que uma criada abria, viu quadros e detalhes dourados. Sentiu-se tentado a parar para examinar, mas achou que não seria respeitoso. Assim, apressou-se até a porta da cozinha. Os criados pareciam muito preocupados com os preparativos do café da manhã. Porém, apesar da pressa, disseram-lhe com simpatia que entrasse e garantiram que logo diriam ao Sr. Carson que estava ali. Wilson foi admitido numa cozinha repleta de panelas brilhantes de estanho, onde um enorme fogo crepitava alegremente e onde estavam pendurados muitos utensílios, cujo uso e natureza ele se distraiu tentando adivinhar. Enquanto isso, os criados corriam para lá e para cá. Um homem que trabalhava para o Sr. Carson, mas não fazia parte da criadagem da casa, veio esperar suas ordens e se sentou ao

lado de Wilson. A cozinheira passou bifes e a ajudante fez torrada e ovos cozidos.

O café fumegava no fogão e os odores eram tão variados e apetitosos que Wilson começou a ansiar por algo que lhe quebrasse o jejum, que durava desde o almoço do dia anterior. Se os criados soubessem disso, de bom grado lhe teriam oferecido carne e pão em abundância; mas eram como todos nós e, como eles próprios não estavam com fome, esqueceram que era possível que outros pudessem estar. Então a vontade de Wilson virou enjoio enquanto a criada tagarelava, falando dos patrões com a liberdade que sempre se ouve na cozinha.

— Como vocês chegaram tarde ontem à noite, Thomas!

— É, fiquei cansado de esperar. Eles me disseram para estar lá à meia-noite e foi o que eu fiz. Mas já eram duas da manhã quando me chamaram.

— E você ficou esse tempo todo esperando na rua? — perguntou a arrumadeira, que já havia terminado o serviço por enquanto e viera para a cozinha fofocar um pouco.

— Evidente que não! Você acha que eu sou bobo de morrer de frio e deixar os cavalos morrerem de frio também? É isso que ia acontecer se tivéssemos ficado ali. Não! Coloquei os cavalos no estábulo do Spread Eagle e fui tomar uns tragos perto do fogo. Eles estão cheios de clientes que são cocheiros. Tinha quatro lá além de mim, e nós bebemos muita cerveja e mais uns goles de gim para espantar o frio.

— Deus me livre, Thomas. Você ainda vai acabar virando um bêbado!

— Se eu virar, já sei de quem é a culpa. Vai ser das moças, não minha. Gente de carne e osso não pode ficar morrendo de fome num coche, esperando um povo que não sabe o que quer.

Uma mulher, que fazia as vezes de arrumadeira e criada, entrou com as ordens da patroa.

— Thomas, você tem de ir ao peixeiro dizer que a patroa não pode dar mais de cinco xelins pelo quilo de salmão para terça-feira; ela está resmungando que a fábrica não tem vendido nada. E vai precisar da carruagem às três para ir à palestra, Thomas. Vai ser na Instituição Real, como você sabe.

— Sei, sei.

— E é melhor vocês todos pisarem miudinho, pois ela está nos cascos. Está com uma dor de cabeça horrível.

— Que pena que a Srta. Jenkins não esteja aqui para competir com ela. Meu Deus! Como ela e a patroa disputavam para ver quem tinha a pior dor de cabeça. Foi por isso que a Srta. Jenkins foi embora; queria porque queria ter a dor pior, e a patroa não aguentava ver outra pessoa com a mesma doença.

“A patroa vai tomar o café da manhã no segundo andar, cozinheira, e quer a perdiz como ontem, e bastante creme no café. Ela acha que sobrou um pão e o quer bastante amanteigado.”

Dizendo isso, a criada deixou a cozinha para estar pronta para atender à sineta das senhoritas assim que elas decidissem chamá-la, pois tinham ficado até tarde num baile na noite anterior.

Na luxuosa biblioteca, diante da mesa farta do café da manhã, estavam sentados o Sr. Carson e seu filho. Ambos liam — o pai, um jornal; o filho, uma revista — enquanto desfrutavam preguiçosamente da comida bem-feita. O pai era um senhor simpático; talvez, de olhar para ele, você imaginasse que gostava das coisas boas da vida. O filho era

extraordinariamente bonito e sabia disso. Suas roupas eram belas e bem-escolhidas, e seus modos, muito mais requintados do que os do pai. Era o único filho homem, e as irmãs tinham orgulho dele; seu pai e sua mãe tinham orgulho dele; ele não podia contrariar a todos; e tinha orgulho de si mesmo.

A porta abriu e, aos pulos, entrou Amy, a doce caçula da casa, uma linda moça de dezesseis anos, fresca, brilhante e bela como uma rosa. Era nova demais para ir a bailes, algo que trazia grande alegria ao pai, que tivera a pequena Amy com suas piadas, suas canções de pássaro, seus carinhos e suas brincadeiras para entretê-lo na noite solitária; e ela, ao contrário de Sophy e Helen, não estava cansada demais para ser sua doce companheira de café da manhã.

O pai se submeteu de bom grado enquanto ela colocava as duas mãos sobre seus olhos e cobria sua face vermelha e áspera de beijos. Pegou seu jornal, após ele fingir protestar um pouco, e não permitiu que o irmão Harry continuasse a ler a revista.

— Sou a única dama no recinto esta manhã, papai, e por isso você deve me dar toda a sua atenção.

— Meu amor, tenho a impressão de que você sempre consegue o que quer, sendo ou não a única dama.

— Sim, papai, você é muito bonzinho e obediente, tenho de admitir; mas lamento dizer que Harry é muito malvado e não faz o que eu mando. Faz, Harry?

— Não faço ideia do que você me acusa, Amy; esperava elogios, não ofensas; pois não fui eu quem lhe trouxe aquele perfume português que você não encontrava na Hughes, menina ingrata?

— Trouxe mesmo, querido Harry! Você é tão doce quanto o perfume de Portugal. Quase tão bonzinho quanto papai. Mas esqueceu de pedir a Bigland por aquela rosa que eles disseram que iam receber.

— Não, Amy, não esqueci. Eu perguntei e ele recebeu mesmo a rosa, *sans reproche*. Mas você sabia, senhorita extravagância, que só uma custa meio guinéu?

— Ah, eu não me importo. Papai me dá, não dá? Ele sabe que sua filhinha não vive sem flores e perfumes.

O Sr. Carson tentou recusar o pedido de sua preferida, mas ela o adulou até que ele aquiescesse, dizendo que tinha de tê-la, era uma de suas necessidades. Não valia a pena viver sem flores.

— Então, Amy — rebateu o irmão —, tente se contentar com peônias e dentes-de-leão.

— Ah, sua peste! Eu não chamo isso de flor. Além do mais, você é tão extravagante quanto eu. Quem deu dois xelins por um buquê de lírios do vale na Yates há um mês e depois não deixou a pobre irmãzinha ficar com nenhum deles, apesar de ela ter pedido de joelhos? Responda essa, espertalhão.

— Não vou fazer nada à força — disse o irmão, sorrindo com a boca, mas tendo nos olhos uma expressão irritada e ficando primeiro vermelho, depois pálido, de embaraço e raiva.

— Com licença, senhor — disse um criado, entrando no cômodo. — Um dos operários da fábrica está aí para vê-lo; disse que se chama Wilson.

— Já vou vê-lo; não, melhor dizer que ele venha até aqui.

Amy foi saltitando até a estufa, que dava para a biblioteca, antes que o tecelão esqualido, pálido, encardido e com a barba por fazer entrasse. Ele ficou parado perto da porta, alisando o cabelo com as mãos num velho hábito de camponês e dando umas espiadas em torno de tempos em tempos para ver o esplendor do aposento.

— Muito bem, Wilson, do que você precisa?

— Desculpe, senhor, mas Davenport está com a febre e eu vim perguntar se o senhor tem um pedido de leito da enfermaria para ele.

— Davenport... Davenport... Quem é esse? Não conheço esse nome.

— Ele trabalhou na sua fábrica nos últimos três anos, senhor.

— É possível. Não digo que sei os nomes dos homens que emprego; deixo isso para o superintendente. Quer dizer que ele está doente, hein?

— Sim, senhor, está muito mal. Queremos ver se é admitido no Setor de Doenças Contagiosas.

— Duvido que eu tenha um pedido de internação que possa lhe dar no momento; mas dou um pedido de consulta médica, com prazer.

Dizendo isso ele se levantou, destrancou uma gaveta, refletiu por um instante e então deu a Wilson o pedido de consulta.

Enquanto isso, o jovem Carson tinha terminado de ler a revista e começara a prestar atenção no que estava acontecendo. Acabou de comer, se levantou, tirou cinco xelins do bolso e deu-os a Wilson ao passar por ele, dizendo que eram “para o pobre homem”. Saiu depressa e, pedindo o cavalo, montou alegremente e afastou-se a galope. Estava ansioso para chegar a tempo de receber um olhar e um sorriso da linda Mary Barton quando esta estivesse a caminho do ateliê da Srta. Simmonds. Mas, naquele dia, iria se decepcionar. Wilson foi embora, sem saber se ficava satisfeito ou triste. Todos tinham sido gentis e talvez perguntassem sobre o caso de Davenport e fizessem algo por ele e sua família. Além disso, a cozinheira, quando teve tempo para pensar, depois que o café tinha sido servido, notara sua palidez e estava com pão e carne prontos para lhe oferecer quando ele voltou para a cozinha; e um estômago cheio deixa todo mundo mais esperançoso.

Quando Wilson chegou à rua Berry, já se convencera de que trazia boas notícias e tinha o coração quase exultante. Mas sentiu um baque ao abrir a porta do porão e ver tanto Barton quanto a mulher debruçados sobre a cama do doente, com expressões tristes e assustadas.

— Venha aqui — disse Barton. — A cara dele mudou desde que você foi embora, não mudou?

Wilson olhou. O rosto estava descarnado e as feições, proeminentes, ossudas e rígidas. A temível cor de argila da morte se espalhava pela pele. Mas os olhos estavam abertos e atentos, embora o tom sem brilho do túmulo já começasse a surgir.

— Ele acordou daquele sono que você viu e começou a gemer e chorar; mas, pouco tempo depois, perdeu os sentidos de novo. Só vimos que estava acordado quando chamou pela esposa; e agora que ela está aqui, não tem nada a lhe dizer.

Todos acharam que o mais provável era que Davenport não conseguisse falar, pois sua força minava depressa. Postaram-se ao redor dele, imóveis, em silêncio; até a esposa sufocou os

soluções, embora sentisse que seu coração ia partir de tanta tristeza. Ela apertou o filho contra o peito, para tentar mantê-lo quieto. Os olhos de todos estavam fixos naquele que ainda vivia, cujos últimos momentos se esvaíam tão rapidamente. Afinal, Davenport (com um esforço convulso) uniu as duas mãos como quem ia rezar. Eles viram seus lábios se mover e se debruçaram para ouvir as palavras, que foram sussurradas entre arquejos, não enunciadas.

— Oh, Senhor! Agradeço, porque vou poder descansar.

— Oh, Ben! Ben! — exclamou a esposa. — Oh, Ben! Ben! Diga algo para me dar forças de não desistir da vida.

Ele não pôde dizer mais nada. A trombeta do arcanjo iria libertar sua língua; porém, até lá, ela não falaria mais uma palavra. Mas Davenport ouviu, compreendeu e, embora não pudesse mais ver, bateu com as mãos por cima da coberta. Eles entenderam o que ele queria e guiaram-na até a cabeça da mulher, que estava baixa e coberta pelas mãos, onde ela a escondera na sua tristeza. A mão ali pousou, com uma leve pressão carinhosa. O rosto ficou belo, conforme a alma ia se aproximando de Deus. Uma paz além da compreensão tomou-o. A mão se tornou um peso morto sobre a cabeça da mulher. Davenport não sentiria mais tristeza ou pesar. Com reverência, eles prepararam o corpo para o enterro com sua única camisa extra, pega por Wilson. A mulher ainda estava com a cabeça oculta pela roupa, num estupor de agonia.

Ouviram-se batidas na porta e Barton foi abrir. Era Mary, que tinha recebido um recado do pai por uma vizinha, dizendo onde ele estava, e saído mais cedo para poder vê-lo antes do trabalho; mas que, tendo de realizar algumas tarefas para a Srta. Simmonds, só conseguira chegar agora.

— Entre, minha filha! — disse Barton. — Tente, se puder, consolar aquela pobre mulher que está ajoelhada ali. Que Deus a ajude!

Mary não sabia o que dizer, nem como confortar; mas ajoelhou-se ao lado dela, envolveu seu pescoço com o braço e, após algum tempo, começou a chorar com tanta tristeza que a fonte das lágrimas também se abriu na viúva, aliviando temporariamente seu coração.

E Mary esqueceu o encontro que planejava ter com seu alegre pretendente, Harry Carson; esqueceu as tarefas e a raiva da Srta. Simmonds, na ânsia de confortar aquela pobre mulher solitária. Seu rosto doce nunca pareceu mais angelical, sua voz gentil nunca fora tão harmoniosa, como quando ela murmurou suas frases inarticuladas de consolação.

— Ah, não chore assim, Sra. Davenport, por favor, não fique tão triste. Ele foi para um lugar onde nunca mais se preocupará com nada. Sim, eu imagino como a senhora deve se sentir sozinha; mas pense nos seus filhos. Ah! Todos nós vamos ajudá-la a conseguir comida para eles. Pense em como *ele* lamentaria se visse a senhora tão consumida. Não chore, por favor.

E ela terminou por chorar também, com tanto desespero quanto a pobre viúva.

Eles concordaram que ele teria de ser enterrado às custas da prefeitura; participara de um clube de assistência funerária o tempo que pudera, mas, como deixara de pagar algumas semanas, não tinha direito a receber o dinheiro do enterro agora. Será que a Sra. Davenport não queria ir com seu filhinho para casa com Mary? Esta última fez a sugestão com entusiasmo. Mas, não! Onde os pobres restos mortais daquele homem tão amado estivessem, estaria a pobre viúva; e tudo o que eles podiam fazer era deixá-la o mais confortável possível com os poucos

fundos que tinham e pedir que algum vizinho viesse ter com ela de tempos em tempos. Assim, a mulher foi deixada a sós com o morto; aqueles que tinham trabalho foram trabalhar, enquanto aquele que não tinha foi fazer os preparativos para o velório.

Mary recebeu muitas broncas da Srta. Simmonds por sua distração naquele dia. Por um lado, a patroa tinha ficado muito irritada com o fato de Mary não ter aparecido naquela manhã com certos retalhos de musselina e certos tons de seda necessários para terminar de fazer um vestido que seria usado naquela noite; mas também era verdade que Mary não prestou atenção no que fazia; estava ocupada demais planejando escovar, ajustar e encompridar seu vestido negro (o melhor que tinha na época em que sua mãe morreu) para que ele virasse um traje de luto decente para a viúva. E, quando foi para casa à noite (embora fosse muito tarde), como uma espécie de compensação pela negligência da manhã, começou a trabalhar de imediato, e ficou tão ocupada e tão feliz com a tarefa que, de tempos em tempos, tinha de se controlar para parar de cantarolar melodias alegres, que sentia não combinarem com o tipo de costura que estava fazendo.

Assim, quando chegou o dia do velório, a Sra. Davenport estava com uma correta roupa preta, uma satisfação para seu pobre coração em meio a tanta tristeza. Barton e Wilson acompanharam a viúva, que foi levando os dois filhos mais velhos pela mão, atrás do caixão. Foi um velório simples, só para acompanhar o caixão, e sem nada de constrangedor para ninguém; muito mais de acordo com seu propósito, penso eu, do que as lindas carruagens e plumas compridas que formam a pompa grotesca dos enterros das pessoas respeitáveis. Não houve nada da indignidade associada ao enterro de indigente. Aquele morto foi acompanhado, de forma decente e serena, por uma mulher que, por ele, estava determinada a suportar com paciência a sua tristeza. A única marca de pobreza do enterro deveria ser motivo de preocupação para quem é vivo e alegre, muito mais do que para os mortos ou os tristes. Quando eles chegaram ao cemitério, estacaram diante de uma bela lápide erguida. Na verdade, era uma imitação de madeira das homenagens de pedra que adornavam o campo-santo. Ela foi facilmente tirada dali em pouquíssimos minutos e, abaixo, surgiu o túmulo em que os corpos dos indigentes são empilhados até 30 ou 60 metros da superfície. O solo foi movido com a pá e batido com os pés e, então, a cobertura de madeira foi cumprir seu dever temporário sobre outro buraco.¹⁶ Mas isso pouco importava para aqueles que ali se despediam dos seus mortos.

12. Sir Philip Sidney (1554–1586), poeta e cavaleiro britânico famoso pela nobreza de seu caráter. (*N. da T.*)

13. Francês para “Cuidado com a água”. Algumas fontes dizem que os escoceses gritavam isso antes de atirar água suja na rua, na época em que não havia esgoto encanado. (*N. do T.*)

14. Doentes só eram internados nas enfermarias e hospitais se possuíssem um pedido de um membro da comissão de diretores. (*N. da T.*)

15. Referência ao conto “The purple jar”, da escritora inglesa Maria Edgeworth (1768-1849), publicado pela primeira vez em 1796. O conto fala de uma menina, Rosamund, que deixa de comprar os sapatos de que precisa para levar uma jarra roxa que vê numa vitrine. (*N. da T.*)

16. No original, a autora comenta em nota de rodapé que essa é a prática num dos cemitérios de Manchester.

Com essa descrição, Elizabeth Gaskell mostra sua preocupação com a falta de espaço para novos enterros que ocorria em Manchester, uma das marcas do crescimento rápido da população da cidade. (*N. da T.*)

A repulsa a Jem Wilson

Que fortuna infinita de amor e esperança
Colhemos nessas arcas tão pequenas!
E oh! Como nos sentimos miseráveis
Quando a Morte, como um credor cruel,
Rouba tudo o que achamos que era nosso.

“Os gêmeos”

A febre, terrível como um demônio, não podia ser enfrentada com impunidade e desapontada em sua busca por vítimas. A viúva recuperara os filhos; seus próximos, no sentido bom samaritano da palavra, tinham reunido a parca soma que ela devia de aluguel e lhe deram alguns xelins para ajudá-la. Ela decidiu que escaparia daquele porão e iria para outro, menos repleto de associações dolorosas, menos assombrado por lembranças melancólicas. A prefeitura, não tão temível como a mulher imaginara, investigara seu caso; e, em vez de mandá-la para Stoke Claypole, a paróquia de seu marido em Buckinghamshire, como ela temera, concordara em pagar seu aluguel. De modo que comida para quatro bocas era tudo o que precisava obter agora; ou para três, como a mulher diria, pois ela e seu filhinho que ainda mamava eram um só em seus cálculos.

A viúva recobrou a valentia, agora que sua força física fora restaurada por uma ou duas semanas de boa alimentação, e não ia se desesperar. Por isso pegou algumas crianças pequenas para tomar conta, crianças que traziam a comida do dia consigo, que ela cozinhava, sem se aproveitar das criaturas indefesas para lhes roubar sequer uma migalha; e, depois de devolvê-las para as mães, à noite, começava a fazer trabalhos simples de costura, como remendos e bainhas; e se punha a pensar em como poderia enganar o inspetor da fábrica e convencê-lo de que Ben, seu menino forte, grande e faminto, já tinha mais de treze anos.¹⁷ Sua vida estava planejada até esse ponto quando ela ouviu dizer, para sua grande tristeza, que os gêmeos de

Wilson estavam com a febre.

Eles nunca tinham sido fortes. Eram como muitos gêmeos e pareciam ter apenas uma vida para dividir por dois. Uma vida, uma força e, nesse caso, eu quase diria um cérebro; pois eram crianças frágeis, gentis e bobas, mas não menos amadas pelos pais e pelo forte, ativo e másculo irmão mais velho. Demoraram a andar, a falar, a fazer tudo; ainda mamavam e não sabiam se cuidar sozinhos numa idade em que outros meninos já estavam pintando os canecos nas ruas, se perdendo e sendo encontrados por policiais a quilômetros de casa.

Mesmo assim, a provação ainda não invadira aquela casa de modo a fazer com que o amor por esses inocentes saísse pela janela. Esse não era o caso nem então, quando o salário de Jem Wilson e os trabalhos ocasionais que sua mãe fazia mal eram suficientes para dar de comer a todos os membros da família.

Mas quando os gêmeos, após passar muitos dias abatidos e sem querer comer direito, caíram doentes na mesma tarde, com o mesmo estupor pesado e sofrido, cada um dos três corações que os amavam pensou, sem confessar para os outros, que eles tinham poucas chances de sobreviver. Passou-se quase uma semana até que a novidade de sua doença se espalhasse até o pátio onde os Wilson um dia tinham morado, e onde ainda ficava a casa dos Barton.

Alice soubera da enfermidade dos sobrinhos diversos dias antes e tinha trancado a porta de seu porão e ido sem pestanejar para a casa do irmão em Ancoats; mas seus vizinhos sabiam que ela muitas vezes se ausentava por dias a fio, quando era chamada para ajudar em alguma emergência, de modo que isso não causou nenhuma surpresa.

Margaret encontrou Jem Wilson quando os irmãos dele já estavam seriamente doentes há muitos dias, e o rapaz lhe revelou a situação em sua casa. Ela contou a Mary ao entrar no pátio no fim daquela tarde; e Mary ouviu com o coração triste, pensando no estranho contraste entre essa notícia tão deplorável e as palavras alegres e carinhosas que escutara na volta para casa. Sentiu-se culpada por andar tão absorta em visões do futuro dourado que raramente fora passar uma tarde de domingo ou outro momento de lazer com a Sra. Wilson, amiga de sua mãe; e, na pressa de compensar pela falta, só esperou o tempo de deixar um recado para o pai com a vizinha de porta e saiu com passos rápidos para ir visitar a casa dos doentes.

Mary parou com a mão sobre a maçaneta da porta dos Wilson, para aquietar seu coração disparado, e ouviu o silêncio solene que vinha lá de dentro. Abriu a porta devagar: lá estava a Sra. Wilson na velha cadeira de balanço, com um menininho doente, de uma palidez mortal, deitado sobre os joelhos, chorando sem cessar, mas baixinho, suavemente, como se temesse perturbar a criança arfante que sofria; atrás dela, enquanto isso, a velha Alice deixava que lágrimas abundantes caíssem sobre o cadáver do outro gêmeo, que ela estava deitando sobre uma tábua colocada em cima de uma espécie de sofá que havia num dos cantos da sala. Sobre a criança que ainda respirava estava debruçado o pai, procurando ansiosamente por algum motivo para ter esperanças, embora não houvesse nenhum. Com passos leves e lentos, Mary foi para perto de Alice.

— Ah, pobrezinho! Deus o levou cedo, Mary.

Mary não conseguiu falar, não sabia o que dizer; era tão pior do que ela esperara. Afinal, ousou perguntar:

— Você acha que o outro tem alguma chance?

Alice balançou a cabeça e disse com um olhar que acreditava não haver nenhuma. Então, tentou erguer o corpinho e carregá-lo para a cama onde costumava dormir, que ficava no quarto dos pais. Mas, por mais que o pai estivesse atento observando aquele que ainda vivia, tinha olhos e ouvidos para tudo que dizia respeito ao morto. Ele se levantou devagar, tirou o filho daquele leito duro, aninhou-o nos braços com uma força carinhosa e levou-o lá para cima, como se temesse acordá-lo.

A outra criança deu uma arfada mais longa, mais alta, com mais dificuldade.

— Precisamos tirar o menino de perto da mãe. Não pode morrer enquanto ela estiver pedindo por ele.

— Pedindo por ele? — disse Mary, num tom interrogativo.

— É, você não sabe o que é pedir por alguém? Ninguém consegue morrer nos braços de alguém que está pedindo muito para que eles fiquem na Terra. A alma de quem segura não deixa a alma de quem morre se libertar; por isso é uma luta danada para encontrar a paz da morte. Precisamos tirar o menino de perto da mãe ou ele vai ter uma morte difícil, coitadinho.

Assim, sem mais delongas, ela foi se oferecer para pegar a criança moribunda. Mas a mãe se recusou a soltá-lo e, encarando Alice com olhos suplicantes e marejados, declarou, com um sussurro ansioso, que não estava pedindo por ele, que preferia vê-lo livre daquele sofrimento. Alice e Mary ficaram ao lado dela com os olhares fixos no pobre menino, que pareceu respirar com ainda mais dificuldade, até que sua mãe, com a voz estrangulada, disse afinal:

— Talvez seja melhor você pegar o pobre, Alice; acho que meu coração deve estar pedindo por ele, sim; pois não consigo, não, não consigo me conformar em perder meus dois filhos no mesmo dia; não posso deixar de querer ficar com ele; mas meu menino não vai sofrer mais por minha causa.

Ela se debruçou com carinho. Ah, com quanto amor beijou o filho e entregou-o para Alice, que o pegou com cuidado e ternura. A natureza logo seguiu seu curso e ele deu seus últimos suspiros em paz.

Então a mãe ergueu a voz e chorou. Seu lamento fez descer o marido, para tentar, com seu coração em pedaços, confortar o dela. Mais uma vez, Alice deitou um cadáver sobre o sofá e Mary, com um medo reverente, ajudou a prepará-lo. O pai e a mãe o levaram para a cama lá em cima, onde seu irmãozinho repousava.

Mary e Alice chegaram perto do fogo, onde ficaram, tristes e sem dizer nada, durante algum tempo. Então Alice quebrou o silêncio, dizendo:

— Jem vai sofrer quando chegar em casa, coitado.

— Onde ele está? — perguntou Mary.

— Fazendo hora extra na empresa. Eles receberam um pedido grande do estrangeiro; e Jem tem de trabalhar, apesar de estar quase doido de tristeza por causa dos dois coitadinhos.

Mais uma vez elas ficaram em silêncio, pensativas, e mais uma vez foi Alice quem falou primeiro:

— Às vezes, eu acho que o Senhor não gosta que a gente planeje nada. Sempre que eu planejo muito, Ele manda alguma coisa para desarranjar tudo, como se quisesse que eu

colocasse o futuro nas Suas mãos. Antes do Natal, eu estava com a cabeça cheinha de ideia de voltar para casa de uma vez; você sabe como eu já queria ter feito isso faz tempo. Além do mais, uma moça de perto de Burton veio trabalhar em Manchester no dia de São Martinho; e, depois de algum tempo, quando teve um domingo de folga, veio me procurar e me dizer que alguns primos meus pediram que tentasse me encontrar e me dissesse que eles iam gostar muito se eu fosse viver com eles e cuidar das crianças, pois estão com uma fazenda grande e a mulher tem muitas vacas para cuidar. Assim, durante muitas noites neste inverno, e eu fiquei acordada pensando que, se fosse a vontade de Deus, quando chegasse o verão, eu ia me despedir de George e da mulher e voltar para casa, finalmente. Nem pensei que o Todo-Poderoso ia me contrariar para eu aprender a deixar meus dias em Suas mãos, que me guiaram até aqui. Pois George está desempregado e triste como eu nunca vi; precisando de todo o consolo possível, mesmo antes de levar esse golpe; e agora, estou achando que o dedo de Deus está apontando muito claramente para o lugar onde eu devo morar; e, se George e Jane conseguem se conformar com a vontade Dele, é meu dever fazer isso também.

Ao dizer isso, ela começou a arrumar a sala, removendo o melhor que pôde qualquer vestígio de doença; avivando o fogo e fervendo água para fazer uma xícara de chá para a cunhada, cujos lamentos e gemidos baixos eram ouvidos de tempos em tempos lá embaixo.

Mary ajudou-a com todas essas tarefas simples. Estavam ocupadas com elas quando a porta abriu devagar e Jem entrou, todo sujo de fuligem, com o avental imundo amarrado na cintura, em trajes com os quais, em qualquer outra ocasião, teria lamentado ser visto por Mary. Mas, naquele instante, mal chegou a vê-la; foi diretamente para Alice e perguntou como estavam os meninos. Eles tinham melhorado muito pouco lá pela hora do almoço, e Jem trabalhara a tarde toda e boa parte da noite com a esperança de que podiam ter começado a convalescer. Escapara da empresa durante a meia hora de folga que os empregados tinham para o chá para lhes comprar uma ou duas laranjas, que agora lhe esticavam o bolso do casaco.

Ele fez questão de fazer a tia falar; recusou-se a compreender seu aceno de cabeça e as lágrimas que lhe escorriam dos olhos.

— Os dois passaram desta para a melhor — disse ela.

— Morreram!

— Morreram, coitadinhos! Ficaram piores lá pelas duas. Joe foi antes, manso como um cordeirinho, mas para Will foi mais difícil.

— Os dois!

— Sim, meu filho. Os dois. O Senhor quis poupar os pobrezinhos de algum mal que está por vir, do contrário não teria escolhido levá-los. Disso você pode ter certeza.

Jem foi até o armário e, sem dizer nada, tirou do bolso as laranjas que tinha comprado. Mas ficou bastante tempo ali e afinal seu corpo rijo começou a sacudir com uma agonia forte. As duas mulheres sentiram medo, como sempre acontece, ao ver a tristeza poderosa de um homem. Voltaram a chorar diante da reação dele. O coração de Mary derreteu quando testemunhou o sofrimento de Jem, e ela se aproximou devagar do canto onde ele estava, com as costas viradas para elas e, pousando a mão em seu braço, disse:

— Ah, Jem, não chore; não aguento ver você assim.

Jem sentiu uma estranha alegria no peito e viu o poder que ela possuía de confortá-lo. Não disse palavra, como se temesse destruir, com um som ou um gesto, a felicidade daquele momento, quando o toque da mão macia de Mary arrepiava todo o seu corpo e sua voz melodiosa sussurrava carinhos em seu ouvido. Sim! Talvez fosse muito errado; ele quase se odiou por isso; com a morte e o pesar lhe rodeando, ainda assim era felicidade, era êxtase, ouvir aquilo de Mary.

— Não chore, Jem. Por favor — sussurrou ela de novo, acreditando que seu silêncio era apenas outra maneira de expressar a dor.

Jem não conseguiu se conter. Pegou a mão de Mary com firmeza, apesar de tremer, e disse, num tom que instantaneamente produziu uma revolução no humor da moça:

— Mary, eu chego a me odiar por sentir que não abriria mão deste momento, mesmo com meus irmãos mortos e meus pais tão tristes, nem por tudo o que já vivi ou vou viver. E, Mary — continuou, enquanto ela tentava tirar a mão dali —, você sabe por que me sinto abençoado.

Ela sabia mesmo — sobre isso, ele tinha razão. Mas quando Jem se virou para ver a aquele doce rosto, percebeu que sua expressão era de uma perturbação absoluta, quase irritação; um pavor que, ele achou, era quase uma repugnância.

Jem soltou a mão de Mary, e ela foi depressa para perto de Alice.

— Que tolice... não, que pecado me aproveitar deste momento de dor para dizer o quanto eu a amo; não é à toa que ela foge de uma criatura tão egoísta.

Em parte para livrar Mary de sua presença, em parte por um desejo natural, e em parte, talvez, por uma vontade penitente de compartilhar integralmente a tristeza dos pais, ele logo foi lá para cima, para o quarto onde estavam os mortos.

Mary ajudou Alice mecanicamente em todas as tarefas que ela cumpriu durante o resto daquela longa noite, mas não voltou a ver Jem. Ele continuou lá em cima até que os primeiros raios da madrugada mostraram a Mary que ela não precisava ter medo de ir para casa pelas ruas desertas e silenciosas e tentar dormir um pouco antes de ir trabalhar. Por isso, deixando mensagens carinhosas para George e Jane Wilson, e hesitando em enviar algumas palavras gentis para Jem, antes de decidir que era melhor não, Mary saiu na luz clara da manhã, tão fresca em contraste com a sala escura onde a morte estivera.

“Seu amanhecer
Foi diferente do nosso”¹⁸

Mary se deitou ainda vestida; e talvez por isso, ou pela luz plena que se derramava pela claraboia, ou ainda devido ao excesso de excitação, demorou muito até adormecer. Não parava de pensar no que Jem dissera, e em como dissera; é verdade que já sabia há tempos o seu significado; mas mesmo assim lamentava que ele tivesse sido tão franco.

— Oh, céus — disse para si mesma. — Gostaria que ele não se enganasse desse jeito comigo; não posso nem lhe demonstrar simpatia que seu olho brilha e ele fica todo vermelho. É muito difícil para mim; pois o papai e George Wilson são velhos amigos; e Jem e eu nos conhecemos desde pequenos. Não sei o que me dá, de estar sempre querendo consolar Jem quando ele está triste, ou por ter me metido a falar com ele hoje, quando estava claro que sua tia é que devia ter

feito isso. Não gosto de Jem, mas, se não tomo cuidado, sempre acabo sendo amorosa com ele. Acho que é impossível encontrar a medida certa, pois ou me controlo tanto que acabo sendo grosseira, ou falo com ele do jeito normal, o que é carinhoso demais. E estou praticamente noiva de outro, um rapaz muito mais bonito que Jem; apesar de pensar que gosto mais do rosto de Jem; gosto é gosto, e não tem jeito. Bem, quando eu for a senhora Harry Carson, talvez possa ajudar Jem de alguma maneira. E ele vai me agradecer? Tem pavio curto, pelo que eu vejo, e talvez uma gentileza de minha parte, quando for casada com outro, vá acabar saindo pela culatra. Não vou mais esquentar a cabeça pensando nele, eu não.

Assim, Mary virou para o lado, caiu no sono e sonhou com aquilo que muitas vezes lhe ocupava a mente quando estava acordada: o dia em que sairia da igreja em sua própria carruagem, com os sinos anunciando o casamento, pegaria seu atônito pai e o levaria para longe daquele pátio velho e lúgubre, para ir morar numa casa imponente, onde ele teria jornais, panfletos, cachimbos e carne para o almoço todos os dias — e o dia inteiro, se quisesse.

Esses pensamentos se misturavam à sua predileção pelo jovem Sr. Carson, que, sem as amarras de um trabalho para lhe ocupar as horas, quase não permitia que um dia se passasse sem conseguir ter um encontro com a linda costureirinha, vista por ele pela primeira vez enquanto esperava numa loja na qual as irmãs estavam fazendo algumas compras, e que depois não descansara até conhecer, o que fizera de maneira respeitosa, mas sem precisar se preocupar com a interferência de ninguém. Para usar a expressão que ele empregava, Harry Carson estava louco por ela, e não sossegava até ter uma chance e, ultimamente, mais de uma chance por dia, de vê-la. Ela tinha uma perspicácia e uma praticidade que contrastavam de maneira encantadora com as ideias simples, tolas e sonhadoras que adquirira com os romances que as jovens da loja da Srta. Simmonds tinham o hábito de recomendar umas para as outras.

Sim! Mary era ambiciosa e não dava menos preferência ao Sr. Carson por ele ser rico e sofisticado. As antigas noções que, anos antes, sua tia Esther fizera nascer, tinham fermentado em seu peito, talvez ajudadas pela aversão do pai pelos ricos e nobres. Tal é a teimosia do coração humano, desde Eva, que nós, velhos Adãos, achamos que o proibido é mais doce. Assim, Mary se deixava levar pelo sonho de um dia se tornar uma senhora da alta sociedade e de fazer todas as coisas elegantes e fúteis que são próprias desse estado. Ao levar uma bronca da Srta. Simmonds, ela se consolava em pensar no dia em que chegaria à loja em sua própria carruagem, para encomendar seus vestidos da costureira temperamental, porém bondosa. Era um prazer para ela saber da admiração geral pelas duas irmãs mais velhas do Sr. Carson — conhecidas beldades tanto nos bailes quanto nas ruas, tanto a cavalo quanto a pé —, e pensar na época em que elas cavalgariam e passeariam juntas, numa fraternidade amorosa. Mas a melhor parte de seus planos, a mais santa, aquela que, em certa medida, redimia a vaidade do resto, era a relação que tinha com o pai; seu querido pai, oprimido de preocupação, sempre desanimado e melancólico. Mary o cercaria de todos os confortos que lhe ocorressem (pois é claro que ele iria morar com ela e o marido) até que ele reconhecesse que a abundância era muito agradável e abençoasse a filha rica! Todos que tivessem sido gentis com ela na humildade receberiam uma recompensa cem vezes maior.

Tais eram os castelos no ar, as visões de Alnaschar¹⁹ que Mary se permitia ter e que, no

futuro, estaria fadada a expiar com muitas lágrimas.

Enquanto isso, suas palavras — ou, mais ainda, seu tom — deixariam uma impressão funda na memória de Jem Wilson. Ele continuaria a sentir um arrepio ao lembrar da maneira como ela pousara a mão em seu braço. Esse pensamento se misturou a toda a sua profunda dor com a perda dos irmãos.

17. E, assim, capaz de trabalhar mais de 48 horas por semana, que era o limite para crianças de menos de 13 anos segundo as leis inglesas da época. (N. da T.)

18. Outro trecho de “The Death-Bed” [O leito de morte], de Thomas Hood. (N. da T.)

19. Alnaschar é uma personagem sonhadora de *As mil e uma noites*. (N. da T.)

A estreia de Margaret como cantora profissional

Sê gentil com eles, que muito suportaram
 Não zombai de suas esperanças e seus planos ansiosos,
 Embora talvez vos pareçam sonhos loucos.
 Talvez, na escola dura da experiência severa
 Tenham aprendido algo que a teoria não ensina;
 Ou, se o erro for imenso, sê gentil ainda
 E que seu erro clame ainda mais alto
 ‘Dai-nos a luz e mostrai-nos o caminho!’

Pensamentos de amor

Certa tarde de domingo, cerca de três semanas após aquela triste noite, Jem Wilson saiu com o alegado propósito de fazer uma visita a John Barton. Estava vestido com sua melhor roupa, o terno de domingo, é claro; e seu rosto rebrilhava de tanto que o havia esfregado. O cabelo muito preto tinha sido penteado muitas vezes diante do espelho da casa e, na lapela, Jem colocara um narciso (que tem o belo nome de *sweet Nancy* na região de Lancashire) na esperança de que ele atraísse a atenção de Mary, para que pudesse ter o deleite de oferecê-lo a ela.

Foi um mau começo para essa visita feliz que Mary o tenha visto alguns minutos antes de ele entrar na casa de seu pai. Ela estava sentada na beirada da cômoda, com a pequena persiana aberta de um lado, de modo que conseguia ver os transeuntes quando não estava lendo a Bíblia aberta à sua frente. Assim, observou quando um amigo cumprimentou Jem; reparou a expressão condoída no rosto, o aperto de mão solidário, e teve tempo de ajustar seu próprio rosto e modos antes que ele entrasse, o que fez, como se não tivesse olhos para ninguém além do pai dela, que fumava cachimbo diante do fogo enquanto lia um velho exemplar do *Northern*

*Star*²⁰ emprestado de um bar vizinho.

Jem então se virou para Mary. Com o instinto certo do amor que quase chegava a comandar seu corpo, ele sentia que ela estava presente. Suas mãos estavam ocupadas em ajeitar o vestido; um movimento forçado e desnecessário, Jem não conseguiu deixar de pensar. Ela se dirigiu a ele de maneira tranquila e amistosa, ainda que grave; sentiu que estava vermelha como uma rosa e desejou conseguir impedir o rubor; enquanto Jem se perguntava se isso vinha do medo, da raiva ou do amor.

Temo que Mary tenha sido muito esperta. Fingiu que estava lendo com afinco, sem ouvir uma palavra, quando na verdade ouviu todos os sons, até mesmo os suspiros longos e profundos de Jem, que lhe apertavam o coração. Afinal, ela pegou a Bíblia e, como se a conversa a perturbasse, foi para o seu quatinho lá em cima. E mal dissera uma palavra para Jem; mal olhara para ele; nem chegara a notar seu lindo narciso, que seria seu com o menor dos elogios! Jem não sabia — ao menos essa dor ele não teve — que em seu pobre quatinho havia um jarro branco com um abundante buquê de rosas primaveris, deixando todo o cômodo alegre e fragrante. Eram um presente de seu pretendente rico. Assim, Jem teve de continuar ali com John Barton, pego na própria armadilha, ouvindo-o falar e respondendo da melhor maneira que podia.

— Tem um artigo muito bom aqui no *Star*, ora se tem. Defendendo a jornada curta.²¹

— Pelo mesmo salário de hoje? — perguntou Jem.

— Claro! Se não, de que adianta? É só tirar do bolso dos patrões o que eles podem muito bem pagar. Eu já lhe contei o que o rapaz da enfermaria me disse há muitos anos?

— Não — respondeu Jem com grande desânimo.

— Ah! Você deve saber que eu estive na enfermaria por causa de uma febre, quando os tempos andavam muito ruins, e lá tem uns sujeitos que tratam bem de quem está fraco, apesar de gostarem de cortar a gente todinho depois. Pois bem, quando eu estava melhor da febre, mas tão fraco que quase não parava em pé, eles me disseram: “Se você souber escrever, pode ficar mais uma semana e ajudar o cirurgião a organizar os papéis; e a gente toma conta de você e enche sua pança de carne e de vinho. Você vai ficar duas vezes mais forte.” Eu aceitei bem depressa. E fiquei escrevendo e copiando; e sabia escrever muito bem, mas eles tinham um jeito tão esquisito de soletrar, tão diferente do que eu aprendi, que tinha de primeiro olhar a cópia e depois copiar letra por letra, que nem galinha catando milho. Mas uma coisa me assustou na época e eu tomei coragem e perguntei ao cirurgião o que queria dizer. Não tenho cabeça para número, mas decorei uma coisa: “A maior parte dos acidentes acontece nas últimas duas horas do dia”, quando o povo está cansado e perde o cuidado. O cirurgião disse que era bem verdade e que ele ia denunciar o fato.

Jem estava refletindo sobre o comportamento de Mary; mas a pausa o fez se dar conta de que devia fazer algum comentário educado; por isso, ele disse:

— É verdade.

— Sim, é bem verdade, meu rapaz, que temos peso demais nas nossas costas, e que isso ainda vai dar problema. Os linotipistas vão entrar em greve; têm um sindicato danado de bom que não vai deixar que abusem deles. Mas muita coisa que esse povo não está esperando vai

acontecer. Pode acreditar em mim, Jem.

Jem estava muito disposto a acreditar, mas não expressou tanta curiosidade quanto deveria. Por isso, John Barton achou que deveria fazer mais algumas insinuações.

— O povo trabalhador não vai ser explorado durante muito mais tempo. Nós já suportamos tudo que a natureza humana pode suportar. De modo que, se os patrões não conseguem nos ajudar, e dizem que não conseguem, então temos de falar com gente mais importante.

Nem assim Jem ficou curioso. Deixou de ter esperanças de ver Mary de novo por vontade dela, e a segunda melhor opção seria ficar sozinho para pensar na amada. Portanto, murmurando qualquer coisa com a intenção de dar uma desculpa para sua partida abrupta, ela deu um boa-tarde apressado a John e deixou-o com seu cachimbo e sua política.

Durante os últimos três anos, o mercado vinha ficando cada vez pior, e os preços das provisões, cada vez mais altos. A disparidade entre os ganhos das classes trabalhadoras e o preço de sua comida causava, em mais ocasiões do que se pode imaginar, doença e morte. Famílias inteiras iam, aos poucos, morrendo de fome. Só precisavam de um Dante para registrar seu sofrimento. No entanto, até mesmo as palavras dele seriam insuficientes para descrever a verdade tenebrosa; só poderiam delinear os tremendos fatos da penúria que arrasaram milhares e milhares de pessoas nos terríveis anos de 1839, 1840 e 1841. Até filantropos que haviam estudado o assunto se viram forçados a admitir que suas tentativas de determinar as verdadeiras causas da miséria foram infrutíferas; a questão era de natureza tão complicada que se tornou quase impossível compreendê-la perfeitamente. Não deve causar surpresa, portanto, o fato de que o rancor entre os trabalhadores e as classes mais altas se tornou muito forte durante essa época de privação. A indigência e o sofrimento dos operários produziram uma suspeita nas mentes de muitos deles, de que os legisladores, os magistrados, os patrões e até mesmo os religiosos eram, no geral, seus opressores e inimigos; e de que conspiravam para prostrá-los e escravizá-los. O mal mais deplorável e duradouro que surgiu naquele período de crise econômica ao qual me refiro foi essa sensação de alheamento entre as diferentes classes da sociedade. É tão impossível descrever, ou até mesmo dar uma ideia vaga, do estado de angústia que prevalecia na cidade naquela época, que não tentarei fazê-lo; mas volto a pensar que, numa terra cristã, o que ocorria decerto não era conhecido sequer por meio do relato pálido das palavras, ou os mais afortunados teriam corrido em multidões com sua solidariedade e sua ajuda. Em muitas ocasiões, os sofredores primeiro choraram e depois amaldiçoaram. Sua sede de vingança se expressou através de um pensamento político fanático. E quando ouço falar, como já ouvi, dos sofrimentos e das privações dos pobres; de lojas de mantimentos onde quantidades de chá, açúcar e até farinha no valor de apenas meio centavo eram vendidas para suprir as necessidades dos indigentes; de pais que passavam a noite inteira, sete noites por semana, sentados diante do fogo com suas roupas de rua, de modo que a única cama e os únicos lençóis da família pudessem ser reservados para o uso de seus muitos filhos; de outros que dormiam na laje fria por semanas a fio, sem meios adequados de se suprir de comida e combustível (e isso no mais profundo inverno); de outros sendo obrigados a jejuar por dias e dias, sem a esperança de tempos melhores para alegrá-los, vivendo, ou melhor, morrendo, num sótão apinhado ou num porão úmido, ou sendo gradualmente aniquilados

pela penúria e pelo desespero que os levaria à morte prematura; e, quando isso foi confirmado por seu aspecto atormentado, seu estado de excitação e seus lares desolados — será que posso me espantar ao saber que muitos deles, em tal época de miséria e infelicidade, tenham falado e agido com precipitação feroz?

Uma ideia então se espalhava entre os operários; uma ideia que tivera origem entre os cartistas, mas que acabou por ser acalentada por muitos e muitos como um filho querido. Eles não podiam acreditar que o governo soubesse de sua miséria; preferiam achar que homens pudessem assumir voluntariamente o posto de legisladores de uma nação sendo ignorantes de seu estado real; como quem pretende criar regras domésticas para o bom comportamento de crianças sem se incomodar em saber que essas crianças foram deixadas sem comida durante dias. Além do mais, as multidões esfomeadas tinham ouvido falar que a própria existência de sua angústia tinha sido negada no Parlamento; e, embora achassem isso estranho e inexplicável, a ideia de que sua miséria ainda estava por ser revelada em toda a sua profundidade, e de que alguma solução seria encontrada, consolava seus corações doloridos e abrandava sua fúria crescente.

Assim uma petição foi criada e assinada por milhares de pessoas nos belos dias primaveris de 1839. Implorando que o Parlamento ouvisse aqueles que pudessem dar seu testemunho sobre a penúria excepcional dos distritos manufatureiros. Nottingham, Sheffield, Glasgow, Manchester e muitas outras cidades se puseram a apontar delegados que fossem levar essa petição e falar não apenas do que tinham visto e ouvido, mas do que tinham suportado e sofrido. Esses delegados eram homens desesperançados, esqueléticos, ansiosos e marcados pela fome.

John Barton era um deles. Ele teria sentido vergonha de confessar a excitação que sentiu ao ser designado. Havia o deleite infantil de ver Londres — isso era uma pequena parte, mas apenas pequena. Havia a vaidade de dar sua opinião diante de tantos homens importantes — essa era uma parte um pouco maior. E, por último, havia a alegria realmente pura de seu coração, vinda da ideia de que ele era um daqueles escolhidos para ser instrumentos que divulgariam as angústias do povo e, conseqüentemente, em obter algum grande alívio, graças ao qual eles jamais sofreriam com privações e preocupações. Suas esperanças para o resultado da expedição eram grandes, mas vagas. Essa petição que seria ouvida sobre seus sofrimentos era um receptáculo das esperanças preciosas de muitas criaturas sem nada mais em que acreditar.

Na noite de véspera da partida dos delegados de Manchester para Londres, parecia que Barton estava realizando uma cerimônia de beija-mão, tantos foram os vizinhos que vieram vê-lo. Desde cedo, Job Legh se postara com seu cachimbo diante da lareira de Barton, sem dizer muito, mas dando suas baforadas e imaginando que seria útil na hora de virar os ferros de passar pendurados diante do fogo, prontos para serem usados quando Mary precisasse. Quanto a Mary, sua tarefa era a mesma da mulher de Beau Tibbs,²² lavar as duas camisas do pai na pequena cozinha que ficava nos fundos da casa; pois ela estava preocupada com a aparência que John Barton teria em Londres. (O casaco fora retirado do prego, mas o lenço de seda tivera de ser deixado lá.)

Como de costume, a porta da cozinha estava aberta e, por isso, Mary ia cumprimentando os amigos da família conforme eles entravam.

— Quer dizer que você vai a Londres, não é, John? — disse um deles.

— Pois é, tenho que ir — respondeu Barton, como se estivesse fazendo um grande sacrifício.

— Bem, tem muita coisa que deve dizer para aquela gente do Parlamento. Espero que seja duro com eles, John. Diga o que nos vai pela cabeça; como estamos passando fome há muito tempo e não sabemos para que eles servem se não puderem nos dar o que estamos pedindo desde que nascemos.

— Claro! Digo isso e muito mais, quando chegar a minha vez; mas você sabe que um bocado de gente vai ter a palavra antes de mim.

— Ah, mas você vai ter sua hora de falar. Faça o favor, meu velho, de pedir para as autoridades obrigarem os patrões a quebrar as máquinas. Desde que a máquina de fiar apareceu, os tempos andam difíceis.

— As máquinas tiram o emprego dos pobres — concordaram diversas vozes.

— Já eu — disse um homem trêmulo, com poucas roupas, que se aproximou do fogo a passos lentos, como se sofresse de malária —, queria que você pedisse para passarem a lei que vai diminuir nossas horas de trabalho. O corpo da gente fica cansado de tanto trabalho. E por que os operários de fábrica têm que trabalhar tão mais duro que o povo das outras profissões? Só não deixe de perguntar isso, está bem, Barton?

Barton não precisou responder devido à entrada da Sra. Davenport, a pobre viúva com quem fora tão bondoso; ela estava magra e nervosa, mas com roupas boas. Nas mãos, trazia um embrulho de jornal, que deu a Mary. A moça abriu-o e falou de lá de dentro para o pai, segurando uma gola de camisa na ponta dos dedos ensaboados:

— Olhe só, papai, como você vai ficar chique em Londres! A Sra. Davenport trouxe isso; é novinho, na última moda. Obrigada por pensar nele.

— Ah, Mary! — disse a Sra. Davenport baixinho. — Como eu não ia fazer isso, depois do que ele fez por mim e pela minha família? Mas, Mary, eu não posso lhe ajudar em nada? Deve estar ocupada com essa viagem.

— Basta você me ajudar a torcer essas peças, que eu coloco no espremedor de roupa.

Assim, a Sra. Davenport se tornou ouvinte da conversa; e, após algum tempo, começou a participar dela.

— Olhe, John Barton, se você for conversar com as autoridades, imagino que não vá se incomodar de lhes dizer como é difícil para nós essa lei deles que não deixa criança trabalhar em fábrica, sejam elas fracas ou fortes. Veja só o meu Ben; ora, o mingau parece que some do prato dele, de tanto que come; e eu não tenho dinheiro para mandar o menino para a escola, como gostaria. Por isso ele fica por aí, vadiando pela rua o dia todo, ficando cada vez com mais fome e aprendendo maus modos; e o inspetor não deixa que ele trabalhe na fábrica, porque não tem a idade certa; mas é duas vezes mais forte do que aquele fracote filho do Sankey, que trabalha até chorar que a perna está doendo, apesar de já ter a idade certa; mais, até.

— Eu tenho um plano que gostaria de compartilhar com John Barton — disse um homem

pomposo, que escolhia bem as palavras —, e que gostaria que ele apresentasse naquela honrosa câmara. Minha mãe é de Oxfordshire e foi lavadeira na casa da família de Sir Francis Dashwood; e, quando nós éramos pequenos, ela nos contava histórias sobre a riqueza deles; e uma coisa que dizia era que Sir Francis trocava de camisa duas vezes por dia. Ora, esses homens do Parlamento não são menos importantes que Sir Francis; e aposto que são tão extravagantes quanto eles. Diga a eles, John, por obséquio, que estariam fazendo um grande favor aos tecelões de Lancashire, se usassem camisas só de algodão branco; isso faria os negócios melhorarem, de tantas camisas que eles usam.

Job Legh então deu sua opinião. Tirando o cachimbo da boca e se dirigindo ao último homem que falara, disse:

— Vou lhe dizer uma coisa, Bill, sem querer ofender; só existem algumas centenas de autoridades que usam tantas camisas; mas existem milhares e milhares de pobres tecelões que só têm uma camisa no mundo; e que não sabem onde arrumar outra quando ela vira um farrapo, apesar de fabricarem pilhas de tecido de algodão todos os dias; e essas pilhas estão guardadas nos armazéns, parando o comércio, por não ter quem compre. Ouça o que eu digo, John Barton, e peça ao Parlamento para liberar o comércio, de modo que os operários possam ganhar salários decentes e comprar duas ou até três camisas por ano; isso é que ia melhorar os negócios.

Job Legh colocou o cachimbo na boca de novo e deu baforadas redobradas para recuperar o tempo perdido.

— Vizinhos, acho que não vou ter chance de falar tudo o que vocês estão dizendo — disse John Barton. — Tenho para mim que só vou falar sobre as dificuldades que eles acham que não são nada. Quando ouvirem falar de crianças nascidas em lajes úmidas, sem um farrapo para aquecer o corpo ou um pedaço de pão para dar para a mãe; quando souberem da gente que cai morta na rua, ou que se esconde em algum buraco de porão, esperando o alívio da morte; e quando ouvirem falar da praga, da pestilência e da fome, sem dúvida vão fazer alguma coisa mais inteligente do que a gente consegue pensar agora. Mas não me recuso, se tiver oportunidade, a falar do que vocês disseram; de qualquer maneira, vou fazer o melhor que posso, e vocês vão ver se as coisas não vão melhorar depois que o Parlamento souber de tudo.

Alguns balançaram a cabeça, mas a maioria se alegrou; e depois, um a um, eles foram saindo, deixando John e a filha a sós.

— Você reparou como Jane Wilson estava abatida? — perguntou ele, quando os dois, depois de um dia de trabalho duro, jantavam diante do fogo, que brilhava na sala, sendo a única fonte de luz.

— Não, não reparei. Mas ela está sempre de cabeça baixa desde que os gêmeos morreram; e mesmo antes, não era uma mulher forte.

— Não desde o acidente. Antes disso, lembro de ser tão fresca e viçosa quanto qualquer outra moça de Manchester.

— Que acidente, papai?

— Ela bateu com a lateral do corpo numa engrenagem. Isso era antes de as engrenagens ficarem dentro das caixas. Foi logo antes do casamento, e muita gente achou que George ia

desistir do negócio; mas eu sabia que ele não era desse tipo. Quando ela se levantou da cama, foi quase que direto para a Igreja Velha; coitada, entrou toda branca e mancando, com George segurando-a tão docemente como se fosse sua mãe, e andando o mais devagar que podia, para não apressá-la, apesar de ter muitos rapazes mal-educados que caçoaram dos dois. O rosto dela estava branco como um lençol quando ela entrou na igreja, mas, antes de chegar no altar, já estava todo corado. Bem, apesar disso, tem sido um casamento feliz e George tem sido como um irmão para mim a vida toda. Ele vai ficar arrasado se perder Jane. Não gostei da cara dela hoje.

E assim ele foi para a cama, com o medo da tristeza vindoura do amigo misturando-se aos pensamentos sobre o dia seguinte e às esperanças para o futuro. Mary viu-o partir, com as mãos sobre os olhos para se proteger dos raios brilhantes e oblíquos do sol da manhã, e depois foi para dentro de casa, arrumar a bagunça antes de ir trabalhar. Ela se perguntou se gostaria ou não da solidão das manhãs e das noites; em diversos momentos, quando o relógio bateu as horas, pensou no pai e se perguntou onde estaria; fez boas resoluções, do seu ponto de vista; e logo surgiram as distrações e os acontecimentos das horas mais avançadas do dia para ocupá-la com o presente e abrandar a lembrança do ausente.

Uma das resoluções de Mary foi que não seria persuadida ou induzida a encontrar-se com o Sr. Harry Carson durante a ausência do pai. Havia algo desonesto em sua consciência, afinal de contas; pois essa resolução em si parecia uma admissão de que era errado encontrar com ele e ponto. No entanto, Mary se convenceu de que sua conduta era perfeitamente inocente e recatada, uma vez que, embora seu pai não soubesse e, decerto, se descobrisse, não fosse dar seu consentimento, ela considerava os encontros amorosos com o Sr. Carson algo que não poderia deixar de levar ao bem e à felicidade de John Barton. Mas, agora que ele estava longe de casa, não ia fazer nada que desaprovasse; não, nem que fosse algo que eventualmente levasse ao seu próprio bem.

Ora, entre as costureiras da Srta. Simmonds havia uma que, desde o início, fora a confidente de Mary nessa questão do namoro, graças ao próprio Sr. Carson. Ele sentira a necessidade de uma terceira pessoa para levar cartas e recados e advogar sua causa quando ele estivesse ausente. Encontrou alguém disposto a fazê-lo na pessoa de uma moça chamada Sally Leadbitter. Sally já se sentia inclinada a participar de um caso de amor (especialmente um clandestino) pela mera diversão que isso traria; e sua inclinação foi fortalecida pelas diversas moedas de cinquenta centavos que de tempos em tempos o Sr. Carson lhe oferecia.

Sally Leadbitter tinha a mente vulgar até o último grau; só estava satisfeita quando sua conversa era sobre namoros e namorados; e, a seu ver, era uma honra ter uma longa lista de pretendentes. Com essas características, era uma pena que fosse apenas uma menina feiosa, ruiva e cheia de sardas; nada provável, aparentemente, de se tornar ela própria uma heroína. Mas, para compensar a falta de beleza, Sally demonstrava uma espécie de descaramento que a tornava o que pessoas mais sofisticadas teriam chamado de pícara. Considerações sobre o decoro e a boa educação nunca a impediam de espalhar uma notícia interessante. Não era muito inteligente, apenas o suficiente para corromper as outras. Até sua simpatia era uma influência malévola. Era impossível odiar alguém tão bondoso; evitar alguém tão disposto a

proteger de armadilhas com qualquer esforço necessário; alguém cujos dedos ágeis a qualquer momento podiam compensar por sua demora no trabalho, e cuja língua, ainda mais conveniente, estava sempre pronta para inventar desculpas por elas. Os judeus ou os muçulmanos (me esqueci quais) acreditam que há um ossinho do nosso corpo — uma das vértebras, acredito eu — que jamais se decomporá e se transformará em pó, mas permanecerá incólume e indestrutível no solo até o Último Dia: é a “semente da alma”. Os mais depravados também possuem a “semente da santidade”, que um dia vencerá o mal de sua natureza; uma boa qualidade, que está oculta, mas segura, entre tudo o que há de corrupto e de ruim neles.

A semente da alma futura em Sally era seu amor pela mãe, uma mulher idosa e inválida. Por ela, Sally era abnegada; por ela, sua simpatia se transformava em ternura; para alegrar o leito solitário da mãe, à noite, mesmo com o corpo muitas vezes arrasado de cansaço, sua animação nunca murchava, fazendo com que sempre estivesse disposta a relatar os eventos do dia, caçoando de tudo, e a imitar, com fidelidade admirável, qualquer pessoa dotada de uma característica absurda que houvesse passado diante de seu olhar agudo. Mas a mãe era tão desprovida de princípios quanto a própria Sally; e não havia motivo para esconder dela por que o Sr. Carson lhe dava tanto dinheiro. Ela dava risotas de prazer e apenas torcia para que o namoro durasse bastante.

De modo que nem ela, nem a filha, nem Harry Carson gostaram dessa resolução de Mary, de não o ver durante a ausência do pai.

Certa noite (e as noites daquele verão prematuro já estavam longas e claras), Sally combinou de se encontrar com o Sr. Carson para receber dele uma carta para Mary, implorando-lhe que o visse, que ela deveria reforçar com todo o seu poder de persuasão. Após se separar dele, Sally decidiu que, como não estava muito tarde, iria logo até a casa de Mary entregar o recado e a carta.

Encontrou Mary num estado de tristeza profunda. Ela acabara de receber a notícia da morte súbita de George Wilson: seu velho amigo, amigo de seu pai, pai de Jem — numa enxurrada, ela lembrou de todos os laços que a ligavam a ele. Embora Mary não fosse poupada das imagens e dos sons desnecessários da morte, como ocorre com os filhos dos ricos, esta invadira sua casa vezes demais nos últimos três ou quatro meses. Era tão terrível ver tantas pessoas queridas partirem daquela maneira; uma após a outra. E pensar que seu pai temera pela morte de Jane Wilson na noite antes de partir. Ela, tão debilitada, fora deixada para trás, enquanto aquele homem forte fora levado. De qualquer maneira, George Wilson fora poupado da tristeza que seu pai tanto temera que fosse sofrer. Era em tudo isso que Mary estava pensando.

Não podia ir consolar a família do falecido, se é que tinha o poder de consolá-los! Pois tinha decidido evitar Jem; e sentia que nessa ocasião específica não seria possível manter uma frieza calculada.

E em meio a esse choque de tristeza, Sally Leadbitter era a última pessoa que desejava ver. No entanto, ergueu-se para recebê-la, mostrando sem querer o rosto inchado por causa do choro.

— Ora, vou poder contar ao Sr. Carson amanhã como você está se consumindo por causa dele; e o pobre está igual, pode apostar.

— Ora essa! Por ele! — exclamou Mary, com um meneio de sua bela cabeça.

— Por ele sim, moça! Você está que suspira enquanto costura nesses últimos dias; e é uma tremenda bobalhona de não ir ver alguém que lhe ama mais que a vida, e que você ama. “Ama quanto, Mary?” “Um montão assim”, como dizem as crianças — respondeu Sally, abrindo bem os braços.

— Que bobagem! — disse Mary, fazendo um muxoxo. — Muitas vezes eu acho que não gosto nem um pouco dele.

— Quer que eu diga isso para ele, da próxima vez que o vir? — perguntou Sally.

— Pode dizer, se quiser — respondeu Mary. — Não ligo para isso. Não ligo para nada! — exclamou, desatando a chorar de novo.

Mas Sally não queria ter esse tipo de coisa para contar. Ela viu que tinha usado a tática errada e que Mary estava triste demais para dar o valor devido tanto para o recado quanto para a carta. Por isso, teve a esperteza de deixar de lado aquela entrega e dizer, num tom mais solidário do que usara até então:

— Por favor, me conte, Mary, por que está tão aborrecida? Você sabe que não suporto vê-la chorar.

— George Wilson morreu de repente esta manhã — disse Mary, encarando Sally por um instante e logo escondendo o rosto no avental, mais uma vez aos soluços.

— Ah, que pena! “Toda carne é erva; amanhã, Deus é quem sabe”, como diz a Bíblia. Mas ele já era velho, não prestava mais para muita coisa; tem gente melhor que ainda está viva. Aquela solteirona crente, irmã dele, ainda está viva?

— Não sei de quem você está falando — respondeu Mary com rispidez; pois sabia, sim, e não gostava de ouvir alguém falar daquele jeito de sua querida e singela Alice.

— Ora, Mary, não seja tão inocente. Muito bem, a Srta. Alice Wilson ainda está viva? Assim está bom? Faz tempo que não a vejo por essas partes.

— Não, ela não mora mais aqui. Quando os gêmeos morreram, achou que talvez pudesse ajudar de alguma maneira a cunhada, que estava muito triste. Pensou que poderia alegrá-la; ou, pelo menos, ser um ombro amigo onde ela pudesse se consolar; de modo que deixou o sótão onde morava e foi viver com eles.

— Vá com Deus. Não gostava dela e não queria que transformasse minha linda amiga Mary numa metodista.

— Ela não é metodista; é anglicana.

— Ora, Mary, você está muito implicante. Sabe o que eu quis dizer. Olhe, sabe de quem é esta carta? — disse Alice, mostrando a carta de Henry Carson.

— Não sei e não quero saber — respondeu Mary, ficando muito vermelha.

— Ora essa! Como se eu não soubesse que você sabe e quer saber, sim.

— Bem, dê logo para mim — disse Mary, impaciente e ansiosa para ver sua visitante ir embora.

Sally entregou o envelope de má vontade. Teve, no entanto, o prazer de ver Mary corar e ficar com covinhas ao ler a carta, que aparentemente dizia que quem a escrevera não era indiferente a ela.

— Você precisa dizer a ele que não posso ir — disse Mary, finalmente erguendo os olhos. — Já disse que não vou encontrá-lo enquanto papai estiver fora, e não vou mesmo.

— Mas, Mary, ele sente tanto a sua falta. Você ia morrer de pena se soubesse como ele está aborrecido por não poder lhe ver. Além do mais, você vai quando seu pai está em casa, escondida dele; que mal faria ir agora?

— Sally, você já sabe a minha resposta. Eu disse que não vou; e não vou.

— Vou dizer a ele que venha vê-la em pessoa uma noite dessas, em vez de me mandar; talvez você seja mais boazinha.

Mary ferveu de raiva.

— Se ele tiver coragem de vir aqui enquanto meu pai estiver fora eu chamo os vizinhos para expulsá-lo, por isso não vá colocando ideias na sua cabeça!

— Minha nossa! Parece até que você é a primeira moça a ter um pretendente; nunca ouviu falar do que outras moças fazem sem sentir vergonha.

— Psiu, Sally! Margaret Jennings está chegando.

Um instante depois, Margaret entrou na sala. Mary tinha implorado que Job Legh a deixasse vir dormir com ela. À luz incerta do fogo, era impossível não notar que ela tinha o andar claudicante de uma cega.

— Bom, tenho que ir, Mary — disse Sally. — Essa é sua última palavra?

— É, sim; boa noite.

E ela fechou a porta com alívio depois da saída daquela visita indesejada — indesejada naquele momento, ao menos.

— Ah, Margaret, você ouviu essa notícia terrível sobre o George Wilson?

— Ouvi, sim. Coitados, eles têm passado por tantas dificuldades ultimamente! Não que eu ache que a morte súbita seja uma coisa tão ruim; é rápido e quem morre não sofre. Mas, para quem fica, é muito difícil. Pobre George! Parecia tão saudável.

— Margaret — disse Mary, que vinha observando a amiga com atenção —, você está enxergando muito mal esta noite, não está? É porque andou chorando? Seus olhos estão tão vermelhos e inchados!

— É, minha amiga! Mas não chorei de tristeza. Você não soube onde estive ontem?

— Não; onde?

— Olhe aqui.

Margaret mostrou uma moeda de ouro brilhante. Mary arregalou os olhos cinzentos de espanto.

— Vou lhe contar tudo, tim-tim por tim-tim. Tem um senhor que está dando umas palestras sobre música no Instituto dos Artesãos e que precisa de gente para acompanhá-lo cantando. Bem, na noite passada o contador ficou com dor de garganta e não conseguia cantar uma nota. Por isso, eles me chamaram. Jacob Butterworth tinha falado bem de mim e eles me perguntaram se eu podia cantar. Você deve imaginar que fiquei com medo; mas pensei: é agora ou nunca, e disse que ia fazer o melhor que podia. Assim, cantei as músicas para o homem da palestra e os diretores me disseram que era para eu pôr uma roupa direita e estar lá às sete.

— E você vestiu o quê? — perguntou Mary. — Ah, por que não veio pedir meu vestido

bonito de guingão rosa?

— Bem que pensei nisso; mas você ainda não estava em casa. Não! Coloquei meu vestido de merino que mandei fazer no inverno passado e meu xale branco e fiz um penteado bonito no cabelo; ficou bom o suficiente. Mas, como eu ia dizendo, fui para lá às sete. Não conseguia ver muito bem para ler a partitura, mas levei o papel comigo, para ter alguma coisa para fazer com os dedos. As cabeças dançavam quando eu me postei bem na frente de todo aquele povo, como se fosse começar a cantar num baile. Você pode imaginar como fiquei nervosa, mas a minha música não era a primeira e a melodia parecia a voz de um amigo me dizendo para ter coragem. Bem, para resumir, quando eu terminei, o moço da palestra me agradeceu e o diretor do instituto disse que nunca tinha visto uma cantora nova ser tão aplaudida (pois eles fizeram uma algazarra tão grande quando terminei, batendo as mãos e os pés, que comecei a me perguntar quantos pares de sapatos gastavam por semana daquele jeito, para não falar de quantos pares de mãos). De modo que vou cantar de novo na quinta; e ganhei uma moeda de ouro ontem e vou ganhar mais meia libra para cada noite que o palestrante for falar no Instituto.

— Ora, Margaret, fico muito feliz em saber.

— E você ainda nem sabe a melhor parte. Agora que parece haver um caminho aberto para que eu não seja um fardo para ninguém, apesar de ter sido a vontade de Deus me deixar cega, achei que poderia dar a notícia ao meu avô. Só falei de ter cantado e ganhado a moeda de ouro na noite passada, pois não quis mandá-lo para cama com o coração pesado; mas, esta manhã, contei tudo.

— E como ele reagiu?

— Ele não é de falar muito; mas ficou muito surpreso.

— Que curioso; eu tenho reparado desde que você me contou.

— Mas é isso! Se eu não tivesse contado e você tivesse me visto todos os dias, não ia ter percebido a migalha de diferença de um dia para outro.

— Bem, mas o que seu avô disse?

— Ah, Mary. — Margaret exibiu um meio sorriso. — Estou com receio de lhe contar, pois, como você não conhece o jeito do meu avô como eu, pode achar estranho. Ele ficou espantado e disse: “Diabos!” Depois, começou a olhar para o livro, fingindo, e ficou muito quieto enquanto eu contava tudo; sobre como senti medo e como andei triste; como estava reconciliada com isso, já que era a vontade do Senhor; e como esperava ganhar dinheiro cantando; e, enquanto falava, vi umas lágrimas enormes caindo no livro; mas é claro que não demonstrei que estava vendo. Meu querido avô! E ele passou o dia inteiro tirando discretamente coisas do meu caminho, com medo de eu tropeçar; e colocando na minha frente coisas que acha que eu vou querer; sem nunca saber que eu via e sentia tudo; pois pensa que já estou cega por completo e... acho que em breve vou estar mesmo.

Margaret suspirou, apesar de seu tom alegre e aliviado.

Embora Mary tenha percebido o suspiro, achou que era melhor deixá-lo passar sem comentário e começou, com o tato que a verdadeira solidariedade nunca deixa de suprir, a fazer diversas perguntas sobre a estreia musical da amiga, com a intenção de sublinhar melhor

o seu sucesso.

— Mas, Margaret! — exclamou, por fim. — Você talvez vá ficar tão famosa quanto aquela moça importante de Londres, que nós vimos uma vez indo para o teatro de carruagem.

— Parece mesmo — disse Margaret, com um sorriso. — E pode ter certeza, Mary, que não vou esquecer de ajudar você de tempos em tempos quando isso acontecer. Não, quem sabe, se você for uma boa menina, posso até contratá-la como minha criada! Não ia ser bom? Até já ando repetindo o começo de uma das minhas músicas preferidas:

“Tu andarás toda de seda
E terás prata para gastar”²³

— Não, não pare; ou melhor, cante algo mais novo, pois, não sei por que, mas jamais gostei daquela parte sobre esquecer o tal do Donald.

— Bem, embora eu esteja um pouco cansada, vou cantar, sim. Antes de vir para cá, estava ensaiando há quase duas horas para a apresentação de quinta-feira. O moço da palestra disse que tinha certeza de que seria perfeita para mim e que eu lhe faria justiça; e não quero desapontá-lo de jeito nenhum, pois ele foi tão gentil e me encorajou tanto. Ah, Mary, que pena que o mundo não tem mais gente assim e menos dos que ralham e brigam! Ia ser muito melhor. Além do mais, alguns dos outros cantores disseram que tinham quase certeza de que a música é do moço mesmo, pois ele é tão cheio de coisa com ela, e tão ansioso para que eu dê a expressão certa. E isso me faz querer acertar mais ainda. O primeiro verso, ele disse que era para ser cantado “com ternura, porém alegria”! Acho que não entendi bem, mas vou tentar.

“O que uma palavra faz!
Emoção ao coração traz
Faz surgir na nossa lembrança
As melodias da esperança
E tudo colore de paz
O que uma palavra faz!”

— Agora a melodia é num tom menor e fica muito triste. Acho que consigo fazer essa parte melhor do que a primeira.

“O que uma palavra faz!
Enche a vida de coisas más
Faz sumir toda a alegria
Torna escura a luz do dia
Mata as flores com ódio voraz
O que uma palavra faz!”

Margaret sem dúvida aproveitou ao máximo essa musiquinha. Como um operário que ouvia do lado de fora observou: “Cantou que nem um sabiá!” E se tiver cantado no Instituto dos

Artesãos com metade da emoção que expressou naquela noite, o palestrante deve ter sido um homem muito difícil de agradar se não tiver admitido que suas expectativas estavam mais do que correspondidas.

Quando ela acabou, a expressão de Mary resumia melhor do que qualquer palavra o que ela achava; e, em parte para controlar uma lágrima que estava quase caindo, ela deu uma risada e disse:

— Aquela carruagem vai ser sua com certeza. Vamos começar a sonhar com ela logo.

20. Jornal cartista radical que começou a ser publicado em novembro de 1837. (*N. da T.*)

21. Na época em que se passa *Mary Barton*, havia na Inglaterra uma campanha por uma jornada menor de trabalho nas fábricas, exigindo que nenhuma mulher ou criança de menos de 18 anos trabalhasse mais de dez horas por dia ou 58 horas por semana. Jornadas mais longas do que essas eram a norma. (*N. da T.*)

22. Beau Tibbs é um personagem de *Citizen of the World* [Cidadão do mundo], de 1762, um romance satírico do escritor irlandês Oliver Goldsmith (1728-1774) no qual Tibbs finge pertencer à alta sociedade, embora seja pobre. Na ocasião referida, ele convida o narrador-personagem para visitá-lo e passa por um constrangimento quando lhe dizem que sua esposa está na casa ao lado lavando as duas únicas camisas que possui. (*N. da T.*)

23. Trecho de “The Siller Crown” [A coroa de prata], de Susanna Blamire (1747-1794), cuja letra fala de uma moça que, embora tenha um pretendente lhe oferecendo riquezas, se recusa a abrir mão de Donald, seu verdadeiro amor. Há, é claro, um paralelo com a história da própria Mary Barton. (*N. da T.*)

As experiências de Barton em Londres

Uma vida de prazeres é a nossa
 A eles, toda a abnegação
 A nós as ruas, largas e populosas
 A eles, as esquinas insalubres e águas-furtadas
 [escuras

E os porões onde nadam os ratos!
 Caminhamos por aleias verdes, refrescadas pela
 [chuva

A eles, os becos escuros, cheios de pó
 Não fomos nós que assim os condenamos
 Deus fez ricos e pobres — do que então eles
 [reclamam?

“Criança das Ilhas”,
 da Sra. Norton²⁴

Na noite seguinte, veio uma chuva quente, barulhenta, incessante — a chuva certa para acordar as flores. Mas em Manchester, onde por infelicidade não há flores, a chuva só trouxe melancolia e desânimo; as ruas ficaram molhadas e sujas, as casas ficaram molhadas e sujas e as pessoas ficaram molhadas e sujas. Na verdade, a maioria não saiu e os pequenos pátios pavimentados ficaram estranhamente silenciosos.

Mary teve que trocar de roupa depois de caminhar para casa; e mal tinha se deitado quando ouviu alguém tentando abrir a porta. O barulho demorou tanto que ela teve tempo de se levantar e ir abrir. Lá estava — seria possível? Sim, era seu pai!

Lá estava ele, encharcado e exausto da viagem! Entrou sem dizer uma palavra a Mary em resposta ao seu cumprimento alegre e espantado. Sentou-se diante do fogo com a roupa molhada, sem reagir. Mas Mary não o deixou descansar. Correu lá para cima e trouxe seu traje

de trabalho e foi para a cozinha buscar o pouco de comida que havia enquanto ele se trocava diante do fogo, sempre tagarelando o mais alegremente que podia, embora a depressão do pai pesasse como chumbo em seu coração.

Pois Mary, em seu isolamento na loja da Srta. Simmonds — onde quase só se falava das modas, dos vestidos e dos bailes que seriam dados e para os quais as roupas tais e tais tinham sido encomendadas, variando apenas nos interlúdios sussurrados em que se tratava de amor e dos namorados —, não soubera da última notícia política do dia: de que o Parlamento se recusara a escutar os trabalhadores, quando estes pediram, com toda a força de suas palavras rudes e incultas, para ouvirem o que diziam sobre a angústia que cavalgava, como o Conquistador em seu Cavalo Esverdeado,²⁵ em meio ao povo; que minava suas vidas e deixava a marca da tristeza naquela terra.

Depois que Barton comeu e se refrescou, eles ficaram sentados durante algum tempo em silêncio; pois Mary queria que ele lhe contasse o que o oprimia tanto, mas não ousava perguntar. Nisso, foi sábia; pois, quando nosso coração está pesado, combina mais com o nosso humor revelar o caso da nossa maneira, quando nos convém.

Mary sentou-se num banquinho aos pés do pai, como fazia quando era criança, e colocou devagar a mão na dele, enquanto sua tristeza a contagiava, fazendo com que ficasse melancólica e suspirasse sem saber por quê.

— Mary, precisamos pedir a Deus que nos ouça, pois os homens não nos dão atenção; não, nem se chorarmos lágrimas de sangue.

Naquele instante, Mary entendeu o que tanto pesava no coração do pai, ainda que não em detalhes. Ela apertou a mão dele, num gesto mudo de solidariedade. Não sabia o que dizer e sentia tanto medo de falar a coisa errada que ficou em silêncio. Mas quando John Barton passou mais de meia hora na mesma postura, com os olhos vagos e fixos no fogo, sem emitir nenhum som para quebrar o tique-taque cansativo do relógio e os pingos no telhado lá fora, além de um suspiro fundo de tempos em tempos, Mary não aguentou mais. Decidiu que qualquer coisa serviria para fazer o pai acordar. Até uma notícia ruim.

— Pai, você sabia que George Wilson morreu?

A mão dela foi comprimida de maneira súbita e quase violenta.

— Ele caiu morto na rua Oxford ontem de manhã. É muito triste, não é, pai?

As lágrimas de Mary estavam prontas para rolar e ela olhou o rosto do pai, buscando solidariedade. Mas ele ainda estava com a mesma expressão fixa de desespero, que não variou nem com a tristeza pelo morto.

— Melhor para ele morrer — disse John Barton, em voz baixa.

Aquilo era insuportável. Mary se levantou com o pretexto de ir dizer a Margaret que não precisava mais vir dormir com ela naquela noite, mas na verdade seu intuito era pedir a Job Legh que viesse alegrar seu pai.

Ela estacou diante da porta. Margaret estava treinando canto e, em meio ao silêncio da noite, sua voz ecoava como a de um anjo.

— Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus...²⁶

As velhas palavras proféticas dos hebreus trouxeram alívio ao coração de Mary, como o

orvalho que cai sobre as plantas. Ela não pôde interromper. Ficou ali, ouvindo, consolada, até que o burburinho da conversa recomeçou; então, entrou e disse por que viera.

Tanto o avô quanto a neta se ergueram de imediato para fazer o que ela pedira.

— Ele está só cansado, Mary — disse o velho Job. — Amanhã, vai ser outro homem.

Não há como descrever os gestos e palavras que têm poder sobre um coração dolorido e pesado; mas, em cerca de uma hora, John Barton já falava tanto quanto de costume, embora, como era natural, só conseguisse discorrer sobre a frustração de sua esperança, esperança de tantos que agora chegava ao fim.

— Sim, Londres é bonita — disse ele. — E povo mais bonito que aquele eu nunca vi nem ouvi dizer que existia, a não ser nos livros de história. Eles podem aproveitar agora, pois vão sofrer depois.

De novo aquela velha parábola do Rico e Lázaro! Será que ela assombra as mentes dos ricos como faz com as dos pobres?

— Fale um pouco mais de Londres, papai, por favor — pediu Mary, que estava sentada em seu velho lugar, perto dos joelhos do pai.

— Como posso falar, se não cheguei a ver nem um décimo dela? Disseram para mim que é seis vezes maior que Manchester. Parece que um sexto é de uns palácios enormes, três sextos de casas médias e o resto de buracos imundos e depravados, do tipo que não existe por aqui, fico feliz em dizer.

— Mas papai, você viu a rainha?

— Acho que não, mas teve um dia que eu pensei ter visto muitas vezes. Veja bem — disse John Barton, voltando-se para Job Legh —, nós estávamos com um horário marcado para ir ao Parlamento. A maioria estava ficando numa estalagem em Holborn, de uma gente muito honesta. Na manhã em que íamos levar a petição, tomamos um café da manhã que teria sido bom o suficiente até para a própria rainha. Devem ter achado que precisávamos tomar coragem. Tinha rim de cordeiro, linguiça, presunto assado, bife e cebola frita; mais parecia almoço que café. Mas eu vi que muitos rapazes não conseguiram comer muito. A comida não descia quando eles pensavam na gente de casa, nas mulheres e filhos que, naquele exato momento, podiam estar passando fome. Bom, depois do café, a gente se preparou para sair na procissão, e demorou foi tempo para botar todo mundo de dois em dois e colocar a petição, que tinha vários metros de comprimento, para ser levada pelos pares da frente. Os homens estavam muito sérios, pode ter certeza; e que gente magra, chupada, com uma cara de desespero!

— Você não está muito melhor.

— É, mas eu era gordo e lustroso se comparado com vários outros. Bom, nós caminhamos por muitas ruas, bem parecidas com a rua Deansgate daqui. Tínhamos que andar bem, bem devagar, pois as seges e os cabriolés entupiam todas as ruas. Achei que eles iam acabar sumindo, mas, conforme as ruas iam ficando mais largas, elas iam aparecendo mais e mais até que, quando chegamos à Rua Oxford, não pudemos mais seguir adiante. Mas conseguimos atravessar depois de algum tempo e aí... minha nossa! Que ruas chiques que apareceram! Só que esse povo de Londres não sabe construir casa; um bom construtor ia ganhar muito

dinheiro lá, se soubesse trabalhar. Pois as casas lá não são de um formato bom para a gente viver dentro; algumas, depois de subir, o povo achou que ia desabar e, por isso, colocou umas pilastras muito feias na frente. E algumas têm homens e mulheres pelados desenhados (a gente até achou que aquelas eram as placas dos alfaiates). Se eu fosse criança, ia esquecer o que tinha ido fazer de tanto me admirar. A essa altura já estava na hora do almoço, ou um pouco mais, como a gente viu pelo sol, que estava bem lá no alto; e a gente estava cansado e cheio de pó, andando passo a passo, bem devagar. Bom, finalmente chegamos na rua mais chique de todas, que dava no palácio da rainha, e foi então que eu achei que tinha visto a rainha. Você já viu esses carros funerários com uns cavalos de pluma branca na cabeça, Job?

Job assentiu.

— Bom, esses homens de funerária estão ganhando um bom dinheiro em Londres. Quase todas as moças que vimos andando de carruagem tinham alugado uma pluma dessas, que ia fazendo flufe-flufe nas cabeças delas. Disseram que era o dia de a rainha receber, e as carruagens iam rolando até a casa dela, algumas com uns homens tão arrumados que pareciam gente de circo, e outras com um bando de mulheres. As próprias carruagens também eram um assombro. Alguns dos homens que não conseguiram lugar ficaram na parte de trás, de flor na lapela e bengala para espantar quem pudesse sujar suas meias de seda. Não sei por que não tomaram um cabriolé em vez de ficarem pendurados atrás que nem menino pegando carona; mas acho que queriam ficar perto das esposas, grudados que nem piolho. Os cocheiros eram uns homens atarracados, com umas perucas iguais às que os párocos usavam antigamente. Bom, a gente não conseguiu avançar por causa dessas carruagens e, por isso, quase morremos de esperar. Os cavalos eram gordos demais para andar depressa; nunca souberam o que é fome, dava para ver pelo brilho do pelo; e a polícia nos empurrava para trás quando tentávamos atravessar. Um policial ou dois nos bateu com o palito e os cocheiros riram. Alguns dos oficiais que estavam perto entalaram um vidro no olho e deixaram lá, que nem uma luneta. Um dos policiais me bateu. “Para que você fez isso?”, perguntei. “Você está assustando os cavalos”, disse ele, daquele jeito curtinho (pois os londrinos têm quase todos a língua amarrada e nem sabem dizer os “a” nem os “i”). “E é nossa obrigação impedi-los de molestar as damas e os cavalheiros que estão indo ver Sua Majestade.”

“E por que molestar a gente?”, perguntei. “Somos gente decente, resolvendo uma questão de vida e morte para nós, que temos muitos pequenos morrendo de fome em Lancashire. O que você acha que é mais importante para o nosso Senhor? A nossa questão ou a desse povo chique que você acha tão importante?” Mas eu devia era ter ficado quieto, pois ele só riu.

John parou de falar. Após esperar um pouco, para ver se ele continuava sozinho, Job disse:

— Ora, mas essa não é a sua história, homem. Conte o que aconteceu quando chegou no Parlamento.

Após uma pequena pausa, John respondeu:

— Se você não se incomodar, vizinho, prefiro não falar sobre isso. Nem eu, nem muitos outros, vamos esquecer ou perdoar; mas não consigo falar da nossa decepção como se fosse mais outra história sobre Londres. Enquanto eu viver, nossa rejeição vai ficar marcada no meu peito; enquanto eu viver, vou amaldiçoar os homens cruéis que se recusaram a nos ouvir; mas

prefiro não falar mais nisso.

Assim, sem ter sua curiosidade satisfeita, todos ficaram em silêncio durante alguns minutos.

O velho Job, no entanto, achou que alguém devia dizer alguma coisa, ou tudo que eles tinham feito para dissipar a melancolia de John Barton ia se perder. Assim, após algum tempo ele pensou num tópico, nem suficientemente dissonante do anterior para chocar o coração pesado, nem parecido demais a ponto de incentivar a continuação daquela lembrança triste.

— Você por acaso sabia que eu já fui a Londres uma vez? — disse ele para Mary.

— Não! — exclamou ela, surpresa, olhando para Job com mais respeito do que antes.

— Ah, mas eu fui, e Margaret aqui também, apesar de não lembrar de nada, coitadinha! Você deve saber que só tive uma filha, a mãe de Margaret. Eu era doido por essa minha menina e por isso, um dia, quando ela veio falar comigo (se escondendo atrás de mim para não mostrar o vermelho do rosto e fazendo carinho na minha bochecha, como fazia quando queria me agradar) e me contou que ela e Frank Jennings (um carpinteiro que morava perto da gente) queriam muito se casar, não tive coragem de negar, apesar de ficar doente só de imaginar viver longe dela. Mas ela era minha filha única e eu não disse o que sentia, para não magoar o coraçõzinho dela. Tentei lembrar da minha própria juventude, do meu amor pela santa da mãe dela, e de como nós tínhamos deixado nossas mães e nossos pais para sair pelo mundo juntos. E hoje em dia agradeço por não ter aberto a boca e incomodado a menina dizendo como me doía me separar da luz dos meus olhos.

— Mas você disse que o rapaz era vizinho de vocês — disse Mary.

— E era mesmo, ele e o pai. Mas não havia muito trabalho em Manchester, e o tio de Frank tinha comentado com ele sobre como havia trabalho sobrando em Londres e sobre como lá se pagava bem. Assim, ele tinha decidido se mudar, e Margaret ia com ele. Ah, meu coração ainda dói quando eu penso nessa época. Ela tão feliz, e ele também; só eu, o pobre do pai, se consumindo todo pelas costas dos dois. Eles se casaram e ficaram alguns dias comigo antes de irem de vez. Margaret se emocionou muitas vezes naqueles dias, e eu vi que ela estava com vontade de desabafar. Mas sabia que era melhor não falar dessas coisas e, por isso, nunca mostrei o que estava sentindo; sabia o que ela queria dizer quando vinha me beijar e segurar minha mão, como fazia quando era criança e queria ser amorosa comigo. Bom, lá se foram eles. Sabe aquelas duas cartas, Margaret?

— Claro — respondeu a neta.

— Bom, essas foram as duas únicas cartas que recebi dela, coitadinha. Diziam que estava muito feliz, e acho que devia estar mesmo. E a família de Frank soube que ele andava cheio de trabalho. Em uma das cartas a pobrezinha se despedia dizendo “Beijos, vovô!”, com um sublinhado na palavra vovô e, por essas e outras, eu entendi que ela estava esperando um neném. Não disse nada, mas economizei um dinheirinho, pensando em ir visitar minha filha e o pequeno quando fosse Pentecostes. Mas um dia, quando estava chegando o feriado, Jennings me apareceu com uma cara muito séria e disse: “Ouvi dizer que meu filho e sua filha pegaram a febre.” Eu quase caí duro, pois parecia que Nosso Senhor estava me dizendo no que aquilo ia dar. O velho Jennings tinha recebido uma carta da senhoria deles; uma carta muito bem-escrita, perguntando se eles não tinham quem viesse olhar por eles. Margaret tinha ficado

doente primeiro, e Frank, que tomava conta dela que nem uma mãe, tinha cuidado da esposa até apanhar a mesma coisa; e ela estava esperando parir em poucos dias. Bem, para resumir, eu e o velho Jennings fomos para Londres na diligência daquela noite. E foi assim, Mary, que eu fui parar em Londres.

— Mas como estava sua filha quando você chegou lá? — perguntou Mary, ansiosa.

— Estava descansando em paz, pobrezinha, assim como Frank. Eu adivinhei logo que vi o rosto da senhoria, todo inchado de tanto chorar, quando ela abriu a porta. Perguntamos onde eles estavam, e então soube que estavam mortos, pela cara dela; mas Jennings não, pelo que eu entendi; pois quando ela nos levou até um quarto com um lençol sobre a cama e, embaixo dele, claro como o dia, duas pessoas imóveis, ele gritou como se fosse uma mulher.

“E olhe que ele tinha outros filhos, e eu, não. Lá estava o meu amor, meu único amor. Estava morta e não havia mais ninguém para me amar, não, ninguém. Nem me lembro o que foi que eu fiz; mas sei que não disse nada, pois meu coração estava estilhaçado dentro do meu peito.

“Jennings não aguentou ficar naquele quarto e, por isso, a senhoria o levou lá para baixo, e para mim foi bom ficar sozinho. Foi escurecendo, e eu sentado lá; até que a senhoria subiu de novo e disse: ‘Venha cá.’ Eu me levantei e fui lá para fora, onde estava iluminado, mas tive que me segurar no corrimão da escada, de tão fraco e zozzo que estava. Ela me levou para um quarto onde Jennings estava deitado num sofá, ferrado no sono, com o lenço na cabeça, servindo de touca. A senhoria disse que ele havia chorado até adormecer. Tinha chá em cima da mesa, pois ela era uma senhora muito bondosa. Mas disse de novo: ‘Venha cá’, e me segurou pelo braço. Por isso eu dei a volta na mesa e vi um cestinho perto do fogo, com um xale por cima. ‘Levante aquilo’, disse ela, e eu obedeci; e ali estava um bebezinho, dormindo a sono solto. Meu coração deu um pulo e as lágrimas me embaçaram a vista pela primeira vez naquele dia. ‘É dela?’, perguntei, mas já sabia que era. ‘É’, respondeu a senhoria. ‘Ela estava um pouco melhor da febre quando o bebê nasceu; mas então o pobre rapaz piorou e morreu, e ela só durou algumas horas a mais.

“Um tiquinho de gente! Mas parecia até que era o anjo da minha filha que tinha vindo me consolar. Eu morria de ciúmes de Jennings sempre que ele chegava perto do bebê. Achava que era mais minha do que dele. Eu estava com medo de que ele fosse querer pegar para criar. Só que Jennings não estava nem pensando nisso; tinha muitos outros filhos e, como eu descobri depois, estava doido para que eu ficasse com a menina. Bom, nós enterramos Margaret e o marido num cemitério enorme, frio e cheio de gente em Londres. Detestei deixar os dois ali, pensando que, quando houvesse a ressurreição dos mortos, iam se sentir tão estranhos estando longe de Manchester e dos velhos amigos; mas não teve jeito. Bom, Deus cuida dos túmulos deles, lá como cá. O enterro custou um bom dinheiro, mas eu e Jennings quisemos fazer uma coisa decente. E então, tínhamos aquela bebezinha rechonchuda para levar para casa. Não tínhamos muito dinheiro sobrando; mas o tempo estava bom e nós decidimos pegar a diligência até Birmingham e ir andando de lá em diante. Estava uma manhã bonita de maio quando eu vi a capital pela última vez, de uma colina alta a 2 ou 3 quilômetros de distância de lá. E, naquele lugar enorme, estava deixando minha filha adorada descansando. Bom, se era a

vontade de Deus! Ela chegou no céu antes de mim; mas eu ainda vou encontrá-la de novo, se Deus quiser, apesar de já ter tantos anos que se foi.

“O bebê tinha comido antes de nós sairmos e o balanço da diligência fez com que ela dormisse, coitadinha! Mas quando a diligência parou para o almoço, ela acordou e começou a chorar, pedindo mingau. Assim, nós pedimos um pouco de pão e leite e Jennings tentou alimentar a menina primeiro; mas ela fez um quadradinho com a boca e cuspiu a comida toda pelos quatro cantos. ‘Sacuda a menina, Jennings’, disse eu. ‘É assim que eles fazem entrar água por um funil que está cheio demais; e a boca de uma criança parece a parte larga do funil, e a goela, a parte estreita.’ Jennings sacudiu a bebê, mas ela só chorou mais. ‘Deixe eu tentar’, pedi, pensando que ele era muito do desajeitado. Mas não foi nem um pouco melhor comigo. Sacudindo a bebê, não conseguimos enfiar quase nada na boca dela e, o que enfiamos, subiu de novo, molhando as roupinhas secas que a senhoria tinha colocado. Bom, assim que nós sentamos à mesa e comemos dois bocados de comida, veio o cocheiro e um homem chique, sacudindo um lenço de algodão. ‘Hora de partir!’, disse um. ‘Cinquenta centavos pelo almoço!’, disse o outro. Ora, nós achamos que era um preço bem caro pelos dois almoços, já que mal tínhamos chegado a provar a comida; mas, veja só, era cinquenta centavos cada e mais um xelim pelo pão e o leite que estavam derrubados pela roupa do bebê todo. Nós reclamamos, mas todo mundo disse que era daquele jeito mesmo, então, o que dois pobres sujeitos poderiam fazer? Bom, a pobre bebê chorou sem parar nem para respirar daquela hora até a hora em que chegamos em Birmingham para passar a noite. Mordia as mangas dos nossos casacos e as nossas bocas com sua boquinha quando tentávamos consolá-la, conversando com ela. Pobrezinha! Ela queria a mãe, que estava mortinha e enterrada. ‘Bom’, disse eu, ‘ela vai morrer de fome se cuspir o jantar que nem fez com o almoço; vamos pedir que uma mulher alimente a menina; as mulheres têm um jeito natural com os bebês! De modo que nós pedimos à criada da estalagem e ela foi muito boazinha; e nós jantamos bem e ficamos cheios de sono, pois estava quente lá dentro, e nós tínhamos passado o dia rodando ao ar livre. A criada disse que queria levar a menina para dormir com ela, mas que a patroa ia brigar muito; mas ela estava tão quietinha, sorrindo nos braços da moça, que nós achamos que não ia dar trabalho nenhum. Eu disse: ‘Está vendo, Jennings, como as mulheres sabem aquietar os bebês? Bem que eu disse.’ Ele ficou sério; sempre tinha um ar pensativo, apesar de nunca dizer nada muito profundo. Afinal, disse:

“‘Minha jovem! Você tem uma touca de dormir extra?’

“‘A patroa sempre tem umas toucas extras para os clientes que não querem abrir as malas’, respondeu a moça depressa.

“‘Mas, minha jovem, o que eu quero é uma das suas toucas. O bebê parece ter gostado de você; e, talvez, no escuro, ache que eu sou você, se estiver usando sua touca.’

“A criada deu uma risadinha e foi pegar a touca e eu dei uma tremenda gargalhada de ver um velho barbudo pensando que ia parecer mulher se colocasse touca de mulher. Ele ficou bastante zangado e eu tive que ficar com a bebê até a gente ir se deitar. Que noite foi aquela! A bebê abriu o berreiro que nem antes e a gente foi se revezando na hora de nanar a bichinha. Meu coração doeu pela pequena, que ia mordendo tudo que via; se não fosse por isso, eu ia

estar rindo de pensar naqueles dois velhos, um com uma touca de mulher, passando a noite em claro, tentando aquietar uma bebê que não queria saber de ficar quieta. Quando ia nascendo o dia, a pobrezinha dormiu, cansada de tanto chorar; mas, mesmo dormindo, ela ia dando uns solucinhos, tremendo do fundo do seu coraçãozinho, tanto que uma ou duas vezes eu quase cheguei a pensar que seria melhor se estivesse descansando em paz com a mãe. Jennings dormiu também; mas eu comecei a contar nosso dinheiro. Quase não havia sobrado nada, pois o almoço do dia anterior tinha sido muito caro. Eu não sabia quanto ia custar a estadia, o jantar e o café. Fazer uma soma sempre me deu sono, desde que eu era moço; e eu ferrei no sono depois de algum tempo e só acordei com a criada batendo na porta para dizer que ela podia vestir o bebê antes de a patroa acordar, se nós quiséssemos. Mas, vejam só, nós não tínhamos nem pensado em tirar a roupa dela na noite anterior, e agora ela estava dormindo tão quietinha, e nós estávamos tão felizes com aquela paz, que achamos que era melhor não acordar a menina, só para abrir o berreiro de novo.

“Bom... olhem só para isso, Mary está dormindo! Isso é que é ser boa ouvinte. Acho que vocês devem estar cansados da minha história, então não vou espichá-la muito. Depois de pagar as contas nós não ficamos com quase nada e achamos que era melhor ir andando para casa, pois eram só 100 quilômetros, eles disseram, sem parar para nada, só para comer. De modo que deixamos Birmingham — que é um lugar tão triste quanto Manchester, mas sem ter essa cara de casa da gente — e andamos aquele dia todo, trocando na hora de carregar o bebê. A menina tinha sido bem alimentada pela criada antes de nós sairmos, e o dia estava bonito, e o povo começou a falar do jeito certo, por isso nós dois ficamos mais alegres, pensando em voltar para casa — apesar de que eu ia me sentir muito só na minha, Deus sabe. Não paramos para almoçar, mas, na hora do lanche, fizemos uma boa refeição numa estalagem e alimentamos o bebê o melhor que deu, mas não foi muito bem. Também arrumamos uma casca de pão para ela chupar — a criada que deu a ideia. Naquela noite, não sei se estávamos cansados ou o que, mas foi muito penoso, e a pobre da menina já tinha dormido o que podia, e começou a chorar de partir o coração de novo. Jennings então disse:

“A gente não devia de ter andado no topo da carruagem que nem gente rica ontem.”

“Que isso, meu filho! Íamos ter que andar demais se não tivéssemos pegado a carruagem, e olhe que já estamos os dois cansados de caminhar.”

“Ele ficou quieto um tempo. Mas era daqueles que gostam de encontrar defeito no que já foi feito e não pode ser desfeito. Jennings então tossiu, como se fosse falar alguma coisa, e eu pensei: ‘Lá vem’. Ele disse:

“Você desculpe eu falar, vizinho, mas me parece que teria sido melhor para o meu filho não ter se metido com a sua filha.”

“Ora! Isso foi duro. Eu fiquei foi é danado, e se não estivesse carregando o bebê dela, acho que teria dado um tabefe no homem. Acabou que não me aguentei mais e disse:

“Por que não diz logo que teria sido melhor se Deus não tivesse feito o mundo, pois então a gente não estaria aqui de coração pesado?”

“Bom! Ele disse que aquilo era uma blasfêmia indecente; mas eu achei que o seu jeito de reclamar do que Deus tinha decidido mandar era uma blasfêmia pior. De qualquer maneira,

não falei mais nenhuma palavra raivosa, por causa da bebê, que era filha do filho morto dele, e da minha filha morta também.

“Até a estrada mais comprida tem uma curva, e aquela noite finalmente acabou; a gente ficou cansado e com o pé doendo, e eu achei que a bebê estava ficando cada vez mais fraca, e meu coração ficava apertado de ouvir o chorinho dela! Eu daria minha mão direita por um daqueles berros fortes do dia anterior. A gente estava querendo tomar nosso café, e ela também, pobre bebezinha sem mãe! Não vimos nenhuma estalagem por perto, então lá pelas seis (embora a gente tenha achado que era mais tarde) paramos numa casinha onde tinha uma mulher perto da porta aberta. Eu perguntei: ‘Minha senhora, a gente pode descansar um pouco?’ ‘Podem entrar’, disse ela, passando o avental numa cadeira que já estava brilhando. A sala era alegre e limpa; e nós ficamos felizes de poder sentar um pouco, embora eu estivesse achando que meu joelho nunca ia dobrar. Depois de um minuto a mulher ficou reparando na bebê, pegou a menina nos braços e a cobriu de beijos. ‘Senhora’, disse eu, ‘nós temos um pouco de dinheiro e, se puder nos dar qualquer coisa para o café, podemos pagar um preço justo e, se lavar e vestir essa pobrezinha e lhe der um pouco de mingau, pois ela está quase morrendo de fome, eu rezaria pela sua alma pelo resto da vida.’ A mulher não disse nada, mas me devolveu a bebê e, num instante, já estava com uma frigideira no fogo e pão e queijo na mesa. Quando se virou, seu rosto estava vermelho e os lábios, bem apertados. Ah, aquele café foi uma tremenda satisfação e que Deus abençoe e recompense aquela mulher por sua bondade naquele dia! Ela alimentou a pobre bebê com muito cuidado e carinho e falou com ela com tanta ternura como se fosse sua mãe. Parecia que a menina e aquela estranha já se conheciam antes, talvez do céu, de onde dizem que vem a alma desse povo; a bebê olhou para ela cheia de amor nos olhinhos e fez uns barulhinhos que mais pareciam de um pombo arrulhando. A mulher então tirou as roupinhas da bebê (coitadinha, já estava na hora!), muito devagar; e lavou a menina dos pés à cabeça; e, como muitas das roupas estavam sujas e as coisinhas que a mãe havia preparado para ela tinham sido mandadas direto de Londres, pôs tudo de lado; e, embrulhando a bebê peladinha no avental, pegou uma chave que estava presa por uma fita preta e pendurada no seu pescoço e destrancou uma gaveta na cômoda. Eu não queria bisbilhotar, mas não pude deixar de ver dentro daquela gaveta algumas roupas de criança, guardadas junto com uns ramos de lavanda, um chicotinho de brinquedo e um chocalho quebrado. Foi então que eu comecei a ver um pouco o que tinha no coração daquela moça. Ela tirou algumas coisas de lá de dentro, trancou a gaveta e continuou a vestir a bebê. Foi nessa hora que desceu o marido dela, um grandalhão que parecia estar meio dormindo, apesar de já estar tarde; ele tinha ouvido tudo que havia sido dito no andar de baixo, como logo deu para ver, e era muito do mal-humorado. Nós tínhamos terminado de tomar café, e Jennings estava olhando muito para a mulher, que estava ninando a bebê. Finalmente, ele disse: ‘Acho que agora eu aprendi. São dois puxões e uma sacudidela. Agora, também vou saber colocar essa bebê para dormir.’

“O homem tinha cumprimentado a gente com bastante mau humor e ido para a porta, onde ficou, assobiando com as mãos nos bolsos das calças, olhando para fora. Finalmente, virou e disse, com impaciência:

“‘Então, mulher, quer dizer que hoje eu não tomo café?’

“Com isso ela beijou a criança, um beijo longo e doce; e, me olhando bem para ver se eu entendia, me deu a bebê sem dizer uma palavra. Eu não queria sair dali, mas vi que era melhor irmos embora. Assim, dando uma cutucada em Jennings, que tinha dormido, eu disse: ‘Quanto é, moça?’, tirando meu dinheiro e fazendo as moedas cantarem, para ela não ver que a gente estava quase sem nada. Ela olhou para o marido, que não disse nada, mas estava prestando bastante atenção; e quando viu que ele não ia se manifestar, disse, hesitando, como se estivesse sendo puxada pelos dois lados, com medo dele: ‘Você acha seis centavos muito?’ Foi muito diferente da conta da estalagem, pois a gente tinha comido bastante antes de o homem descer. Por isso eu perguntei: ‘Moça, quanto é pelo pão e pelo leite do bebê?’ (Quase cheguei a dizer: ‘E pelo seu trabalho?’ Mas meu coração não me deixou, pois eu tinha visto que ela fez por amor.) E a mulher disse bem depressa, com um olhar furtivo para as costas do marido, que eram só ouvidos, tanto quanto umas costas podem ser: ‘Ah, a gente não ia cobrar nada pela comida da bebezinha, mesmo que ela tivesse comido o dobro, coitadinha.’ Com isso, o marido olhou para ela; e foi com tanta raiva! Ela entendeu o que ele estava querendo dizer e atravessou a sala com passos leves, colocando a mão em seu braço. O marido parecia que ia repelir a mulher com um puxão, mas ela disse, bem baixinho: ‘Pelo pobrezinho do Johnnie, Richard.’ O homem não se mexeu nem disse mais nada e, depois de olhar para ele durante um minuto, a mulher se virou, engolindo em seco. Ela deu um beijo na bebê, que estava dormindo, quando passou para receber o dinheiro. Para acalmar o marido mal-humorado e evitar que ele desse uma bronca nela, fiz questão de deixar outros seis centavos embaixo da broa de pão, e então nós continuamos no nosso caminho. Da última vez em que vi aquela mulher, ela estava limpando os olhos no canto do avental sem dizer nada, enquanto preparava o café do marido. Mas nós vamos nos encontrar no céu.”

Job Legh parou para pensar naquela manhã de maio de tanto tempo atrás, quando passara, com a neta nos braços, pelas sebes distantes e pelos sicômoros cheios de flores.

— Não tem mais nada para dizer, menina — disse ele a Margaret, que implorou que ele continuasse com a história. — Naquela noite nós chegamos a Manchester e eu descobri que Jennings ia ficar feliz de deixar o bebê comigo. Então, levei a menina para casa na mesma hora e ela tem sido uma bênção na minha vida.

Todos ficaram em silêncio durante alguns minutos, cada um perdido em seus pensamentos. Então, quase simultaneamente, sua atenção voltou-se para Mary. Sentada no banquinho, com a cabeça descansando sobre o joelho do pai e dormindo como uma bebê, sua respiração (ainda como a de uma bebê) ia e vinha com a suavidade de um pássaro deixando o ninho folhoso. Sua boca semiaberta era escarlate como as frutinhas do inverno e fazia um contraste lindo com a palidez brilhante de sua pele, onde o sangue eloquente se espalhava, rubro, a cada movimento. Seus cílios negros tocavam a face delicada, coberta pelas cascatas de cabelos dourados que pareciam formar um sustentáculo macio para que ela se deitasse. Seu pai, com orgulho e carinho, alisou um de seus cachos sedosos por um instante, como se quisesse mostrar como era comprido e macio. O pequeno gesto a acordou e, como nove entre dez pessoas em circunstâncias parecidas, Mary exclamou, arregalando ao máximo os olhos:

— Não estou dormindo! Estava acordada esse tempo todo.

Nem o pai dela conseguiu deixar de sorrir, enquanto Job Legh e Margaret gargalharam.

— Ah, menina — disse Job —, não fique com essa cara assustada só porque cochilou enquanto um velho como eu falava dos velhos tempos. Não é à toa que você caiu no sono. Tenta, se possível, ficar com os olhos abertos enquanto eu leio para o seu pai um trecho de um poema que foi escrito por um tecelão como nós. Não existem muitos homens assim, aposto, que sabem tecer uns versos desses.

Assim, ajeitando os óculos sobre o nariz, virando o queixo para um lado, cruzando as pernas e tossindo para limpar a voz, ele leu em voz alta um poeminha de Samuel Bamford²⁷ que aprendera em algum lugar.

Deus ajude os pobres, que nesta manhã gelada,
Saem dos becos e dos pátios escuros
Deus ajude aquela pobre moça pálida, desamparada
Suportando sua aflição com humildade
Deus lhe ajude, ovelha abandonada; está trêmula
Com os lábios brancos e as mãos vermelhas e congeladas;
Seus olhos fundos estão baixos de vergonha,
Seus cabelos negros como a noite são fustigados pelo vento;
Seu seio, muito alvo, em parte à mostra,
Está tão frio que a neve sobre ele não derrete;
Seus pés estão dormentes, seus sapatos puídos
Deus lhe ajude, ovelha abandonada e desamparada!
Deus ajude os pobres!

Deus ajude os pobres! O choro fraco de um bebê
Surge de uma porta estreita, e ali também
Há uma mulher agachada, de palidez mortal
Dobrada sobre a criança, para protegê-la do frio;
Tem poucas roupas e seu chapéu está rasgado
Um xale fino embrulha o filho amado
E assim ela suporta o vento cruel da manhã
Que enviou o frio quase até seu coração
Então, de súbito, lança um olhar faminto
Ao passar alguém levando um pão fresco
Quando a terrível tentação desaparece,
Ela chora. Deus lhe ajude, mulher indefesa e desamparada!
Deus ajude os pobres!

Deus ajude os pobres! Ali vai um rapaz com fome
Seus pés feridos não têm meias, nem sapatos
Ele manca, e tem um olhar sonhador e triste
Segue adiante, parando para examinar

Cada vitrine onde há algum alimento
Anseia por uma refeição que o possa alegrar
Ah! Para ele, qualquer comida rude
Daria um prazer que apenas os esfomeados sabem sentir!
Ele agora devora uma casca de pão bolorento
Rasgando o bem precioso com os dentes e as mãos
Sem prestar atenção à tempestade que o envolve,
Impetuosa. Deus lhe ajude, criança desamparada!
Deus ajude os pobres!

Deus ajude os pobres! Mais um eu encontrei
Um homem curvado e venerável
Seu chapéu murcho está envolvido por um crepe desbotado
Seu casaco é cinza e muito gasto também
Os ventos rudes parecem zombar de seus cabelos brancos
Seu peito está nu diante do vento terrível
Logo ele se volta tristemente
Com um lenço puído enxugando a chuva que o cega
E olha em torno, como se procurasse
Amigos com quem festejou em dias melhores
Ah! Alguns estão mortos; e alguns há muito
Esqueceram os pobres; deixando-o desamparado!
Deus ajude os pobres!

Deus ajude os pobres, que vivem em vales solitários,
Ou em montes distantes, onde crescem o tojo e a urze
Sua história é muito triste de contar
Mas ao mundo pouco importa e não são muitos
Que sabem da labuta e das provações por que passam os homens
O tear cansativo os chama de madrugada
Eles trabalham até caírem de exaustão
Só se alimentam para sobreviver, e a neve funda
Rodeia seus casebres sem fogo, bloqueando a porta
À noite, a tempestade uiva nos urzais
Morrerão eles assim — oprimidos e abandonados?
Será que o trabalho e a fome sem esperança serão suportados?
Não! Deus ainda surgirá para ajudar os pobres!

— Amém! — disse Barton, num tom solene e triste. — Mary! Minha filha, você pode copiar esse poema para mim? Quer dizer, se Job não se importar.

— Eu, não. Quanto mais ele for ouvido e repetido, melhor, é o que digo.

Então Mary pegou o papel. E no dia seguinte, no pedaço em branco de um cartão de dia dos

namorados, cuja borda era cheia de corações e dardos — um cartão que um dia ela suspeitara ter sido enviado por Jem Wilson —, copiou o lindo poeminha de Bamford.

24. Poema de 1845, de autoria de Caroline Norton (1808-1877). (*N. da T.*)

25. Referência a Apocalipse 6:8: “Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu montador chamava-se ‘a Morte’ e o Hades o acompanhava.” (*N. da T.*)

26. Referência a Isaías 40:1. (*N. da T.*)

27. Autor de “Passages in the Life of a Radical” e um perfeito exemplo de alguém de sua classe, que mostra a nobreza que pode existir num lar pobre. (*N. da T.*)

O retorno da filha pródiga

Meu coração, que já foi suave como uma lágrima
[de mulher, está áspero
De se vangloriar dos males que não posso curar.

E. Elliott²⁸

Guarde a inocência dela
Que não se perca, como eu
Será mil vezes melhor
Vê-la morta e enterrada
“A pária”

O desespero baixou como uma nuvem pesada; e, de tempos em tempos, em meio à calmaria morta do sofrimento, surgiam vestígios de tempestade, mostrando no que dariam aqueles prognósticos sombrios. Nas épocas em que persistimos com melancolia ou raiva, muitas vezes nos consolamos com a mera repetição de velhos provérbios, que falam da experiência de nossos antepassados; mas, então, “não há mal que sempre dure”, “de hora em hora Deus melhora” etc., pareciam dizeres falsos e vãos, de tão duradoura e cansativa que foi a pressão daqueles tempos terríveis. Os pobres foram ficando cada vez mais arruinados; isso provou quanto sofrimento prolongado é preciso para matar os homens, que tão poucos (comparativamente) morreram naquela época. Mas lembrem-se! Nós só sentimos falta daqueles que, em suas posições humildes, trabalham; os idosos, os frágeis, as crianças, quando morrem, mal causam impressão no mundo. No entanto, para muitos corações, suas mortes cavam uma fenda que nem muitos anos são capazes de preencher. Lembrem-se, também, que embora talvez seja preciso muito sofrimento para matar os membros sãos e úteis da sociedade, *não* é preciso muito para reduzi-los a criaturas emaciadas, apáticas, doentes, que a partir de

então rastejam pela vida com corações sorumbáticos e corpos torturados pela dor.

O povo tinha achado a pobreza dos anos anteriores difícil de suportar, um fardo pesado de carregar; mas aquele ano acrescentou muito ao seu peso. Outros tempos os haviam castigado com açoites, mas aqueles os castigavam com escorpiões.

É claro que Barton teve seu quinhão de sofrimentos meramente físicos. Antes de ir a Londres em sua missão vã, estava trabalhando em jornada reduzida. Mas, na esperança de uma solução rápida por meio da interferência do Parlamento, abrira mão do emprego; e agora, quando pediu permissão para voltar ao trabalho, disseram-lhe que a fábrica estava mandando mais gente embora toda semana, e ficou sabendo, pelos comentários dos colegas, que um delegado cartista, um dos líderes do sindicato, não teria muita sorte ao procurar uma vaga. Ainda assim, tentou não deixar sua própria situação desencorajá-lo. Sabia que conseguia suportar a fome; pois tivera de fazê-lo quando era criança e vira a mãe separar a parte da comida que lhe cabia para dividir entre os filhos. Ele, sendo o mais velho, contara a nobre mentira de que “não estava com fome, não poderia comer nem mais um bocado” de modo a imitar a valentia da mãe e calar o choro agudo dos irmãos mais novos. Mary tinha duas refeições asseguradas na loja da Srta. Simmonds; embora a costureira, também sentindo o efeito dos tempos ruins, houvesse deixado de oferecer chá às aprendizes, dando ela própria o exemplo da longa abstinência e só comendo no momento em que o trabalho do dia estivesse terminado, por mais tarde que fosse.

E o aluguel! Custava dois xelins e seis centavos por semana — quase todo o salário de Mary —, e eles poderiam ocupar um espaço muito menor, já que eram apenas dois (agora chegara o momento de agradecer pela morte prematura que poupava do mal vindouro). O trabalhador rural em geral tem um forte apego pelo lugar onde mora; mas esse é um sentimento muito menos comum, quase extinto, entre os habitantes de uma cidade. Ainda assim, há exceções, e Barton era uma delas. Ele se mudara para sua casa atual logo após a última época ruim, quando o pequeno Tom ficara doente e morrera. Achara que a confusão de uma mudança daria à sua pobre e atônita mulher algo para fazer, e se interessara mais pelos detalhes do procedimento do que era comum, na esperança de despertá-la para a ativa. De modo que parecia conhecer cada preguinho que tinha sido colocado para a conveniência dela. Só um fora tirado do lugar. O prego onde Esther costumava pendurar o chapéu e que Barton, na raiva profunda e vingativa que sentira dela após a morte da esposa, arrancara da parede e atirara na rua. Seria difícil deixar aquela casa, que ainda parecia ter o ar sagrado da presença de sua esposa, vindo dos tempos felizes de antigamente. Mas Barton era sua própria lei, embora às vezes fosse uma lei maligna e feroz; e resolveu dar o aviso prévio ao senhorio, procurar uma moradia mais barata e dizer a Mary que eles teriam de ir embora. Pobre Mary! Ela também amava aquela casa. Fazer aquilo era como arrancar de seu peito o apego doméstico natural, pois muito tempo se passaria antes que as raízes de seu coração se enroscassem em outro lugar.

Eles foram poupados dessa provação. O senhorio (por conta própria), na mesma segunda-feira em que Barton planejava lhe avisar de sua intenção de sair, baixou o aluguel em três centavos por semana, justamente o suficiente para fazer com que ele concordasse em ficar mais um pouco.

Mas, gradualmente, a casa foi perdendo todos os seus pequenos ornamentos. Alguns se quebraram; e as moedas extras que teriam sido usadas para pagar pelo conserto foram requeridas por uma necessidade muito maior, a de comprar comida. E, aos poucos, Mary começou a se desfazer de outros objetos supérfluos na loja de penhores. A bandeja e a lata de chá, tão chiques, guardadas com tanto cuidado há tanto tempo, se foram para que ela comprasse pão para o pai. Ele não pedia comida e nem reclamava, mas Mary via a fome em seu ar encolhido, feroz e selvagem. Então foi a vez dos cobertores, pois era verão, e era possível abrir mão deles; e sua venda rendeu um fundo que Mary achou que ia durar até tempos melhores. Mas logo tudo tinha se acabado; e ela olhou em torno na sala para privá-la dos ornamentos restantes. Diante de todos esses procedimentos, seu pai não disse sequer uma palavra. Quer estivesse jejuando ou se banquetecendo (após a venda de algum objeto) com uma refeição extraordinária de pão e queijo, a tudo reagia com uma indiferença taciturna que deprimia o coração de Mary. Muitas vezes, ela desejava que ele pedisse auxílio à prefeitura; muitas vezes, se perguntava por que o sindicato nada fazia para ajudá-lo. Certa ocasião, quando Mary perguntou ao pai, que, sujo, barbado e esquelético, estava sentado diante do fogo após um dia inteiro de jejum, por que ele não pedia auxílio à prefeitura, e ele, voltando-se com uma raiva amarga, disse:

— Eu não quero dinheiro, minha filha! Eles que vão para o diabo com sua caridade e o seu dinheiro! Quero trabalho, e tenho direito. Quero trabalho.

Barton disse a si mesmo que suportaria tudo. E suportou mesmo, mas não com resignação; isso era esperar demais. A verdadeira resignação surge após a vivência da generosidade. E poucos tinham sido generosos com ele. Apesar de tudo, com uma determinação severa, ele continuou a recusar a assistência que seu sindicato estava disposto a prestar. O sindicato não tinha muito a dar, mas, com sabedoria mundana, achava melhor prover um membro ativo e útil a ajudar outros com menos energia, embora estes tivessem famílias grandes para sustentar. Mas John Barton não pensava assim. Para ele, quem precisava tinha direito.

— Dê a Tom Darbyshire — disse ele. — Ele merece mais do que eu, tem mais necessidade, com sete filhos.

Com seu jeito apático e resmunguento, Tom Darbyshire era um inimigo mortal de John Barton. E ele sabia; mas se recusava a se deixar influenciar por isso numa questão como aquela.

Mary saía cedo para ir trabalhar. Mas as outras meninas agora sentiam falta das risadas alegres que costumava dar enquanto costurava. Sua mente vagava, pensando na dificuldade do presente, e depois se fixava nas visões do futuro, que, no entanto, eram formadas mais pelos confortos de suas circunstâncias e as vaidades e pompas que lhe aguardavam do que pelo namoro com quem iria dividir tudo isso. Ainda assim, ela não era insensível ao orgulho de ter atraído um homem de status tão superior; e nem ao prazer secreto de saber que ele, admirado por tantas, muitas vezes dissera que daria tudo por um de seus sorrisos doces. O amor de Mary por ele era uma bolha, inflada pela vaidade; mas parecia muito real e muito brilhante. Sally Leadbitter, enquanto isso, observava atentamente os sinais dos tempos; descobriu que Mary começara a dar ao dinheiro um valor inquestionável, considerando-o indispensável para a vida, e viu que muitas moças tinham sido seduzidas e atraídas pelo ouro,

mesmo sem o amor traiçoeiro que ela acreditava existir no coração da amiga. De modo que Sally, descrevendo as privações que tinha certeza existirem na vida de Mary, incentivou o Sr. Carson a ser mais direto. Mas ele tinha uma espécie de pavor instintivo de ferir o orgulho de Mary e não ousou fazer qualquer menção às dificuldades pelas quais muitos deviam estar passando. Sentia que, por enquanto, precisava se contentar com encontros furtivos e passeios de fim de tarde, e com o deleite de derramar palavras doces como mel nos ouvidos dela, que ouvia com um rubor e um sorriso que a deixavam radiante de beleza. Não; ele seria cuidadoso, para poder se certificar; afinal Mary, de algum jeito ou de outro, seria sua. Não tinha dúvidas do efeito de seus encantos pessoais a longo prazo; pois sabia que era bonito e acreditava ser fascinante.

Se o Sr. Carson soubesse como era a casa de Mary, não teria se sentido tão convencido de sua influência crescente sobre ela devido à disposição cada vez maior da moça a se demorar em seus passeios em meio ao ar doce do verão. Quando Mary voltava, afinal seu pai muitas vezes estava na rua, e a casa não possuía mais o aspecto alegre dos dias em que nunca faltava dinheiro para comprar sabão e escovas, produtos para lustrar os metais e branquear as roupas. Estava encardida e sem nenhum conforto; pois, obviamente, não havia sequer aquele amigo mudo de todos os lares, o fogo. E Margaret também passava muito tempo longe de casa, cantando em algum daqueles lugares chiques. E Alice... Ah, Mary queria que ela nunca tivesse deixado seu porão para ir morar em Ancoats com a cunhada! Disso Mary se sentia muito culpada: ela adiara tanto o dia de ir visitar a viúva após a morte de George Wilson, por medo de encontrar Jem ou lhe dar motivo para acreditar que queria voltar a ser tão íntima quanto antigamente, que agora estava envergonhada demais da demora e achava que não iria nunca mais.

Quando o pai dela estava em casa, não era melhor; na verdade, era pior ainda. Ele quase não dizia nada, conversava até menos do que antes; e muitas vezes, quando abria a boca, era para falar com rispidez e raiva, de um jeito como nunca falara com a filha. Mary também estava irritadiça e suas respostas não eram muito mansas; e, certa vez, de tanta fúria, ele chegara a bater nela. Se Sally Leadbitter ou o Sr. Carson houvessem estado ali perto naquele momento, Mary teria se disposto a sair de casa para sempre. Ela ficou sozinha, depois de o pai ter saído batendo a porta, pensando com amargura nos tempos antigos; zangada com sua própria impetuosidade e acreditando que o pai não a amava; fazendo de tudo para empilhar um pensamento doloroso sobre o outro. Quem no mundo gostava dela? O Sr. Carson talvez, mas, naquela tristeza, isso não parecia importar. A mãe tinha morrido! O pai tantas vezes se zangava e, nos últimos tempos, tinha passado a ser cruel (pois o tapa tinha sido forte, causando bolhas e vermelhidão na pele branca e delicada de Mary). Mas então seu coração se voltou para o outro lado e Mary se lembrou de tudo o que tinha feito para irritar o pai e quantas coisas ele suportava; e, ah, como ele fora bom e amoroso até esses dias difíceis. As lembranças de exemplos de amor paterno foram se multiplicando em sua mente, até ela se perguntar como era possível que houvesse se comportado daquele jeito com ele.

Então ele voltou para casa; e, se não fosse pela vergonha, Mary teria confessado seu arrependimento. Mas estava com um ar emburrado, devido ao esforço de controlar a emoção; e, durante algum tempo, o pai não soube como começar a falar. Afinal, ele engoliu o orgulho e

disse:

— Mary, não tenho vergonha de dizer que peço desculpas por ter lhe batido. Você me irritou um pouco e eu não sou mais o homem que já fui. Mas foi errado e eu vou tentar nunca mais encostar a mão em você.

Ele abriu os braços e, por entre muitas lágrimas, Mary lhe contou como estava arrependida. Barton nunca mais bateu nela.

Ainda assim, se irritou muitas vezes. Mas isso quase era melhor do que quando não dizia nada. Nessas ocasiões, ficava sentado perto da lareira (por hábito) fumando ou mascando ópio. Ah, como Mary detestava aquele cheiro! E no crepúsculo, logo antes de ele se transformar na curta noite de verão, ela aprendera a olhar com temor na direção da janela, que agora o pai mantinha sem cortina; pois, muitas vezes, surgiam ali visões que assombravam seus sonhos. Rostos estranhos de homens pálidos, com olhos escuros e ferozes, espiando a escuridão lá dentro, parecendo querer se certificar de que John Barton estava em casa. Ou então uma das mãos ou um braço (com o corpo oculto) era enfiado pela porta e o chamava. Ele sempre ia. E uma ou duas vezes, quando Mary estava na cama, ela ouviu vozes de homens lá embaixo, conversando aos sussurros, ansiosos.

Eram todos membros desesperados dos sindicatos, prontos para tudo; levados àquela condição pela necessidade.

Enquanto tantas mudanças melancólicas ainda tinham no coração de Mary o peso da novidade, seu pai a despertou de um devaneio certa tarde perguntando-lhe quando ela fora visitar Jane Wilson. Pela maneira de falar, Mary entendeu que ele fora lá; mas fizera isso sem avisá-la de nada. Naquela ocasião, no entanto, John Barton lhe disse asperamente que fosse no dia seguinte sem falta, acrescentando algumas reprimendas por não ter ido antes. O pequeno impulso externo do discurso do pai deu a Mary o empurrão de que ela precisava; e assim, planejando a visita de modo a evitar as horas de folga de Jem, ela foi na tarde seguinte a Ancoats.

A parte externa daquela casa tão conhecida lhe pareceu diferente; pois a porta estava aberta, em vez de fechada, como sempre costumava ficar. As plantas da janela, o orgulho de George Wilson, que ele tratava com cuidados especiais, pareciam murchas e raquíticas. Tinham ficado sem água durante um longo tempo e depois, quando a viúva se culpava severamente pela negligência, em sua ansiedade e ignorância, ela as molhara em excesso. Do outro lado da porta aberta estava Alice, não andando de um lado para outro como era habitual, mas tricotando perto do fogo. A sala estava quente, embora as chamas estivessem fracas e cinzentas, à luz dos raios fortes do sol da tarde. A Sra. Wilson estava tirando a mesa do almoço e falando sem parar, numa espécie de lamento gritado que Mary não compreendeu a princípio. Ela entendeu imediatamente, no entanto, que sua ausência fora notada e comentada; e viu que a Sra. Wilson comprimiu o rosto marcado pela tristeza, o que lhe indicou que ia tomar uma bronca.

— Vejam só! Mary, é você? — disse ela. — Ora, quem ia sonhar em lhe ver! Achamos que não lembrava mais da gente; e Jem chegou a dizer que não ia lhe reconhecer se lhe encontrasse na rua.

A pobre Jane Wilson tinha passado por muitas provações; e, naquele momento, seu único

efeito externo fora lhe deixar com o temperamento mais ácido. Ela queria mostrar a Mary o quanto estava ofendida e decidiu dar mais força ao que dizia colocando algumas de suas palavras irritadas na boca de Jem.

Mary se sentiu culpada e não teve nenhum bom motivo para se desculpar; por isso, durante cerca de um minuto ficou em silêncio, com uma expressão muito envergonhada, e então se voltou para falar com a tia Alice, que, em seu cumprimento surpreso e entusiasmado, deixara cair a bola de estambre e estava ocupada tentando endireitar o fio antes que o gatinho o embaraçasse tudo de vez, dando uma volta em cada cadeira e duas na mesa.

— Tem que falar mais alto, se quiser que ela ouça; ficou surda que nem uma porta nessas últimas semanas. Eu não disse nada porque, como fazia tempo que você não vinha aqui, nem me lembrei.

— É, meu bem, eu tenho estado muito surda — disse Alice, entendendo o assunto com seus olhos rápidos. — Deve ser o começo do fim.

— Não fale assim! — gritou a cunhada. — Já teve muito fim e muita morte por aqui; não precisa ficar inventando mais.

Ela cobriu o rosto com o avental e se sentou para chorar.

— Ele era um marido tão bom — disse ela, num tom menos excitado, para Mary, enquanto espiava com os olhos molhados de lágrimas por trás do avental. — Ninguém sabe o quanto eu perdi, pois ninguém sabe como eu o valor dele.

A solidariedade de Mary a amansou e, por isso, ela continuou a desafogar o coração pesado.

— Ah, minha filha. Ninguém sabe o que eu perdi. Quando meus pobres filhinhos se foram, eu achei que Deus Todo-Poderoso tinha me esmagado, mas nunca pensei que ia perder George; não pensei que ia aguentar viver sem ele. Mas eu estou aqui, e ele...

Um novo acesso de choro interrompeu a fala dela.

— Mary — continuou a Sra. Wilson —, você já ouviu falar da pobre criatura que eu era quando ele casou comigo? E ele era um rapaz tão bonito! Jem não é nada comparado com o pai na mesma idade.

Sim! Mary já tinha ouvido falar, e foi o que disse. Mas os pensamentos da pobre mulher tinham se voltado para aqueles dias e suas pequenas lembranças surgiram, com muitas interrupções de suspiros, lágrimas e meneios de cabeça.

— Eu não tinha nada demais para ele me escolher. Era direitinha antes do acidente, mas, depois, fiquei feia mesmo. E Bessy Witter morria de amores por ele; ela se casou com o Sr. Carson, pois era uma moça bonita, apesar de que eu não via beleza nela naquela época; e o Carson não era tão mais rico do que ela quanto os dois são da gente agora.

Mary ficou muito vermelha, lamentando não poder controlar seu rubor e querendo que a Sra. Wilson falasse mais sobre a mãe e o pai de seu namorado; mas não ousou perguntar, e os pensamentos dela logo voltaram ao marido e ao começo de seu casamento.

— Você não acredita, Mary, mas eu era uma tremenda de uma pata para cuidar da casa; e ele se casou comigo! Comecei a trabalhar numa fábrica quando tinha menos de 5 anos de idade, e não sabia nada sobre limpeza ou cozinha, quanto mais sobre lavar roupa e esse trabalho mais pesado. Um dia depois de a gente se casar, ele foi trabalhar depois do café e disse:

“Jenny, a gente come a carne fria e as batatas, e vai ser um almoço de rei.” Eu estava ansiosa para deixar meu marido confortável, Deus sabe o quanto. Mas não tinha ideia de como cozinhar uma batata. Sabia que tinha de botar na água e tirar a casca, só isso. Então eu arrumei minha casa meio sem jeito e, quando olhei para aquele relógio ali — disse ela, apontando para a parede — e vi que eram nove horas, pensei, as batatas têm de ficar bem cozidas de qualquer jeito, por isso vou colocar tudo no fogo agorinha (quer dizer, depois de ter descascado, o que foi difícil no começo). E aí comecei a desfazer as malas! Ao meio-dia e vinte ele chegou em casa; a carne estava pronta em cima da mesa e eu fui tirar as batatas da panela. Mas, ah, Mary! A água tinha ido embora todinha e elas tinham virado uma maçaroca marrom, com um cheiro que empestou a casa toda. Ele não disse nada e foi muito bonzinho. Ah, Mary, eu me acabei de chorar naquela tarde! Nunca vou me esquecer; nunquinha. Fiz muita besteira depois disso, mas nenhuma nunca me deixou tão aborrecida.

— Papai não gosta que moças trabalhem em fábrica.

— É, eu sei que ele não gosta; e tem razão. Elas não deviam trabalhar depois de se casarem, disse eu tenho certeza. Conheço, deixe ver... — disse a Sra. Wilson, contando nos dedos. — É, nove homens que começaram a beber porque as mulheres trabalhavam em fábrica; umas moças boas, ainda por cima, que acharam que não tinha problema deixar os pequenos com uma babá, deixar a casa ficar toda suja e não acender o fogo na lareira. E isso, por acaso, é um lugar que vai atrair um marido? Ele logo descobre um bar, onde tudo é limpo e arrumado, onde tem um fogo queimando bem alegre, que faz um homem se sentir bem-vindo.

Alice, que estava de pé ali perto para poder ouvir melhor, tinha compreendido uma boa parte dessa fala, e foi evidente que o assunto já havia sido discutido pelas mulheres, pois, nesse ponto, ela se meteu.

— Queria que Jem pudesse falar com a rainha sobre esse assunto de mulher trabalhar em fábrica. Ah, como ele fala bonito, quando começa com esse assunto! Diz que mulher dele nunca vai trabalhar fora de casa.

— Pois eu acho que deviam era perguntar ao príncipe Albert se ele ia gostar de não encontrar a esposa em casa quando chegasse cansado, precisando de alguém para lhe alegrar; e depois ela chega, tão cansada e chateada quanto ele; e o que ia achar se ela nunca tivesse tempo de limpar a casa ou fazer um fogo bom na lareira. Para não falar que só ia comer coisa malfeita e ruim. Aposto que, mesmo sendo príncipe, se a mulher dele fosse assim, ia parar num botequim ou em algum lugar do tipo. Então, por que não pode fazer uma lei que proíbe esposa de gente pobre de trabalhar em fábrica?

Mary ousou dizer que achava que a rainha e o príncipe Albert não podiam fazer leis, mas a resposta foi:

— Ora! Não me venha com essa história de que não é a rainha que faz a lei; e ela não prometeu obedecer ao príncipe Albert? E se ele dissesse que não pode, ela ia dizer que não pode, e o povo todo ia dizer “ah, não, nunca mais vamos fazer isso”.

— Jem tem se saído muito bem — disse Alice, que não ouvira a última fala da cunhada e cujos pensamentos ainda estavam voltados para o sobrinho e seus diversos talentos. — Descobriu alguma coisa sobre uma biela ou uma manivela, não me lembro bem; só sei que foi

promovido a capataz, mesmo nessa época em que eles estão mandando tanta gente embora. Mas o patrão disse que não podia ficar sem Jem, de jeito nenhum. Ele está ganhando bem; e eu já disse que devia pensar em se casar e que merece uma esposa muito boa, merece mesmo.

Mary ficou muito vermelha e fez uma cara irritada, embora houvesse uma alegria secreta no fundo de seu coração ao ouvir alguém falando de Jem daquele jeito. Mas a mãe dele só viu a expressão de irritação e, por isso, ficou indignada. Ela não tinha muita vontade de ver o filho casado. A presença dele na casa parecia uma relíquia de uma época mais feliz, e a Sra. Wilson tinha um pouco de ciúmes da futura esposa do seu filho, quem quer que ela fosse. Ainda assim, não podia suportar que alguém não ficasse lisonjeada e grata pela preferência de Jem, e sabia muito bem que ele preferia Mary acima de todas as outras. Nunca tinha achado Mary boa o suficiente para Jem, e sua recente negligência em vir visitá-la ainda era uma mágoa em seu peito. Por isso, a Sra. Wilson resolveu inventar uma mentirinha, para que Mary não ficasse achando que Jem a escolheria para ser sua “esposa muito boa”, como dizia a tia Alice.

— É, ele deve se casar em breve — disse ela.

E então, numa voz mais baixa, como quem queria falar num tom confidencial, mas na verdade para impedir qualquer contradição ou explicação da parte de sua cunhada boba, acrescentou:

— Eu tenho para mim que daqui a pouco Molly Gibson (a moça que trabalha no mercado da esquina) vai saber de um segredo muito interessante. Ela já está olhando o meu Jem com cara de boba há muito tempo, mas ele achou que o pai da moça não ia deixar que ela se casasse com um operário qualquer. Bom, mas agora ele não é nem um pouquinho pior do que ela. Eu costumava pensar que ele gostava de você, Mary, mas nunca achei que ia dar certo, então é melhor assim.

Com um grande esforço, Mary conseguiu controlar seu desapontamento e dizer que esperava que Jem fosse muito feliz com Molly Gibson, e que a achava muito bonita.

— E é muito prendada também. Vou dar um pulo lá em cima para pegar a colcha de retalhos que ela me deu no sábado passado.

Mary ficou feliz ao vê-la deixar a sala. Suas palavras a irritaram; talvez não menos por não acreditar completamente nelas. Além do mais, queria conversar com Alice, e a Sra. Wilson parecia acreditar que ela, por ser a viúva, merecia absorver toda a atenção.

— Querida Alice — disse Mary —, que pena que você está ouvindo tão mal; deve ter sido muito rápido.

— É, minha querida, é difícil mesmo; não vou negar. Deus me dê forças para compreender os Seus desígnios. Fiquei muito triste um dia, quando quis ir colher rainha-dos-prados para fazer um chá para a tosse de Jane; e estava tudo num silêncio tão esquisito. No começo, não entendi o que estava faltando; mas então me dei conta de que era o canto dos passarinhos, e que eu nunca mais ia ouvir a música bonita que eles fazem. Não aguentei e chorei um pouco. Mas tenho muito que agradecer. Acho que sou uma ajuda para Jane, mesmo que seja só alguém para dar bronca de tempos em tempos. Coitada! Brigar comigo faz com que ela esqueça de tudo o que passou. Se minha vista continuar boa, eu consigo me arranjar; posso adivinhar o que o povo está dizendo.

A esplêndida colcha de retalhos vermelha e amarela então surgiu, e Jane Wilson não se contentou até Mary elogiar tudo, as bordas, o centro e o fundo, de um lado e de outro; e Mary cumpriu seu dever, dizendo mais ainda por não conseguir se obrigar a sentir uma admiração genuína pelo presente da rival. Foi rápida, no entanto, em seus louvores, pois queria evitar encontrar Jem. Assim que se viu longe da casa e da rua, diminuiu o passo e começou a pensar. Será que Jem realmente gostava de Molly Gibson? Ora, se gostava, que gostasse. Todos pareciam pensar que ele era bom demais para ela (a própria Mary). Talvez outro, muito mais bonito e muito mais rico, um dia mostrasse a Jem que Mary era boa o suficiente para ser a Sra. Henry Carson. E assim o mau gênio, ou o que Mary chamava de “espírito independente”, a levou a encorajar o Sr. Carson mais do que nunca.

Algumas semanas depois, houve uma reunião no sindicato do qual John Barton era membro. Na manhã do dia em que ela ocorreria, ele ficou até tarde na cama, afinal de que adiantava se levantar? Barton hesitara entre comprar uma refeição ou um pouco de ópio, e escolhera o segundo, pois seu uso se tornara uma necessidade. Precisava do ópio para aliviar a terrível depressão que sua ausência causava. Um bom pedaço parecia ser o suficiente apenas para deixá-lo num estado natural, ou no que costumava ser seu estado natural. Oito horas era o horário marcado para a reunião; e nela foram lidas cartas repletas de detalhes da desgraça, vindas de toda parte do país. Uma melancolia feroz e pesada pairou sobre a assembleia; e foi ainda de forma feroz e pesada que os homens se separaram lá pelas 11, alguns irritados pela oposição de outros a seus planos desesperados.

A noite não estava propícia para alegrá-los quando saíram do cômodo iluminado a gás e ganharam a rua. Uma chuva forte e incessante caía; até as chamas pareciam obscurecidas pela umidade nos vidros, e sua luz só chegava a uma curta distância dos postes. Não havia transeuntes nas ruas; não se via nem uma criatura, exceto um policial de capa de oleado aqui e ali. Barton deu boa-noite aos outros e começou a caminhar para casa. Já passara por uma ou duas ruas quando ouviu passos às costas; mas não quis parar para ver quem era. Um pouco mais adiante, a pessoa caminhou mais rápido e deu-lhe um toque muito leve no braço. Ele se virou e viu, mesmo na penumbra daquela rua mal-iluminada, que a mulher ao seu lado era de uma profissão inconfundível. Isso ficava claro devido a suas roupas refinadas, mas velhas, e completamente inadequadas para resistir aos petardos daquela tempestade cruel: o chapéu de gaze, que já fora rosa, agora de um branco encardido; o vestido de musselina, imundo e encharcado até a altura dos joelhos; o xale de *barège* de cor alegre, bem apertado contra o corpo, que ainda assim tremia e tiritava quando ela sussurrou:

— Quero falar com você.

Barton praguejou e a mandou sair dali.

— Quero muito. Não me mande embora. Estou tão ofegante que não vou conseguir dizer tudo o que quero de uma vez.

A mulher colocou uma das mãos na lateral do corpo e respirou, com evidente desconforto.

— Já disse que não quero nada com você — disse Barton, terminando a frase com um xingamento. — Espere — continuou, quando uma ideia sugerida pela voz dela surgiu em sua mente.

Ele agarrou o braço da mulher — o braço que acabara tirar de cima do seu — e arrastou-a, com pouca resistência, até o poste mais próximo. Afastou o chapéu e, num gesto brusco, virou o rosto que ela tentou desviar na direção da luz. E, naqueles olhos grandes e estranhamente brilhantes e na boca bonita, semiaberta, como se implorando pela clemência que ela não podia pedir com palavras, imediatamente reconheceu Esther, aquela que se fora há tanto tempo; aquela que causara a morte de sua esposa. Havia muito em comum com a menina alegre de outras épocas; mas a pintura berrante, as feições encovadas, a expressão diferente do todo! O que mais lhe causou repugnância foi o vestido; mas a pobre criatura, dentre as poucas escolhas que tinha, vestira a mais discreta para ir cumprir a missão daquela noite.

— Então é você. É você! — exclamou John, rilhando os dentes e sacudindo-a com fúria. — Procurei você em muitas esquinas e lugares parecidos. Sabia que ia acabar lhe encontrando. Deve se lembrar de umas coisas que eu disse e que fizeram você se zangar na época. Falei sobre as mulheres da vida. Ah, não! Você não é desse tipo. Ninguém ia pensar que era, vendo esse vestido imundo e essas bochechas vermelhas! — disse ele, parando só para recuperar o fôlego.

— Tenha piedade! Tenha piedade, John! Ouça o que vou dizer, por Mary!

Ela se referia à sua filha, mas o nome o fez lembrar apenas da esposa; e foi como atirar combustível no fogo. De nada adiantou o rosto de Esther ser tomado por uma palidez mortal em torno da pintura vívida; de nada adiantou ela implorar por piedade. Ele voltou a explodir.

— E você vem falar esse nome para mim? Acha que me fazer pensar nela vai me fazer sentir piedade! Sabia que foi você que a matou, como Caim matou Abel? Ela amava você como se fosse uma filha, confiava em você como se fosse uma filha e, depois que você sumiu, nunca mais ergueu a cabeça e morreu em menos de três semanas. No dia do Juízo Final ela vai ressuscitar e acusar você de ser sua assassina. Se não fizer isso, eu mesmo faço.

Ele a atirou, tremendo, desmaiando, para longe, e se afastou a passos largos. Esther caiu, com um gemido, contra o poste, e ali ficou em sua fraqueza, incapaz de se levantar. Um policial chegou a tempo de ver o final da cena e, concluindo, pela instabilidade e vacilação de Esther, que ela estava bêbada, levou-a, semiconsciente, para passar a noite na cadeia. O superintendente daquele reduto vicioso e infeliz foi arrancado de sua vigília preguiçosa por gemidos e lamentos quase delirantes, que ele anotou serem resultado de uma intoxicação. Se tivesse prestado atenção, teria ouvido essas palavras, repetidas no mesmo murmúrio ansioso:

— Ele não me ouviu. O que eu posso fazer? Ele não me ouviu e eu queria avisar! Ah, o que posso fazer para salvar a filha de Mary! O que posso fazer? Como posso impedir que vire alguém como eu; uma criatura miserável, repugnante! Ela ouve como eu ouvi, ama como eu amei, e seu fim será o mesmo que o meu. Como vou salvá-la? Ela não vai ouvir meus avisos, assim como eu não ouvi; e quem mais a ama o suficiente para tomar conta dela, como deviam ter tomado de mim? Que Deus a guarde do mal! Mas não vou rezar por ela; se sou uma pecadora! Alguém vai escutar minha reza? Não! Só vai fazer mal. Como eu posso salvar Mary? Ele não me ouviu!

Com isso, a noite passou. Na manhã seguinte, Esther foi levada para o tribunal de New Bailey. Era um caso claro de vadiagem, e ela foi condenada a um mês na prisão. Nesse período, quanta coisa podia acontecer!

28. Trecho de “The Village Patriarch” [O patriarca da aldeia], de Ebenezer Elliott. (*N. da T.*)

Reveladas as intenções do Sr. Carson

Oh, Mary, podes mesmo acabar com a paz
De quem morreria feliz por ti?
Ou podes mesmo partir o coração
De quem o único defeito foi te amar?

Burns²⁹

A fortuna me agrada, isso eu confesso
Mas tenho mais apreço ao homem, ainda que pobre;
Não entendo das moças o humor
Que por dinheiro ou terras fingem amor;
Nem me rebaixarei a me tornar uma
[pessoa só
Com quem odeio, só por sua riqueza.

“Fidelia”, de Wither³⁰

Barton voltou para casa inquieto e insatisfeito após seu encontro com Esther. Não dissera mais do que vinha planejando dizer há anos, caso ela um dia aparecesse em seu caminho, naquela posição em que sabia que a encontraria. Acreditava que Esther merecia aquilo tudo, mas desejou não tê-lo dito. A expressão dela, ao pedir piedade, assombrou o sono agitado de Barton; seu corpo, no último momento em que ele o vira, prostrado e indefeso, se recusava a ser banido de seus sonhos. Ele se sentou na cama, tentando dissipar aquela visão. Agora, que era tarde demais, sua consciência o repreendeu com severidade. Não teria havido problema, pensou Barton, em dizer o que ele disse, se tivesse concluído com algumas palavras bondosas. Ele se perguntou se sua esposa morta tinha consciência do ocorrido naquela noite; e esperou que não, pois, com o amor que ela sentia por Esther, acreditava que o paraíso teria se enchido de amargor ao vê-la degradada e repelida daquela maneira. Pois Barton se lembrou da

humildade de Esther, do reconhecimento tácito de sua ruína; e começou a cismar, pensando se existiria mesmo na religião aquele poder do qual tantas vezes já ouvira falar, de afastá-la daquele caminho. Acreditava que nenhum poder mundano que conhecia seria capaz de fazê-lo, mas em sua escuridão brilhava a ideia de que a religião talvez pudesse salvá-la. Mas onde encontrá-la? Em meio à selva de uma cidade grande, onde encontrar um indivíduo de tão pouco valor para qualquer pessoa?

Então, todas as tardes ele caminhou pelas mesmas ruas onde ouvira aqueles passos lhe seguindo, espiando sob todo chapéu espalhafatoso e desonesto, na esperança de encontrar Esther mais uma vez e dirigir-se a ela de um jeito muito diferente. Mas todas as noites voltou, tendo buscado em vão, até que afinal perdeu as esperanças e tentou lembrar da raiva que sentia dela, para encontrar um alívio para a culpa que sentia.

Barton muitas vezes olhava para Mary, lamentando que ela fosse tão parecida com a tia, pois a própria semelhança física parecia sugerir a possibilidade de um destino similar; e então essa ideia enfurecia sua mente irritadiça e ele ficava desconfiado e ansioso com a conduta da filha. E Mary até então fora tão extraordinariamente livre de todo controle e quase de quaisquer indagações sobre suas ações que não aceitou muito bem essa mudança no comportamento do pai. Logo quando estava aquiescendo mais do que nunca à vontade do Sr. Carson por encontros frequentes, era difícil ser tão questionada sobre seu horário de sair do trabalho, sobre se fora dali para casa etc. Ela era incapaz de mentir; mas podia ocultar muito, se não lhe fizessem perguntas. Assim, Mary se refugiou num silêncio obstinado, alegando como motivo sua indignação com aquele escrutínio. Isso aumentou a tensão entre o pai e a filha; eles, no entanto, se amavam muito e, nas mentes de cada um, um dos principais motivos para continuar com o comportamento que incomodava o outro era a crença de que essa conduta asseguraria a felicidade daquela pessoa.

Barton então começou a desejar que Mary fosse casada. Quando isso acontecesse, aquele terrível medo supersticioso advindo de sua semelhança com Esther desapareceria. Ele sentiu que não poderia voltar a tomar as rédeas que afrouxara. Mas, com um marido, seria diferente. Ah, se Jem Wilson casasse com ela! Um rapaz tão sério, tão talentoso! Mas Barton temia que Mary tivesse recusado a mão dele, que nunca mais tinha vindo visitá-los. Decidiu perguntar.

— Mary, o que aconteceu com você e Jem Wilson? Vocês costumavam ser unha e carne.

— Ah, o povo anda dizendo que ele vai casar com Molly Gibson, e esse negócio de noivado toma muito o tempo da gente — respondeu Mary, com toda a indiferença que pôde.

— Você fez mal, então — disse o pai, enfezado. — Há algum tempo ele era louco por você, ou eu muito me engano. Muito mais louco do que a senhorita merece.

— Isso é o que se diz — replicou Mary com petulância.

Pois lembrou que na manhã anterior mesmo se encontrara com o Sr. Carson, que suspirara e garantira, com todas as juras de amor possíveis, que ela era a moça mais bela, mais doce, mais maravilhosa etc. E, mais tarde, quando o vira andando a cavalo com uma de suas lindas irmãs, ele evidentemente a apontara como um objeto de algum interesse qualquer, e então se demorara por um momento, para soprar-lhe repetidos beijos. Por isso, Jem Wilson que fosse catar coquinhos.

Mas John Barton não estava com paciência para petulância, e ralhou tanto com Mary pela perda de Jem Wilson que ela teve de morder o lábio até sangrar para não responder com as palavras furiosas que lhe surgiram no coração. Afinal, seu pai saiu de casa e Mary pôde chorar de raiva.

Por acaso, Jem, após muita ansiedade, decidira que naquele dia rolaria os dados, para perder ou ganhar de vez. Tinha condições de sustentar uma esposa com conforto. Era verdade que sua mãe e sua tia teriam de viver com eles: mas isso não é tão incomum entre os pobres e, se havia a vantagem de uma amizade prévia entre as partes, não era, pensava ele, um obstáculo ao matrimônio. Tanto a mãe quanto a tia, acreditava Jem, receberiam Mary de braços abertos. E, ah! que certeza de felicidade estava subentendida na ideia dessa recepção!

Jem passara o dia todo distraído e absorto pelo pensamento da ocasião daquela tarde. Quase chegou a sorrir do cuidado com que se lavou e se vestiu para se preparar para sua visita a Mary; como se um colete ou outro pudesse influenciar seu destino numa questão tão loucamente importante. Acreditou mesmo que só se demorou diante de seu espelhinho por covardia, pelo simples medo de uma menina. Quando resolveu que ia tentar não pensar tanto no assunto, pensou mais ainda.

Pobre Jem! Não era um momento auspicioso para ele!

— Pode entrar — disse Mary quando alguém bateu na porta, enquanto ela costurava, triste, tentando ganhar alguns centavos a mais fazendo hora extra com roupa de luto.

Jem entrou, parecendo mais constrangido e envergonhado do que nunca. Mas lá estava Mary a sós, exatamente como ele torcera para encontrá-la. Ela não pediu que ele pegasse uma cadeira, mas, após um ou dois minutos de pé, Jem se sentou perto dela.

— Seu pai está em casa, Mary? — perguntou ele só para dizer alguma coisa, pois ela parecia resolvida a se manter em silêncio e continuou a costurar.

— Não. Acho que foi ao sindicato.

Outro silêncio. Não adiantava esperar, pensou Jem. Nenhum assunto que lhe ocorreria naquele estado de tanto nervosismo o ajudaria a chegar ao ponto. Era melhor ir em frente de uma vez.

— Mary! — disse.

O tom estranho de sua voz fez com que ela erguesse a cabeça por um instante, mas foi o que bastou para que compreendesse, por sua expressão, o que viria a seguir. O coração de Mary disparou tão de repente que ela mal conseguiu ficar sentada. Mas tinha certeza de uma coisa: nada do que Jem dissesse a convenceria a dizer sim. Ela mostraria a todos *quem* ficaria feliz em obter sua mão. Ainda não estava calma depois das palavras irritantes do pai. Mesmo assim, baixou os olhos diante do olhar apaixonado que encontrou.

— Mary, meu amor (como é grande esse amor, eu nem sei dizer). O que eu vou lhe dizer não é novidade. Você já deve ter percebido há muito tempo; pois, desde que a gente era menino, eu amo você, mais do que amo pai, mãe, ou qualquer outra pessoa; e tudo o que penso durante o dia e tudo o que sonho durante a noite é com você. Não queria fazer você esperar, não queria que ficasse amarrada a mim; e vivia apavorado com a ideia de outro vir e lhe roubar. Mas agora, Mary, eu sou o capataz da fábrica e... Mary, meu amor, me escute.

Em sua agitação insuportável, Mary tinha se levantado e se virado de costas para Jem. Ele se levantou também e se aproximou, tentando pegar a mão dela; mas isso Mary não permitiu. Estava tomando coragem para recusar o pedido dele, de modo a não deixar dúvidas.

— E agora, Mary, eu tenho um lar para lhe oferecer e o coração mais fiel que qualquer homem já teve nessa vida. A gente nunca vai ser rico; mas se um coração cheio de amor e um braço forte puderem proteger você da tristeza ou da provação, eu prometo que os meus hão de fazer isso. Não consigo falar muito bonito; meu amor não se traduz em palavras. Mas, ah, meu amor! Diga que você acredita em mim e que vai ser minha.

Mary não conseguiu falar nada; suas palavras se recusaram a sair.

— Mary, dizem que quem cala consente; é verdade? — sussurrou Jem.

Agora ou nunca, era preciso fazer o esforço.

— Não! Neste caso, não é verdade — respondeu Mary, e sua voz estava tranquila, embora ela tremesse dos pés à cabeça. — Eu sempre vou ser sua amiga, Jem, mas nunca sua esposa.

— Nunca minha esposa — repetiu ele, triste. — Ah, Mary, pense um pouco! Você não pode ser minha amiga caso recuse ser minha esposa. Pelo menos eu nunca vou me contentar em ser só seu amigo. Pense um pouco, por favor! Se disser não, vai me deixar desesperado, sem nenhuma esperança. Esse amor não é de ontem. Ele é a base de tudo o que dizem que eu tenho de bom. Não sei o que vai ser de mim se você não me quiser. E, Mary! Pense em como seu pai ia ficar feliz! Talvez pareça vaidade minha, mas ele já me disse mais de uma vez que quer muito nos ver casados!

Jem achou que esse seria um argumento poderoso, mas, no humor atual de Mary, foi o que mais lhe prejudicou; pois sugeriu a ideia falsa e tola de que seu pai, em sua evidente ansiedade por promover seu casamento com Jem, falara do assunto com ele com um certo grau de súplica.

— Já disse, Jem, que não pode ser. Nunca vou me casar com você, e acabou-se.

— E é assim que acaba toda a minha esperança, todo o meu medo? Toda a minha vida, posso até dizer, pois é o fim de tudo pelo qual vale a pena viver! — disse ele, com uma agitação que se transformou em raiva. — Mary, você vai ouvir falar que eu virei um bêbado, ou um ladrão, ou um assassino. Lembre-se! Quando todos estiverem falando mal de mim, não vai ter o direito de me culpar, pois foi sua crueldade que me transformou naquilo que eu penso que me tornarei. Pode, pelo menos, dizer que vai tentar gostar de mim? Pode, Mary? — perguntou, subitamente mudando o tom de um desespero ameaçador para um pedido apaixonado, pegando a mão dela e segurando com força entre as suas, tentando vislumbrar o rosto virado para o outro lado.

Mary ficou em silêncio, mas por causa de uma emoção profunda e violenta. Jem não aguentou esperar; não quis ter esperanças, para vê-las despedaçadas mais uma vez; mergulhado na amargura, preferiu a certeza do desespero e, antes que ela pudesse decidir o que responder, atirou sua mão longe e saiu correndo da casa.

— Jem! Jem! — exclamou ela, com um fiapo de voz estrangulada.

Era tarde demais; ele atravessou rua após rua com pés quase alados, buscando os campos, onde poderia dar vazão à profunda angústia que sentia sem ser observado.

Fazia menos de 10 minutos que Jem tinha entrado na casa e encontrado Mary em comparativa tranquilidade; e agora ela estava quase deitada sobre a cômoda, com a cabeça escondida nas mãos e cada centímetro do corpo tremendo devido à violência de seus soluços. Não teria sabido dizer, a princípio (se você alguém perguntasse e ela conseguisse controlar a voz o suficiente para responder) o porquê de tanto sofrimento. Foi tudo súbito demais para que Mary pudesse analisar, refletir. Ela apenas sentia que, por sua própria culpa, sua vida inteira dali em diante seria vazia e árida. Afinal, a tristeza, de tão poderosa, exauriu seu corpo, e ela parecia não ter mais forças para chorar. Sentou-se; e diversos pensamentos se sucederam em sua mente. Apenas uma horinha antes nada ainda havia sido dito, e ela ainda tinha poder sobre o próprio destino. No entanto, há quanto tempo decidira dizer mais ou menos o que de fato dissera, se surgisse a ocasião!

Era como se duas pessoas estivessem discutindo a questão; um debate melancólico entre o seu eu antigo e o seu eu daquele momento. Ela própria um dia, ou uma hora antes; e ela própria agora. Pois cada um de nós já sentiu como bastam, às vezes, alguns poucos minutos dos meses e anos a que chamamos de vida para jogar uma luz diferente sobre todo o passado e todo o futuro; para nos fazer ver a vaidade ou a criminalidade do que já passou e, assim, mudar o aspecto do que está por vir, transformando-o de algo que nos causa repugnância naquilo que mais desejamos. Alguns poucos instantes podem mudar nosso caráter para a vida toda, dando uma direção completamente diferente a nossos objetivos e nossas energias.

Voltando a Mary. Seu plano, como bem sabemos, era se casar com o Sr. Carson, e o ocorrido de uma hora antes seria apenas um passo preliminar. Certo; mas ele revelara a ela seu próprio coração; a convencera de que amava Jem acima de todas as pessoas ou coisas. Mas Jem era um pobre operário, com uma mãe e uma tia para sustentar; mãe esta, aliás, que já insinuara com bastante clareza que não desejava tê-la como nora: enquanto o Sr. Carson era rico, próspero, alegre e (acreditava Mary) a deixaria numa circunstância de conforto e luxo, sem nunca ter necessidade de nada. O que eram essas vaidades vãs para ela, agora que descobrira a paixão secreta de sua alma? Mary quase chegou a detestar o Sr. Carson, que a enganara com coisas belas, mas sem valor. Naquele momento, viu que de nada significariam todas as alegrias e pompas, todos os divertimentos e prazeres, a não ser que pudesse compartilhá-los com Jem; sim, com aquele que rejeitara tão cruelmente há pouco tempo. Se ele era pobre, ela o amava ainda mais por isso. Se sua mãe não a achava digna dele, tinha toda a razão, como Mary reconheceu, num arrependimento amargo. Até então, ela andara às apalpadelas na direção de um precipício; mas, à luz da revelação da última hora, viu o perigo e deu-lhe as costas, resoluta, e para sempre.

Era um certo consolo: me refiro à clara percepção daquilo que ela não podia fazer; daquilo ao qual nenhuma tentação jamais a induziria a dar ouvidos de novo. Mas como desfazer o mal que fizera a Jem e a si mesma ao recusar o amor dele, isso já era outra questão terrível. Mary ficou exausta pensando em planos e rejeitando todos.

Ela despertou de seu devaneio e se deu conta do horário ao ouvir o relógio de uma igreja próxima marcando meia-noite. Mary sabia que o pai devia chegar a qualquer minuto, e não estava com vontade de vê-lo. Assim, pegou a costura depressa e foi para o seu quartinho,

deixando que ele abrisse a porta para si mesmo.

Mary apagou a vela, para que seu pai não visse a luz por debaixo da porta; e se sentou na cama para refletir. Mais uma vez, porém, ao pensar e repensar sobre tudo, só conseguiu tomar a decisão de pôr um fim imediato a qualquer contato com o Sr. Carson, com toda a firmeza possível. O recato feminino (e o amor verdadeiro é sempre recatado) se opunha a todas as maneiras que ela conseguia imaginar de mostrar a Jem o quanto se arrependera de sua recusa, e do quanto descobrira amá-lo. Mary então teve a rara sabedoria de decidir não fazer nada, mas apenas tentar ser paciente e melhorar a situação conforme ela fosse se desenrolando. Decerto, quando Jem visse que ela não ia se casar com mais ninguém, tentaria a sorte de novo. Ele jamais se contentaria com uma rejeição; Mary acreditava que ela própria, se estivesse no lugar dele, seria incapaz de fazê-lo. Tinha agido muito mal, mas agora tentaria fazer o certo e ter paciência feminina, até que ele visse sua mudança e seu arrependimento em suas ações naturais. Mesmo se tivesse que passar anos esperando, seria uma sentença fácil de encarar, uma punição adequada para, de um lado, seu flerte inconsequente, e, do outro, sua avaliação cruelmente errônea sobre os próprios sentimentos. Assim, prevendo um final feliz para o percurso do seu amor, ainda que distante, Mary adormeceu bem quando as primeiras sirenas das fábricas começaram a tocar. Tinha se deitado de roupa, e seu sono não lhe proporcionou nenhum descanso. Acordou com o corpo tremendo e gelado e a mente tomada pela tristeza, embora, num primeiro momento, não soubesse bem o motivo de sua depressão.

Lembrou dos acontecimentos da noite anterior e continuou decidida a levar adiante o que resolvera fazer então. Mas a paciência parecia uma virtude muito mais difícil à luz da manhã.

Mary se apressou a descer e, em seu desejo sincero e triste de fazer o certo, se esforçou muito para obter um café da manhã satisfatório, ainda que minguado, para o pai. Quando ele chegou a passos lentos na sala, visivelmente irritado, ela suportou tudo com a gentileza dos arrependidos, ao menos até quando suas respostas bondosas causaram fúria a John Barton.

Mary teve horror à ideia de encontrar Sally Leadbitter no trabalho; mas tinha de fazê-lo. Assim, tentou se preparar para o encontro e para fazê-la compreender imediatamente que, como se decidira a abrir mão de qualquer contato com o Sr. Carson, considerava que a intimidade entre elas duas devia cessar.

Mas Sally não era do tipo que deixava essas resoluções serem cumpridas com facilidade. Ela logo compreendeu o presente estado dos sentimentos de Mary, mas pensou que aquilo se devia à inconstância da juventude, e achou que chegaria o momento em que ela lhe agradeceria por quase forçá-la a continuar a se encontrar e se comunicar com o namorado rico.

Assim, depois de ver Mary evitando-a a todo custo durante dois dias e de saber, por meio das reclamações do Sr. Carson, que esta não estava comparecendo a seus encontros, e que, a não ser que a parasse à força, ele não conseguia sequer trocar uma palavra com ela quando a via na rua em sua rápida caminhada para casa, Sally decidiu fazer algo para o que pensava ser o próprio bem da amiga.

Pareceu não tomar conhecimento de que Mary a estava evitando pelo terceiro dia no trabalho; na verdade, pareceu aceitar a frieza de suas relações. Largou a costura cedo e foi para casa ver a mãe que, segundo informou, estava mais doente do que o normal. As outras meninas

logo seguiram seu exemplo e Mary, dando uma olhada rápida para os dois lados da rua, diante da porta da Srta. Simmonds, disparou para casa, tentando evitar aquele que já chegava a lhe causar pavor. Naquela noite, não encontrou ninguém pelo caminho, e, como esperava, encontrou sua casa vazia; pois sabia que era noite de assembleia, que o pai não faltaria. Sentou-se para recobrar o fôlego e para acalmar o coração, que batia mais de nervoso do que de cansaço, embora ela tivesse caminhado tão depressa. Então se levantou e, tirando o chapéu, viu Sally Leadbitter passando devagar pela janela e espiando a escuridão com grande esforço, como se quisesse ter certeza de que ela havia voltado. Num segundo, Sally voltou a passar pela porta da casa e bateu; mas, sem esperar resposta, entrou.

— Minha querida Mary — disse, sabendo bem que não era nada querida da amiga naquele momento —, é tão difícil conversar direito na loja da Srta. Simmonds que resolvi vir fazer uma visitinha.

— Eu entendi, pelo que você disse, que sua mãe estava doente e que ia para casa fazer companhia para ela — respondeu Mary, num tom nada amistoso.

— Foi, mas minha mãe está melhor agora — disse Sally, sem nenhum constrangimento. — Seu pai saiu, foi? — perguntou, olhando em volta o melhor que pôde; pois Mary não se apressou em fazer os gestos hospitaleiros de riscar um fósforo e acender uma vela.

— Saiu, sim — respondeu Mary com rispidez, finalmente indo pegar a vela, mas sem pedir à visita que se sentasse.

— Melhor assim. Pois, para dizer a verdade, Mary, tem um amigo meu na entrada da rua que está muito ansioso para vir ver você, já que anda com essa mania nova de não querer falar com ele na rua. Daqui a pouco ele chega.

— Ah, Sally, ele não pode entrar! — disse Mary, perdendo a frieza.

E, correndo para a porta, tentou trancá-la; mas Sally segurou suas mãos, rindo de sua angústia.

— Por favor, Sally — insistiu Mary, se debatendo. — Minha querida Sally! Não deixe que ele entre aqui, os vizinhos vão falar e meu pai vai ficar maluco se souber. Ele vai me matar, Sally, juro. Além do mais, eu não estou apaixonada por ele... nunca estive. Ah, me solte! — implorou, ao ouvir passos se aproximando.

Eles passaram da casa, parecendo dar uma trégua a Mary; e ela continuou:

— Por favor, Sally, querida Sally, vá dizer a ele que eu não o amo, e que não quero ter mais nada com ele. Foi muito errado, eu acho, dar aqueles passeios com ele. Mas, se ele gosta muito de mim, eu estou muito arrependida; e não quero que goste mais. Você pode dizer isso a ele, Sally? Eu faço qualquer coisa em troca, juro.

— Vou lhe dizer o que eu vou fazer — disse Sally, num tom mais flexível. — Vou com você até o lugar onde ele está esperando por nós; ou melhor, onde eu o mandei esperar quinze minutos, até ver se seu pai estava em casa. Mas ele disse que, se eu não voltasse em quinze minutos, ia vir aqui e ver você, mesmo que tivesse que arrombar a porta.

— Ah, vamos logo, vamos logo — disse Mary, pensando que o encontro teria de acontecer de qualquer jeito, e que era melhor que fosse em qualquer outro lugar além de casa, onde o pai poderia aparecer a qualquer momento.

Ela agarrou o chapéu e atravessou o pátio num instante; mas então, sem saber se devia virar para a direita ou para a esquerda, foi obrigada a esperar por Sally, que se aproximou calmamente e passou o braço no de Mary com firmeza, para impedir a possibilidade de ela mudar de ideia e voltar. Mas isso, diante das circunstâncias, estava longe dos planos de Mary. Ela já se perguntara mais de uma vez se não precisaria ter outro encontro com o Sr. Carson; e resolvera que, ao comunicar sua decisão de que aquele seria o último, lhe diria que sentia muito se, sem pensar, lhe dera esperanças sem motivo. Pois lembre-se que Mary tinha a ignorância, ou a inocência, de acreditar que as intenções do Sr. Carson eram honradas; e ele, que queria tê-la a qualquer preço, mas pretendia que este fosse o mais barato possível, jamais corrigira sua impressão; enquanto Sally Leadbitter ria escondida dos dois e se perguntava como tudo terminaria — se Mary conseguiria obrigá-lo a se casar, com sua astuta presunção de que esse era o intuito do rapaz ao cortejá-la.

Não muito longe da entrada da rua para onde dava o pátio em que Mary morava elas encontraram o Sr. Carson, com o chapéu bastante enfiado na cabeça, como se estivesse com medo de ser reconhecido. Ele se virou ao vê-las se aproximando e caminhou na frente sem dizer nada (embora as duas estivessem muito perto) até uma rua de casas em construção.

A duração da caminhada deu a Mary tempo de sentir repugnância pelo encontro que viria a seguir; mas, mesmo que houvesse se arrependido de sua própria decisão de levá-lo a cabo, havia ainda o braço apertado de Sally Leadbitter, do qual não conseguiria escapar sem se debater abertamente.

Afinal ele parou de andar, ao abrigo e ao esconderijo de uma cerca de madeira, construída para impedir que o entulho da construção invadisse a calçada. Um minuto depois, as meninas se postaram diante do Sr. Carson, do lado de dentro da cerca; com Mary agora também apertando ainda mais o braço de Sally no seu, por ter decidido que ela, querendo ou não, seria uma testemunha da conversa. Mas a curiosidade de Sally fazia dela uma prisioneira bastante passiva.

Com mais liberdade do que jamais usara antes, o Sr. Carson envolveu com firmeza a cintura de Mary, apesar de sua resistência indignada.

— Não, não! Sua bruxinha! Agora que eu lhe peguei, não largo mais. Diga agora o que a fez correr tão depressa de mim nesses últimos dias. Diga, minha doce coquete!

— Sr. Carson! Quero falar com o senhor de uma vez por todas. Desde que nos encontramos pela última vez, na noite de segunda, eu resolvi que não quero mais ter nenhum envolvimento com o senhor. Sei que foi errado fazê-lo acreditar que eu gostava do senhor. Mas acho que eu própria não sabia o que sentia; e peço humildemente o seu perdão se fiz o senhor gostar muito de mim.

Por um segundo, ele ficou surpreso; no segundo seguinte, a vaidade veio ajudá-lo e convenceu-o de que Mary só podia estar brincando. Ele, jovem, simpático, rico, bonito! Não! Ela só podia estar sendo coquete, como as mulheres gostavam de ser!

— Você é muito safadinha de falar assim! “Peço humildemente o seu perdão se fiz o senhor gostar muito de mim.” Como se não soubesse que eu gosto mais de você do que de qualquer coisa no mundo. Mas quer que eu diga isso sem parar, não quer?

— Não quero não, senhor. Gostaria muito que o senhor dissesse que nunca mais ia pensar em mim em vez de falar de mim desse jeito. Pois eu lhe garanto e juro por tudo no mundo quando digo que hoje é a última noite que vou falar com o senhor.

— Última noite, sua espertinha, mas não o último dia. Ah, Mary, eu peguei você, não peguei?

Sem entender a insistência dele em achar que ela estava brincando, Mary hesitou por um instante, pensando em como poderia se explicar.

— O que eu quis dizer, senhor — continuou, rispidamente —, é que nunca mais vou falar com o senhor de novo, seja a qualquer hora, daqui em diante.

— E por que essa mudança, Mary? — perguntou o Sr. Carson, já mais sério. — Eu fiz alguma coisa para lhe ofender? — acrescentou ele, realmente preocupado.

— Não, senhor — respondeu Mary, num tom gentil, porém firme. — Não sei explicar bem por que mudei de ideia; mas não vou mudar mais. E, como eu disse antes, peço perdão se lhe magoei. E agora, senhor, por favor me deixe ir.

— Mas eu não deixo. Você não vai. O que foi que eu fiz, Mary? Diga. Não pode ir embora sem me dizer o que fiz para lhe aborrecer. O que quer que eu faça?

— Nada, senhor, só quero que me deixe ir — respondeu Mary, agitada. — Ah! Largue! Não vai conseguir me fazer mudar de ideia; estou decidida. Ah, senhor! Por que está me apertando tanto? Se *insiste* em saber por que eu não quero mais me envolver com o senhor, é porque não consigo amá-lo. Tentei, mas não consigo mesmo.

Essa confissão ingênua e sincera de pouco adiantou. O Sr. Carson não conseguia entender como era possível. Havia algum motivo por trás daquilo. Estava apaixonado. Como fazer para atraí-la? Ele teve uma ideia.

— Ouça, Mary! Não, não vou deixá-la ir embora até que me ouça. Amo muito você; e não posso acreditar que não me ame nem um pouco, um pouquinho só. Se não quiser admitir, não importa! Só quero lhe dizer o quanto eu amo você, mostrar do quanto estou disposto a abrir mão por sua causa. Deve saber (ou talvez não tenha tanta consciência disso) o quanto desagradaria aos meus pais se eu me casasse com você. Eles ficariam tão furiosos, e eu teria de suportar tanta zombaria, que é claro que nunca cogitei isso, até agora. Achei que poderíamos ser felizes o suficiente sem nos casarmos — disse o Sr. Carson, e essas palavras calaram fundo no coração de Mary. — Mas agora, se quiser, arrumarei uma licença amanhã de manhã... Não, esta noite mesmo, pois prefiro me casar e desafiar o mundo todo a desistir de você. Em um ou dois anos, meu pai vai me perdoar... E, nesse meio-tempo, você terá todos os luxos que o dinheiro pode comprar e todos os encantos que o amor pode engendrar para fazer sua vida feliz. Afinal, minha mãe era apenas uma operária de fábrica.

Essa última frase o Sr. Carson disse para si mesmo, como se quisesse se resignar daquele passo ousado.

— Portanto, Mary, agora já sabe que estou disposto a... sacrificar muito por você. Ofereço até o matrimônio, para satisfazer seu coraçãozinho ambicioso; e agora, não vai dizer que consegue me amar, só um pouquinho?

Ele puxou-a para si. Para sua surpresa, ela continuou a resistir. Sim! Embora durante tantos

meses tudo que houvera imaginado vir junto com o status de esposa do Sr. Carson estivesse ao alcance de suas mãos, Mary resistiu. O discurso dele lhe causara apenas uma sensação: um imenso alívio. Pois agora que sabia o que era o verdadeiro amor, ela estremecia ao pensar no afeto que talvez houvesse despertado; naquele sentimento profundo que seu flerte talvez tivesse feito brotar. Mary se repreendera muito pela infelicidade que talvez houvesse causado. Foi um alívio entender que o afeto era daquele tipo baixo e desprezível, vindo de alguém que consegue planejar seduzir a pessoa de quem gosta; que o sentimento era bastante raso, pois apenas fingia dominar o amante, às custas da infelicidade, da ruína, daquela que era falsamente chamada de amada. Mary não precisava sentir pena de um homem tão ardiloso! Aquele foi o alívio que sentiu.

— Agradeço, senhor, por ter me dito isso. Pode pensar que sou boba, mas a verdade é que sempre pensei que pretendia casar comigo; e, mesmo assim, vi que não o amava. Mas lamentava ter permitido tanta intimidade. Agora, senhor, mesmo que eu o houvesse amado antes, acho que não teria sentido a mesma coisa depois de me contar que pretendia me arruinar; pois é esse o significado de dizer que não tinha intenção de se casar comigo até um minuto atrás. Eu disse que sentia muito e pedi humildemente o seu perdão; mas isso foi antes de saber quem o senhor era de verdade. Agora sinto só desprezo pelo senhor, por planejar arruinar uma moça pobre. Boa noite.

E com um puxão, para o qual ela reservara todas as suas forças, Mary saiu correndo com a rapidez de um raio. Eles ouviram seus passos rápidos ecoando pela rua silenciosa. O som seguinte foi a risada de Sally, que perfurou os ouvidos do Sr. Carson e lhe causou uma profunda irritação.

— Qual é a graça, Sally? — perguntou ele.

— Oh, senhor, me desculpe. Peço humildemente seu perdão, como disse Mary, mas não consigo deixar de rir ao pensar em como ela foi mais esperta do que nós dois.

Ela ia dizer “foi mais esperta do que você”, mas mudou o final da frase.

— Mas, Sally, você fazia ideia de que ela ia fugir desse jeito?

— Não, de jeito nenhum. Mas se o senhor estava mesmo pensando em se casar com ela, por que, se é que me permite perguntar, foi dizer que costumava ter outra ideia? Foi isso que deixou a menina danada!

— Ora, eu já dera a entender muitas vezes que não pretendia me casar. Jamais sonhei que ela seria tola a ponto de não compreender isso, embora viva com a cabecinha nas nuvens! Por isso, naturalmente, quis que soubesse como estava deixando meus preconceitos de lado, como estava me... me sacrificando, em suma, para agradá-la; mas, no fim das contas, acho que ela não entendeu. Acredito que poderia obter a mão de qualquer moça de família de Manchester se quisesse, mas estava disposto a me casar com uma pobre costureira. E você, não entende? Não vê o sacrifício que eu estava fazendo para satisfazê-la? E foi tudo em vão.

Sally ficou em silêncio e, por isso, ele continuou.

— Teria sido muito mais fácil para o meu pai perdoar uma relação temporária do que um casamento com alguém de uma posição social tão mais baixa.

— O senhor não tinha dito que sua mãe era operária de fábrica? — perguntou Sally,

maldosa.

— Era, era! Mas eles eram mais ou menos da mesma classe; de qualquer maneira, não havia a disparidade que há entre mim e Mary.

Fez-se outro silêncio.

— Quer dizer que o senhor vai desistir de Mary? Ela disse bem na sua cara que não queria mais saber de conversa.

— Não; não tenho intenção de desistir, independentemente do que você ou ela possam pensar. Estou mais apaixonado do que nunca; essa explosão encantadora e caprichosa só piorou a situação. Ela vai acabar cedendo, pode ter certeza. As mulheres sempre cedem. Sempre se arrependem e descobrem que é melhor não abrir mão de um pretendente. Mas veja bem, não estou dizendo que vou oferecer os mesmos termos de novo.

Com mais algumas palavras de pouca importância, os aliados se separaram.

29. Trecho de “Mary Morison”, do poeta escocês Robert Burns (1759-1796). (*N. da T.*)

30. Trecho de “An Elegiacal Epistle of Fidelity to Her Unconstant Friend” [Epístola elegíaca de Fidelity a sua amiga inconstante], do poeta inglês George Wither (1588-1667). (*N. da T.*)

A cria da velha Alice

Eu não o amava; mas agora que se foi,
Sinto-me só.
Impedi que falasse; mas se aqui estivesse,
Não impediria.
Motivos para não amá-lo eu busquei,
E me cansei.
W.S. Landor³¹

E agora, Mary, pelo que sabia, tinha dispensado ambos os seus pretendentes. Mas eles encaravam sua dispensa de maneira muito diversa. Aquele que a amava com todo o coração e toda a alma considerava sua rejeição final. Ele não se consolava com a ideia, que teria provado ser tão correta no seu caso, de que as mulheres se arrependem de abrir mão dos pretendentes. Tinha respeito demais pela sinceridade de seu amor para acreditar ser indigno de Mary; essa falsa arrogância disfarçada de humildade não lhe passou pela cabeça. Achava que “não era do agrado” de Mary; e, embora essa talvez pareça uma expressão trivial e corriqueira, a realidade dela lhe perfurava o coração. As loucas opções de se alistar no exército, de beber até esquecer, de mostrar seu desespero de alguma outra maneira, lhe surgiram na mente; mas a imagem de sua mãe permanecia, como um anjo de espada em punho, entre ele e o pecado. Pois era “filho único de mãe viúva”,³² e ela dependia dele para o pão de cada dia. Assim, não podia desperdiçar sua saúde nem seu tempo, que, para ele, significavam dinheiro com o qual sustentá-la na velhice. De modo que Jem foi trabalhar, aparentemente como sempre ia; mas com o coração muito, muito pesado.

O Sr. Carson, como vimos, insistiu em considerar a rejeição de Mary como um “capricho charmoso”. Quando ela estava no trabalho, Sally Leadbitter nunca deixava de lhe passar um bilhete apaixonado e então se afastar com tanta habilidade que Mary não podia devolvê-lo de

imediatamente sem causar uma sensação nas colegas. Foi até forçada a levar diversos deles para casa consigo. Mas, após ler um, decidiu o que fazer. Passou a não oferecer grande resistência na hora de recebê-los das mãos de Sally, mas mantinha-os fechados e ocasionalmente devolvia-os dentro de um envelope em branco. Muito pior que isso, porém, era ser acoçada com tanta frequência pelo insistente Sr. Carson no caminho para casa; ele já conhecia tão bem seus hábitos que Mary tinha dificuldade em evitá-lo. Fosse cedo ou tarde, jamais tinha a certeza de que estaria livre do pretendente. Fosse neste ou naquele caminho, ele podia surgir de uma interseção quando ela havia acabado de se regozijar por ter-lhe escapado naquele dia. O Sr. Carson não poderia ter escolhido um modo melhor para se tornar odioso para Mary.

E, durante todo esse tempo, Jem Wilson não apareceu nem uma vez! Não para vê-la — isso ela não esperava —, mas para visitar seu pai, ou... Mary não sabia para que, mas tinha torcido para que viesse com alguma desculpa, só para ver se ela não tinha mudado de ideia. Ele não apareceu. Então a jovem ficou cansada e impaciente e perdeu o ânimo. A perseguição de um pretendente e a negligência do outro causaram nela uma opressão profunda. Não conseguia mais passar uma tarde quieta, costurando; e se, com um grande esforço, se controlava e não ficava andando de um lado para outro, sentia que precisava cantar para espantar os pensamentos enquanto trabalhava. E suas canções eram as mais loucas e alegres que conseguia lembrar. “Barbara Allen” e outras melodias tristes eram boas o suficiente para tempos alegres; mas, naquele momento, Mary precisava de toda a ajuda que pudesse ser obtida de excitações externas para apaziguar o impulso da tristeza.

Seu pai, também, era motivo de grande ansiedade, pois parecia tão mudado e tão doente. Ele, no entanto, não reconhecia que houvesse nada lhe afligindo. Por mais tarde que fosse, Mary nunca deixava o trabalho antes de ter ganhado alguns centavos (quando os criados pobres lhe pagavam para que remendasse alguma coisa aqui e ali), o suficiente para comprar uma boa refeição para o pai no dia seguinte. Porém, geralmente, depois de ficar até tarde costurando, a única coisa que tinha tempo para fazer de manhã era correr com a peça pronta para casa e receber da pessoa que a encomendara. Muitas vezes não podia ir comprar a comida e tinha de deixar o dinheiro nas mãos ávidas do pai, que em algumas ocasiões estava movido por uma fome intensa, é verdade, mas, com muito mais frequência, pela ânsia pelo ópio.

No geral, John Barton não sentia tanta fome quanto a filha. Pois era um longo jejum entre o almoço na Srta. Simmonds, servido à uma da tarde, e o final do expediente de Mary, que muitas vezes ia até meia-noite. Ela era jovem, e ainda não tinha se acostumado a ficar de barriga vazia.

Certa noite, quando Mary trabalhava e cantava uma música alegre, parando de tempos em tempos para dar um suspiro, Margaret, já cega, entrou às apalpadelas. Uma das tristezas adicionais de Mary era que a amiga estivera ausente, acompanhando o palestrante de música em sua turnê pelas cidades manufatureiras dos condados de Yorkshire e Lancashire. O avô dela também tinha decidido que aquela era uma época boa para sair nas suas expedições à cata de novos espécimes; de modo que a casa ficara fechada durante diversas semanas.

— Ah, Margaret, Margaret! Como estou feliz de ver você. Tome cuidado. Pronto, agora tudo bem, esta é a cadeira do papai. Sente-se — disse Mary, beijando a amiga repetidas vezes.

— Sinto que as coisas vão ficar melhores agora que você está aqui, Margaret. Deus a abençoe! E como está com a cara boa!

— Os médicos sempre mandam o povo doente mudar de ares; e você sabe que eu andei mudando bastante.

— Você está uma tremenda viajante mesmo! Conte tudo, por favor, Margaret. Antes de mais nada, em quais lugares esteve?

— Ah, minha filha, eu ia levar muito tempo para contar. Às vezes acho que passei por meio mundo. Bolton, Bury, Owdham, Halifax... E, Mary, adivinha quem eu vi por lá? Mas pode ser que já saiba, de modo que a adivinhação seria roubada.

— Não sei, não. Conte, Margaret, pois não tenho paciência para adivinhar.

— Bem, uma noite, quando eu estava saindo da estalagem com a ajuda de um rapaz que trabalhava para a dona, para encontrar o lugar onde ia cantar, ouvi uma tosse bem adiante, de alguém que vinha na minha direção. E pensei: essa é a tosse de Jem Wilson, se eu não muito me engano. Depois veio um espirro e uma tosse, e eu tive certeza. Primeiro hesitei em dizer alguma coisa, pois, se fosse um estranho, me acharia atrevida. Mas sabia que quem é cego como eu não pode se acanhar de usar a língua e por isso disse: “Jem Wilson, é você?” E era ele mesmo e ninguém mais. Você sabia que Jem estava em Halifax, Mary?

— Não — respondeu ela, num tom baixo e triste; pois, para seu coração, Halifax era a mesma coisa que as Antípodas; igualmente inacessíveis aos olhares contritos e às provas de amor virginais.

— Bem, ele está lá, instalando um motor para um povo de Halifax, a mando do patrão. Está bem de vida, pois manda nuns quatro ou cinco empregados. A gente se encontrou umas duas ou três vezes e ele me contou tudo sobre sua invenção para acabar com a manivela ou alguma coisa assim. Os patrões compraram dele e tiraram uma patente e Jem vai ser rico para o resto da vida com o dinheiro que ganhou. Mas você já tinha ouvido falar disso, não tinha, Mary?

Não! Não tinha.

— Bom, eu achava que tinha acontecido antes de ele ir embora de Manchester e, por isso, pensei que você soubesse. Mas talvez só tenha ficado resolvido depois de ele chegar a Halifax. De qualquer maneira, ele ganhou duzentas ou trezentas libras pela invenção. Mas o que houve, Mary? Você não está bem. Não é possível que tenha brigado com Jem, é?

Mary então desatou a chorar; estava com o corpo fraco e a mente infeliz, e afinal chegara o momento em que poderia ter o alívio de relatar sua tristeza. Mas não conseguiu confessar o quanto daquele pesar fora causado por sua tolice e vaidade; não suportava pensar naquilo e esperava que ninguém jamais descobrisse.

— Ah, Margaret. Você sabia que uma noite, quando eu estava chateada e irritada, Jem veio aqui? Ah, meu Deus! Tenho vontade de morder a língua quando penso nisso. E ele me disse que me amava, mas eu pensei que o não amava e lhe disse isso. E, Margaret... ele acreditou em mim e foi embora tão triste e zangado. E agora, eu faria qualquer coisa... faria mesmo...

Ela não pôde terminar a frase, sufocada pelos soluços. Margaret olhou-a com tristeza, mas também com esperança. Pois não tinha a menor dúvida de que aquele era apenas um afastamento temporário.

— Diga, Margaret — pediu Mary, tirando o avental da frente dos olhos e encarando a amiga, ansiosa —, “o que posso fazer para que Jem volte para mim? Devo escrever para ele?”

— Não — respondeu Margaret. — Isso não vai funcionar. Os homens são estranhos. Eles gostam que sejam eles a se declarar.

— Mas eu não ia me declarar para Jem na carta! — disse Mary, com alguma indignação.

— Se você escrevesse qualquer coisa, seria para indicar de que está arrependida e ficaria feliz de aceitar o pedido dele agora. Mas eu acho que ele prefere descobrir sozinho.

— Mas ele não quer nem tentar! — exclamou Mary com um suspiro. — Como vai descobrir, se está em Halifax?

— Se ele quiser, vai dar um jeito, pode acreditar. E você não há de aceitar quem não lhe quer muito, Mary! Não, minha querida — disse Margaret, mudando o tom daquela maneira um pouco abrupta que as pessoas sensatas muitas vezes têm de falar para a entonação suave que, vinda delas, tem um encanto tão peculiar —, você tem de apenas esperar e ser paciente. Pode ter certeza de que tudo vai acabar bem, melhor do que se você tentasse forçar as coisas agora.

— Mas é tão difícil ser paciente! — gemeu Mary.

— É, minha querida: acho que nada nesta vida é mais difícil. Esperar é muito mais duro do que agir. Descobri isso por causa da minha vista, e muita gente já descobriu cuidando dos doentes; mas é uma lição de Deus que todos temos de aprender, seja de um jeito ou de outro.

Depois de uma pausa, Margaret perguntou:

— Você tem visitado a mãe dele?

— Já faz algumas semanas que não visito. Da última vez ela foi tão ignorante comigo que achei que preferia não me ver por lá.

— Ora! Se eu fosse você, iria. Jem vai acabar sabendo, e isso vai ser muito melhor para você do que lhe escrever uma carta, o que, aliás, seria uma complicação. Ia ser difícil não dizer coisa demais, nem de menos. Mas eu preciso ir; meu avô está em casa e essa é nossa primeira noite juntos, por isso não posso fazê-lo esperar por muito mais tempo.

Margaret se levantou, mas ainda demorou a ir.

— Mary! Eu tenho mais uma coisa a lhe dizer, mas não sei bem como começar. Veja, eu e meu avô sabemos que os tempos andam difíceis e que seu pai está sem emprego. Já eu estou ganhando mais dinheiro do que preciso; por isso, minha querida, pegue este pouquinho aqui e me pague de volta quando as coisas melhorarem — disse Margaret, com lágrimas nos olhos.

— Minha querida Margaret, nós não estamos tão mal assim — declarou Mary, mas então pensou no pai, em sua aparência ruim e na única refeição que ele comia por dia. — Mas... se não for lhe prejudicar... vou trabalhar bastante para lhe pagar de volta. Seu avô não vai se incomodar?

— Claro que não, minha filha! A ideia foi mais dele do que minha. E nós temos bem mais do que isso em casa, por isso não se apresse em pagar. É difícil ser cega, é verdade, mas o dinheiro entra tão mais fácil do que antigamente; e é um prazer ganhar, pois eu gosto muito de cantar.

— Gostaria de saber cantar também — disse Mary, observando a moeda de ouro.

— Cada um recebe a sua dádiva. Muitas vezes, quando eu conseguia enxergar, desejei ter sua beleza, Mary! A gente é que nem criança, sempre querendo o que não tem. Mas preciso lhe dizer mais uma coisa. Lembre, se você estiver precisando de dinheiro, vamos ficar chateados se não contar para nós. Até mais.

Apesar da cegueira, Margaret correu dali, ansiosa para encontrar o avô e também desejosa de escapar da gratidão que Mary expressava.

Sua visita fizera bem a Mary de muitas maneiras. Fortalecera sua paciência e sua esperança; dera-lhe confiança de que tinha sua solidariedade; e, por último, com o menor poder de consolo (de tão pouco valor é a prata e o ouro em comparação com o amor, o presente que todos têm a capacidade de dar), vinha a consciência de quanto valia em dinheiro a moeda de ouro que tinha nas mãos. Quantas coisas não ia poder comprar com ela! Em primeiro lugar, pensou numa refeição farta para o pai naquela mesma noite; e, indo de imediato realizar essa ideia, Mary saiu, torcendo para que nem todos os mercados estivessem fechados, embora fosse tão tarde.

Naquela noite, a casa emanou o brilho de um fogo incomum; e o pai e a filha se sentaram para fazer uma refeição que quase consideravam extravagante. Fazia tanto tempo que não tinham o suficiente para comer.

“Comida dá ânimo”, diz o povo de Lancashire; e, no dia seguinte, Mary reservou algum tempo para ir visitar a Sra. Wilson, seguindo o conselho de Margaret. Encontrou-a só, e menos ranzinza do que em sua última visita. Alice saíra, disse ela.

— Enfiou na cabeça que ia no correio. Para que, eu não sei. Pois o que ela queria era perguntar se eles não estão com uma carta do seu filho adotivo, Will Wilson, o marinheiro.

— Por que ela achou que haveria uma carta?

— Veja, um vizinho que esteve em Liverpool nos disse que o navio de Will tinha chegado. E ele disse que, da última vez que esteve em Liverpool, queria vir ver Alice, mas o navio só ia ficar uma semana e os homens precisaram trabalhar durante esse tempo. Então Alice quer porque quer que ele venha desta vez e coloca a mão atrás da orelha a qualquer barulhinho que ouve na rua, achando que é o rapaz. E hoje não parou quieta, e fez questão de ir ao correio para ver se ele não tinha escrito para o endereço antigo, lá perto de onde você mora. Tentei convencer Alice a não ir, pois, além de estar surda, ela está ficando tão cega que não vê cinco metros à frente; mas ela fez questão, coitada.

— Eu não sabia que ela estava ficando com a vista ruim; costumava enxergar bem quando morava perto da gente.

— É, mas já faz um tempo que vem piorando. Mas você não perguntou de Jem — reclamou a Sra. Wilson, ansiosa por entrar no assunto que lhe era mais caro.

— Não — respondeu Mary, coberta por um rubor escarlate. — Como ele está?

— Não sei dizer, pois ele está em Halifax; mas estava muito bem da última vez que nos escreveu, na terça. Você soube da notícia boa?

Para decepção da Sra. Wilson, Mary admitiu que ouvira falar da quantia que o patrão pagara a Jem por sua invenção.

— Ah! E Margaret lhe disse o que ele fez com o dinheiro? É bem a cara dele, não contar

para ela. Ora, quando ele recebeu, imagine que pediu ajuda ao patrão para investir o dinheiro no meu nome e no nome da Alice. Ela vai receber enquanto for viva; mas, coitada, acho que não vai durar muito. Ou seja, Mary, nós somos duas senhoras ricas agora. Vamos ganhar vinte libras por ano, pelo que me disseram. Eu queria que os gêmeos estivessem vivos, pobrezinhos — comentou a Sra. Wilson, deixando cair algumas lágrimas. — Iam poder estudar na melhor escola e encher a pança de comida. Imagino que estejam melhor no paraíso, mas bem que sinto saudade.

O coração de Mary transbordou de amor diante dessa nova prova da bondade de Jem; mas ela não conseguiu dizer nada. Pegou a mão de Jane Wilson e apertou-a com carinho; e então mudou de assunto e falou em Will, seu sobrinho marinheiro. Jane ficou um pouco chateada, mas sua prosperidade lhe deixara mais gentil, e ela não se ressentiu do que imaginou ser uma indiferença de Mary diante dos méritos de Jem.

— Ele andou pela África e por aquelas bandas de lá, eu acho. É um rapaz bonito, mas não tem o cabelo de Jem. O dele é vermelho demais. Mandou para Alice (não sei se ela contou) umas cinco libras da última vez que esteve aqui; mas não chega a ser uma renda.

— Não é todo mundo que consegue receber cem ou duzentos de uma vez — comentou Mary.

— Não! Isso é bem verdade. Não existe muita gente como Jem. Isso é Alice chegando — disse ela, se apressando em ir abrir a porta para a cunhada.

Alice parecia cansada, triste e cheia de pó. O cansaço e a poeira não teriam sido percebidos pelas outras duas, se não fosse pela tristeza.

— Nada de carta? — perguntou a Sra. Wilson.

— Não, nenhuma! Vou ter de esperar mais um dia para saber notícias do meu menino. Esperar cansa muito — disse Alice.

As palavras de Margaret surgiram na mente de Mary. Todos têm sua época de esperar e seu tipo de espera.

— Se eu soubesse que ele está bem, que não se afogou! — continuou Alice. — Até se soubesse que se afogou, teria coragem de aceitar a vontade de Deus. É a espera que eu não aguento.

— Ser paciente é difícil para todo mundo — disse Mary. — Eu sei que eu acho isso, mas não sabia que uma pessoa tão boa quanto você achava, Alice; não vou mais pensar tão mal de mim por ser um pouco impaciente, agora que ouvi você dizer que acha duro.

A última coisa que Mary queria era repreender Alice; e Alice sabia disso. Ainda assim, ela disse:

— Então, minha querida, peço seu perdão, e o perdão de Deus também, se enfraqueci sua fé mostrando o quanto a minha é frágil. Metade da nossa vida a gente passa esperando, e fica muito feio para alguém como eu, tão abençoada, ficar resmungando. Vou tentar colocar um freio na minha língua e nos pensamentos também.

Alice disse isso numa voz humilde e gentil, como quem pedia perdão.

— Ora, Alice — interrompeu a Sra. Wilson —, não se incomode tanto por dizer uma coisinha errada de vez quando. Olhe só! Coloquei a chaleira no fogo, e você e Mary vão poder

tomar um chá daqui a pouco.

Então ela foi remexer nos armários e trouxe uma broa bastante grande e gostosa, pedindo que Mary comesse a cortar as fatias e passar a manteiga enquanto pegava as xícaras que matraqueavam — um som sempre alegre.

Quando estavam prestes a se sentar, soaram batidas na porta e, sem esperar que abrissem pelo lado de dentro, alguém ergueu a trinca e perguntou, com voz de homem, se aquela era a casa de George Wilson.

A Sra. Wilson ia começar uma explicação longa e triste, dizendo que ali tinha sido a casa de George Wilson, mas que ele um dia caíra morto; quando Alice, com o instinto do amor (pois nas situações comuns, a vista e a audição só lhe passavam impressões muito depois de os outros as terem), se ergueu e cambaleou até a porta.

— Minha cria! Meu filho amado! — exclamou ela, desabando sobre o pescoço de Will Wilson.

Você pode imaginar a comoção de boas-vindas que se seguiu; como a Sra. Wilson riu, falou e chorou, tudo ao mesmo tempo, se é que isso é possível; como Mary olhou com prazer e espanto para seu velho companheiro de brincadeiras, que agora era um marinheiro bonito, moreno e de cabelo cacheado, com o temperamento franco, entusiasmado e afetuoso.

Mas foi uma coisa extraordinária ver a alegria de Alice de ter seu filho de criação consigo mais uma vez. Ela não disse nada, pois não conseguia; mas as lágrimas rolaram por seu rosto enrugado e embaçaram os óculos de armação de metal que ela colocara, para poder espiar com carinho o rosto dele. Por causa da vista ruim e das lágrimas que a cegavam, Alice desistiu de discernir as feições dele através daquele sentido, e usou outro. Passou as mãos encharcadas de velha, trêmulas de emoção, sobre o rosto másculo de Will, que se agachou, obediente, para que ela pudesse fazer sua estranha inspeção. Afinal, a alma de Alice se satisfaz.

Depois do chá, Mary, com a certeza de que havia muito a ser dito de ambos os lados, e de que seria melhor que ninguém estivesse presente, nem sequer uma velha amiga íntima como ela, se levantou para ir embora. Isso pareceu despertar Alice de sua consciência deliciosa de felicidade intensa e ela foi depressa para a porta atrás da menina. Lá, parou do lado de fora, com a tranca da porta nas mãos e, pegando o braço de Mary, disse praticamente suas primeiras palavras após a volta do sobrinho.

— Minha querida! Eu nunca vou me perdoar se as palavras más que eu disse hoje atrapalharem o seu caminho. Veja como o Senhor amontoou brasas sobre a minha cabeça!³³ Ah, Mary, não deixe que o fato de eu ser cética como São Tomé enfraqueça sua fé. Tenha paciência com o Senhor, não importa qual seja o seu problema.

31. Trecho de “The Maid’s Lament” [O lamento da donzela], do poeta inglês Walter Savage Landor (1775-1864). (*N. da T.*)

32. O Evangelho Segundo São Lucas 7:12 (*N. da T.*)

33. Referência a Provérbios 25:22. (*N. da T.*)

As histórias do viajante

A sereia sobre as rochas sentada
Passava o dia inteiro
Penteava os cabelos, de si própria
[encantada
E cantava uma canção
Podeis ouvir a canção da sereia
Disso, não precisas duvidar
Se fores com o sol até o fim do
[mundo
E mergulhar com ele no mar

W. S. Landor³⁴

Cerca de quatro ou cinco dias após os eventos mencionados no último capítulo, certa noite, quando Mary estava perdida em devaneios na janela, ela viu Will Wilson entrando no pátio e caminhando até sua porta com passos rápidos. Ficou feliz em vê-lo, pois ele sempre fora seu amigo, talvez parecido demais com ela para se tornar algo mais. Abriu a porta, pronta para receber seu cumprimento entusiasmado, que retribuiu com igual franqueza.

— Vamos, Mary! Bote o chapéu e o xale, e sei lá o que mais vocês mulheres precisam para sair de casa. Vim buscar você e não posso perder tempo quando estou cumprindo ordens.

— Para ir aonde? — perguntou Mary, com o coração pulando ao pensar em quem poderia estar esperando por ela.

— Não muito longe — respondeu Will. — Só até a casa do velho Job Legh, ali na esquina. Minha tia fez questão de me trazer para conhecer esses amigos dela, e depois nós íamos vir visitar você e seu pai. Mas o velhinho parece que está com vontade de dar uma festa, pois quer todo mundo lá. Onde está seu pai? Quero vê-lo. Ele tem de vir também.

— Saiu, mas eu aviso na vizinha que é para ele vir nos encontrar. Quer dizer, se ele chegar

cedo em casa — disse Mary.

Ela então acrescentou, hesitante:

— Tem mais alguém lá no Job?

— Não! Minha tia Jane não quis vir, pois está com dor de barriga. Já Jem... Não sei o que vocês andam fazendo com ele, mas nunca vi um camarada tão desanimado. É verdade que passou por muita tristeza, coitado! Mas está na hora de melhorar a cara e não ficar emburrado que nem uma menina.

— Quer dizer que ele voltou de Halifax?

— Voltou! O corpo voltou, mas acho que o coração ficou. A língua parece que o gato comeu, como a gente costuma dizer para as crianças quando elas não querem falar. Eu tento animar Jem, e acho que ele gosta da minha companhia, mas nunca vi ninguém tão quieto nem tão triste. Ontem mesmo ele me levou à fábrica, mas parecíamos dois crentes que tinham perdido o missal, de tão mudos que estávamos. Aquele lugar é para deixar qualquer um louco; um buraco preto e barulhento! Tinha uma ou duas coisas que valia a pena ver, como o fole, ou esse trovão que eles chamam de fole. Eu podia ter passado o dia todo olhando para ele; e, se trabalhasse lá, ia querer ser um foleiro, se é que isso existe. Mas Jem não se distraiu nem com isso; ficou lá, mais sério que um juiz, enquanto o tal do fole soprava meu chapéu longe. E ele também não come mais nada, o que deixa minha tia nos cascos. Vamos lá, Mary! Ainda não se arrumou?

Mary não tinha conseguido descobrir se veria Jem na casa de Job Legh; mas, quando a porta foi aberta, imediatamente sentiu que ele não estava lá. Aquela noite, portanto, seria um vazio; pelo menos foi isso que pensou nos primeiros cinco minutos. No entanto, logo esqueceu a decepção no encontro alegre de velhos amigos, todos, com exceção dela própria, tendo algum motivo para se regozijar naquela ocasião. Margaret, que não conseguia ficar parada, estava tricotando, com o rosto voltado para a sala e não para o trabalho. Alice, humilde e paciente com seus olhos turvos e expressão gentil, tentava ver e ouvir, sem jamais reclamar; na verdade, em seu íntimo, agradecia as bênçãos de Deus por sua felicidade; pois a alegria de ter o sobrinho, seu filho de criação, ali perto, era muito mais presente em sua mente do que as privações da visão e da audição.

Job gozava do esplendor de anfitrião e anfitriã também, pois, por um acordo tácito, se despertara de sua distração habitual e assumira muitos dos pequenos deveres domésticos de Margaret. Conforme se movia, conversava animadamente com o jovem marinheiro, tentando extrair dele qualquer informação sobre a história natural dos diferentes países que o rapaz visitara.

— Ah, se o senhor gosta de verme, de mosca e de besouro, o melhor lugar do mundo é Serra Leoa. Queria que tivesse ficado com alguns que vi por lá, pois eles estavam por todo lado; caíam na nossa bebida e quase que caíam na comida. Nunca achei que ninguém fosse gostar daqueles bichões verdes, se não teria trazido mais de mil para o senhor. Um prato de sopa cheio já bastava para o senhor, não era? Para nós, chegava a ser demais.

— Eu teria lhe dado um bom dinheiro por eles — disse Job.

— Bem, eu sabia que o povo daqui gostava das coisas estranhas que a gente encontra lá fora;

mas nunca achei que iam gostar daqueles bichos nojentos. Sempre procurava era por uma sereia, pois sabia que isso era interessante de se ver.

— Pois perdeu seu tempo — disse Job, num tom baixo de desprezo que, no entanto, os ouvidos rápidos do marinheiro captaram.

— Em algumas latitudes, patrão, não era tanta perda de tempo assim. É lógico que o mar por essas partes é frio demais para as sereias; pois as mulheres daqui não andam sem roupa por causa do clima. Mas eu já fui a umas terras onde até a musselina era quente demais para vestir e onde o mar parecia leite morno. E apesar de nunca ter tido a sorte de ver uma sereia naquela latitude, conheço quem viu.

— Conte como foi! — exclamou Mary.

— Que bobagem! — disse Job, o cientista.

Ambas as falas fizeram com que Will decidisse contar sua história. O que um homem que nunca tinha estado mais de alguns quilômetros longe de casa podia saber sobre as maravilhas do oceano, para duvidar dele daquela maneira?

— Ora, foi Jack Harris, nosso timoneiro na última viagem, que cansou de nos contar. Vejam bem, ele pegou uma calmaria nas Ilhas Chatham (isso fica no Pacífico, numa latitude quente o suficiente para as sereias, os tubarões e outros perigos). Alguns dos homens pegaram um bote e remaram até a ilha para ver como ela era; quando chegaram perto, ouviram alguém bufando, como se fosse um bicho que tinha subido para respirar. Vocês já ouviram um mergulhador? Não? Ora essa! Bom... mas já ouviram alguém com asma, e é igualzinho. Então eles olharam em volta, e não é que viram uma sereia? Estava sentada numa pedra, se bronzeando. A água sempre fica mais quente quando o mar está batido, então acho que na calmaria ela sentiu frio e foi se esquentar.

— Como ela era? — perguntou Mary, num sussurro.

Job pegou o cachimbo do consolo da lareira e começou a fumar com baforadas muito audíveis, como se não valesse a pena ouvir a história.

— Ah, Jack disse que ela era tão linda quanto as mulheres de cera que tem no barbeiro! Só tinha uma diferença, Mary: o cabelo era verde que nem um fundo de garrafa.

— Não sei se eu ia achar isso bonito — disse Mary, com hesitação, como se não quisesse duvidar da perfeição de nada que pertencesse a uma beldade tão renomada.

— Ah, mas é bonito, depois que você se acostuma! Eu sempre penso que quando a gente vê terra, não tem cor mais bonita do que verde-garrafa. Bom, mas o cabelo dela era verde mesmo; e tinha muito orgulho dele também, pois estava penteando de uma ponta a outra quando foi vista. Os rapazes todos acharam que ela era um belo bicho, e que devia dar tanto dinheiro quanto uma baleia (eles estavam caçando baleias). Pois tem gente que gosta muito de sereia, apesar de ter outros que não gostam.

Foi uma indireta para Job, que retaliou com uma série de baforadas sonoras.

— Como eu ia dizendo, eles foram para perto dela, para tentar pegar. Enquanto isso, ela continuava a pentear aquele cabelo bonito e a chamar os rapazes com o dedo, enquanto na outra mão segurava um espelho.

— Quantas mãos tinha essa sereia? — perguntou Job.

— Duas, é claro, que nem todas as mulheres — respondeu Will, indignado.

— Ah! Achei que você tinha dito que ela estava chamando com uma das mãos, penteando o cabelo com a outra e segurando o espelho com a terceira — disse Job, fazendo todos ficarem em silêncio.

— Não disse, nada! Bom, se disse, quis dizer que fez primeiro uma coisa, depois outra, e só um (nesse ponto, Will murmurou uma ou duas palavras) não ia entender assim. Bem, Mary — continuou ele, se virando todo para ela —, quando a sereia viu os rapazes chegando perto, não sei se ficou com medo das espingardas que eles tinham levado para caçar na ilha ou se era uma dessas sirigaitas indecisas que não sabem o que querem (o que eu acho muito provável, já que era metade mulher), mas, quando faltavam duas remadas para chegar na pedra onde ela estava, lá se foi a bicha para dentro d'água, deixando só o rabo de peixe à mostra até desaparecer todinha.

— E eles nunca mais viram a sereia? — perguntou Mary.

— Tão bem assim, não; o homem que tinha o segundo turno da guarda numa noite declarou que viu a bicha rodeando o navio e mostrando o espelhinho para ele olhar; disse que viu a casinha de Aber, no País de Gales (onde morava sua esposa), direitinho como se estivesse na frente dela, e a esposa do lado de fora, com a mão em cima do olho, como se estivesse procurando por ele. Mas Jack Harris não acreditou, dizendo que ele era um sonhador e, ainda por cima, um camarada tristonho, que morria de saudades de casa.

— Que pena que não pegaram a sereia — disse Mary, pensativa.

— Pegaram uma coisa dela — respondeu Will. — Já vi muitas vezes com meus próprios olhos e acho que é prova certa de que a história é verdade, para quem precisa de prova.

— O que era? — perguntou Margaret, quase desejando que o avô se deixasse convencer.

— Ora, na pressa, a sereia largou o pente na pedra e um dos homens viu. Acharam que era melhor do que nada, por isso remaram e foram pegar. Jack Harris guarda o pente a bordo do John Cropper e penteia o cabelo com ele todo domingo de manhã.

— Como ele é? — perguntou Mary com entusiasmo, já imaginando pentes de coral enfeitados de pérolas.

— Ora, se não tivesse uma história tão estranha ia ser igualzinho a qualquer outro pente do mundo.

— Aposto que sim — disse Job Legh, com desdém.

O marinheiro mordeu o lábio para controlar a raiva que sentiu do velho. Margaret ficou bastante inquieta, pois conhecia bem o avô e não queria nem pensar que observação cáustica ele poderia fazer para irritar ainda mais o visitante.

Mary, no entanto, estava interessada demais nas maravilhas das profundezas para perceber a incredulidade com a qual Job Legh reagia ao relato de Will sobre a sereia; e, quando ele se calou, um pouco ofendido e muito inclinado a não abrir mais a boca naquela noite, ela pediu, ansiosa:

— Ah, conte mais sobre o que se vê e se ouve no navio! Por favor, Will!

— Para que, Mary, se há quem não acredita em mim? Eu vi coisas com meus próprios olhos que fariam esse povo estalar o beijo se soubesse, como se eu fosse um bebê para me assustar

com barulho. Mas para você, Mary — disse Will, com ênfase no *você* —, eu falo das maravilhas do oceano, já que não se acha esperta demais para acreditar. Já vi um peixe voar.

Isso de fato deixou Mary estarelecida. Ela já ouvira falar de sereias, sabendo que podiam ser encontradas nas placas das estalagens e em meio às maravilhas do mar, mas nunca de peixes voadores. Já Job era diferente. Ele largou o cachimbo e, assentindo com a cabeça em sinal de aprovação, disse:

— Isso, meu jovem! Agora você está falando a verdade.

— Como é isso, meu senhor? Acredita quando eu digo que vi uma criatura metade peixe, metade pássaro, mas não acredita quando digo que existe um bicho chamado sereia, metade peixe, metade mulher. Para mim, um é tão estranho quanto o outro.

— Mas você não viu a sereia em pessoa — argumentou Mary gentilmente.

Mas o lema de Will Wilson era “os amigos dos meus amigos são meus amigos também”; sendo que sua versão era “quem acredita em mim, acredita em Jack Harris”. De modo que a observação não o consolou tanto quanto se pretendia.

— É o *Exocetus*; um dos *Malacopterygii Abdominales* — observou Job, com muito interesse.

— Ah, muito bem! Você é dessa gente que só conhece os bichos falando o nome chique. Se estiverem com roupa de domingo, vocês conhecem, mas no inglês de todos os dias, nem fazem ideia. Já conheci muitos do seu tipo; se soubesse disso, tinha batizado a sereia do pobre do Jack com um nome complicado desses. *Sereius Jack Harrisensis*; é assim mesmo que eles falam. Você acredita no *Sereius*, patrão? — perguntou Will, se divertindo à beça com a própria piada, como a maioria das pessoas.

— Eu, não! Mas me fale do...

— Bom — disse Will, satisfeito por aquele velho senhor finalmente estar acreditando nele —, na última viagem, a mais ou menos um dia da Ilha da Madeira, um dos nossos homens...

— Espero que não tenha sido Jack Harris — murmurou Job.

— ... veio me chamar — continuou Will, sem perceber a interrupção —, para ver o tal... peixe voador, é como eu o chamo. Estavam a uns 7 metros acima da água e voaram por quase uns 100 metros. E olhe, senhor, eu tenho um peixe seco desses e, se o senhor quiser, eu lhe dou. Mas — acrescentou, num tom mais baixo —, gostaria que acreditasse no *Sereius*.

Eu realmente creio que, se dar crédito à história da sereia fosse a condição para receber o peixe voador, Job Legh, por mais sincero que fosse, fingiria, de tão deliciosa que era para ele a ideia de possuir aquele espécime. Ele ganhou o jovem marinheiro quando se levantou para apertar as duas mãos dele numa gratidão veemente, intrigando a velha Alice, que ainda assim sorriu em meio à perplexidade, pois compreendeu que aquele gesto mostrava um sentimento bom em relação a seu sobrinho.

Job queria provar sua gratidão, mas não sabia como fazê-lo. Imaginou que aquele rapaz não fosse apreciar nenhuma de suas aranhas da família *Araneides* das quais tinha duplicatas, nem sequer sua bela *Mygale* americana, um de seus maiores tesouros, se não fosse por isso, teria cedido qualquer duplicata ao doador de um *Exocetus* seco de verdade. O que poderia fazer por ele? Poderia pedir que Margaret cantasse. Outras pessoas além de seu velho e amoroso avô gostavam bastante de sua voz. Assim, Margaret começou a entoar uma de suas nobres canções

antiquadas. Ela não conhecia nada de música moderna (o que talvez fosse uma sorte para os seus ouvintes), mas derramou sua rica voz em umas velhas canções que aprendera há pouco, enquanto acompanhava o palestrante na turnê.

Mary achou graça ao ver o marinheiro hipnotizado: com a boca, os olhos, tudo aberto, para poder absorver cada nota. Até suas pálpebras se negavam a cerrar, como se temessem perder, nesse brevíssimo intervalo, uma partícula da melodia que flutuava na sala. Pela primeira vez, passou pela cabeça de Mary que era possível que a simples e sensata Margaret, tão recatada e correta, talvez tivesse algum poder sobre o coração do belo, valente e entusiasmado Will Wilson.

Já Job estava rapidamente mudando de ideia em relação ao visitante. O peixe voador ajudara muito, e sua evidente admiração pela voz de Margaret adiantou ainda mais o processo.

Foi divertido ver aqueles dois, que há menos de uma hora mal tinham sido educados um com o outro, fazendo de tudo para agradar. Depois de respirar pela primeira vez após a canção de Margaret (um longo e profundo suspiro de admiração), Will se aproximou de Job e perguntou, no tom de quem não estava muito certo:

— Patrão, o senhor por acaso quer um gato *Manx*?

— Um o quê? — perguntou Job.

— Não sei o nome certo dele — explicou Will humildemente. — A gente chama só de gato *Manx*. É um gato sem rabo.

Job, com todos os seus conhecimentos de história natural, jamais ouvira falar desses animais; por isso, Will continuou:

— Porque, antes de eu voltar para o navio, vou visitar uns amigos da minha mãe na Ilha de Man, onde eles moram. Trago um para o senhor com o maior prazer, se for do seu agrado. Eles são tão esquisitos quanto um peixe voador ou...

Will engoliu as palavras que deveriam ter vindo a seguir e acrescentou:

— ... principalmente quando a gente vê um andando num telhado, contra o céu, quando um gato, eu digo um gato normal, estica o rabo retinho aqui atrás, como se fosse um acrobata se equilibrando numa corda de tecido; mas esses gatos, como não têm rabo, não podem esticar nada, o que deixa esse povo muito admirado. Se o senhor permitir, eu trago um para a moça aqui — concluiu ele, indicando Margaret com a cabeça.

Job assentiu com curiosidade e gratidão, desejando muito ver aquele fenômeno sem rabo.

— Quando o navio vai embora? — perguntou Mary.

— Não tenho certeza; me disseram que a próxima viagem vai ser para a América. O rapaz que dorme na cama do lado da minha vai me dizer quando marcarem o dia de partir; mas, primeiro, eu tenho de ir à Ilha de Man. Da última vez que estive na Inglaterra, prometi ao meu tio que iria na próxima. Pode ser que eu tenha de zarpar em pouco tempo; então aproveite minha companhia enquanto pode, Mary.

Job perguntou a Will se ele já estivera na América.

— E não estive? Tanto do Norte, quanto do Sul! Dessa vez, vamos para a América do Norte. A terra dos ianques, onde vive o Tio Sam.

— Tio o quê? — perguntou Mary.

— Ah, é um jeito que os marinheiros têm de falar. Eu vou para Boston, nos Estados Unidos, isso é o Tio Sam.

Mary não entendeu, por isso saiu de perto de Will e foi sentar ao lado de Alice, que não conseguia entender a conversa a não ser que estivessem falando especificamente com ela. Ela passara a maior parte da noite sentada, num silêncio paciente, e recebeu Mary com um sorriso doce.

— Onde está seu pai? — perguntou.

— Deve estar no sindicato! Passa quase todas as noites lá.

Alice sacudiu a cabeça, mas Mary não entendeu se foi porque não ouviu ou porque não aprovou totalmente a informação. Ela ficou observando Alice em silêncio, lamentando por aqueles olhos opacos e velados, que costumavam ser tão brilhantes e expressivos. Como se Alice compreendesse por algum outro sentido qualquer o que se passava na cabeça de Mary, ela se virou subitamente e respondeu aos pensamentos da moça:

— Você está com pena de mim, minha querida! E não precisa, Mary. Sou feliz como uma criança. Às vezes acho que sou mesmo uma criança que o Senhor está ninando, preparando para o sono eterno. Quando eu era babá, a patroa sempre me mandava falar bem baixinho e escurecer o quarto, para os seus pequenos irem dormir; e agora todos os ruídos estão baixos para mim, e essa belezura da terra parece distante e escura, e eu sei que é meu Pai me embalando para o sono eterno. Estou bastante satisfeita e você não deve se preocupar comigo. Já tive quase todas as bênçãos que queria na vida.

Mary pensou no tão acalentado desejo de Alice de ir visitar a casa onde passou a infância, sempre adiado, que agora provavelmente jamais se realizaria. Ou, caso se realizasse, quão diferente seria daquilo que ela teria imaginado! Seria zombar da cega e surda Alice.

A festa logo acabou. Eles fizeram uma refeição humilde e alegre, se despediram com estardalhaço, e Mary se viu mais uma vez no silêncio e na solidão de sua casa suja e triste; seu pai ainda estava na rua, o fogo tinha se apagado e a peça que ela precisava costurar naquela noite ainda se encontrava inacabada sobre a cômoda. Mas fora um intervalo agradável sobre o qual refletir. Durante algumas horas, ele distraía a atenção de Mary da pressão de muitos pensamentos perturbadores: sobre aqueles tempos sombrios, pesados e opressores, em que tristezas e privações pareciam rodeá-la por todos os lados; sobre o pai, de aparência tão alterada, que mostrava com tanta clareza uma saúde abalada e um coração amargo; sobre o dia de amanhã e o dia depois dele, a serem passados naquela sala de costura abafada e monótona, com os sussurros odiosos de Sally Leadbitter lhe ressoando nos ouvidos; e do olhar apavorado que ela lançava da porta da Srta. Simmonds para os dois lados da rua, temendo que aquele que a perseguia estivesse por perto. Pois o Sr. Carson esperava por ela com uma perseverança extraordinária; nos últimos tempos, Mary chegava até a odiá-lo pela força desumana que usara para fazê-la parar e ouvi-lo, e pela indiferença com que a expusera aos comentários dos transeuntes, que poderiam fazer circular boatos que seriam terríveis se fossem ouvidos por seu pai — e piores do que a morte se chegassem a Jem Wilson. E tudo isso fora causado pela própria Mary, com seu flerte inconsequente. Ah, como ela detestava lembrar daquela noite quente de verão, quando, cansada de costurar e bordar, voltara para casa com passos lentos e

ouvira pela primeira vez a voz do sedutor!

E Jem Wilson! Ah Jem, Jem, por que você não viera receber alguns dos olhares e palavras de amor recatados que Mary ansiava por lhe oferecer, para tentar compensar pela rejeição impensada que você, tão irrefletidamente quanto ela, considerara final, embora ambos a tenham lamentado com muitas lágrimas? Mas dia após dia se passaram e a paciência parecia de nada adiantar; e Mary chorou como há muito outra também chorava numa quinta rodeada por um fosso:

Por que ele não vem?
Estou tão, tão cansada.
Gostaria de estar morta.³⁵

34. “The Mermaid” [A sereia], de Walter Savage Landor. (*N. do T*)

35. Trecho de “Mariana”, do poeta inglês Alfred Tennyson (1809-1892), por sua vez inspirada na peça “Medida por medida”, de William Shakespeare, cuja heroína, Mariana, vive numa quinta rodeada por um fosso. (*N. da T.*)

Passou-se um mês; a lua de mel dos recém-casados; a deliciosa convalescência de um filho velado pela mãe; os primeiros dias de desespero para a viúva e a criança de luto; o tempo de penitência, de trabalhos forçados e da solitária para o pobre prisioneiro emaciado, trêmulo, sem esperanças.

“Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me.”³⁶ Será que eu, ou você, receberemos tal bênção? Sei de um homem que o faria. O capataz de uma fundição, um homem velho, de cabelos grisalhos, que há muitos anos passa os domingos visitando os presos e os doentes da prisão New Bailey; não apenas aconselhando e consolando, mas colocando em seu poder os meios de recuperar a virtude e a paz que perderam; tornando-se ele próprio sua garantia para que obtenham um emprego e jamais desertando quem lhe pediu ajuda, ainda que

uma só vez.³⁷

O tempo de Esther na prisão havia acabado. Sua descrição no relatório do diretor foi boa; ela desfiara a quantidade exigida de cordas velhas para obter estopa,³⁸ jamais precisara ser colocada no moinho³⁹ como punição extra e seu linguajar fora educado e recatado. Mais uma vez, ela estava livre. A porta foi fechada às suas costas com estrépito e, em sua desolação, Esther sentiu que estava sendo expulsa de casa — do único abrigo que uma pessoa sem teto e sem vintém como ela poderia encontrar naquele dia triste.

Mas Esther só permaneceu ali, hesitante, durante um segundo. Um pensamento a assombrara noite e dia, com a insistência de uma monomania; era sobre como ela iria salvar Mary (a única filha de sua irmã morta, uma criança adorada pela própria Esther quando esta ainda era inocente) e impedi-la de seguir no mesmo caminho de depravação. Com quem falaria, a quem pediria ajuda? Não suportava a ideia de se dirigir a John Barton de novo; seu coração perdia o ânimo quando ela se lembrava da maneira feroz com que ele a repelira e das palavras ainda mais ferozes que dissera. Parecia um destino pior do que a morte revelar sua condição a Mary, mas Esther às vezes pensava que esse seria o alerta mais terrível e mais eficiente. Ela precisava dizer algo; sua alma o exigia. Mas a quem? Tinha pavor de abordar qualquer mulher de quem costumava ser íntima, e nem tinha certeza se elas teriam bom senso, ânimo ou interesse para cumprir sua missão.

A quem a prostituta, a pária, contaria sua história? Quem iria lhe ajudar na necessidade? Seu pecado é como a lepra; todos se afastam, com medo de serem considerados impuros.

Enquanto vagava, perdida na noite, Esther descobriu quais eram os lugares frequentados e os hábitos de muitos que não imaginavam estar sendo observados por aquela pobre mulher desventurada. Deve ser fácil imaginar que havia um interesse redobrado para ela em ver o cotidiano e as companhias daqueles que conhecera nos dias que considerara trabalhosos e monótonos, mas que agora, em retrospecto, lhe pareciam tão alegres e tranquilos. Por isso, como já vimos, soubera onde encontrar John Barton naquela noite infeliz, que produzira apenas irritação para ele e um mês na prisão para ela. Esther também observara que ele ainda era íntimo da família Wilson. Vira-o andando e conversando tanto com o pai quanto com o filho, ambos velhos amigos seus também; e chorara lágrimas que ninguém percebera e às quais ninguém dera valor quando lhe contaram casualmente da morte súbita de George Wilson. Ocorreu a Esther que ao filho, ao companheiro de brincadeiras de Mary, seu irmão mais velho na infância, ela poderia contar sua história, e que ele poderia ouvir com interesse e sugerir alguma maneira de proteger a menina.

Todos esses pensamentos tinham passado na mente de Esther quando ela ainda estava na prisão; assim, quando foi mandada embora, seu objetivo estava claro, e ela não sentiu a desolação da liberdade que teria lhe acometido em outras circunstâncias.

Naquela noite, a tia de Mary postou-se bem cedo perto da fundação onde sabia que Jem trabalhava; ele ficou no trabalho até mais tarde do que o normal, pois teve de cuidar de alguns preparativos para o dia seguinte. Esther ficou cansada e sem paciência; muitos operários tinham surgido da porta da imensa parede árida de tijolos, e ela lhes examinara ansiosamente os rostos, sem ouvir nenhum de seus insultos ou imprecações. Jem devia ter ido para casa mais

cedo; Esther decidiu que, após mais uma volta na rua, ela própria iria embora.

Durante aquela volta ele saiu e, em meio ao silêncio da rua tomada por oficinas e galpões, Esther logo ouviu seus passos. Por um instante, sua coragem se esvaiu! Mas ela não desistiu de cumprir seu objetivo, por mais doloroso que fosse fazê-lo. Esther pousou a mão no braço de Jem. Como esperava, após uma olhada rápida para a pessoa que o abordara, ele fez um esforço para repeli-la e seguir em frente. Mas, por mais trêmula que estivesse, ela impediu isso segurando-o com uma força extraordinária.

— Você precisa me ouvir, Jem Wilson — disse, num tom quase autoritário.

— Vá embora, moça; não quero nada com você, nem para ouvir, nem para falar.

E Jem tentou se livrar dela mais uma vez.

— Você precisa me ouvir — repetiu Esther, com firmeza —, pelo bem de Mary Barton.

O encanto do nome dela foi tão forte quanto o olhar brilhante do velho marinheiro. “Ele ouviu como uma criança de três anos”.⁴⁰

— Sei que você gosta dela, que vai querer proteger a menina.

Olhando-a intensamente, Jem exclamou:

— E quem é você para conhecer Mary Barton e saber o que ela é para mim?

Por um instante, Esther hesitou entre a vergonha de dizer quem era e o peso adicional que sua revelação daria. Então disse:

— Você lembra de Esther, irmã da mulher de John Barton? Tia de Mary? E do cartão do dia dos namorados que eu lhe mandei há dez anos?

— Lembro bem! Mas você não é Esther, é?

Ele olhou de novo o rosto dela e, vendo que era mesmo sua amiga de infância, pegou sua mão e apertou-a com uma cordialidade que esquecia o presente graças ao passado.

— Ora, Esther! Onde você esteve esses anos todos? Por onde andou, que ninguém conseguiu lhe encontrar?

A pergunta foi feita de maneira impensada, mas respondida com desespero.

— Por onde andei? O que fiz? Por que você me tortura com essas perguntas? Não adivinha? Mas, se eu precisar lhe contar a história da minha vida para reforçar o que vou dizer, depois eu lhe conto. Não! Não mude de ideia agora e diga que não quer ouvir. Você precisa ouvir e eu preciso contar. E depois você vai cuidar de Mary e ter certeza de que ela não vai ser como eu. Uma vez, já amei como ela ama: alguém muito mais rico do que eu.

Absorta, Esther não percebeu a mudança na respiração de Jem e a maneira súbita como ele se apoiou na parede, revelando o terrível interesse que tinha pelo que ela dizia.

— Ele era tão bonito e tão bom! Bem, o regimento foi mandado para Chester (eu já disse que ele era um oficial?) e nós não conseguimos nos separar, de modo que ele me levou junto. Nunca achei que a pobre Mary ia sofrer tanto com isso! Sempre tive a intenção de mandar buscar minha irmã para ir me visitar quando estivesse casada. Pois, veja bem! Ele prometeu que ia se casar comigo. Todos fazem isso. Depois, passamos três anos de felicidade. Acho que foi errado ser feliz, mas eu fui. E tive uma menininha também. Ah, a coisa mais linda que já se viu! Mas não posso pensar nela — disse Esther, colocando a mão na testa num gesto de desespero —, ou vou ficar maluca, vou sim.

— Não me conte mais nada sobre você — disse Jem, para confortá-la.

— Quer dizer que já está cansado? Mas eu vou contar; você pediu, e vai ouvir. Não vou lembrar da agonia do passado por nada. Vou ter o alívio de lhe contar. Ah, como eu fui feliz! — continuou ela, com a voz se transformando num gemido infantil. — Quando ele me disse que tinha de ir para a Irlanda e me deixar para trás, foi como se eu tivesse levado um tiro; nós estávamos em Bristol.

Jem murmurou algumas palavras; Esther compreendeu seu significado e, num tom de súplica, continuou:

— Ah, não fale mal dele! Nem uma palavra. Não sabe como eu ainda amo aquele homem; mesmo agora, nesta situação. Não sabe como ele era bom. Ele me deu cinquenta libras antes de ir embora e eu sei bem que precisava do dinheiro. Não, Jem, por favor — pediu Esther, quando os murmúrios de indignação ressurgiram.

Por ela, ele parou de falar.

— Eu poderia ter gastado melhor o dinheiro; hoje, sei disso. Mas não sabia o valor dele naquela época. Antigamente, tinha ganhado dinheiro fácil na fábrica e, como não tinha necessidades maiores, gastava com roupa e comida. Quando morava com ele, bastava pedir; e, por isso, achava que cinquenta libras iam durar muito. Então voltei para Chester, onde tinha sido tão feliz, abri uma lojinha e aluguei um quarto lá perto. Devia ter dado certo, mas... Ah, minha menina ficou doente e eu não podia cuidar dela e da loja! As coisas ficaram cada vez piores. De qualquer maneira, vendi toda a mercadoria para comprar comida e remédio para ela; escrevi sem parar ao pai dela, pedindo ajuda, mas ele deve ter sido transferido para outro lugar, pois nunca respondeu. O senhorio tomou os poucos carretéis e fitas que eu ainda tinha para pagar o aluguel da loja; e a pessoa que era dona do quartinho onde morávamos ameaçou nos botar na rua se o aluguel não fosse pago. Estava atrasado muitas semanas, e era inverno, um inverno gelado; e minha filha estava doente, tão doente, e eu passava fome. Não suportei ver a menina sofrer e esqueci como seria melhor nós duas morrermos juntas... Ah, e os gemidos, os gemidos dela, que o dinheiro ia poder ajudar a aliviar. Então eu saí na rua numa noite de janeiro... Você acha que Deus vai me punir por isso? — perguntou ela com uma veemência selvagem, quase com insanidade, sacudindo o braço de Jem para forçá-lo a responder.

Mas, antes que ele pudesse expressar a solidariedade que estava em seu coração com palavras, a voz de Esther se acalmou e ela falou com a tranquilidade do desespero:

— Mas não importa. O que eu fiz desde esse dia me levou para tão longe dela quanto o inferno é longe do céu.

A voz de Esther então voltou à nota aguda da angústia.

— Minha adorada! Minha adorada! Mesmo depois de morrer não vou poder lhe ver, minha filha! Ela era tão boa... que nem um anjinho. Como é aquela passagem, eu não me lembro... A passagem que minha mãe me ensinava quando me pegava no colo, há tanto tempo. O começo é “Bem-aventurados os puros...”

— “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.”⁴¹

— É isso mesmo. Minha mãe ia ficar com o coração partido se soubesse o que eu me

tornei... Foi o que aconteceu com Mary. E agora eu me lembrei que era sobre a filha dela que eu queria lhe falar, Jem. Você conhece Mary Barton, não conhece? — perguntou Esther, tentando se concentrar.

Sim, Jem a conhecia. Quão bem, as batidas fortes de seu coração poderiam mostrar.

— Precisamos fazer alguma coisa por ela; esqueci o quê. Espere um minuto! Como ela se parece com minha filhinha — disse ela, erguendo os olhos, que brilhavam de lágrimas, em busca de piedade no rosto de Jem.

Ele sentia uma profunda pena de Esther. Ah, mas como queria que ela voltasse a falar de Mary, e do namorado que tinha uma posição social mais alta e do que poderia ser feito para ajudá-la! No entanto se controlou, forçando-se a ficar calado. Após algum tempo, Esther voltou a falar, já mais calma:

— Quando vim a Manchester (pois não consegui ficar em Chester depois que ela morreu) encontrei todos vocês em pouco tempo. Mas nunca tinha imaginado que minha pobre irmã fosse estar morta. Acho que me recusei a pensar nisso. Costumava ficar olhando o pátio onde John mora por muitas e muitas noites e saber de tudo que podia pela conversa dos vizinhos; pois nunca fiz uma pergunta a ninguém. Juntei isso e aquilo, segui um, ouvi o outro. Muitas vezes, esperei o policial que faz a ronda da rua se afastar e espiei pela persiana para ver a velha sala, e às vezes Mary ou o pai, acordados até mais tarde por um motivo qualquer. Vi que Mary foi aprender costura e comecei a ter medo por ela; pois é ruim para uma moça ficar até tarde na rua e, depois de muitas horas de trabalho, elas vão atrás de qualquer novidade que mude um pouco as coisas. Mas, apesar de eu ser tão perversa, enfiei na cabeça que ia proteger Mary. Por isso, costumava esperar por ela à noite e segui-la até em casa, mesmo que ela nem imaginasse que havia alguém por perto. Sempre desconfiei de uma das colegas de costura e tenho certeza de que ela está por trás de alguma maldade. Logo, Mary começou a voltar acompanhada para casa. Assim que saía da loja, era encontrada por um homem; um rapaz fino. Comecei a temer por ela, pois vi que era uma menina alegre e que gostava de atenção; e pensei ainda pior dele, por passar tanto tempo caminhando ao lado daquela menina descarada de que falei. Mas fiquei doente, cuspiendo sangue, um bom tempo; e não pude fazer nada. Tenho certeza de que piorei só de pensar no que podia estar acontecendo com Mary. E, quando saí, vi que tudo estava igual, mas ela parecia mais encantada por ele do que nunca. Ah, Jem, o pai dela não quer me ouvir e você é que tem de salvar Mary! É como um irmão para ela e talvez possa lhe dar um conselho, cuidar dela. De qualquer maneira, John vai lhe ouvir; ele é tão severo e tão cruel.

Esther começou a chorar um pouco ao se lembrar das palavras duras de John Barton; mas Jem interrompeu-a com uma pergunta furiosa e rouca:

— Quem é esse janota por quem Mary está apaixonada? Quero saber o nome dele!

— É o jovem Carson, filho do velho Carson, para quem seu pai trabalhava.

Fez-se uma pausa. Ela quebrou o silêncio.

— Ah, Jem, você fica responsável por Mary! Suponho que matá-la seria assassinato, mas seria melhor para ela morrer do que viver uma vida como a minha. Está me ouvindo, Jem?

— Estou. Seria melhor. Melhor se todos estivessemos mortos.

Isso foi dito como se ele estivesse pensando alto. Mas Jem logo mudou de tom e continuou:

— Esther, pode ter certeza de que eu farei tudo o que posso por Mary. Estou decidido. E agora, me ouça: você odeia a vida que leva, ou não falaria dela desta maneira. Venha para casa comigo. Venha ver minha mãe. Ela e minha tia Alice moram juntas. Vou me certificar de que será bem-recebida. E amanhã verei se encontro uma maneira honesta de viver para você. Venha para casa comigo.

Esther ficou em silêncio um minuto e ele achou que conseguira convencê-la. Então, ela disse:

— Deus lhe abençoe, Jem, pelas palavras que você acabou de dizer. Há alguns anos talvez tivesse me salvado, como eu torço para que salve Mary. Mas é tarde demais agora; tarde demais — acrescentou ela, num tom de profundo desespero.

Jem, porém, continuou a segurá-la.

— Venha para casa — insistiu.

— Estou lhe dizendo que não posso. Não poderia levar uma vida virtuosa nem se quisesse. Só serviria para envergonhar você. Já que faz questão de saber tudo — disse Esther, ao ver que Jem ainda parecia inclinado a insistir —, eu preciso beber. Quem vive como eu não suportaria a vida sem a bebida. É a única coisa que impede nosso suicídio. Se não bebêssemos, não suportaríamos a lembrança do que fomos e a consciência do que somos por um dia sequer. Posso ficar sem comida e abrigo, mas não sem um trago. Ah, você não faz ideia das noites terríveis que passei na prisão por causa da falta da bebida! — exclamou ela, estremecendo e olhando em torno, apavorada, como se temesse ver uma criatura espiritual, de forma sombria, ao seu lado. — Elas dão um medo! — sussurrou Esther num tom muito baixo, mas ensandecido. — Lá se vão elas, dando voltas e mais voltas na minha cama, a noite toda. Minha mãe, levando Annie nos braços (não sei como as duas se encontraram) e Mary também... Todas me olhando com uma expressão tão triste e vaga... Ah, Jem! É tão horrível! Elas não se viram, passam através da cabeceira da cama, e eu sinto que seus olhos me perseguem por toda parte. Se me escondo debaixo dos lençóis, continuo vendo. E o que é pior — continuou ela, sibilando as palavras de tanto medo — é que *elas* me veem. Não fale de uma vida melhor para mim; eu preciso beber. Não posso passar a noite sem um trago. Não tenho coragem.

Jem, de tanta pena, não pôde dizer nada. Ah! Será que não poderia fazer nada por ela? Esther voltou a falar, mas num tom menos excitado, embora ainda trêmulo de súplica.

— Você está triste por mim! Eu sei, mesmo que não diga em voz alta. Mas não pode fazer nada por mim. Eu já não tenho esperanças. Só que ainda pode salvar Mary. Precisa salvar Mary. Ela é inocente, exceto pelo grave erro de amar um homem de outra classe social. Jem! Você vai salvar a menina, não vai?

Em poucas palavras, mas com toda a sua alma e todo o seu coração, Jem jurou que, se algo na terra pudesse impedir a ruína de Mary, ele o faria. Esther o abençoou e desejou-lhe boa-noite.

— Espere um instante — pediu Jem, quando ela estava prestes a partir. — Pode ser que eu queira falar com você de novo. Preciso saber onde encontrá-la... onde você mora?

Ela deu uma risada bizarra.

— Você acha que uma degenerada como eu tem casa? Pessoas boas e decentes têm casas.

Nós, não. Se quiser falar comigo, venha de noite procurar nas esquinas aqui por perto. Quanto mais fria, escura e terrível a noite, mais certeza terá de me achar. Afinal — disse Esther, como uma nota de desespero na voz —, é tão frio dormir na frente das portas e nos degraus que eu preciso de um trago mais do que nunca.

Ela se virou depressa e Jem também seguiu seu caminho. Mas, antes de chegar ao final da rua, mesmo em meio à angústia e ao ciúme que lhe transbordavam do coração, sua consciência lhe castigou. Ele não fizera o suficiente para salvá-la. Mais um esforço, e Esther talvez houvesse concordado em vir. Mesmo vinte esforços teriam sido amplamente recompensados com a aquiescência dela. Jem se voltou, mas ela se fora. No tumulto de sensações, sua culpa ficou embotada durante algum tempo. Por muitos e muitos dias depois, porém, ele se arrependeu amargamente de sua omissão; da exaustão que o impedira de fazer o bem.

Naquele momento, o que Jem mais queria era ir para casa, ficar sozinho. Mary amava outro homem! Ah, como ele suportaria isso? Pensara que sua rejeição fora difícil, mas ela não era nada agora. Só lembrou dela para agradecer por não ter cedido à tentação de se arriscar de novo, não com uma declaração, mas com um encontro, onde o comportamento dela mostraria, muito melhor do que palavras poderiam dizer, que seus sorrisos doces, seus gestos delicados, seu jeito bonito de arrumar a casa, tudo estava reservado para alegrar os olhos e o coração de outro. E ele precisava seguir vivendo; isso era o mais estranho. Que uma longa vida (e Jem sabia que os homens viviam bastante, mesmo quando tinham uma tristeza profunda corroendo seus corações) devesse ser vivida sem Mary; ainda por cima com a consciência de que ela pertencia a outro! Aquele inferno mental ele reservaria para o silêncio de seu próprio quarto, para as horas mortas da noite. Agora, já estava no umbral de sua casa.

Jem entrou. Lá estavam os rostos de sempre, as cenas de sempre. Ele sentiu repugnância por elas e logo se odiou por isso. O amor de sua mãe se expressava em irritação, porque Jem chegara tão atrasado para comer o jantar delicioso que ela havia preparado. A essa altura, já estava quase estragado. Alice, com os sentidos embotados ficando menos aguçados a cada dia, permaneceu sentada, muda, diante do fogo; com a felicidade multiplicada pela consciência da presença de seu filho de criação, sabendo que a voz dele repetia o que se passava para seus ouvidos moucos, que o braço dele removia cada pequeno obstáculo da frente de seus pés hesitantes. E Will, por pura bondade, falava mais e com mais alegria do que nunca. Ele percebeu que Jem estava triste e achou que sua tagarelice talvez pudesse alegrá-lo; de qualquer maneira, ela abafou os resmungos da tia e, até certo ponto, disfarçou a melancolia daquela noite. Afinal, chegou a hora de ir para a cama; Will foi para os aposentos que ocupava ali perto; e Jane e Alice Wilson apagaram o fogo, trancaram as portas e janelas e foram lá para cima, com seus passos incertos e vozes agudas. Jem também foi para o cubículo que lhe servia de quarto. Não havia trinco na porta; mas, com um esforço de seu braço direito, uma pesada cômoda foi colocada contra ela, de modo que ele pôde sentar na cama e pensar.

Mary amava outro homem! Aquele pensamento prevalecia sobre todos os outros e tinha de ser combatido em todas as suas dolorosas formas. Talvez não fosse de se espantar que ela preferisse alguém tão superior a Jem em tudo que havia de superficial. Mas e quanto ao cavalheiro? Por que ele, que podia escolher entre todas as damas daquela terra, se rebaixava a

levar a amada de um homem pobre? Com todas as glórias do jardim à mão, por que tinha de levar a rosa silvestre? A fragrante rosa silvestre que pertencia a ele?

Pertencia a ele? Ah, ela agora jamais pertenceria a ele! Mary se fora para sempre!

Então nasceu um desejo culpado de sangue! A loucura do ciúme! Alguém devia morrer. Ele preferia que Mary estivesse morta, fria no túmulo, a vê-la com outro. Uma visão de seu doce rosto pálido e dos cabelos sedosos sujos de entranhas parecia surgir constantemente diante dos olhos doloridos de Jem. Já os olhos dela estavam sempre abertos, e continham, em sua expressão suave e mortal, uma censura muda. O que ela fizera para merecer tanta crueldade? Fora cortejada por um rapaz que Jem sabia ser bonito, alegre e inteligente, e lhe dera seu amor. Apenas isso! Era o conquistador que devia morrer. Sim, morrer, sabendo a causa de sua morte. Jem imaginou-o (e se deleitou com a imagem) no chão, golpeado, mas consciente, ouvindo as terríveis acusações de seu assassino. Como ele deixara sua classe e ousara amar uma donzela pobre! E, ah — esta era a pior agonia de todas —, como ela, por sua vez, o amara também! Então o outro lado de sua natureza se sobrepôs e o fez lembrar da angústia que isso causaria a Mary! A princípio, Jem se recusou a ouvir aquela voz mais bondosa; ou ouviu-a apenas para pervertê-la. Seria uma glória ver Mary se lamuriando! Seria um prazer testemunhar sua desolação!

Não! Ele não podia fazer isso, disse a voz ainda débil. Seria pior, muito pior, ter causado tal tristeza, do que era carregar aquele fardo que o oprimia.

Mas ele era pesado demais, triste demais para ser suportado em vida. Jem se mataria, enquanto os amantes seguiriam se amando, e o sol seguiria brilhando, enquanto ele, com seu coração destroçado e triste, descansaria em paz. “O descanso reservado ao povo de Deus.”

Mas ele não prometera, com aquela sinceridade da alma que faz das palavras mais solenes que juramentos, que salvaria Mary de um destino igual ao de Esther? E se esquivaria dos deveres da vida, se entregando à covardia da morte? Quem então protegeria Mary, com seu amor e sua inocência? Não seria um gesto bondoso servi-la, embora ela não o amasse; ser o anjo que a preservaria dos perigos da vida, enquanto ela permaneceria inconsciente da proteção?

Jem tomou coragem e disse a si mesmo que, com a ajuda de Deus, seria o guardião de Mary nesta terra.

E então as brumas e tormentas se dissiparam de seu caminho, embora ele ainda estivesse repleto de espinhos. Após cumprir o primeiro dever que se impôs (o de reduzir o tumulto de seu coração e colocá-lo, até certo ponto, em ordem), o segundo se tornou claro.

A experiência da pobre Esther a levava, talvez de forma apressada demais, a concluir que as intenções do Sr. Carson em relação a Mary eram perversas; ao menos, ela não explicara em que baseara o seu medo de que esse fosse o caso. Era possível, e para o coração de Jem até provável, que ele estivesse mais do que disposto a se casar com ela. Mary era uma dama por direito de sua natureza, pensou Jem; no gesto, na graça, no espírito. O que era o berço para um dono de fábrica de Manchester, muitos dos quais se vangloriam, e com justiça, de serem os arquitetos da própria sorte? E, quanto à fortuna, julgando o outro pelo que ele próprio sentia, Jem só podia imaginar que seria um enorme privilégio colocar a sua à disposição da mulher amada. A

mãe de Harry Carson fora uma operária de fábrica; assim, não havia nenhum grande motivo para duvidar das intenções dele em relação a Mary.

Talvez houvesse algumas dificuldades a princípio; já que o pai de Mary tinha um preconceito tão grande por um lado, e era provável que o mesmo devesse ocorrer por parte da família do Sr. Carson. Mas Jem sabia que tinha influência sobre a mente de John Barton; e seria algo notável exercer esse poder para promover a felicidade de Mary, deixando de lado todo egoísmo ao fazê-lo.

Ah, por que Esther o escolhera para cumprir aquela missão? Ele não tinha forças para fazer o que era certo! Por que fora designado para isso?

A resposta surgiu quando Jem estava calmo o suficiente para ouvi-la: porque Mary não tinha mais nenhum amigo capaz de cumprir o dever exigido dele; o dever de um irmão, que Esther supunha ser como Jem se sentia em relação a Mary, devido a sua longa amizade. E ele seria um irmão para ela.

Como tal, precisava se certificar de quais tinham sido as intenções do Sr. Carson ao ganhar sua afeição. Jem perguntaria sem rodeios, como um homem devia se dirigir a outro; se fosse necessário, até mesmo revelando o interesse que tinha por Mary.

Então, com a resolução de cumprir seu dever da melhor maneira possível, a paz surgiu em sua alma; Jem deixara a tempestade para trás.

Duas horas antes da alvorada, ele adormeceu.

36. O Evangelho Segundo São Mateus, 25:36 (*N. da T.*).

37. Tributo da autora a Thomas Wright, um homem de Manchester que ajudava os presos. (*N. da T.*)

38. Trabalho forçado muito comum nas prisões inglesas da época. (*N. da T.*)

39. O moinho foi introduzido nas prisões inglesas no século XVIII. Era uma esteira rotativa com degraus, na qual os presos eram obrigados a subir em turnos de até oito horas. O fato de o trabalho ser improdutivo era considerado uma punição extra. (*N. da T.*)

40. Citação de “The rime of the ancient mariner” [A balada do velho marinheiro], do poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834). (*N. da T.*)

41. O Evangelho Segundo São Mateus, 5:8. (*N. da T.*)

Um encontro violento entre os rivais

Que coração pensativo poderia olhar esse abismo
Profundo e escuro, entre os ricos e os pobres
Sem encontrar motivo para tristes reflexões!
Poderia ver, sem uma pontada aguda de pesar
Batalhar ferozmente (como inimigos naturais)
Aqueles que Deus criou, com sua ajuda e compaixão
Para serem irmãos, unidos, lado a lado
Onde está a sabedoria que criará uma ponte no abismo
E os reconciliará na confiança e no amor?
“Verdades do amor”

Precisamos voltar a John Barton. Pobre John! Ele nunca se recuperou de sua decepcionante jornada a Londres. A profunda mortificação que vivenciou na ocasião (pelos motivos menos egoístas possíveis) não era de natureza passageira; na verdade, quase nada do que ele sentia o era.

Então, seguiu-se um longo período de privação física; de fome diária; e, embora Barton tenha tentado se convencer de que podia suportar a necessidade com uma indiferença estoica, e de fato desse a ela menos importância do que a maioria dos homens, o corpo se vingou daquele tempo de incertezas. A mente se tornou amarga e apática, perdendo boa parte de seu equilíbrio. Não era mais flexível, como na juventude ou nas épocas de comparativa felicidade; deixou de ter esperança. E é difícil seguir vivendo quando não se tem mais esperança.

O mesmo estado de espírito em que se encontrava John Barton, se houvesse ocorrido com alguém que tinha tempo para pensar nessas coisas e médicos para dar nome a elas, seria chamado de monomania, de tão obsessivos e incessantes eram os pensamentos que o oprimiam. Já li em algum lugar sobre uma punição italiana digna de um Bórgia. O suposto ou verdadeiro criminoso era trancado numa sala, onde recebia todas as conveniências e luxos; e, a

princípio, não lamentava muito sua prisão. Mas então se dava conta de que, dia após dia, o espaço entre as paredes de seu aposento estava ficando mais estreito, e compreendia como seria o fim. Aquelas paredes decoradas chegariam a uma proximidade aterradora e, afinal, o matariam esmagado.

Da mesma forma, a cada dia, os pensamentos viciados de John Barton o esmagavam mais. Excluía a luz do céu e os sons alegres da terra. Estavam preparando a morte dele.

É verdade que boa parte de seu poder mórbido talvez pudesse ser atribuída ao ópio. Mas, antes que você condene de forma severa demais esse uso, ou melhor, abuso, experimente levar uma vida sem esperanças, com uma ânsia física diariamente por comida. Imagine que você não apenas perdeu as esperanças, mas todos ao seu redor foram levados ao mesmo desespero, surgido das mesmas circunstâncias; e todos demonstram (sem usar palavras ou linguagem), através de sua aparência e seus gestos débeis, que estão sofrendo e definhando devido à necessidade que passam. Você não ficaria feliz de esquecer sua vida e seu fardo? E o ópio gera esquecimento durante algum tempo.

É verdade que se paga caro por esse olvido; mas é de se esperar que os ignorantes entendam o custo de seu alívio? Pobres coitados! As consequências são terríveis. Dias de cansaço e languidez opressivos, cuja realidade frágil e doentia mais parece um sonho; noites nas quais os sonhos são de uma agonia feroz e vívida; saúde debilitada, corpos trôpegos, insanidade incipiente e, pior, a *consciência* da insanidade incipiente: esse é o preço do alívio. Mas alguém lhes ensinou a ciência de compreender as consequências?

O que dominava a mente de John Barton, aquilo que decidiria o seu destino neste mundo, eram os ricos e os pobres; por que eram tão separados, tão diferentes, se Deus criara todos eles? Não era vontade Dele que seus interesses fossem tão distintos. Quem era o responsável por isso?

E foram piorando os problemas e mistérios da vida, até que, perplexo e perdido, na infelicidade e no sofrimento, John Barton passou a ter apenas um sentimento claro e imperturbável no tumulto de seu coração: o ódio por uma classe e a compaixão profunda pela outra.

Mas de que servia sua compaixão? Sem educação, John Barton não possuía sabedoria; e, sem sabedoria, até mesmo o amor, com todo o seu poder, com frequência causa apenas o mal. Ele agiu da maneira que julgava melhor, mas seu julgamento estava bastante errado.

As ações dos ignorantes podem ser exemplificadas pelas de Frankenstein, aquele monstro com tantas qualidades humanas, que não recebeu a dádiva da alma e da consciência de diferenciar o bem e o mal.

O povo desperta para a vida; ele nos irrita, nos aterroriza, e nós nos tornamos seus inimigos. Então, no momento triste em que triunfamos, ele nos observa com uma censura muda. Por que transformamos essas pessoas no que são: um monstro poderoso, mas sem os meios necessários para encontrar a paz e a felicidade?

John Barton se tornou um cartista, um comunista, tudo aquilo que em geral chamam de louco e de visionário. Ah, mas ser visionário é alguma coisa! É um sinal de alma, de um ser que é mais do que carne; uma criatura que pensa nos outros, embora não pense em si mesma.

E, apesar de suas fraquezas, ele tinha uma espécie de força prática, que o tornava útil para as corporações às quais pertencia. John Barton possuía uma espécie de eloquência rude típica de Lancashire, que surgia da sinceridade de seu coração e tinha uma grande influência junto aos homens em circunstâncias semelhantes, os quais gostavam de ver aquilo que sentiam sendo expresso em palavras. Ele tinha uma cabeça boa para o método e a organização: um talento necessário para grandes grupos de homens. Mas o que talvez fizesse com que mais pessoas lhe dessem confiança e valor era aquela consciência, sentida por todos que entravam em contato com John Barton, de que ele não era movido pelo egoísmo; sua classe, sua ordem, era o que defendia; não os direitos de um ser tão insignificante quanto ele próprio. Mesmo entre os homens mais nobres, uma vez que o eu ganha uma existência proeminente, torna-se algo mesquinho e pequeno.

Um pouco antes dessa época, surgira uma dessas ocasiões de deliberação entre os operários que eram de tão grande interesse para John Barton, cujas discussões haviam feito com que ele se ausentasse de casa com frequência.

Não tenho certeza se saberei me expressar nos termos técnicos dos empregados e dos patrões, por isso tentarei apenas explicar sobre o que debatiam os primeiros.

Um novo mercado estrangeiro fez um pedido de peças de algodão. Foi um pedido grande, que renderia trabalho para todas as fábricas que vendiam aquele tipo de produto; mas era necessário entregá-lo depressa e pelo menor preço possível, já que os patrões tinham motivos para acreditar que outro pedido igual havia sido mandado para uma das cidades manufatureiras do continente, onde não havia restrições alimentícias, nem impostos sobre os edifícios e as máquinas, e onde, conseqüentemente, eles temiam que o produto pudesse ser fabricado a um custo muito menor; ou seja, agindo e cobrando dessa maneira, os fabricantes rivais obteriam a exclusividade do mercado. Estava claro que seria de seu interesse comprar o algodão mais barato e pagar os salários mais baixos possíveis. E, a longo prazo, os operários também seriam beneficiados. Por mais que desconfiassem uns dos outros, os patrões e os empregados fracassariam ou venceriam juntos. Talvez houvesse alguma diferença na cronologia, mas nenhuma no fato.

Os patrões, no entanto, escolheram não revelar todas essas circunstâncias. Afinal, eram os patrões e tinham o direito de contratar empregados pelos salários que desejavam. Além disso, acreditavam que naquele momento em que o mercado estava tão ruim, e havia tanto desemprego, não teriam dificuldade em fazê-lo.

Agora, voltemos ao ponto de vista dos trabalhadores. Os patrões pareciam estar indo bem (eles ignoravam que sua prosperidade tinha uma base muito incerta); viviam no conforto, como nobres, enquanto eles passavam fome, quase sufocando dia após dia; e havia um pedido a ser entregue, cujo tamanho, apesar de já ser grande, era muito exagerado; além disso, tinha de ser entregue depressa. Por que então os patrões estavam oferecendo salários tão baixos naquelas circunstâncias? Que vergonha! Era tirar vantagem do fato de que os trabalhadores estavam quase mortos de fome; mas eles preferiam morrer de fome do que aceitar aquelas condições. Já era ruim o suficiente ser pobre, enquanto, pelo trabalho de suas mãos cansadas, pelo suor de seu rosto, os patrões ficavam ricos; mas eles não seriam inteiramente esmagados

daquela maneira. Não! Cruzariam os braços, não fariam nada e ririam dos patrões, que até na morte conseguiam enganar. Com resistência espartana, decidiram mostrar sua força aos empregadores, recusando-se a trabalhar.

De modo que uma classe desconfiava da outra, e essa falta de confiança trouxe sofrimento para ambas. Os patrões se recusaram a se dobrar, ou a revelar por que achavam melhor e mais sábio oferecer apenas salários tão baixos; não seriam obrigados a contar que estavam até sacrificando capital para obter uma vitória decisiva sobre os fabricantes do continente. E os operários continuaram mudos e severos, de braços cruzados, recusando-se a trabalhar por aquele preço. Houve uma greve em Manchester.

É claro que ela teve as consequências de sempre. Muitos outros sindicatos, de outras áreas do comércio, deram dinheiro e todo tipo de apoio ao gesto de desafio dos tecelões das fábricas contra os patrões. Delegados de Glasgow, Nottingham e de outras cidades foram enviados a Manchester para manter vivo o espírito de resistência; um comitê foi formado e todos os cargos necessários foram eleitos: presidente, tesoureiro, secretário honorário — e, entre esses homens, estava John Barton.

Os patrões, por sua vez, tomaram providências. Encheram os muros de cartazes com anúncios pedindo tecelões. Os operários responderam com um cartaz ainda maior, listando suas exigências. Os patrões faziam reuniões diárias no centro da cidade, para lamentar o tempo (que se esvaía tão rápido) desperdiçado na produção do pedido estrangeiro e para fortalecer uns aos outros na resolução de não ceder. Se fizessem isso agora, teriam de fazer sempre. Seria impossível. E entre os mais enérgicos dos patrões estavam os Carson, tanto o pai quanto o filho. É notório que não há religioso mais zeloso do que o convertido; e não há patrão mais rígido e indiferente aos interesses de seus trabalhadores do que aqueles que vieram eles próprios dessa classe. Isso explica a determinação do Sr. Carson de não ser forçado a ceder; de nem sequer ser forçado a dar motivos para agir da maneira como os patrões estavam agindo. Era a vontade dos empregadores, o que devia ser o suficiente para os empregados. Harry Carson não refletiu muito sobre a base para sua conduta. Gostava daquela agitação. Gostava da atitude de resistência. Era valente e gostava da ideia de correr um risco pessoal, com a qual alguns dos patrões mais cautelosos tentavam intimidar os mais violentos.

Enquanto isso, os tecelões que viviam nas partes mais remotas de Lancashire e nos condados vizinhos ouviram que os patrões estavam procurando operários; e, em seus lares solitários, se cansaram da fome e resolveram ir a Manchester. Com os pés cansados, exaustos de tanto andar, quase morrendo à míngua, eles se esgueiravam pela cidade de madrugada, antes que o povo acordasse, ou na penumbra do fim de tarde. E então teve início o verdadeiro mal dos sindicatos. Sua decisão de trabalhar ou não por um salário específico pode ser considerada acertada ou não; um erro de cálculo, na pior das hipóteses. Mas eles não têm direito de tyrannizar outros e atá-los a sua cama de Procusto.⁴² Se têm horror ao que consideram opressão vinda dos patrões, por que então oprimem outros? Porque, quando os homens se deixam levar pela emoção, não sabem o que fazem. Julguem, então, com um pouco da misericórdia Daquela a quem todos amamos.

Apesar dos policiais que foram enviados para cuidar da segurança dos pobres tecelões do

campo — apesar dos magistrados, das prisões e das penas severas —, os pobres homens deprimidos que chegavam de Burnley, Padiham e outros lugares para trabalhar pelos execrados por “salários de fome” eram abordados, espancados e deixados quase mortos na beira da estrada. A polícia desfazia qualquer grupo de homens que estivesse conversando; eles se separavam sem resistir, para depois se reunir a cerca de 1 quilômetro da cidade.

É claro que a relação entre patrões e trabalhadores não melhorou nessas circunstâncias.

A associação é um poder terrível. É como a potência igualmente tremenda do vapor, capaz de exercer um bem ou um mal quase ilimitado. Mas, para que os efeitos sejam positivos, deve operar sob a direção de uma vontade nobre e inteligente; incapaz de se enganar devido à emoção e à irracionalidade. A vontade dos operários não fora guiada pela tranquilidade da sabedoria.

Chega de generalidades. Agora, voltemos aos indivíduos.

Um bilhete respeitoso, mas num tom de forte determinação, fora enviado pelos tecelões, pedindo que uma delegação deles pudesse se reunir com os patrões, para declarar as condições que exigiam ver cumpridas antes de darem um fim à greve. Eles achavam que tinham alcançado uma posição suficientemente vantajosa para fazer exigências. John Barton foi escolhido para fazer parte da delegação.

Os patrões concordaram com essa reunião, ansiosos para pôr um fim à paralisação, mas sem um consenso sobre até que ponto deveriam ceder, se é que deveriam ceder. Alguns dos mais velhos, que haviam aprendido a ter compaixão com a experiência, eram a favor da concessão. Já outros, também homens de cabelos brancos, haviam aprendido com os anos apenas firmeza e obstinação, desprezando os mais bondosos e aquiescentes. Os mais jovens eram, todos, a favor de uma resistência inflexível diante de exigências feitas com tanta violência. Harry Carson era o líder dessa facção.

Contudo, como todas as pessoas energéticas, quanto mais ele fazia, mais tempo parecia ter. Mesmo escrevendo cartas, fazendo visitas, estando presente na New Bailey quando estivessem ocorrendo investigações sobre qualquer caso de violência contra os fura-greves, o Sr. Carson perseguia Mary mais do que nunca. Ela chegou a ficar cansada de viver por causa dele. De adulações, o rapaz passara a ameaças — ameaças de que Mary seria sua, querendo ou não. Ele demonstrava uma indiferença quase insultante a tudo que pudesse atrair atenção de alguém ou manchar a reputação dela.

E Mary continuou sem ver Jem. Sabia que ele tinha voltado para Manchester. De tempos em tempos, ouvia falar dele por intermédio de seu primo, que vagava alegremente de casa em casa, encontrando e fazendo amigos por todo lado. Mas nunca o via. O que deveria pensar? Será que Jem havia desistido dela? Será que algumas palavras impensadas, ditas num momento de irritação, selariam o seu destino? Às vezes, Mary achava que seria capaz de suportar isso com resignação, feliz na constância de seu amor. Pois de fato sonhava em mudar de ideia ou esquecer. Mas, em outras ocasiões, sua impaciência chegava a tal estado que ela precisava de todo o seu autocontrole para não ir atrás dele e (como um homem faria com outro homem, ou uma mulher com outra mulher) implorar que perdoasse suas palavras, o que lhe permitiria voltar atrás, e aceitar o amor que transbordava de seu coração. Mary lamentava que Margaret

houvesse lhe aconselhado a não proceder daquela maneira; acreditava que eram as palavras da amiga que tornavam impossível tal ação tão simples, apesar de ela desejar tanto cumpri-la. Mas o conselho de um amigo só tem esse poder quando expressa o oráculo secreto de nossa própria alma. Eram os sussurros de sua natureza feminina que faziam com que Mary se recusasse a fazer esse gesto indecoroso, não o que Margaret dissera.

Durante todo esse tempo, esses cerca de dez dias que durou a visita de Will a Manchester, ocorreu algo que interessava Mary mesmo então, e que, em outras épocas, a teria divertido e empolgado intensamente. Ela via, com tanta clareza quanto se houvessem lhe dito com palavras, que o marinheiro alegre, errático e bonachão estava muito apaixonado pela quieta e recatada Margaret, que não era tão bonita assim. Mary duvidava que Margaret tivesse consciência disso, mas, ao observá-la melhor, começou a acreditar que algum instinto houvesse feito a cega adivinhar que olhos estavam sempre pousados no seu rosto pálido; que alguma sensação fizera um rubor delicado de rosa se espalhar por suas faces. Margaret não falava mais com a firmeza de antes; havia uma hesitação em seus modos que a tornava muito atraente; como se algo mais suave e fascinante do que um grande bom senso direcionassem suas palavras. Seus olhos sempre tinham sido bonitos e não haviam ficado nem um pouco desfigurados pela cegueira; e agora pareciam adquirir um novo encanto, ao estremecer sob as pálpebras brancas cerradas. Ela deve ter percebido, pensou Mary — um coração respondendo ao outro.

O amor de Will não tinha rubores, olhares furtivos, palavras hesitantes; era tão aberto e franco quanto sua natureza; no entanto, ele parecia temer a resposta que receberia se o declarasse. Fora a voz angelical de Margaret que o fascinara e que o fazia pensar nela como um ser de outra esfera, que temia cortejar. Por isso, Will tentou adular Job de todas as maneiras possíveis. Foi até Liverpool procurar no enorme baú em que guardava seus pertences quando estava no navio pelo peixe voador (um presente nada fragrante, aliás). Durante um tempo, vacilou entre dar isso e a coifa de uma criança, que, na sua opinião, era um tesouro muito mais valioso do que qualquer Exocetus. Mas de que serviria a um homem que não navegava?⁴³ Então a voz de Margaret lhe ecoou nos ouvidos, e ele decidiu sacrificar seu bem mais precioso para alguém que ela amava tanto quanto seu avô.

Foi um grande alívio para Will quando, após ter colocado a coifa e o peixe voador juntos numa sacola de papel pardo e se sentado em cima deles, por segurança, durante toda a viagem de trem, encontrou um Job tão indiferente à preciosa membrana que pôde tomá-la de volta sem dificuldade. Ele ficava zanzando perto de Margaret até receber muitos alertas e repreensões de sua consciência, por saber que tinha de passar algum tempo com sua querida tia Alice. Ia embora, mas então se lembrava de algum detalhe qualquer que deixara de discutir com Job. E voltava, e ficava conversando na presença de Margaret mais uma vez, segurando a porta, esperando apenas uma palavra de incentivo para entrar e sentar de novo. Como o convite não vinha, porém, era forçado a sair mais uma vez e ir cumprir seu dever.

Durante quatro dias, Jem Wilson esperara pelo Sr. Wilson, sem sucesso; o horário em que voltava para casa era muito irregular devido às reuniões e aos encontros entre os patrões, necessários devido à greve. No quinto dia, sem que Jem o procurasse, eles se encontraram.

Era a hora do almoço do operário, o intervalo entre meio-dia e uma hora; quando as ruas de Manchester estavam comparativamente tranquilas, pois algumas mulheres faziam compras e alguns homens se distraíam naquele lugar tão agitado e cheio de vida. Jem estivera realizando uma tarefa para o patrão, em vez de voltar a almoçar; e, ao passar por uma aleia (que, em homenagem às intenções de um futuro construtor, era chamada de rua), encontrou Harry Carson, a única pessoa, até onde podia perceber, além dele próprio, percorrendo aquele caminho pouco frequentado. De um lado da rua havia uma cerca alta e larga, enegrecida pelo alcatrão de hulha e cheia de pregos no topo, para impedir que alguém invadisse o jardim do outro lado. Ao lado dessa cerca, havia uma calçada. Na via feita para os veículos, nem uma carruagem, ou sequer uma carroça, teria conseguido passar sem que Hércules estivesse ali para erguê-la dos sulcos profundos do caminho. Do outro lado da rua havia um muro de tijolos sem janelas; para além dele, um terreno com uma serraria e um galpão de marceneiro.

O coração de Jem bateu com violência quando ele viu aquele rapaz alegre e bonito se aproximando, com um ar despreocupado. Este, então, era o amado de Mary. Talvez não fosse de se espantar, pois, para o jovem ferreiro, Carson pareceu tão elegante, tão bem-vestido, que ele, por um instante, sentiu, de maneira extraordinária e dolorosa, a superioridade de sua aparência. Então algo se revoltou dentro de Jem e lhe disse: “Um homem é um homem, nada disso importa.”⁴⁴ E ele deixou de se perturbar com a aparência externa do rival.

Harry Carson seguiu adiante, pulando sobre as sujeiras da rua com uma leveza quase infantil. Para sua surpresa, o artesão moreno e forte o fez parar, dizendo em tom respeitoso:

— Posso conversar um minuto com o senhor?

— Claro, rapaz — respondeu Carson, com a perplexidade estampada no rosto.

E então, vendo que a conversa não começava, acrescentou:

— Mas ande logo, pois estou com pressa.

Jem estivera procurando uma maneira menos abrupta de abordar o assunto que mais ocupava seus pensamentos do que aquela que agora se via obrigado a empregar. Com uma voz rouca e trêmula, disse:

— Não é verdade que o senhor tem andado com uma moça chamada Mary Barton?

Uma ideia se iluminou na mente de Harry Carson, e ele hesitou antes de dar a resposta pela qual o outro esperava.

Será que aquele era um pretendente de Mary? E (que pensamento estranho e incômodo) será que era amado por ela e por isso causara aquela obstinada rejeição dele próprio? Harry Carson olhou Jem de cima a baixo: um operário preto de fuligem, com roupas sujas de fustão, forte e desajeitado (decerto não saberia dançar); depois, olhou para si mesmo e lembrou-se do reflexo que há pouco vira no espelho do quarto. Impossível. Nenhuma mulher que possuísse olhos poderia escolher Jem quando ele era uma opção. Era Hiperião contra um sátiro.⁴⁵ A citação lhe pareceu apropriada; Carson se esqueceu da frase “Um homem é um homem, nada disso importa.” No entanto ali estava uma pista, algo que há muito ele buscava, para a mudança de conduta de Mary. Se ela amava aquele homem. Se... Carson sentiu ódio daquele rapaz e quis lhe dar um golpe. Resolveu que descobriria tudo.

— Mary Barton! Vejamos. É, esse é o nome da moça. Muito namorada, a danada; mas

bastante bonita. Sim, o nome dela é Mary Barton.

Jem mordeu os lábios. Será que era verdade? Que Mary era namorada, que era a moça desfrutável de quem o outro falava? Ele se recusou a acreditar, mas desejou muito que aquelas palavras sugestivas não houvessem sido ditas. De qualquer maneira, não era possível pensar nisso naquele momento. Mesmo se fosse verdade, mais motivos ainda para que alguém a protegesse; sua pobre e imperfeita amada.

— Ela é uma boa moça, senhor, apesar de talvez ter orgulho demais de ser bonita. Mas é filha única, senhor, e...

Jem parou de falar. Não queria expressar desconfiança, mas estava decidido a saber se havia base para alguma. O que devia dizer?

— Bem, meu amigo, e o que eu tenho a ver com isso? É uma perda do meu tempo, e do seu também, se você só me parou para me dizer que Mary Barton é muito bonita; isso eu já sabia bem.

Ele pareceu querer seguir adiante, mas Jem colocou a mão direita, suja e calosa, sobre seu braço para impedi-lo. O altivo rapaz afastou a mão de si e, com a luva, fingiu que estava se limpando de qualquer contaminação ou sujeira que pudesse ter sido deixada na manga de seu casaco leve. Aquele pequeno gesto irritou Jem.

— Vou explicar bem o que vim lhe dizer, rapaz. Alguém que sabe, e que já viu, me contou que você tem andado com essa Mary Barton e que anda fazendo a corte a ela; e aquela que me falou isso pensa que Mary lhe ama. Pode ser, ou pode não ser. Mas eu sou amigo dela, e do pai dela, há muito tempo; e só quero saber se pretende se casar com a moça. Apesar do que você disse sobre ela não ser séria, sei muito bem que Mary dará uma boa esposa para qualquer um, não importa o que ele seja da vida; e vou protegê-la como se fosse seu irmão. Se sua intenção for boa, não vai pensar mal de mim pelo que acabei de dizer; e... se não for, não vou nem dizer o que vou fazer com o sujeito que fizer mal para um fio de cabelo dela. Mas ele vai se arrepender para todo o sempre. Agora, meu senhor, o que eu quero saber é isso. Se sua intenção for honrosa, muito bem; mas se não for, pelo seu bem e pelo bem de Mary, deixe a moça em paz e nunca mais fale com ela.

A voz de Jem tremeu, de tanta seriedade; e ele esperou, ansioso, por uma resposta.

Harry Carson, enquanto isso, em vez de prestar muita atenção no propósito do homem que se dirigia a ele, estava tentando deduzir, pelo que ele dizia, qual era a situação verdadeira. Conseguiu ao menos compreender que Jem estava inclinado a acreditar que Mary amava seu rival; e, conseqüentemente, que, se seu interlocutor tinha alguma afeição por ela, não era encorajado. Ocorreu ao Sr. Carson então que, afinal de contas, talvez Mary o amasse apesar de suas rejeições frequentes e obstinadas; e que estivesse usando aquela pessoa (quem quer que ele fosse) para obrigá-lo a se casar com ela. O jovem Carson resolveu então saber com exatidão o que aquele rapaz era de Mary. Ou era um pretendente que, no caso, não fora bem-sucedido (e, se isso fosse verdade, o Sr. Carson não conseguia compreender qual era seu objetivo em tentar garantir um casamento para a moça); ou era um amigo, um cúmplice, que ela estava usando para assustá-lo. Essa é a falta de fé na bondade dos mesquinhos e egoístas!

— Antes que eu faça de você um confidente, meu amigo — respondeu o Sr. Carson, com

desdém —, acho que devo perguntar que direito você tem de se meter nos nossos assuntos. Nem Mary, nem eu, pelo que saiba, o chamamos para ser nosso mediador.

O Sr. Carson se calou; queria uma resposta direta a sua última suposição. Não recebeu nenhuma: de modo que começou a imaginar que estava sendo ameaçado e obrigado a firmar algum compromisso, e sua raiva foi despertada.

— Assim, meu amigo, tenha a bondade de nos deixar em paz e não se meter naquilo que não lhe diz respeito. Se você fosse irmão ou pai da moça, o caso talvez fosse diferente. Mas só posso considerá-lo um intrometido impertinente.

Ele tentou passar mais uma vez, mas Jem se manteve diante dele, com um ar determinado.

— Você disse que, se eu fosse irmão ou pai de Mary, teria respondido a minha pergunta. Bem, nem um pai nem um irmão poderiam amá-la como eu a amei; sim, e como ainda amo. Se o amor dá direito a uma resposta, é quase impossível que qualquer homem vivo tenha os mesmos direitos que eu. Agora me diga, senhor! Suas intenções com Mary são boas ou não? Já provei que tenho o direito de saber e juro por Deus que vou saber!

— Olhe o respeito — respondeu o Sr. Carson.

Tendo descoberto o que queria saber (ou seja, que Jem era um pretendente de Mary, mas que ela não o encorajava), ele desejava seguir adiante.

— Seja pai, irmão, ou pretendente rejeitado — disse o Sr. Carson, com ênfase na palavra “rejeitado” —, ninguém tem o direito de interferir no meu caso com a minha menina. E ninguém vai fazer isso. Que diabos, rapaz! Saia da minha frente, ou vou empurrá-lo para longe — exigiu, pois Jem ainda insistia em obstruir seu caminho.

— Não vou sair até você me dar sua palavra de que não fará mal a Mary — respondeu o operário, com os dentes cerrados e a lividez da raiva que não conseguia mais controlar cobrindo-lhe o rosto e dando-lhe um ar terrível.

— Não vai? — disse o Sr. Carson, com uma risada de escárnio. — Então vou obrigá-lo.

O rapaz ergueu sua bengala fina e bateu no rosto do operário com um golpe pungente. Um instante depois, estava alastrado na rua enlameada, com Jem debruçado sobre ele, arfando de raiva. O que ele teria feito a seguir, naquele momento de fúria descontrolada, ninguém sabe; mas um policial da rua principal na qual essa aleia desembocava vinha caminhando por ali há algum tempo, sem ser observado por Jem ou Carson, esperando uma conclusão para aquela discussão violenta travada entre os dois jovens. Num minuto, já imobilizara Jem, que, surpreso, não resistiu.

O Sr. Carson imediatamente se pôs de pé, com o rosto em brasa de raiva ou vergonha.

— Devo levá-lo à cadeia local por agressão, senhor? — perguntou o policial.

— Não, não! Eu bati primeiro. Não foi uma agressão da parte dele. Mas — continuou o Sr. Carson, num sussurro furioso para Jem, que odiava até a liberdade, ainda que justa, obtida pela intercessão do rival —, nunca vou perdoar, nem esquecer esse insulto. Pode confiar em mim — disse ele, arfando de tanta raiva que sentia —, Mary não será mais feliz por causa dessa interferência insolente.

E ele riu, como que consciente de seu poder.

Jem respondeu com a mesma agitação:

— E se você ousar fazer algum mal para ela, vou esperar num lugar onde nenhum policial vai se meter. E é Deus quem vai nos julgar.

O policial intercedeu, com persuasões e alertas. Envolheu o braço de Jem com o seu para levá-lo na direção oposta àquela em que viu que o Sr. Carson estava indo. Ainda irritado, Jem se submeteu a isso por alguns passos, mas então arrancou o braço dali. O policial gritou às costas dele:

— Cuidado, homem! Não existe moça no mundo que vale o que você vai acabar fazendo, se não tomar cuidado!

Mas Jem já estava fora do alcance da voz dele.

42. Procusto é um personagem da mitologia grega que convidava viajantes a dormir numa cama de ferro. Se quem se deitava nela fosse alto demais, Procusto cortava seus membros; se fosse baixo demais, ele os esticava.

Ninguém jamais tinha a altura correta, pois Procusto usava duas camas de tamanhos diferentes. (*N. da T.*)

43. A coifa, nome dado a uma membrana que recobre a cabeça de alguns recém-nascidos, era considerada pelos marinheiros como um amuleto contra afogamentos. (*N. da T.*)

44. Trecho da canção “Is there for honest poverty” [O que tem a pobreza honesta], de Robert Burns. (*N. da T.*)

45. Palavras usadas pelo protagonista para comparar o pai morto e o padrasto em *Hamlet*, de Shakespeare. (*N. da T.*)

Reunião entre patrões e empregados

Nem por um segundo toma o lugar de quem
[despreza
Sentado nele, não sabes como uma palavra,
Um tom, um olhar, pode trazer o fel ao coração
[do teu irmão
E fazê-lo voltar-se, amargurado, contra ti.
“Verdades do amor”

Chegou o dia em que os patrões se reuniram com uma delegação dos operários. O encontro aconteceria num lugar público, um hotel; e lá pelas 11 horas, os donos de fábrica que tinham recebido o pedido estrangeiro começaram a se reunir ali.

É claro que o primeiro assunto, por mais absortos que eles estivessem em outro, foi o clima. Tendo cumprido seu dever para com as chuvas e o sol da semana anterior, eles começaram a falar no motivo da reunião. Havia cerca de vinte cavalheiros no recinto, incluindo alguns que se encontravam ali por cortesia e que não estavam diretamente envolvidos na resolução daquela questão; mas que, ainda assim, tinham interesse suficiente para ter comparecido. Eles estavam divididos em pequenos grupos que não pareciam de modo algum unânimes. Alguns eram a favor de uma pequena concessão, um docinho para aquietar a criança levada, um sacrifício em nome da paz e da tranquilidade. Alguns se opunham de maneira absoluta e veemente ao perigoso precedente de ceder nem que fosse um milímetro à força externa de uma greve. Assim, eles ensinavam aos empregados como se tornarem patrões, diziam eles. Se quisessem a coisa mais absurda no futuro, saberiam que a maneira de obtê-la era recusando-se a trabalhar. Além do mais, um ou dois dos presentes tinha acabado de voltar da New Bailey, onde um dos grevistas fora julgado por uma agressão cruel a um pobre tecelão do norte, que tentara trabalhar pelo preço baixo. Eles estavam indignados, e com razão, com a falta de piedade com que haviam tratado o pobre homem; e sua indignação perante aquele malfeito

tomara (como acontece com frequência) a forma extrema da vingança. Para esses últimos, antes de ceder à associação de homens que estavam adotando medidas tão terríveis contra trabalhadores como eles, seria preferível que eles, os patrões, abrissem mão de todos os benefícios que seriam obtidos com a entrega do pedido, de modo a punir seus empregados. Esqueceram que a greve, nesse caso, era a consequência da necessidade e da privação, sofridas injustamente, pelo menos de acordo com aqueles que a sofriam; pois, por mais insano e sem base na razão, era nisso que eles acreditavam, e essa era a causa de sua violência. É uma profunda verdade que não é possível acabar com a violência através da violência. É possível enfraquecê-la durante algum tempo, mas, enquanto você se gaba de seu sucesso imaginário, o mal retornará sete vezes pior do que antes!

Ninguém pensou em tratar os operários como irmãos e amigos e, da forma aberta e clara com que se argumenta com homens razoáveis, explicar com exatidão e detalhe a circunstância que levava os patrões a pensar que a decisão mais sábia para aquela ocasião era que eles mesmos fizessem sacrifícios e os esperassem de seus trabalhadores.

Indo de grupo a grupo no salão, encontrava-se uma mixórdia de frases como essa a seguir:

— Pobres diabos! Eles estão quase morrendo de fome. A senhora Aldred faz sopa de duas cabeças de vaca por semana e as pessoas caminham quilômetros para vir pegar. Se esses tempos durarem, precisamos tentar fazer mais. Mas não podemos ceder a nenhuma ameaça!

— Um aumento de um xelim mais ou menos não faria muita diferença, e eles vão se convencer de que conseguiram o que queriam.

— É a isso mesmo que eu me oponho. Vão passar a achar isso e, sempre que quiserem alguma coisa, por mais absurda que seja, vão fazer uma greve.

— Na verdade, é pior para eles do que para nós.

— Não vejo como seria possível separar nossos interesses.

— O maldito brutamontes tinha atirado vitríolo nos calcanhares do pobre rapaz e você sabe como é difícil cicatrizar essa parte do corpo. Ele ficou paralisado de dor, o que o deixou à mercê do miserável, que lhe bateu na cabeça até deixá-lo desfigurado. Eles duvidam que ele sobreviva.

— Só por isso eu já estaria contra eles, mesmo que isso seja a causa da minha ruína.

— Sim, por mim eu não dou um vintém a mais para os brutamontes; mais parecem animais selvagens do que homens.

(Bem, e quem poderia fazer com que mudassem?)

— Escute, Carson, vá contar a Duncombe sobre esse novo exemplo da conduta abominável deles. Ele está vacilando, mas acho que isso fará com que se decida.

A porta então foi aberta; o garçom anunciou que os homens estavam lá embaixo e perguntou se os cavalheiros desejavam que os deixassem subir.

Eles assentiram e rapidamente tomaram seus lugares ao redor da mesa oficial; ficando na atitude mais parecida possível com a dos senadores romanos que aguardavam a irrupção de Breno e seus gauleses.

Bum, bum, fizeram os pés pesados sobre os degraus da escada. Em um minuto, cinco homens desesperados e ansiosos estavam na sala. John Barton, devido a um mal-entendido em

relação ao horário, não estava entre eles. Se tivessem sido homens mais corpulentos, você os teria chamado de esqueléticos; mas eram de baixa estatura e suas roupas de fustão estavam largas nos membros magros. Ao escolher seus delegados, os operários tinham pensado mais em seu cérebro e poder de oratória do que no guarda-roupa; era como se tivessem lido as opiniões do nobre Professor Teufelsdröckh em *Sartor Resartus*,⁴⁶ a julgar pelos casacos e calças esfarrapados que vestiam homens importantes e poderosos. Fazia um longo tempo que muitos deles não sabiam o que era o luxo de uma peça de roupa nova; e havia buracos em todas as suas vestimentas. Alguns dos patrões consideraram uma afronta para homens tão nobres quanto eles ter de lidar com uma tropa tão deselegante. Mas de que se importavam os operários?

A pedido de um dos cavalheiros, que fora escolhido às pressas para ser o presidente da comissão, o líder dos delegados leu, numa voz aguda de quem estava acostumado a cantar salmos, um papel que continha a descrição do caso em questão de acordo com os operários, suas reclamações e suas demandas, que não eram nada moderadas.

Pediram-lhe então que se retirasse com os outros delegados para outra sala durante alguns minutos, enquanto os patrões discutiam qual seria sua resposta definitiva.

Depois que os homens saíram da sala, um debate urgente foi travado aos sussurros, com cada um voltando a apresentar os argumentos de sempre. Aqueles que estavam a favor de uma concessão venceram, mas só por um voto. A minoria expressou, de forma audível e altiva, seu desagrado com as medidas a serem adotadas, até mesmo após os delegados terem voltado para a sala. Suas palavras e olhares não deixaram de ser percebidas pelos espertos operários; e seus nomes ficaram registrados nos corações amargurados daqueles homens.

Os patrões não podiam concordar com o adiantamento exigido pelos empregados. Concordavam em dar um xelim a mais por semana do que tinham oferecido previamente. Os delegados tinham o poder de aceitar tal oferta?

Tinham o poder de aceitar ou recusar qualquer oferta feita pelos patrões naquele dia.

Então, talvez fosse melhor para eles deliberarem entre si para chegar a uma decisão. Mais uma vez, os homens se retiraram.

Não por muito tempo. Eles voltaram e recusaram peremptoriamente qualquer diminuição de suas demandas.

Então se levantou o Sr. Henry Carson, a cabeça e a voz do grupo mais violento dos patrões e, dirigindo-se ao presidente da comissão diante dos carrancudos operários, propôs algumas resoluções que ele e aqueles que concordavam com ele haviam tramado durante a última ausência dos delegados.

Em primeiro lugar, eles retiravam a proposta que acabara de ser feita e declaravam que toda comunicação entre os patrões e aquele sindicato em particular estavam terminadas; em segundo lugar, declaravam que nenhum patrão empregaria qualquer operário no futuro, a não ser que este assinasse uma declaração dizendo que não pertencia a qualquer sindicato e se comprometesse a não ajudar ou contribuir com qualquer sociedade cujo objetivo fosse interferir com os poderes dos donos das fábricas; e, em segundo lugar, que os patrões jurariam proteger e encorajar todos os trabalhadores que estivessem dispostos a aceitar trabalhar naquelas condições, e ao salário inicial. Considerando-se que os homens que estavam

escutando aquilo com os cenhos franzidos de revolta eram, todos eles, líderes do sindicato, tais resoluções, por si só, já seriam o suficiente para provocar animosidade; mas, não contente em listá-las, Harry Carson passou então a caracterizar a conduta dos trabalhadores em termos nada moderados; com cada palavra que dizia deixando-os mais lívidos de raiva, com olhares mais ferozes. Um deles desejou dizer algo, mas se controlou, obedecendo ao olhar severo e à pressão no braço da parte do líder. O Sr. Carson se sentou e um amigo imediatamente se ergueu para apoiar a proposta. Ela recebeu os votos da maioria, mas não chegou perto de ser unânime. O presidente anunciou o fato aos delegados (que mais uma vez tinham sido retirados da sala durante um debate). Eles receberam a notícia com um silêncio profundo e furioso, mas não disseram nada e deixaram a sala sem um cumprimento sequer.

Na reunião ocorrera um gesto não oficial, que não foi registrado pelos jornais de Manchester, mas que ajuda a explicar o ocorrido.

Enquanto os homens estavam agrupados perto da porta, após terem entrado na sala pela primeira vez, o Sr. Harry Carson pegara seu lápis de prata e desenhara uma caricatura admirável deles — compridos, esfarrapados, desanimados e marcados pela fome. Embaixo, anotou depressa uma frase do famoso discurso do cavaleiro gordo em *Henrique IV*⁴⁷. Passou-a a um dos homens ao seu lado; este admitiu no mesmo instante que estava muito boa e mostrou-a a todos os outros ao redor da mesa, que sorriram e assentiram. Quando a caricatura voltou às mãos de Carson, ele rasgou a carta atrás da qual a desenhara em dois pedaços, amassou-os e atirou-os na lareira; mas, sem se importar se atingira o alvo, não viu que caíram logo antes das brasas que poderiam consumi-los.

Tudo isso foi observado com atenção por um dos homens.

Ele viu quando os patrões deixaram o hotel (alguns rindo de piadas contadas de boca em boca) e, depois que todos tinham ido embora, voltou a entrar. Foi até o garçom, que o reconheceu.

— Tem um pequeno rabisco ali em cima que um dos cavalheiros jogou fora; tenho um rapazinho em casa que adora um desenho; com sua permissão, vou ali e pego para mim.

O garçom, simpático e bondoso, foi com ele até o andar de cima; viu que o papel tinha sido pego do chão e desamassado e, convencendo-se do seu conteúdo com um rápido olhar, de que era apenas o que o homem dissera, “um pequeno rabisco”, permitiu que ele levasse o que viera buscar.

Lá pelas 7 da noite, muitos operários começaram a se reunir numa sala do bar Weaver's Arms, um cômodo apropriado para “ocasiões festivas”, como o dono escrevera na circular que entregara ao abrir o lugar. Mas, infelizmente, aquele encontro não era uma ocasião festiva. Homens famintos, irritados, desesperados estavam se reunindo para ouvir a resposta dada pelos patrões aos delegados naquela manhã; e depois, como fora declarado no aviso de reunião, um cavaleiro de Londres teria a honra de discursar para os reunidos sobre a atual situação dos empregadores e empregados, ou (como ele dizia) dos burgueses e trabalhadores. A sala não era grande, mas tinha tão poucos móveis que parecia ser maior. Os lampiões a gás sem vidro lançaram sua forte luz sobre os operários magros e sujos quando estes entraram, piscando devido ao excesso de luminosidade.

Eles se sentaram em alguns bancos e aguardaram os delegados. Estes últimos, com um ar desolado e feroz, relataram o ultimato dos patrões, sem acrescentar uma palavra, e, assim, fazendo com que calasse ainda mais fundo nos corações doídos dos ouvintes.

Então o “cavalheiro de Londres” (que já fora previamente informado da decisão dos patrões) entrou. Seria difícil definir sua posição social exata ou qual era o estado de sua mente no que dizia respeito à educação. Ele parecia pouco espontâneo, pouco honesto, em meio àquele grupo de homens ansiosos, furiosos e intensos no qual estava. Talvez fosse um estudante de medicina desonrado, como Bob Sawyer,⁴⁸ ou um ator fracassado, ou um vendedor exibido. Teria lhe causado uma impressão desfavorável, mas havia muita coisa nele que só poderia ser caracterizada como duvidosa.

Ele sorriu em resposta aos cumprimentos rudes dos homens e se sentou; então, olhando ao redor, perguntou se não seria agradável para os cavalheiros ali presentes receberem uma rodada de fumo e aguardente, pela qual pagaria.

Assim como o homem que tivera o gosto educado para amar a leitura devorava livros após uma longa abstinência, esses pobres rapazes, cujos gostos tinham sido educados sem a ajuda de ninguém e voltados para o tabaco, a cerveja e outros prazeres similares, se iluminaram com a proposta do delegado de Londres. O tabaco e o álcool enfraqueceriam as dores da fome e ajudavam a esquecer o lar miserável, o futuro desolador.

Agora eles estavam prontos para escutar o homem com aprovação. Ele sentiu isso; e, se erguendo como um grande orador, com o braço direito esticado e o esquerdo enfiado no peito do colete, começou a discursar com uma voz forçada e teatral.

Após uma rajada de eloquência, durante a qual misturou os feitos do Brutus mais velho e do Brutus mais jovem, e ampliou o poder irresistível dos “milhões de Manchester”, o Londrino começou a falar de questões mais práticas, fazendo jus ao discernimento daqueles que o haviam enviado até ali. As massas, quando podem escolher livremente, parecem saber distinguir homens de talento natural; é uma pena que prestem tão pouca atenção em seu temperamento e seus princípios. O homem rapidamente ditou resoluções e sugeriu medidas. Escreveu um cartaz comovente para ser pregado nas paredes. Propôs que fossem enviados delegados para pedir a assistência de outros sindicatos em outras cidades. Encabeçou a lista de sindicatos que ajudariam, com uma doação generosa em nome daquele do qual fazia parte em Londres; e o que era mais impressionante e mais incomum: pagou com moedas de ouro de verdade, que tilintaram e brilharam! Aquele dinheiro, infelizmente, lhes fazia muita falta, mas, antes de aliviar qualquer necessidade particular no dia de amanhã, pequenas somas foram entregues para cada um dos delegados, que, dentro de um ou dois dias, partiriam em expedições para Glasgow, Newcastle, Nottingham etc. A maioria desses homens tinha feito parte da delegação que se encontrara com os patrões naquela manhã. Depois de ter escrito algumas cartas e dito mais algumas palavras entusiasmadas, o cavalheiro de Londres se retirou, apertando as mãos de todos; e muitos saíram logo depois do cômodo e do bar.

Os delegados que haviam acabado de ser selecionados e um ou dois outros homens ficaram para trás, discutindo suas respectivas missões e trocando opiniões numa linguagem mais simples e natural do que aquela que tinham ousado usar diante do orador londrino.

— Igual àquele, é difícil de encontrar — disse um deles, indicando o delegado que partira com um gesto do polegar na direção da porta. — Fala como o quê!

— É, sim! Ele sabe o que diz? Não explicou tudo sobre aquele tal de Brutus? Que coisa feia, matar o próprio filho!

— Eu matava o meu se ele ficasse de conluio com os patrões. Tudo bem que é só meu enteado, mas não faz diferença.

Mas então todas as línguas se calaram e todos os olhos se voltaram para o membro da delegação que naquela manhã retornara ao hotel para pegar a caricatura divertida que Harry Carson fizera dos operários.

As cabeças se juntaram, para examinar e reconhecer.

— É John Slater! Dá para ver direitinho, pelo nariz grande. Nossa! Que parecido. E esse sou eu, meu Deus. É assim mesmo que tenho de botar o colete para cima, para esconder que estou sem camisa. Que vergonha! Não dá para aguentar.

— Ora, ora — disse John Slater, depois de reconhecer seu nariz e declarar que era ele mesmo —, eu ia saber rir de uma piada tão bem quanto qualquer outro, mesmo que fosse de mim, se não estivesse passando fome (seus olhos se encheram de lágrimas; era um homem pobre, escaveirado, com feições brutas e uma expressão bondosa e melancólica) e se conseguisse deixar de pensar no povo lá de casa, que também está. Mas com os pedidos por comida ressoando em meus ouvidos e me deixando com medo de ir para casa, e me fazendo até me perguntar se ia ouvir o choro quando estivesse afogado no fundo do canal... Ah, meu amigo, não consigo rir de nada! É triste ver que tem gente que brinca com aquilo que não conhece; que faz um desenho ridículo de homens com os corações tão doloridos quanto os nossos. Que Deus nos ajude!

John Barton começou a falar, e os homens se voltaram para ele com grande atenção.

— O que me deixa mais triste, o que faz meu coração queimar no peito, é ver que tem gente capaz de rir do trabalhador; de homens que vieram pedir por um pouco de lenha para a avozinha que treme de frio; por alguns lençóis e umas roupas quentes para a pobre mulher que tem neném na pedra fria do chão; e por comida para as crianças, cujas vozes estão ficando fracas demais para chorar de fome. Afinal, meus irmãos, não é por isso que nós pedimos quando clamamos por um salário maior? Não queremos doce, queremos barriga cheia; não queremos casacos e coletes de seda, mas roupas quentes; e, se tivéssemos roupas, nem íamos ligar para o tecido. Não queremos essas casas enormes que eles têm, queremos um teto para nos proteger da chuva, da neve e da tempestade; sim, e não apenas para nos proteger, mas também aos indefesos que se apertam contra nós no vento frio e nos perguntam com os olhos por que nós os trouxemos ao mundo para sofrer!

Ele abaixou a voz grave, até quase sussurrar:

— Já vi um pai que preferiu matar o filho a ver o menino passar fome; e ele era um homem bom.

Barton então retornou ao seu tom normal.

— Nós fomos falar com os patrões com o coração transbordando, para pedir por tudo isso que eu falei. Sabemos que eles têm dinheiro, pois fomos nós que ganhamos; sabemos que o

comércio está melhorando e que eles receberam pedidos grandes, que vão pagar bem; pedimos a nossa parte; pois, se os patrões ficarem com ela, só vai servir para pagar por criados e cavalos, por mais roupas e mais pompa. Tudo bem, se vocês querem ser tolos, nós não vamos impedir, desde que sejam justos; mas a nossa parte é nossa, e pronto; ninguém vai nos roubar. Nós precisamos dela para comprar o pão de cada dia, para viver; e não é nem só pelas nossas vidas (pois tem muitos aqui que, assim como eu, ficariam felizes e gratos de morrer e ir embora desse mundo ingrato), mas pelas vidas dos pequenos que ainda não sabem o que é a vida e têm medo da morte. Ora, nós fomos falar com os patrões para dizer o que queríamos, de que precisamos, antes de irmos trabalhar para eles; e eles disseram que não. Isso já seria ter um coração de pedra, mas não bastou. Ainda por cima, eles fazem um desenho para zombar de nós. Eu sei rir de mim mesmo, como o pobre do John Slater aqui; mas preciso estar com a cabeça leve para fazer isso. Só sei que daria minha última gota de sangue para me vingar desse sujeito, que é tão cruel que pôde zombar de quem sofre!

Ouviu-se entre os homens um murmúrio furioso, que não chegou a tomar a forma de palavras. John continuou:

— Vocês devem ter estranhado, rapazes, quando eu perdi a hora esta manhã; vou lhes dizer o que estava fazendo. O capelão da New Bailey me mandou ir ver Jonas Higginbotham; aquele que prenderam na semana passada por jogar vitríolo na cara de um fura-greve. Ora, eu não podia deixar de ir; e não achei que ia demorar tanto. Jonas estava como um doido quando entrei; disse que não conseguia descansar pensando no rosto do pobre homem que tinha machucado; então lembrava do aspecto fraco e faminto dele, ao entrar na cidade, cansado de tanto andar; e pensava que talvez houvesse deixado para trás uma família que ia esperar notícias dele, até ouvir falar de sua morte. Jonas pensou nessas coisas até não conseguir mais parar quieto, e ficar andando de um lado para o outro sem parar, que nem um animal selvagem na jaula. Finalmente, pensou num jeito de ajudar um pouco e pediu que o capelão me chamasse; e me disse que o homem estava na enfermaria; que era para eu ir lá (já que hoje em dia o povo pode entrar na enfermaria) depois de levar seu relógio de prata, herança da mãe, para vender pelo melhor preço que pudesse, e entregar o dinheiro, pedindo que o pobre do fura-greve mandasse para sua família lá pelas bandas de Burnley; mandou também seus cumprimentos e pediu humildemente por perdão. Então eu fiz o que Jonas queria. Mas, Deus me perdoe, nenhum de nós ia jogar vitríolo de novo (pelo menos não num fura-greve) se pudesse ver o que eu vi hoje. O homem estava com o rosto todo embrulhado em bandagens, de modo que *isso* eu não vi; mas cada pedacinho do seu corpo tremia de dor. Ele teria mordido a mão para não gemer, mas não conseguia, de tanto que seu rosto doía quando ele se mexia, mesmo que um pouco. Mal me entendeu quando eu falei de Jonas; apertou minha mão quando sacudi o dinheiro, mas, quando perguntei o nome de sua esposa, gritou: “Mary, Mary, será que eu nunca mais vou ver você? Mary, meu amor, eles me cegaram porque eu queria trabalhar por você e pelo nosso bebê. Mary! Ah, Mary!” Então a enfermeira veio, disse que ele estava delirando e que estava pior por minha causa. Acho que era verdade mesmo; mas não quis ir embora sem saber para onde mandar o dinheiro... E isso me fez perder a hora, rapazes.

— E você descobriu onde mora a mulher dele? — perguntaram diversas vozes ansiosas.

— Não! Ele continuou falando com ela, até quase cortar meu coração. Pedi à enfermeira que descobrisse o nome e o endereço dela. Mas quis falar disso mais porque... em primeiro lugar, porque queria que todos vocês soubessem por que não estava no meu posto esta manhã; e em segundo lugar, porque eu, de minha parte, já vi bem o que acontece quando a gente ataca os fura-greves, e não quero mais saber disso.

Alguns homens expressaram sua desaprovação, mas John não se importou.

— Não! Não sou covarde — respondeu —, e estou com vocês até a medula. O que quero fazer, o que vou fazer, é lutar contra os patrões. Um de vocês me chamou de covarde. Ora! Cada homem tem direito à sua opinião; mas, desde que pensei no assunto hoje, concluí que a gente é covarde quando ataca quem é pobre como nós; aqueles que não têm ninguém para lhes ajudar e precisam escolher entre o vitríolo e a fome. Para mim, é mais covarde fazer isso do que deixar essa gente em paz. Não! O que eu quero é isso: vamos atacar os patrões!

E ele gritou de novo:

— Vamos atacar os patrões!

Barton falou mais baixo; todos o escutaram com a respiração presa.

— Foram os patrões que trouxeram essa desgraça; são eles que devem pagar por ela. Quem me chamou de covarde agora vai ver se eu sou covarde ou não. Quero que me mandem dar uma lição nos patrões e vejam se eu vacilo.

— Seria um belo susto para os patrões se um deles apanhasse até quase morrer — disse um.

— Isso! Ou apanhasse até morrer de uma vez — rugiu outro.

Assim, com palavras, ou olhares que diziam mais do que palavras, eles arquitetaram um plano mortal. Seu discurso foi se tornando mais profundo e mais sombrio, conforme construía seu significado com murmúrios roucos e pousavam uns nos outros olhos que exibiam o terror causado por seus próprios pensamentos. Os punhos cerrados, os dentes rilhados, o rosto lívido, tudo expressava o sofrimento que suas mentes passavam voluntariamente ao contemplar um crime e se familiarizar com seus detalhes.

Então seguiu-se um daqueles juramentos ferozes e terríveis que fazem com que os membros de um sindicato se comprometam com um propósito qualquer. Assim, sob a luz forte dos lampiões a gás, eles voltaram a se reunir para deliberar mais. Com a desconfiança da culpa, cada um suspeitava do próximo; cada um temia a traição de outro. Um número determinado de pedaços de papel (aquela mesma carta onde a caricatura fora desenhada naquela mesma manhã) foi rasgado e *um deles marcado*. Então todos foram dobrados até ficarem idênticos. Misturaram-nos dentro de um chapéu. Os lampiões foram apagados; cada um pegou um papel. Acenderam-se as luzes de novo. Cada um se afastou o máximo que pôde dos companheiros e examinou o papel que pegara, sem dizer uma palavra e com o rosto mais impassível e imóvel possível.

Então, ainda rígidos e silenciosos, todos pegaram seus chapéus e cada um tomou seu caminho.

Aquele que ficara com o papel marcado seria o assassino! E jurara agir de acordo com a sorte! Mas nenhum, a não ser Deus e a consciência do escolhido, sabia quem cometeria o crime.

-
46. Romance satírico publicado em 1836 pelo autor escocês Thomas Carlyle (1795-1881), em que o personagem principal desenvolve uma “filosofia das roupas”. (N. da T.)
47. Em *Henrique IV*, Parte 1, de Shakespeare, o cavaleiro Falstaff insulta repetidas vezes o regimento que comanda, chamando-os, por exemplo de “escravos tão esfarrapados quanto Lázaro”. (N. da T.)
48. O jovem médico dissoluto de *The Pickwick Papers*, de Charles Dickens. (N. da T.)

A missão noturna de Barton

É triste dizer adeus
Mesmo que por algumas horas
Nessa ausência, quem sabe
O que irá ocorrer para nos partir o coração?

Anônimo

Os fatos registrados no último capítulo ocorreram numa terça-feira. Na tarde de quinta, Mary ficou surpresa quando, em meio a uma tarefa qualquer com a qual estava se ocupando, viu entrar Will Wilson. Ele parecia estranho; pelo menos, era estranho ver em seu rosto qualquer expressão que não fosse a alegria radiante de sempre. Levava um embrulho de papel na mão. Entrou e se sentou, mais sério do que o normal.

— Ora, Will! O que aconteceu? Parece muito chateado com alguma coisa.

— Estou mesmo, Mary! Vim me despedir; e pouca gente gosta de despedir de quem se ama.

— Até a próxima! Nossa, Will, foi de repente, não foi?

Mary largou o ferro de passar e se postou perto da lareira. Sempre gostara de Will; mas agora parecia que um jorro súbito de amor fraternal lhe surgira no coração, de tão triste que ficou ao saber de sua partida iminente.

— Foi muito de repente, não foi? — disse ela, repetindo a pergunta.

— Sim, foi muito de repente — respondeu Will, distraído. — Não, não foi — continuou, pensando melhor no que estava dizendo. — O capitão tinha me dito que em 15 dias ia estar pronto para zarpar de novo; mas foi de repente para mim, de tanto que me apeguei a todos vocês.

Mary compreendeu o apego particular que ele generalizou. Ela voltou a falar:

— Mas não faz 15 dias que você chegou. Não faz 15 dias que bateu na porta de Jane Wilson, e eu estava lá, como deve se lembrar. Não faz mesmo!

— Não; eu sei que não faz. Mas eu recebi uma carta de Jack Harris esta tarde para me dizer que nosso navio zarpa na próxima terça; e já faz tempo que prometi ao meu tio (irmão de minha mãe, aquele que mora em Kirk Christ, depois de Ramsay, na Ilha de Man) que faria uma visita a ele e sua família da próxima vez que estivesse em terra. Tenho de ir. Lamento muito, mas não posso fazer essa desfeita para a família de minha mãe. Tenho de ir. Não tente me impedir — disse ele, evidentemente temendo pela força de sua resolução se alguém tentasse convencê-lo a ficar.

— Não vou tentar, Will. Acho que tem razão; mas lamento muito que tenha de ir embora. É uma coisa tão chata ser deixada para trás. Quando você vai?

— Hoje à noite. Não vou mais ver você.

— Hoje à noite! E vai para Liverpool! Talvez você e o papai possam ir juntos. Ele vai para Glasgow e vai passar por Liverpool.

— Não. Eu vou andando, e acho que seu pai não vai aguentar.

— Nossa! E por que vai andando? Pode ir de trem por três xelins e seis centavos.

— Ah, Mary! (Você não pode contar a ninguém o que vou lhe dizer.) Não tenho três xelins, não, e nem seis centavos; pelo menos, não aqui. Antes de vir, dei à minha senhoria dinheiro suficiente para ir e voltar da ilha e também um pouco para comprar presentes, e trouxe o resto comigo. Mas gastei tudo e só sobrou isso — disse Will, fazendo tilintar na mão algumas moedas de cobre. — Não, não se assuste por eu ter de andar 50 quilômetros — acrescentou ele, vendo-a com uma expressão grave e preocupada. — A noite está bonita e clara; vou sair antes da hora e chegar antes de o pacote da Ilha de Man sair. Para onde vai seu pai? Para Glasgow? Talvez ele e eu viajemos juntos, então, pois se o barco para a ilha tiver saído antes de eu chegar a Liverpool, eu vou no pacote da Escócia. O que ele vai fazer em Glasgow? Tentar arrumar trabalho? Pelo que dizem, comércio lá anda tão ruim quanto aqui.

— Não, ele sabe disso — respondeu Mary, chateada. — Às vezes, eu acho que ele nunca mais vai trabalhar e que o comércio nunca vai melhorar. É muito difícil manter o ânimo. Queria ser menino; virava marinheiro, que nem você. De qualquer maneira, ia poder ir para longe das notícias ruins; hoje em dia, quase nunca passa uma criatura por aquela porta sem uma história triste para contar. Papai vai como delegado do sindicato para pedir ajuda do povo lá de Glasgow. Vai hoje à noite.

Mary suspirou, pois mais uma vez sentiu que era muito desagradável que lhe deixassem sozinha.

— Você disse que todo mundo que passa pela porta tem coisa triste para contar; não quis dizer que Margaret Jennings está com algum problema, quis? — perguntou o jovem marinheiro, ansioso.

— Não! — respondeu Mary, com um sorrisinho. — Margaret é a única pessoa que eu conheço, acho, que parece não ter nenhuma preocupação. Sua cegueira quase parece uma bênção às vezes; ela ficou tão desanimada quando esperava por isso, e agora que a cegueira chega parece tão calma e feliz. Não! Acho que Margaret é feliz, sim.

— Quase chego a querer que não fosse — disse Will, pensativo. — Ia gostar de consolá-la e lhe dar carinho, se ela estivesse com algum problema.

— E por que não pode lhe dar carinho, mesmo ela estando feliz? — perguntou Mary.

— Ah, não sei! Ela parece ser tão melhor do que eu. E aquela voz! Quando a ouço e penso no desejo que tenho no coração, acho que pedi-la em casamento seria uma maluquice tão grande quanto pedir um anjo do paraíso.

Apesar da melancolia, Mary não conseguiu deixar de rir da ideia de Margaret como um anjo; de tão difícil que era (até para sua imaginação de costureira) pensar em como e de que maneira as asas seriam presas no vestido de algodão marrom ou no de estampa azul e amarela.

Will também riu um pouco, contagiado pelo risinho bonito e alegre de Mary. Então disse:

— Ah, você ri, Mary; isso mostra que nunca esteve apaixonada.

Num segundo, Mary ficou vermelha como um cravo, e as lágrimas brotaram em seus olhos cinzentos. Ela, que estava sofrendo tanto com as dúvidas do amor! Fora cruel da parte de Will. Ele não notou a mudança de cor ou de expressão. Só percebeu que ela estava em silêncio e continuou:

— Eu achei... ainda acho que, quando voltar dessa viagem, vou me declarar. É minha quarta viagem no mesmo navio, com o mesmo capitão e ele prometeu que vai me promover a oficial depois dessa; então terei algo a oferecer a Margaret. E o avô dela e minha tia Alice vão morar com ela, para que não se sinta só quando eu estiver no mar. Estou falando como se ela gostasse de mim e fosse aceitar se casar comigo. Acha que ela gosta um pouco de mim, Mary?

Mary tinha uma opinião muito definida sobre o assunto, mas achou que não tinha direito de dá-la. Por isso, disse:

— Você deve perguntar a Margaret, não a mim, Will; ela nunca mencionou seu nome para mim.

Will fez uma cara arrasada.

— Mas eu diria que esse é um bom sinal vindo de alguém como ela — continuou Mary. — Não tenho direito de dizer o que penso; mas, se fosse você, não iria embora desta vez sem me declarar.

— Não! Não consigo! Já tentei. Fui lá me despedir deles e fiquei com a voz presa na garganta. Não consegui dizer nada do que tinha planejado dizer; e nem tinha pensado na ousadia de falar em casamento até depois da minha próxima viagem e da minha promoção. Não consegui nem oferecer essa caixa para ela — disse ele, abrindo o embrulho de papel e mostrando um acordeão exageradamente ornamentado. — Queria muito comprar alguma coisa para Margaret e achei que, se tivesse a ver com música, ela ia gostar mais. Você lhe dá, Mary, depois que eu for embora? E, se puder dizer algumas palavras bonitas... Dizer um pouco sobre como eu me sinto... Talvez ela ouça você, Mary.

Mary prometeu que faria tudo que ele tinha pedido.

— Vou pensar nela muitas e muitas noites, quando estiver de guarda no meio do oceano. Queria saber se Margaret também vai pensar em mim, quando o vento estiver assobiando e o mar subindo. Você vai falar de mim com frequência, não vai, Mary? E se alguma coisa de ruim acontecer comigo, diga-lhe o quanto eu gostava dela, e peça, em nome de alguém que a amava tanto, que tente consolar minha pobre tia Alice. Coitadinha! Você e Margaret vão visitá-la muitas vezes, não vão? Ela envelheceu muito desde a última vez que estive em terra. E é uma

peessoa tão boa! Eu morava com ela quando era pequeno e costumava acordar com os vizinhos batendo para acordá-la; esse aqui estava doente, o filho daquele ali não se aquietava; e por mais cansada que estivesse, ela se levantava e se vestia num instante, sem nunca pensar no duro que ia dar lavando roupa no dia seguinte. Que época feliz! Como eu ficava contente quando ela me levava para o campo para colher ervas! Já tomei chá na China, mas não chegou nem perto de ser tão bom quanto o chá de ervas que minha tia fazia para mim no domingo à noite. E ela sabia muito sobre as plantas e os pássaros. Costumava me contar umas histórias longas sobre sua infância, e a gente costumava planejar, se fosse a vontade de Deus (era sempre assim que ela dizia), ir morar perto da antiga casa dela, para lá de Lancaster; na casinha onde tinha nascido, se fosse possível. Nossa! E foi tudo tão diferente! Aqui está minha tia, ainda em Manchester, e provavelmente nunca mais vai ver sua casa; e eu, um marinheiro, indo para a América na semana que vem. Queria que ela tivesse tido a chance de ir a Burton uma vez antes de morrer.

— Talvez ela fosse achar tudo muito mudado — disse Mary, embora seu coração repetisse o sentimento de Will.

— É, é. Deve ter sido melhor mesmo. Uma coisa que eu sempre lamento, e que muitas vezes lamentei quando estava sozinho no meio do mar, onde nem o sujeito mais bobo consegue deixar de pensar no passado e no futuro, é ter magoado minha tia. Ah, Mary! Muitas palavras impensadas doem no coração quando a gente pensa que nunca mais vai ver aquele que magoou!

Os dois ficaram pensativos. De repente, Mary teve um sobressalto.

— São os passos do meu pai. E a camisa dele não está pronta!

Ela correu para o ferro e tentou recuperar o tempo perdido.

John Barton entrou. Will nunca tinha visto um homem tão macilento e de ar tão desesperado. Ele olhou para Will, mas não disse uma palavra para cumprimentá-lo.

— Vim para me despedir — disse o marinheiro.

Com sua disposição amistosa e sociável, teria continuado a conversar. Mas John deu uma resposta abrupta:

— Adeus, então.

Seus modos não deixavam dúvida de que desejava se livrar do visitante, e Will, por isso, apertou a mão de Mary e olhou para John, como se não tivesse certeza se deveria se oferecer para apertar a mão dele. Mas o outro não o olhou nem fez qualquer gesto em sua direção, e então Will foi embora, parando por um instante na porta para dizer:

— Pense em mim na terça-feira, Mary. É nesse dia que vamos levantar âncora e zarpar, pelo que me disse Jack Harris.

Mary lamentou profundamente quando a porta foi fechada; era como se tivesse trancado um raio de sol amistoso do lado de fora. E seu pai! O que poderia haver de errado com ele? Estava tão inquieto; sem dizer nada (como ela queria que falasse), apenas ficando de pé de um pulo, voltando a se sentar, remexendo nos seus ferros; e parecia tão furioso, também, a julgar por sua expressão. Mary se perguntou se ele havia reprovado a presença de Will ali; ou se tinha ficado irritado de ver que ela não tinha progredido muito na tarefa. Afinal, não aguentou mais

seu nervosismo, que também a deixava nervosa e irrequieta, e sentiu a necessidade de dizer alguma coisa.

— A que horas você vai, papai? Não sei os horários dos trens.

— E por que haveria de saber? — respondeu John, irritado. — Vá se meter com seus ferros, mas não faça perguntas sobre aquilo que não lhe diz respeito.

— Eu queria preparar alguma coisa para você comer primeiro — disse Mary gentilmente.

— Você não sabe que estou aprendendo a ficar sem comer?

Mary olhou para o pai, para ver se ele estava brincando. Não! Tinha o ar feroz e grave.

Ela terminou de passar a camisa e começou a preparar a comida que tinha certeza de que ele ia querer; pois, a essa altura, sua experiência dos níveis de fome lhe ensinara que aquela irritação fora piorada, ainda que não causada, pela falta de alimento.

Enquanto delegado de Glasgow, John tinha recebido uma moeda de ouro para pagar suas despesas e repassara alguns xelins a Mary naquela manhã, de modo que ela fora capaz de comprar uma refeição farta o suficiente e agora se preocupava em como prepará-la da melhor maneira possível para despertar nele a vontade de comer.

— Se está fazendo isso por minha causa, Mary, está trabalhando à toa. Já falei que não estou com vontade de comer.

— Só um pouquinho, papai, antes de ir — insistiu Mary, tentando convencê-lo.

Nesse momento, entrou na casa ninguém menos que Job Legh. Ele não vinha sempre, mas, quando fazia suas visitas, Mary sabia por experiência que elas eram tudo menos curtas. O rosto de seu pai voltou a assumir o ar profundamente sombrio que acabara de se desanuviar diante do sol da voz bonita da filha e de sua doce adulação. Ele voltou a ficar inquieto e nervoso, mal se dirigindo a Job com a cortesia necessária para um homem que recebia alguém em sua própria casa. Job, no entanto, não tinha cerimônia. Viera fazer uma visita e não ia deixar que ninguém lhe impedisse. Estava interessado na expedição de John Barton a Glasgow e queria ouvir falar dela; por isso se sentou, se ajeitou, e Mary viu que não tinha intenção de se mexer.

— Quer dizer que você vai para Glasgow? — disse ele, começando o interrogatório.

— Vou.

— Quando?

— Hoje à noite.

— Isso eu já sabia. Mas em que trem?

Era exatamente isso que Mary queria saber; mas parecia que seu pai não estava com vontade de revelar. Ele se levantou sem dizer nada e foi lá para cima. Mary viu, pelos seus passos, e pelo seu jeito, o quanto estava irritado; e teve medo de que Job percebesse isso também! Mas não! Job parecia imperturbável. Melhor assim; e talvez Mary conseguisse disfarçar a grosseria do pai sendo ela própria gentil com um amigo tão bondoso.

Então, em parte ouvindo os movimentos do pai lá em cima (gestos violentos, irritados, inquietos) e em parte prestando atenção a Job Legh, ela tentou ser tão atenciosa quanto ele merecia.

— Quando seu pai vai partir, Mary?

Aquela maldita pergunta de novo.

— Ah, daqui a pouco! Estou só preparando um jantar rápido para ele. Margaret está bem?

— Está bem, sim. Quer ir fazer companhia a Alice Wilson durante uma ou duas horas esta noite; assim que achar que o sobrinho já partiu para Liverpool; pois imagina que a velha vai se sentir um pouco sozinha. Imagino que o sindicato vá pagar a passagem do seu pai.

— Vai, deram uma moeda de ouro para ele. Você é do sindicato, Job?

— Sou! Pode ter certeza; mas não sou muito ativo. Fui obrigado a me tornar membro para ser deixado em paz, mas não concordo muito com o sindicato. Eles se acham espertos, e me acham bobo por pensar diferente. Ora, não há mal nisso! Não me deixam ser bobo em paz, mas me forçam a ser tão esperto quanto eles; e eu digo que isso não é a liberdade britânica. Sou forçado a ser esperto de acordo com as ideias deles, ou então me perseguem e não me deixam trabalhar.

O que seu pai poderia estar fazendo lá em cima? Como fazia barulho! Por que ele não descia? Ou então, por que Job não ia embora? A comida ia esfriar.

Mas Job não estava com vontade de ir embora.

— Minha tolice é essa, Mary: eu aceito o que dá para conseguir. Acho que meia broa de pão é melhor do que pão nenhum. Melhor trabalhar por pouco dinheiro do que ficar em casa sem fazer nada e morrer de fome. Mas aí chega o sindicato e diz: “Se você aceitar a meia broa, vamos incomodar você até morrer. Prefere passar fome ou ficar incomodado?” A fome é uma morte tranquila, mas o incômodo, não. Então eu escolho a fome e entro para o sindicato. Mas já que sou um bobo, preferia que me deixassem quieto.

Os degraus da escada rangeram. Seu pai estava descendo, afinal.

Sim, ele desceu, mas mais furioso do que antes e também pronto para a viagem; com o embrulhinho debaixo do braço. Aproximou-se de Job e, com mais educação do que Mary esperara, se despediu dele. Então voltou-se para ela e, de maneira ríspida e fria, disse-lhe até logo.

— Ah, papai! Não vá ainda. Seu jantar está pronto. Espere só um pouco.

Mas ele empurrou-a e saiu. Mary foi até a porta, com lágrimas súbitas lhe enevoando a vista; ficou ali, vendo seu pai se afastar. Estava tão estranho, tão frio, tão duro. De repente, do outro lado do pátio, ele se virou e a viu parada ali; voltou depressa e pegou-a nos braços.

— Deus lhe abençoe, Mary! Que Deus Todo-Poderoso lhe abençoe, minha pobre filha!

Mary envolveu o pescoço dele.

— Não vá ainda, papai; não vou suportar isso. Entre e coma seu jantar. Está tão pálido; papai querido, por favor!

— Não — disse John Barton, numa voz débil e triste. — É melhor assim. Não vou conseguir comer e tenho de ir. Não consigo parar quieto em casa. Tenho de me mexer.

Dizendo isso, ele se livrou dos braços macios que o enlaçavam e, beijando-a mais uma vez, foi cumprir sua terrível missão.

Lá se foi ele! Mary não sabia por que, mas nunca tinha se sentido tão deprimida, tão desolada. Voltou-se para Job, que estava ali, imóvel. Assim que se encontrou fora do alcance dos olhos dela, seu pai diminuiu os passos e entrou naquele ritmo pesado e triste que expressava, tão bem quanto as palavras, o desespero e a fraqueza. Estava ficando escuro, mas

ele seguiu adiante, sem cumprimentar ninguém.

Um choro de criança lhe chamou a atenção. Estava pensando no pequeno Tom; na criança morta e enterrada de tempos mais felizes. Seguiu o som dos gemidos, que poderiam ter sido *dele*, e encontrou um pobre e pequeno mortal que se perdera e cuja tristeza lhe fazia ter apenas um pensamento estrangulado: “Mamãe, mamãe.” Com palavras doces, John Barton consolou o rapazinho e, com uma paciência perfeita, reuniu fragmentos de sentido nas meias palavras que vinham misturadas a soluços daquele coração aterrado. Então, após fazer perguntas a um transeunte, levou o menino para casa, onde a mãe estava ocupada demais para sentir sua falta, mas recebeu-o com gratidão e com uma eloquente bênção irlandesa. Quando John ouviu a bênção, balançou a cabeça com tristeza e se virou para continuar pelo mesmo caminho.

Vamos deixá-lo.

Mary pegou a costura depois que ele foi embora e ficou ali sentada por um bom tempo, tentando ouvir Job, que estava mais inclinado a conversar do que o normal. Tinha controlado sua impaciência com ele e chegado até a lhe oferecer o jantar rejeitado pelo pai; tentou mesmo comê-lo ela própria. Mas o desânimo a dominou. Parecia haver um peso de chumbo sobre seu corpo; uma espécie de pressentimento do mal, ou talvez apenas um excesso de melancolia como consequência das duas partidas que haviam ocorrido naquela tarde.

Mary se perguntou por quanto tempo Job Legh ficaria ali. Não queria largar a costura e chorar na frente dele, mas nunca na vida ansiara tanto por ficar sozinha para poder deixar cair todas as lágrimas que desejasse.

— Bem, Mary — disse ele de repente —, achei que ia se sentir um pouco só esta noite; e como Margaret foi alegrar a velha, eu pensei: vou fazer companhia para a moça; e nós tivemos uma boa conversa, muito boa. Mas é estranho que Margaret não tenha voltado ainda.

— Mas talvez tenha, sim — sugeriu Mary.

— Não, não, eu tomei minhas precauções. Olhe aqui — disse Job, tirando do bolso a enorme chave da porta. — Ela teria que ficar esperando na rua, e tenho certeza de que não iria fazer isso, sabendo onde me encontrar.

— Ela vai voltar sozinha? — perguntou Mary.

— Vai. A princípio, eu tinha medo de confiar e costumava ir andando um pouco atrás dela; sem nunca dar na vista, é claro. Mas que coisa! A menina vai caminhando direitinho; bem devagar, obviamente, e com a cabeça um pouco pendida para um lado, como se estivesse escutando. E é muito bonito de ver Margaret atravessando a rua. Ela espera bastante tempo até ouvir que está tudo parado; não que seja tão cega a ponto de não ver uma carruagem ou uma carroça como uma coisa preta enorme, mas, com os olhos, não consegue avaliar bem a que distância elas estão; por isso, ouve. Atenção! Aí vem ela!

Sim; Margaret entrou, com o rosto sempre plácido, molhado de lágrimas e marcado pela tristeza.

— O que foi, minha menina? — perguntou Job depressa.

— Ah, vovô! Alice Wilson está tão mal!

Ela não conseguiu dizer mais nada, de tão agitada e sem fôlego que estava. Aquela tarde e a despedida de Will tinham deixado seus nervos fracos demais para um choque adicional.

— O que houve? Conte, por favor, Margaret! — pediu Mary, sentando a amiga numa cadeira e desatando as fitas do seu chapéu.

— Acho que foi uma apoplexia. De qualquer maneira, ela está com um lado do corpo paralisado.

— Foi antes de Will ir embora? — perguntou Mary.

— Não, quando eu cheguei, ele já tinha ido — disse Margaret —, e ela estava mais ou menos na mesma. Falou um pouco, mas não muito. Isso é até natural, pois a Sra. Wilson não deixa quase ninguém falar, como vocês sabem. Quando Alice se levantou para ir até o outro lado da sala, eu ouvi primeiro a perna dela arrastando um pouco e logo depois um baque. A Sra. Wilson veio correndo e soltou um grito! Eu fiquei ali com a Alice enquanto ela ia chamar um médico; mas ela não conseguia responder nada do que eu perguntava, apesar de ter tentado, acho.

— Onde estava Jem? Por que ele não foi chamar o médico?

— Ele estava na rua quando eu cheguei e ainda não tinha voltado.

— Mas você não deixou a Sra. Wilson sozinha com a pobre da Alice, deixou? — perguntou Job depressa.

— Não, não — disse Margaret. — Mas, ah, vovô. Agora é que estou sentindo como é horrível ter perdido a visão. Seria tão bom poder cuidar dela; e eu bem que tentei, até ver que estava mais atrapalhando do que ajudando. Ah, vovô! Se eu conseguisse enxergar!

Margaret soluçou um pouco, e eles a deixaram desafogar seu coração. Então, ela continuou:

— Não! Eu fui até a casa da Sra. Davenport, que estava trabalhando duro; mas, no minuto em que disse por que estava ali, ela se dispôs a ir à casa de Jane Wilson passar a noite cuidando de Alice.

— E o que o médico disse? — perguntou Mary.

— Ah! O que todos os médicos dizem: coloca uma cerca de um lado e uma cerca de outro, por medo de lhe apanharem tropeçando na própria opinião. Primeiro, diz que não há muita esperança; mas, enquanto há vida, há esperança! Depois, diz que é possível que ela se recupere parcialmente; mas, por outro lado, a idade dela é um ponto negativo. Mandou colocar sanguessugas na cabeça dela.

Margaret, depois de ter contado sua história, se recostou, cansada, tanto física quanto mentalmente. Mary foi correndo preparar uma xícara de chá para ela, enquanto Job, que há pouco falara tanto, ficou sentado num silêncio melancólico.

— Eu vou lá amanhã de manhã bem cedo para saber como ela está; e dou notícia antes de ir trabalhar.

— Que azar que Will já tenha ido — disse Job.

— Jane acha que ela não reconhece ninguém — respondeu Margaret. — Talvez seja melhor que ele não a veja agora, pois dizem que está com o rosto muito contraído. Will vai lembrar melhor de seu rosto verdadeiro se não voltar a vê-la.

Com mais alguns comentários tristes, eles se separaram até o dia seguinte, e Mary ficou sozinha em casa, para refletir sobre o dia pesado que passara. Tudo parecia estar dando errado. Will se fora; seu pai se fora — e de maneira tão estranha! E para um lugar como Glasgow, que

Ele parecia tão misterioso e tão distante! Ela considerara sua presença uma proteção contra Harry Carson e suas ameaças; e tinha pavor de que o rapaz soubesse que agora estava a sós. Seu coração também começou a deixar de ter esperanças em relação a Jem. Mary temia que ele houvesse deixado de amá-la; e ela — ela só o amava mais e mais diante daquela aparente negligência. E, como se todo esse conjunto de pensamentos sombrios não fosse suficiente, ali estava aquele novo pesar: o ataque de paralisia da pobre Alice.

Assassinato

Mas seu pulso já não lateja
Seus lábios não deram um último soluço
Nem um suspiro, uma palavra ou um arfar
Anunciaram que estava a caminho da morte

O cerco a Corinto⁴⁹

Minha mente vai daqui para lá; não pensa
[em nada
Que não seja vingança

Duque de Guise⁵⁰

Agora, devo voltar até uma ou duas horas antes de Mary e seus amigos se despedirem. Foi mais ou menos às oito daquela noite, e as três irmãs Carson estavam sentadas na sala de estar do pai. Ele estava dormindo na sala de jantar, em sua confortável cadeira. A Sra. Carson, como sempre acontecia com ela quando não havia nada de muito excitante ocorrendo, estava se sentindo muito mal, e estava no andar de cima, sentada em seu quarto de vestir, se dando ao luxo de uma dor de cabeça. Era verdade que não estava bem. Os criados diziam que tinha “vento na cabeça”. Mas aquilo era apenas a consequência natural do estado de inação mental e física no qual ela se encontrava. Sem ter recebido educação suficiente para dar valor aos recursos da fortuna e do ócio, dispunha de ambos. Teria sido melhor para ela se, no lugar de todo o éter e sal volátil que tinha o hábito de ingerir diariamente, houvesse tomado para si as tarefas de uma de suas criadas durante uma semana; fazendo camas, esfregando mesas, batendo tapetes e saindo no ar fresco da manhã sem toda a parafernália de xale, capa, cachecol, botas de pele, chapéu e véu com a qual se equipava antes de ir “tomar ar” na carruagem toda fechada.

Assim, as três moças estavam sozinhas na sala de estar confortável, elegante e bem-

iluminada; e, como muitas jovens em situação semelhante, não sabiam exatamente o que fazer para passar o tempo até a hora do chá. As duas mais velhas tinham ido a um baile na noite anterior e, por isso, estavam desanimadas e sonolentas. Uma tentou ler os *Ensaio*s de Ralph Waldo Emerson e adormeceu ao fazê-lo; a outra estava folheando um embrulho de novas partituras, para selecionar as que lhe agradavam. Amy, a mais nova, copiava uma música. O ar estava pesado com a fragrância de flores de cheiro forte, que emitiam seus odores noturnos de uma estufa adjacente.

O relógio da lareira bateu 8 horas. Sophy (a irmã que dormia) acordou com um sobressalto ao ouvir o som.

— Que horas são? — perguntou.

— Oito — respondeu Amy.

— Minha nossa! Como estou cansada! Harry já chegou? O chá vai me despertar um pouco. Você não está exausta, Helen?

— Sim, estou bastante cansada. A gente não presta para nada um dia depois de um baile. Mas, na hora, eu não me canso. Acho que deve ser porque voltamos tão tarde.

— Mas como poderia ser diferente? Tantas pessoas só almoçam às cinco ou às seis que é impossível começar antes das oito ou nove; e leva algum tempo até entrarmos no espírito da coisa. É sempre mais divertido depois do jantar, e não antes.

— Bem, hoje estou cansada demais para consertar o mundo na questão dos bailes. O que está copiando, Amy?

— Aquela ária espanhola que você canta, “Quien quiera”.

— E para quê?

— Harry me pediu que o fizesse para ele esta manhã depois do café. Disse que é para a Srta. Richardson.

— Para Jane Richardson! — exclamou Sophy, como se uma nova ideia estivesse ganhando força em sua mente.

— Você acha que Harry tem alguma intenção ao ser tão atencioso com ela? — perguntou Helen.

— Ah, não sei nada além do que você sabe; posso apenas observar e conjecturar. O que você acha, Helen?

— Harry sempre gosta de ser importante aos olhos da moça mais bonita do evento. Se uma menina é mais admirada do que as outras, ele gosta de ficar em torno dela e fazer parecer que têm intimidade. É o jeito dele, e não notei nada além disso em seu comportamento com Jane Richardson.

— Mas não acho que ela saiba que é apenas o jeito dele. Preste atenção nela da próxima vez que a encontrarmos e Harry estiver junto, para ver como fica vermelha e desvia o olhar se acha que ele está se aproximando. Acho que ele percebe também, e isso o deixa satisfeito.

— Imagino que Harry fosse gostar bastante de virar a cabeça de uma moça tão bonita quanto Jane Richardson. Mas não estou convencida de que esteja apaixonado, ainda que ela esteja.

— Ora essa! — disse Sophy, indignada. — Mesmo sendo nosso irmão, acho que está se

comportando muito mal. Quanto mais penso no assunto, mais certeza tenho de que ela acha que ele tem intenções sérias, e que ele está fazendo-a achar isso de propósito. E então, quando Harry deixar de dar atenção para a menina...

— O que vai acontecer assim que uma mais bonita aparecer — interrompeu Helen.

— Quando Harry deixar de dar atenção para a menina — continuou Sophy, retomando o fio da meada —, ela vai ficar de coração partido, e depois vai se endurecer e virar uma coquete, da mesma forma como ele, que é um paquerador. Pobrezinha!

— Não gosto de ouvir você falar assim de Harry — disse Amy, erguendo os olhos para Sophy.

— E eu não gosto de falar assim, Amy, pois o amo muito. É um irmão bondoso e gentil, mas é verdade que é vaidoso, e que não faz ideia da tristeza, do mal, a que sua vaidade pode levar.

Helen bocejou.

— Ah! Acha que poderíamos pedir o chá? Dormir depois do almoço me deixa tão mole.

— Claro. Por que não? — respondeu Sophy, que era mais decisiva, puxando a sineta com determinação. — Queremos o chá agora, Parker — ordenou ela quando o homem entrou na sala.

Sophy estava tão desacostumada a ler as expressões nos rostos dos outros que não notou a de Parker.

Mas era impressionante. Seu rosto estava de uma palidez mortal; os lábios comprimidos como se quisessem guardar para si uma história de horror; os olhos arregalados e sobrenaturais. Era uma expressão apavorada.

As meninas começaram a guardar as partituras e os livros, se preparando para o chá. A porta foi lentamente aberta de novo e, dessa vez, foi a babá que entrou. Eu a chamo de babá, pois essa tinha sido sua função há muito tempo, embora agora tivesse uma situação anômala na família. Costureira, ajudante das moças, guardiã da despensa; porém, ainda chamada de “a babá” por todos. Vivia há mais tempo com a família do que qualquer outro criado e, com ela, os Carson eram muito menos altivos do que com os outros que trabalhavam na casa. A babá às vezes entrava na sala de estar procurando por coisas que pertenciam ao pai ou à mãe das meninas e, por isso, não causou surpresa ao surgir no cômodo. Elas continuaram a guardar os diversos objetos com que vinham se ocupando.

A babá queria que erguessem os olhos. Queria que lessem algo em seu rosto — tão repleta de tristeza, de horror. Mas elas continuaram sem perceber nada. Ela tossiu; não uma tosse natural, mas uma daquelas que claramente pedem por atenção.

— Minha querida babá, o que houve? — perguntou Amy. — Não está bem?

— A mamãe está doente? — perguntou Sophy, depressa.

— Fale, fale, babá! — disseram todas, ao ver seus esforços para articular palavras impedidos por algo que lhe estrangulava a garganta.

As meninas rodearam a mulher, ansiosas, vislumbrando o fato terrível que iria ser revelado.

— Minhas queridas! Minhas meninas! — soluçou ela, afinal, desatando então a chorar.

— Ah, por favor, nos conte o que é! Qualquer coisa é melhor do que isso. Fale!

— Minhas filhas! Não sei como dizer isso a vocês. Minhas queridas, o pobre Sr. Harry foi

trazido para casa...

— Trazido para casa? Como assim, *trazido* para casa?

Instintivamente, elas começaram a sussurrar; um sussurro repleto de medo. No mesmo tom baixo, como se temendo que as paredes, os móveis, os objetos inanimados, que expressavam uma preparação para a vida e o conforto, pudessem ouvir a babá responder:

— Morto!

Amy agarrou o braço da babá e fixou os olhos nela para saber se tal coisa poderia ser verdade. Quando viu a confirmação naqueles olhos tristes, pesarosos e firmes, desabou, sem dizer qualquer palavra ou emitir qualquer som, desmaiada no chão. Uma das irmãs se sentou num sofá e cobriu o rosto, para tentar absorver a notícia. Foi Sophy. Helen se atirou no sofá e, afundando a cabeça nas almofadas, tentou abafar os gritos e gemidos que lhe sacudiam o corpo.

A babá ficou em silêncio. Não contara ainda *tudo*.

— Diga — pediu Sophy, erguendo o olhar e falando numa voz rouca, que mostrava a dor que sentia. — Diga, babá! Ele está *morto*? Foi isso que você disse? Já mandou chamar um médico? Ah! Mande, mande! — continuou, com um tom já histérico, ficando de pé.

Helen se ergueu e olhou, expectante e impaciente, para a babá.

— Minhas queridas, ele está morto! Mas eu mandei chamar um médico, sim. Fiz tudo o que podia.

— Quando ele... quando foi que o trouxeram para casa? — perguntou Sophy.

— Há cerca de dez minutos. Antes de vocês tocarem a sineta chamando Parker.

— Como ele morreu? Onde o encontraram? Ele estava tão bem! Sempre parecia tão forte! Ah, tem certeza de que está morto?

Ela foi na direção da porta, mas a babá pousou a mão em seu braço.

— Srta. Sophy, eu ainda não disse tudo. Será que vocês vão suportar ouvir? Lembrem-se, o patrão está na sala ao lado e ainda não sabe de nada. Vamos, vocês precisam me ajudar a contar para ele. Fique quieta, minha querida! Ele não morreu de uma morte comum!

Sophy olhou para o rosto da babá, como se tentasse descobrir o que queria dizer pelos olhos dela.

Seus lábios se moveram, mas a babá não ouviu nenhum som ser emitido.

— Ele levou um tiro quando estava vindo para casa pela rua Turner esta noite.

Sophy continuou a mover os lábios, retorcendo-os de maneira quase convulsiva.

— Minha querida, você precisa se controlar e lembrar que seu pai e sua mãe ainda não sabem. Fale, Srta. Sophy!

Mas Sophy não conseguiu; todo o seu rosto de mexeu de forma involuntária. A babá deixou a sala e, quase imediatamente, voltou com sal volátil e água. Sophy bebeu tudo, sôfrega, e deu um ou dois suspiros. Então falou com uma voz calma, sobrenatural:

— O que você quer que eu faça, babá? Vá cuidar de Helen e da pobre Amy. Veja, elas precisam de ajuda.

— Pobrezinhas! Precisamos deixá-las em paz durante algum tempo. Você tem de ir falar com o patrão; é isso que eu quero que faça, Srta. Sophy. Precisa dar a notícia a ele, coitado!

Venha, o patrão está dormindo na sala de jantar e os homens estão esperando para falar com ele.

Sophy foi mecanicamente até a porta da sala de estar.

— Ah, não consigo entrar! Não vou conseguir contar a ele. O que devo dizer?

— Eu entro com você, Srta. Sophy. Dê a notícia aos poucos.

— Não consigo, babá. Minha cabeça está latejando tanto que certamente direi a coisa errada.

Ela, no entanto, abriu a porta. Lá estava seu pai, com a luz tênue do lampião a vela iluminando e suavizando suas feições marcadas, enquanto seus cabelos brancos como a neve formavam um contraste bonito com o marroquim escarlate da poltrona. O jornal que ele estivera lendo caíra no tapete ao seu lado. Sua respiração estava profunda e regular.

Naquele instante, as palavras da canção da Sra. Hemans surgiram com força na mente de Sophy.

“Não sabem o que fazem
Aqueles que tiram de um reino invisível
Quem dorme, fazendo-o voltar
Ao caminho sombrio e cansativo da vida.”⁵¹

Mas o caminho dessa vida seria mais do que sombrio e cansativo dali em diante para o pai que perdera o filho.

— Papai — disse Sophy, baixinho.

Ele não se mexeu.

— Papai! — exclamou ela, um pouco mais alto.

Ele teve um sobressalto e começou a acordar.

— O chá está pronto? — perguntou, bocejando.

— Não! Mas papai, algo muito horrível... muito triste aconteceu!

O pai bocejava tão alto que não compreendeu as palavras da filha e não viu a expressão de seu rosto.

— O Sr. Henry não voltou — disse a babá.

Sua voz, dirigindo-se a ele de maneira tão estranha, chamou sua atenção e, esfregando os olhos, o Sr. Carson olhou para a mulher.

— Harry! É, eu sei. Ele foi participar de uma reunião dos donos de fábrica sobre esses malditos grevistas. Não o estou esperando por enquanto. Por que está me olhando desse jeito tão esquisito, Sophy?

— Ah, papai, o Harry voltou — disse a menina, desatando a chorar.

— O que quer dizer? — perguntou ele, acordando e tomando uma consciência impaciente de que algo estava errado. — Uma de vocês diz que ele não voltou, e a outra diz que voltou. Que bobagem! Digam neste minuto qual é o problema. Ele foi a cavalo para a cidade? Sofreu alguma queda? Fale, minha filha!

— Não! Ele não sofreu nenhuma queda, papai — disse Sophy com tristeza.

— Mas está muito machucado — interrompeu a babá, desejando que a ansiedade do patrão

tomasse uma forma definida.

— Machucado? Onde? Como? Você mandou chamar um médico? — disse ele, se levantando depressa, como se pretendesse sair da sala.

— Sim, papai nós mandamos chamar um médico. Mas eu temo que... acredito que seja em vão.

O Sr. Carson olhou para ela e leu a verdade em seu rosto. Seu filho, seu único filho, estava morto.

Ele afundou na cadeira, escondeu o rosto nas mãos e baixou a cabeça na cabeça. A mesa de jantar de mogno maciço sacudiu sob sua agonia.

Sophy se aproximou e colocou os braços em torno do pescoço abaixado.

— Vá embora! Você não é Harry — disse ele.

Mas o gesto o fez despertar.

— Onde ele está? Onde está o... — perguntou, com o rosto forte marcado pelas linhas da agonia, após dois minutos de um pesar tão intenso.

— No salão dos criados — disse a babá. — Dois policiais e um outro homem o trouxeram para casa. Gostariam de falar com o senhor quando puder, patrão.

— Agora mesmo — respondeu o Sr. Carson.

Quando ficou de pé, vacilou a princípio, mas, ao se estabilizar, caminhou com a firmeza de um soldado em marcha até a porta. Então se voltou e se serviu de uma taça de vinho do decantador que ainda estava sobre a mesa. Seus olhos pousaram sobre a taça que Harry usara apenas duas ou três horas antes. Ele deu um longo e trêmulo suspiro e então, se controlando mais uma vez, deixou a sala.

— É melhor você ir ver suas irmãs, Srta. Sophy — disse a babá.

A moça obedeceu. Ela ainda não se sentia capaz de encarar a morte.

A babá foi atrás do Sr. Carson para o salão dos empregados. Lá, na mesa onde eles jantavam, estava o pobre morto. Os homens que o haviam trazido estavam sentados perto do fogo, enquanto diversos dos criados se aglomeravam em torno da mesa, observando o cadáver.

O cadáver!

Um ou dois choravam; um ou dois cochichavam; com uma estranha gravidade nas vozes e nos gestos devido à presença da morte. Quando o Sr. Carson entrou, todos se afastaram e olharam para ele com a solenidade que a perda merecia.

Ele se aproximou e olhou longa e carinhosamente para o rosto tranquilo do morto; então se abaixou e beijou os lábios ainda escarlates de vida. Os policiais tinham avançado e estavam ali, prontos para serem questionados. Mas, a princípio, a mente do velho só conseguiu absorver a ideia da morte; devagar, devagar, surgiu a noção da violência, do assassinato.

— Como ele morreu? — gemeu ele.

Os policiais se entreolharam. Então um começou a falar, explicando que, após ter ouvido o barulho de um tiro na rua Turner, se virara naquela direção (pegando o que o Sr. Carson sabia ser um caminho deserto e ermo, mas que era um atalho até a porta de seu jardim, da qual Harry tinha uma chave); quando ele (o policial) se aproximara, ouvira passos que pareciam ser de um homem fugindo; mas, como a noite estava tão escura (pois a lua ainda não estava alta),

só tinha conseguido ver cerca de 20 metros adiante. Contou também que tomou um susto ao chegar perto do corpo, ao vê-lo estirado na rua a seus pés; que fez soar sua matraca de vigia; e que, quando outro policial surgiu, à luz do lampião, eles descobriram a identidade do homem assassinado. Disse que acreditavam que ele estava morto quando o ergueram, pois não chegara a se mover, falar ou respirar. Que a notícia do assassinato fora enviada ao superintendente, que provavelmente logo estaria ali. Que dois ou três policiais ainda estavam perto do local onde o crime ocorrera, procurando alguma pista do assassino. Após terem dito tudo isso, eles pararam de falar.

O Sr. Carson tinha ouvido tudo com atenção, sem jamais tirar os olhos do cadáver. Quando os homens terminaram, ele perguntou:

— Onde foi o tiro?

Eles ergueram alguns cachos castanhos e mostraram um ponto azul (mal podia ser chamado de buraco, pois a carne o recobria quase todo) na têmpora esquerda. Um tiro mortal! Mesmo numa noite tão escura!

— Ele devia estar bem perto — disse um dos policiais.

— E vendo a silhueta dele recortada contra o céu — acrescentou o outro.

Houve uma pequena comoção na porta do cômodo, e viu-se que ali estava a pobre Sra. Carson, a mãe.

Ela ouvira ruídos estranhos na casa e mandara sua criada (que lhe fazia muito mais companhia do que suas filhas refinadas) para descobrir o que estava acontecendo. Mas a criada ou se esquecera ou sentira medo demais de voltar; e, com uma impaciência nervosa, a Sra. Carson descera ela própria, seguindo o burburinho até o salão dos criados.

O Sr. Carson se virou. Mas não era capaz de deixar o morto por nenhum ser vivo.

— Leve-a daqui, babá. Ela não deve ver isso. Mande a Srta. Sophy cuidar da mãe.

Seus olhos mais uma vez estavam fixos no rosto do filho morto.

Logo os gritos histéricos da Sra. Carson foram ouvidos pela casa toda. Seu marido estremeceu diante da expressão externa da agonia que lhe destroçava o coração.

Então o superintendente da polícia veio e, depois dele, o médico. Este último fez todos os procedimentos necessários para se certificar da morte sem dizer nenhuma palavra. Quando, ao concluir a operação de abrir uma veia, da qual nenhum sangue jorrou, ele balançou a cabeça, todos ali presentes compreenderam que o que temiam estava confirmado. O superintendente pediu para falar com o Sr. Carson em particular.

— Era isso mesmo que eu ia lhe pedir — respondeu ele.

E foi com o homem até a sala de jantar, onde a taça de vinho ainda estava sobre a mesa.

A porta foi fechada com cuidado e ambos se sentaram, cada um aparentemente esperando que o outro começasse.

Afinal, o Sr. Carson falou:

— Você deve ter ouvido falar que eu sou um homem rico.

O superintendente assentiu.

— Bem, meu senhor, metade... Não, se necessário, toda a minha fortuna será usada para levar o assassino à forca.

— O senhor pode ter certeza de que nós não vamos medir esforços; mas é provável que oferecer uma bela recompensa acelere a descoberta do assassino. O que eu queria lhe dizer, senhor, é que um dos homens já tem uma pista e que outro (que me acompanhou até aqui) achou, nos últimos quinze minutos, uma arma no campo que o assassino atravessou e que ele deve ter atirado ao ser perseguido, por ver que atrapalhava sua fuga. Não tenho a menor dúvida de que vamos descobrir sua identidade.

— O que você considera uma bela recompensa?

— Bem, senhor, trezentas, ou quinhentas libras seriam suficientes: mais, provavelmente, do que o necessário para persuadir qualquer cúmplice.

— Ofereça mil — disse o Sr. Carson com firmeza. — Foi obra daqueles malditos grevistas.

— Imagino que não — disse o superintendente. — Há alguns dias, o homem a quem eu me referia antes, quando voltou da ronda, relatou ao inspetor que teve de separar uma briga entre seu filho e um rapaz, que, pelas roupas, ele acreditava trabalhar na fundição; contou que o homem atirara o Sr. Carson no chão e parecia inclinado a ser mais violento quando o policial apareceu e interferiu. Na verdade, meu subordinado queria prendê-lo por agressão, mas o Sr. Carson não permitiu.

— Típico dele! Um menino tão nobre! — murmurou o pai.

— Mas depois que seu filho partiu, o homem fez sérias ameaças. É uma coincidência curiosa que a contenda tenha ocorrido no exato lugar onde o assassinato foi cometido: a rua Turner.

Havia alguém batendo na porta da sala. Era Sophy, que, fazendo um gesto para que o pai saísse, pediu-lhe num sussurro aterrorizado que subisse e fosse conversar com sua mãe.

— Ela se recusa a sair de perto de Harry e estava falando coisas tão estranhas. Na verdade... Na verdade, papai, acho que perdeu o juízo.

E a pobre menina soltou soluços desolados.

— Onde ela está? — perguntou o Sr. Carson.

— No quarto dele.

Eles foram para o andar de cima depressa e em silêncio. Era um quarto amplo e confortável; amplo demais para ser bem iluminado pela luz bruxuleante da vela de cozinha que fora agarrada às pressas e que agora estava sobre o toucador.

Na cama, cercada por cortinas pesadas que pareciam um pano mortuário, estava o filho morto. Eles o haviam carregado lá para cima e deitado na cama, com tanto carinho que pareciam temer acordá-lo; e, de fato, aquilo mais parecia o sono à morte, de tão tranquilo estava o rosto. Era possível ver também a beleza bem-esculpida das feições com muito mais perfeição do que quando a cor forte da vida distraía a atenção de quem olhava. Estava envolto numa paz que mostrava que a morte fora instantânea demais para causar qualquer dor.

Numa cadeira, na cabeceira da cama, estava a mãe — e sorria. Segurava uma das mãos do filho (que rapidamente se enrijecia, apesar de seu toque cálido) e acariciava suas costas devagar, com o mesmo carinho que usara com todos os filhos quando estes eram jovens.

— Que bom que você veio — disse ela, erguendo os olhos para o marido, ainda sorrindo. — Harry é tão engraçado! Sempre inventa algo novo para nos divertir; agora, está fingindo que

dorme e que nós não conseguimos acordá-lo. Olhe! Está sorrindo agora; viu que eu já sei que está fazendo graça. Olhe!

E era verdade que os lábios, no descanso da morte, pareciam mesmo sorrir, e que a luz trêmula do pavio longo da vela quase dava a impressão de que estavam se movendo.

— Olhe, Amy — disse a mãe para a filha mais nova, ajoelhada aos seus pés, tentando consolá-la beijando suas roupas. — Ah, ele sempre foi danado! Você lembra, não é meu amor? Como era brincalhão quando era bebê; escondendo o rosto debaixo do meu braço quando queria brincar com ele. Harry sempre foi um danado!

— Precisamos tirá-la daqui, patrão — disse a babá. — O senhor sabe que há muito a fazer antes de...

— Sim, babá — disse o pai, interrompendo-a depressa, com medo de ouvir as palavras que descreveriam as mudanças causadas pela morte. — Venha, meu amor — pediu ele à esposa. — Quero que venha comigo. Quero conversar com você lá embaixo.

— Já vou — respondeu ela, se levantando. — Talvez, babá, ele esteja mesmo muito cansado e queira dormir. Mas não deixe que tome friagem; está com a mão um pouco fria — continuou, depois de ter se abaixado e beijado os lábios pálidos.

O marido colocou a mão ao redor de sua cintura e eles saíram do quarto. Então as três irmãs desataram a chorar, desesperadas. Subitamente, tinham compreendido a realidade da vida e da morte. Mas, mesmo em meio aos gritos e gemidos, aos tremores e dentes batendo, os olhos de Sophy perceberam a beleza tranquila do morto, tão calmo, apesar de cercado pela violência. Assim, ela controlou sua emoção.

— Vamos — disse para as irmãs. — A babá quer que saíamos daqui. Além do mais, temos que ficar com a mamãe. Quando eu fui chamar o papai, ele pediu que o homem com quem estava esperasse, e ela não pode ser deixada sozinha.

Enquanto isso, o superintendente pegara uma vela e estava examinando as gravuras penduradas na sala de jantar. Para ele, a proximidade com o crime era tão comum que estava longe de ter todo o seu interesse absorvido por aquele caso violento, embora não deixasse de ansiar por desmascarar o assassino. Estava ocupado olhando o único quadro a óleo na sala (um rapaz de cerca de dezoito anos, usando uma fantasia de baile) e conjecturando se seria aquele que sofrera uma morte tão misteriosa, quando a porta se abriu e o Sr. Carson entrou. Por mais grave que tivesse estado antes de sair, parecia ainda mais agora. Seu rosto se endurecera numa ira implacável, cujo objetivo era um só.

— Desculpe-me pela minha ausência — disse ele.

O superintendente fez uma mesura. Eles se sentaram e passaram um longo tempo conversando. Um por um, os policiais foram chamados e interrogados.

Durante a noite toda, houve agitação e comoção na casa. Ninguém pensou em ir se deitar. No quarto da mãe, soou estranho a Sophy ouvir a babá ser chamada para o jantar no meio da noite, e ainda mais estranho que ela fosse. A necessidade de comer e beber parecia fora de lugar na casa da morte.

Quando o dia raiava, a porta da sala de jantar foi aberta e os passos de duas pessoas foram ouvidas no vestíbulo. O superintendente afinal estava indo embora. O Sr. Carson ficou parado

no degrau que dava na porta da frente, sentindo o frescor do ar frio da manhã e vendo as estrelas se esmaecerem na alvorada.

— Não se esqueça — disse ele. — Confio no senhor.

O policial fez uma medida.

— Não se preocupe com os gastos. De agora em diante, minha fortuna só serve para que esse assassino seja preso e julgado. Minha esperança na vida é que seja condenado à morte. Ofereça qualquer recompensa. Coloque mil libras nos cartazes. Venha me ver a qualquer hora, do dia ou da noite, se for necessário. Só lhe peço que leve o assassino à forca. Semana que vem, se possível. Hoje é sexta-feira. Sem dúvida, com as pistas que você já tem, conseguirá reunir provas suficientes para levá-lo ao tribunal na semana que vem.

— Ele poderá facilmente pedir um adiamento do julgamento, por não ter sido notificado com antecedência suficiente — disse o superintendente.

— Impeça isso, se for possível. Vou contratar os melhores advogados. Não descansarei enquanto ele viver.

— Tudo será feito, senhor.

— Reúna-se com o magistrado encarregado da investigação. Às dez, se for conveniente.

O superintendente se retirou.

O Sr. Carson continuou ali, no seu horror de abandonar a luz e o ar fresco e voltar à casa lúgubre e assombrada.

— Meu filho! Meu filho! — exclamou, afinal. — Mas você será vingado, meu pobre menino assassinado.

Sim! Para vingar os males que lhe tinham causado, o assassino escolhera a vítima e, de um só golpe, tirara a vida que Deus lhe dera. Para vingar a morte do filho, o velho continuava a viver; com o único propósito de punir o assassino. É verdade que sua vingança estava dentro da lei, mas deixava de ser uma vingança por causa disso?

Sois adoradores de Cristo? Ou de Alecto?

Oh, Orestes!⁵² Você teria sido um bom cristão do século XIX!

49. Versos da estrofe XXVII do famoso poema de Lord Byron. (N. da T.)

50. Obra teatral do poeta inglês John Dryden (1631-1700) e do dramaturgo inglês Nathaniel Lee (1653-1692). (N. da T.)

51. Trecho de “The sleeper” [Aquele que dorme], canção composta em 1830 por Felicia Dorothea Hemans (1793-1835). (N. da T.)

52. Na mitologia grega, Orestes é perseguido pelas três Fúrias — uma das quais é Alecto — após matar a mãe para vingar o assassinato do pai. (N. da T.)

Jem Wilson preso por suspeita de assassinato

Fatos que devia ocultar e não ocultei
Que, confuso, não podia saber,
Se eu sofri ou cometi,
Pois tudo era culpa, remorso ou tristeza.

Coleridge⁵³

Eu deixei Mary, naquela mesma noite de quinta-feira que trouxe a tristeza para o lar do Sr. Carson, assombrada por pensamentos melancólicos. Durante toda a noite, ela se revirou, inquieta, tentando se livrar das ideias que a perseguiam e desejando ver a luz do dia, para que pudesse se levantar e se ocupar. Mas, assim que a alvorada começou a surgir, Mary ficou mais tranquila e caiu num sono profundo, que durou até uma hora que ela teve certeza de ser avançada, pela luz forte que entrava.

Mary se vestiu depressa e ouviu o relógio da igreja que havia ali perto bater oito horas. Estava muito tarde para fazer o que planejara (perguntar como Alice estava e depois voltar e dizer a Margaret) e, por isso, ela foi informar à amiga sobre sua mudança de planos e a causa dela; mas, ao entrar no apartamento, encontrou Job sozinho, com o ar bastante triste. Mary disse por que estava ali.

— Veio ver Margaret, menina! Ora, já faz duas horas que foi à casa dos Wilson. Sim! É verdade que ontem você disse que iria; mas ela não conseguiu parar quieta na cama e saiu cedinho hoje de manhã.

Mary só pôde se sentir culpada por seu longo sono da manhã e correr atrás de Margaret; pois, apesar de já estar tarde, imaginou que não conseguiria trabalhar direito se não soubesse como estava a boa Alice Wilson.

Assim, comendo uma casca de pão de café da manhã, desceu depressa a rua. Mais tarde, se

lembraria de ter visto pequenos grupos de pessoas, ouvindo ou relatando alguma notícia com grande interesse. Naquele momento, porém, só pensava em se apressar, para não levar uma reprimenda da Srta. Simmonds.

Ela foi até a casa de Jane Wilson e, ao chegar, seu coração deu um pulo e o rubor lhe subiu às faces quando ela se deu conta de que Jem talvez estivesse do outro lado daquela porta. Mas lhe asseguro que não pensara nisso antes. Por mais impaciente e apaixonada que fosse, sua preocupação com Alice naquela manhã apressada não estava misturada com a lembrança dele.

Seu coração não precisava ter pulado, o rubor não precisava ter lhe avermelhado o rosto, pois Jem não estava presente. Lá estava a mesa redonda, com uma xícara e um pires que evidentemente tinham sido usados, e lá estava Jane Wilson sentada do outro lado, chorando baixinho, enquanto tomava o café com uma espécie de apetite inconsciente. E lá estava a Sra. Davenport lavando uma touca ou coisa parecida que, por seu aspecto simples e antiquado, Mary soube imediatamente ser de Alice. Mas não havia mais nada — e mais ninguém.

Alice estava mais ou menos na mesma, ou até um pouco melhor, elas disseram; pelo menos já conseguia falar, embora fossem palavras sem sentido. A menina queria vê-la?

É claro que queria. Muitos têm interesse em ver o aspecto diferente daqueles que amam sob a influência de uma doença; e, entre os pobres, não há o medo saudável de contágio ou de choque para restringir esse desejo.

Então Mary subiu acompanhada pela Sra. Davenport, que foi enxugando a água com sabão das mãos e falando num sussurro alto, muito mais audível que sua voz normal.

— Preciso correr para casa, mas volto hoje à noite, a tempo de passar a touca dela a ferro. Ia ser um pecado e uma vergonha deixarmos a pobrezinha suja agora que está doente, depois de ter passado a vida sendo tão limpa. Mas ela está mal, coitada! Não vai reconhecer você, Mary. Não reconhece mais ninguém.

O quarto do andar de cima tinha duas camas, uma mais imponente, com quatro colunas e cortinas xadrez, e a outra, que fora ocupada pelos gêmeos em sua curta vida. A menor havia sido usada por Alice desde que ela se mudara para aquela casa; mas, com a reverência natural por alguém “ferido por Deus”,⁵⁴ fora instalada, desde o ataque paralítico da noite anterior, na cama maior e mais majestosa; enquanto Jane Wilson dormira seu sono curto e agitado no pequeno catre.

Margaret se aproximou para receber a amiga, que acreditava mesmo estar vindo, e cujos passos reconhecia. A Sra. Davenport desceu para continuar a lavar a roupa.

As duas moças não falaram nada; a presença de Alice as impressionava e emudecia. Lá estava ela, com a cor rosada ausente do rosto desde os dias da infância, ressurgida mais uma vez devido à doença, naquela hora próxima da morte. Estava deitada sobre o lado afetado e, com o outro braço, não parava de cortar o ar, não exatamente com agitação, mas de uma maneira monótona e incessante muito dolorosa para quem observava. Falava quase sem parar, num tom baixo e indistinto. Mas seu rosto, visto de perfil, estava calmo, sorridente e até animado pelas ideias que passavam em sua mente enevoada.

— Ouça! — disse Margaret, se inclinando para compreender melhor as palavras murmuradas.

— O que mamãe vai dizer? As abelhas estão indo para casa pela última vez, e ainda falta um pedaço enorme do caminho. Olhe! O ninho do pintarroxo no pé de tojo. A galinha está em cima dele. Repare nos olhinhos dela, como brilham; ela não vai sair dali. É! Temos de ir depressa para casa. A mamãe vai ficar muito feliz com a quantidade de urze que a gente pegou! Ande logo, Sally, pode ser que tenha marisco para o jantar. Vi o jegue do homem que vende marisco indo na nossa direção, de Arnside.

Margaret tocou a mão de Mary e o aperto que recebeu de volta lhe mostrou que elas compreendiam uma à outra; que sabiam como, através daquela doença, Deus enviara uma bênção àquela velha mulher cansada do mundo: ela estava mais uma vez em meio às cenas de sua infância, tão idênticas e vívidas quanto tinham sido nos dias de outrora; mais uma vez com a irmã, a companheira de brincadeiras de mais de cinquenta anos atrás e que, desde pouco depois daquela época, descansava num túmulo coberto pela relva num pequeno cemitério perto de Burton.

O rosto de Alice mudou; ela pareceu triste, quase contrita.

— Ah, Sally! A gente devia ter dito a verdade. Ela pensa que passamos a manhã na igreja e nós ainda não a corrigimos. Se tivéssemos falado desde o início... que era doce o cheiro do pilriteiro entrando pela porta aberta da igreja, que a gente estava no banco mais atrás de todos, que aquela foi a primeira borboleta que vimos desde o começo da primavera, e que ela entrou na igreja... Ah, a mamãe é tão boazinha que eu tenho pena de a gente não ter contado! Da próxima vez que a vir, eu vou lhe dizer: “Mamãe, no domingo passado a gente fez o que não devia.”

Ela parou de falar e algumas lágrimas desceram, furtivas, pelo seu rosto enrugado, diante da lembrança da tentação e da mentira da infância. Decerto, não foram muitos os pecados que obscureceram aquele espírito inocente e infantil desde então. Mary encontrou um lenço de bolinhas vermelhas e colocou-o na mão que buscava algo para enxugar as lágrimas que rolavam. Alice pegou-o, com um murmúrio suave:

— Obrigada, mamãe — disse.

Mary afastou Margaret da cama.

— Você não acha que ela parece feliz, Margaret?

— Acho sim, coitadinha. Ela não sente nenhuma dor e não tem consciência de seu estado. Ah, como eu queria enxergar, Mary! Tento ser paciente quando ela está na minha frente, mas daria qualquer coisa para vê-la e ver o que quer. Sou tão inútil! Pretendo ficar aqui enquanto Jane Wilson estiver sozinha; e gostaria de passar a noite, mas...

— Eu venho — disse Mary, decidida.

— A Sra. Davenport disse que viria de novo, mas ela passa o dia trabalhando duro...

— Eu venho — repetiu Mary.

— Venha, sim! — disse Margaret. — Eu fico aqui até você chegar. — Talvez você e Jem possam se revezar, assim Jane Wilson poderá dormir bem na cama dele; pois passou quase a noite toda de um lado para o outro e, bem quando tinha acabado de cair no sono esta madrugada, entre duas e três horas, Jem voltou para casa e ela logo acordou com o som da voz dele.

— Onde ele estava até essa hora da noite? — perguntou Mary.

— Não sei. Não era da minha conta. Além do mais, só o vi quando ele entrou aqui para ver Alice. Veio de novo esta manhã e parecia muito triste. Mas talvez você possa consolá-lo esta noite, Mary — disse Margaret, sorrindo.

Um raio de esperança brilhou no coração de Mary e, por um instante, ela quase ficou feliz com a ocasião que finalmente os reuniria. Ah, que noite feliz! Quando ela chegaria? Muitas horas ainda se passariam.

Então ela viu Alice e se arrependeu amargamente. Mas não conseguiu deixar de ter felicidade no fundo do coração, por mais que se sentisse culpada. De modo que tentou não pensar enquanto corria para o ateliê da Srta. Simmonds com passos leves de dançarina.

Estava atrasada — sabia que isso ia acontecer. A Srta. Simmonds estava ríspida e irritada. Isso Mary também imaginara, e tinha a intenção de acalmar a fera demonstrando mais diligência e atenção do que nunca. Mas havia algo ocorrendo com suas colegas que ela não compreendia, que não previra. Elas pararam de conversar quando Mary entrou — ou melhor, pararam de escutar, pois Sally Leadbitter era a oradora que ouviam com a mais profunda atenção. Primeiro olharam Mary como se ela tivesse se tornado um novo interesse para todas desde o dia anterior. Depois, começaram a sussurrar; e, por mais absorta que Mary estivesse em seus próprios pensamentos, não conseguiu deixar de perceber que era dela que falavam.

Afinal, Sally Leadbitter perguntou a Mary se ela já sabia da notícia.

— Não. Que notícia? — respondeu ela.

As meninas se entreolharam com um ar grave e triste. Sally continuou a falar.

— Não ouviu falar que o jovem Sr. Carson foi assassinado na noite passada?

Os lábios de Mary não puderam emitir uma resposta negativa, mas ninguém que visse seu rosto pálido e aterrorizado duvidaria que não sabia daquele acontecimento terrível.

Ah, como é terrível a informação súbita de que alguém que conhecemos teve uma morte sangrenta! Queremos fugir do mundo onde tais atos podem ser cometidos e ficamos doentes pensando nos homens violentos e perversos desta terra. Por mais que Mary houvesse passado a ter pavor de Harry Carson ultimamente, agora que tinha morrido (e ainda por cima daquele jeito), ela sentiu uma tristeza opressiva por ele.

A sala rodou e rodou e Mary sentiu que ia desmaiar; mas a Srta. Simmonds entrou, trazendo consigo um sopro de ar mais frio ao abrir a porta para refrescar o corpo e a certeza de uma bronca por falta de atenção para dar firmeza à mente confusa. Ela também estava transbordando com a notícia daquela manhã.

— Você tinha ouvido falar dessa história horrorosa, Srta. Barton? — perguntou, sentando-se para costurar.

Mary tentou falar; a princípio não conseguiu e, quando pôde formar uma frase, pareceu-lhe que não era sua própria voz quem a dizia.

— Não, senhora, só fiquei sabendo agora.

— Ora! É estranho, pois só se fala nisso. Espero que achem o assassino, isso sim. Um rapaz tão bonito, morrer assim. Espero que o desgraçado que fez isso seja enforcado, e muito bem enforcado.

Uma das meninas lembrou que o tribunal superior ia se reunir no condado na semana seguinte.

— É verdade — disse a Srta. Simmonds —, e o leiteiro me disse que vão pegar o maldito, julgar e enforcar em menos de uma semana. Bem-feito para ele, quem quer que seja. Um rapaz tão bonito.

Então cada uma começou a comunicar à patroa os diversos relatos que tinham ouvido. De repente, ela exclamou:

— Srta. Barton! Minha nossa, você está chorando em cima do vestido novo de seda da Srta. Hawkes! Não sabe que vai manchar e estragar a roupa para sempre? Chorando que nem um bebê só porque um rapaz bonito morreu jovem. Que vergonha, menina! Tome tenência e trabalhe direito, fazendo o favor. Ou, já que vai chorar — disse a Srta. Simmonds, vendo que sua bronca só aumentara as lágrimas de Mary —, pegue este tecido aqui. Ele não vai ficar marcado que nem essa linda seda.

Ela esfregou a seda como se a amasse com um lenço de bolso limpo, para secar as bordas das lágrimas redondas e abundantes que tinham caído ali. Mary pegou o tecido e, como era natural, depois de receber permissão para chorar em cima dele, controlou sua vontade de fazê-lo.

Ninguém conseguia parar de falar naquele assunto. A menina que foi comprar retalhos de seda voltou da loja com a notícia de que o relatório do magistrado encarregado da investigação ainda não tinha sido apresentado; as mulheres que vieram encomendar vestidos sempre chegavam comentando sobre o assassinato e misturavam detalhes da história com as instruções sobre as roupas que queriam. Mary sentiu que aquele horror era um pesadelo, um sonho apavorante, do qual ela se livraria quando acordasse. A imagem do cadáver, muito mais aterradora do que a realidade, parecia flutuar diante de seus olhos. Sally Leadbitter olhava-a e falava dela, contando a todas como tinha sido sua conduta, que era mais repreensível aos olhos das colegas pela inconstância do que pelo flerte do começo.

— Pobre rapaz — disse uma delas, quando Sally contou do último encontro de Mary com o Sr. Carson.

— Que vergonha! — exclamou outra, olhando Mary com indignação.

— Isso é o que eu chamo de crueldade — afirmou uma terceira. — E ele mortinho e ensanguentado no caixão!

Mary ficou mais feliz do que teria sabido expressar quando a Srta. Simmonds retornou, para dar um ponto final aos relatos de Sally e reprimir os comentários das meninas.

Ela ansiava pela paz do quarto de Alice. Não pensava mais com infinito deleite em seu encontro com Jem; estava chocada demais para isso agora. Mas, desejando paz e gentileza, as imagens de tranquilidade, beleza e dos tempos inocentes de outrora que os delírios da pobre mulher apresentavam, quis estar tão próxima da morte quanto Alice, já ter passado sua existência neste mundo, cujo sofrimento conhecera tão cedo e cujos crimes agora pareciam querer lhe sufocar. Antigas passagens da Bíblia que sua mãe costumava ler em voz alta (ou melhor, que tinha decorado) quando Mary era criança surgiram em sua memória. “Ali acaba o tumulto dos ímpios, ali repousam os que estão esgotados.”⁵⁵ “E Deus enxugará toda lágrima de

seus olhos.”⁵⁶ E era naquele mundo que Alice logo estaria! Ah! Como ela queria ser Alice!

Preciso voltar à casa dos Wilson, que estava longe de ser o lar pacífico que Mary estava imaginando. Você se lembra da recompensa que o Sr. Carson tinha oferecido pela captura do assassino de seu filho. Ela em si já era uma tentação e, para ajudar sua eficácia, havia a solidariedade natural com os pais idosos que choravam a perda do filho, o lamento pelo jovem morto na flor da idade. Além disso, há sempre um prazer em desvendar um mistério, em agarrar o fio de lã que levará à certeza. Esse sentimento, certamente, dá grande ímpeto aos policiais. Seus sentidos estão sempre alerta, e eles gostam de reunir e encaixar provas, e também da vida de aventura que levam: um desenrolar contínuo de romances policiais, sempre interessantes para a mente vulgar e ignorante, para quem os sinais externos do crime nunca deixam de excitar.

Não faltaram pistas para o relatório do magistrado feito naquela manhã. O tiro, a descoberta do corpo, a descoberta subsequente da arma, foram rapidamente registrados; e então o policial que interrompera a briga entre Jem Wilson e o rapaz assassinado foi trazido e deu seu testemunho de maneira clara, simples e sem rodeios. O magistrado não hesitou, nem tampouco o júri, mas o veredicto foi dado com cautela: “Homicídio doloso cometido por pessoa desconhecida.”

Essa cautela irritou o Sr. Carson, que achava que o caso não requeria nenhuma prudência. Não foi um consolo para ele quando o superintendente afirmou que o veredicto era apenas formal; mostrou o mandato que lhe permitia prender Jem Wilson como o principal suspeito; e declarou sua intenção de pedir que um oficial conhecido do departamento de investigação descobrisse quem era o dono da arma e reunisse outras provas, em especial sobre a moça que fora o motivo da briga, de acordo com o testemunho do policial. O Sr. Carson continuou agitado e irascível; inquieto física e mentalmente. Ele fez todos os preparativos para a acusação de Jem na manhã seguinte perante os magistrados; pagou especialistas em advocacia criminal para acompanhar o caso e preparar o processo; escreveu a advogados famosos prestes a viajar para o norte para contratar seus serviços. Apenas uma condenação e uma execução rápidas pareciam capazes de satisfazer sua sede de sangue. Ele gostaria de ser policial, magistrado, promotor, tudo; mas, principalmente, juiz, se erguendo e proferindo a sentença de morte.

Naquela tarde, quando Jane Wilson estava começando a sentir o efeito de uma noite inquieta — consequência das frequentes cochiladas enquanto permanecia na cabeceira da cunhada, embalada pelo zumbido incessante da voz fraca da inválida —, ela teve um sobressalto ao ouvir, da soleira da porta, a voz de um homem que, cansado de bater sem obter resposta, passara do portão e estava gritando bem alto:

— Senhora! Senhora!

Quando a Sra. Wilson deu uma espiada no intruso da escada, imediatamente viu que era um estranho, um operário; talvez trabalhasse com o filho, pois usava roupas encardidas o suficiente para sustentar essa hipótese. Ele trazia uma arma na mão.

— Posso tomar a liberdade de perguntar se esta arma pertence ao seu filho?

Ela primeiro olhou o homem e então, cansada e quase dormindo, sem ver nenhum motivo para se recusar a responder à pergunta, se aproximou para examinar a arma, falando enquanto

procurava certos enfeites antigos na coronha.

— Parece a dele. É, é sim, com certeza. Dá para ver direitinho por essas marcas. Era do avô dele, que era coureiro de alguém lá no norte; e eles não fazem mais arma tão bonita hoje em dia. Mas onde foi que você achou? Jem gosta muito dela. Ele está indo ao clube praticar tiro ao alvo? Duvido muito, com a tia tão doente e eu aqui sozinha.

E, lembrando-se da causa de sua ansiedade naquele momento, começou um longo relato sobre a enfermidade de Alice, junto às lembranças das mortes do marido e dos filhos.

O policial disfarçado escutou durante um ou dois minutos, para reunir o máximo de informações que podia; e então, dizendo que estava com pressa, virou-se para ir embora. A Sra. Wilson levou-o até a porta, ainda falando de seus problemas, e só quando era tarde demais achou estranho que levasse a arma embora consigo. Ao subir pesadamente a escada, dissipou seu espanto diante dessa conduta decidindo acreditar que devia ser algum colega com quem o filho combinara de ir praticar tiro ao alvo, a quem pedira que consertasse a arma, ou qualquer coisa assim. Ela já tinha preocupações demais sem esquentar a cabeça com uma arma velha. Jem dera a arma ao homem para que ele trouxesse para ela; de modo que ela estava bem segura. Ou, se não estivesse, ela ficaria feliz de nunca mais pôr os olhos naquilo, pois detestava armas, essas coisas que viviam matando gente.

Assim, se consolando pela falta de presença de espírito que a levava a não fazer mais perguntas, a Sra. Wilson adormeceu de novo, num sono febril, agitado e nada confortante.

Enquanto isso, o policial se afastou com seu prêmio e uma estranha mistura de sentimentos: um pouco de desprezo, um pouco de decepção e bastante pena. O desprezo e a decepção eram devido à facilidade com que a viúva admitira que a arma pertencia a seu filho e sua maneira de identificá-la pelos enfeites. Ele gostava que tentassem enganá-lo; estava acostumado a isso; ajudava-o a exercitar sua inteligência e sua perspicácia. Não era divertido caçar se a raposa se entregava sem fazer nenhum esforço para escapar. Por outro lado, ele ainda lembrava de sua própria mãe, apesar de ser policial e oficial do departamento de investigação. Sentiu pena da velha, cuja tolice fora tão essencial para identificar o próprio filho como o assassino. No entanto, o homem levou a arma e as informações que obtivera para o superintendente; e o resultado foi que, pouco tempo depois, três policiais foram à fábrica onde Jem era capataz e anunciaram o motivo de sua visita a um encarregado atônito que lhes conduziu até o lugar onde Jem supervisionava uma fundição.

Escuros, negros eram as paredes, o chão, os rostos ao redor quando eles atravessaram o pátio. Mas, na fornalha, um brilho vermelho e aterrador iluminava a todos; na fornalha, rugia uma chama imensa. Os homens, como demônios, em seus tons de fogo e fuligem, rodeavam-na, encharcados, esperando o momento em que as toneladas de ferro sólido derreteriam e se transformariam num líquido incandescente, pronto a ser derramado, com um barulho surdo, num molde delicado de areia preta e fina, preparado para recebê-lo. O calor era intenso e o clarão vermelho a cada instante aumentava; os policiais ficaram impressionados com aquela imagem extraordinária. Logo, figuras negras levando estranhas pás em forma de balde se aproximaram da luz vermelha vívida do forno, e o ferro começou a fluir, claro e luminoso, para dentro do molde apropriado. O burburinho de vozes ressurgiu; agora havia tempo para falar,

respirar e enxugar o suor da testa; e então, um por um, os homens se dispersaram para fazer outras tarefas.

O agente B72 identificou Jem como o homem que vira brigando com o Sr. Carson, e então os outros dois se aproximaram e o prenderam, explicando que ele estava sendo acusado e qual era a base para a acusação. Jem não ofereceu resistência, embora parecesse surpreso; apenas, chamando um colega, pediu-lhe brevemente que dissesse à mãe que ele estava com um problema e não ia poder voltar para casa no horário de sempre. Não queria que ela soubesse mais detalhes a princípio.

Assim, o sono da Sra. Wilson foi de novo interrompido de maneira quase idêntica à da vez anterior, como num pesadelo recorrente.

— Senhora! Senhora! — gritou alguém de lá de baixo.

Mais uma vez era um operário, mas mais sujo de fuligem do que o primeiro.

— O que você quer? — perguntou ela, irritada.

— Nada não, senhora. Só... — gaguejou o homem, um rapaz bondoso e prático, sem rodeios e sempre pronto a ajudar.

— Fale logo, rapaz! Acabe logo com isso.

— Jem está com um problema — disse ele, repetindo as palavras do colega, pois não conseguia pensar em mais nada para dizer.

— Problema? — repetiu a mãe, num tom agudo e angustiado. — Problema! Deus me ajude, esses problemas parecem que nunca acabam! O que você quer dizer com isso? Fale logo, rapaz! Está doente? Meu filho! Diga, ele está doente? — perguntou ela, numa voz apressada de pavor.

— Não, não é isso. Ele está bem de saúde. O recado que mandou foi: “Diga à minha mãe que estou com um problema e não posso voltar para casa esta noite.”

— Não vai voltar para casa esta noite? Ora! E o que eu vou fazer com Alice? Não consigo continuar assim, me matando de cuidar dela. Ele bem podia vir me ajudar.

— Mas estou dizendo que não pode.

— Não pode, mas está bem? Quanta bobagem! Ele está ficando igual aos outros homens e querendo sair para se divertir. Mas vai ver só uma coisa quando voltar.

O homem se virou para ir embora; não ousava tentar defender Jem. Mas a Sra. Wilson não o deixou passar. Postou-se entre ele e a porta e disse:

— Você não sai daqui até me dizer no que ele se meteu. Estou vendo bem que você sabe, e eu vou saber também.

— A senhora logo vai descobrir, de qualquer jeito...

— Vou descobrir agora, pode ter certeza. O que aconteceu para ele não poder vir para casa me ajudar a cuidar da doente? Logo eu, que não dormi nada a noite passada!

— Bem, se a senhora faz questão — disse o pobre homem, atarantado —, a polícia levou Jem preso.

— Prenderam meu filho? — disse a mãe, furiosa. — Você é um mentiroso, isso sim. Meu filho, que nunca fez mal a ninguém nesta vida. Você é um mentiroso, é sim.

— Ele fez um mal bem grande — disse o homem, ficando zangado também —, pois existem provas de que matou o filho do Sr. Carson, que levou um tiro ontem à noite.

Cambaleando, a Sra. Wilson se aproximou para dar um tapa no homem, por dizer a terrível verdade; mas a fraqueza da velhice e a agonia maternal foram demais para ela, que afundou numa poltrona, cobrindo o rosto. Ele não teve coragem de ir embora.

Quando a Sra. Wilson disse algo, foi num tom débil, de súplica, como uma criança:

— Seu moço, diga que é brincadeira. Peço perdão se lhe injurie, mas por favor, diga que é brincadeira. Você não sabe o que Jem é para mim.

Ela fitou-o, humilde e ansiosa.

— Bem que eu queria que fosse, senhora; mas é isso mesmo. Eles prenderam Jem, acusado de assassinato. Foi a arma dele que encontraram perto do lugar; e um dos policiais ouviu Jem discutindo com o Sr. Carson há alguns dias, por causa de uma moça.

— Por causa de uma moça! — repetiu a mãe, ainda mais indignada, embora fraca demais para demonstrar isso com a ênfase de antes. — Meu filho é mais direito que...

Ela hesitou, procurando uma comparação com a qual terminar a frase, e então repetiu:

— ... mais direito que Lúcifer, e ele foi um anjo, sabia? Jem não é do tipo que briga por causa de mulher.

— É, mas foi isso mesmo. Eles anotaram o nome dela direitinho. O homem ouviu tudo o que os dois disseram. Mary Barton era o nome, seja lá quem for.

— Mary Barton! Aquela sirigaita imunda! Meter meu filho numa confusão dela. Ela vai ver só quando aparecer na minha frente. Ah, meu pobre Jem! — disse a Sra. Wilson, balançando para a frente e para trás. — E esse negócio de arma? O que foi mesmo que você disse?

— Eles encontraram a arma dele no lugar do crime.

— Isso, pelo menos, é mentira. Um homem está com a arma, sã e salva. Eu vi tem menos de uma hora.

O homem balançou a cabeça.

— Vi, sim. É um amigo de Jem, que pegou a arma emprestada.

— A senhora conhecia o rapaz? — perguntou o homem, que realmente desejava que Jem fosse absolvido e viu um raio de esperança surgir depois de ouvir isso.

— Não! Não conhecia. Mas ele usava roupa de operário.

— Pode ter sido um dos policiais disfarçados.

— Não; eles não iam me enganar desse jeito e me fazer entregar meu próprio filho. Seria como cozinhar um cabrito no leite da mãe;⁵⁷ e a Bíblia proíbe isso.

— Isso eu não sei — respondeu o homem.

Logo depois ele foi embora, sentindo-se incapaz de consolar e angustiado na presença da tristeza. A Sra. Wilson tentou detê-lo, mas não conseguiu. E assim ela ficou sozinha.

Nunca, nem por um segundo, acreditou que Jem fosse culpado; seria mais fácil duvidar de que o sol era feito de fogo. Mas a tristeza, a desolação e, às vezes, a raiva, tomaram conta de sua mente. Contou tudo à inconsciente Alice, esperando que a solidariedade a fizesse acordar; e ficou decepcionada por ouvir a cunhada, ainda sorrindo e tranquila, murmurar algo sobre a mãe e os dias felizes da infância.

-
53. Trecho de “The pains of sleep” [As dores do sono], do poeta inglês Samuel Taylor Coleridge. (*N. da T.*)
54. Referência a Isaías, 53:4. (*N. da T.*)
55. Jó, 3:17. (*N. da T.*)
56. Apocalipse, 7:17. (*N. da T.*)
57. Referência a Êxodo, 23:19: “Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe.” (*N. da T.*)

O sonho de Mary — e o despertar

Vi onde jazia, rígido e frio
 Sob a árvore onde o enforcaram
 E todos o apontaram e disseram
 “Ali morreu por ti!”

* * *

Oh! Coração que chora! Oh! Coração
 [que sangra!
 O que inspira agora sua piedade?
 Implore que a sombra lhe saia dos olhos
 E da frente, o suor da morte!
 “A tragédia de Birtle”

Então não havia mais paz na casa assolada pela doença, exceto para Alice, a moribunda.

Mas Mary não sabia nada sobre os acontecimentos daquela tarde; e foi com alegria que respirou o ar fresco ao sair do ateliê da Srta. Simmonds e se dirigiu depressa à casa da família Wilson. A própria mudança de atmosfera do interior para o exterior pareceu alterar o curso de seus pensamentos. Ela pensou menos no terrível assunto que lhe assombrara o dia todo e se importou menos com as broncas das colegas. A sensação de consolo e solidariedade que associava a Alice a fez imaginar que, mesmo agora, a presença física desta tranquilizaria quem estava angustiado, por mais mudado, inconsciente e ausente que estivesse seu espírito.

Além do mais, embora isso a fizesse se sentir um pouco culpada, Mary teve prazer ao pensar que aquele a quem temia jamais se colocaria em seu caminho de novo; ao constatar a segurança com que podia passar por todas as esquinas, todas as lojas, onde ele costumava se esconder. Ah, coração que bate forte! Será que não havia mais nenhum outro pensamento feliz ali oculto,

para tornar feliz até mesmo o ar que havia do lado de fora? Por acaso ela não ia encontrar com Jem, vê-lo e ouvi-lo? E seria possível que eles pudessem se deixar compreender o amor que tinham um pelo outro?

Mary abriu devagar o trinco do portão, com o privilégio da amizade. *Ele* não estava ali, mas sua mãe estava parada perto do fogo, remexendo em alguma coisa qualquer. Não importava! Ele logo chegaria; e, com um desejo sincero de ajudar graciosamente a todos que eram ligados a Jem, ela seguiu adiante com passos leves, sem ser ouvida pela velha, que estava em parte ocupada com o som de fervura daquilo que cozinhava, mas mais ainda com seus pensamentos melancólicos e seus gemidos baixinhos.

Mary tirou o chapéu e o xale depressa e, se aproximando, fez com que a Sra. Wilson tomasse consciência de sua presença ao dizer:

— Deixe-me fazer isso pela senhora. Deve estar cansada.

A Sra. Wilson se virou devagar e seus olhos brilharam como os de uma fera enjaulada quando ela reconheceu a visitante.

— E é você quem se atreve a pisar nesta casa, depois do que aconteceu? Não foi o suficiente me roubar o menino com suas artes e sua indecência? Fez questão de vir aqui contar vantagem? Para mim, que sou mãe dele? Sabe onde ele está, sua vagabunda, com esses olhos azuis enormes e esse cabelo amarelo, que levam os homens à ruína? Fora daqui! Você e essa sua cara de anjo, seu sepulcro caiado!⁵⁸ Você sabe onde Jem está, por sua culpa?

— Não! — gaguejou a pobre Mary, mal consciente de que falava, tão aturdida e apavorada que ficou ao ser recebida daquela maneira pela mãe indignada.

— Está jogado numa cela da New Bailey — disse a Sra. Wilson, bem devagar, observando o efeito de suas palavras, como se acreditasse no poder infinito que tinham de machucar. — Está lá, esperando para ser julgado por matar o filho do Sr. Carson!

Não houve resposta; apenas um rosto lívido, olhos arregalados de desespero, mãos e pernas trêmulas, buscando instintivamente algum apoio!

— Você conhece o Sr. Carson, o tal que morreu? — continuou a mulher, sem piedade. — O povo diz que conhece e muito bem. E que, por causa de umazinha que nem você, meu filho precioso atirou no rapaz. Mas é mentira. Eu sei que é. Podem enforcar meu filho, mas a mãe dele vai jurar sua inocência até o último suspiro.

Ela parou, mais por exaustão do que por não saber mais o que dizer. Mary disse algo, mas numa voz tão diferente e estrangulada que a velha quase teve um sobressalto. Parecia que havia uma terceira pessoa na sala, de tão rouca e estranha estava a voz.

— Por favor, repita. Eu não entendi bem. O que Jem fez? Por favor, me diga.

— Eu nunca disse que ele fez nada. Digo e repeti que não fez. Não quero saber se ouviram a briga, ou se a arma foi encontrada perto do corpo. Meu filho Jem não ia matar ninguém, por mais que tivesse sido rejeitado por uma menina. Meu filho é bom, foi uma bênção para a casa onde nasceu.

As lágrimas surgiram nos olhos ardentes da mãe quando ela se lembrou dos dias em que embalara seu primogênito; e então, passando rapidamente pelos acontecimentos, até que a consciência plena da situação atual lhe surgiu na mente, e talvez irritada por ter demonstrado

alguma ternura na presença da Dalila que o atraía para o perigo, ela voltou a falar com rispidez:

— Eu avisei, eu avisei para ele tirar você da cabeça; mas ele não me ouviu. Menina! Você não prestava para limpar a poeira das botas dele. Uma sirigaita maldita! Que bom que sua mãe, coitada, não sabe que você não presta.

— Mãe! Ah, mãe! — disse Mary, como se implorasse algo da piedosa morta. — Mas eu não era boa o suficiente para ele! Eu sabia que não era — acrescentou, num tom de humildade tocante.

Pois seu coração foi atravessado pelas palavras terríveis e proféticas que Jem usara da última vez em que falara com ela: “Mary, você vai ouvir falar que eu virei um bêbado, ou um ladrão, ou um assassino. Lembre-se! Quando todos estiverem falando mal de mim, não vai ter o direito de me culpar, pois foi sua crueldade que me transformou naquilo que eu penso que me tornarei.”

E Mary não o culpou, embora não duvidasse de que houvesse cometido o crime. Sabia que poderia cometer uma loucura por ciúmes dele, e que ele próprio tinha muitos motivos para se sentir assim por causa dela! Desgraçada, miserável que ela era! Continue a falar, mãe desolada. Diga-lhe todos os insultos que quiser. A devastação de seu ânimo era tanta que ela acreditava merecer todos.

Mas suas palavras humildes tinham tocado o coração da Sra. Wilson, por mais machucado que ele estivesse; ela olhou para a menina branca como a neve, para aqueles olhos de dar pena, tão sem esperança, que abrandou, mesmo sem querer.

— É nisso que dá ser inconsequente, Mary! É por sua causa que suspeitam dele, que é tão inocente quanto um bebê. Vai ter muito a expiar se ele for enforcado. Minha morte também vai ser culpa sua!

Por mais duras que essas palavras possam ter parecido, a Sra. Wilson as disse num tom de voz mais afável. No entanto, a ideia de Jem na forca, ou morto, tomou posse de Mary, e ela cobriu os olhos com as mãos trêmulas, como se quisesse afastar aquela visão aterradora.

A jovem murmurou algumas palavras e, embora tenha falado baixo, como se estrangulada pela mais profunda agonia, Jane Wilson entendeu.

— Meu coração vai partir — disse, com a voz fraca. — Meu coração vai partir.

— Que bobagem! — retrucou a Sra. Wilson. — Não fale essas coisas bobas. Meu coração tem mais direito de partir que o seu, mas eu estou aguentando. Ah, meu Deus! — exclamou, com uma súbita reviravolta de sentimentos, como se houvesse se dado conta do perigo que o filho corria. — O que estou dizendo? Como poderia aguentar se você se fosse, Jem? Eu tenho certeza de sua inocência, mas se enforcarem você, meu menino, eu caio morta!

Ela caiu em prantos, consciente do enorme risco à vida de Jem. Chorou ainda mais do que antes.

Mary se levantou.

— Ah, me deixe ficar com você até sabermos o que vai acontecer. Querida Sra. Wilson, eu posso ficar?

Quanto mais obstinadas e irritadas eram as recusas da Sra. Wilson, mais Mary implorava,

com a mesma súplica gentil: “Ah, me deixe ficar com você.” Sua alma atordoada parecia ter um só desejo, pelo menos naquele momento: permanecer com aquela que amava e chorava o mesmo homem que ela.

Mas a Sra. Wilson foi inflexível.

— Acho que fui um pouco dura com você, Mary. Admito. Mas ainda não consigo suportar sua presença. Não posso deixar de lembrar que foi sua inconsequência que trouxe esta desgraça. Vou ficar com a Alice, e talvez a Sra. Davenport possa vir me ajudar um pouco. Não vou aguentar ter você perto de mim. Boa noite. Amanhã pode ser que eu lhe veja de outro jeito. Boa noite.

E Mary foi expulsa da casa que o fora o lar *dele*, onde *ele* era amado e chorado, indo parar na rua triste e cheia de gente, onde jornais vagabundos anunciavam tudo sobre o assassinato e o relatório do magistrado, e tratavam do suspeito, James Wilson, como se fosse um bicho-papão.

Mas Mary não ouviu nada; não prestou atenção em nada. Cambaleou, como se estivesse sonhando. Com a cabeça baixa e os passos vacilantes, instintivamente escolheu o caminho mais curto até aquela casa que, para ela, naquele momento, era apenas um esconderijo de quatro paredes, onde poderia dar vazão à sua agonia sem ser vista nem notada pelo mundo áspero e mau que existia lá fora, mas onde não havia ninguém para lhe dar as boas-vindas, para lhe dar amor, para derramar lágrimas solidárias.

Quando Mary estava a apenas cerca de dois minutos de casa, sua caminhada cega foi interrompida por um leve toque no braço. Ao virar-se depressa, ela viu um menininho italiano com uma humilde caixinha onde trazia um camundongo branco, ou algo parecido. Se não fosse pelo sol que se punha iluminando seu rosto de vermelho, a pele cor de oliva estaria bastante pálida; e lágrimas brilhantes pendiam dos longos cílios curvos. Com uma vozinha suave e uma expressão de súplica ele disse, com forte sotaque:

— Fome! Muita fome!

E, como se quisesse ampliar com um gesto o efeito daquelas poucas palavras, o menino apontou para a boca, com seus lábios brancos e trêmulos.

Mary respondeu, impaciente:

— Ah, menino, fome não é nada... nada!

E passou depressa. Mas seu coração repreendeu-a pela resposta ríspida no minuto seguinte. Ela entrou em casa, pegou os poucos resquícios de comida que havia no armário e refez o trajeto até o local onde o pequeno e desesperado estranho se sentara ao lado de seu companheiro mudo, sozinho e esfomeado, deixando correr as lágrimas enquanto falava numa língua estrangeira, com um pranto baixo pela distante “Mamma mia!”

Com a capacidade da infância de ir do desânimo à esperança, ele deu um pulo quando viu a comida que a menina tinha trazido; ela, cujo rosto, lindo em sua tristeza, dera coragem ao pequeno para ousar abordá-la. E, com a mesura graciosa típica de seu país, o menino ergueu o rosto e sorriu enquanto beijava sua mão, e depois agradeceu profusamente, compartilhando a abundância com o bichinho de estimação. Mary ficou ali um instante, distraída de seu pesar pela visão daquela alegria infantil; depois, abaixando-se para beijar a testa lisa do menino, foi

embora, desejando estar a sós com sua agonia mais uma vez.

Voltou a entrar na casa, fechou a porta e arrancou o chapéu, como se não quisesse desperdiçar nenhum momento com nada que não fosse a entrega completa a suas reflexões dolorosas e desesperadoras.

Então atirou-se no chão; sim, sobre a laje dura atirou o próprio corpo frágil. A presilha caiu de seus cabelos e aquelas madeixas sedosas varreram a pedra empoeirada, onde ela envolveu e escondeu o rosto nos braços e caiu num pranto audível e sufocado.

Esta terra, naquela noite, foi um lugar desolado para sua pobre filha. Ninguém para confortá-la, ninguém para ter piedade dela! E a culpa lhe corroendo o coração.

Ah, por que ela dera ouvidos àquele sedutor? Por que dera atenção à sua própria imaginação, e a seus desejos de fortuna e grandeza? Por que achara bonito ter um homem rico a cortejá-la?

Ela própria merecia tudo — mas ele era a vítima; ele, o seu amado. Mary não conseguiu nem parar para pensar em quem poderia ter contado, em como Jem descobrira sua relação com Harry Carson. Era evidente que, de uma maneira ou de outra, ele soubera de tudo. E o que teria pensado dela? Não era pela esperança de ainda ter seu amor que Mary chorava — disso, ela abriria mão. Mas a vida de Jem, sua preciosa vida, estava ameaçada! Mary tentou se lembrar dos detalhes relatados pela Sra. Wilson, que mal pudera escutar — algo sobre uma arma, uma briga, que não conseguia lembrar com clareza. Ah, como era terrível pensar no crime de Jem, em suas mãos sujas de sangue; ele, que até então tinha sido tão bom, tão nobre, e que agora era um assassino! Mary sentiu repugnância de Jem — mas logo, com um profundo remorso, pensou nele com mais carinho ainda, se repreendendo ferozmente. Não fora ela quem o levava até o abismo do qual caíra? Como se atrevia a culpá-lo? A julgá-lo? Quem sabe até que ponto o ciúme o enlouquecera; como um momento de fúria incontrollável poderia tê-lo levado a matar! E Mary o culpava, mesmo após aquelas últimas palavras tão humildes, tão súplices, tão proféticas!

Mary então desatou a chorar mais uma vez; e, quando se cansou, voltou a pensar. A força! A força! Lá estava ela, negra contra a luz ofuscante que lhe queimava os olhos, por mais que os apertasse. Sentiu que estava ficando louca. Durante alguns instantes, permaneceu com o corpo imóvel, mas com pensamentos ensandecidos atravessando sua mente como dardos.

Depois, surgiu um estranho esquecimento do presente em meio à lembrança dos tempos idos: daqueles dias em que escondia o rosto no peito compassivo e amoroso da mãe, não importasse qual fosse seu erro ou sua tristeza; em que sentia que o amor materno era poderoso demais para não durar para sempre; em que a fome fora, para ela (como para o pequeno estranho que ajudara naquela noite) algo em que se pensar e sobre o qual lamentar; em que ela e Jem tinham brincado juntos; ele, com a condescendência de uma criança mais velha, e ela, com uma seriedade inconsciente, acreditando que seu amigo se importava com as mesmas pequenas bobagens; em que seu pai era um homem de coração alegre, que possuía o amor da esposa e o companheirismo do melhor amigo; em que (pois era nisso que Mary não conseguia parar de pensar) sua mãe estava viva, e *ele* não era um assassino.

E então Mary recebeu uma bênção sem perceber; parou de pensar e passou a ter ideias

desconexas, e logo caiu no sono. Sim, dormiu, mesmo naquela estranha postura, naquele leito duro e frio. Sonhou com os tempos felizes de outrora. Sua mãe apareceu e deu-lhe um beijo, e os mortos voltaram à vida naquele lugar alegre que são os sonhos. A felicidade da infância voltou, incluindo até o gatinho que fora seu companheiro de brincadeiras e melhor amigo na época, e que ela há muito esquecera. Todos a quem amava estavam lá!

Mas, de súbito, Mary acordou! Ficou completamente desperta! Um ruído qualquer a arrancara do sono. Ela se sentou, tirou o cabelo ainda molhado de lágrimas do rosto avermelhado e escutou. A princípio, só conseguiu ouvir as batidas de seu coração. Tudo era silêncio lá fora, pois já passava da meia-noite, tantas eram as horas de agonia que haviam se escoado; mas a lua brilhava forte no vidro da janela, fazendo com que a sala ficasse quase tão clara quanto o dia graças à luz fria e fantasmagórica. Uma batida fraca na porta! Uma sensação estranha surgiu no coração de Mary, como se um espírito estivesse por perto; como se os mortos, que há tão pouco tempo haviam se feito presentes em seus sonhos, ainda flutuassem ao seu redor, com suas formas sombrias e aterradoras. Mas por que aterradoras? Eles não a tinham amado? E quem a amava agora? Sua solidão não era profunda o suficiente para que ela acolhesse os espíritos dos mortos, que a tinham amado quando estavam na terra? Se sua mãe ainda tinha uma consciência, então seu amor pela filha persistia. Por isso, Mary dissipou seus medos e continuou a escutar.

— Mary! Mary! Abra a porta! — disse uma voz, quando um pequeno gesto da parte de Mary mostrou a quem se encontrava lá fora que ela estava acordada.

Era a inflexão da voz da mãe dela; com até mesmo o sotaque do sul de que Mary se lembrava tão bem, e que às vezes, quando estava sozinha, tentava imitar, num impulso amoroso.

Assim, sem medo, sem hesitação, ela se levantou e abriu a porta. Lá, com a lua às costas, estava uma silhueta tão parecida com a de sua mãe morta que Mary nem por um segundo duvidou de sua identidade. Como se fosse uma criança aterrorizada, certa de estar segura com a proximidade de um dos pais, exclamou:

— Mamãe! Mamãe! Finalmente, você veio!

E se atirou, ou melhor, caiu nos braços trêmulos daquela que desaparecera há tanto tempo e agora não fora reconhecida: sua tia Esther.

58. Referência a Mateus, 23:27: “Sois semelhantes a sepulcros caídos, que por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão.” (*N. da T.*)

Por que Esther procurou Mary

Meu amor se foi
Meu coração dói
Jamais, jamais
Encontrarei a paz.

Canção de Margarida
em *Fausto*⁵⁹

Preciso voltar um pouco no tempo para explicar os motivos que levaram Esther a procurar a sobrinha.

O assassinato fora cometido no início da noite de quinta-feira e o intervalo entre esse momento e o amanhecer do dia seguinte foi mais do que suficiente para que a notícia se espalhasse entre todos aqueles que, por dever, necessidade ou pecado, estavam nas ruas de Manchester.

Entre os que ouviram a violenta história, estava Esther.

Um enorme anseio por saber mais tomou conta de sua mente. Apesar de estar longe da rua Turner, imediatamente se dirigiu à cena do crime, que estava mal iluminada pela alvorada cinzenta quando ela chegou. Estava tão tranquilo e silencioso ali que Esther mal pôde acreditar que fosse o lugar certo. O único vestígio de briga ou violência eram rastros na poeira, como se alguém houvesse caído ali e depois sido erguido por outra pessoa. Os passarinhos estavam começando a pular e gorjear na sebe sem folhas, emitindo o único som próximo e distinto. Ela atravessou a rua e foi até o campo onde imaginou que o assassino houvesse ficado; era de fácil acesso, pois a sebe murcha de pilriteiros estava cheia de buracos. A grama espalhava seu cheiro conforme ela a esmagava sob os pés, caminhando na direção da serraria e do galpão de marceneiro que, como eu já disse, ficavam numa das pontas do campo, perto da estrada, e onde, segundo um dos informantes de Esther, a polícia acreditava que o assassino se escondera

enquanto esperava pela vítima. Não havia sinal, no entanto, de que alguém estivera ali. Se a grama houvesse sido machucada ou dobrada onde ele pisara, tivera elasticidade suficiente para voltar a se erguer sob a influência do orvalho. Esther prendeu a respiração, tomada por um terror súbito, mas não havia qualquer indicação de que, ali, um ser humano sofrera uma morte violenta. Ela ficou imóvel durante um minuto, imaginando as posições dos dois homens, guiada pela única pista, ou seja, os rastros deixados na poeira da rua.

De repente (antes de o sol surgir no horizonte), Esther se deu conta de que havia algo branco na sebe. Todas as outras cores tinham o mesmo tom sombrio, embora as formas dos objetos estivessem perfeitamente discerníveis. O que era aquilo? Não podia ser uma flor; seria impossível naquela época do ano. Uma pequena bola de neve, que se demorara a derreter num dos galhos retorcidos da sebe? Ela se aproximou para examinar. Era um pequeno pedaço de papel que fora amassado até formar uma bolinha dura. Esther compreendeu no mesmo instante: era o papel que servira de bucha para a arma do assassino. Então, ela estava parada no exato local onde o assassino deveria ter se postado apenas algumas horas antes; provavelmente (de acordo com o rumor que se espalhara pela cidade, chegando aos seus ouvidos) um dos pobres grevistas desesperados que se espalhavam por todo canto, com a expressão lúgubre e feroz de alguém que contemplava fazer uma loucura. Esther estava do lado deles, pois sabia o quanto sofriam; e, além disso, nutria sua antipatia pelo Sr. Carson, além de seu pavor dele por causa de Mary. Mas e a pobre Mary? A morte era uma solução pavorosa, embora infalível, para o mal que Esther temera que fosse lhe acontecer. Como ela suportaria o choque, amando tanto quanto sua tia supunha? Pobre Mary! O que a consolaria? Esther começou a imaginar sua tristeza, seu desespero, quando soubesse da notícia da morte do namorado; e desejou dizer-lhe que, se ele estivesse vivo, ela poderia ter sofrido uma dor ainda maior.

Os raios oblíquos do sol da manhã surgiram, belos e fulgurantes. Estava na hora de a gente da sua laia se esconder, junto com as outras coisas obscenas da noite, da luz gloriosa do dia, que pertencia apenas a quem era feliz. Assim, Esther se dirigiu à cidade, ainda levando o pedaço de papel. Mas, ao passar por cima da sebe, não conseguiu mais segurá-lo na mão fechada e atirou-o no chão. Ela deu alguns passos, ainda pensando em Mary, até que pensou: será que, apesar de parecer ser um papel em branco, ele poderia conter uma pista do assassino? Como eu disse antes, ela estava do lado de quem diziam ter cometido o ato e, por isso, se virou e apanhou-o; e então, sentindo-se, até certo ponto, uma cúmplice, escondeu-o na mão sem ler e saiu depressa da rua pelo lado oposto àquele pelo qual entrara.

E o que você acha que sentiu quando, após ter se afastado um pouco do local, ousou abrir o papel amassado e viu escrito nele o nome Mary Barton e, além disso, a rua onde sua sobrinha morava? Era verdade que uma ou duas letras tinham sido rasgadas, mas ainda assim o nome era fácil de reconhecer. E um pensamento terrível surgiu em sua mente — ou seria apenas sua imaginação? Mas aquela parecia muito com uma letra que Esther costumava conhecer bem — a letra de Jem Wilson, a quem, quando morava na casa do cunhado e era sua vizinha, muitas vezes pedia para escrever cartas, com vergonha de seu garrancho e de sua ortografia. Ela lembrava dos maravilhosos floreios que tanto admirara na época; ficava sentada, ditando, enquanto Jem, com todo o orgulho da caligrafia que acabara de aprender, lhe enchia os olhos

com voltas e traços extraordinários.

E se fosse dele?

Ah, talvez fosse apenas por estar pensando tanto em Mary que associava cada mínimo detalhe à sobrinha. Como se só uma pessoa no mundo escrevesse com aqueles floreios!

Esther ficou estupefata ao pensar no risco que Mary podia ter corrido se ela não tivesse encontrado aquele papel. Decidiu examiná-lo só mais uma vez e ver se algum policial muito estúpido poderia ter se enganado quanto ao nome, ou se não havia dúvida de que Mary seria envolvida no caso se alguém o lesse.

Não! Ninguém teria deixado de entender o “ry Barton” que estava escrito. E era mesmo a letra de Jem!

Ah, se aquilo era verdade, então Esther compreendeu tudo, e ela era a causa! Com sua natureza violenta e desregrada, que se tornara mórbida devido à vida que levava, e com a consciência de sua degradação, ela se amaldiçoou pela interferência que acreditava ter levado àquilo; pela informação e pelo aviso que dera à Jem, e que o impelira a cometer o crime. Como ela, a pária abandonada e conspurcada, poderia ter tido a esperança de obter uma bênção, mesmo através de seu esforço para fazer o bem? Havia uma maldição pestilenta sobre todas as suas ações, fossem boas ou más.

Pobre mente doentia! E não havia ninguém que zelasse por ela!

Dessa forma, Esther vagou pelas ruas, inquieta demais para dormir o sono pesado de todas as manhãs, ouvindo avidamente cada palavra dos transeuntes e se demorando perto de cada grupo que conversava, ansiosa por juntar cada pedacinho de informação, conjectura ou suspeita, embora sem possuir um objetivo definido ao fazê-lo. E não cessou de apertar o pedaço de papel que tanto podia revelar, até que suas unhas fizeram sulcos fundos na palma da mão, tamanho era seu pânico de, sem perceber, largá-lo no chão.

No meio do dia, não pôde mais ignorar o anseio físico por descanso e refresco; mas o descanso foi feito num bar e o refresco foi tomado num copo de gim.

Então ela acordou do estupor que lhe serviu de repouso; e, subitamente impelida pelos impulsos tempestuosos de sua mente, se arrastou até o local exato para onde a polícia, naquele mesmo instante, levava as informações que coletara com relação ao crime que todos comentavam. Esther, com uma atenção dolorosa, escutou palavras sussurradas e frases desconexas, cujo significado tornou-se cada vez mais claro. Jem era o suspeito. Tinham certeza de que Jem era o assassino.

Ela o viu ser retirado de uma carruagem, algemado e cercado por guardas (embora ele, absorto em pensamentos tristes, não a tenha visto). Viu-o entrar na delegacia — e ficou sem respirar até que saísse, ainda algemado e cercado, para ser levado a New Bailey.

Jem fora o único que se dirigira a Esther com esperanças de que ela pudesse voltar a uma vida virtuosa. Suas palavras ainda ecoavam em seu coração como uma espécie de chamado divino, como sinos de missa soando ao longe — embora, em seu desespero, ela houvesse fugido da voz dele. Jem fora o único a ser bondoso com ela. O assassinato, por mais chocante que fosse, era algo distante e abstrato, no qual ela não conseguia pensar muito: sua mente toda estava ocupada pelo perigo que Jem corria e pela gentileza que demonstrara.

Então, Esther se lembrou de Mary. Perguntou-se como a sobrinha estaria encarando aquilo tudo e pensou tanto nisso que quase ficou doente. Deveria ter sido um golpe terrível para a pobre menina sem mãe; e que tinha aquele pai terrível, que, para Esther, era uma espécie de anjo acusador.

Ela dirigiu-se ao pátio em torno do qual ficava a casa de Mary, para obter todas as informações que pudesse. Mas teve vergonha de entrar num lugar onde já vivera uma vida inocente, e ficou pelas ruas vizinhas, sem ousar perguntar nada a ninguém; e, por isso, não ficou sabendo de muita coisa; de nada, na verdade, a não ser do fato de que John Barton estava ausente.

Esther subiu uma escada escura para descansar seu corpo diante de uma porta e pensar. Com os cotovelos nos joelhos e o rosto escondido nas mãos, tentou organizar os pensamentos. De tempos em tempos, continuava a abrir a mão para ver se o papel ainda estava lá.

Afinal, se levantou. Havia arquitetado um plano e tinha diante de si uma tarefa que satisfaria ao menos um de seus desejos. Há tempos, seus projetos não eram muito sábios ou muito coerentes.

Estava ficando tarde: tanto melhor. Esther foi a uma loja de penhores e tirou suas roupas coloridas numa sala nos fundos. Era conhecida dos donos e tinha reputação de ser honesta, por isso não teve muita dificuldade em convencê-los a lhe vender um conjunto de roupas que seria apropriado para a esposa de um trabalhador: um chapéu de seda preta, um vestido estampado e um xale xadrez, sujos e bastante puídos, é verdade, mas que tinham uma espécie de santidade aos olhos da mulher da vida, por ser o tipo de vestimenta daquela classe afortunada à qual jamais poderia voltar a pertencer.

Ela olhou para o próprio reflexo no espelhinho pendurado na parede e, balançando a cabeça com tristeza, pensou em como eram fáceis os deveres daquele Éden de inocência que lhe era proibido: em como ela trabalharia, passaria fome e morreria, se necessário, por um marido, um lar — e por filhos. Mas esse pensamento, Esther não conseguiu suportar; um corpinho surgiu, severo em sua inocência, em meio ao caldeirão de bruxa que era sua imaginação, e ela voltou depressa à ação.

Agora você sabe como Esther foi parar diante da porta de Mary, esperando, trêmula, até que a trinca fosse erguida, e que sua sobrinha, com palavras que expressavam tamanha desolação entre os mortais, caiu em seus braços.

Ela sentiu que, assim como ocorrera com a ímpia lady Geraldine diante do lar de Christabel,⁶⁰ algum feitiço sagrado a impediria de passar pela porta da casa em que fora jovem e inocente; e tinha pretendido esperar por um convite para entrar. Mas o gesto indefeso de Mary dissipou toda a sua relutância e ela arrastou-a até uma cadeira, onde a sobrinha encarou-a, atônita, reconhecendo uma semelhança, mas sem identificar quem era.

Para levar adiante seu plano, Esther pretendia assumir os modos e a personalidade da esposa de um operário, assim como fizera com as roupas; no entanto, para explicar seu silêncio e sua longa ausência a todos aqueles que lhe deviam ter sido caros, seria necessário fingir uma indiferença muito alheia a seu coração, que era amoroso apesar de todos os defeitos. Mas talvez tenha exagerado no papel, pois Mary sentiu uma certa repugnância daquela tia tão diferente,

que reaparecera de maneira tão súbita; e Esther teria ficado com o coração partido se soubesse o que a menininha que costumava amar tanto estava sentindo por ela.

— Estou vendo que não lembra de mim, Mary! — disse. — Realmente, faz muito tempo que eu fui embora. Muitas vezes, pensei em vir visitar você e... e seu pai. Mas moro tão longe, e estou sempre tão ocupada, que muitas vezes não posso fazer o que quero. Você lembra de sua tia Esther, não lembra, Mary?

— Você é a tia Hetty? — perguntou Mary, baixinho, ainda observando aquele rosto tão diferente da beleza fresca e estonteante de que se lembrava.

— Isso! Sou a tia Hetty. Ah, faz tanto tempo que não ouço esse apelido!

Esther suspirou com as lembranças que ele trazia; mas então, se recuperando e buscando demonstrar a personalidade ríspida que queria assumir, continuou:

— Hoje ouvi dizer que um amigo seu, e meu também, de muito tempo atrás, estava em apuros. Imaginei que fosse estar triste, por isso achei que era melhor vir vê-la.

Mary desatou a chorar de novo, mas não teve vontade de abrir o coração para aquela tia que surgira ali de maneira tão estranha e que, como ela própria confessara, fora distante e negligente com eles durante tantos anos. Tentou sentir gratidão por qualquer gesto de bondade (ainda que tardio) da parte de qualquer um e desejou ser educada. No entanto, não estava nem um pouco inclinada a abordar o terrível assunto que lhe ocupava a mente. Por isso, após uma pausa, disse:

— Obrigada. É muita gentileza sua. Teve de andar muito? Lamento muito — continuou, se levantando com um impulso, mas então lembrando que não podia obedecê-lo —, mas não há nada para comer aqui em casa e eu tenho certeza de que deve estar com fome, depois da caminhada.

Pois Mary concluía que a residência da tia só podia ser muito longe, do outro lado da cidade, fora do alcance de visão e audição. Mas a verdade é que não pensou muito em Esther; seu coração doía de tão repleto de outras coisas que estava, e todo o resto parecia um sonho. Ela teve sentimentos e impressões causados por sua conversa com Esther, embora não tenha conseguido lhes imbuir de sentido, nem pensar ou discutir sobre eles.

E Esther! Os ossos protuberantes e os lábios pálidos podiam revelar o pouco que comia há semanas, mas suas palavras não o fariam jamais! Assim, com uma risadinha falsa, ela respondeu:

— Ah, Mary, minha querida! Não fale em comida. Nós temos do bom e do melhor, pois meu marido tem um ótimo emprego. Eu comi tanto no jantar antes de sair! Não ia aguentar engolir nem mais uma migalha, se você me oferecesse.

Suas palavras causaram uma dor estranha a Mary. Ela se lembrava de uma tia boa e generosa; como devia ter mudado se, vivendo na abundância, nunca lhe ocorrera perguntar por parentes que estavam quase morrendo de fome! Com isso, Mary trancou instintivamente o coração para Esther.

E, durante todo esse tempo, a tia estava engolindo os soluços, exagerando no papel e se controlando mais do que fizera em muito tempo, para que a sobrinha não sentisse repugnância ou ficasse chocada ao saber o que ela se tornara — uma prostituta, uma pária.

Esther ansiara por abrir seu coração desgraçado, tão sem esperanças, tão abandonado por todos os seres vivos, para alguém que já a amara um dia; mas se conteve, com o medo do olhar desviado, da voz alterada, do nojo íntimo que podiam ser a consequência de tal revelação. Decidiu que abordaria logo o assunto do dia. Não podia se demorar tanto, pois não se sentia capaz de manter por muito tempo a personalidade que assumira.

Elas se sentaram perto da mesinha redonda, uma diante da outra. A vela foi colocada entre ambas, e Esther a moveu para ver melhor o rosto de Mary, de modo a poder discernir melhor suas emoções e saber quais eram seus interesses. Com isso, ela disse:

— É uma tristeza essa história do assassinato do Sr. Carson.

Mary estremeceu um pouco.

— Ouvi que Jem Wilson foi preso por ele.

A menina cobriu os olhos com as mãos, como se quisesse protegê-los da luz, e a própria Esther, menos acostumada ao autocontrole, estava ficando agitada demais para observar a outra com tranquilidade.

— Eu estava caminhando pela rua Turner e fui dar uma olhada no lugar — continuou esta. — E, por sorte, achei este pedaço de papel na sebe — disse, mostrando o precioso papel que ainda estava dobrado em sua mão. — Foi usado de bucha para a arma, acho; deve ter sido, pelo formato. Estava com pena do assassino, quem quer que fosse (na hora, não sabia que Jem Wilson era suspeito) e não quis deixar nada por ali que pudesse ajudar a condená-lo; a polícia é danada com esses detalhes. Então eu peguei e, quando abri, vi seu nome, Mary.

A sobrinha tirou as mãos da frente dos olhos e fitou, surpresa, a tia quando esta pronunciou tais palavras. Ela era boa, afinal de contas, pois tinha impedido que Mary fosse chamada para ser interrogada, a coisa mais temível deste mundo, pois Mary tinha certeza de que suas respostas relutantes, de qualquer maneira que ela as articulasse, aumentariam as suspeitas sobre Jem. Sua tia havia sido boa, ao pensar em poupá-la disso.

Esther continuou, sem perceber a expressão de Mary. O próprio ato de falar era tão doloroso — e interrompido tantas vezes pela tossezinha seca que era um incômodo constante há meses —, que ela estava absorta demais pela dificuldade física para ser uma observadora muito perspicaz.

— Se eles tivessem encontrado, não teriam dúvida. Olhe o seu nome junto do endereço deste pátio aqui! E ainda por cima na letra de Jem, se eu muito não me engano. Olhe, Mary!

E então, Esther prestou atenção na sobrinha.

Mary pegou o papel e o achatou; e então ficou de pé de repente, num movimento irreprimível, como se petrificada por um horror abruptamente revelado; seu rosto, repuxado e rígido; seus lábios, comprimidos, para conter uma exclamação que tentava sair. Ela desabou na cadeira, num movimento tão súbito, como se os músculos retesados houvessem todos perdido a força no mesmo instante. Mas não disse uma palavra.

— É a letra dele... não é? — perguntou Esther, embora a reação de Mary já fosse quase uma confirmação.

— Você não vai contar. Não vai contar nunca — exigiu Mary, num tom tão desesperado que chegava quase a ser uma ameaça.

— Não, Mary — disse Esther, um pouco ofendida. — Não sou tão má assim. Ah, Mary, você não pode achar que eu faria isso, por pior que seja.

As lágrimas lhe saltaram dos olhos diante da possibilidade de que suspeitassem que fosse o tipo de pessoa que denunciaria um velho amigo.

Mary viu a expressão triste e repreensora de Esther.

— Não! Eu sei que você não faria isso, tia. Não sei o que estou dizendo, de tão chocada. Mas diga que não vai contar. Por favor.

— Não, não vou contar, não importa o que aconteça.

Mary continuou a olhar a letra e a revirar o papel num exame cuidadoso, tentando ter esperanças; mas seus medos venciam suas esperanças.

— Achei que você gostava do rapaz que foi assassinado — observou Esther, pensando alto.

Mas ela sentia que não era possível interpretar erradamente aquele estranho interesse no suspeito, implicado pelo anseio de Mary em protegê-lo de qualquer coisa que pudesse ser mais uma prova contra ele. Esther fora até ali querendo saber até que ponto ia a tristeza de Mary pelo Sr. Carson e satisfeita por ter uma desculpa naquele importante pedaço de papel. Devido a essa vontade de saber o que a sobrinha sentia, Esther considerara seu comentário sobre a letra ser de Jem muito imprudente um segundo depois de tê-lo feito; mas a ansiedade de Mary em garantir que ela não ia contar fora grande e decidida demais para deixar qualquer dúvida em relação a seu interesse pelo amigo de infância. Esther ficou ainda mais confusa e sua cabeça zozna se recusou a raciocinar. Mary não disse nada. Segurou o papel com firmeza na mão, determinada a mantê-lo consigo, não importava o que acontecesse; e impaciente para que a tia fosse embora. Seu rosto ficou parecido com o da filha morta de Esther.

— Você parece tanto com a minha menininha, Mary! — disse Esther, cansada daquele assunto que não conseguia compreender e voltando, com o coração transbordando, a pensar na morta.

Mary ergueu os olhos. Então a tia tivera filhos. Isso foi tudo que conseguiu compreender. Nenhuma leve suspeita do amor e da tristeza sentidos por aquela pobre criatura lhe passou pela cabeça, ou, apesar de todos os seus erros e toda a sua culpa, Mary a teria apertado contra o peito e tentado consertar seu coração partido. Mas não era para ser. A tia tivera filhos; e Mary estava a ponto de fazer alguma pergunta sobre eles; mas, antes que pudesse pronunciá-la, outro pensamento tomou seu lugar, e ela voltou à tarefa de desvendar o mistério do papel e da letra. Ah, como queria que a tia fosse embora!

E foi como se tivesse acontecido aquilo que afirmam os crentes no mesmerismo: a intensidade de seu desejo deu-lhe poder sobre outrem, embora esse desejo não tenha sido expressado. Esther sentiu que não era bem-vinda, que sua ausência era desejada.

Sentiu isso por algum tempo antes de conseguir reunir coragem para ir embora. Estava tão decepcionada com esse encontro tão ansiado e tão temido com Mary; desejara enganá-la com aquela história de que era uma mulher casada e respeitável, mas ainda assim desejara sua solidariedade diante de seu destino real. Enganara bem demais. Talvez isso a deixasse satisfeita depois; mas, naquele momento, sua desolação pareceu em dobro. E agora tinha de deixar a velha casa, onde até as paredes e pedras do chão, por mais sujas e sórdidas que estivessem,

tinham um charme especial para ela. Tinha de deixar o lar da pobreza para um mais terrível, o lar do vício. Tinha de fazê-lo — por isso, ia embora.

— Bem, boa noite, Mary. Estou vendo que vai cuidar bem desse pedaço de papel. Você me prometeu que não ia contar a ninguém sobre ele, mas tem de me prometer que vai destruí-lo antes de ir dormir.

— Prometo — respondeu Mary, com a voz rouca, mas firme. — A senhora já vai?

— Vou. Mas não se quiser que eu fique. Não se puder confortar você de alguma maneira, Mary — disse Esther, com um lampejo de esperança.

— Ah, não — disse Mary, ansiosa por se ver sozinha. — Seu marido vai estranhar. Um dia desses, você precisa me contar tudo da sua vida. Qual é mesmo seu nome de casada?

— Fergusson — respondeu Esther, com tristeza.

— Sra. Fergusson — repetiu Mary, distraída. — E onde a senhora disse que mora?

— Não disse — murmurou Esther.

E então, mais alto, disse:

— Fica na rua Nicholas, número 145, Angel's Meadow.

— Rua Nicholas, número 145, Angel's Meadow. Vou lembrar.

Quando Esther se enrolou no xale e se preparou para ir embora, Mary se deu conta de que fora fria e severa com uma pessoa que sem dúvida pretendia fazer uma gentileza em lhe trazer o papel (aquele terrível, pavoroso pedaço de papel!) e lhe poupar de... Ela não sabia exatamente do que fora poupada. Assim, querendo compensar por sua indiferença prévia, Mary se aproximou para beijar a tia antes que esta partisse.

Mas, para sua surpresa, Esther afastou-a com um gesto histérico e disse:

— Não! Você não pode me beijar nunca. Você, nunca!

E correu para a escuridão da rua lá fora para chorar um pranto longo e amargo.

59. Uma tradução das quatro primeiras estrofes da canção de Margarida em *Fausto*, Parte I, de Johann Wolfgang von Goethe. (N. da T.)

60. Referência a “Christabel”, poema de Samuel Taylor Coleridge. (N. da T.)

Os esforços de Mary para provar um álibi

Havia um temor atento em seus olhos,
Como se a calamidade houvesse acabado de começar;
Como se a vanguarda das nuvens que anunciavam dias
[malévolos
Houvesse esgotado sua maldade, e o rugir abafado
Estivesse, com seu trovão guardado, se preparando
“Hyperion”, de Keats⁶¹

Assim que Mary ficou sozinha, trancou a porta e fechou as venezianas da janela, que este tempo todo tinha ficado protegida apenas pelas cortinas, cerradas às pressas quando Esther entrara e ela acendera a vela.

Fez tudo isso com os mesmos lábios comprimidos e a mesma expressão impassível que assumira ao examinar o papel. Então se sentou por um instante, para pensar. Ao se erguer, logo em seguida, subiu as escadas com passos que, graças a uma resolução íntima, foram firmes. Passou pela porta de seus aposentos, deu dois passos e entrou no quarto do pai. O que queria ali?

Eu preciso contar a você; preciso colocar em palavras o terrível segredo que Mary acreditava que aquele pedaço de papel lhe revelara.

Seu pai era o assassino.

Aquele pedaço de papel brilhante e duro ela reconheceu como pertencendo a um cartão no qual copiara os belos versos de Samuel Bamford — copiados (como você talvez se lembre) na parte em branco de um cartão de dia dos namorados enviado por Jem Wilson, na época em que Mary não guardava com amor tudo o que ele tocava, como teria feito naquele momento.

Aquela cópia havia sido entregue a seu pai, para quem fora feita, e Mary algumas vezes o vira relendo-a, o que acontecera, aliás, menos de 15 dias atrás, tinha certeza. Mas ela resolveu se

certificar de que a outra parte do cartão continuava entre suas posses. Ele podia — era *possível* que houvesse dado o poema para algum amigo; e, se isso fosse verdade, essa pessoa era a culpada, pois Mary seria capaz de reconhecer o papel em qualquer lugar.

Em primeiro lugar, ela tirou todos os objetos de dentro da pequena cômoda. Entre eles havia algumas coisas que tinham pertencido a sua mãe, mas Mary agora não tinha tempo para examiná-las e tentar se lembrar delas. Só podia mostrar sua reverência dispondo-as sobre a cama com cuidado, enquanto as outras coisas eram atiradas com impaciência no chão.

A cópia dos versos de Bamford não estava ali. Ah, talvez seu pai houvesse dado para alguém! Mas será que não fora para Jem? A arma era dele, afinal.

Assim, com vigor redobrado, ela começou a examinar também a caixa de pinho que servia de cadeira, onde costumavam ser guardadas as roupas de domingo do pai, na época que possuía dinheiro para ter roupas de domingo.

Ele tinha resgatado seu melhor casaco na loja de penhores antes de ir embora, isso Mary notara. Ali estava o velho. O que farfalhava sob sua mão dentro do bolso?

O papel! Ah, papai!

Sim, cada rasgão, cada letra dos dois pedaços se encaixava; e até a parte que Esther considerara em branco coincidia com o pedaço maior, por conter os rabichos dos “ys” e “gs”. Além disso, como essa prova já não fosse suficiente, Mary tateou mais e encontrou algumas balas ou projéteis (não sei como se chamam) naquele mesmo bolso, além de um pequeno embrulho de papel cheio de pólvora. Quando ia recolocar o casaco no lugar depois de ter pegado o papel, as balas etc., viu uma caixa de arma feita de lã, daquela espécie de xairol listrado que você já deve ter visto mil vezes sendo usado para esse propósito. Isso a fez examinar ainda mais o quarto, mas não havia mais nada ali que pudesse ser considerado uma prova. Assim, ela trancou a caixa e se sentou no chão para observar os objetos; ora com um desespero aterrador, ora com uma espécie de curiosidade sobre como o pai conseguira fazer aquilo sem ser detectado. No final das contas, entendeu que não fora muito difícil. Evidentemente, ele havia obtido alguma armas (Seria mesmo a de Jem? Seria ele um cúmplice? Não! Mary não acreditava nisso; ele nunca, nunca planejaría um assassinato deliberado com outra pessoa, por mais que pudesse ser levado a matar pelo ódio de um instante. E era ainda menos provável que tivesse avisado seu pai sem antes falar com ela; não era de sua natureza fazê-lo.)

Então, após ter obtido a arma, seu pai a carregara em casa e talvez a houvesse tirado dali em algum momento quando os vizinhos não estavam observando e a própria Mary estava na rua, ou dormindo; e talvez a houvesse escondido em algum lugar, pronta para ser usada quando ele precisasse. Ela estava certa de que não levaria arma nenhuma consigo quando partira.

Mary viu que era inútil tentar imaginar quais teriam sido seus motivos. O pai vinha agindo de maneira tão irracional ultimamente, e ela jamais saberia explicá-los. Além do mais, não era suficiente saber que ele era culpado daquela transgressão terrível? Seu amor pelo pai renasceu com uma força dolorosa, apesar de misturado ao horror pelo crime dele. Aquele pai adorado, que já fora tão bom, tão carinhoso, tão pronto a ajudar qualquer homem ou animal necessitado, cometera um assassinato! Mas no deserto de desolação ao qual esses pensamentos

a levavam, cuja aridez Mary não ousava contemplar, havia uma pequena fonte de consolo jorrando aos seus pés que, a princípio, ela não notou, mas que logo lhe daria força e esperança: a necessidade de agir causada por essa descoberta.

Ah, eu de fato creio que a necessidade de agir, de fazer algum esforço (seja físico ou mental) em um momento de sofrimento seja uma bênção infinita, embora a princípio pareça tão penosa. Ter algo a fazer significa que ainda resta esperança de que algo de bom possa ser obtido, ou algo de mau, evitado; e, aos poucos, a esperança absorve boa parte da tristeza.

Os pesares para os quais não se pode encontrar nenhuma saída neste mundo são aqueles em que o consolo é mais inútil. De todas as platitudes vãs ditas por aqueles que não se incomodam de fato em se pôr no lugar do outro, a que mais me desagrada é a exortação de que não se deve lamentar por um acontecimento, pois “não tem jeito”. Você acha que se houvesse algum jeito eu ficaria sentada de braços cruzados, me contentando em chorar? Não sabe que, enquanto houvesse esperança, eu estaria lutando? Choro justamente porque o que ocorreu não tem jeito. O motivo que você me dá para não me lamentar é o único motivo do meu lamento. Dê-me razões mais nobres para aceitar com humildade aquilo que o Pai mandou para mim, e eu tentarei com afínco e fé ser paciente; mas não zombe de mim, nem de qualquer outra pessoa triste, com a frase: “Não se lamente, pois não tinha jeito. O que não tem remédio, remediado está.”

Mas algum remédio para sua tristeza Mary encontrou em suas reflexões. Se seu pai era o culpado, Jem era inocente. Se era inocente, havia possibilidade de salvá-lo. Ele precisava ser salvo. E era ela quem tinha de fazê-lo, pois era a única que sabia a terrível verdade. Ninguém suspeitava de seu pai, e jamais suspeitaria, se Mary pudesse evitar por meio de sua astúcia e de seus esforços.

Ela não sabia como Jem poderia ser salvo sem que a culpa recaísse sobre o pai. Seria necessário pensar bem e ter muita prudência. No entanto, com essa necessidade de agir e de usar suas diversas qualidades de discernimento e discrição, surgiu também a consciência do poder inato de fazer frente àquela emergência. Cada passo, ou melhor, cada minuto tinha importância; pois você deve lembrar que Mary ouvira dizer no ateliê da Srta. Simmonds que havia a possibilidade de o assassino ser julgado na semana seguinte. E deve lembrar também de que jamais houvera uma jovem tão só e tão miserável quanto Mary naquele momento. Mas o leão acompanhou Una⁶² na floresta e no perigo; da mesma maneira, um propósito firme e nobre de fazer o bem protege e acompanha os indefesos.

Bateram duas horas; noite profunda e sombria.

Era inútil se exaurir de tanto planejar naquela noite penosa e infundável. Nada poderia ser feito até de manhã. A princípio, em sua impaciência, Mary tentou esperar pelo dia; mas logo sentiu que seu corpo não estava pronto para agir e tomou a decisão de poupar suas forças físicas.

Antes de mais nada, era necessário queimar o papel delator. A pólvora, as balas e a caixa da arma ela colocou numa trouxa e escondeu dentro do colchão por enquanto, embora não fosse provável que eles pudessem servir de prova contra ninguém. Então, levou o papel para o andar de baixo e queimou-o na lareira, espalhando até as cinzas com o dedo e dispersando os

fragmentos de papel enegrecido entre as brasas da grade. Logo, voltou a respirar.

Sua cabeça doía com uma violência estonteante; precisava se livrar da dor, ou ela a deixaria incapaz e pensar e planejar. Procurou comida, mas não havia nada na casa além de um pouco de aveia crua. Mesmo quase engasgando, comeu um pouco, sabendo por experiência como era comum que dores de cabeça fossem consequência de um longo jejum. Então buscou um pouco de água para banhar as têmporas latejantes e saciar a sede febril. Não havia nenhuma na casa, por isso Mary pegou a jarra e foi até a bomba do outro lado do pátio, por onde seus passos leves ecoaram em meio ao silêncio da noite. As silhuetas severas e quadradas das casas formavam um contraste forte com o céu frio e sem nuvens, onde miríades de estrelas brilhavam num eterno repouso. Havia pouca sintonia entre a cena externa e o desassossego interno. Tudo estava tão quieto, tão imóvel, tão hostil! Muito diferente da noite encantadora que faz no campo agora, enquanto escrevo, na qual se vislumbra um horizonte suave e ondulante à luz da lua; onde as árvores mais próximas balançam devagar de um lado para o outro ao sabor do vento, num movimento quase humano; e o ar que farfalha cria uma melodia entre os galhos, como se consolasse os exauridos e os insones que trazem um peso no coração. O que se vê e se ouve numa noite como esta nos embala e nos faz descansar da dor e da tristeza.

Mas Mary, depois de encher a jarra, entrou em casa com uma sensação ainda mais forte de ansiedade e uma percepção ainda mais clara do quanto dependia dela, sem assistência e sem amigos, só com aquele terrível segredo, no mundo duro, frio e repleto de gente.

Ela banhou a testa e saciou a sede. Então, numa decisão sábia, foi para o andar de cima e se despiu, como se preparasse a si mesma para uma longa noite de repouso, embora houvesse tão poucas horas até a alvorada. Acreditava que seria impossível dormir, mas deitou e fechou os olhos; e, dentro de poucos minutos, estava num sono tão profundo quanto se não houvesse pecado ou tristeza no mundo.

Como era natural, Mary acordou com o corpo bem descansado; mas com a consciência de alguma calamidade iminente. Sentou na cama para se lembrar e, quando isso ocorreu, voltou a afundar entre os lençóis, paralisada pelo desespero. Mas foi apenas a fraqueza de um instante, pois não era verdade que cada minuto era precioso — para pensar, ainda que não para agir?

Antes de terminar as tarefas matinais necessárias de se vestir e organizar um pouco a casa, ela já desembaraçara suas ideias confusas e arquitetara uma espécie de plano de ação. Se Jem era inocente (e agora Mary sabia, de todo o coração, que ele não tivera a menor participação no assassinato nem sequer soubera de sua ocorrência), então devia estar em outro lugar quando o crime foi cometido; provavelmente com outros, que poderiam servir de testemunhas, caso soubesse onde encontrá-los. Tudo dependia dela. Mary já ouvira falar em “álibi” e acreditava que aquilo poderia significar a salvação que buscava, mas não tinha certeza, e por isso resolveu consultar Job, um de seus poucos conhecidos que possuía o talento de compreender palavras difíceis — pois, para ela, todos os termos legais ou de história natural eram apenas mistérios de muitas sílabas.

Não havia tempo a perder. Mary foi imediatamente para a casa de Job Legh e encontrou o velho e a neta sentados, tomando café. Quando abriu a porta, ouviu-os trocando murmúrios graves, como se algo lhes oprimisse os corações. Eles pararam de falar quando ela entrou, o que

a convenceu de que estavam conversando sobre o assassinato; sobre a provável culpa de Jem; e (ocorreu-lhe pela primeira vez) sobre um lado seu que desconheciam: pois, até então, nunca tinham ouvido falar de seu flerte inconsequente com o Sr. Carson. Em suas confidências com Margaret, Mary jamais o mencionara. E agora Margaret ouviria todos discutindo sua conduta e referindo-se a ela como uma menina descarada e mau-caráter; e, mesmo que não acreditasse em tudo que ouvia, não poderia deixar de ficar magoada e decepcionada com Mary.

Assim, foi com uma voz tímida que ela deu o bom-dia de sempre e sentiu um certo desânimo quando Job, com alguma formalidade, deu-lhe as boas-vindas àquela casa da qual, até então, fora íntima demais para precisar de um convite para sentar.

Mary se acomodou numa cadeira. Margaret continuou em silêncio.

— Vim falar sobre essa... sobre Jem Wilson.

— A coisa está feia — comentou Job, com tristeza.

— Muito feia, mesmo. Mas Jem é inocente. É sim; eu tenho certeza absoluta.

— Como pode ter certeza, menina? Tudo indica que foi ele, coitado, apesar de parecer que teve bastante motivo, pelo que dizem. Pobre rapaz, ele se meteu numa encrenca tremenda.

— Job — disse Mary, se erguendo da cadeira para dar mais ênfase ao que dizia —, não diga que foi ele. Não foi; eu tenho certeza, total e absoluta. Ah, por que está balançando a cabeça? Quem vai acreditar em mim? Quem vai saber que ele é inocente se você, que o conhece tão bem, acredita na sua culpa?

— Isso me dói muito, minha filha — respondeu Job. — Mas acho que ele ficou magoado, foi... rejeitado (é a verdade, Mary, por mais dura que possa parecer) e que o sangue lhe ferveu. Muitos homens já agiram assim antes, por motivos parecidos.

— Ai, meu Deus! Então você não vai me ajudar a provar a inocência dele, Job? Ah, Job! Acredite em mim, Jem nunca machucou ninguém.

— Antes disso, não. E veja bem, menina: não o culpo muito por isso.

Job voltou a ficar em silêncio.

Mary refletiu por um instante.

— Bem, Job, eu sei que isso você não vai recusar. Não me importo com o que você pensa, se puder me ajudar como se ele fosse inocente. Faça de conta que eu sei que ele é inocente. É só fingir, Job. Então, o que preciso fazer para provar isso? Explique para mim, Job! Chama “álibi”, não chama, arrumar alguém para jurar que ele estava em outro lugar na hora do crime?

— Se você tivesse certeza de que ele era inocente, o melhor jeito era encontrar o assassino de verdade. Alguém matou o homem, isso está claro. Se não foi Jem, então quem foi?

— Como eu vou saber? — respondeu Mary, aterrada, temendo que a pergunta de Job houvesse surgido de uma real suspeita.

Mas ele estava longe de pensar naquilo. Na realidade, não tinha dúvidas de que Jem, num momento de fúria, incitado pelo amor não correspondido e pelo ciúme, cometera o assassinato. E estava fortemente inclinado a acreditar que Mary sabia disso; mas que, tardiamente arrependida da conduta leviana que levara àquela consequência fatal, estava agora ansiosa por salvar seu velho companheiro de brincadeiras, seu amigo de infância, do destino reservado a quem derramava sangue.

— Se Jem não é o culpado, não vejo como conseguiríamos saber quem é. Poderíamos descobrir algo, se tivéssemos tempo, mas dizem que ele vai ser julgado na terça. Não adianta disfarçar, Mary; há muitas provas contra ele.

— Eu sei que há! Eu sei que há! Mas, ah, Job! Um “álibi” não é provar onde ele estava na hora do crime? Como eu consigo um álibi?

— Um álibi é isso mesmo, com certeza — respondeu Job, e pensou um pouco. — Você tem que perguntar à mãe dele o que ele fez e por onde andou naquela noite; saber isso é o primeiro passo.

Ele queria muito que coubesse a outra pessoa a tarefa de revelar a Mary que não havia esperanças naquele caso; e imaginou que seria mais fácil para ela se convencer através de perguntas e investigações próprias do que meramente ouvindo isso ser afirmado.

Durante todo esse tempo, Margaret permanecera quieta e grave. Para dizer a verdade, ela ficara surpresa e decepcionada com a revelação da conduta de Mary em relação ao Sr. Henry Carson. Ela própria era tranquila, reservada e prudente, jamais fora exposta à provação de ser admirada por sua beleza física e, além disso, era tão pouco suscetível que continuava a duvidar se o desassossego, o carinho e a alegria infinita que estava sentindo pela primeira vez na vida ao ver, ouvir ou pensar em Will Wilson eram ou não amor. Margaret não tinha paciência com as tentações às quais tantas moças eram expostas devido à beleza, à vaidade, à ambição ou ao desejo de serem admiradas; em suma, não tinha paciência com meninas namoradeiras. Isso acontecia porque não fazia ideia da força do conflito entre a vontade e os princípios de quem tinha uma personalidade diferente da sua. Para ela, saber que algo era errado era equivalente à resolução de não voltar a fazê-lo; e Margaret tinha pouca ou nenhuma dificuldade em cumprir sua determinação. De modo que não conseguia compreender como Mary podia ter agido errado e, apesar de todos os sofismas de que lançava mão para se enganar, sentia vergonha demais para falar de seus atos. Margaret sentiu-se enganada e ressentida; naquele momento, estava fortemente inclinada a cortar por completo relações com Mary, considerando-a uma menina desprovida do decoro apropriado ao seu sexo e capaz de uma dissimulação crassa, por ter se referido a um pretendente como fizera de Jem ao mesmo tempo em que tinha, com outro rapaz, relações de caráter no mínimo duvidoso.

Mas, naquele momento, Margaret foi incluída na conversa. Subitamente, Mary se deu conta de que a noite do crime fora a mesma noite, ou melhor, a mesma madrugada que a amiga passara com Alice. Ela se virou num estalo e disse:

— Ah, Margaret, você vai saber me dizer! Você estava lá quando ele voltou naquela noite, não estava? Não! Não estava, mas chegou poucas horas depois. Não ficou sabendo por onde Jem andou? Ele tinha passado a noite anterior fora também, quando Alice teve o ataque, quando você estava lá tomando chá. Ah! Onde ele estava, Margaret?

— Não sei — respondeu Margaret. — Espere! Lembro de ouvir dizer que ele ia fazer companhia a Will na caminhada até Liverpool. Não sei mais muito bem como era a história, pois aconteceu tanta coisa naquela noite...

— Vou falar com a mãe dele — disse Mary, decidida.

Nenhum dos dois disse nada, nem para aconselhar, nem para dissuadir. Mary sentiu que

não contava com a solidariedade deles e se preparou para agir sem o apoio da amizade de ninguém. Sabia que, se pedisse, eles lhe dariam conselhos, e era só disso que precisava para ajudar Jem. Ainda assim, a coragem vacilou um pouco enquanto Mary caminhava até a casa de Jane Wilson, sozinha no mundo, com seu segredo.

Os olhos de Sra. Wilson estavam inchados de tanto chorar, e foi triste ver o estrago que a ansiedade e a tristeza intensas haviam causado em sua aparência num período de 24 horas. Durante toda a noite, ela e a Sra. Davenport haviam desfiado suas lamúrias, sempre retornando, como o refrão de uma canção antiga, à mais profunda tristeza de todas, que agora ameaçava recair sobre a mãe de Jem. Mal sei que palavra usar para descrever seu estado: ela ficara, de certa maneira, orgulhosa de seu martírio. Estava apegada a seu pesar; sentia uma espécie de excitação em meio à angústia pelo filho.

— Então você está aí, Mary? Ah, minha filha! Ele vai ser julgado na terça-feira.

A Sra. Wilson começou a chorar, aquele pranto convulsivo e arfante que mostra tão claramente que outras lágrimas já foram derramadas antes.

— Ah, Sra. Wilson, não fique assim! Nós vamos ajudá-lo, a senhora vai ver. Não se angustie; eles não podem provar que ele é culpado!

— Mas vão provar, garanto! — interrompeu a Sra. Wilson, meio irritada com o que considerou ser o tom frívolo de Mary; e um pouco chateada por outra pessoa ter esperanças quando ela própria já quase encontrara prazer no desespero. — Talvez seja fácil para você achar que a tristeza que causou é bobagem, mas, enquanto eu for viva, vou considerar que a morte dele é culpa sua. E eu sei que ele vai morrer. E tudo isso por um crime que não cometeu; não, de jeito nenhum. Meu menino abençoado!

Ela estava fraca demais para sentir raiva durante muito tempo; sua fúria se dissolveu em soluços fracos e gemidos débeis.

Mary não pretendia deixar que a Sra. Wilson se entregasse nem à tristeza nem à raiva; pois queria muito que suas lembranças fossem claras. E, além do mais, sentia um enorme carinho pela mãe de Jem. Assim, ela falou num tom baixinho e gentil aquelas frases amorosas, que parecem tão vãs quando são repetidas, mas que têm tanto poder quando acompanhadas por olhares e gestos carinhosos e sinceros. Sem perceber, a velha se deixou influenciar por aqueles olhos azuis tão doces, aquelas lágrimas solidárias e aquelas palavras de amor e esperança, e foi levada a um estado de espírito menos mórbido.

— E agora, minha cara Sra. Wilson, consegue lembrar aonde Jem disse que ia na noite de quinta-feira? Ele estava na rua quando Alice ficou doente e só voltou para casa de manhã cedo. Ou, para falar a verdade, no meio da noite. Não foi?

— Foi! Eram quase cinco horas quando ele saiu com Will. Disse que ia acompanhar o primo por uma parte do caminho, pois Will tinha enfiado na cabeça que ia andar até Liverpool e não quis de jeito nenhum os cinco xelins que Jem ofereceu emprestados para a passagem dele. Então os dois rapazes saíram juntos. Lembrei de tudo agora, mas a doença de Alice e essa história do pobre do Jem tinham apagado esse fato da minha cabeça. Eles saíram juntos, para ir andando até Liverpool; quer dizer, Jem ia até uma parte do caminho. Mas quem sabe se ele foi mesmo? — disse ela, voltando ao mesmo tom abatido. — Talvez tenha desviado do caminho.

Ah, Mary, minha filha! Eles vão enforcar Jem pelo que ele não fez.

— Não vão, de jeito nenhum! Já tenho uma ideia do que fazer. Precisamos pedir ajuda a Will. Vai dar tempo. Ele pode jurar que Jem estava com ele. Onde está Jem?

— O povo disse que ele foi levado para Kirkdale na carroça da prisão esta manhã; sem me ver, coitadinho! Ah, menina! É horrível como eles estão fazendo tudo correndo!

— É! Não demoraram muito tempo procurando o homem que fez isso — concordou Mary, com tristeza e amargura. — Mas tenha coragem. Eles erraram de pista quando suspeitaram de Jem. Não tenha medo. A senhora vai ver como vai dar tudo certo.

— Seria mais fácil se eu pudesse fazer alguma coisa — disse Jane Wilson. — Mas tenho o corpo fraco e a cabeça confusa com essa história de Alice e tudo o mais. Penso, penso, mas não consigo fazer nada para ajudar meu filho. Agora eles me disseram que eu podia ter visto Jem a noite passada, mas perdi a chance. Ah, Mary, eu perdi a chance; e pode ser que nunca mais veja meu menino.

Ela encarou Mary com uma expressão tão triste nos olhos que a menina sentiu o coração apertado; temeu que fossem lhe faltar forças se desse vazão ao choro pelo qual ansiava e, por isso, mudou depressa de assunto e começou a falar de Alice. Jane, refletindo em seu íntimo que não havia tristeza como a de uma mãe, respondeu:

— Ela está mais ou menos na mesma, obrigada por perguntar. Está feliz, pois não sabe nada do que está acontecendo, mas o médico diz que vai ficando cada vez mais fraca. Gostaria de vê-la?

Mary subiu; em parte porque é a etiqueta dos humildes oferecer aos amigos uma última oportunidade de ver os moribundos ou os mortos, enquanto a mesma etiqueta proíbe uma recusa a essa oferta; e em parte porque desejava respirar, por um instante, a atmosfera santa de calma que sempre parecia envolver a boa e piedosa anciã. Alice continuava a não sentir dor, ou a não demonstrar nenhum sinal externo de dor, mas permanecia completamente inconsciente de todas as circunstâncias atuais, absorta pelas lembranças da infância, que eram vívidas o suficiente para substituir a realidade. Ainda falava de campos verdejantes e ainda conversava com a mãe e a irmã que há muito já haviam deixado este mundo, mortas e enterradas há anos, como se ainda estivessem ao seu redor, nos belos lugares onde passara a mocidade.

Mas a voz estava mais fraca e os movimentos, mais lânguidos. Era evidente que Alice estava morrendo; mas com tanta felicidade!

Mary permaneceu durante algum tempo em silêncio, vendo e escutando. Logo, se inclinou e beijou o rosto de Alice com grande reverência. Afastando Jane Wilson da cama, como se o espírito daquela que ali estava ainda estivesse consciente da realidade, sussurrou algumas palavras de esperança para a pobre mãe e, beijando-a diversas vezes com muito carinho, se afastou alguns passos, até que voltou mais uma vez e lhe pediu que tivesse coragem.

Quando deixou a casa, Jane Wilson sentiu como se um raio de sol houvesse parado de brilhar dentro da sala.

Ah, mas como o coração de Mary doía! Pois cada vez mais tinha a certeza de que seu pai era o assassino! Fez um enorme esforço para não fixar seus pensamentos nisso; para pensar apenas

na maneira de provar a inocência de Jem. Aquele era seu principal dever, e ele seria cumprido.

61. Trecho de “Hyperion: A Fragment” [Hiperião: um fragmento], do poeta inglês John Keats (1795-1821). (N. de T.)

62. Referência ao poema épico *A rainha das fadas*, do poeta inglês Edmund Spenser (1552-1599). (N. da T.)

A intimação

Serão, pois, estes pobres olhos
E esta mão trêmula que hão de decidir
Se o casco que leva meu amor e minha esperança
Conseguirá passar pelas rochas escarpadas
E chegar a um porto onde sorriem a paz e a
[segurança
Ou se ele se chocará, cego, contra elas
E irá, desgraçadamente, a pique.
Que Deus me clareie a visão e me firme a mão!
“A mulher constante”

Com o coração aos pulos e a cabeça repleta de ideias que precisavam de tempo e solidão para serem colocadas em ordem, Mary correu para casa. Era como alguém que encontra uma joia cujo valor não sabe avaliar de imediato, mas que esconde seu tesouro até um momento de tranquilidade em que poderá refletir sobre as possibilidades trazidas pelo objeto. Era como alguém que descobre o fio de seda que leva a um refúgio cheio de paz e, seguro do poder que tem em mãos, precisa esperar algum tempo antes de atravessar o labirinto.

Mas nenhuma joia, nenhum refúgio, jamais foi tão precioso para um avaro ou um amante quanto a crença, que agora dominava a mente de Mary, de que a inocência de Jem talvez pudesse ser provada sem que a suspeita recaísse sobre outra pessoa — alguém que ela amava tanto, apesar de ser um criminoso, e sobre cuja culpa naquele caso cruel não conseguia nem pensar. Pois, quando o fazia, surgia a pergunta aterradora: se tudo desse errado para Jem, o inocente, se o juiz e o júri dessem o veredicto que levava à forca, o que deveria fazer aquela que possuía o segredo terrível? Decerto que não incriminar o pai. Mas... mas... Mary quase chegou a rezar pela inconsciência abençoada da morte ou da loucura, pois preferia sofrer isso a ter de responder àquela pergunta.

Mas agora um caminho parecia se abrir, cada vez mais claro à frente. Ela estava grata por ter lembrado daquele tal de álibi, e mais ainda por ter, com tanta facilidade, uma pista sobre o paradeiro de Jem naquela noite desgraçada. A luz forte que sua esperança jogava sobre tudo também a fazia agradecer pelo fato de o julgamento estar tão próximo. Seria fácil encontrar Will Wilson em sua volta da Ilha de Man, que ele planejara para segunda-feira; e, na terça, tudo estaria esclarecido — tudo que Mary desejava ter a ousadia de esclarecer.

Ela ainda tinha de organizar as ideias e reavivar a lembrança para poder combinar seu encontro com Will — afinal, não tinha coragem de confiar numa carta. Precisava descobrir onde ele se hospedava quando estava em Liverpool e tentar lembrar o nome do navio no qual ia zarpar. Quanto mais pensava nessas coisas, mais encontrava dificuldade em se certificar desses detalhes importantes. Pois você sabe que Alice, cuja memória era clara e boa para tudo que lhe interessava ao coração, se encontrava, de certa maneira, inconsciente; e que Jane Wilson estava, para usar uma palavra que ela própria gostava de empregar e que soava tão expressiva no sotaque de Lancashire, “zonzá”, ou seja, perplexa, perdida em meio a pensamentos aterradores e angustiantes, incapaz de se concentrar. Além disso, mesmo em tempos menos difíceis, as idas e vindas de Will não significavam muito para ela (pelo menos, era o que dizia), de tanto que se ressentia de qualquer coisa que distraísse a atenção de sua pérola preciosa, seu filho Jem. Por isso, Mary não tinha esperança de extrair da mulher nenhuma informação sobre os planos do marinheiro.

Será que devia, portanto, falar com o próprio Jem? Não! Mary o conhecia bem demais. Imaginava que ele provavelmente já tivera inúmeras oportunidades de se inocentar às custas de outro. E sua recusa tácita de fazê-lo a deixara segura de algo do qual jamais chegara a duvidar, ou seja, de que o assassino estava a salvo de qualquer delação da parte de Jem. Mas Mary também temia que Jem não fosse consentir que nada fosse feito para provar sua inocência. De qualquer maneira, achou melhor não consultá-lo. Ele fora levado para Kirkdale, e o tempo estava passando. Já era meio-dia de sábado. E, mesmo que tivesse sido possível para Mary ver Jem, acredito que ela não teria feito isso. Queria fazer tudo sozinha: libertá-lo, salvar sua vida, ainda que jamais conseguisse voltar a ter o amor dele. E como poderia encontrar Jem para discutir aquele crime, quando ambos sabiam quem era o homem que tinha as mãos sujas de sangue? Aquele cujo nome, no entanto, não poderia ser sussurrado por nenhum dos dois, de tão amado que era por ambos, mesmo com todos os seus erros e pecados.

De repente, quando Mary parou de tentar lembrar, o nome do navio de Will brilhou como um lampejo em sua mente. *John Cropper*.

Teve certeza de que Will comentara diversas vezes. Chegara a mencioná-lo na conversa que tivera com ela naquela noite fatal de quinta-feira. Mary repetiu-o diversas vezes, morrendo de medo de esquecê-lo de novo. *John Cropper*.

Então, como se estivesse acordando de um estranho estupor, recordou-se de Margaret. Quem melhor do que ela para guardar com carinho cada pequeno detalhe a respeito de Will, agora que Alice estava morta para todos os propósitos desta vida?

Mary tinha raciocinado até aí quando uma vizinha entrou; era aquela com quem eles em geral deixavam a chave da porta de entrada, quando tanto a filha quanto o pai estavam fora, e

que, por isso, tomava para si a responsabilidade de responder a todos que vinham pedir informações e de receber os recados que os amigos podiam deixar ao encontrar a casa fechada.

— Um policial deixou isto aqui para você, Mary.

Era um pedaço de pergaminho.

Muitas pessoas têm pânico desses pergaminhos misteriosos. Eu sou uma delas. Mary era outra. Sentiu uma grande apreensão no coração ao pegá-lo e olhar a estranha escrita que, embora fosse legível, não fazia sentido para ela; ou melhor, foi sua mente que se recusou a apreender qualquer sentido, o que, afinal de contas, era uma prova de que ela mesma suspeitava do que estava prestes a ler ali.

— O que é? — perguntou, numa voz que parecia ter perdido toda a força e a sustentação.

— Ora! Como eu vou saber? O policial disse que vai passar aqui de novo à noite para ver se você recebeu. Não queria deixar comigo de jeito nenhum, apesar de eu ter dito quem era e explicado que ficava com a chave e com os recados.

— É sobre o quê? — perguntou Mary de novo, na mesma voz rouca e débil, revirando o pergaminho entre os dedos como se temesse entender o que continha.

— Você sabe ler letras, e eu, não, então é muito esquisito me perguntar. Mas meu patrão disse que é uma ordem para você ir testemunhar contra Jem Wilson no tribunal de Liverpool.

— Deus tenha piedade de mim! — gemeu Mary, branca como um lençol.

— Não se consuma, minha filha. Nada do que você disser vai fazer muita diferença, pois o povo está dizendo que ele vai ser enforcado com certeza. Além do mais, seu namorado era o outro.

Fosse outra a ocasião, essas palavras teriam sido como uma punhalada para Mary; mas, dessa vez, ela estava ocupada demais pensando na terrível oportunidade em que voltaria a ver Jem — muito distante de um encontro entre dois namorados!

— Muito bem — disse a vizinha, sem ver sentido em permanecer na companhia de alguém que não notava nem suas palavras, nem sua presença —, diga ao policial que recebeu o precioso papel. Ele pareceu achar que eu queria ficar com o troço para mim. Foi a primeira pessoa que duvidou de que eu ia dar o recado ou o bilhete. Bom dia.

Ela saiu da casa, mas Mary não percebeu. Permaneceu imóvel, sentada com o pergaminho na mão.

De repente, ficou de pé. Decidiu levar o documento a Job Legh e pedir que ele lhe dissesse o que significava, pois não podia ser *aquilo*.

Mary foi e, com a voz estrangulada, fez sua pergunta.

— É uma intimação — respondeu Job, revirando o pergaminho com ar de especialista.

Pois adorava palavras difíceis e documentos de advogado, chegando até a se considerar qualificado para ser um graças ao pouco de entendimento que obtivera com um dos tomos do tratado sobre o sistema legal, escrito por Sir William Blackstone, que comprara numa livraria certa vez.

— Uma intimação? O que é isso? — perguntou Mary, ainda prendendo a respiração de suspense.

Job ficou impressionado com a voz dela, tão mudada e carregada de tristeza. Ele espiou-a

por cima dos óculos.

— Uma intimação não é nada mais, nada menos do que isso, minha filha. É uma ordem para você ir ao tribunal responder às perguntas que lhe fizerem sobre o julgamento de James Wilson pelo assassinato de Henry Carson. Está aqui, tim-tim por tim-tim, mas dito de um jeito mais elegante para o prazer daqueles que sabem dar valor à dádiva da eloquência. Eu próprio já fui testemunha. Não precisa ter medo; se eles forem atrevidos, seja também, que assim fica tudo equilibrado.

— Não precisa ter medo! — repetiu Mary, mas num tom bem diferente.

— Ah, minha pobre filha, eu já entendi. Vai ser um pouco difícil para você, mas não desanime. Nada do que disser vai ser de muita importância. Não! Talvez até ajude um pouco, pois, quando eles lhe virem, vão ver logo por que foi que ele se deixou levar pelos ciúmes; pois você é uma moça bonita, Mary, e basta ver seu rosto para entender o segredo da loucura de um homem e fazer com que seja mais compreensível.

— Ah, Job, você nunca vai acreditar quando eu digo que Jem é inocente? É sim, e eu posso provar. Ele estava com Will aquela noite toda. Estava sim, Job!

— Ah, minha menina! Quem foi que lhe disse isso?

— Ora! A mãe dele me disse e eu vou fazer Will testemunhar contando que foi. Mas, ah, Job — continuou Mary, caindo em prantos —, é difícil quando vejo que não acredita em mim. Como vou convencer estranhos de que Jem não é culpado se aqueles que o conhecem, e quem deviam amá-lo, são contra a ideia de ele ser inocente?

— Deus sabe que eu não sou contra a ideia de ele ser inocente — disse Job, num tom solene. — Eu daria metade dos dias que ainda tenho nesta terra... daria todos, Mary (e, se não fosse pelo amor que sinto pela minha pobre menina cega, eles não seriam um presente muito precioso) para poder salvá-lo. Você acha que sou duro, Mary, mas, no fundo, isso não é verdade; e vou ajudá-la, se puder. Vou sim, seja certo ou seja errado — acrescentou em voz baixa, tossindo no segundo seguinte para encobrir sua incerteza.

— Ah, Job! — exclamou Mary, se alegrando, mas ainda com o calor de um sol de inverno. — Se você vai mesmo me ajudar, me diga o que responder quando eles me interrogarem. Vou ficar tão espavorida que não vou saber o que responder.

— O que você deve fazer é contar a verdade. A verdade é sempre o melhor caminho, é o que dizem; e, quando se trata de advogado, não há dúvida. Pois eles são cheios de artimanhas para descobrir tudo mais cedo ou mais tarde, e a gente fica com cara de bobo quando nossa mentira tem perna curta.

— Mas eu não sei a verdade. Quer dizer... não sei bem o que quero dizer. Mas tenho certeza de que, se me enfiarem lá dentro com mais de cem pessoas me olhando e me fizerem a pergunta mais simples do mundo, vou acabar respondendo errado. Se me perguntarem se eu vi você no sábado, ou na quinta, ou qualquer outro dia, vou esquecer tudinho e dizer justamente o que não devo.

— Ora, ora, não enfie essas coisas na cabeça. Isso é o que se chama de *nervosismo* e ficar falando não presta para nada. Lá vem Margaret! Que beleza! Veja, Mary, como ela acha o caminho sozinha.

Job começou a observar a neta que, com passos equilibrados e cautelosos, que quase pareciam seguir uma melodia, vinha atravessando a rua.

Mary se encolheu como se tivesse sentido uma rajada de vento frio — fugindo de Margaret! A menina cega, com sua reserva, seu silêncio, lhe parecia uma juíza severa. Se estivesse escutando tudo, impediria aquela franqueza e aquela confiança que estavam começando a ganhar a simpatia de Job. Mary sabia que era culpada; sentia seus erros com todo o coração, mas preferia ser censurada em voz alta, ainda que com rispidez, a ser tratada da maneira gélida com que Margaret a recebera naquela manhã.

— Mary está aqui — informa Job, quase como se quisesse adular a neta —, para comer uma coisinha com a gente, pois aposto que não pensou em preparar nada de comida hoje. Está branca que nem um fantasma.

Tinham sido as palavras exatas para fazer nascer aquela hospitalidade tão forte e calorosa entre a maioria daqueles que têm pouco a oferecer, mas oferecem esse pouco de coração. Margaret se aproximou de Mary com um gesto de boas-vindas, comportando-se de maneira muito mais doce do que naquela manhã.

— Não recuse, Mary. Você sabe muito bem que não tem nada na sua casa — insistiu Job.

E Mary, fraca, cansada e com o coração repleto demais de outras dores para ser teimosa, desistiu de recusar.

Eles almoçaram sem conversar; pois, para todos, falar era um esforço e, após uma ou duas tentativas, o silêncio recaiu sobre a mesa.

Quando a refeição terminou, Job voltou a abordar o assunto que estava na cabeça de todos.

— Aquele pobre menino em Kirkdale vai precisar de um advogado se não quiser que lhe passem a perna. Você já pensou nisso?

Mary não tinha pensado, e teve certeza de que a mãe dele também não pensara.

Margaret confirmou essa suposição.

— Acabei de voltar de lá e a pobre Jane não sabe nem para onde ir; é tristeza demais ao mesmo tempo. Tem horas que tem certeza de que Jem vai ser enforcado; e, se eu concordava, ela explodia, coitada, e dizia que, apesar do que o povo andava falando, tinha gente por aí que ia provar a inocência dele. De modo que eu não sabia o que dizer. O único constante é que ela jura que ele é inocente.

— Como toda mãe! — observou Job.

— Ela estava falando de Will, quando disse que tinha gente que podia provar a inocência de Jem. Ele estava com Will na noite de quinta; indo com ele por uma parte do caminho até Liverpool. A questão é encontrar Will para que ele possa provar isso — disse Mary, com a tranquilidade da convicção.

— Não conte muito com isso, minha querida — disse Job.

— Mas eu conto, sim — respondeu Mary —, porque sei que é a verdade e pretendo tentar prová-la de qualquer maneira. Nada do que você disser vai me desanimar, Job, por isso nem tente. Pode me ajudar, mas não pode me impedir de fazer o que resolvi.

Eles respeitaram sua firmeza e determinação e Job quase passou a acreditar nela quando viu que não vacilava. Ah! Esse é o jeito mais certo de converter outros à nossa fé, seja ela qual for,

em coisas pequenas ou grandes: mostrar que ela nos move e que jamais a abandonamos! Mostrar que, em vez de a proferirmos aos quatro ventos, nos guiamos por ela em cada um dos nossos gestos!

Mary ganhou coragem quando sentiu instintivamente que começara a persuadir ao menos um de seus amigos.

— Eu tenho certeza de uma coisa — continuou. — Jem estava com Will quando o... quando deram o tiro.

Ela não conseguiu dizer “quando cometeram o crime”, pois lembrou *quem* provavelmente tirara aquela vida.

— Will pode provar isso: preciso encontrá-lo — explicou Mary. — Ele só parte na quinta. Há tempo. Disse que ia voltar da casa do tio, na Ilha de Man, na segunda. Preciso encontrá-lo em Liverpool nesse dia, dizer-lhe o que aconteceu, contar que o pobre Jem precisa dele e que ele tem que dar prova do álibi na terça. Posso fazer tudo isso e vou fazer, embora não saiba exatamente como, no momento. Mas Deus há de me ajudar. Sei que estou fazendo o certo e, por isso, não vou me amedrontar e terei fé Nele; pois estou agindo em nome de alguém que é inocente e bom, e não por mim mesma, que errei tanto. Não tenho medo quando penso em Jem, que é tão bom.

Ela parou de falar, com o coração transbordando. Margaret começou a sentir carinho por Mary de novo; a ver nela a mesma criatura doce, falha, impulsiva e adorável que sabia ser Mary Barton, mas com mais dignidade, autoconfiança e determinação.

Mary continuou:

— Sei o nome do navio de Will: *John Cropper*. E sei que ele vai para a América. Já é alguma coisa. Mas esqueci, se é que já soube, onde ele se hospeda em Liverpool. Will falou da senhoria como sendo uma mulher boa e de confiança, mas, se me disse o nome dela, não me lembro. Você pode me ajudar, Margaret?

Ela apelou para a amiga de maneira calma e franca, reconhecendo o elo tácito que a ligava a Will e demonstrando ter perfeita consciência dele; indagou da mesma maneira como perguntaria a uma esposa onde morava seu marido. E Margaret respondeu no mesmo tom tranquilo, com apenas duas manchas escarlates nas faces traindo sua agitação íntima.

— Ele mora na casa da Sra. Jones, no pátio da leiteria, que fica na rua Nicholas. Vive lá desde que virou marinheiro; e ela é uma mulher muito decente, pelo que eu sei.

— Muito bem, Mary! Vou rezar por você — acrescentou Job. — Eu não rezo sempre, mas às vezes dou uma palavrinha com Deus, quando estou muito feliz ou muito triste. Já me peguei pensando Nele em alguns momentos estranhos, quando encontro um inseto raro ou quando o dia do meu passeio estava bonito; não consigo evitar, assim como não consigo deixar de conversar com um amigo. Mas dessa vez vou fazer uma reza regular por Jem e por você. E Margaret também, aposto. Mas mesmo assim, minha filha! O que você acha de arrumar um advogado? Eu conheço um, o Sr. Cheshire, que entende muito de insetos e é um bom camarada. Já trocamos espécimes várias vezes, quando temos um repetido. Ele não vai se negar a me fazer um favor, aposto. Vou pegar meu chapéu e lhe fazer uma visitinha.

E assim Job fez.

Margaret e Mary ficaram a sós, o que pareceu trazer de volta o constrangimento, para não dizer a frieza, entre as duas.

Mas, imbuída de uma coragem extraordinária devido à excitação que sentia, Mary foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Ah, Margaret. Estou vendo... Sinto que você acha que eu agi muito errado. Mas não pode pensar pior de mim do que eu penso de mim mesma, agora que meus olhos foram abertos.

E os soluços lhe estrangularam a voz.

— Não — disse Margaret —, não tenho direito de julgar...

— Sim, Margaret, você tem direito de julgar, e não consegue evitar. Mas, ao me julgar, lembre de ter misericórdia, como diz a Bíblia. Você, que sempre foi boa, não sabe como é fácil começar errando um pouco, e depois como é difícil se arrepender. Ah, eu nunca imaginei, quando ficava feliz com o que o Sr. Carson me dizia, que ia terminar desse jeito. Acho que, agora que está morto, gosto mais dele do que quando era vivo.

Ela desatou a chorar. Precisava dar vazão aos sentimentos que tinha reprimido o dia todo. Mas então, controlando-se com um enorme esforço e olhando para Margaret com grande humildade, como se aqueles olhos impassíveis pudessem ver sua expressão da súplica, acrescentou:

— Não posso chorar; preciso ser forte. Terei bastante tempo para isso depois se... só gostaria que você fosse gentil comigo, Margaret, pois estou muito, muito infeliz; mais infeliz do que qualquer pessoa poderia imaginar. Mais infeliz, às vezes penso, do que mereço... mas isso é errado, não é, Margaret? Ah! Eu errei e fui punida: você não sabe o quanto.

Quem poderia resistir àquela voz, àquele tom de tristeza, de humildade? Quem recusaria a gentileza pela qual ela implorava, contrita? Margaret, não. A antiga amizade voltou talvez com mais carinho do que nunca.

— Ah, Margaret! Você acha que ele pode ser salvo? Acha que vão condená-lo mesmo se Will testemunhar? Esse não é um bom álibi?

Margaret hesitou por um instante.

— Fale, por favor, Margaret!

— Não sei nada de leis, nem de álibis — respondeu Margaret, mansamente. — Mas, Mary, como disse o vovô, você não está se fiando demais no que Jane Wilson falou, sobre ele ter ido com Will? Pobre coitada, ela perdeu o juízo, eu acho, de tanto se preocupar e velar, e de tanta tristeza. Não é de se admirar. Ou pode ser que Jem tenha mentido para ela, para enganá-la.

— Você não conhece Jem — disse Mary, se levantando de um pulo —, ou não diria isso.

— Espero estar errada! Mas pense, Mary, em quantas provas há contra Jem. O tiro foi dado por sua arma; foi ele que ameaçou o Sr. Carson poucos dias antes; ele estava fora de casa naquele mesmo horário, como nós sabemos e como, eu temo, alguém vai ser obrigado a provar; e não há mais nenhum outro suspeito.

Mary deu um suspiro profundo.

— Mas Margaret, ele não cometeu o crime — afirmou ela mais uma vez.

Margaret não pareceu se convencer.

— Estou vendo que não adianta falar isso, pois nenhum de vocês acredita. Melhor não falar

mais até poder provar. Na segunda-feira de manhã, vou a Liverpool. Estarei de volta para o julgamento. Se Deus quiser, vou encontrar Will. E então, Margaret, você vai se arrepender de sua teimosia.

— Não se irrite, minha querida Mary. Daria tudo para estar errada. E agora vou falar com franqueza. Você vai precisar de dinheiro. Esses advogados sugam dinheiro igual a uma esponja; e também vai ter essa história de procurar por Will, ficar em Liverpool e não sei mais o quê. Precisa levar algumas das moedas que guardei no meu bule velho. Não tem o direito de recusar, pois estou oferecendo a Jem, não a você; é em nome dele que vai usar.

— Eu sei, já entendi. Obrigada, Margaret. Você é uma pessoa boa. Aceito o dinheiro, por Jem; e vou usá-lo da melhor maneira possível. Mas não vou levar tudo isso. Basta o dinheiro para ir a Liverpool. Basta isso — disse Mary, aceitando uma moeda de ouro que Margaret tirou do tesouro que guardava no lugar de sempre do armário. — Seu avô é quem vai pagar o advogado; não vou nem chegar perto dele — continuou, estremecendo ao lembrar o que Job dissera sobre a habilidade dos advogados de sempre descobrirem a verdade, mais cedo ou mais tarde, e sabendo o segredo que tinha a esconder.

— Que bobagem! Não é nada demais — disse Margaret, interrompendo os agradecimentos de Mary. — Eu às vezes penso que existem dois lados no que diz a Bíblia e que devíamos deixar que os outros façam pela gente como faríamos por eles; pois o orgulho nos impede de dar muito prazer aos nossos amigos, quando querem nos ajudar e não deixamos; sendo que nós próprios gostaríamos de fazer a mesma coisa se estivéssemos no lugar deles. Ah, quantas vezes já me magoei quando me disseram com frieza que não me preocupasse ou me entristecesse por alguém, quando via que eles passavam por um grande sofrimento e precisavam de consolo! Nosso Senhor Jesus Cristo não considerava uma humilhação deixar que cuidassem Dele, pois sabia como ficamos felizes quando podemos fazer algo por alguém. É a melhor sensação deste mundo.

Mary estivera absorta demais em observar o que estava se passando na rua para prestar muita atenção no que Margaret estava dizendo. De sua cadeira podia ver bem pela janela, e viu um homem chique andando ao lado de Job, ferrado numa conversa com ele; parecia inteligente e perspicaz o suficiente para ser advogado. Job estava explicando algo que precisava ser feito; Mary pôde deduzir isso pelo dedo indicador erguido e pelo gesto que fazia com ele. Então, o avô de Margaret apontou e indicou com a cabeça sua casa do outro lado da rua, como convidando o amigo a entrar. Mary teve medo de que o homem fosse aceitar e que ela fosse ser submetida a um interrogatório mais profundo sobre por que tinha tanta certeza de que Jem era inocente. Parecia que ele vinha mesmo; já andava em direção à casa. Não! Foi só para dar uma passagem a criança que vinha aos pulos e que Mary não tinha visto. Job agarrou-o pelo botão, de tão íntimo que já estava dele. O homem parecia estar doido de vontade de ir embora, mas se submeteu a isso com uma expressão que fez Mary gostar dele, apesar de sua profissão. Logo seguiu-se uma rajada de últimas palavras, respondidas com leves acenos de cabeça e monossílabos; e então o estranho se afastou com passos duplamente mais rápidos e Job atravessou a rua com um ar importante e satisfeito no rosto bondoso.

— Muito bem, Mary! — disse ele, ao entrar. — Já falei com o advogado. Mas não com o Sr.

Cheshire; parece que julgamento por assassinato não é a especialidade dele. Mas ele me recomendou outro advogado, um camarada simpático, mas muito tagarela. Eu quase não consegui falar, de tanto que ele me interrompia. De qualquer maneira, acabei de repassar os principais pontos do caso com ele. Talvez você tenha visto a gente conversando! Quis que viesse aqui e falasse com você pessoalmente, Mary, mas ele estava com pressa; e disse que seu testemunho não faria muita diferença. Ele vai ao tribunal no primeiro trem de segunda, vai ver Jem e vai saber do caso tim-tim por tim-tim. E me deu um endereço onde você e Will devem ir (Will principalmente) na segunda às duas. Entendeu bem, Mary? É para ir ver o homem em Liverpool às duas da tarde de segunda-feira.

Job tinha motivos para duvidar se ela havia compreendido, pois toda essa riqueza de detalhes, todos esses preparativos que, para ele, tinham sido tão satisfatórios, só fizeram Mary se dar conta das circunstâncias nas quais se encontrava. Eles a convenceram de que aquilo era real, e não apenas um sonho, como ela passara a acreditar durante alguns minutos, sentada naquele lugar tão familiar, com o corpo se regalando com o descanso e o alimento, e ouvindo a voz tranquila de Margaret. O homem que ela acabara de ver ia se encontrar com Jem e interrogá-lo dentro de poucas horas; e qual seria o resultado?

Segunda-feira: depois de amanhã. E na terça a vida e a morte seriam realidades tremendas para o homem que amava; ou a morte seria uma certeza terrível para seu pai.

Não foi à toa que Job repetiu as informações mais importantes:

— Segunda; às duas da tarde, veja bem. Aqui está o cartão dele. Chama-se Sr. Bridgenorth, rua Renshaw, número 41, Liverpool. É lá que ele vai se hospedar.

Job parou de falar e o silêncio fez Mary acordar e agradecer.

— É muita bondade sua, Job. Muita, mesmo. Você e Margaret não vão me desertar, não importa o que aconteça.

— Que bobagem, minha filha! Não perca a coragem, logo agora que eu estou me animando. Ele pareceu colocar muita fé no testemunho de Will. Vocês têm certeza, meninas, do que Will disse?

— Tenho — disse Mary. — Ele saiu direto daqui para ver o tio na Ilha de Man e vai voltar no domingo à noite, pronto para pegar o navio que zarpa na terça.

— Eu também tenho — afirmou Margaret. — E o nome do navio é *John Cropper*, e ele se hospeda naquele lugar que eu falei para Mary. Você anotou, Mary?

Mary anotou o endereço de Will no verso do cartão do Sr. Bridgenorth.

— Ele não estava com muita vontade de ir — contou ela —, pois não sabia muito sobre o tio e pouco lhe importava descobrir mais. Mas disse que parente é parente e promessa é promessa; então ia por um ou dois dias e acabava com isso.

Margaret teve de sair para cantar na cidade mais uma vez; assim, embora detestando a ideia de partir e ficar sozinha, Mary se despediu dos amigos.

No leito de morte

Ah, triste e solene é a vigília trêmula
Daqueles que contam as horas pesadas
Diante do sono febril de alguém que amam!
Ah, terrível é, no silêncio da meia-noite,
Observar o corpo pálido e imóvel e perguntar,
Com um sobressalto: é o sono... ou a morte?

Anônimo

Mary não conseguia ser paciente na solidão; tantos pensamentos dolorosos a oprimiam que até sua casa parecia assombrada com as lembranças e os presságios.

Após ter feito tudo que podia por Jem, com poucos poderes, mas um coração apaixonado; e ter colocado um véu negro sobre o passado, o presente e o futuro do pai, através do qual não conseguia vislumbrar qualquer serviço filial que pudesse cumprir, ela buscou instintivamente algo para se ocupar. Qualquer coisa seria melhor do que ter tempo para refletir.

E então surgiu o velho sentimento que ligou Rute a Noemi:⁶³ o amor que ambas nutriam pela mesma pessoa. E Mary sentiu que seu fardo seria menos pesado se ela pudesse ser útil ou confortar a mãe do homem que amava. Assim, mais uma vez, trancou a casa e partiu para Ancoats; andando depressa, com a cabeça baixa, com medo de que alguém fosse reconhecê-la e impedi-la de seguir seu caminho.

Ao entrar, encontrou Jane Wilson sentada numa poltrona, imóvel, num contraste surpreendente com seu jeito inquieto e nervoso de sempre.

Estava muito pálida e abatida, mas sua imobilidade foi o que mais impressionou Mary. Ela não se moveu quando a menina entrou; apenas permaneceu sentada e disse algo num tom de voz tão suave e débil que Mary não escutou.

A Sra. Davenport, que estava lá, puxou o vestido de Mary e sussurrou:

— Não dê atenção a ela; está cansada e é melhor que fique quieta. Eu lhe conto tudo lá em cima.

Mas Mary, tocada pelo olhar ansioso com que a Sra. Wilson a encarou, como quem esperava a resposta a alguma pergunta, se aproximou para ouvir aquilo que ela dissera, e que agora repetia.

— O que é isso? Você me explica?

Então Mary viu outro pergaminho agourento na mão da mãe, que ela enrolava entre os dedos trêmulos. O coração da menina gelou; e ela não conseguiu dizer nada.

— O que é isso? — repetiu a Sra. Wilson. — Você me explica?

Ela continuou a olhar para Mary com a mesma expressão, curiosa e paciente como a de uma criança.

O que Mary podia responder?

— Eu lhe disse para não dar atenção — disse a Sra. Davenport, um pouco irritada. — Ela sabe muito bem o que é aquilo; bem até demais. Eu não estava aqui quando eles trouxeram; mas a Sra. Heming, que mora aqui do lado, estava e ela explicou tudo direitinho para a Sra. Wilson. É uma intimação para testemunhar no julgamento de Jem. A Sra. Heming acha que é para falar da arma, pois não existe mais ninguém que possa jurar que é dele, e como ela saiu dizendo para o policial que era, não tem mais como voltar atrás. Coitada, é muito difícil para ela!

A Sra. Wilson havia esperado pacientemente pelo fim desses sussurros, imaginando, talvez, que ao término surgiria alguma explicação dirigida a ela. Mas quando as duas permaneceram em silêncio, embora seus olhares expressassem, sem necessidade de linguagem, a pena que sentiam, ela voltou a falar. Falou na mesma voz suave, tão diferente do tom irritado que sempre usava com todos, exceto com o marido, aquele que a tomara por esposa mesmo quando ela estava ferida e alquebrada; nessa voz sem nada de sua rispidez usual, ela disse as mesmas palavras ansiosas:

— O que é isso? Você me explica?

— É melhor me dar isso logo, Sra. Wilson, para eu guardar. Fale com ela, Mary, e peça para ver o papel; já cansei de tentar tirar da sua mão, mas ela parece que não me entende, e eu não quero pegar à força.

Mary pegou um banquinho de debaixo da cômoda e se sentou ao pé da Sra. Wilson. E, tomando gentilmente uma de suas mãos trêmulas, começou a fazer um carinho nela. Houve uma certa resistência — mas só um pouco. Logo, num movimento nervoso da mão apertada, o pergaminho caiu ao chão.

Mary pegou-o tranquilamente e às claras, sem tentar esconder o que estava fazendo; e, pousando-o diante dos olhos ansiosos que o acompanharam, apavorados, como se ele contivesse um feitiço, continuou suas carícias suaves.

— Ela não dorme há muitas noites — disse para a Sra. Davenport. — E com toda essa tristeza... não é de se admirar.

— Não é mesmo!

— Precisamos colocá-la na cama agora. Trocar essas roupas todas e pedir a Deus que tenha

a bondade de deixá-la dormir. Ou então...

Veja bem, elas falavam da Sra. Wilson como se ela não estivesse presente; de tão distante que estava o seu coração.

Assim, as duas a ergueram da poltrona na qual ela estava sentada sem se mover e, levando-a lá para cima com a doçura com que uma mãe carrega um bebê adormecido, despiram seu corpo cansado e deitaram-na no catre que ficava no quarto do segundo andar. Tinham chegado a pensar em colocá-la na cama de Jem, para que Alice não a perturbasse; mas lembraram do choque que podia tomar ao acordar num lugar tão diferente, e também pensaram que Mary, que pretendia ficar de vigília naquela casa arrebatada pelo luto, teria dificuldade em dividir sua atenção caso precisassem dela nos dois cômodos ao mesmo tempo.

De modo que, como eu disse antes, elas colocaram a Sra. Wilson deitada no pequeno catre; e quando estavam se afastando devagar da cabeceira, rezando para que adormecesse e esquecesse seu fardo durante algum tempo, ela olhou com tristeza para Mary e sussurrou:

— Você não me disse o que é aquilo. O que é?

E, encarando-a na expectativa da resposta, suas pálpebras se fecharam devagar e ela caiu num sono profundo e pesado, um descanso quase tão absoluto quanto a morte.

A Sra. Davenport foi para casa e Mary ficou sozinha — pois não posso dizer que aqueles que dormem são companheiros na agonia que a solidão às vezes traz.

Ela temia a noite que se estendia à sua frente. Alice podia morrer; naquele dia mesmo, o médico havia declarado que ela não tinha salvação e estava perto do fim. E, de tempos em tempos, o pavor, tão natural entre os jovens, não da morte, mas dos restos mortais, dominava Mary. Ela se inclinava, ansiosa, tentando discernir a respiração profunda e entrecortada de Alice.

Ou a Sra. Wilson podia acordar num estado que Mary temia imaginar, mas no qual não conseguia deixar de pensar: um estado de delírio total. Seus sentidos já tinham ficado severamente embotados diante da explicação daquilo que lhe era exigido — testemunhar contra seu querido Jem, seu filho único —, explicação que a diligente Sra. Heming, sem dúvida, não hesitara em dar. E se em seus sonhos (aquela terra onde a piedade e o amor de outra pessoa não podem penetrar, nem para compartilhar da felicidade, nem da angústia; aquela terra cujas cenas são horrores invisíveis, mistérios ocultos e tesouros inestimáveis reservados só para nós; aquela terra onde, sozinha, eu posso ver, enquanto permaneço neste mundo, o lindo rostinho do meu filho querido),⁶⁴ e se, em meio aos horrores de seus sonhos, sua mente se perdesse ainda mais e ela acordasse enlouquecida com as visões e a realidade terrível que as engendrara?

Como a expectativa às vezes é pior do que a realidade! Como Mary temeu aquela noite, e quão calmamente ela se passou! Foi ainda mais tranquila do que se a menina não tivesse ninguém aos seus cuidados!

A preocupação que sentiu por Alice e pela Sra. Wilson a fez esquecer das suas próprias. Mary pensou apenas nas mulheres adormecidas por quem velava, até que, vencida pela falta de descanso, deu cochiladas curtas, com as quais a noite passou imperceptivelmente. É verdade que Alice falou e cantou nos momentos em que estava acordada, como se fosse a criança que se imaginava; mas o fez de maneira tão alegre, com aqueles que amava ao redor e com o aroma da

urze e o canto do pássaro selvagem flutuando em sua imaginação — cantarolando trechos de velhas baladas ou de versões primitivas dos salmos (como aqueles que são cantados em igrejas do interior com a parede quase toda coberta de hera, onde o riacho que corre ou o vento que murmura por entre as árvores formam um acompanhamento apropriado para o coro de vozes humanas dando graças a seu Deus) — que a fala e a canção trouxeram conforto para o coração da ouvinte, e a alvorada cinzenta já ofuscava a luz da vela quando primeiro ocorreu a Mary que era possível ver o dia raiando no horizonte.

Então ela se levantou da poltrona onde havia cochilado e foi, ainda meio adormecida, até a janela, para se assegurar de que o novo dia chegara. As ruas estavam estranhamente silenciosas, com uma calma de domingo. Naquela manhã, não havia sino de fábrica, nem trabalhadores indo cedo para o trabalho, nem mocinhas de galochas limpando as vitrines das lojinhas que quebravam a monotonia da rua. Em vez disso, era possível ver um operário indo para o campo em busca de um pouco de ar fresco, ou um homem levando seus pequenos para o prazer extraordinário de um passeio com o papai em meio ao ar claro e gelado da manhã. Aqueles que tinham mais tempo livre durante a semana talvez tivessem caminhado mais depressa pelo ar cortante daquela manhã de domingo; mas, para aqueles homens havia um prazer e uma novidade nos passos lentos que todos, sem exceção, davam.

Havia, de fato, um ou dois transeuntes naquela manhã cujos propósitos eram menos inocentes e menos louváveis do que os daqueles que já mencionei, e cuja mente selvagem contrastava horivelmente com a tranquilidade do dia. Mas não pretendo falar deles, já que eu, você, e quase todo mundo, creio, pode se culpar por não ter feito todo o possível por aqueles entre nossos irmãos que se desviam do caminho da virtude.

Quando Mary deu as costas para a janela, foi até a cama de cada uma das mulheres adormecidas, para observar e escutar. Alice parecia perfeitamente tranquila e satisfeita em seu sono, e seu rosto tinha se tornado muito mais jovem naquela caminhada indolor até a morte.

O rosto da Sra. Wilson estava marcado pela ansiedade dos últimos dias, embora ela também parecesse estar dormindo um sono profundo. Porém, enquanto Mary a fitava, tentando encontrar semelhanças entre suas feições e as do filho, ela acordou e encarou-a com olhos que mostravam que recobrava a consciência do que se passava ao seu redor.

Ambas permaneceram em silêncio durante um ou dois minutos. Mary baixou os olhos diante daquele olhar penetrante, no qual a agonia da lembrança parecia aumentar mais a cada instante.

— Isso é um sonho? — perguntou afinal a mãe, baixinho.

— Não! — respondeu Mary, no mesmo tom.

A Sra. Wilson escondeu o rosto no travesseiro.

Estava perfeitamente consciente de tudo naquela manhã; era evidente que o torpor causado pela intimação, que a afetara tanto na noite anterior, quando já estava exausta, havia passado. Mary não se opôs quando ela indicou, com um gesto lânguido, que desejava se levantar. Um leito onde não se dorme é um lugar assombrado.

Depois que a Sra. Wilson se vestiu, com a ajuda de Mary, postou-se diante de Alice por alguns minutos e ficou observando a cunhada adormecida.

— Como ela está feliz! — murmurou, com tristeza.

Durante todo o tempo que Mary passou preparando o café e realizando todas as outras tarefas domésticas que lhe ocorreram para dar mais conforto à mãe de Jem, a Sra. Wilson permaneceu imóvel na poltrona, observando-a em silêncio. Sua velha irritação parecia ter desaparecido de repente; ou, talvez, ela estivesse deprimida demais para demonstrá-la.

Mary lhe contou tudo o que tinha sido feito para contratar os serviços do Sr. Bridgenorth; todos os seus planos para encontrar Will; todas as suas esperanças; e ocultou o melhor que pôde os medos que ainda sentia. A Sra. Wilson ouviu sem falar nada, profundamente interessada e compreendendo tudo. Quando Mary terminou, ela suspirou e disse:

— Ah, minha filha! Eu sou a mãe dele, mas faço tão pouco, tenho tão pouco poder! É isso que me dá agonia. Pareço uma criança que vê a mãe doente e chora até não poder mais, mas não faz nada para ajudar. Acho que meu juízo me largou de vez, e eu não consigo encontrar forças nem para chorar que nem o bebê.

Nesse momento, ela emitiu um lamento fraco pelo fato de que sua demonstração de pesar não era maior; como se algum grito, alguma lágrima ou alguma palavra dita bem alto pudesse demonstrar melhor a dor do seu coração do que aquele olhar ou aquele fiapo de voz tão alterado!

Mas pense em Mary e no que ela estava suportando! Imagine (pois eu não saberia descrever) os exércitos de pensamentos que se chocavam em seu cérebro; e depois conceba o esforço que ela teve de fazer para permanecer calma e até levemente alegre e sorridente.

Mary então começou a tentar bolar alguma maneira de poupar a Sra. Wilson de dar seu testemunho sobre a arma. Ela não fizera qualquer menção à intimação naquela manhã, e Mary chegou a pensar que havia esquecido; e decerto deveria haver algum jeito de prevenir mais aquela tristeza. Ela precisava conversar com Job; se fosse necessário, conversaria até com o Sr. Bridgeworth, apesar de toda a sua capacidade de extrair a verdade. Pois Mary tanto lutara e prevalecera (embora a muito custo) sobre si mesma naqueles dias, tanto escondera sua agonia, sua tristeza e sua perplexidade, que começava a ter mais confiança em seu poder de encarar qualquer pessoa sem se trair; não importava o que estivesse lhe consumindo por sob o véu da dissimulação.

De modo que, assim que a Sra. Davenport, aquela mulher bondosa e simpática, apareceu, após ter ido à missa matinal, para perguntar pelas duas mulheres solitárias, Mary lhe fez um relatório (tão mais positivo, no que concernia a Sra. Wilson, do que elas haviam temido após a noite anterior) e, dizendo qual era seu propósito, foi buscar o médico que cuidava de Alice.

Ele estava estremecendo de frio após a ronda da manhã e pensando, contente, no almoço de domingo; mas tinha a natureza boa e achava difícil deixar de lado a jovialidade, mesmo diante dos doentes e dos moribundos. Tinha escolhido a profissão errada, pois se deliciava em ver todos ao seu redor, alegres, aproveitando ao máximo a vida. No entanto, se compôs e assumiu a expressão de solidariedade apropriada para um médico que ouvia um paciente, ou a amiga de um paciente (e alguém com o rosto triste, pálido e ansioso de Mary tanto podia ser uma coisa quanto outra).

— Muito bem, menina! O que veio fazer aqui? — disse o homem, entrando no consultório.

— Não está doente, está?

— Gostaria que o senhor viesse ver Alice Wilson.... E depois achei que poderia dar uma olhada na Sra. Wilson também.

Ele colocou depressa o chapéu e o casaco e acompanhou Mary.

Após sacudir a cabeça, debruçado sobre Alice (como se fosse triste que uma pessoa tão pura e tão boa, uma cristã tão fiel e tão humilde, estivesse se aproximando do paraíso pelo qual ansiara), e murmurar as palavras que sempre são usadas para destruir a esperança e preparar o espírito, o médico, obedecendo a um olhar de Mary, foi fazer as perguntas usuais à Sra. Wilson, que estava sentada passivamente em sua poltrona.

Ela respondeu às perguntas e se submeteu ao exame.

— Como o senhor acha que ela está? — perguntou Mary, nervosa.

— Ora... ela... — disse o homem, hesitando.

Ele percebera que queriam que assumisse uma posição com sua resposta; e, incapaz de descobrir se a ouvinte estava ansiosa por um prognóstico positivo ou negativo, mas, considerando que era mais provável que desejasse o primeiro, continuou:

— Ela está enfraquecida, é claro. É o resultado natural de um choque como a prisão do filho. Pois, pelo que sei, James Wilson, que matou o Sr. Carson, era filho dela. Que coisa triste, ter um delinquente assim na família.

— O senhor disse “que matou”? — repetiu Mary, indignada. — Mas ele é só suspeito do crime, e muitos não duvidam de sua inocência. Quem o conhece, pelo menos.

— Ah, mas que coisa! Nós, médicos, quase nunca temos tempo de ler os jornais e eu não devo ter entendido muito bem a história. Pode ser que ele seja inocente; é evidente que eu não tinha direito de dizer que não. Foi só maneira de falar. Não! A verdade, minha jovem, é que não há motivos para temer pela pobre criatura na outra sala. Ela está enfraquecida, decerto. Mais um ou dois dias de cuidados e vai ficar boa, e eu tenho certeza de que você deve ser uma boa enfermeira, minha querida, com esse rostinho bonito e bondoso. Vou mandar algumas pílulas e um elixir, mas não se alarme. Não há motivo, eu lhe asseguro.

— Mas o senhor não acha que ela está em condições de ir a Liverpool, acha? — perguntou Mary, ainda no tom ansioso de alguém que deseja muito ouvir uma resposta específica.

— A Liverpool? Sim — respondeu o médico. — Uma viagem curta como essa não a cansaria e talvez fosse uma boa distração. Ela pode ir, claro. Faria muito bem.

— Ah, doutor! — exclamou Mary, quase irrompendo em soluços. — Eu queria tanto que tivesse dito que ela estava doente demais para ir!

— Fiu! — assoviou o médico, tentando compreender o caso, mas não sendo, como ele próprio dissera, um leitor de jornais, sem fazer ideia de que motivos poderia haver para um desejo aparentemente tão cruel. — Por que não falou logo? Certamente poderia fazer mal a ela viajar estando tão fraca! As viagens sempre trazem certos riscos... Correntes de ar e essas coisas. Para ela, poderia ser muito danoso, muito mesmo. Eu não sou a favor de viagens ou qualquer tipo de excitação nos casos em que o paciente está deprimido e nervoso, como a Sra. Wilson. Se quiser *meu* conselho, decerto vai desistir da ideia de ir a Liverpool.

Ele realmente havia mudado por completo de ideia, embora de maneira inconsciente; de

tanto que gostava de fazer as vontades dos outros.

— Ah, muito obrigada, doutor! E o senhor pode me dar um certificado dizendo que ela não pode ir, caso o advogado diga que a gente precisa de um?

Ao ver que o médico parecia não ter entendido, Mary explicou:

— É o advogado que vai defender Jem. Era para testemunhar contra ele que...

— Mas menina! — disse o homem, quase irritado. — Por que você não explicou tudo logo? Teria demorado só um minuto e, enquanto isso, meu almoço está esfriando. É claro que a Sra. Wilson não pode ir, seria uma loucura. Se o testemunho pudesse ajudar, seria outra história. Pode vir pegar o certificado quando quiser; quer dizer, se o advogado disser que precisa. Eu vou sempre concordar com o advogado; as duas categorias são boas de conselho. Ha, ha, ha!

E, rindo da própria piada, ele partiu. Mary se considerou uma estúpida por ter imaginado que todos estavam tão a par dos detalhes do julgamento quanto ela, pois jamais chegara a duvidar de que o médico não tinha entendido qual seria o propósito da ida de Sra. Wilson a Liverpool.

Pouco depois, a jovem foi encontrar com Job (deixando a sempre disposta Sra. Davenport cuidando das duas velhinhas) e lhe contou seus medos, seus planos e suas providências.

Para sua surpresa, ele sacudiu a cabeça, hesitando.

— Pode parecer esquisito se a gente não deixar que ela vá. Os advogados são cheios de truques.

— Mas não é um truque — disse Mary. — Ela está tão mal! Pelo menos estava ontem à noite; e hoje está tão fraca.

— Coitada! Imagino. Só estou pensando no bem de Jem; já se sabe tanto sobre a arma que agora não adianta mais esconder. Mas vou perguntar ao Sr. Bridgenorth. Vou até dizer o que o médico falou. Vá para casa que eu lhe encontro lá daqui a uma hora. Ande logo, minha filha.

63. Do livro de Rute, no Velho Testamento. (*N. do E.*)

64. Um dos filhos da autora faleceu pouco antes de ela começar a escrever *Mary Barton*. (*N. da T.*)

A determinação da Sra. Wilson

Algo havia: o que, ninguém se atrevia a dizer
 Nuvens passando depressa num dia claro
 Sussurros e insinuações que iam de boca em boca
 E notícias confusas que nenhum juiz teria podido
 [esclarecer.

Crabbe

Sempre pode-se fazer conjecturas curiosas
 E tomar qualquer dos lados numa questão duvidosa.

Idem⁶⁵

Mary foi para casa. Ah, como sua cabeça doía, como seu cérebro estava ficando confuso! Mas ela sabia que haveria tempo para se entregar a essas sensações mais tarde.

Por isso, fez um esforço para permanecer imóvel. Sentou-se diante da janela e olhou por ela, sem ver nada; até que, de súbito, percebeu algo que a fez ter um sobressalto e se afastar dali.

Mas era tarde demais. Ela fora vista.

Sally Leadbitter entrou na salinha encardida se pavoneando toda e tornando o ambiente espalhafatoso com as cores excessivas de seu vestido de domingo.

Ela estava realmente curiosa para ver Mary; sua ligação com um assassino parecia tê-la tornado uma espécie de *lusus naturae*⁶⁶ e alguns chegavam até a esperar que causasse uma mudança em sua aparência, de tanto que olhavam para ela. Mas Mary estivera absorta demais nos últimos dois dias para perceber.

Pois Sally fartou-se de olhar; examinou-a dos pés à cabeça (embora sem conseguir ver o que se passava em sua alma) e quase decorou-a toda. “Estava com o vestido diário, aquele feito de um tecido estampado da Casa Hoyle, o lilás de cintura alta de que gosta tanto; um lencinho de

seda preta com um nó simples em volta do pescoço, como o de um menino; o cabelo todo preso para trás, como se estivesse querendo manter a cabeça fria — logo ela, que gostava de deixar o cabelo sempre todo solto; e as mãos que não paravam de se retorcer.”

Esses detalhes tornariam Sally tão interessante quanto uma *Gazeta Extraordinária* no ateliê no dia seguinte e, por eles, valia a pena fazer a visita, ainda que nada mais pudesse ser extraído de Mary.

— Ora viva, Mary! Onde andou se escondendo? Nem mostrou a cara ontem no ateliê da Srta. Simmonds. Não acha que estamos pensando mal de você pelo que aconteceu, espero. É verdade que algumas das meninas sentiram um pouco de pena do pobre rapaz, que está morto e enterrado por sua causa, Mary; mas não achamos que é culpa sua. Além do mais, a Sra. Simmonds vai ficar danada se você não aparecer, pois tem um tanto assim de roupa de luto para fazer.

— Não posso — respondeu Mary, baixinho. — Nunca mais vou voltar lá.

— Mas, Mary! — disse Sally, com franca surpresa. — É claro que você vai ter que passar a terça, e quem sabe também a quarta, em Liverpool, mas depois disso tem de ir ao ateliê nos contar como foi. A Srta. Simmonds sabe que vai precisar desses dois dias de folga. Mas, cá para nós, ela é uma tremenda fofoqueira e vai gostar de saber tudo sobre o julgamento; tanto que não vai nem se importar de você faltar um ou dois dias. Além do mais, como Betsy Morgan estava dizendo ontem, é capaz de você até atrair freguês lá para o ateliê. Muita gente vai querer fazer vestido com a Srta. Simmonds só para espiar você, depois que o julgamento acabar. Mary, você vai ser que nem uma heroína de romance.

Os dedinhos de Mary se retorceram mais do que nunca; os enormes olhos suaves fitaram Sally, súplices; mas esta continuou a falar as mesmas coisas, não por querer ser cruel com a outra, mas apenas por ser incapaz de compreender seu sofrimento.

Ela havia ficado chocada com a morte do Sr. Carson, é claro, mas ao mesmo tempo considerara toda aquela excitação uma coisa boa, não ruim; e teria adorado receber toda a atenção que decerto estaria voltada para Mary.

— O que você vai achar de ser interrogada, Mary?

— Vou detestar — respondeu, quando viu que Sally insistia numa resposta.

— Ah! Como esses advogados são atrevidos! E os assessores são iguais. Mas eu aposto que você vai arrumar um namorado novo em Liverpool — disse Sally em tom de consolo, e realmente acreditando que estava consolando. — Vai usar que vestido, Mary?

— Não sei, e nem me importa! — exclamou Mary, cansada da visitante.

— Nossa! Então aceite meu conselho e vá com aquele de lã merino azul. Está velho, claro, e um pouco puído nos cotovelos, mas o povo não vai notar e a cor lhe cai bem. Não esqueça, Mary. E eu lhe empresto meu lenço preto brilhante — acrescentou, com o que considerava ser uma gentileza enorme e, além disso, um pouco satisfeita com a ideia de sua peça de roupa preferida ser usada por alguém que ia testemunhar no julgamento de um assassino. — Trago amanhã, antes de você ir embora.

— Não, não precisa! Obrigada, mas eu não quero!

— Ora, e vai usar o quê? Conheço suas roupas tão bem quanto conheço as minhas e o que

você tem para vestir? Não aquele xale xadrez velho, pelo amor de Deus. Prefere este que eu estou usando agora ao meu outro lenço? — perguntou Sally, achando aquela uma boa ideia, e pronta para emprestar aquilo ou qualquer outra coisa que possuísse.

— Ah, Sally! Não fique falando nisso! Como eu posso pensar em roupa numa hora dessas? Quando é um caso de vida ou morte para Jem!

— Ah, menina! Então é Jem, não é? Bem, eu sempre achei que você tinha um namorado escondido, quando cortou o Sr. Carson daquele jeito. Mas o que foi, em nome de Deus, que fez Jem dar um tiro nele? Se você já tinha terminado tudo com o outro... ele estava com medo de você voltar atrás?

— Como você se atreve a dizer que Jem atirou no Sr. Carson? — perguntou Mary, furiosa, saindo da indiferença lânguida em que mergulhara enquanto Sally discutia suas roupas. — Mas não importa o que pensam aqueles que não conhecem Jem. O que me dói é que mesmo os que conhecem ainda acham que ele é o culpado — disse, voltando ao tom deprimido de antes.

— E você não acha isso?

Mary ficou em silêncio. Estava falando demais para uma pessoa curiosa e inescrupulosa. Além disso, lembrou que ela própria, a princípio, acreditara na culpa de Jem; e sentiu que não tinha direito de atirar pedras naqueles que, diante dos mesmos fatos, tinham chegado à mesma conclusão. Ninguém dera a Jem o benefício da dúvida. Ninguém acreditava em sua inocência. Ninguém além de sua mãe; mas, nesse caso, o amor era maior do que qualquer raciocínio, e a profunda afeição da Sra. Wilson nem por um segundo considerara a hipótese de Jem ser um assassino. Mas Mary detestou toda aquela conversa; o assunto, a maneira como ele foi tratado, tudo era doloroso e ela sentiu repugnância pela pessoa com quem falava.

Ficou feliz, portanto, quando a voz de Job Legh foi ouvida na porta, onde ele estava com a trinca na mão, conversando com um vizinho, e quando Sally deu um pulo, irritada, e exclamou:

— Lá vem aquele velhote enxerido! Seu pai mandou que ele cuidasse de você enquanto está fora? Que diabos está fazendo aqui? Bem, de qualquer maneira, eu vou embora. Não suporto nem ele, nem a neta santinha. Adeus, Mary.

Disse tudo isso num sussurro e depois completou, falando mais alto:

— Se mudar de ideia e quiser o lenço, Mary, passe lá em casa antes das nove que eu lhe empresto.

Ela e Job se cruzaram na porta, com olhares mútuos de antipatia que nenhum dos dois se incomodou em disfarçar.

— Aquela menina é muito descarada — disse Job para Mary.

— Ela é muito simpática — respondeu Mary, nobre demais para falar mal de uma visita que tinha acabado de passar por sua porta e feliz em poder mencionar a característica positiva mais evidente de Sally.

— Ah, sim! Simpática, generosa, alegre; existem muitos outros nomes para as qualidades que o diabo dá a seus filhos, para servir de isca a quem morder. Você acha que o povo ia se enganar com gente que fosse de todo má? Mas não é disso que eu vim falar. Estive com o Sr. Bridgenorth, e ele concorda com a gente; pensa que pode parecer estranho e prejudicar o

coitado do menino; mas, se ela está doente, não tem jeito.

— Não sei se ela está tão mal assim — disse Mary, começando a temer ter feito algo que poderia prejudicar o pobre homem que amava. — Você pode vir ver a Sra. Wilson, Job? Acho que o médico falou só o que eu queria, não o que ele pensava.

— Isso é porque ele não sabia bem o que achar — respondeu Job, cujo desprezo pelos médicos só se equiparava a seu respeito pelos advogados. — Mas eu vou com prazer. Não vejo as duas senhoras desde antes de acontecer toda essa desgraça e é falta de educação não ir fazer uma visita. Vamos lá.

A sala da Sra. Wilson tinha aquele aspecto congelado e imutável que você já deve ter observado muitas vezes numa casa onde há gente doente ou onde a família está de luto. Ninguém fazendo nada; pessoas observando e esperando em vez de agir, a não ser durante ataques súbitos e violentos; os poucos movimentos que ocorrem sempre silenciosos; os móveis todos dispostos no mesmo lugar, de modo a dar mais conforto a quem sofre; as persianas abaixadas, para proteger da perturbação do sol; e as mesmas expressões tristes e graves nos rostos dos moradores. Diante de tudo isso, seus pensamentos se tornam recorrentes e você esquece a rua, o mundo lá fora, para contemplar aquele único interesse interior que a tudo absorve.

A Sra. Wilson estava sentada na poltrona, com o mesmo aspecto que estivera quando Mary a deixara; e a Sra. Davenport ia de um lado para outro com sapatos que rangiam e que faziam muito mais barulho por causa dos passos lentos e cautelosos que dava, irritando muito mais os ouvidos dos que estavam bem do que os sentidos embotados dos doentes ou dos tristes. No quarto lá em cima, a voz de Alice continuava a soar, falando incessantemente e dando risadinhas de si para si, ou talvez para seus companheiros invisíveis (eu digo “invisíveis” e não “imaginários”, pois é possível que Deus permita que vejamos aqueles que mais amamos em vida em torno do nosso leito de morte).

Job disse algo e a Sra. Wilson respondeu. Falou tão baixinho que sua voz pareceu sobrenatural naquelas circunstâncias. Aquilo causou uma impressão mais profunda no velho do que qualquer mero sinal de doença física. Se ela houvesse dito barbaridades delirantes, ou gemido de febre, ele teria reagido da maneira que lhe era peculiar e dado sua opinião, seu conselho e seu consolo. Naquela ocasião, porém, sua perplexidade foi tamanha que ele ficou em silêncio.

Após algum tempo, Job puxou Mary para um canto da sala onde a Sra. Wilson estava sentada e disse:

— Você tem razão, Mary! Ela não tem condição de ir a Liverpool, coitada. Agora que vi a Sra. Wilson, fico até espantado de o médico não ter decidido isso logo. O que quer que aconteça com o pobre do Jem, ela não pode ir. Tudo vai terminar logo, de um jeito ou de outro, e é melhor deixar a mulher quieta até lá.

— Eu sabia que você ia achar isso — disse Mary.

Mas eles não tinham levado sua anfitriã em consideração. Achavam que estava insensível a tudo, mas seus sentidos estavam apenas embotados, incapazes de transmitir rapidamente as impressões até seu cérebro cansado e confuso. Job e Mary não perceberam que a Sra. Wilson os

seguuiu com os olhos (de maneira mecânica, ao que pareceu a princípio) quando eles foram para o canto da sala; e que seu rosto, até então impassível, começara a demonstrar um ou dois dos antigos sinais de impaciência.

Mas quando eles se calaram, ela se ergueu, dando-lhes um susto tão grande que parecia que uma morta tinha se manifestado. Numa voz clara e decidida, anunciou:

— Eu vou a Liverpool. Ouvi o que vocês estão planejando, e estou dizendo que vou. Se minhas palavras vão matar o meu filho, elas já saíram da minha boca, e não há como apagar. Mas eu vou ter fé. Alice, que está lá em cima, já me disse muitas vezes que me faltava fé, mas agora eu vou ter. Eles não podem... não vão matar meu filho, meu único filho. Não vou ter medo. Mas, ah, o terror chega a me deixar doente! Mas se ele for morrer, vocês não acham que eu vou ver meu menino? Ver meu menino sendo julgado? Vou! Quando todos estiverem odiando Jem, ele terá sua pobre mãe ao seu lado, para lhe dar todo o conforto que os olhos, as lágrimas e um coração morto para tudo nesse mundo além dele pode dar. Sua pobre e velha mãe, que sabe que ninguém pode lhe julgar, pelo menos não no mundo dos homens. Talvez eles me deixem ver meu filho quando tudo estiver acabado. E eu sei muitas passagens da Bíblia (embora vocês talvez achem que não sei) que podem ajudar a lhe dar coragem. Eu perdi a oportunidade de ver Jem quando ele estava na prisão, mas nada vai me fazer ficar mais um minuto longe dele, quando posso estar olhando o seu rosto. Afinal, pode ser que esses minutos estejam contados e não sejam muitos. Sei que posso ser um consolo para ele, pobrezinho. Vocês não sabem, mas ele sempre falava comigo com tanto amor que parecia até que estava me namorando. Meu filho me amava muito; e vocês acham que eu vou permitir que sofra sozinho tudo o que dizem dele? Mesmo que não possa fazer mais nada, posso rezar por ele a cada palavra dura que disserem; e ele vai saber o que a mãe está fazendo, pobrezinho, quando olhar o meu rosto.

Job e Mary chegaram a esboçar uma oposição ao desejo da Sra. Wilson. Ela se virou com rispidez para Mary, o velho alvo de seus ataques de irritação, e disse:

— Escute, menina! Só vou dizer uma vez. Nem *ele* conseguia mandar em mim e tinha juízo suficiente para sequer tentar. O que ele não conseguia fazer, você nem tente. Eu vou a Liverpool amanhã, vou ver o meu menino e vou ficar com ele até o fim. E, se ele morrer, talvez Deus seja bom e me leve também. O túmulo é uma cura certa para um coração partido!

A Sra. Wilson voltou a afundar na poltrona, exausta com o esforço súbito que tinha feito. Se eles tentavam abrir a boca para falar, no entanto, ela os interrompia (não importava qual fosse o assunto) repetindo as mesmas palavras: “Eu vou a Liverpool.”

Não havia mais nada a dizer, já que a opinião do médico fora tão hesitante e a do especialista em questões legais, o Sr. Bridgenorth, fora a favor da ida da Sra. Wilson ao julgamento. Assim, Mary foi obrigada a abrir mão da ideia de persuadi-la a ficar em casa, considerando-se que nem sequer era possível saber se isso seria desejável.

— A melhor coisa — disse Job — é eu ir atrás de Will amanhã de manhã cedo e você, Mary, vir depois com Jane Wilson. Conheço um lugar decente onde vocês duas podem dormir e onde nós vamos poder nos encontrar depois de eu ter achado Will, antes de irmos todos ver o Sr. Bridgenorth, às duas; pois não vou deixar isso na mão desses assessores dele, já que é a vida de

Jem que está em risco.

Mary detestou imensamente esse plano; em parte, por motivos racionais, e em parte, por motivos emocionais. Não conseguia suportar a ideia de deixar nas mãos de outra pessoa as medidas necessárias a serem tomadas para salvar Jem. Sentia que eram seu dever, seu direito. Não ousava confiar a ninguém a realização de seu plano; podia-lhes faltar energia, perseverança ou desespero suficientes para seguir a mais ínfima pista; e seu amor lhe imbuiria de todas essas qualidades independentemente da terrível alternativa que lhe aguardava caso tudo fracassasse e Jem fosse condenado. Ninguém tinha os seus motivos; como consequência, ninguém teria sua perspicácia ou sua determinação desesperada. Além do mais (e essa era a única razão puramente egoísta), Mary não ia aguentar o suspense de permanecer imóvel e só saber o resultado quando tudo estivesse terminado.

Assim, com veemência e impaciência, ela rechaçou todos os motivos que Job deu para fazer a coisa daquela maneira; e é claro que, diante daquela oposição, que para ele era fruto da mais pura teimosia, Job ficou ainda mais resoluto. Os dois trocaram palavras irritadas e surgiu uma frieza entre eles que durou algum tempo enquanto caminhavam de volta para casa.

Mas então Margaret surgiu com toda a sua gentileza, como um anjo de paz, tão calma e razoável que ambos sentiram vergonha de estarem irritados e tacitamente deixaram a decisão em suas mãos. (Embora eu acredite que Mary não teria conseguido se submeter se a amiga houvesse decidido a favor do avô, por mais arrependida que se mostrasse agora perante aquele homem tão bom que estava lhe ajudando a salvar Jem, mesmo que eles discordassem quanto à melhor maneira de fazê-lo.)

— É melhor deixar que Mary vá — disse Margaret para o avô, baixinho. — Sei como ela está se sentindo, e talvez se console mais depressa sabendo que ela própria fez tudo o que podia. Se não for assim, ela sempre vai achar que o resultado poderia ter sido diferente. Por favor, vovô, deixe que ela vá.

Margaret, como você pode ver, ainda tinha pouca ou nenhuma confiança na inocência de Jem; mas achava que, se Mary visse Will e ouvisse pessoalmente que Jem não estava com ele naquela noite de quinta, isso, até certo ponto, a ajudaria a suportar o golpe que estava por vir.

— Vovô, deixe que eu feche a casa durante alguns dias e vá ficar com Alice. Sei que uma pessoa como eu não pode fazer muita coisa — disse Margaret, mas então acrescentou, baixinho: — Mas, com a graça de Deus, farei com prazer. E aí está um bom uso para o dinheiro: posso contratar quem fará por ela o que eu não posso. A Sra. Davenport está disposta a usar, e sabe o que é tristeza e doença; posso pagar pelos serviços dela, que, assim, vai poder ficar comigo quase o tempo todo. Fica resolvido. E você leva a Sra. Wilson, vovô querido, e deixa que Mary vá atrás de Will. Vocês todos se encontram depois e eu desejo-lhes muito boa sorte.

Job consentiu com apenas alguns resmungos; na verdade, com bastante boa vontade para um velho que estava tão resoluto até poucos minutos antes.

Mary ficou grata pela interferência de Margaret. Não conseguiu dizer nada; apenas se atirou no pescoço da amiga e ofereceu a boquinha rosada para ser beijada. Até Job achou bonito o gesto infantil; e quando ela se aproximou dele, como uma criança que aborda alguém que teme

ter ofendido, ele se debruçou e abençoou-a, como se fosse sua própria neta.

Para Mary, a bênção do velho Job continha palavras carregadas de poder.

65. As duas citações são da coleção de poemas *The Borough* [O burgo], do poeta inglês George Crabbe (1754-1832). (N. da T.)

66. Expressão em latim que significa “monstro” ou “aberração da natureza”. (N. da T.)/p>

A viagem a Liverpool

Como um tronco sobre o mar
A vida flutua sobre a morte
Acima, abaixo, ao redor
O perigo espreita em cada suspiro
Nada te separa do túmulo
Além de uma frágil madeira
Levada ao sabor das ondas
À mercê de qualquer tempestade
Por mais claros que estejam os céus
E mais tranquilas as águas do mar
Quem leva a vida de um viajante
Sempre pode soçobrar

Rückert⁶⁷

Os trens que iam para Liverpool na manhã de segunda-feira bem cedo estavam repletos de advogados, assessores judiciais, querelantes, acusados e testemunhas, todos indo à sessão do tribunal superior que ocorria lá de tempos em tempos. Era um grupo variado e cada um ali tinha um motivo para inquietação; embora isso seja dizer pouco, ou nada, pois todos sempre estamos passando pela mesma provação na vida, sempre com um medo ou uma esperança, da infância até a morte. Entre os passageiros estava Mary Barton, usando seu vestido azul e aquele horrível xale xadrez.

Por mais comuns que sejam as estradas de ferro hoje em dia como meio de transporte em todos os lugares, principalmente em Manchester, Mary jamais estivera em uma antes, e ficou atarantada com a pressa, com o burburinho de pessoas, sinos e buzinas e com os guinchos dos trens que chegavam.

A viagem em si a deixou maravilhada. Mary sentou na parte de trás do trem e olhou para as

chaminés das fábricas e para as nuvens de fumaça que sobrevoam Manchester; uma sensação muito parecida com a *Heimweh*.⁶⁸ Estava deixando a paisagem familiar da infância para trás pela primeira vez, e, por mais desagradável que essa paisagem seja para a maioria das pessoas, ansiava por ela com o mesmo sentimento que torna um imigrante digno de pena.

As nuvens que dão beleza a Chat-Moss, as casas antigas e pitorescas de Newton — que significavam elas para Mary, cujo coração transbordava? A menina pareceu fitá-las com grande atenção ao passar por elas, mas não viu, nem ouviu nada.

E continuou sem ver nem ouvir até que alguns nomes bem conhecidos soaram em seus ouvidos.

Dois assessores judiciais estavam discutindo os casos que seriam julgados pelo tribunal superior; e é claro que “o caso de assassinato”, como ele vinha sendo chamado, ocupava uma posição conspícua em sua conversa.

Eles não duvidavam do resultado.

— É verdade que os júris nunca estão muito dispostos a condenar alguém só com provas circunstanciais — disse um deles —, mas, dessa vez, não há muita dúvida.

— Se não fosse um caso tão claro — respondeu o outro —, eu diria que eles tinham sido levianos em apressar tanto o julgamento. De qualquer maneira, poderiam ter reunido mais provas.

— Eu fiquei sabendo — disse o primeiro — pelo pessoal lá do consultório do Gardener que eles realmente estavam com medo de aquele senhor perder a cabeça se o julgamento tivesse sido adiado. Ele se reuniu com o Sr. Gardener sete vezes só no sábado e ainda fez uma visita à casa dele à noite para sugerir que se escrevesse uma carta ou se fizesse qualquer outra coisa qualquer para garantir o veredicto.

— Pobre homem — respondeu seu interlocutor. — Não é de se admirar. Um filho único, morrer assim, e ainda por cima nessas circunstâncias desagradáveis. Não tive tempo de ler o *Guardian* no sábado, mas, pelo que soube, foi uma briga por causa de uma operária de fábrica!

— Isto é, alguma coisa assim. É claro que ela vai ser interrogada e Williams não vai deixar passar nada. Vou tentar dar uma escapulida do nosso tribunal para ouvir, se conseguir acertar o horário.

— E se conseguir um lugar, pois pode ter certeza de que o tribunal vai estar lotado.

— É, as mulheres, essas doces criaturas, vão aparecer aos borbotões para assistir a um julgamento por assassinato, espiar o culpado e ver o juiz colocar a touca preta.⁶⁹

— E depois ir para casa falar mal das mulheres espanholas que se deleitam com touradas... “Que criaturas pouco femininas!”

Então, eles passaram a falar de outros assuntos.

Foi só uma gota d’água a mais para Mary; mas ela já estava quase naquele estado que Crabbe descreve assim:

“Pois quando o cálice da tristeza está tão cheio
Basta uma gota para que transborde.”

Logo eles estavam no túnel e, pouco tempo depois, em Liverpool; e Mary precisava despertar do torpor mental e físico que tomava conta dela, resultado de muita ansiedade, muito cansaço e diversas noites insones.

Ela perguntou a um policial qual era o caminho para o Pátio da Leiteria e, seguindo suas direções com o *savoir faire*⁷⁰ de uma menina nascida e criada na cidade, chegou a um pequeno pátio que dava numa rua bastante movimentada, não muito longe do cais.

Quando entrou no pátio silencioso, parou para recuperar o fôlego e as forças, pois suas pernas e seus braços tremiam e seu coração tinha disparado.

Todas as contingências negativas nas quais havia, até então, se proibido de pensar surgiram em sua mente — a mera possibilidade de Jem ser um cúmplice no crime; e a possibilidade ainda maior de ele não ter levado a cabo a intenção de acompanhar Will por parte do caminho, mas ter mudado de ideia devido a um incidente qualquer e passado a noite com pessoas que, agora, seria tarde demais para encontrar e fazer testemunhar no julgamento.

No entanto, mais cedo ou mais tarde, ela teria de saber a verdade. Por isso, tomando coragem, bateu na porta de uma casa.

— Aqui é onde mora a Sra. Jones? — perguntou.

— Duas casas para baixo — responderam com rispidez.

A Sra. Jones estava ocupada lavando roupa e teria falado com irritação com a pessoa que batera tão levemente na porta, se a irritação fizesse parte de sua natureza. Mas ela era uma mulher gentil e indefesa e apenas suspirava diante das muitas interrupções que sofrera no trabalho naquela infeliz manhã de segunda.

O sentimento que teria se expressado como irritação num temperamento mais impaciente, porém, tomou a forma de preconceito contra quem vinha perturbá-la, não importando quem fosse.

A aparência afogueada e excitada de Mary aumentou esse preconceito da parte da Sra. Jones, que surgiu limpando o sabão dos braços, observando a visitante e esperando que ela dissesse o que viera fazer ali.

Mas as palavras não vieram. A voz de Mary parecia estrangulada.

— Mas o que você quer, minha jovem? — perguntou a Sra. Jones com frieza.

— Quero... Ah, Will Wilson está?

— Não está, não — respondeu a Sra. Jones, se inclinando para fechar a porta na cara da menina.

— Ele ainda não voltou da Ilha de Man? — perguntou Mary, aterrada.

— Nem chegou a ir. Ficou em Manchester durante tempo demais. Mas talvez você já soubesse disso.

E a porta já ia fechando de novo.

Mas Mary se debruçou numa atitude de súplica (como fazem algumas árvores novas, ao dobrar devido a um vento cruel de outono) e disse, quase sem fôlego:

— Por favor... Por favor, me diga... Onde ele está?

A Sra. Jones suspeitava que aquilo fosse um caso de amor e, talvez, um não muito honesto. Mas a angústia daquela criatura jovem e pálida diante de seus olhos era tão óbvia e tão

lamentável que, por mais que ela fosse uma pecadora, a senhoria não conseguiu mais manter os mesmos modos ríspidos e reservados.

— Ele foi embora esta manhã, minha pobre menina. Entre que eu lhe explico tudo.

— Foi embora! — exclamou Mary. — Mas foi embora como? Eu preciso ver Will! É questão de vida ou morte! Ele pode salvar um homem inocente de ser enforcado. Não pode ter ido embora. Foi embora como?

— Zarpou, minha filha! Zarpou no *John Cropper*, esta manhã mesmo.

— Zarpou!

67. Estrofes do Livro III de *Mailieder*, do poeta alemão Friedrich Rückert (1788-1866). (N. da T.)

68. Do alemão, “saudades de casa”. (N. da T.)

69. Nos julgamentos ingleses da época, o juiz colocava uma touca preta ao dar uma sentença de morte. (N. da T.)

70. Expressão francesa para determinar conhecimento e destreza para realizar uma tarefa. (N. da T.)

No cais de Liverpool

Lá está nosso cais!
Ouça o clamor na estrada enlameada,
Tomada pela carga daquele navio;
A fortuna que, devagar, vai descendo,
Pacotes, embrulhos, malas, baús e cofres;
Enquanto os gritos dos marinheiros furiosos
São levados pelo vento.

Crabbe⁷¹.

Mary entrou cambaleando na casa. A Sra. Jones sentou-a com cuidado numa cadeira e se pôs ao lado dela, perplexa.

— Ah, papai! Papai! — murmurou a menina. — O que você foi fazer? E o que eu devo fazer? É um inocente quem vai morrer? Ou vai ser ele que eu temo... eu temo... Ah, o que estou dizendo? — disse, olhando em torno, assustada, mas então se tranquilizando ao ver a expressão da Sra. Jones. — Sou tão indefesa, tão fraca... Sou apenas uma pobre menina, afinal de contas. Como devo saber o que é certo? Papai! Você sempre foi tão bom comigo... E vai ser... Não importa. Não importa, tudo vai se acertar depois da morte.

— Minha nossa senhora! — exclamou a Sra. Jones. — Ela ficou doida!

— Não fiquei, não! — disse Mary, compreendo as palavras e, com um enorme esforço, controlando a mente que sentia estar zonzá, enquanto o rubor escarlate tomava suas faces, até então brancas. — Não perdi a cabeça. Há tanto a ser feito, tanto... E só eu posso fazer. Mas não sei bem o que é — confessou, encarando, atônita, a Sra. Jones. — Não posso enlouquecer, não importa o que aconteça. Pelo menos, não por enquanto. Não! Algo ainda pode ser feito e eu hei de fazer. Zarpou! Foi isso o que a senhora disse? O *John Cropper* zarpou?

— Foi! Saiu do cais a noite passada para estar pronto para a maré alta.

— Achei que ele só ia zarpar amanhã — murmurou Mary.

— Will também. Ela já se hospeda aqui há muito tempo, então todo mundo chama pelo primeiro nome, mesmo — respondeu a Sra. Jones. — Foi o timoneiro quem falou, eu acho, e ele só descobriu que não era verdade quando chegou a Liverpool na manhã de sexta. Mas, assim que soube, desistiu de ir à Ilha de Man e foi só até Rhyl com o timoneiro, um tal de John Harris, que tem uns amigos para além de Abergele. Você já deve ter ouvido Will falando dele, pois os dois são muito amigos. Já eu não gosto muito desse tal de Harris.

— E o navio zarpou? — repetiu Mary, tentando acreditar naquilo.

— Foi. Will embarcou na noite passada para estar pronto para a maré da manhã, como eu disse antes, e meu filho foi ver o navio descer o rio e voltou muito admirado. Ei, Charley! — gritou ela, chamando o filho.

Mas Charley era um daqueles meninos que a gente nunca precisa ir buscar lá longe, como diz o povo de Lancashire, quando há algo acontecendo — uma conversa misteriosa, um acontecimento estranho, um incêndio, uma briga... qualquer coisa, em suma. Meninos assim são o povinho onipresente deste mundo.

Charley, na verdade, vinha espiando e escutando tudo. Embora, durante algum tempo, também houvesse se ocupado em molhar as roupas secas e fazer outras travessuras no varal, o que o impedira de dar sua total atenção à conversa da mãe com a moça estranha que estava em casa.

— Ei, Charley! Apareceu, até que enfim! Você não viu o *John Cropper* velejar rio abaixo hoje de manhã? Conte para essa jovem aqui, pois acho que ela não está acreditando em mim.

— Ele foi puxado por um barco a vapor, mas dá no mesmo — respondeu ele.

— Ah, se eu tivesse vindo na noite passada! — gemeu Mary. — Mas nem pensei nisso. Nem pensei que Will podia estar enganado quando disse que ia voltar da Ilha de Man na segunda de manhã e não antes... e agora alguém vai morrer pela minha negligência!

— Morrer! — exclamou o menino. — Como?

— Ah! Will teria sido um álibi. Mas ele já foi... e o que eu vou fazer?

— Não desista ainda! — exclamou o enérgico menino, logo interessado no caso. — Vamos tentar ir atrás dele. Se não der certo, nós apenas continuaremos no mesmo lugar.

Mary se ergueu. Aquele “nós” solidário lhe deu coragem e esperança.

— Mas o que podemos fazer? Você disse que ele zarpou. O que podemos fazer? — perguntou, mas com uma voz mais forte e vivaz.

— Não! Eu não disse que zarpou. Foi minha mãe quem disse isso e as mulheres não entendem nada dessas coisas. Veja bem — explicou Charley, orgulhoso de seu papel de instrutor e, sem perceber, influenciado, como todos diante de Mary, pelo lindo rosto da moça, com sua expressão doce e ansiosa —, há bancos de areia na boca do rio e os navios só conseguem passar na maré alta; principalmente os pesados, como o *John Cropper*. Ele foi rebocado rio abaixo na maré baixa, ou quase isso, e vai ter que esperar algum tempo até o mar subir o suficiente para poder passar dos bancos. Por isso, não se desespere. Você ainda tem uma chance, ainda que não seja muito grande.

— Mas o que preciso fazer? — perguntou Mary, para quem toda essa explicação fora um vago mistério.

— Ora! — disse o menino, impaciente — Por acaso eu já não expliquei? Desculpe, mas só as mulheres são tão lentas para entender qualquer coisa que tem a ver com o mar. Você tem de pegar um barco e velejar depressa atrás dele, do *John Cropper*. Pode ser que dê para alcançar o navio, pode ser que não. Mas tem chance. Ele está bem carregado, o que é bom para você. Vai precisar de uma maré bem alta para passar.

Mary tinha ouvido, com humildade e atenção (ah, quanta atenção) ao discurso desse pequeno Sr. Oráculo;⁷² mas, por mais que se esforçasse, só conseguiu compreender que precisava velejar correndo para... algum lugar.

— Por favor, me desculpe — disse Mary, e o tom deferente que usou agradou o rapaz e o fez sentir ainda mais simpatia por ela. — Me desculpe, mas não sei onde pegar um barco. Existem plataformas para barco?

Charley deu uma gargalhada.

— Você não está em Liverpool há muito tempo, pelo que estou vendo. Plataformas para barco! Não. Vá até o píer, qualquer píer, e alugue um barco. Vai saber o que fazer quando chegar lá. Mas ande logo.

— Ah, você não precisa me dizer isso, mas eu não sei para onde ir — explicou Mary, tremendo de ansiedade. — Você está certo: nunca estive aqui antes e não sei chegar nesse lugar que mencionou. Basta me dizer como faz que eu saio neste minuto.

— Mãe! — disse o voluntarioso menino. — Vou mostrar a ela o caminho até o píer. Volto daqui a uma hora... mais ou menos — acrescentou, num tom mais baixo.

E antes que a bondosa Sra. Jones conseguisse tomar suficiente pé do que estava acontecendo para entender metade daquele plano apressado, seu filho já estava descendo rapidamente a rua, com Mary em seus calcanhares, dando passos tão largos que quase chegava a correr.

Logo, Charley diminuiu o ritmo o suficiente para conseguir entabular uma conversa com Mary, pois, uma vez longe do alcance da voz da mãe e de seu poder de chamá-lo de volta para casa, achou que podia se atrever a satisfazer sua curiosidade.

— Hum — pigarreou. — Qual é o seu nome? É esquisito ficar chamando você de moça.

— Meu nome é Mary, Mary Barton — respondeu ela.

Estava ansiosa para agradar alguém que parecia tão disposto a fazer um esforço para ajudá-la; se não fosse por isso, teria se ressentido de pronunciar qualquer palavra que pudesse causar alguma redução de velocidade, embora sentisse um aperto no peito e a cabeça latejando de andar naquele passo.

— E você quer que Will Wilson sirva de álibi... É isso?

— Isso, isso. Não podemos atravessar agora?

— Não, espere um minuto. Estou com medo daquele gancho que está passando carregado em cima da sua cabeça. E quem é que vai ser julgado?

— Jem. Ah, menino! Não podemos atravessar?

Eles passaram correndo por debaixo dos enormes fardos que balançavam no ar sobre suas cabeças e seguiram adiante durante alguns minutos, até que Charley achou que estava na hora de desacelerar de novo e fazer mais algumas perguntas.

— Mary, esse tal de Jem é seu irmão ou seu namorado, para você estar tão ansiosa para

salvar o homem?

— Nenhum dos dois — respondeu Mary, mas com uma certa hesitação que fez o esperto menino ficar com ainda mais vontade de desvendar o mistério.

— Então é um primo? Muitas meninas têm primos, mesmo as que não têm namorado.

— Não, ele não é meu parente. O que foi? Por que você parou? — perguntou ela, em pânico, quando Charley deu alguns passos atrás e espiou uma rua transversal.

— Não precisa ficar tão nervosa, Mary. Ouvi você dizer que nunca tinha estado em Liverpool antes e, se espiar aqui nessa rua, vai ver as janelas pretas da prefeitura. Um prédio danado de bonito! Tem estátuas de pessoas enroladas em um cobertor, tem o Almirante Nelson debaixo de um cobertor e mais um monte de gente num monumento no meio do pátio! Não, olhe aqui — mostrou ele, enquanto Mary, ansiosa, olhava para qualquer janela para agradecer o menino. — Aqui, daqui dá para ver. Agora, você pode dizer que viu a prefeitura de Liverpool.

— Sim, posso sim. É uma janela linda, claro. Mas já estamos perto dos barcos? Eu olho melhor quando voltar, pode deixar. Mas acho melhor correremos agora.

— Ah, mas se o vento estiver a seu favor você vai descer o rio bem depressa e conseguir alcançar Will, aposto. E se não estiver, bem, o minuto que demorou para ver a prefeitura não vai fazer diferença.

Eles seguiram depressa, até que um dos cruzamentos perto do cais os obrigou a parar, dando a Mary tempo para respirar e a Charley a oportunidade de fazer mais uma pergunta.

— Você não disse de onde é, disse?

— Manchester — respondeu ela.

— Nossa, então tem um monte de coisas para ver. Dizem que Liverpool acaba com a raça de Manchester. É um buraco horroroso e cheio de fumaça, não é? E você é obrigada a morar lá?

— Ah, sou. É o meu lar.

— Bom, acho que eu não ia aguentar morar no meio da fumaça. Olhe só! Lá está o rio. Aposto que dariam de tudo para ter um desses em Manchester. Olhe!

E Mary olhou. Em meio à floresta de mastros que pertenciam às embarcações atracadas, viu o rio glorioso, sobre o qual deslizavam navios de velas brancas com bandeiras de todas as nações, não travando batalhas, mas mostrando as terras distantes, exóticas e geladas que buscavam naquele imenso porto seus confortos e seus luxos; viu barquinhos passando para um lado e para o outro naquela estrada líquida, mas também viu tantas nuvens saindo dos incontáveis barcos a vapor que achou estranha a intolerância de Charley com a fumaça de Manchester. Passaram pela ponte giratória, atravessaram o píer — e estacaram, sem fôlego, diante de um magnífico cais, onde centenas de barcos estavam imóveis, no processo de carregar e descarregar. Os gritos dos marinheiros, a variedade de línguas usadas pelos transeuntes e a qualidade extraordinária da cena quando comparada a qualquer coisa que Mary jamais vira a fizeram se sentir perdida e desesperada. Ela se agarrou a seu jovem guia como se este fosse o único ser que, devido à sua sabedoria superior, poderia ajudá-la a se comunicar com aquela raça nova de homens que a cercava — pois os marinheiros realmente podem parecer uma nova raça para uma menina que até então só vira gente que se mantém em terra firme, e em sua maioria operários de fábrica.

Naquele mundo cheio de cenas e sons inéditos, ela ainda se mantinha concentrada num só pensamento; e, embora tenha passado os olhos pelos navios e o imenso rio, sua mente estava preocupada em alcançar Will.

— Por que estamos aqui? — perguntou a Charley. — Não estou vendo nenhum barco pequeno e achei que era num deles que eu ia. Esses navios não foram feitos para distância curtas, foram?

— Claro que não — respondeu o menino, com um certo desdém. — Mas o *John Cropper* estava neste cais, e eu conheço muitos dos marinheiros. Se conseguir encontrar um conhecido meu, posso pedir que suba o mastro e tente vê-lo ao largo. Se já tiver subido a âncora, nem adianta você ir.

Mary assentiu sem dizer nada, como se o fato de alcançar ou não Will fosse tão irrelevante para ela quanto Charley parecia ser. Mas, na realidade, seu coração encolheu e ela não sentia mais a energia que a sustentara até então. Sua força física estava acabando; Mary ficou gelada e trêmula, embora o sol do meio-dia banhasse o local onde se encontrava.

— Olhe o Tom Bourne ali! — exclamou Charley.

E, deixando de lado o tom de desprezo que usara com Mary, ele se dirigiu a um velho marinheiro curtido de sol que veio calmamente pela calçada onde eles estavam, com as mãos nos bolsos e um pouco de tabaco na boca, com o ar de quem que não tinha nada a fazer além de olhar em torno e cuspir para a direita e para a esquerda. Abordando o velho lobo do mar, Charley explicou o que queria usando muitas gírias que foram incompreensíveis para Mary e que eu, uma grande fã de terra firme, não saberia repetir corretamente.

Mary observou os olhares e os gestos dos dois com uma agudez renovada. Viu o velho escutando Charley com atenção; viu que ele a examinava dos pés à cabeça, terminando a inspeção com um leve aceno de aprovação (pois até suas roupas pobres e sujas eram sinais de virtude para o experiente marinheiro); e então o viu subir sossegadamente num dos navios atracados, pegar uma luneta e trepar por um mastro com a rapidez de um macaco.

— Ele vai cair! — gritou ela, agarrando apavorada o braço de Charley, pois, pelo rosto marcado do marinheiro e seus passos incertos em terra firme, julgara-o muito mais velho do que era na verdade.

— Vai nada! — disse Charley. — Já está no topo. Olhe só! Está olhando pela luneta e tem os braços tão firmes quanto se estivesse no chão. Até eu já subi no mastro muitas vezes. Mas não conte para a minha mãe; ela acha que vou ser sapateiro, só que eu já resolvi que vou ser marinheiro. Não adianta discutir com mulher. Você não vai contar, vai, Mary?

— Olhe! — exclamou Mary (o segredo estava a salvo com ela, pois na realidade não tinha escutado nada do que o menino dissera). — Olhe! Ele está descendo; desceu. Vá falar com ele, Charley.

Mas, incapaz de esperar um instante sequer, ela própria gritou:

— O senhor viu o *John Cropper*? Ele ainda está lá?

— Está, sim — respondeu o homem e, se aproximando a passos largos, levou-os depressa atrás de um barco, dizendo que o banco de areia já estava coberto de água e que dentro de uma hora o navio ia subir as velas e partir. — O vento está bem contra, vocês vão ter de remar. Não

percam tempo.

Eles desceram correndo alguns degraus que levavam à água. Fizeram o sinal para alguns barqueiros que, suspeitando o quanto aquela gente estava precisada, pareceram não ter nenhuma pressa em aceitar a corrida. Os homens trouxeram o barco até os degraus devagar, como se não fizesse diferença para eles conseguir ou não alugá-lo, e trocaram algumas palavras baixinho, decidindo quanto iam cobrar.

— Por favor, andem logo! — pediu Mary. — Quero que me levem até o *John Cropper*. Onde ele está, Charley? Explique a eles, pois eu não entendi direito. Mas corra!

— Está ao largo, moça — respondeu um dos homens, empurrando Charley para um lado por considerá-lo jovem demais para participar da negociação. — Mas acho que não vamos poder ir, Dick — disse, piscando para o colega. — Tem aquele senhor de New Brighton que disse que ia precisar de serviço.

— Mas talvez essa mocinha aqui nos dê um bom dinheiro para poder se despedir do namorado — respondeu o outro.

— Quanto vocês querem? Andem logo, por favor. Tenho dinheiro, mas cada segundo é precioso — disse Mary.

— É mesmo. A gente precisa de pelo menos uma hora para chegar à boca do rio e o navio parte às duas da tarde!

No entanto, aquilo que a pobre Mary considerava ser dinheiro o suficiente estava longe de satisfazer os barqueiros. Só lhe restavam 14 ou 15 xelins da moeda que Margaret lhe emprestara, mas os homens, achando que o suficiente não era menos do que diversas libras, insistiram em receber uma moeda de ouro (uma tarifa exorbitante, embora menos do que seu preço inicial de trinta xelins).

Já Charley, com a impaciência e a indiferença por dinheiro de uma criança, insistia:

— Dê logo, Mary. Nenhum deles vai levar você por menos do que isso. É sua única chance. O sino da igreja já bateu uma hora!

— Só tenho 14 xelins e nove centavos! — exclamou Mary, desesperada, depois de contar o dinheiro. — Mas lhes dou meu xale e vocês podem vendê-lo por quatro ou cinco xelins... Isso não é suficiente? — perguntou, num tom de tanta agonia e súplica que só poderia receber uma recusa de quem tivesse um coração de pedra.

Os homens a puseram a bordo.

E, em menos de cinco minutos, Mary estava sendo sacudida num barco pela primeira vez na vida, sozinha com dois homens rudes e carrancudos.

71. Citação da coleção de poemas “The Borough” [O burgo], de George Crabbe. (N. da T.)

72. Referência a *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare: Sr. Oráculo é o nome dado pelo personagem Graciano a homens que passam a impressão falsa de serem profundos e sábios. (N. da T.)

John Cropper, ahoy!

Uma rajada de água, um mar agitado
Um vento que sopra rápido
Inflando a vela branca que farfalha
E inclinando o bravo mastro
Inclinando o bravo mastro, rapazes,
Enquanto, como a águia que voa, livre
O bom barco navega e deixa
A velha Inglaterra para trás.

Allan Cunningham⁷³

Mary não tinha entendido que Charley não iria com ela. Na verdade, nem sequer tinha pensado no assunto até perceber sua ausência quando o barco se afastava do cais e lembrar que jamais chegara a agradecer por toda a sua ajuda e gentileza. Sem sua companhia, sentiu-se muito sozinha — apesar de aquela amizade haver nascido apenas uma hora antes, tendo crescido depressa como um cogumelo.

O barco foi navegando pelo labirinto de embarcações maiores que cercava a costa, batendo numa, sendo impedido pelos remos de se chocar com outra e passando à sombra de uma terceira, até que por fim eles se viram com um bom pedaço do rio largo às costas, bem no meio dele, com as cenas e os sons da terra firme a distância.

Mas então, estacaram por algum tempo.

Tanto o vento quanto a maré estavam contra os dois homens e, por mais que se esforçassem, conseguiam avançar muito pouco. Em dado momento, Mary, impaciente, se levantara para ver melhor o progresso do barco. Num tom ríspido, porém, os homens a mandaram se sentar imediatamente, no que ela desabou no assento como uma criança que tinha acabado de levar uma bronca, embora ainda inconformada.

Mas então Mary teve a certeza de que os homens estavam se desviando da linha reta que

tinham mantido até então, seguindo a margem do rio que dava para Cheshire, da qual haviam se aproximado para evitar a força da corrente. Após algum tempo, não conseguiu deixar de expressar sua convicção, numa espécie de pânico, de que todos os objetos animados e inanimados estavam em conluio para impedir-lhe de realizar seu único objetivo, que era alcançar Will.

Os dois deram uma resposta mal-humorada. Tinham visto um barqueiro que conheciam e queriam que ele viesse cuidar do leme do barco, para poderem remar de maneira mais eficaz. Sabiam o que estavam fazendo. De modo que Mary permaneceu sentada, em silêncio, enquanto a negociação acontecia, a explicação era dada, o favor era pedido e concedido. Mas, durante todo esse tempo, a moça estava doente de medo e nervoso.

Eles estavam remando há muito, muito tempo — a sensação era de que fazia pelo menos metade de um dia. No entanto, Liverpool ainda parecia próxima, e Mary estava começando a se espantar que os homens não estivessem tão desanimados quanto ela quando o vento, que até então estivera contra eles, deixou de soprar e nuvens esparsas se adensaram no céu, escondendo o sol e lançando uma melancolia gelada sobre o mundo.

Não havia nem uma brisa, mas estava mais frio do que estivera quando o vento oeste soprava com branda violência.

Os homens renovaram seus esforços. O barco dava um pulo adiante a cada remada. A água tornara-se lisa como um espelho, refletindo cada tom do céu índigo. Mary tremia e seu coração estava enregelado. Mas, agora, o progresso deles era evidente. Então o homem do leme apontou para uma linha ondulante do rio a pouca distância dali e os barqueiros perturbaram Mary, que estava observando os navios ancorados no que lhe parecia ser mar aberto, para tentar discernir suas velas.

Ela teve um pequeno sobressalto e se levantou. Sua paciência, sua tristeza e, talvez, seu silêncio tinham começado a conquistar os homens.

— O segundo para o norte é o *John Cropper*. O vento está na direção certa agora e as velas vão nos levar para perto dele daqui a pouco.

O barqueiro que disse isso tinha esquecido (ou talvez não tenha querido lembrar a Mary) que o mesmo vento que levava sua pequena embarcação adiante num movimento fácil e rápido também poderia afastar o *John Cropper*.

Mas, ao cerrar os olhos, como quem quisesse medir a distância decrescente entre seu barco e o navio, eles viram as velas do *John Cropper* se desfraldando e se agitando ao sabor da brisa, até que, pegando o vento no ponto certo, elas se enfunaram num abaulado branco, e a embarcação começou a mergulhar e subir como se fosse um ser vivo, impaciente para partir.

— Eles estão levantando âncora — disse um dos barqueiros para o outro quando os gritos melodiosos e distantes dos marinheiros vieram flutuando pelas águas que ainda os separava.

Animados com o espírito da caça, embora ainda ignorantes dos motivos de Mary, os homens se lançaram para enfunar mais uma de suas velas. O barco não aguentaria mais do que isso naquele vento forte e tempestuoso que agora soprava. Ressentido, ele dobrou, arfou e gemeu, como se estivessem lhe pedindo algo que estava além de suas forças; mas seguiu adiante com valente rapidez.

Eles se aproximaram e ouviram com mais clareza as ordens de zarpar. Então, os gritos cessaram. A âncora tinha sido removida e o navio estava partindo.

Mary se levantou, usando o mastro para se firmar, e estendeu os braços, implorando, com aquele gesto mudo, que o barco veloz mantivesse o curso, enquanto as lágrimas rolavam de seus olhos. Os homens pegaram seus remos, os sacudiram no ar e gritaram para chamar atenção.

Eles foram vistos pelos marinheiros do navio, mas estes estavam ocupados demais na confusão de uma embarcação que zarpa para lhes dar ouvidos. Havia cordas e baús rolando para todo lado; animais não muito bem presos zanzando, atônitos, pelo deque, acrescentando seus mugidos e balidos de pavor à algazarra. Havia carcaças não cortadas que pareciam mais cadáveres de ovelhas e porcos do que carnes prontas para cozinhar; marinheiros corriam para todo lado, sem tempo para seguir qualquer método, com a mente ocupada tanto por aqueles que tinham deixado em terra quanto pelas tarefas que precisavam realizar a bordo; enquanto o capitão se esforçava por obter alguma espécie de organização dando ordens apressadas numa voz alta e impaciente que gritava para a esquerda e para a direita, para a popa e para a proa, para a cabine e para o leme.

Conforme caminhava pelo deque com os pés doloridos, irado com um ou dois pequenos erros cometidos pelo timoneiro e sofrendo com a separação de sua esposa e seus filhos, mas demonstrando a agonia apenas através da irritação, o capitão ouviu um grito do barquinho velho que tentava alcançar seu veloz navio. Pois, como o *John Cropper* já quase passara dos bancos de areia, os homens temiam que a distância entre seu barco e ele só fosse aumentar e, já que agora seria possível ouvi-los de lá, perguntaram a Mary o que exatamente ela desejava.

A garganta de Mary estava seca, toda a melodia desaparecera de sua voz, mas num sussurro audível e rascante ela contou aos homens sua questão de vida e morte, e então eles gritaram para o navio.

— Viemos pegar um tal de William Wilson, que precisa provar um álibi no tribunal superior de Liverpool amanhã. James Wilson vai ser julgado por um assassinato cometido na noite de quinta, quando ele estava com William Wilson. Mais alguma coisa, moça? — perguntou o barqueiro a Mary num tom mais baixo, tirando as mãos em concha da boca.

— Diga que meu nome é Mary Barton. Ah, não, o navio está indo embora! Pelo amor de Deus, peça que parem.

O barqueiro ficou furioso com a pouca atenção que seu chamado recebeu e voltou a gritar, repetindo a mensagem com o nome da jovem moça que a mandava, e intercalando-a com palavrões de marinheiro.

O navio seguiu em frente — zarpou — e o barco foi atrás com dificuldade.

Eles viram o capitão pegar a trombeta. E — ah, que infelicidade! — ouviram suas palavras.

Ele falou um palavrão pavoroso, chamou Mary de uma coisa horrível, disse que não ia parar o navio por ninguém e nem abrir mão de um marinheiro sequer, não importava quem fosse enforcado por isso.

As palavras ecoaram com clareza cruel pelo trompete. Mary se sentou, parecendo alguém que rezava à beira da morte, pois seus olhos estavam voltados para o céu, onde vive a

misericórdia, enquanto seus lábios azulados tremiam, embora sem emitir nenhum som. Então, ela baixou a cabeça e escondeu-a entre as mãos.

— Ouçam! Aquele marinheiro está falando com a gente.

Ela ergueu os olhos. E seu coração parou de bater para escutar.

William Wilson estava o mais próximo possível da popa do navio, e, sem conseguir pegar a trombeta com o furioso capitão, formou um tubo com as próprias mãos.

— Juro por Deus, Mary Barton, que vou pegar o barco do práctico e voltar a tempo de salvar a vida do inocente.

— O que ele disse? — perguntou Mary, desesperada, enquanto sua voz morria na distância crescente e os barqueiros davam vivas, solidários à passageira. — O que ele disse? — repetiu ela. — Digam. Eu não escutei.

Mary escutara com os ouvidos, mas seu cérebro se recusara a compreender o sentido.

Os homens repetiram as palavras de Will, todos os três falando ao mesmo tempo, com muitos comentários; enquanto ela olhava para eles e para o navio lá longe.

— Não entendi bem — disse Mary, com tristeza. — O que é o barco do práctico?

Eles explicaram e ela apreendeu o sentido em meio às gírias de marinheiro que usaram. Ainda havia esperança, embora tênue.

— Até onde o práctico vai com o navio?

Varia, disseram os homens. Alguns prácticos iam até Holyhead para ajudar a navegar as embarcações que estavam voltando; outros só levavam os navios até passarem do banco de areia. Alguns capitães eram mais cautelosos do que outros, e os prácticos tinham hábitos diferentes. O vento estava contra os navios que voltavam, de modo que talvez o piloto que estava a bordo do *John Cropper* não quisesse ir até muito longe.

— Quanto tempo ele demora para voltar?

Cada um dos três barqueiros deu uma opinião diferente, variando entre 12 horas e dois dias. O homem que declarara o maior tempo, ao ver seu cálculo ser desafiado, ficou teimoso e dobrou a previsão, achando que podia chegar a passar uma semana antes que o bote do práctico chegasse.

Eles começaram a discutir e a listar motivos, e Mary tentou compreendê-los. Porém, além de isso ser difícil devido aos termos náuticos que usavam, um véu parecia lhe cobrir a mente, e ela não tinha uma percepção clara de nada que se passava. Suas próprias palavras não pareciam sair de sua boca, estavam fora de seu controle, pois ela dizia coisas bem diferentes do que queria dizer.

Uma por uma, suas esperanças tinham sido destroçadas, deixando-a na mais completa desolação; e, embora ainda houvesse uma chance, Mary não conseguia mais acreditar. Tinha certeza de que ela também se esvairia. Foi tomada por uma espécie de estupor. Todos os objetos ao redor estavam em harmonia com seu desespero — o céu plúmbeo e melancólico, as águas profundas e sombrias lá embaixo, ainda mais escuras, a costa fria, chata e amarela lá longe, mergulhada na escuridão, o vento cortante.

Mary estremeceu, com a mente e o corpo deprimidos.

As velas foram baixadas, é claro, durante a volta a Liverpool, e o progresso deles, remando e

virando o barco de bordo, foi muito lento. Os três homens falavam ao mesmo tempo, discutindo primeiro sobre práticos e depois sobre questões locais que não teriam interessado a Mary em nenhuma circunstância. Assim, ela foi aos poucos ficando sonolenta; sem perceber, na verdade, pois, apesar dos trancos que deu para se manter acordada, caiu no fundo do barco e ficou ali, enroscada sobre uma pilha de velas, cordas e iscas de diversos tipos.

O compasso das águas batendo contra as laterais do barco e a melodia das ondas mais distantes eram mais tranquilizantes do que o silêncio e, dentro de pouco tempo, Mary estava dormindo um sono profundo.

Em dado momento, ela abriu as pálpebras pesadas e teve uma vaga consciência de ver o velho barqueiro grisalho e rude (aquele que insistira no valor mais alto pelo aluguel) cobrindo-a com seu pesado jaquetão de lã. Ele o tirara de propósito e estava fazendo aquilo da maneira mais suave que podia, mas, antes que Mary pudesse se erguer para agradecer, já adormecera de novo.

Afinal, na penumbra do fim de tarde, eles chegaram ao cais de onde tinham partido algumas horas antes. Os homens falaram com Mary, e, embora ela tenha respondido mecanicamente, não se mexeu, de modo que eles acabaram sendo obrigados a sacudi-la. Mary se levantou, trêmula e sem entender onde estava.

— Agora me diga para onde vai, moça — disse o marinheiro grisalho —, que talvez eu possa ajudar você a chegar lá.

Mary compreendeu o que ele estava perguntando e tentou se lembrar, mas com grande lentidão e dificuldade. Ela colocou a mão no bolso, pegou sua bolsinha e jogou todo o conteúdo na mão do homem. Depois, começou a tirar humildemente o xale, embora eles tivessem se afastado sem pedir por ele.

— Não, não! — disse o velho, que se demorou no degrau antes de pular para o barco, e que foi para quem ela ofereceu o xale. — Pode ficar! A gente não quer. Só estávamos testando você. Tem povo que diz que não tem bufunfa, mas estão cheios de arame.

— Obrigada — disse Mary, baixinho.

— Para onde você vai? Já perguntei uma vez — falou o rude marinheiro.

— Não sei. Não conheço nada por aqui — respondeu ela, com uma estranha ausência de ansiedade diante das circunstâncias.

— Precisa descobrir, então. O píer não é lugar para uma moça ficar que nem boba.

— Tenho um cartão com um endereço em algum lugar — disse Mary, e o homem, em parte aliviado, pulou para dentro do barco, que já se afastava para dar lugar a alguma embarcação a vapor prestes a atracar.

Mary tateou o bolso em busca do cartão no qual estava escrito o nome da rua onde devia encontrar o Sr. Bridgenorth às duas da tarde; onde Job e a Sra. Wilson estariam, e onde ela seria dirigida a um local respeitável no qual poderia passar a noite. Mas não o encontrou.

Ela tentou aguçar seus sentidos; tateou de novo e tirou do bolso todos os objetos que estavam lá: sua bolsa vazia, seu lenço e outras miudezas. Mas o cartão não estava lá.

Na verdade, Mary o deixara cair quando, ansiosa por embarcar, pegara a bolsa para contar o dinheiro.

Mas não sabia disso, é claro. Só sabia que o cartão sumira.

Aquilo não piorou muito o desespero que já tomava conta dela. Contudo, Mary ainda se esforçou para tomar uma atitude, embora a cada minuto sua mente ficasse mais confusa. Ela tentou lembrar onde Will se hospedava, mas não conseguiu: número, rua, tudo se dissipava, e não importava; era melhor se perder do que ser encontrada.

Mary se sentou, muda, no degrau mais alto do cais e olhou para a água escura e imunda lá embaixo. Uma ou duas vezes, um pensamento espectral surgiu em meio às sombras de seu cérebro; ela se perguntou se sob aquela superfície fria e triste não haveria um descanso para as provações da terra. Mas não conseguia se concentrar numa ideia por dois segundos consecutivos, e esqueceu o que tinha pensado antes de poder tornar realidade o que imaginara.

Assim, continuou sentada, imóvel, sem erguer os olhos ou ter qualquer reação aos insultos que lhe lançavam.

Através da penumbra, o barqueiro observou-a; interessado nela, apesar de brigar consigo mesmo por tal interesse.

Quando o cais estava mais uma vez comparativamente vazio, ele se aproximou, atravessando barcos e tábuas de madeira, xingando a si mesmo, de velho tolo.

O barqueiro sacudiu o ombro de Mary com violência.

— Diabos, menina. Vou perguntar mais uma vez: para onde você vai? Não fique aí que nem uma idiota. Para onde você vai?

— Não sei — suspirou Mary.

— Vamos, desembuche. Você disse que tinha um cartão com um endereço.

— Eu tinha, mas perdi. Deixe para lá.

Mary olhou mais uma vez para o espelho negro lá embaixo.

O velho permaneceu junto a ela, tentando ignorar o lado mais bondoso de sua natureza, mas não conseguiu. Sacudiu-a de novo. Ela ergueu os olhos, como se tivesse esquecido que ele estava ali.

— O que você quer? — perguntou Mary, exausta.

— Venha comigo, com mil demônios! — respondeu o marinheiro, puxando-a pelo braço.

Mary se levantou e foi com ele, com a docilidade incondicional de uma criança.

73. Trecho de “A Wet Sheet and a Flowing Sea” [Uma rajada de água, um mar agitado] do escritor escocês Allan Cunningham (1784-1842). (N. da T.)

Uma denúncia formal contra Jem

Há aqueles que, vivendo do exercício da lei
São estimados — são homens honrados.

Crabbe⁷⁴

Às cinco para as duas, Job Legh encontrava-se diante da porta da casa onde o Sr. Bridgenorth se hospedava quando era a época das audiências do tribunal superior. Deixara a Sra. Wilson na casa de uma amiga, que oferecera um quarto para ela e Mary: um quarto que o próprio Job já ocupara diversas vezes, em visitas ocasionais a Liverpool, mas que ficou feliz em conseguir reservar para elas, já que o local onde ele dormia lhe era indiferente e a cidade parecia lotada e confusa às vésperas dos julgamentos.

Foi levado até o Sr. Bridgenorth, que estava escrevendo. Mary e Will Wilson ainda não tinham chegado, estando, como você sabe, bem longe, no mar aberto; mas Job, é claro, não fazia ideia disso e não se preocupou muito com sua ausência; estava mais curioso em saber o resultado do encontro do Sr. Bridgenorth com Jem naquela manhã.

— Ah, sim — disse o Sr. Bridgenorth, largando a caneta. — Eu me encontrei com ele, mas lamento dizer que não adiantou muito. O rapaz não é nada, nada prático. Eu lhe disse, é claro, que ele precisa ser completamente franco comigo, ou seria impossível saber os prontos fracos da defesa. Citei seu nome buscando ganhar a confiança dele, mas...

— O que ele disse? — perguntou Job, mal podendo respirar.

— Ora, quase nada. Mal abriu a boca. Na verdade, se recusou peremptoriamente a responder algumas perguntas. Não sei o que posso fazer por ele.

— Quer dizer que o senhor acha que ele é culpado? — perguntou Job, desanimado.

— Não acho, não — respondeu o Sr. Bridgenorth, sem vacilar. — Achava muito mais antes de vê-lo. Minha impressão... Veja bem, foi apenas uma impressão; conto com sua cautela para não tomá-la como um fato. A *impressão* — repetiu ele, dando ênfase à palavra — que ele me

passou foi de que sabe algo sobre o caso, mas algo que não pode dizer. Assim, é provável que, se persistir nessa obstinação, será enforcado. Isso é tudo.

O Sr. Bridgenorth voltou a escrever, pois não tinha tempo a perder.

— Mas ele não pode ser enforcado — disse Job com veemência.

O advogado ergueu os olhos e deu um leve sorriso, mas balançou a cabeça.

— O que ele disse, senhor, se é que me permite perguntar? — continuou Job.

— Disse poucas palavras e foi tão reservado e ríspido que, como eu falei antes, só posso lhe dizer a impressão que me passou. Eu, é claro, lhe expliquei quem era e por que estava ali. O rapaz pareceu satisfeito, na minha opinião. Pelo menos seu rosto (que estava bastante triste quando entrei, posso lhe garantir) se iluminou um pouco. Mas ele afirmou que não tinha nada a dizer, nenhuma defesa. Eu, então, perguntei se ele era culpado; e, para tentar fazê-lo abrir seu coração, disse que sabia que a provocação tinha sido forte, pois ouvira dizer que a moça era muito bonita e o rejeitara para se apaixonar perdidamente pelo jovem Carson, coitado. Mas James Wilson não se defendeu, nem admitiu nada. Passei a tratar de detalhes. Perguntei se a arma era dele, como sua mãe declarara. O rapaz não tinha ficado sabendo da admissão dela: isso foi evidente pela maneira rápida com que ergueu a cabeça e pela expressão no olhar. Mas quando ele viu que eu o estava observando, baixou o rosto de novo e apenas disse que a mãe tinha razão e a arma era dele, sim.

— E depois? — perguntou Job, impaciente, quando o Sr. Bridgenorth fez uma pausa.

— Ora, eu não tenho muito mais a lhe contar — continuou o advogado. — Garantindo o mais absoluto sigilo, pedi que ele me informasse como a arma tinha sido encontrada na cena do crime. Ele ficou em silêncio durante algum tempo e então se recusou a responder. Não apenas se recusou a responder à pergunta como afirmou que não diria mais uma palavra sobre aquele assunto e, me agradecendo por meu trabalho e meu interesse em seu bem-estar, só faltou me expulsar. Um rapaz bastante ingrato, você não acha, Sr. Legh? No entanto, asseguro-lhe que estou vinte vezes mais inclinado a considerá-lo inocente agora do que antes do encontro.

— Gostaria que Mary Barton chegasse logo — disse Job Legh, ansioso. — Ela e Will estão demorando bastante.

— Sim, acho que essa é nossa única chance — respondeu o Sr. Bridgenorth, que voltara a escrever. — Mande Johnson à rua antes do meio-dia para lhe entregar a intimação e avisar que eu queria falar com ele. Sem dúvida, chegará daqui a pouco tempo.

Os homens ficaram em silêncio durante alguns instantes. Até que o Sr. Bridgenorth ergueu a cabeça mais uma vez e disse:

— O Sr. Duncombe prometeu depor garantindo a integridade de seu caráter. Mande-lhe uma intimação no sábado à noite, apesar de os júris não darem muita importância para testemunhos vagos e generalizantes sobre o caráter de alguém. É correto que seja assim na maioria dos casos, mas neste é um azar para nós, pois temos de basear toda a defesa no álibi.

A caneta continuou a rabiscar o papel.

Job ficou muito inquieto. Sentou na beirada da cadeira, para poder se levantar bem depressa quando Will e Mary aparecessem. Ouviu com muita atenção cada ruído e cada passo na escada.

Em dado momento, escutou os passos de um homem e seu velho coração deu um pulo de alegria. Mas era apenas o assistente do Sr. Bridgenorth trazendo uma lista dos casos nos quais o grande júri havia apresentado denúncias formais. Ele deu uma olhada e passou-a a Job, dizendo apenas:

— É claro que isso era esperado.

E continuou a escrever.

Havia uma denúncia formal contra Jem Wilson. Obviamente. No entanto, Job sentiu-se duas vezes mais ansioso e mais triste. Aquilo pareceu-lhe o começo do fim. Sem perceber, ele tinha começado a considerar Jem inocente. Aos poucos, fora persuadido disso.

Mary (que estava sendo sacudida num barquinho no enorme rio) não apareceu, e nem Will.

Job ficou muito nervoso. Ansiava por ir à janela esperar por eles, mas temia interromper o Sr. Bridgenorth. Afinal, seu desejo se tornou irresistível. Ele se levantou e atravessou devagar e com cuidado a sala, com as botas rangendo a cada passo cauteloso. O tom sombrio que se espalhara pelo céu e cuja influência fora sentida por Mary no mar aberto era ainda mais perceptível naquela rua escura e cinzenta. Job ficou cada vez mais inquieto. Precisava andar de um lado para o outro na sala, pois não conseguia ficar parado; e o fez, apesar dos gestos e ruídos impacientes do Sr. Bridgenorth conforme o rangido daqueles movimentos lentos e furtivos se fazia ouvir às suas costas.

O advogado gostava muito de Job e estava de fato interessado no caso de Jem; se não fosse por isso, sua irritação teria vencido sua solidariedade muito antes. Mas ele afinal não conseguiu mais suportar aquele som monótono e perturbador; e assim, atirando a caneta longe, trancou a pasta e, pegando o chapéu e as luvas, disse a Job que tinha de ir ao tribunal.

— Mas Will Wilson ainda não chegou — disse Job, arrasado. — Espere só um pouco enquanto eu corro até o lugar onde ele se hospeda. Teria feito isso antes, mas achei que eles chegariam a qualquer minuto e fiquei com medo de nos desencontrarmos. Volto num instante.

— Não, meu amigo, eu realmente preciso ir. Além do mais, estou começando a achar que Johnson deve ter cometido algum erro e combinado com esse William Wilson de me encontrar no tribunal. Se você quiser esperar aqui por ele, fique à vontade, mas creio que irei encontrá-lo lá. Se isso acontecer, pedirei para ir até o lugar onde você vai passar a noite. Que tal? Você sabe onde me encontrar. Estarei de volta aqui às oito horas e, com o testemunho dessa pessoa que vai provar o álibi, terei o caso redigido e já nas mãos do advogado de defesa.

Dizendo isso, ele apertou a mão de Job e saiu. O velho refletiu um pouco diante da porta e então se encaminhou para a casa da Sra. Jones, onde, após consultar um livrinho de couro preto repleto de memorandos bizarros e heterogêneos, viu ser o local no qual Will morava e onde acreditava que poderia saber notícias dele e de Mary.

Ele foi para lá e reuniu todas as informações que pôde a partir das respostas lentas da Sra. Jones.

Perguntou se uma jovem estivera ali naquela manhã e se ela vira Will Wilson.

— Não.

— Por que não?

— Ora essa, porque ele zarpou algumas horas antes de ela aparecer.

Fez-se um silêncio sepulcral, quebrado apenas pelo barulho pesado e ritmado do ferro de passar da Sra. Wilson.

— Onde está a jovem agora? — perguntou Job.

— Em algum lugar do cais — respondeu a Sra. Jones, refletindo. — Charley saberia dizer se estivesse em casa, mas não está. Está metido em alguma encrenca, não há dúvida. Meninos são assim. Ele vai quebrar o pescoço qualquer dia desses, tenho certeza.

Dizendo isso, a mulher cuspiu no ferro que acabara de pegar do fogo, para testar se estava quente, e continuou a trabalhar.

Job sentiu vontade de lhe dar um tapa, de tão irritado que estava. Mas não fez isso e foi recompensado. Charley apareceu, assobiando com um ar de indiferença que tinha por objetivo mostrar que ele não se importava de ter ficado até tão tarde no cais.

— Este senhor veio perguntar onde está a moça que saiu com você esta manhã — disse a Sra. Jones, após uma breve bronca maternal.

— Onde está agora, eu não sei. Da última vez que vi a moça, ela estava indo num barco rio abaixo, atrás do *John Cropper*. Acho que não vai dar tempo de alcançar a embarcação; o vento mudou e ela deve ter passado do banco de areia rapidinho. Mas ela já devia ter voltado.

Job levou algum tempo para compreender isso, devido ao uso confuso do pronome feminino.⁷⁵ Então, ele perguntou qual seria a melhor maneira de encontrar Mary.

— Vou correr de novo lá no píer — disse o menino. — Aposto que encontro.

— Você não vai fazer isso coisa nenhuma — disse a Sra. Jones, barrando a porta com as costas.

O menino fez uma cara cômica para Job, que não retribuiu, estando naturalmente do lado da mãe dele; mas o velho teria ficado muito feliz em aceitar a oferta, pois estava cansado e ansioso para encontrar a pobre Sra. Wilson, que devia estar se perguntando onde ele fora parar.

— Como posso encontrar Mary? Com quem ela saiu, menino?

Mas Charley estava emburrado com o fato de que sua mãe exercera sua autoridade perante um estranho e com a seriedade desse estranho quando ele tentara fazê-lo rir.

— Eram barqueiros do rio; essa é a única coisa que eu sei — disse ele.

— Mas qual era o nome do barco? — insistiu Job.

— Não reparei. Era *Anne* ou *William*. Um nome comum, pelo que me lembro.

— E de que píer ela saiu? — perguntou Job, em desespero.

— Ah, foi da escada do Píer do Príncipe que ela saiu, mas não vai voltar pelo mesmo lugar, pois um barco a vapor americano chegou na maré alta e ancorou ali perto, bloqueando o caminho para as embarcações menores. E olha que o mar está agitado hoje — acrescentou o menino maldosamente.

— Bem, seja feita a vontade de Deus! Eu cheguei a ter esperanças de que fôssemos salvar o rapaz — disse Job, com tristeza —, mas estou voltando a duvidar. E também estou preocupado com Mary, muito preocupado. Ela nunca esteve aqui em Liverpool antes.

— Ela me contou. Há perigos para as moças em cada esquina. É uma pena que não vá ter ninguém para receber Mary quando ela desembarcar.

— Não sei como poderia haver, se a gente não sabe onde ela vai desembarcar. Preciso

confiar que vai dar tudo certo. Mary tem força de vontade e bom senso. É provável que venha para cá de novo. Na verdade, não sei o que mais poderia fazer, pois não conhece nenhum outro lugar em Liverpool. Senhora, se ela aparecer, pode dar a seu filho permissão de levá-la até o número oito da Back Garden Court, onde alguns amigos estão hospedados? Eu dou uma moeda ao menino.

A Sra. Jones, contente por sua permissão ter sido pedida, prometeu que o faria. E até Charley, a princípio indignado com a ideia de seus movimentos estarem sob o controle da mãe, se abrandou com a perspectiva de ganhar uma moeda e com a probabilidade de desvendar melhor aquele mistério.

Mas Mary não apareceu.

74. Citação da coleção de poemas “The Borough” [O burgo], de George Crabbe. (*N. da T.*)

75. Na língua inglesa, as embarcações são tratadas no feminino. (*N. da T.*)

A mentira de Job Legh

Ah! Triste é a noite
Tempo de pesar
Quando, na escuridão, só ouvimos a troar
As ondas que amanhã nos farão soçobrar

Job encontrou a Sra. Wilson andando de um lado para o outro, inquieta. Não conversava com a mulher em cuja casa estava hospedada e, de tempos em tempos, dava suspiros tão profundos e melancólicos que chegavam a causar sobressaltos em quem estava em torno.

— O que houve? — perguntou ela, avançando, irritada, com seus passos vacilantes ao ver Job. — Fale de uma vez! — insistiu, antes que ele pudesse decidir o que dizer.

Para dizer a verdade, Job estava pensando numa mentira bondosa que pudesse tranquilizá-la durante algum tempo. Mas o real estado das coisas saiu de sua boca sem querer, em resposta às insistentes perguntas da mulher.

— Will não foi encontrado. Mas pode ser que ainda dê tempo de ele aparecer.

A Sra. Wilson olhou fixamente para Job durante um minuto, como se estivesse duvidando de que o desespero sugerido por aquelas palavras pudesse estar reservado para ela. Então balançou a cabeça devagar e disse, num tom mais baixo do que poderia ter sido esperado diante de sua empolgação prévia.

— Não fale assim! Você não acredita nisso. Está quase sem esperanças, como eu. Desde o início, soube que meu menino ia ser enforcado pelo que não fez. E é melhor que seja e saia desse mundo de tristeza, onde não há justiça nem misericórdia.

Ela ergueu os olhos em transe, como se estivesse rezando, e então se sentou.

— Não, agora você desandou — disse Job. — É verdade que Will zarpou esta manhã, mas aquela valente menina, Mary Barton, foi atrás e vai trazê-lo, aposto, se conseguir falar com ele. Ela ainda não voltou. Vamos, coragem. Tudo vai acabar bem.

— Tudo vai acabar bem — repetiu a Sra. Wilson —, mas não como você pensa. Jem vai ser enforcado e vai se encontrar com o pai e os irmãozinhos, onde Nosso Senhor enxuga todas as

nossas lágrimas e Nosso Senhor Jesus é bondoso com os pequenos que procuram pelas mães que deixaram na terra. Ah, Job, essa é uma terra abençoada e eu quero ir para lá logo, mas fico agoniada porque Jem vai primeiro. Não ia me agoniar se nós dois pudéssemos nos deitar hoje à noite e nunca mais acordar; não ia me agoniar nada se esse povo soubesse que ele é inocente... como eu sei.

— Eles vão saber mais cedo ou mais tarde, e se arrepender muito se enforcarem o rapaz por algo que ele não fez — respondeu Job.

— Ah, vão mesmo. Coitados! Que Deus tenha piedade deles quando descobrirem seu erro.

Logo, Job se cansou de ficar sentado esperando; levantou-se e ficou perto da porta e da janela, como um animal querendo sair. Estava um breu, pois a lua ainda não surgira no céu.

— Vá para a cama — disse ele para a viúva. — Vai precisar estar forte amanhã. Jem vai ficar muito triste se vir você com essa cara. Eu vou sair de novo para encontrar Mary. Ela já deve ter voltado a essa hora. Mas pode deixar que eu acordo você e conto tudo. Melhor ir para a cama agora.

— Você é um bom amigo, Job Legh, e eu vou, como está me pedindo. Mas não deixe de ir direto para o meu quarto e traga Mary assim que encontrar com ela. — A Sra. Wilson falou baixinho, mas com muita calma.

— Pode deixar! — respondeu Job, saindo depressa da casa.

Foi primeiro para o escritório do Sr. Bridgenorth, pois lhe ocorreu que Will e Mary pudessem estar lhe esperando lá.

Mas não estavam. O Sr. Bridgenorth tinha acabado de chegar, e Job subiu a escada, sem fôlego, para saber como andavam as coisas.

— Andam mal — disse o advogado com um ar muito sério, organizando seus papéis. — Johnson me contou tudo; ficou sabendo pela mulher em cuja casa Wilson se hospeda. Acho que essa caçada maluca da tal Mary Barton não vai dar em nada. Nosso caso precisa ser baseado na incerteza das provas circunstanciais e no caráter geral do prisioneiro. Uma defesa muito vaga e fraca. No entanto, contratei o Sr. Clinton como advogado de defesa e ele vai fazer o melhor que puder. E agora, meu bom homem, preciso lhe dar boa-noite e lhe expulsar de casa. E assim, terei que ficar acordado até de madrugada. Você viu meu assistente quando subiu? Viu mesmo? Então, por favor, peça que ele venha para cá imediatamente.

Após ouvir isso, Job soube que tinha de ir embora; e, fazendo uma humilde mesura, deixou a sala.

Então, foi ver a Sra. Jones. Ela estava em casa, mas Charley tinha escapulado de novo. Ninguém segurava aquele menino, disse a mulher. Só trancando com chave, e às vezes, nem assim; pois um dia ela o trancara no sótão e ele tinha saído pela claraboia. Talvez tivesse ido atrás da moça no cais. Não lhe faltava desculpa para ir até lá.

Sem que lhe convidassem, Job tomou uma cadeira, resolvendo esperar pelo garoto.

A Sra. Jones ficou passando a ferro e dobrando suas roupas, sem nunca parar de falar em Charley e no marido, que era marinheiro num navio a caminho da Índia e que, ao deixar o menino com ela, evidentemente a deixara com mais do que ela podia manejar. A mulher gemeu e lamentou os marinheiros, as cidades costeiras, as tempestades, as noites insones, as

calças sujas de piche, até Job deixar de prestar atenção e ficar apenas tentando discernir cada passo e cada voz que soavam na rua.

Afinal, Charley apareceu; mas estava sozinho.

— Essa tal de Mary Barton se meteu em alguma encrenca — disse ele, se dirigindo a Job. — Ninguém sabe dela em nenhum pír; e Bourne disse que ela saiu num barco do lado de Cheshire. Ninguém vai saber da moça até amanhã de manhã.

— Amanhã de manhã ela tem de estar no tribunal às nove, para ser testemunha num julgamento — disse Job com tristeza.

— Foi o que ela disse; ou qualquer coisa parecida — afirmou Charley, ansioso por ouvir mais.

Mas Job não disse nada. Não conseguiu pensar em mais nada que pudesse fazer. Por isso se levantou e, agradecendo à Sra. Jones pelo abrigo que ela lhe dera, saiu. Na rua, ficou imóvel, refletindo sobre as probabilidades e as chances.

Após algum tempo, foi andando devagar na direção da casa onde deixara a Sra. Wilson. Não havia mais nada a fazer, mas Job se demorou, com a esperança fervorosa de que o cansaço e a tristeza da viúva a houvessem vencido antes que ele chegasse, para poupá-lo de suas interrogações.

Job entrou de mansinho na sala onde a sonolenta senhoria esperava por ele e pela menina que, segundo haviam lhe dito, ia dormir na mesma cama que a senhora.

Mas, na cegueira do sono, a mulher derrubou tantas coisas ao acender uma vela (tinha tirado um cochilo só à luz da fogueira, explicou) que a voz da Sra. Wilson foi ouvida no quartinho dos fundos, onde ela passaria a noite.

— Quem está aí? — disse.

Job não respondeu e respirou devagar, para que ela achasse que tinha se enganado. Já a senhoria, sem essa preocupação, derrubou os abafadores de vela com um forte som metálico e então, com suas desculpas profusas, convenceu a atenta mulher de que Job tinha voltado.

— Job! Job Legh! — disse a Sra. Wilson, nervosa.

“Ai, ai” disse Job para si mesmo, caminhando com relutância até a porta do quartinho. “Será que uma mentirinha seria pecado, diante das circunstâncias? Talvez ajude a pobre a dormir, e ela vai passar muitas noites em claro, ou quase isso, se as coisas derem errado amanhã. Vou tentar, de qualquer maneira.”

— Job! Você está aí? — perguntou ela de novo, com uma impaciência trêmula que se mostrava em cada palavra dita.

— Claro! Achei que você já estivesse dormindo.

— Dormindo! Como poderia dormir sem saber se Will tinha sido encontrado?

— Lá vai — murmurou Job.

E então, num tom mais alto, disse:

— Nada tema! Ele foi encontrado, está a salvo e está pronto para amanhã.

— E ele vai provar a inocência do meu pobre menino, não vai? Vai testemunhar que Jem estava com ele? Ah, Job! Fale, me conte tudo!

“Quem gasta um centavo, gasta um tostão”, pensou Job. “Quem sabe uma reza só não

compensa pela soma toda. De qualquer maneira, não posso voltar atrás agora.”

— Isso, isso! — gritou ele, do outro lado da porta. — Ele vai provar tudo; e Jem vai ser considerado mais inocente que um bebê.

Job ouviu o farfalhar dos movimentos da Sra. Wilson e num instante adivinhou que ela se prostrara de joelhos, pois ouviu sua voz trêmula louvando e agradecendo a Deus, interrompida de tempos em tempos por soluços de felicidade e alívio.

Ao ouvir isso, ele vacilou, pensando na terrível elucidação, na pavorosa revolução de sentimentos que a aguardava na manhã do dia seguinte. Viu a miopia da mentira; mas o que podia fazer agora?

Enquanto escutava, a viúva terminou de rezar.

— E Mary? Você a encontrou na casa da Sra. Jones, Job? — disse ela, continuando o interrogatório.

Job deu um suspiro fundo.

— Sim, ela estava lá, sã e salva! — E, murmurando para si, disse: — Deus me perdoe! Quem diria que eu ia virar um mentiroso tão grande quando ficasse velho?

— Que Deus abençoe essa menina! Ela está aqui? Por que não vem para a cama? Aposto que está precisando.

Job tossiu para se livrar dos últimos vestígios de sua consciência e respondeu:

— Ela estava um pouco cansada da viagem de barco; e a Sra. Jones lhe pediu que passasse a noite lá. Fica mais perto do tribunal, onde ela vai ter que estar de manhã. Depois de um tempo, fica fácil — gemeu Job baixinho. — O pai das mentiras ajuda a gente, eu acho, pois agora mentir parecia tão natural quanto dizer a verdade. Ela parou de fazer perguntas agora, o que pelo menos é uma coisa boa. Vou sair daqui, antes que eu e o demônio comecemos de novo.

Ele foi para a sala, onde a senhoria esperava, cansada. Seu marido estava na cama, dormindo há muito tempo.

Mas Job ainda não decidira o que fazer. Com tanta ansiedade, não teria conseguido dormir nem na melhor cama de Liverpool.

— A senhora me deixa ficar aqui nesta poltrona? — perguntou afinal para a mulher, que esperava sua partida.

Ele era um velho amigo e, por isso, ela atendeu ao pedido. Na verdade, estava com sono demais para protestar. Ficou feliz por ser liberada para ir para a cama.

Como Mary passou a noite

E pensar
Que toda esta longa e interminável noite
Em que estive pensando apenas em duas palavras:
“Culpado!” “Inocente!”, como um instante feliz
Passou despercebida para muitos;
Para aqueles que, felizes, dormiam e sonhavam
Com alboradas luminosas... ou, melhor ainda,
Aqueles que, respirando fundo, mergulharam no
[esquecimento.
Que imagens desalentadoras de morte
Desfilaram perante meus olhos!
Wilson⁷⁶

E onde estava Mary?

Job teria ficado aliviado de uma de suas preocupações se pudesse vê-la: pois estava muito ansioso por causa da menina e em muitas ocasiões daquela longa noite ralhou consigo mesmo e com ela — com ela por sua teimosia, e com ele por sua fraqueza em ceder quando Mary insistira em ir pessoalmente atrás de Will.

Assim como Job, Mary não passou a noite numa cama, mas estava sob um teto respeitável e entre pessoas bondosas, embora rudes.

Ela não ofereceu resistência ao velho barqueiro quando este agarrou seu braço para obrigá-la a segui-lo, passando por eclusas repletas de gente e se enveredando em estranhas ruazinhas. Mary foi atrás docilmente, sem nem pensar aonde estava indo devido ao estupor em que se encontrava, feliz (de uma maneira vaga e obtusa) por alguém estar tomando as decisões por ela.

O barqueiro a levou até uma construção em estilo antiquado, tão pequena que mal poderia ser chamada de casa, e construída há muito tempo, antes de qualquer outra parte da rua. E

dava um ar campestre àquela transversal apinhada. O homem a fez entrar na sala, e, aliviado até certo ponto do medo de perdê-la pelo meio do caminho, exclamou, dando-lhe um tremendo tapa nas costas:

— Muito bem!

A sala era clara e arejada, o que fez Mary acordar (talvez o tapa nas costas tenha ajudado um pouco também) e sentir o constrangimento de ter que explicar sua presença para uma velhinha cheia de energia que estava mexendo na lareira quando ela entrou. O barqueiro manteve o mais absoluto silêncio, sem se dignar a dar qualquer explicação; apenas sentou-se em sua poltrona particular mascando tabaco e olhou para Mary com o ar mais satisfeito que se possa imaginar, em parte triunfal, como se a tivesse capturado com seu arpão, e em parte desafiador, como se a desafiasse a escapar.

A velha, mulher do barqueiro, ficou imóvel com o atiçador da lareira na mão, esperando que o marido lhe dissesse o que era aquilo que trouxera para casa sem nenhuma cerimônia. Enquanto olhava para Mary com perplexidade, porém, o rosto da menina se tingiu de vermelho e depois foi tomado por uma palidez mortal; sua vista se toldou e, agarrando a cômoda para ter algum apoio naquele cômodo quente que girava ao seu redor, ela desabou no chão.

Tanto o homem quanto a mulher pularam para ajudá-la. Ergueram-na, ainda inconsciente; e ele a pôs sobre um dos joelhos, enquanto ela corria para buscar um pouco de água fria. A mulher atirou a água em cima de Mary, mas, embora esta tenha dado um enorme soluço, seus olhos permaneceram fechados, e seu rosto, branco como cera.

— Quem é ela, Ben? — perguntou a mulher, esfregando as mãos inertes de Mary.

— Como vou saber? — respondeu o marido ríspidamente.

— Ora, ora — disse ela num tom conciliador, como aquele que se usa com crianças irritadas, e meio que falando sozinha —, achei que podia saber, já que foi você que a trouxe para casa. Pobrezinha! Só se sabe com certeza que precisa de ajuda. Queria estar com meus saís em casa, mas emprestei para a Sra. Burton na missa de domingo passado, pois ela não conseguia se manter acordada durante o sermão. Minha nossa, como ela está branca!

— Tome, segure a menina um pouco — disse o marido.

A mulher fez o que o homem pediu, ainda falando consigo mesma e sem se importar com as interrupções irritadas dele. Para ela, na verdade, mesmo suas palavras mais grosseiras eram como pérolas e diamantes, pois ainda sentia por ele o amor da juventude; e o homem também, apesar de tão ríspido e irascível, secretamente se sentia consolado pelo som da voz da mulher, embora por nada neste mundo, se pudesse evitar, teria demonstrado o amor oculto sob seu aspecto rude.

— O que esse velho foi procurar? — disse a mulher, se inclinando sobre Mary para sustentar melhor a cabeça que caía. — Está pegando minha pena de escrever, que eu já tenho para mais de cinco anos. Minha nossa senhora! Está queimando minha pena! Ah, já entendi; até que ele pensou bem. O cheiro de pena queimada é sempre bom para acordar de desmaio. Mas não está funcionando com ela, pobrezinha! Ora! Meu velho é muito esperto! Olhe que eu nunca ia lembrar disso! — exclamou, quando o barqueiro pegou uma garrafa quadrada de

aguardente contrabandeada chamada “Golden Wasser” do armário que ficava num dos cantos da salinha.

E, quando a dose que ele derramou na boca aberta de Mary a fez ter um sobressalto e tossir, a velha disse:

— Pronto! Deus abençoe esse homem. É bem típico dele ser tão gentil e atencioso!

— Nada disso! — rosnou o velho, aliviado ao ver que o rubor voltava ao rosto de Mary e que esta olhava em torno, espantada. — Nada disso. Nunca fui bobo assim antes.

Sua mulher ajudou Mary a se levantar e a colocou numa poltrona.

— Está tudo bem agora, moça? — perguntou o barqueiro, preocupado.

— Está sim, senhor, obrigada. Meu senhor, nem sei como agradecer — balbuciou Mary baixinho.

— O diabo leve você e seus agradecimentos.

E ele se sacudiu, pegou o cachimbo e saiu sem se dignar a dizer mais uma palavra; deixando a esposa sem fazer ideia de quem era aquela estranha que estava em sua casa e qual era sua história.

Mary viu o barqueiro deixar a casa e então, voltando os olhos tristes para o rosto da anfitriã, tentou debilmente se erguer, com a intenção de ir embora — para onde, não sabia.

— Nada disso! Não sei quem você é, mas não tem condição de ir para a rua. Talvez — disse ela, num tom mais baixo — seja uma mulher da vida; eu chego a desconfiar, de tão bonita que é. Ora, ora! São os maus que têm o coração partido, isso sim; o povo bom nunca perde a esperança, pois confia em Deus. São os que vivem em pecado que sentem a tristeza mais amarga no coração, pobres coitados; são eles que a gente deve ajudar, acima de tudo. Ela não vai sair desta casa esta noite, não importa quem seja; ah, não vai, mesmo que seja a pior mulher de Liverpool. Gostaria de saber onde foi que o velho deu com ela, isso sim.

Mary ouviu esse solilóquio sem reagir, mas então tentou dar explicações à sua anfitriã com frases confusas e desconexas.

— Não sou mulher da vida, minha senhora. Seu marido me levou atrás de um navio que zarpou. Havia um homem lá dentro que talvez possa salvar uma vida num julgamento amanhã. O capitão não deixou ele vir, mas ele disse que volta no barco do práctico.

Mary soluçou ao lembrar que suas esperanças eram cada vez menores, e a velha tentou consolá-la, começando com a interjeição que sempre usava:

— Ora, ora! Mas ele volta, pode ter certeza. Não duvido. Por isso, coragem. Não fique se consumindo. Ele volta, sim.

— Ah, mas eu tenho medo! Tenho muito medo de que não volte — exclamou Mary, apesar de ter, de fato, se sentido um pouco melhor com a afirmação da mulher, embora soubesse que ela não tinha base.

Ainda falando meio sozinha e meio com Mary, a velhinha fez um chá e insistiu que a visitante comesse e recuperasse as forças. Mas Mary balançou a cabeça para a comida oferecida e só bebeu uma xícara de chá com uma sede enorme. Afinal, a aguardente a deixara ardendo em brasa, fizera com que cada impressão recebida pelos sentidos ficasse extremamente vívida e lhe dera uma dor de cabeça terrível.

Ela não estava com vontade de falar, pois não parecia mais ter qualquer controle sobre o que dizia. Usava expressões inteiramente diferentes daquelas nas quais pensava. Por isso ficou em silêncio, enquanto a Sra. Sturgis (pois era esse o nome de sua anfitriã) tagarelava, guardava os apetrechos do chá e se movia de um lado para o outro sem cessar, de uma maneira que aumentou a sensação de tontura de Mary. Ela sentia que devia se despedir e ir passar a noite em outro lugar. Mas onde?

Logo o velho voltou, ainda mais irritado e ríspido do que quando partira. Chutou longe os sapatos secos que a esposa separara e rosnava para tudo o que ela dizia. Mary atribuiu isso ao fato de ela ainda estar na casa dele e reuniu forças num esforço para ir embora. Mas estava enganada. Logo, o homem disse (olhando para o fogo, como se estivesse falando com ele):

— O vento está contra eles!

— Ah, é mesmo? — disse a esposa, que, por conhecê-lo bem, sabia que sua irritação vinha de uma solidariedade reprimida. — Ora, ora, muitas vezes o vento muda de noite. Ainda tem bastante tempo até de manhã. Aposto uma moeda que mudou desde a última vez que você olhou.

Ela olhou pela janelinha para observar um cata-vento que havia por perto e que brilhava à luz da lua. Como era mulher de marinheiro, imediatamente reconheceu o ponto desfavorável onde o indicador parecia estar parado, deu um suspiro profundo, voltou-se para a sala e começou a pensar em outra maneira de se consolar.

— Não tem mais ninguém que pode provar o que você quer no julgamento amanhã, tem? — perguntou.

— Mais ninguém! — respondeu Mary.

— E você sabe quem é o culpado, já que o outro não é?

Mary não respondeu e seu corpo inteiro começou a tremer.

Sturgis percebeu.

— Não incomode a menina com suas perguntas — disse ele para a esposa. — Ela precisa ir para a cama, pois está se tremendo toda por causa do ar marinho. Pode deixar que eu cuido do vento e do cata-vento também, diabos. A maré vai ajudar, quando virar.

Mary foi para o andar de cima da casa, murmurando agradecimentos e bênçãos para aqueles que tinham dado abrigo a uma estranha. A Sra. Sturgis a levou para um quartinho que tinha o aroma do oceano e de terras estranhas. Havia uma pequena cama para um dos filhos, que estava a caminho da China; e uma rede para o outro, que naquele momento estava sendo sacudido pelas águas do mar Báltico. Os lençóis pareciam feitos de vela, mas eram limpos e frescos, apesar de sua cor marrom.

Na parede estavam presos os desenhos rústicos de dois navios, cada qual com seu nome escrito embaixo; os olhos de mãe se mantiveram fixos neles até se encherem de lágrimas. Mas ela enxugou o choro com as costas da mão e, num tom alegre, garantiu a Mary que a cama estava bem arejada.

— Muito obrigada, mas não vou conseguir dormir. Vou ficar sentada aqui, se não incomodar a senhora — disse Mary, desabando sobre o assento que ficava diante da janela.

— Venha, menina — disse a Sra. Sturgis —, meu marido me mandou colocar você na cama,

e é isso que tenho que fazer. Quem espera desespera, e estou vendo que está pensando em ficar esperando o cata-vento virar. Ah, minha filha, eu tento nunca olhar para ele, senão não faço outra coisa. Às vezes chego a ficar doente quando o vento fica forte, mas então dou as costas para a janela, vou trabalhar e tento não pensar no vento, lembrando só do que tenho para fazer.

— Deixe-me ficar acordada um pouco — implorou Mary, pois sua anfitriã estava decidida a levá-la para a cama.

Sua expressão convenceu a mulher.

— Bom, acho que não tem outro jeito. Vão ralar comigo lá embaixo, isso vão. Ele não vai parar quieto até você ir para a cama, sabia? Por isso, fique quietinha, já que faz questão de ficar acordada.

E, sem emitir um ruído, Mary observou o cata-vento imóvel durante toda a noite. Ficou no assento diante da janela, com a mão segurando a cortina que protegia o quarto da luz clara da lua e a cabeça exausta pousada no caixilho, enquanto seus olhos ardiam, tamanha era a ansiedade com que ela fitava.

A alvorada surgiu devagar no horizonte, lançando uma luz escarlate no quarto onde ocorria essa vigília.

Era a manhã do julgamento!

76. Trecho do poema “The Convict” [O condenado] do escritor e crítico literário escocês John Wilson (1785-1854). (*N. da T.*)

Milman, “Fazio”⁷⁷.

E essa noite foi a mais insone de todas. O Sr. Carson não cessava de pensar se realmente fizera tudo o que podia para assegurar a condenação de Jem Wilson. Quase chegava a se arrepender de sua insistência em apressar os procedimentos, mas, até conseguir sua vingança, sentia que não haveria paz para ele nesta terra (não sei se usava exatamente o termo “vingança” quando refletia; pensava em justiça e é provável que considerasse ser isso que almejava); não haveria paz física nem mental, pois o Sr. Carson andava de um lado para outro no quarto com os passos inquietos e incessantes de um animal selvagem dentro de uma jaula e, se forçava suas

pernas doloridas a parar por um instante, quase chegava a ter convulsões. De modo que recomeçava a andar, considerando isso um mal menor e a fadiga mais suportável.

Com a luz do dia, aumentou seu poder de ação; e, então ele saiu para ir acordar seu advogado e atarantá-lo com mais ordens e perguntas. Ao cabo disso, ficou sentado com o relógio na mão até que o tribunal abrisse e o processo começasse.

O que eram os vivos — a esposa e as filhas? O que eram elas em comparação com o morto, o filho assassinado que ainda não fora enterrado para cumprir o desejo do pai, aquilo que era quase um juramento, de ver o homem que o matara condenado à morte antes de encerrar seu corpo no descanso do túmulo?

Às 9 horas, começou aquele terrível encontro.

O juiz, o júri, o vingador, o prisioneiro, as testemunhas — todos estavam reunidos no prédio. Havia ainda muitos outros com algum interesse pessoal no procedimento, apesar de não fazerem parte dele; Job Legh, Ben Sturgis e diversos outros estavam lá, entre eles Charley Jones.

Job Legh tivera o cuidado de evitar qualquer pergunta da parte da Sra. Wilson naquela manhã. Na verdade, não passara muito tempo na companhia dela, pois acordara cedo para ir perguntar por Mary mais uma vez; e, ao não receber nenhuma notícia da menina, tomou a decisão desesperada de não revelar nada para a viúva, já que a tristeza nunca chegava atrasada. Se o golpe era inevitável, seria melhor deixá-la na ignorância do mal iminente pelo maior tempo possível. A mãe de Jem se apresentou na sala reservada às testemunhas, cansada e desanimada, mas não ansiosa.

Quando Job abria caminho na multidão para chegar ao auditório do tribunal, o assistente do Sr. Bridgenorth o chamou.

— Aqui está uma carta de nosso cliente para o senhor!

Job sentiu horror ao pegá-la. Não sabia por que, mas temia uma confissão de culpa que fosse acabar com todas as esperanças.

A carta era assim:

Meu caro amigo,

Agradeço muito a você pela bondade de ter contratado um advogado, mas isso de nada vai adiantar para mim, apesar de talvez ser bom para os outros. Nem por isso deixo de lhe agradecer, meu amigo. Imagino que o resultado vai ser ruim para mim — e não é de se espantar. Se eu fizesse parte do júri, diria que era culpado um homem com tantas provas contra ele quanto as que serão apresentadas contra mim. Por isso, não adianta de nada ficar com raiva deles. Mas, Job Legh, acho que nem preciso lhe dizer que sou tão inocente quanto uma criança que ainda nem nasceu, embora não tenha o poder de provar. Se eu não acreditasse que você me considera inocente, não poderia escrever esta carta lhe dizendo o que desejo. Você não há de esquecer que estas são as palavras de um homem que vai morrer em breve. Meu querido amigo, você precisa tomar conta da minha mãe. Não com dinheiro, pois ela terá o suficiente para si e para a tia Alice; mas precisa permitir que ela fale de mim para você; e mostrar (independentemente dos outros) que pensa que eu morri inocentemente. Acho que ela não vai durar muito

depois de todos nós da família termos ido embora. Seja bondoso com minha mãe, Job, por mim; ela às vezes perde a paciência, mas lembre-se de tudo pelo que já passou. Sei que nunca vai duvidar de mim e que Deus a abençoe.

Há outra pessoa que eu temo ter amado demais; amá-la foi a felicidade da minha vida. Ela vai pensar que eu matei seu namorado; vai pensar que causei o sofrimento pelo qual deve estar passando. E deve continuar a pensar assim. É difícil para mim dizer isso, mas é *necessário*. Vai ser melhor para ela, e é só nisso que eu devo pensar. No entanto, meu caro Job, você tem bastante saúde para alguém da sua idade, e pode ser que ainda viva muitos anos; assim, talvez possa dizer a ela, quando tiver certeza de que está perto de ir embora, que eu declarei solenemente (como declaro agora) que sou inocente desse crime. Isso só deve acontecer daqui a muitos anos. Não posso suportar a ideia de ela viver uma longa vida me odiando, pensando em mim como o assassino do homem que amava, e morrendo com essa raiva de mim no coração. Seria uma mágoa terrível do outro mundo ver esse ódio no rosto dela, e ele só deixará de estar ali quando ela souber. Não posso me permitir pensar no que ela deve achar de mim no momento.

Deus lhe abençoe, Job Legh. Eu não lhe peço mais nada.

Seu criado,

James Wilson

Job virou e revirou a carta depois de ler, deu um suspiro profundo, e então, embrulhando-a com cuidado numa folha de jornal que tinha consigo, colocou-a no bolso do colete e foi até a porta da sala das testemunhas para perguntar se Mary Barton estava lá.

Quando a porta abriu, ele a viu sentada lá dentro, apoiada diante de uma mesa, com os braços cruzados e a cabeça oculta entre eles. Era uma atitude de desespero, e teria sido o suficiente para enregelar o coração de Job mesmo sem o som da voz da Sra. Wilson emitindo soluços terríveis e lamentos cruéis, o que lhe mostrou com a clareza das palavras (pois a viúva não estava visível da porta e ele não quis entrar) que ela fora, ao menos em parte, desenganada das esperanças que seu amigo lhe dera na noite anterior.

Foi com tristeza que Job voltou para o auditório do tribunal; não tendo sido visto nem pela Sra. Wilson, nem por Mary da porta da sala de testemunhas.

Assim que ele conseguiu forçar sua mente aturdida a se concentrar na cena diante de seus olhos, viu que o julgamento de James Wilson pelo assassinato de Henry Carson tinha acabado de começar. O assistente estava lendo as acusações e, após um ou dois minutos, o juiz fez a pergunta de sempre:

— Você se declara culpado ou inocente?

Embora apenas uma resposta fosse esperada — era o costume em todos os julgamentos —, fez-se um silêncio mortal, um intervalo de solenidade mesmo naquela parte trivial do procedimento, enquanto o prisioneiro ficava ali com os lábios comprimidos, olhando para o juiz, mas com a mente ocupada por cenas completamente diferentes: lembranças da infância; seu pai (tão orgulhoso dele, seu primogênito); sua doce companheira de brincadeiras, Mary; suas esperanças, seu amor; sua decepção, mas ainda, e sempre, o seu amor; o mundo vão que se

descortinara sem o amor dela; sua mãe, sua mãe sem filhos, mas não por muito tempo, prestes a se juntar a todos a quem amava; e, antes que isso acontecesse, sem sofrer com a dúvida da inocência dele, segura do caráter do filho amado. Jem, então, acordou com um sobressalto da pausa de um instante e disse numa voz baixa, porém firme:

— Inocente, meritíssimo.

As circunstâncias do assassinato, a descoberta do corpo, a causas da suspeita contra Jem, tudo isso a plateia, assim como você, conhecia muito bem; de modo que surgiu um burburinho entre os presentes conforme o promotor-chefe fazia um discurso muito eficaz.

“Lá está o Sr. Carson, o pai, sentado atrás do sargento Wilkinson!”

“Que senhor de porte aristocrático! Tão severo e inflexível, com feições tão clássicas! Não parece um busto de Júpiter?”

“Estou mais interessado em observar o prisioneiro. Criminosos sempre me interessam. Tento encontrar, nas feições comuns de todos os homens, alguma expressão dos crimes pelos quais eles se distinguiram de seus semelhantes. Já vi muitos assassinos na vida, mas nunca um com a marca de Caim tão clara no rosto quanto o acusado de hoje.”

“Não sou especialista em fisiognomonia,⁷⁸ mas o rosto dele não me parece mau. Decerto está melancólico, mas não é de se espantar, considerando-se sua situação.”

“Olhe só para a testa curta e resoluta, os olhos baixos, os lábios brancos e comprimidos. Ele nunca ergue os olhos, repare só.”

“A testa não seria tão curta se ele tirasse aqueles fartos cabelos negros da frente, e é bastante quadrada, o que algumas pessoas dizem ser um bom sinal. Se outras pessoas se deixarem influenciar pelas mesmas besteiras que você, teria sido muito melhor que o barbeiro da prisão tivesse cortado o cabelo dele antes do julgamento; e, quanto aos olhos baixos e lábios comprimidos, tudo isso faz parte da agitação que deve estar sentindo no momento; não tem nada a ver com caráter, meu bom homem.”

Pobre Jem! Seu cabelo retinto (orgulho de sua mãe, que tantas vezes o acariciou) — será que isso também seria jogado contra ele?

As testemunhas foram chamadas. A princípio, quase todas eram policiais. Acostumados a desempenhar aquele papel, sabiam quais eram os pontos principais que deviam provar e não fizeram com que aqueles que estavam no tribunal precisassem perder tempo ouvindo qualquer coisa desnecessária.

— Está claro como o dia que o prisioneiro é culpado — sussurrou um assistente para o outro.

— Negro como a noite, você quer dizer — respondeu ele; e os dois sorriram.

— Jane Wilson! Quem é ela? Suponho que seja parente, pelo nome.

— É a mãe; tem de provar que a arma era dele.

— Ah, sim! Já lembrei. Deve ser muito duro para ela.

Então ambos fizeram silêncio quando um dos oficiais do tribunal levou a Sra. Wilson para o local onde deviam ficar as testemunhas. Eu muitas vezes a descrevi como uma mulher velha, pois ela aparentava ter muito mais idade do que os cinquenta e poucos anos que de fato tinha. No entanto, um pouco por causa do acidente que sofrera na juventude, que deixara vincos de

dor em seu rosto, um pouco por seu temperamento ansioso, um pouco pelos sofrimentos por que passara e um pouco pelo fato de que mancava, ela sempre me dava uma ideia de velhice. Naquele instante, parecia ter mais de setenta anos, de tão profundas que estavam suas rugas, tão encovadas eram suas feições e tão incertos eram seus passos. Ela estava tentando controlar os soluços, manter a compostura e (inconscientemente) se comportar da maneira que achava que agradaria mais seu pobre filho, que sabia muitas vezes se chatear com sua falta de paciência. Jem havia afundado o rosto nos braços, que estavam pousados sobre o corrimão do local reservado aos acusados (uma postura que manteve durante a maior parte do julgamento e que fez com que muitos tivessem uma má impressão dele).

Os advogados começaram o interrogatório.

— Seu nome é Jane Wilson, correto?

— Sim, senhor.

— A mãe do prisioneiro sentado ali?

— Sim, senhor — repetiu a Sra. Wilson com uma voz trêmula e prestes a cair no choro, mas que ganhou o respeito de todos por demonstrar um forte esforço de autocontrole, feito, como eu já disse antes, por seu enorme desejo de agradar o filho com seu comportamento.

O advogado então passou à parte importante do interrogatório, destinada a provar que a arma encontrada na cena do crime pertencia ao prisioneiro. A Sra. Wilson havia afirmado isso de maneira tão inequívoca para o policial que não podia voltar atrás agora; assim, sem muita delonga para chegar ao ponto desejado, a arma foi trazida ao tribunal e a pergunta, feita:

— Esta arma pertence ao seu filho, não pertence?

Ela agarrou com força as laterais do local reservado às testemunhas em seu esforço para obrigar a boca seca a pronunciar palavras. Afinal, gemeu:

— Ah, Jem, Jem! O que eu devo dizer?

Todos se inclinaram para ouvir a resposta do prisioneiro, embora, na verdade, ela não tivesse importância dentro do procedimento do julgamento. Ele ergueu a cabeça, e, com o rosto transbordando de pena da mãe, mas resolvido a suportar tudo, disse:

— Diga a verdade, mãe!

E foi o que ela fez, tão obediente quanto uma criança. Todos sentiram que era isso que estava fazendo; e o breve diálogo entre mãe e filho melhorou um pouco a opinião da plateia. Mas o juiz implacável permanecia impassível; os membros do júri não moveram um músculo do rosto; e o promotor seguiu triunfalmente com essa parte de seus argumentos, citando o fato de que Jem não estava em casa na noite do assassinato e que todas as provas apontavam a culpa do acusado.

Tinha acabado. Pediram que a Sra. Wilson descesse. Mas ela não conseguiu mais obrigar seu coração de mãe a se manter calado e, voltando-se de súbito para o juiz (a quem imaginava caber o veredicto), dirigiu-se a ele com sua voz estrangulada:

— Senhor, eu lhe disse a verdade, toda a verdade, pois foi isso que *ele* pediu; mas não deixe que o que eu disse o leve para a forca. Ah, senhor juiz, acredite em mim, ele é tão inocente quanto um recém-nascido. Pois é claro que eu, que sou mãe dele, e o embalei, e me alegrei de vê-lo todos os dias desde que nasceu, o conheço melhor do que aqueles homens — disse a Sra.

Wilson, indicando o júri enquanto lutava para que suas palavras fossem claras, em nome do filho querido —, que, apostado, nunca o viram antes na vida. Meu senhor juiz, ele é tão bom que eu muitas vezes me perguntei se tinha alguns defeitos. Várias vezes, quando eu estava irritada, e olhe que fico danada às vezes, ralhei comigo mesma e disse: “Sua ingrata, Deus lhe deu Jem, isso não basta para você?” Mas Ele achou por bem me punir. Se Jem for... se ele for... arrancado de mim, eu terei perdido todos os meus filhos; e ficarei muito pobre, sem mais nada para amar neste mundo. E não posso dizer: “Deus sabe o que faz.” Não posso, meu senhor, não posso.

Enquanto dizia essas palavras, aos soluços, ela foi levada pelos oficiais do tribunal, mas com gentileza e reverência, mostrando o respeito despertado por uma enorme tristeza.

As provas foram se acumulando, ficando cada vez mais robustas a cada testemunha que era interrogada e ameaçando soterrar o pobre Jem. Já tinham provado que a arma era sua e que ele, poucos dias antes do crime, havia ameaçado o falecido, sendo que um policial até precisara interferir para prevenir um provável ato de violência. Só restava apresentar um motivo para a ameaça e o assassinato. Uma indicação deste já fora dada pelo policial que escutara a discussão de Jem com o Sr. Carson; e fora o relatório dele que levava à intimação de Mary.

E agora, ela seria chamada para testemunhar. O tribunal, a essa altura, já estava quase lotado. Mais gente se espremia em todas as entradas, ansiosa por ouvir essa parte do julgamento.

O velho Sr. Carson sentiu seu coração disparar diante da ideia de ver a fatal Helena, a causa de tudo — um misto de repugnância com interesse, pois talvez ela houvesse sido amada por seu filho, e talvez, à sua maneira, estivesse chorando a mesma perda que ele próprio lamentava com tanta amargura. Ainda assim, o Sr. Carson teve horror da moça e de sua suposta beleza, como se ela fosse uma maldição em sua vida; e sentiu ciúmes do amor que causara em seu filho, desejando até mesmo privá-la do direito natural de sentir tristeza pela morte prematura do namorado. Isso tudo porque era indubitável para todos que o jovem refinado, bonito, inteligente, alegre e rico só podia ter levado a melhor em sua disputa com o ferreiro sério, quase austero, que tinha de trabalhar pelo pão de cada dia.

Até então o julgamento tinha atendido a todos os desejos do Sr. Carson, e um olhar severo de satisfação surgiu no rosto do vingador — naquelas feições de onde o sorriso havia desaparecido, para não voltar nunca mais.

Todos os olhos se voltaram à porta pela qual as testemunhas entravam. Até Jem ergueu o rosto para vislumbrá-la antes de voltar a se esconder de sua expressão de aversão. O oficial fora buscá-la.

Mary estava exatamente na mesma postura em que Job Legh a vira duas horas antes, através da porta semicerrada. Nem um dedo havia sido movido. O oficial a chamou, mas ela não se mexeu. Estava tão imóvel que o homem achou que havia adormecido e se aproximou para tocá-la. Mary deu um salto e seguiu-o com passos rápidos até o tribunal e o local reservado às testemunhas.

Em meio àquele mar de rostos que era como um turbilhão diante de seus olhos, a jovem viu apenas dois pontos fixos com perfeita clareza: o juiz que talvez condenasse; e o prisioneiro, que talvez morresse.

A luz suave do sol entrava pela janela comprida e banhava sua cabeça, caindo sobre o rico tesouro que eram seus cabelos dourados, oculto sob a pequena touca; e, naqueles raios cálidos, pontos brilhantes dançavam. O vento havia mudado — ele havia mudado, quase no mesmo instante em que Mary cessara sua vigília; o vento havia mudado e ela não sabia.

Muitos que a observaram em busca de uma mera beleza terrena, de uma pele rosada, se decepcionaram; pois o rosto dela estava coberto por uma palidez mortal e mostrava uma expressão quase rígida, enquanto uma alma pesarosa e aturdida transparecia naqueles olhos cinzentos doces e profundos. Mas outros reconheceram uma beleza mais profunda e extraordinária, que permaneceria marcada em sua memória durante muitos anos.

Eu não estava presente; mas alguém que estava me disse que a melhor maneira de descrever a aparência de Mary era dizer que lembrava muito a pintura de Beatrice Cenci feita por Guido Reni. Ele acrescentou que a expressão o assombrou como a lembrança de uma melodia triste ouvida na infância; que constantemente voltava à sua mente, com aquela agonia muda e suplicante.

Com todo o tribunal girando diante de seus olhos (sempre com aquelas duas terríveis exceções), Mary ouviu uma voz dizer algo e respondeu a simples pergunta (algo sobre seu nome) mecanicamente, como num sonho. E assim continuou por mais duas ou três perguntas, com o cérebro envolto num estranho espanto diante da circunstância aterradora na qual se encontrava.

De repente Mary despertou, sem saber como, nem por quê. Teve consciência de que tudo aquilo era real, que centenas a estavam observando, que palavras que soavam verdadeiras estavam sendo extraídas dela; que aquele vulto, tão curvado, com o rosto escondido pelas duas mãos, era mesmo Jem. Suas faces foram tomadas por um rubor escarlate e depois ficaram ainda mais pálidas do que antes. Mas, com medo do que podia fazer, e com aquele segredo tremendo preso dentro de si, Mary fez todo o esforço possível para compreender plenamente o que estava acontecendo, o que lhe perguntavam e o que ela respondia. Com todos os seus sentidos mais aguçados do que nunca, ela ouviu a pergunta seguinte do jovem promotor, que estava encantado em poder interrogar aquela testemunha.

— E, se é que eu posso perguntar, qual pretendente fora o escolhido? Já disse que conhecia ambos os rapazes. Qual pretendente fora o escolhido? Qual você preferia?

E quem era aquele, que ousava, de maneira tão leviana, tentar revelar os segredos de seu coração? Que ousava exigir que ela contasse diante da multidão ali reunida aquilo que uma mulher em geral sussurra em meio a rubores, lágrimas e muitas hesitações para uma só pessoa ouvir?

Assim, por um instante, uma expressão de indignação franziu o cenho de Mary, que sustentou o olhar do promotor impertinente. Mas então ela viu mãos descobrindo um rosto lá longe, lá atrás; um rosto que mostrava tanto amor, tanta tristeza e um tamanho medo de sua resposta, que Mary de súbito se resolveu. O presente era tudo; pensar no futuro, aquela vasta mortalha, era enlouquecedor; naquele momento, enfim, ela podia admitir o seu amor. Naquele momento, quando o ser amado causava repugnância a todos os homens, a modéstia feminina não ficaria entre Mary e sua confissão. Assim ela se voltou para o juiz, em parte para frisar que

sua resposta não se destinava ao homem simiesco que a questionara, e em parte para não precisar olhar para aquele rosto que se contraía de medo de suas palavras.

— Ele me perguntou quem eu preferia. Talvez tenha gostado do Sr. Harry Carson um dia. Não sei; me esqueci. Mas amei James Wilson, que está aqui sendo julgado, mais do que as palavras podem dizer; mais do que tudo nesta terra; e o amo agora, mais do que nunca, embora ele só esteja descobrindo isso agora. Pois entenda, meu senhor, eu perdi minha mãe antes de fazer treze anos, antes de saber a diferença entre o certo e o errado sobre algumas coisas; e fiquei vaidosa e fútil, disposta a ouvir qualquer elogio à minha beleza. Esse pobre Sr. Carson me conheceu e me disse que me amava; e eu fui tola o suficiente para achar que queria se casar comigo. É terrível para uma menina perder a mãe, senhor. Eu costumava achar que queria ser chique e rica, e nunca mais passar necessidade. Só descobri o quanto amava outro homem quando James Wilson me pediu em casamento e eu fui muito dura na minha resposta (pois entenda, senhor, que estava passando por uma época muito difícil). Ele acreditou em mim e foi embora; e, desse dia em diante, não trocamos uma palavra, nem nos vimos. Embora eu tenha querido encontrá-lo, para tentar mostrar que nós dois tínhamos sido precipitados; pois fazia menos de um minuto que ele tinha partido quando eu soube que sentia por ele um amor maior que a vida — disse Mary, baixando a voz ao chegar nessa segunda confissão da força do que sentia. — Mas, se o cavalheiro quer saber quem eu preferia, minha resposta é que fiquei lisonjeada com o Sr. Carson e feliz com seus elogios; mas, James Wilson, eu...

Ela cobriu o rosto com as mãos, para esconder o rubor escarlate que lhe queimava as faces e chegava até a lhe tingir os dedos.

Fez-se um silêncio breve. Embora o discurso de Mary talvez pudesse inspirar pena pelo prisioneiro, só reforçava a suspeita de sua culpa. Logo o promotor prosseguiu com o interrogatório.

— Mas você viu o Sr. Carson depois que rejeitou o prisioneiro?

— Sim, muitas vezes.

— E falou com ele nessas ocasiões, imagino.

— De verdade, só uma vez.

— E qual foi o conteúdo dessa conversa? Você disse que preferia o rival dele?

— Não, senhor. Acho que, diante das circunstâncias, não errei em dizer o que sinto; mas nunca teria me atrevido a dizer para um rapaz que gostava de outro. Nunca nem disse o nome de Jem para o Sr. Carson. Nunca.

— Então, o que você disse nessa última conversa com o Sr. Carson? Pode me dizer o conteúdo, ainda que não se lembre das palavras exatas.

— Vou tentar, senhor, mas não tenho certeza. Disse que não o amava e não queria mais ter nada a ver com ele. Ele fez de tudo para me convencer a mudar de ideia, mas eu fiquei firme e no final saí correndo.

— E nunca mais voltou a falar com ele?

— Nunca!

— Minha jovem, lembre-se de que você fez um juramento. Você não falou das atenções do Sr. Carson para o prisioneiro? Não falou, em suma, que o conhecia? Não tentou despertar o

ciúme do prisioneiro se gabando de ter um pretendente de status tão mais alto que o seu?

— Nunca. Nunca na vida — disse Mary, com tanta firmeza que não restou dúvida.

— Sabia que o prisioneiro tinha conhecimento do interesse de Henry Carson por você? Lembre-se de que fez um juramento!

— Nunca soube, senhor. Só descobri quando ouvi falar da briga que eles tiveram e do que Jem tinha dito para o policial, e isso foi só depois do crime. Até hoje, não sei quem foi que contou para Jem. Ah, senhor, eu posso ir embora?

Mary sentiu que a capacidade de raciocínio, a compostura e até a força física que se obrigara a ter durante algum tempo subitamente estavam se dissipando, e teve consciência de que perdia todo o controle sobre si mesma. Não havia motivos para mantê-la ali; ela havia cumprido sua obrigação e podia ir embora. Ainda existiam muitas provas contra o prisioneiro; mas ele agora estava empertigado e firme, com uma postura orgulhosa e uma expressão de determinação que o deixavam com um ar quase nobre. Ainda assim, parecia perdido em pensamentos.

Durante todo esse tempo, Job Legh tentara confortar a Sra. Wilson, que a princípio desejara permanecer no tribunal, para poder ver o filho querido, mas que então, quando seus soluços se tornaram incontrolláveis, teve de ser levada lá para fora, onde estava sentada, chorando, nos degraus do prédio. Não sei quem teria cuidado de Mary quando ela deixou o local reservado às testemunhas se não fosse pela presença da Sra. Sturgis, esposa do barqueiro, que tinha ido ao julgamento devido ao interesse que sentia pela menina, a quem tentou convencer a sair da sala.

— Não, não! — disse Mary, ao ouvir isso. — Preciso ficar aqui. Preciso ter certeza de que não vão enforcá-lo, de qualquer jeito.

— Ah! Eles não vão enforcá-lo! Não tenha medo! Além do mais, o vento mudou a favor dele. Venha comigo. Você está tão quente. Primeiro ficou branca, depois vermelha. Deve estar doente. Venha logo.

— Ah, não sei de nada, só que preciso ficar! — respondeu Mary muito nervosa, se agarrando a um corrimão como se temesse que alguém fosse usar da força física para removê-la dali.

De modo que a Sra. Sturgis esperou pacientemente ao seu lado, olhando de tempos em tempos para a multidão de cabeças na plateia do tribunal para ver se o marido ainda estava lá. O barqueiro não arredava dali, prestando grande atenção a tudo. A mulher ficou tranquila, pois viu que ele não precisaria dela em casa até o julgamento terminar.

Mary não largou o corrimão em nenhum momento. Precisava de um ponto de apoio em meio àquele tribunal que girava como num redemoinho. Achou que a sensação de algo duro pressionando a palma de sua mão a ajudaria a se concentrar no que estava sendo dito, pois fazê-lo lhe causava uma dor penosa. Eles estavam todos no mar, navegando por ondas ferozes, e todos falavam ao mesmo tempo e ninguém prestava atenção a seu pai, que pedia que fizessem silêncio e o escutassem. Então, por um breve segundo, o tribunal parou e Mary pôde ver o juiz, sentado ali como um ídolo, com os paramentos do cargo, tão severo e empertigado; e Jem do outro lado, olhando para ela como quem dizia: “Será que eu terei de morrer pelo que o seu...?” Mary se controlou e, com um grande esforço, chegou a um instante de sanidade. Mas o turbilhão de pensamentos não parava; e lá se foi ela de novo. A cada volta, seu poder de lutar

contra o delírio crescente ficava cada vez mais fraco. Mary murmurou algo para si mesma, mas ninguém escutou a não ser a pessoa ao seu lado, que era a Sra. Sturgis; todos estavam com as atenções voltadas para o promotor, que agora apresentava a conclusão de seus argumentos.

O advogado do prisioneiro evitara interrogar as testemunhas chamadas pela acusação, reservando-se o direito de voltar a convocá-las caso fosse necessário; pois recebera instruções tão escassas e tão vagas, e sabia que tanta coisa dependia das provas apresentadas por alguém que não tinha aparecido, que na verdade tinha poucas esperanças de convencer o júri de que o acusado era inocente, contentando-se em observar os procedimentos e esperar qualquer chance de fazer uma objeção legal. Ficou recostado na cadeira, de tempos em tempos cheirando uma pitada de rapé com um ar que se pretendia de desdém; às vezes erguendo as sobrancelhas, e em algumas ocasiões trocando um bilhete com o Sr. Bridgenorth, que estava logo atrás. Este tinha bem mais interesse no caso do que o advogado que fazia a defesa, talvez devido à sua amizade com o pobre e velho Job Legh, que se enfiara multidão adentro até conseguir se postar perto do cotovelo do Sr. Bridgenorth, para onde fora enviado por Ben Sturgis, a quem fora “apresentado” por Charley Jones. Ben havia explicado a Job o desaparecimento de Mary no dia anterior, contado da perseguição ao navio e falado de seus medos e de suas esperanças.

Tudo isso foi dito em poucas palavras ao Sr. Bridgenorth — tão poucas que ele ficou apenas com uma vaga impressão de que era preciso ganhar tempo; e foi isso que disse ao advogado que contratara, que se levantou para apresentar os argumentos da defesa.

Depois de compreender e explicar como andavam as coisas, Job Leigh começou a procurar por Mary. Afinal a viu, parada ao lado de uma mulher de aspecto decente, parecendo febril e ansiosa e movendo os lábios sem cessar, como se falasse nervosamente. Seus olhos jamais permaneciam fixos em qualquer objeto, passeando pela sala como se buscassem algo. Job achou que era por ele que a menina estava procurando e tentou se aproximar dela. Quando conseguiu, Mary nem percebeu sua presença; continuou a olhar em torno com a mesma expressão desvairada. Ele tentou ouvir o que ela murmurava baixinho e discerniu as mesmas palavras sendo repetidas:

— Não posso ficar louca. De jeito nenhum. Dizem que as pessoas contam a verdade quando ficam malucas; mas eu, não. Sempre fui mentirosa. Fui, sim. Mas não sou louca. Não posso ficar louca. De jeito nenhum.

De repente, ela pareceu se dar conta de que Job ouvia com grande atenção e imensa tristeza as suas palavras e, voltando-se para ele, furiosa, estava prestes a acusá-lo de ser um intrometido quando viu algo — ou alguém — que, mesmo naquele estado, teve o poder de fixar seus pensamentos; e, erguendo os braços num gesto largo, ela gritou:

— Jem! Jem! Você está salvo! E eu estou louca de verdade.

Ao dizer isso, instantaneamente foi tomada por convulsões. Com grande comiseração, foi retirada do tribunal, mas muitos deixaram de prestar atenção em Mary diante da energia feroz com que um marinheiro atravessava a plateia, passando pelos delegados e pelos policiais. Os oficiais do tribunal se opuseram a essa entrada forçada, mas mal conseguiram convencer o homem a adotar uma maneira mais tranquila de alcançar seu objetivo e contar sua história no local reservado às testemunhas, como deveria ser. Pois Will se preocupara tanto com o perigo

que seu primo corria devido à sua ausência que ainda parecia temer a possibilidade de o prisioneiro ser levado dali e enforcado antes que ele pudesse fazer o relato que o inocentava. Quanto a Job Legh, o que ele sentia era quase incontrolável, como você poderá julgar pela indiferença com que viu Mary sendo carregada, inconsciente, para fora do tribunal, aos cuidados da boa Sra. Sturgis, que era uma completa estranha para ele.

— Depois eu cuido dela! Não vou pensar nisso agora — disse Job para si mesmo enquanto escrevia, com as mãos trêmulas, um pequeno bilhete para informar o Sr. Bridgenorth, que conjecturara, quando Will perturbara a paz tétrica daquele tribunal de vida e morte, que havia chegado (antes tarde do que nunca) a pessoa de cujo testemunho dependia a escassa chance de Jem Wilson escapar da morte.

Durante a comoção no tribunal, entre todos os gritos e ordens dados como consequência da entrada de Will e do terrível ataque da pobre Mary, o Sr. Bridgenorth mantivera a presença de espírito típica dos advogados; e, muito antes de o bilhete quase ilegível de Job chegar às suas mãos, já recapitulara os fatos que Will tinha de relatar em seu testemunho e a maneira como ele fora buscado após seu navio zarpar.

O advogado que defendia Jem ganhou um novo ânimo quando recebeu essa lista de impressionantes fatos a serem acrescentados ao seu discurso, não tanto por seu zelo em salvar o prisioneiro, de cuja inocência ainda duvidava, mas porque viu a oportunidade de exibição de eloquência forense que se apresentava: “Um galante navegador trazido da imensidão do oceano pela bravura de uma jovem”, “os perigos de se julgar de maneira precipitada tomando por base as provas circunstanciais” etc. Já o promotor se preparou cruzando os braços, erguendo as sobrancelhas e colocando os lábios na posição mais adequada para desdenhar de quaisquer provas obtidas por uma testemunha subornada que se atrevia a cometer perjúrio. Pois é claro que a etiqueta manda supor que quaisquer evidências que vão contra a opinião que os advogados são pagos para defender são tudo, menos baseadas na verdade; e “perjúrio”, “conspiração” e “perigo para sua alma imortal” são expressões leves a serem atiradas sobre aqueles que talvez possam provar que — não o advogado, pois nesse caso poderia haver alguma desculpa para palavras impensadas nascidas da raiva pessoal — aquele que contratara o advogado pudesse estar errado ou ter se enganado.

No entanto, assim que Will atingiu seu objetivo e viu que seu relato, ou parte dele, seria ouvido por um juiz e um júri; assim que viu Jem são e salvo (embora pálido e abatido no banco dos prisioneiros), sua coragem tomou a forma de presença de espírito e ele aguardou o interrogatório com uma inteligência tranquila e inabalável que o levou a dar as respostas mais claras e pertinentes possíveis. Will contou a história que você já conhece tão bem. Como sua folga já estava quase no fim, decidira cumprir a promessa e ir visitar um tio na Ilha de Man; seu dinheiro, como acontece com o de todos os marinheiros, tinha sido todo gasto em Manchester e, por isso, tinha sido necessário andar até Liverpool, o que ele fizera na própria noite do crime, tendo sido acompanhado até Hollins Green pelo amigo e primo, o prisioneiro que ali estava. Ele foi claro e preciso em relação a tudo que corroborava o que dizia e deu um breve relato sobre a maneira extraordinária como fora chamado no navio prestes a ganhar o mar e sobre a terrível ansiedade que sentira enquanto o barco do práctico lutara para voltar para o cais contra

o vento. O júri sentiu que sua opinião (tão próxima de estar decidida meia hora antes) tinha sido perturbada de uma maneira desconcertante e desorientadora e quase ficou grato ao promotor quando ele se ergueu, com uma expressão fulminante, para demolir aquele testemunho, tão confuso se acrescentado a todas as outras provas ali apresentadas. Mas se esse foi o primeiro impulso inconsequente de alguns membros do júri, como poderei descrever a veemência da fúria que tomou conta do Sr. Carson quando ele viu o efeito do relato do jovem marinheiro? Aquela tentativa de estabelecer um álibi não o fez duvidar da culpa de Jem nem por um instante; seu ódio, seu desejo de vingança, após terem se fixado num objeto, eram tão capazes de suportar a frustração e a decepção quanto uma fera predadora suporta ter a vítima arrancada de suas mandíbulas furiosas. Aquele rosto expectante e pálido não se parecia mais em nada com uma estátua de Júpiter: a ansiedade quase chegava a distorcê-lo.

O promotor a quem a etiqueta do tribunal reservava o interrogatório de Will viu a expressão do Sr. Carson e, em seu desejo de realizar o anseio ali manifestado, cometeu um exagero já na primeira pergunta insultante que fez:

— Quer dizer, meu rapaz, que você contou uma história muito boa e muito convincente para este tribunal; nenhum homem razoável poderia duvidar da inocência imaculada de seu parente que está ali no local reservado aos acusados. Mas há um detalhe que você se esqueceu de mencionar; e eu sinto que, sem isso, seu relato fica incompleto. Você teria a bondade de informar aos cavalheiros do júri quanto cobrou para contar essa história tão plausível? Quanto, na moeda valiosa deste reino, recebeu ou irá receber para sair do cais, ou de um lugar mais vulgar ainda, e fazer esse relato de maneira tão convincente, mostrando a competência de quem quer que o tenha instruído? Lembre-se, senhor, de que fez um juramento.

Will levou um minuto para extrair significado daquelas palavras tão cheias de enfeites e, durante esse tempo, pareceu um pouco confuso. Mas no instante em que a verdade se iluminou para ele, ardendo de indignação o marinheiro fixou os olhos claros no promotor, que baixou o rosto diante daquele olhar severo e implacável. Foi só depois disso que Will respondeu:

— E o senhor pode contar ao juiz e ao júri quanto dinheiro recebeu para ser tão atrevido com alguém que contou a verdade perante Deus e que jamais se rebaixaria a contar uma mentira ou macular a reputação de alguém, mesmo que fosse pelo maior salário que um advogado já ganhou para fazer seu trabalho sujo? Pode contar, senhor? Mas eu estou pronto, senhor juiz, para fazer meu juramento por quantas vezes o senhor e o júri acharem necessárias e testemunhar que as coisas aconteceram do jeito que eu contei. O'Brien, o prático, está no tribunal agorinha. Será que um desses advogados de peruca pode pedir para ele confirmar o que eu disse?

Era uma boa ideia que logo foi aproveitada pelo advogado de defesa. O'Brien deu precisamente o testemunho necessário para deixar Will livre de qualquer suspeita. Ele presenciara a perseguição, ouvira a conversa entre o barco e o navio e dera lugar a Will em sua embarcação. E o caráter de um prático profissional, habilitado pela Trinity House,⁷⁹ estava acima de qualquer dúvida.

O Sr. Carson afundou na cadeira, num desespero cada vez maior. Ele conhecia suficientemente os tribunais para saber o quanto os júris hesitavam em condenar, mesmo

quando as provas são claras, nos casos em que a pena da condenação é a morte. Naquele momento do julgamento, em que tudo parecia estar contra o prisioneiro, o Sr. Carson disse isso para si mesmo muitas vezes, de modo a abalar um pouco sua expectativa de uma condenação. Agora, não precisou fazê-lo, pois pareceu ter *certeza*, antes mesmo de o júri se retirar para deliberar, de que por algum truque, alguma negligência, alguma feitiçaria miserável, o assassino de seu filho, seu amado, seu Absalão⁸⁰, que nunca se rebelara, o algoz de seu menino ainda não enterrado escaparia das garras da justiça e caminharia livremente pela terra onde Henry nunca mais seria vivo.

E assim foi. O prisioneiro escondeu o rosto mais uma vez para não mostrar a expressão de uma emoção que não conseguia controlar aos curiosos; Job Legh afinal cessou de falar com o Sr. Bridgenorth; e Charley assumiu um ar grave e preocupado, pois os jurados voltaram, um a um, em fila indiana, para seus lugares e foi feita a pergunta que poderia receber resposta tão terrível.

O veredicto que pronunciaram não fora satisfatório para eles, que não estavam nem convencidos da inocência do prisioneiro, nem inteiramente dispostos a acreditar que era culpado diante daquele álibi. Mas a punição que lhe aguardava, se condenado, era tão terrível; a sentença era monstruosa, se dada de um homem a outro homem. Saber disso pesara na balança, e “inocente” foi o veredicto que ressoou no tribunal, enquanto todos aguardavam com a respiração presa.

Fez-se um momento de silêncio, e então surgiram os murmúrios, conforme o veredicto era discutido em voz baixa pela plateia. Jem permaneceu imóvel, com a cabeça baixa; pobre rapaz, estava atônito com a rápida sucessão de eventos das últimas horas.

Tomara seu lugar no tribunal com pouca ou nenhuma esperança de ser inocentado; e quase sem desejar viver, devido ao emaranhado de ocorrências que tendia a dar força à ideia de que Mary sentia por ele algo pior do que a indiferença: ela amara outro e acreditava que Jem era o assassino do homem que amava. De repente, em meio a essa melancolia que fazia da vida um imenso deserto, surgiu o êxtase de ouvir a confissão do amor de Mary, fazendo o futuro ser glorioso, se é que havia esperança de um futuro naquele mundo. Jem não conseguia pensar em nada além das palavras dela, relatando sua paixão; todo o resto era uma confusão impossível de solucionar. Só o que importava era que Mary o amava.

E a vida, agora repleta de imagens felizes, subitamente iluminada pelas mais deliciosas promessas, estava suspensa por um fio finíssimo como uma teia de aranha. Jem tentou se convencer de que a certeza do amor de Mary o consolaria mesmo na hora da morte; mas o sonho do que poderia ser a vida ao lado dela não deixava de surgir em sua mente e o fazia quase desmaiar diante da incerteza que tinha de suportar. A aparição de Will só aumentara a intensidade do suspense.

O significado do veredicto não penetrou seu cérebro a princípio. Jem permaneceu ali, imóvel e zozinho. Alguém puxou seu casaco. Ele se virou e viu Job Legh, com as lágrimas escorrendo pelo rosto enrugado, tentando em vão controlar a voz para dizer alguma coisa. Apertou a mão de Jem e não soltou mais, considerando aquela a melhor maneira de expressar o que sentia.

— Ei, você! Caia fora daqui! Achei que ia aproveitar a chance de se mandar! — exclamou o delegado, trazendo outro prisioneiro lívido em cujos olhos brilhava a ansiedade que ele não se permitia demonstrar em nenhuma outra parte do rosto.

Job Legh abriu caminho na multidão e Jem foi atrás, sem saber o que fazia.

A multidão deu passagem e apertou suas roupas contra o corpo quando Jem passou, pois nele ainda havia a mácula do assassino.

Ele estava do lado de fora, livre novamente! Embora muitos o olhassem desconfiados, amigos fiéis o rodearam. Sem que Jem resistisse, seu braço foi sacudido por seu primo e por Job; quando um se cansava, o outro assumia aquele saudável exercício. Enquanto isso, Ben Sturgis expressava seu interesse pela cena dando uma bronca em Charley por dar piruetas ao redor do namorado de Mary, já que como namorado ele agora era identificado, apesar das negações da moça. Durante todo esse tempo, o próprio Jem se sentiu perplexo e tonto; teria dado qualquer coisa para poder refletir por uma hora, sem ser interrompido, sobre os acontecimentos da última semana e as novas visões surgidas naquela manhã — mesmo que essa hora tranquila tivesse que ser passada em sua cela, como um ermitão. A primeira pergunta que ele fez, com a voz estrangulada de emoção, foi:

— Onde ela está?

Eles o levaram à sala onde estava Jane Wilson. Havia lhe contado que o filho fora inocentado e ela estava rindo, chorando, falando e dando vazão a todos aqueles sentimentos que reprimira com tanto esforço nos últimos dias. Trouxeram-lhe o filho, e ela se atirou em seu pescoço, aos soluços. Jem retribuiu o abraço, mas olhou em torno. Exceto sua mãe e os amigos que tinham entrado com ele, não havia ninguém na sala.

— Ah, meu filho! — disse a Sra. Wilson, quando conseguiu controlar a voz. — Viu só como vale a pena se comportar? Eu falei que você era um bom menino e o júri não teve coragem de lhe enforcar. Não foi bom eles não terem conseguido me impedir de vir a Liverpool? Eu insisti. Sabia que ia poder lhe ajudar, meu filho. Que Deus lhe abençoe. Mas você está muito branco, se tremendo todo.

Jem a beijou diversas vezes, mas, olhando em volta como quem procurava alguém, repetiu suas primeiras palavras:

— Onde ela está?

77. Trecho do poema “Fazio”, do escritor inglês Henry Hart Milman (1791-1868). (*N. da T.*)

78. A fisiognomonia é a pseudociência de conhecer o caráter do indivíduo através de suas feições. (*N. da T.*)

79. A Trinity House é o órgão que controla a praticagem nas águas do Reino Unido. (*N. da T.*)

80. De acordo com o Velho Testamento, Absalão se rebelou contra o pai, o rei Davi, e usurpou seu trono, mas acabou sendo morto por um general do próprio rei. Ao saber a notícia, o rei desejou ter morrido no lugar do filho. (*N. da T.*)

*Requiescat in Pace*⁸¹.

Não temas mais o calor do sol
 Ou as tormentas furiosas do inverno
 Já cumpriste tua tarefa neste mundo
 Foste para casa e recebeste tua recompensa

Cimbelino⁸².

Enquanto o dia e a noite puderem deleitar,
 Ou a natureza dar algum prazer;
 Enquanto as alegrias terrenas me comoverem
 Por ti e só por ti viverei;

Quando o algoz subterrâneo do júbilo
 Se colocar entre nós e nos separar,
 A mão de ferro que quebrar o nosso elo
 Destruirá minha felicidade e meu coração.

Burns⁸³

Ela estava onde não podia ser alcançada por nenhuma boa notícia e nenhum consolo; no mundo fantasmagórico e espectral do delírio. Hora após hora, dia após dia, era tomada por um sobressalto e gritava ao pai para que salvasse Jem; ou então se levantava, enlouquecida, implorando aos ventos e às ondas cruéis que tivessem misericórdia. Sem cessar, exauria sua força febril nessas súplicas angustiadas, e então desabava, esgotada, emitindo apenas gemidos desesperados. Disseram-lhe que Jem estava a salvo, puseram-no diante de seus olhos; mas a visão e a audição não eram mais canais de informação para aquele pobre cérebro aturdido, e nenhuma voz humana conseguia penetrar seu discernimento.

Apenas Jem conseguiu compreender por completo o significado de algumas de suas

estranhas frases e percebeu que, de alguma maneira, Mary, assim como ele, havia adivinhado que seu pai era o assassino.

Há muito (se contarmos o tempo por acontecimentos e pensamentos, e não pelo relógio ou pela ampulheta), Jem tinha certeza de que o pai de Mary matara Harry Carson; e, embora o motivo fosse, até certo ponto, um mistério, toda uma série de circunstâncias (sendo que a principal era o fato de que John Barton pegara emprestada a arma fatal apenas dois dias antes do crime) dissipara qualquer dúvida. Às vezes, Jem imaginava que John houvesse descoberto a corte que o Sr. Carson fazia a Mary e que isso o levara a querer derramar sangue; às vezes, acreditava que o motivo surgira do embate amargo entre os patrões e seus empregados, no qual todos sabiam que Barton estava profundamente envolvido. Mas, se já se considerava obrigado a guardar aquele segredo quando sua vida estava em jogo e quando achava que Mary o execraria como o algoz do homem que amava, agora via como um dever ainda mais sagrado se esforçar para impedir que ela incriminasse o pai; pois, agora, Mary era sua; agora, ele sabia de todo o esforço que fizera para salvá-lo; e agora, seu pobre cérebro perdera qualquer poder de controle sobre suas palavras.

Durante toda aquela noite, Jem subiu e desceu entre um e outro cômodo estreito da casa de Ben Sturgis. No quatinho onde a Sra. Sturgis ora cuidava de Mary, ora chorava diante da violência de sua doença, ele ouvia seus delírios, com cada frase tendo um significado peculiar para sua mente; até que as palavras de Mary se transformavam em gritos agoniados que ninguém conseguia acalmar: então, Jem não podia mais suportar e, arrasado, ia furtivamente lá para baixo, onde Ben Sturgis estava, por considerar ser seu dever roncar na poltrona em vez de na cama, de modo a estar mais preparado para tomar qualquer providência, como chamar o médico para vir ver de novo a paciente.

Quando ainda estava escuro, Jem (completamente acordado e ouvindo com uma atenção que não conseguia distrair, por mais dor que isso lhe causasse) ouviu batidas suaves na porta da casa. Estava claro que não lhe cabia abrir, mas como Ben continuava a dormir, ele achou melhor ver quem vinha visitar aquela residência tão cedo e se certificar se seria o caso de perturbar o anfitrião ou a anfitriã. Era Job Legh quem estava ali, com a silhueta recortada contra a luz da rua.

— Como ela está? Ah, pobrezinha! É ela? Nem preciso perguntar! Como sua voz está estranha! Como grita! E ela que fala tão mansinho quando está bem! Você tem que manter o ânimo, rapaz, e não ficar com essa cara.

— Não consigo, Job. Não dá para aguentar ouvir alguém como ela nesse estado. Mesmo se eu não gostasse dela, ia me machucar muito ver alguém tão jovem e... não posso falar nisso como um homem, Job — disse Jem, estrangulado pelos soluços.

— Faça o favor de me deixar entrar — disse Job, passando por Jem, que durante todo esse tempo ficara segurando a porta, com medo de que o outro pudesse ouvir coisas tão sugestivas para alguém que conhecia as pessoas citadas por Mary. — Vim aqui por mais de um motivo. Queria saber como estava a pobre menina; esse foi o principal. Na noite de ontem, recebi uma carta muito ansiosa de Margaret. O médico disse que a velhinha lá não vai durar mais muitos dias, e parece muito solitário para ela morrer só com Margaret e a Sra. Davenport por perto.

Por isso eu pensei que podia ficar aqui com Mary Barton e ver como ela vai se recuperando, enquanto você, sua mãe e Will vão se despedir da velha Alice.

O semblante de Jem, que já estava triste, ficou ainda mais carregado. Mas Job continuou a falar.

— Ela ainda está com a cabeça longe, segundo Margaret, pensando que está com a mãe, em casa. Mas, apesar disso, acho que a família devia estar por perto para fechar os olhos dela.

— Você e Will não podem ir com a minha mãe? Eu vou assim que... — gaguejou Jem.

Mas Job o interrompeu:

— Rapaz! Se soubesse o que sua mãe sofreu por você, não ia falar em largá-la agora que ela quase lhe recuperou do túmulo. Ora, essa noite mesmo ela me acordou e disse: “Job, desculpe por lhe acordar, mas me diga: eu estou acordada ou sonhando? Jem foi mesmo inocentado? Ah, Job Legh! Que Deus permita que não tenha sido só um sonho.” Pois veja, sua mãe não consegue entender direito por que você está aqui com Mary e não com ela. Está bem, está bem! Eu sei por quê; mas a mãe só entrega o coração do filho para a esposa dele devagar, e mesmo assim de má vontade. Não, Jem! Você tem que estar com sua mãe agora, se quiser ter a bênção de Deus. Ela é viúva e só tem você no mundo. Não tenha medo por Mary! Ela é jovem e vai aguentar. Essa gente daqui é decente, e eu vou cuidar dela como se fosse minha pobre filha, que está enterrada na capital. Concordo que é duro deixar Mary com estranhos. Eu tenho para mim que John Barton estaria cumprindo melhor seu dever cuidando da filha do que delegando para cima e para baixo, cuidando da vida de todo mundo, menos da dele.

Algo ocorreu a Jem, enchendo-lhe de medo: e se Mary incriminasse o pai?

— Ela não fala coisa com coisa — disse ele. — Passou a noite toda falando do pai e misturando as lembranças dele com o julgamento que viu ontem. Daqui a pouco, vai dizer que ele estava no tribunal.

— É bem possível — respondeu Job. — Quem está como ela diz muita coisa esquisita; e o melhor é a gente não prestar atenção. Vá para casa com sua mãe, Jem, e fique com ela até a velha Alice partir. Deixe que eu cuido de Mary.

Jem sentiu que Job estava certo e não conseguiu deixar de fazer o que sabia ser o seu dever, mas mal sei descrever como seu coração estava pesado quando ele se pôs na porta para lançar mais um longo olhar cheio de carinho a Mary. Viu-a sentada na cama, com o cabelo dourado tornado opaco por um dia de doença cascadeando às suas costas, a cabeça envolta em panos úmidos, as feições agitadas, quase distorcidas, de ansiedade.

Os olhos do homem que a amava se encheram de lágrimas. Jem não tinha esperanças. A capacidade de seu coração de reagir fora destruída pelo sofrimento que passara quando muito jovem; e naquele momento, especialmente, ele parecia ver apenas o lado sombrio de tudo. E se ela morresse logo agora que ele sabia possuir o tesouro inestimável que era o seu amor? E se (o que era pior que a morte) ela permanecesse uma pobre louca delirante a vida toda (e as pessoas insanas às vezes vivem longas vidas, mesmo com todo o fardo que carregam), aturdida por todo aquele terror, sem que ninguém pudesse confortá-la!

— Jem — disse Job, adivinhando em parte o que o amigo pensava pelo que ele próprio estava sentindo. — Jem! — repetiu, afinal conseguindo chamar a atenção do rapaz.

Jem se virou e o breve movimento fez com que as lágrimas transbordassem e escorressem por seu rosto.

— Você precisa confiar em Deus e deixar Mary nas mãos Dele — disse Job.

Falou baixo, quase num sussurro; e, por isso, as palavras causaram uma impressão ainda mais funda no coração do rapaz, dando-lhe forças para sair dali.

Jem encontrou a mãe (apesar do fato de ter acabado de recobrar o filho graças às ações de Mary) um pouco inclinada a se ressentir dele por ter passado a noite em devoção ansiosa à pobre inválida. Falou tanto dos deveres dos filhos para com os pais (que deviam estar acima de todos os outros) que Jem mal pôde acreditar nas posições que tinham ocupado há apenas um dia, quando ela se esforçara para controlar todos os instintos de sua natureza só porque *ele* desejava. No entanto, as lembranças do dia de ontem, em que apenas um fio de cabelo o separara da morte de um criminoso, e do amor que iluminara aquele momento sombrio o fizeram suportar com a humildade e a paciência de um homem de verdade todas as pequenas irritações de hoje; e não era pouco seu mérito em fazê-lo, pois em Jem, assim como na mãe, a reação depois da excitação intensa fora, como sempre, uma irritabilidade maior do sistema nervoso.

Eles encontraram Alice viva e livre da dor. Nada além disso. Uma criança de poucas semanas de idade teria mais força física; e uma de poucos meses, mais consciência do que se passava à sua volta. Mas, mesmo nesse estado, ela espalhava uma atmosfera de paz ao seu redor. É verdade que Will, a princípio, chorou lágrimas amargas ao ver aquela que fora como uma mãe para ele ali, no limiar da vida. Mas mesmo então, como sempre, os sentimentos fortes e intensos não conseguiam durar muito na tranquilidade de sua presença. A fé firme que a mente de Alice não tinha mais poder de compreender deixara seus traços gloriosos; pois eu não posso usar outra palavra para descrever a expressão feliz e radiante que iluminava aquele velho rosto enrugado. É verdade que o que ela dizia não fazia mais referência constante a Deus e a seus ensinamentos sagrados, como quando estava com saúde; e os lábios daquela mulher em geral tão religiosa não pronunciaram últimas palavras de exortação. Pois Alice ainda se imaginava no reino tão feliz da infância; mais uma vez morando no lindo norte do país, onde tantas vezes desejara estar. Embora não enxergasse mais esta terra, via de novo cenas que amara há muitos anos! E as via sem desejar uma mudança que ofuscasse os tons radiantes de antigamente. Aqueles que já haviam ido embora estavam com ela, frescos e corados como nos tempos idos. E a morte chegou como uma bênção, como a noite para uma criança cansada. Seu trabalho estava terminado, realizado com fé.

Que frase melhor um imperador poderia desejar ter inscrita em sua tumba? Na segunda infância (aquela bênção nublada por um nome) Alice disse o *Nunc dimittis*⁸⁴. o mais doce cântico ao sagrado.

— Boa noite, mamãe! Mamãe querida! Quero que me abençoe mais uma vez! Estou muito cansada e com vontade de ir dormir.

Foram as últimas coisas que ela disse nesta terra.

Alice morreu um dia depois de eles voltarem de Liverpool. A partir desse momento, Jem notou que a mãe começou a esperar, cheia de ciúmes, por uma palavra ou um gesto qualquer

que indicasse sua vontade de voltar para perto de Mary. Mas ele precisava ir para Liverpool assim que o funeral acontecesse, nem que fosse apenas para ver sua amada. Pois Job não escrevera; na verdade, a necessidade de fazê-lo não lhe passara pela cabeça. Se Mary morresse, ele daria a notícia pessoalmente; se recuperada, tinha a intenção de voltar com ela para casa. Escrever, para Job, era apenas uma ferramenta da história natural; uma maneira de catalogar espécimes, não de expressar pensamentos.

A consequência dessa falta de informação em relação ao estado de Mary foi que Jem estava sempre na expectativa de que cada pessoa e cada pedaço de papel fossem trazer a notícia de sua morte. Não podia suportar isso por muito tempo, mas resolveu não perturbar a casa anunciando sua intenção de voltar a Liverpool até que o enterro houvesse ocorrido.

Na tarde de domingo, eles se despediram de Alice com muitas lágrimas. Will ficou inconsolável.

Surgiu para ele de novo aquela velha sensação da infância; de solidão e de estar largado no meio de estranhos.

Aos poucos, Margaret foi se aproximando, como quem esperava pela chance de confortá-lo. Logo, o desespero de Will se transformaria em tristeza, e a tristeza, em melancolia. Embora ele sentisse que jamais voltaria a ficar alegre, ia inconscientemente chegando mais perto da felicidade absoluta de ter Margaret para si. Mesmo naquele momento, um fio de ouro já se entrelaçava com a escuridão de sua tristeza. Mas foi de braço dado com ele que Jane Wilson voltou para casa após o enterro. Jem é que cuidou de Margaret.

— Margaret, vou pegar o primeiro trem para Liverpool amanhã. Preciso ir render seu avô.

— Tenho certeza de que ele fica muito feliz de poder cuidar da pobre Mary; gosta dela quase tanto quanto gosta de mim. Mas deixe que eu vá! Estava tão ocupada com a pobre Alice que não pensei nisso antes. Não sou tão útil quanto muitos, mas Mary vai gostar de ter por perto uma mulher conhecida. Lamento ter precisado de você para me lembrar, Jem — respondeu Margaret, um pouco culpada.

Mas a proposta de Margaret não atendia em nada aos desejos de seu amigo. Jem viu que era melhor ser franco e dar o motivo correto para suas intenções; o subterfúgio de render Job Legh fora mais prejudicial do que benéfico.

— Para dizer a verdade, Margaret, sou eu que tenho de ir, e é pelo meu próprio bem, não o do seu avô. Estou noite e dia sem descanso de tanto pensar em Mary. Quer ela viva ou morra, para mim, é minha esposa perante Deus, como se a gente tivesse se casado de verdade. Assim, sou eu que tenho mais direito de cuidar dela e não abriria mão disso nem para...

— ... o pai dela — disse Margaret, terminando a frase interrompida. — Parece estranho que uma moça como Mary fique largada, lutando sozinha contra uma doença tão grave. Ninguém parece saber onde John Barton está; do contrário, eu pedia que Morris lhe escrevesse uma carta falando de Mary. Como eu queria que ele estivesse em casa!

Jem não pôde dizer o mesmo.

— Mary tem bons amigos onde está — disse ele. — Eu os considero amigos, embora há apenas uma semana nenhum de nós tivesse ouvido falar deles. Mas sentir ansiedade e tristeza pelo mesmo motivo faz as pessoas ficarem amigas mais depressa do que qualquer outra coisa,

eu acho. Ela cuida de Mary como se fosse uma mãe; e ele é um homem decente, pelo que pude perceber naquele pouco tempo. Já estamos chegando em casa, e eu não disse o que queria dizer, Margaret. Quero que cuide um pouco da minha mãe. Ela não vai gostar que eu vá, e eu ainda não dei a notícia. Se minha mãe reagir muito mal, volto amanhã à noite; mas, se não fizer muita oposição, quero ficar em Liverpool até saber de uma vez por todas como Mary vai ficar. Como você sabe, Margaret, Will também vai estar lá para ajudar com a mamãe.

O fato de Will estar lá era a única objeção de Margaret ao plano. Ela não gostava da ideia de parecer estar se atirando em cima dele, mas também não queria confessar isso para Jem, que não demonstrava fazer a menor ideia de que estivesse ocorrendo qualquer história de amor além da sua.

Assim, Margaret consentiu, com alguma relutância.

— Se puder ir à nossa casa hoje, Jem, eu embrulho algumas coisas que acho que vão ser úteis para Mary; e aí você me diz quando acha que vai voltar. Se for voltar amanhã à noite e Will estiver lá, talvez eu não precise ir, não é?

— Venha sim, Margaret! Não vou poder ir descansado se você não visitar minha mãe em algum momento do dia. Mas passo lá hoje à noite, sim. Até mais tarde. Espere! Acha que pode convencer o pobre do Will a lhe acompanhar até em casa, para eu poder conversar com a mamãe?

Não! Isso, Margaret não podia fazer. Seria esperar um sacrifício muito grande de seu pudor.

Mas o objetivo de Jem foi alcançado quando Will foi para o andar de cima da casa no momento em que eles chegaram, para se entregar sozinho à sua tristeza. Assim que Jem e a mãe ficaram a sós, ele introduziu o assunto que não lhe saía da cabeça.

— Mãe!

A Sra. Wilson tirou o lenço da frente do rosto e se virou depressa para encará-lo, pensando na melhor coisa a dizer. Esse pequeno gesto o irritou, e ele não hesitou mais.

— Mãe! Eu vou para Liverpool amanhã de manhã para ver como está Mary Barton.

— E quem é Mary Barton para você, para ir correndo atrás dela desse jeito?

— Se ela viver, vai ser minha esposa. E se morrer... Mãe, não posso falar do que vou sentir se ela morrer — respondeu Jem, com a voz estrangulada.

Por um instante, a Sra. Wilson sentiu um interesse por suas palavras; mas então surgiu o velho ciúme de ser suplantada por aquele filho que, de certa maneira, nascera de novo ao escapar tão recentemente do perigo. Assim, ela endureceu o coração, se recusando a compreender; e deu as costas para aquele rosto que tinha a expressão ansiosa da infância, quando ele vinha procurá-la com algum problema, na certeza de receber ajuda e consolo.

E ela falou com frieza, naquele tom que Jem conhecia e temia, mesmo antes que o significado que pretendia expressar estivesse completamente claro.

— Você já tem idade para fazer o que quer. As velhas mães são deixadas de lado e tudo o que elas passaram é esquecido assim que um rostinho bonito aparece. Eu devia ter pensado nisso na terça passada, quando pensei que você era só meu e que o juiz era um animal selvagem tentando lhe arrancar de mim. Eu defendi você, mas acho que já se esqueceu.

— Mãe! A senhora sabe, sabe *muito bem*, que eu nunca vou esquecer todas as coisas boas

que já fez para mim, e olhe que foram muitas. Por que acha que só tem espaço para um amor no meu coração? Posso amar a senhora tanto quanto sempre amei e ao mesmo tempo amar Mary, tanto quanto qualquer homem já amou uma mulher.

Ele esperou uma resposta, mas não recebeu nenhuma.

— Mãe, me responda! — disse, afinal.

— Responder o quê? Você não me fez nenhuma pergunta.

— Muito bem! Então pergunto agora. Amanhã de manhã, vou a Liverpool ver aquela que é como se fosse minha esposa. Minha mãe querida! A senhora me dá sua bênção? Se Deus quiser que ela se recupere, vai aceitá-la como se fosse sua filha?

A Sra. Wilson não conseguiu nem recusar, nem assentir.

— Por que você tem de ir? — perguntou afinal, irritada. — Vai se meter em outra confusão. Não pode ficar quieto em casa, comigo?

Jem se levantou e caminhou pela sala numa impaciência desesperada. A mãe não entendia o que ele sentia. Afinal, parou bem diante do lugar onde ela estava sentada, com uma expressão humilde e magoada no rosto.

— Mãe! Eu sempre penso em como o papai era bom! Já ouvi muitas vezes a senhora falar da época do namoro de vocês; e do acidente que sofreu e de como ficou mal. Quanto tempo faz isso?

— Quase 25 anos — respondeu ela, com um suspiro.

— A senhora não achava, quando estava tão doente, que ia chegar a ter um filho tão bonitão, achava?

A Sra. Wilson deu um leve sorriso e ergueu os olhos para Jem; era o que ele queria.

— Você não é nem de longe tão bonito quanto o seu pai! — disse ela, olhando o filho com muito carinho, apesar das palavras depreciativas.

Jem deu mais uma ou duas voltas na sala. Queria usar aquele assunto para defender sua causa.

— A gente era feliz quando meu pai estava vivo!

— Pode ter certeza, meu filho! Eu nunca mais vou ser tão feliz — respondeu a Sra. Wilson, com um suspiro triste.

— Mãe! — disse ele, estacando e pegando a mão dela com grande ternura. — A senhora quer que eu seja tão feliz quanto meu pai foi, não quer? Quer que eu tenha alguém que me faça tão feliz quanto a senhora fez o papai? Não quer, minha mãezinha querida?

— Eu não fiz seu pai tão feliz quanto poderia — murmurou ela, num tom baixo e triste de culpa. — O acidente azedou meu temperamento e não teve mais jeito; e agora ele se foi e nunca vai saber como eu me arrependo de ter atazanado sua cabeça.

— Ah, mãe, quem pode dizer se ele não sabe? De qualquer maneira, você e o papai se davam, se desentendendo aqui e ali, como a maioria. Mas, por *ele*, minha mãe querida, não se negue quando eu peço sua bênção antes de ir ver a única mulher que um dia poderá ser minha esposa; por *ele*, não por mim, ame aquela que eu trarei para casa, para ser para mim tudo o que a senhora foi para ele. Ah, mãe! Eu não peço por uma mulher mais fiel e mais bondosa do que a senhora foi, no final das contas.

O olhar severo desapareceu do rosto da Sra. Wilson; embora seus olhos ainda não conseguissem encarar Jem, era mais por estarem transbordando com as lágrimas evocadas por suas palavras do que por qualquer vestígio de raiva. E quando a voz viril dele morreu em murmúrios suplicantes, ela ergueu as mãos e levou a cabeça do filho até abaixo do nível da sua própria. Então, pronunciou uma bênção solene:

— Deus lhe abençoe, Jem, meu filho amado. E que, pelo seu bem, Ele abençoe Mary Barton.

O coração de Jem deu um pulo e, desse momento em diante, a esperança deu lugar ao medo no que concernia a Mary.

— Mãe! Se a senhora mostrar sua natureza verdadeira para Mary, ela vai lhe amar tanto quanto eu.

Assim, com alguns sorrisos, algumas lágrimas e muita conversa, a noite passou.

— Preciso ir ver Margaret. Ora, já são quase dez horas! Que coisa! Olhe, não me espere acordada, mãe. A senhora e o Will devem ir para a cama, pois os dois estão precisando muito. Daqui a uma hora, eu chego em casa.

A noite tinha sido longa e solitária para Margaret; e ela já estava quase desistindo de ver Jem quando ouviu seus passos na porta.

Ele falou do progresso que fizera com a mãe; contou de sua esperança e não compartilhou seus medos.

— Como a tristeza e a alegria se misturam. A data em que você vai poder se considerar o namorado oficial de Mary é a do enterro de Alice Wilson. Ah, como os mortos são esquecidos depressa!

— Minha querida Margaret! Você está cansada de tanto esperar por mim. Não é de se espantar. Mas nunca você nem ninguém devem achar que, só porque Deus faz surgir novos interesses, às vezes tão pouco tempo depois de um enterro, os mortos são esquecidos. Margaret, você mesma consegue se lembrar dos nossos rostos e imaginar nossas expressões.

— Consigo! Mas o que isso tem a ver com lembrar de Alice?

— Preste atenção. Você não está sempre tentando pensar nos nossos rostos e se esforçando para se lembrar deles; mas muitas vezes, aposto, quando está quase dormindo, ou quando está bem quietinha, os rostos que conhecia tão bem quando conseguia enxergar surgem sorrindo diante de você, com expressões de carinho? Ou então você se lembra deles sem tentar e sem pensar que é seu dever não os esquecer. É isso que acontece com aqueles que não vemos. Se mereceram ser amados em vida, não serão esquecidos na morte; isso não é natural. E nós não precisamos nos sentir culpados por permitir que a luz de Deus ilumine nossa tristeza, nem ter medo de esquecer quem já se foi só porque sua lembrança não está sempre nos assombrando e tomando nossa mente, assim como você não precisa se preocupar em lembrar do rosto de seu avô e nem de como são as estrelas. Não seria capaz de esquecer, nem se quisesse, aquilo que lhe dá tanto prazer lembrar. Não tenha medo de eu esquecer minha tia Alice.

— Não tenho, Jem; pelo menos, não tenho mais. É só porque você parecia estar pensando apenas em Mary.

— Pense em quanto tempo eu passei me controlando. Como tia Alice ficaria feliz em saber que eu tenho esperanças de me casar com ela! Quer dizer, se Deus a poupar!

— Nessas últimas duas semanas, ela não teria sido capaz de compreender. Desde que você foi embora, vinha pensando que era uma criancinha agarrada ao avental da mãe. Deve ter sido feliz na infância; foi um prazer muito grande para ela pensar nessa época já velhinha, no leito de morte.

— Nunca vi ninguém parecer mais feliz na vida.

— É mesmo! E como foi doce e serena a morte dela! Alice achou que a mãe estava ali ao seu lado.

Eles ficaram refletindo sobre aquelas últimas horas, tão tranquilas e felizes.

Eram 11 horas. Jem ficou de pé num pulo.

— Já devia ter ido há muito tempo. Dê aqui o embrulho. Não esqueça da minha mãe. Boa noite, Margaret.

Ela abriu a porta para ele e fechou o trinco. Jem ficou nos degraus da frente da casa, ajeitando um nó do embrulho. O pátio e a rua estavam mergulhados num silêncio profundo. Há muito que todos tinham ido descansar naquela noite plácida de domingo. As estrelas brilhavam sobre as ruas desertas e silenciosas, e a luz da lua, clara e suave, banhava quase tudo, deixando, no entanto, os degraus onde ele estava na penumbra.

Passos ecoaram na calçada, fazendo um ruído lento e pesado. Antes que Jem houvesse terminado de ajeitar o embrulho, uma silhueta surgira: uma figura magra e débil, carregando com dificuldade evidente um jarro de água da bomba que havia ali perto. Ela passou por Jem, dobrou no pátio na esquina em que ele estava e foi banhada pela luz vasta e serena. E então Jem viu que aquele homem de cabeça baixa e corpo esquelético era John Barton.

Nenhum fantasma poderia ter menos energia vital em seus movimentos involuntários do que ele, que, ainda assim, seguiu adiante com os mesmos passos marcados até chegar à porta de casa. Então Barton desapareceu e o trinco caiu devagar, emitindo um som leve e tremulante que quebrou o silêncio solene da noite. Tudo ficou em paz mais uma vez. Por um ou dois minutos Jem ficou imóvel, aturdido diante daquela visão do pai de Mary.

Margaret não sabia que ele voltara; será que entrara como um ladrão, furtivamente na calada da noite, em sua própria casa? Jem já vira John Barton deprimido muitas vezes, mas, naquela ocasião, havia algo de diferente nele; derrotado por uma tormenta interna, ele parecia se arrastar, sem nenhum resquício de amor-próprio.

Será que precisava saber do estado de Mary? Jem achou que não; e por muitos motivos. Não podia ser informado de sua doença sem que se comunicassem ao mesmo tempo muitos outros detalhes dos quais era melhor mantê-lo na ignorância; na verdade, apenas Mary saberia explicá-los por completo. Nenhuma suspeita de que John Barton era o assassino parecia ter passado pela cabeça de alguém. Além desses motivos, havia o fato de que Jem não desejava vê-lo, pois em seu peito havia a certeza de que ele, e nenhum outro, cometera aquele crime terrível.

Era verdade que ele era o pai de Mary e, como tal, tinha todo o direito de saber tudo que lhe dizia respeito. Mas supondo que John Barton seguisse o impulso tão natural para um pai e desejasse ir vê-la: quais seriam as consequências? Em meio à mistura de sentimentos que Mary revelara em seu delírio, junto a expressões de intenso amor pelo pai, havia também uma espécie

de horror dele; um pânico de John Barton como derramador de sangue, que parecia separá-lo em duas pessoas — uma, o pai que a botara no colo e a amara a vida toda; a outra, o assassino, causador de todo o seu pesar.

Se John Barton surgisse diante de Mary quando essa ideia de seu caráter estivesse mais proeminente, quem sabe qual seria a consequência?

Jem se recusava a expor Mary a essa hipótese temível; e, para falar a verdade, acredito que a encarava como sendo mais sua — para proteger de qualquer sombra do mal com o mais terno amor — do que de qualquer pessoa no mundo, mesmo alguém com a solene alcunha de pai e inocente de qualquer coisa que pudesse diminuir a reverência que lhe era devida.

Se você achou confuso esse meu relato dos sentimentos e razões inconclusos que passaram pela mente de Jem enquanto ele ficou ali, olhando para o lugar vazio pelo qual aquele corpo arrasado acabara de passar; se é difícil para você extrair os motivos reais; eu lhe asseguro que foi em meio ao mesmo turbilhão de sensações que Jem tomou a resolução de agir como se não houvesse visto o fantasma de John Barton — alguém que era, e ao mesmo tempo não era, seu velho conhecido.

81. “Descanse em paz”, em latim. (N. da T.)

82. Trecho de *Cimbelino*, peça de William Shakespeare. (N. da T.)

83. Trecho do poema “The Seventh of November” [O sete de novembro] de Robert Burns. (N. da T.)

84. Em latim, as primeiras palavras do Cântico de Simeão. Evangelho de São Lucas, 2:29-32. (N. da T.)

A volta para casa

DIXWELL: Perdão! Ah, perdão e um tumulto!

MARY: Deus conhece seu coração, meu pai! Estremeço ao pensar em tudo o que o senhor possa ter feito.

DIXWELL: Ai!

MARY: O seu pesar não é comum, meu pai.

Elliott, *Kernoh*⁸⁵

Mary permanecia entre a vida e a morte quando Jem chegou na casa onde estava hospedada; e os médicos ainda não estavam dispostos a comprometer sua sabedoria permitindo que se tivesse muita esperança. Mas, embora ainda houvesse risco, as coisas estavam menos desesperadoras do que quando Jem a deixara. Mary agora estava num estado de estupor, em parte devido à doença e em parte à exaustão de sua excitação anterior.

E agora Jem teve a dificuldade que todos que já ficaram de vigília diante do leito de um doente conhecem bem, e que talvez seja mais intransponível para os homens do que para as mulheres — a dificuldade de ser paciente e tentar não esperar nenhuma mudança visível durante longas horas de triste monotonia.

No entanto, após algum tempo, veio a recompensa. A respiração ofegante se tornou mais tranquila, a expressão pesada de dor opressora se dissipou da face, e uma languidez que quase chegava a ser paz substituiu o sofrimento. Mary dormiu naturalmente; e eles ficaram caminhando pé ante pé, falando baixo e mal ousando respirar, por mais que desejassem dar longos suspiros agradecidos de alívio.

Ela abriu os olhos. Sua mente apresentava o mesmo estado delicado que a de uma criança recém-nascida. Mary achou bonitas as cores alegres, mas não muito vívidas, do papel de parede; sentiu-se tranquilizada pela luz branda; e, para se distrair, bastou olhar para os objetos do quarto — o desenho dos navios, os festões da cortina, as flores coloridas nos espaldares das

cadeiras. Não desejou nenhuma excitação maior. Olhou admirada para a bola de vidro que continha areias de várias cores da Ilha de Wight, ou algum lugar parecido, que ficava pendurada na sanefa da janela. Mas não sentiu vontade de fazer nenhuma pergunta, embora tenha visto a Sra. Sturgis de pé ao lado da cama com uma xícara de chá, pronta a lhe dar de beber com uma colher.

Mary não viu a alegria sincera, a profunda gratidão, as mãos postas, os olhos brilhantes, os gestos trêmulos de alguém que há muito esperava que ela acordasse e que agora estava postado atrás das cortinas, observando, por uma pequena fresta, cada movimento seu; ou, acaso tenha vislumbrado aquele rosto amoroso que espiava, estava exausta demais para dar-lhe muita atenção ou reter por muito tempo a impressão de que aquele que amava tanto estava ali ao seu lado, dando graças a Deus por cada olhar atento que ela dava.

Mary adormeceu suavemente, sem que uma palavra houvesse sido dita por ninguém durante aquela meia hora de alegria indizível. Mais uma vez, o silêncio da casa foi mantido através de gestos e palavras sussurradas, mas os olhos de todos irradiavam esperança. Jem sentou-se ao lado da cama, segurando a cortina e fitando-a como se jamais fosse se cansar da visão daquele rosto pálido e abatido, com feições como que esculpidas em mármore.

Ela acordou mais uma vez; seus olhos suaves se abriram e encontraram o olhar que ele derramava. Mary deu um sorriso meigo, como o de um bebê que vê a mãe debruçada sobre o berço; e continuou a fitá-lo com aquela expressão inocente e infantil, como se vê-lo lhe desse um enorme prazer inconsciente. Mas, após algum tempo, uma expressão diferente surgiu em seus olhos doces, um olhar de lembrança e consciência; sua pele branca foi tomada por um rubor carmim e, com um gesto débil, ela tentou esconder a cabeça no travesseiro.

Jem precisou de todo o seu autocontrole para fazer o que sabia ser necessário: chamar a Sra. Sturgis, que dormitava levemente diante da lareira; depois disso, sentiu-se quase obrigado a sair do quarto para não dar vazão à agitação feliz que surgiria em cada feição, cada gesto e cada palavra.

Daquele momento em diante, a saúde de Mary foi progredindo depressa.

Havia muitos motivos para levá-la o quanto antes de volta a Manchester — e só um para não fazê-lo. Todos os deveres de Jem estavam na cidade. Era lá que sua mãe morava e lá que ele fizera seus planos: planos que sua prisão havia, durante algum tempo, deixado no caos, e que requeriam sua presença para serem reformulados. Pois, apesar do veredicto do júri, era possível que sua reputação tivesse ficado manchada demais para que ele conseguisse voltar a encontrar trabalho em Manchester. Jem se lembrava como um suspeito de já ter passado algum tempo preso havia sido evitado por patrões e operários ao conseguir um emprego na fundição; agora, ele ficava arrasado ao recordar como achara que um homem honesto e trabalhador não devia se associar a alguém que fora um prisioneiro. Não conseguia deixar de pensar naquele pobre rapaz, com sua expressão constrangida; expulso do lugar onde tentara ganhar dinheiro honestamente devido aos olhares, sussurros e o silêncio de repugnância (ainda mais difícil de suportar do que as palavras) que encontrava por todos os lados.

Jem sentia que seu próprio caráter fora maculado; e que, para muitos, talvez ainda parecesse suspeito. Ele sabia que, com um futuro tão livre de culpa quanto seu passado fora até então,

poderia convencer o mundo de sua inocência. Mas, ao mesmo tempo, viu que precisaria ter paciência e se preparar para algumas provações; e quanto antes estas ocorressem, quanto antes ele soubesse que lugar ocupava aos olhos dos homens, melhor. Jem ansiava por se apresentar mais uma vez na fundição; e então a realidade dissiparia as imagens que surgiam, incontroláveis, dele como um pária, evitado por todos, e obrigado a ir buscar outra carreira.

Eu disse que só havia um motivo para Jem não desejar levar Mary de volta assim que estivesse suficientemente recuperada. Esse motivo era a pessoa que a aguardava em casa.

Por mais que pensasse no assunto, Jem não conseguia decidir qual era a melhor maneira de agir. Ele se obrigaria a fazer qualquer coisa que sua razão e seu sentido de justiça considerassem desejável; mas não achava que seria desejável falar do pai de Mary enquanto a jovem estivesse naquele estado físico e mental tão frágil. Quanta coisa estaria implicada pela mera menção de seu nome. Por mais que Jem usasse um tom tranquilo e indiferente, não poderia evitar expressar alguma consciência do terrível segredo que ela guardava.

Mary, por sua vez, estava mais meiga e gentil do que jamais fora até em seus humores mais brandos; desde a doença, seus gestos, seus olhares e sua voz tinham adquirido uma languidez delicada. Parecia-lhe difícil até quebrar o silêncio com o som suave de sua voz doce, e o ouvido atento de Jem captava poucas palavras saindo de sua boca.

No rosto de Mary, porém, via-se tanto amor e confiança que Jem não se inquietava com aquele estado de abstração muda em que muitas vezes ela caía. Mary o amava: todo o resto, portanto, se ajustaria; e era melhor não a forçar a revelar o que sabia sobre aquele assunto tão doloroso para ambos.

Num dia ensolarado e cálido, Mary mais uma vez foi tomar ar com passos vacilantes, apoiada no braço de Jem, perto de seu coração agitado. E a Sra. Sturgis ficou olhando da porta enquanto eles subiam a rua, com uma bênção nos lábios.

Eles se depararam com o rio. Mary estremeceu.

— Ah, Jem! Leve-me para casa. Aquele rio parece todo feito de um metal que brilha e me deixa tonta, que nem no começo da minha doença.

Jem foi levando-a na direção da casa. Ela baixou a cabeça, como se estivesse procurando algo no chão.

— Jem!

Ele concentrou toda a sua atenção em Mary. Ela hesitou por um instante.

— Quando posso ir para casa? Digo, para Manchester. Estou tão cansada deste lugar. Preferia estar em casa.

Disse isso com um fiapo de voz; e sem nenhuma impaciência, como as palavras talvez indicassem, mas num tom triste, como quem esperava sofrimento até na realização de seu desejo.

— Meu amor! Nós vamos assim que você quiser; assim que estiver se sentindo forte o suficiente. Pedi que Job dissesse a Margaret para preparar tudo para receber você na casa deles primeiro. Ela vai cuidar de você. É melhor que não vá para sua casa. Job ofereceu.

— Ah, mas eu preciso ir para casa, Jem! Agora, vou tentar não deixar mais de fazer o que é certo. Nós precisamos falar de algumas coisas — disse ela, baixando a voz —, mas seria uma

grande bondade de sua parte não se opor mais à ideia de eu ir para casa. Não vamos mais falar nisso, meu amor. Preciso ir para casa, e sozinha.

— Sozinha não, Mary!

— Sim, sozinha! Não posso lhe contar por que estou pedindo isso. E, se você tiver adivinhado, eu lhe conheço bem o suficiente para ter certeza de que nunca mais vai mencionar esse assunto, a não ser que eu mencione primeiro. Prometa, meu amor, prometa!

Ele prometeu; para agradar aquele rosto suplicante, prometeu. E logo se arrependeu e sentiu que cometera um erro. Mas, por outro lado, achou que ela devia saber o que fazia e, conhecendo todos os detalhes da história (talvez até mais do que ele), poderia estar arquitetando um plano que fracassaria com sua interferência.

Uma coisa era certa! Era muito penoso que houvesse aquele terreno proibido entre eles; ter de adivinhar os pensamentos um do outro, com os olhos desviados, os rostos pálidos e as palavras estranguladas, impedidas de fluir após uma alusão casual.

Afinal chegou um dia em que o tempo estava bom o suficiente para Mary viajar. Ela própria expressara o desejo de ir, mas então perdeu a coragem. Como podia ter dito que estava cansada daquela casa tranquila, onde até os resmungos de Ben Sturgis eram apenas uma espécie de ritmo marcado na harmonia entre ele e a esposa, de tão bem que se conheciam após a convivência de tantos anos! Como podia ter ansiado por deixar aquele quartinho sossegado, onde tinham cuidado dela com tanto carinho? Até as cortinas xadrez da cama se tornaram preciosas quando Mary pensou que não as veria mais. E se isso aconteceu com os objetos inanimados, se eles tinham aquele poder de despertar a saudade, o que dizer do velho casal que abrigara uma estranha e cuidara dela como se fosse sua filha? Cada frase ríspida dita na irritação semiconsciente da fraqueza surgiu em sua memória, causando uma enorme culpa enquanto ela rodeava a Sra. Sturgis com os olhos banhados de lágrimas, que tomaram o lugar das palavras para expressar sua gratidão e seu amor.

Ben andou de um lado para o outro com a garrafa quadrada de Golden Wasser numa das mãos e um pequeno decantador na outra; postou-se sucessivamente diante de Mary, de Jem e da esposa, servindo um copo para cada um e mandando-os beber para tomar ânimo. Como todos se recusavam absolutamente, ele próprio bebia; passando então ao próximo para fazer o mesmo gesto hospitaleiro e obter o mesmo resultado.

Quando engoliu o último dos três drinques, teve a bondade de explicar seu motivo para fazê-lo:

— Não suporto desperdício. O que a gente serve, tem de beber. Esse é o meu lema.

Dizendo isso, voltou a guardar a garrafa no armário.

Foi Ben que, numa voz firme e autoritária, afinal disse a Mary e Jem que eles tinham de ir, ou iam se atrasar. A Sra. Sturgis tinha conseguido se controlar até então; quando os dois deixaram a casa, porém, não pôde mais conter as lágrimas e pôs-se a soluçar, apesar das broncas do marido.

— Quem sabe eles não chegam atrasados para o trem! — exclamou ela, cheia de esperanças, quando o relógio bateu duas horas.

— O quê! E voltar para cá? Não! Isso, nunca. Já fizemos tudo o que podíamos fazer e

choramos tudo o que podíamos chorar; não adianta nada começar tudo de novo. Eu teria de pegar aquela nossa garrafinha do armário e olhe que aqueles três copos já fizeram um estrago na bicha. Já está mais do que na hora de Jack trazer outra de Hamburgo.

Quando eles chegaram a Manchester, Mary estava muito branca e a expressão de seu rosto estava quase severa. Na verdade, ela estava reunindo todas as suas forças para encarar o pai, se este estivesse em casa. Jem não mencionara o vislumbre de meia-noite que tivera de John Barton para nenhum ser vivo; mas Mary tinha uma espécie de pressentimento de que, por mais que vagasse por aí, ele acabaria voltando para casa. Só não queria nem pensar em como estaria o seu humor. Pois saber do que o pai era capaz parecia ter aberto um profundo abismo no caráter dele, em cujas profundezas ela temia olhar. Às vezes, tinha vontade de pedir que lhe protegessem da vida que teria de levar, pelo menos durante algum tempo, a sós com um assassino! Pensava na melancolia e na irascibilidade que John Barton demonstrara, mesmo antes de sua mente estar assombrada pela lembrança de um crime tão terrível. Imaginava suas noites sendo como as de antigamente; ela, lutando para terminar uma peça de costura, muito depois de as casas estarem fechadas, e o povo, na cama; e ele, mais violento do que jamais fora, com o remorso lhe roendo as entranhas. A essa altura, Mary quase gritava de horror com as cenas que se descortinavam em sua mente.

Mas seu dever filial, não, o amor e a gratidão por muitos gestos de bondade feitos quando ela era pequena domavam todo o medo. Ela suportaria todos os horrores possíveis, mesmo que fossem diários. E aguentaria com paciência cada explosão de seu temperamento; com mais do que paciência: com compaixão, como se soubesse de alguma maldição terrível que aguardava aquele que derramara o sangue. Mary cuidaria dele com carinho, como os inocentes cuidam dos culpados: esperando pelos momentos abençoados em que poderia derramar bálsamo sobre suas feridas dolorosas.

Com a serenidade absoluta que vem da resolução de tudo suportar, ela se aproximou daquela casa que, por hábito, chamava de lar, mas que não possuía mais a aura de um lar verdadeiro.

— Jem! — disse Mary quando eles estavam diante da entrada do pátio, perto da porta de Job Legh. — Entre ali e espere meia hora. Não menos do que isso. Se nesse meio-tempo eu não aparecer, vá ter com sua mãe. Mande muitos beijos para ela. E eu mando um recado por Margaret quando quiser ver você. — Ela deu um suspiro profundo.

— Mary! Mary! Não consigo ir embora. Você fala isso com a frieza de quem não tem nada que ver comigo. Mas meu coração é seu. Sei por que está me pedindo para manter distância, mas...

Mary colocou a mão no braço dele, que falava com uma voz alta e agitada; encarou-o com uma repreensão amorosa nos olhos e então disse, com os lábios e todo o resto do corpo tremendo:

— Ah, meu bem! Eu poderia ter falado mais de amor, se certa vez não tivesse me declarado com tanta franqueza. Lembre-se daquela ocasião, Jem, se algum dia me considerar fria. Foi quando o amor que está no meu coração precisou ser expresso em palavras. Embora eu não diga nada sobre a dor que sinto em me separar de você, o amor no meu coração continua igual.

Só que agora não é hora de falar dessas coisas. Se eu não fizer o que acho certo agora, posso me culpar pelo resto da minha vida! Jem, você prometeu...

E, dizendo isso, ela foi embora. Caminhou por aqueles poucos metros de chão com passos mais rápidos do que o normal, temendo que Jem quisesse acompanhá-la. Pôs a mão no trinco e, no instante seguinte, a porta estava aberta.

Lá estava o pai, sentado, imóvel; nem sequer virou a cabeça para ver quem tinha entrado. Mas talvez houvesse reconhecido os passos, os gestos.

Estava sentado diante do fogo; ou melhor, diante da lareira, pois não havia fogo. Cinzas frias, deixadas ali há dias por negligência, cobriam gelidamente as barras de ferro. John Barton escolhera seu assento costumeiro por mera força do hábito, que comandava seu corpo de autômato. Pois toda a sua energia, tanto física quanto mental, parecia ter se retraído para uma das grandes cidadelas da vida, e lá estar travando uma batalha com a Consciência, a Destruidora.

Suas mãos estavam cruzadas, seus dedos, entrelaçados; uma posição que em geral indicava um certo grau de resolução ou força. Mas, em John Barton, era apenas o resultado do acaso, uma postura que requeria a aplicação de uma força externa para ser alterada — e um golpe dado com uma palha teria sido suficiente.

Quanto a seu rosto, estava encovado e macilento — como o de uma caveira, mas com uma expressão de sofrimento que as caveiras não têm! Seu coração teria doído ao ver aquele homem, por mais que você o culpe pelo crime que cometeu.

Mas o crime e tudo mais foram esquecidos por sua filha quando ela viu aquele olhar derrotado e indefeso. Mary sempre tivera dificuldade (como creio que já disse antes) em reconciliar as duas ideias, a do pai e a de um derramador de sangue. Mas, naquele momento, foi impossível. Aquele era seu pai! Seu pai querido! E, em seu sofrimento, independentemente da causa, mais amado do que nunca. O crime era algo à parte, no qual ela nunca mais pensaria.

E Mary o tratou e serviu com carinho e ternura, de todas as maneiras que seu coração pôde inventar e suas mãos puderam executar.

Tinha algum dinheiro consigo, recebido por seu estranho ofício de testemunha; e quando o crepúsculo se tornou mais sombrio, saiu de mansinho para comprar alguns itens necessários para o conforto do pai.

Pois como ele havia vivido, ou sobrevivido, durante os dias em que passara sozinho, é impossível dizer. A casa estava tão vazia quanto quando Mary a deixara, sem carvão, velas, comida ou qualquer coisa que pudesse servir de alento.

Ela voltou depressa, mas, ao passar pela porta de Job Legh, parou. Sem dúvida, Jem já fora embora há muito tempo; e, sem dúvida também, dera a Margaret uma boa razão para não incomodar a amiga pelo menos naquela noite, ou Mary já teria recebido sua visita.

Mas amanhã — será que ela não viria amanhã? E quem mais rápido do que a cega Margaret para reparar nos tons de voz, nos suspiros e até nos silêncios?

Mary não se permitiu mais tempo para pensar, pois o desejo de estar ao lado do pai era urgente demais; abriu a porta sem saber direito o que dizer.

— É Mary Barton! Eu conheço pela respiração! Vovô, é Mary Barton!

A alegria de Margaret ao encontrá-la e a demonstração franca de seu amor afetaram muito Mary; ela não conseguiu conter o choro e se sentou, enfraquecida e agitada, na primeira cadeira que viu.

— Ora, ora, Mary! Você está com uma cara um pouco diferente do que da última vez em que eu a encontrei. Eu e Jem vamos ficar com fama de bons enfermeiros. Se eu não conseguir ganhar a vida com mais nada, tento isso. Já Jem vai ser seu enfermeiro pelo resto da vida, pelo que eu estou sabendo. Não precisa ficar tão vermelha, menina. Aposto que, a essa altura, vocês dois já se entenderam.

Margaret pegou a mão de Mary e deu um sorriso doce.

Job Legh pegou a vela e começou um exame minucioso.

— Está com a bochecha um pouco rosada. Não muito; mas, quando eu lhe vi da última vez, tinha a boca branca como um lençol. Seu nariz está um pouco fino; está se parecendo mais com o do pai. Nossa! Minha filha, o que foi? Vai desmaiar?

Mary empalidecera quando o pai fora mencionado, mas sentiu que aquela era a hora de falar: agora ou nunca.

— Papai voltou para casa! — disse. — Mas não está nada bem. Nunca o vi assim. Pedi que Jem não fosse vê-lo, pois temi que fosse ser excitação demais.

Ela falou depressa e teve a impressão de que suas palavras não tinham sido nada naturais. Mas eles não pareceram notar e nem entender a insinuação de que as visitas não eram desejadas; pois Job Legh imediatamente largou um inseto qualquer que estava empalando num grampo e exclamou:

— Seu pai voltou! Ora, Jem não disse nada! E ainda por cima está doente! Eu vou lá, alegrá-lo com um dedo de prosa. Sabia que esse negócio de delegado não ia dar em nada bom.

— Ah, Job! Papai não vai aguentar... Ele está muito mal. Não venha. Não que não seja muita bondade sua, mas... esta noite... quer dizer — disse ela, em desespero, vendo que Job continuava a guardar suas coisas. — Venha só quando eu mandar lhe buscar. Papai está esquisito, e eu não sei como vai reagir a estranhos. Por favor, não venha. Eu venho aqui todos os dias lhe dizer como ele está. Preciso ir agora, para cuidar dele. Meu querido Job! Meu bom Job! Não se zangue comigo. Se soubesse a história toda, sentiria pena de mim.

Pois Job soltava murmúrios furiosos e até o tom de Margaret estava alterado quando ela deu boa-noite a Mary. Naquele momento, a menina não era capaz de aceitar frieza da parte de ninguém e muito menos suportar a ideia de ser considerada ingrata por um amigo tão bom e zeloso quanto Job; assim, quando já estava com a mão sobre o trinco da porta, ela se voltou de súbito, correu de volta para dentro da casa, atirou-se no pescoço do velho e beijou primeiro ele, depois Margaret. E então, com as lágrimas rolando pelo rosto, mas sem dizer nada, saiu depressa e voltou para casa.

Não ocorrera nenhuma mudança na posição do pai, ou em sua aparência espectral. Ele havia respondido suas perguntas (que foram poucas, pois tantos assuntos eram impossíveis de abordar) com monossílabos, e numa voz débil, aguda e infantil; mas não erguera os olhos: não conseguia encarar a filha. E Mary, quando falava, evitava pousar os olhos nele. Queria se comportar da mesma forma de sempre. No entanto, como sabia por que fazia tudo o que estava

fazendo, aquilo era impossível.

Dessa maneira, passaram-se alguns dias. À noite, John Barton subia pesadamente as escadas para ir se deitar; e, durante aquelas longas horas negras, Mary ouvia os gemidos de agonia que nunca escapavam de seus lábios durante o dia, silenciados pelo remorso.

Muitas vezes ela ficou acordada, escutando e se perguntando se seu coração aflito ficaria aliviado se lhe dissesse que sabia de tudo, e que sentia por ele um amor e uma compaixão inexprimíveis.

Durante o dia, as horas monótonas passavam da mesma maneira pesada e silenciosa que naquela primeira tarde. John Barton comia, mas sem gosto; e a comida não parecia mais nutri-lo, pois a cada manhã seu rosto mostrava mais o prenúncio terrível da morte.

Os vizinhos se mantinham estranhamente distantes. Nos últimos anos, John Barton tivera um efeito repelente que fora sentido por todos, exceto os poucos que o tinham conhecido em dias melhores e mais felizes e aqueles em quem depositara sua confiança. As pessoas não sentiam vontade de passar da porta de alguém tão absorto em pensamentos a ponto de ficar taciturno e severo. Naquela época, se contentavam em fazer uma pergunta amistosa quando viam Mary para lá e para cá. Com aquele segredo a lhe oprimir, ela considerava tal comportamento reservado mais estranho do que era na realidade. E também sentia falta de Job e de Margaret que, desde que Mary os conhecera, sempre haviam demonstrado compaixão em todas as outras épocas de tristeza e ansiedade.

Mas, acima de tudo, sentia falta do delicioso luxo de que desfrutara recentemente: o de ter o amor de Jem à mão a qualquer hora do dia, para protegê-la de qualquer intempérie e qualquer pensamento perturbador.

Ela sabia que ele estava sempre rodeando a casa. Nos dois primeiros dias, parecia sabê-lo mais por intuição do que pela certeza de tê-lo visto ou ouvido. No terceiro dia, encontrou-o na casa de Job Legh.

Eles a receberam se esforçando para ser cordiais, mas ainda havia um véu, da finura de uma teia de aranha, a separá-los, que Mary sentia com uma intensidade mórbida. Já a voz, os olhos e os modos de Jem davam todas as provas possíveis de um amor apaixonado, cheio de admiração e confiança. Essa confiança foi demonstrada por meio do silêncio respeitoso que ele manteve em relação ao único tópico cuja menção ela interditara.

Jem deixou a casa de Job Legh ao mesmo tempo que Mary. Eles se demoraram nos degraus, com ele segurando uma das mãos dela nas suas, e os dois detestando a ideia de se separar. Então o rapaz perguntou quando voltaria a vê-la.

— Minha mãe quer tanto ver você — sussurrou. — Não pode vir amanhã, ou algum outro dia?

— Não sei — respondeu Mary, baixinho. — Ainda não. Espere um pouco; talvez só um pouco. Meu querido Jem, eu preciso voltar. Meu amado Jem!

No dia seguinte, o quarto desde que Mary voltara para casa, quando ela estava sentada perto da janela, costurando algo, distraída e triste, vislumbrou a última pessoa no mundo que desejava ver: Sally Leadbitter!

Era evidente que estava se encaminhando para a casa deles; no segundo seguinte, bateu na

porta. John Barton olhou de soslaio, nervoso. Mary sabia que, se demorasse a atender, Sally não teria escrúpulos em entrar; por isso, tão depressa quanto se a visita fosse desejada, ela abriu a porta e ficou ali com o trinco na mão, barrando a entrada e fazendo tudo que era possível para proteger o interior de olhares curiosos.

— Ora viva, Mary Barton! Finalmente está em casa! Ouvi dizer que tinha voltado. Tive vontade de dar uma passadinha e saber quais são as novidades.

Sally estava decidida a entrar e viu que Mary tentava impedi-la. De modo que ficou na ponta dos pés, olhando por cima do ombro da amiga e espiando a sala onde suspeitava haver algum pretendente. Mas, em vez disso, viu apenas a figura severa e melancólica do pai que sempre tivera o hábito de evitar; por isso voltou a se abaixar e se satisfez em ter a conversa onde Mary queria e da maneira como Mary queria, ou seja, aos sussurros.

— Quer dizer que o velho voltou, hein? E o que falou da sua encrenca em Liverpool e de antes? Nós duas sabemos muito bem como foi. E você não pode mais se esconder, Mary, pois saiu no jornal e tudo.

Mary deu um gemido baixo — e então implorou que Sally mudasse de assunto, pois, por mais desagradável que aquele fosse, ficava ainda pior da maneira como ela o mencionava. Se elas estivessem a sós, Mary teria suportado aquilo com paciência — pelo menos, era o que achava. Naquele momento, no entanto, era quase certo que seu pai estivesse escutando tudo: ela o sentiu prendendo a respiração, mais alerta. Mas era impossível controlar a curiosidade de Sally sobre as aventuras de Mary. Assim como todas as outras colegas do ateliê da Srta. Simmonds, ela quase chegava a sentir ciúmes daquela fama toda, por mais odiosa que esta fosse para Mary.

— Nem adianta dizer que não quer falar disso! Ora, saiu até no *Guardian* e no *Courier*, e alguém disse a Jane Hodgson que foi reimpresso num jornal de Londres. Você é uma verdadeira heroína de romance, Mary Barton. O que achou de testemunhar? Aqueles advogados não são uns atrevidos? Ficam olhando para a cara da gente. Aposto que você se arrependeu de não ter aceitado minha oferta de pegar meu lenço preto emprestado! Não foi, Mary? Fale a verdade!

— Para falar a verdade, nem me lembrei disso, Sally. Como poderia? — respondeu Mary, ralhando.

— Ah, esqueci. Você estava torcendo por aquele bobo do James Wilson. Ah, se eu um dia tiver a sorte de ser testemunha num julgamento, vou arrumar um namorado bem melhor que o acusado! Vou ver se consigo um assistente de advogado, ou no mínimo um delegado de polícia.

Por mais triste que Mary estivesse, ela mal conseguiu deixar de sorrir da ideia, tão absurdamente incongruente com a experiência que de fato vivera, de procurar admiradores num julgamento por assassinato.

— Não estava procurando namorado, isso eu garanto, Sally. Mas não vamos mais falar nisso; eu não suporto nem pensar. Como está a Srta. Simmonds? E as outras?

— Ah, muito bem. Aliás, ela mandou um recado. Disse que você pode voltar a trabalhar lá caso se comporte. Eu falei que ela ia gostar de ter você de volta depois dessa história toda, pois vai atrair gente para o ateliê. Vão vir até de Salford para dar uma olhada em você, pelos

próximos seis meses, pelo menos.

— Não fale assim. Não posso voltar, não seria capaz de encarar a Srta. Simmonds. E mesmo se pudesse...

Mary parou de falar e enrubescou.

— É, eu sei muito bem no que você está pensando. Mas vai demorar algum tempo, já que ele foi demitido da fundição. É melhor você pensar duas vezes antes de recusar a oferta no ateliê.

— Jem foi demitido da fundição? — repetiu Mary, espantada.

— Lógico! Você não sabia? Nenhum homem decente ia querer trabalhar com um... Mas acho que não posso dizer isso, depois de você se esforçar tanto para conseguir um álibi. Não que eu fosse pensar mal de um rapaz valente por enfrentar um rival. Sempre acontece no teatro.

Mary só conseguia pensar em Jem. Como ele fora bondoso de não ter nem mencionado a demissão! Quanta coisa suportara por causa dela!

— Explique para mim, Sally — pediu, quase sem ar.

— Ora, veja bem, nas peças os homens sempre têm uma espada bem à mão...

Mas Mary, sacudindo a cabeça, impaciente, interrompeu:

— É de Jem que quero saber.

— Ah! Bem, eu só sei o que dizem por aí. Jem foi demitido da fundição porque o povo não acha que a inocência dele foi bem provada por você; só que o júri não teve coragem de enforcar. O velho Carson está furioso com o juiz, o júri e todos os advogados, pelo que eu ouvi dizer.

— Preciso ir falar com ele, preciso ir falar com ele — repetiu Mary, agitada.

— Ele vai dizer que tudo o que eu disse é verdade, sem nem uma mentirinha — respondeu Sally. — Por isso, não vou dar sua resposta para a Srta. Simmonds. Assim, você pode pensar melhor. Boa tarde!

Mary fechou a porta e entrou na casa.

Seu pai estava na mesma posição; aquela mesma posição imutável. Apenas sua cabeça estava mais baixa.

Ela colocou o chapéu para ir a Ancoats; pois precisava ver, interrogar, confortar e idolatrar Jem.

Ao se postar diante do pai por um instante antes de deixá-lo, ele falou — falou voluntariamente pela primeira vez desde sua volta; mas sua cabeça estava tão baixa que Mary não conseguiu ouvir o que dizia, de modo que teve de se agachar. Após um momento de pausa, ele repetiu as palavras:

— Diga a Jem Wilson para vir aqui às oito horas da noite de hoje.

Será que ele ouvira sua conversa com Sally Leadbitter?

Mas elas tinham falado baixo, pensou Mary. Refletindo sobre isso e muitas outras coisas, ela chegou a Ancoats.

85. Cena da peça *Kernoah: A Drama* [Kernoah: um drama], de Ebenezer Elliott. (*N. da T.*)

“Perdoai nossas ofensas”

Oh, se ele tivesse vivido
Respondeu Russila, nenhuma penitência
Se igualaria à sua! Conheço bem seu coração,
Veemente em tudo. Ele teria sobre si imposto
Um castigo mais terrível que qualquer outro
[já visto
Entre os mortais. Sim, e o relato
De seu monstruoso rigor teria feito
A lembrança de seu erro, esmagada e perdida
Em meio à pena e à perplexidade
Se dissipar como um horror menor
“Roderick”, de Southey⁸⁶.

Quando Mary estava entrando na rua onde a família Wilson morava, Jem alcançou-a por trás. Apareceu de repente, causando-lhe um sobressalto.

— Está indo ver minha mãe? — perguntou carinhosamente, entrelaçando o braço com o dela e diminuindo o passo.

— Ela e você. Ah, Jem, é verdade? Conte.

Mary imaginou, com razão, que ele adivinharia o significado de sua pergunta. Jem hesitou um instante antes de responder.

— É, sim, meu amor. Não adianta esconder, se for o que estou pensando. Não vou mais trabalhar na fundição de Duncombe. Acho que não devemos mais ter segredos um para o outro, apesar de não ter dito nada antes, para não lhe preocupar. Pode deixar que logo, logo eu arrumo outro emprego.

— Mas por que eles demitiram você, se foi considerado inocente pelo júri?

— Não é bem que eles tenham me demitido, mas acho que eu não teria conseguido

continuar lá. Muitos dos homens deixaram claro que não queriam mais receber ordens minhas; alguns poucos me conheciam bem o suficiente para imaginar que eu nunca teria feito aquilo, mas a maioria tinha suas dúvidas; e um deles falou com o Duncombe filho, insinuando isso.

— Ah, Jem! Que vergonha! — exclamou Mary, triste e indignada.

— Não, meu amor! Não se deve culpar ninguém. Quem é pobre só pode ter orgulho de seu caráter; e está muito certo que cada um tome conta do seu, tomando o cuidado de não manchar.

— Mas você... De você, eles só iam tirar coisa boa. Já deviam saber disso a essa altura.

— Alguns sabem. O superintendente tem certeza de que sou inocente. Praticamente disse isso hoje; e disse também que tinha conversado com o Duncombe pai e que eles acham que seria melhor para mim sair de Manchester durante algum tempo; e que podem me dar uma recomendação para algum outro lugar.

Mas Mary só pôde sacudir a cabeça com tristeza e repetir:

— Eles já deviam conhecer você a essa altura, Jem.

Jem apertou a mãozinha que segurava entre suas mãos calosas. Após um ou dois minutos, perguntou:

— Mary, você é muito apegada a Manchester? Ficaria muito triste de largar esta terra da fumaça?

— Com você? — perguntou ela baixinho, espiando-o com o canto dos olhos.

— É, menina! Pode ter certeza de que não vou querer que você saia de Manchester enquanto eu estiver aqui. Ouvi dizer muitas coisas boas do Canadá; e nosso superintendente tem um primo que trabalha numa fundição lá. Você sabe onde fica o Canadá, Mary?

— Não muito bem; pelo menos não por enquanto. Mas, com você, Jem — respondeu Mary, concluindo num sussurro doce —, vou para qualquer lugar.

Para que perder tempo com descrições geográficas?

— Mas e o papai? — disse ela, quebrando de repente aquele delicioso silêncio com a única nota dissonante de sua vida naquele momento.

Mary ergueu os olhos para o rosto grave do namorado; e então o recado que o pai mandara surgiu em sua memória.

— Ah, Jem, não sei se eu falei. Papai mandou dizer que quer falar com você. É para passar lá às oito. O que será que ele quer, Jem?

— Não faço ideia. Mas vou de qualquer jeito. Não adianta a gente tentar ficar adivinhando — continuou Jem, após uma pausa de alguns minutos, durante a qual eles subiram e desceram devagar a transversal até onde ele a levava no começo da conversa. — Venha ver minha mãe que depois eu levo você para casa, Mary. Estava toda se tremendo quando eu cheguei perto; não está boa para ficar andando sozinha — concluiu, com um exagero carinhoso da fraqueza dela.

Mas os namorados ainda se demoraram um pouco. Trocaram mais algumas palavras sem grande importância — que, para você, não significariam nada. Mas só a linguagem mais tenra e apaixonada poderia descrever os sentimentos que perpassavam o rapaz e a moça, causando arrepios, enquanto eles escutavam as sílabas que seriam preciosas pelo resto da vida por causa

daquela conversa sussurrada de uma hora.

O relógio bateu sete e meia.

— Venha falar com a mamãe; ela sabe que nós vamos nos casar, meu amor.

Eles entraram. Jane Wilson estava bastante irritada com a demora do filho em voltar para casa, pois até ali ele conseguira impedir que a mãe descobrisse sua demissão da fundição, e era mania dela preparar um pequeno prazer, um pequeno conforto, para aqueles que amava. Mas se eles, sem querer, não apreciam na hora certa para desfrutar da preparação, a Sra. Wilson sentia uma irritação crescente, à qual dava vazão assim que o objeto de seu carinho aparecia, maculando assim a paz que sempre deve ser a atmosfera de um lar, por mais humilde que este seja; e causando uma sensação que quase chegava a ser de desgosto diante do “boi cevado”⁸⁷. que, embora fosse efeito e prova de um amor cuidadoso, na verdade havia sido a causa de tanta perturbação.

A Sra. Wilson primeiro tinha suspirado e depois resmungado ao constatar que os bolos de batata que havia feito para Jem tomar no chá estavam cada vez mais duros.

A porta se abriu e ele entrou; com o rosto iluminado por um sorriso orgulhoso, o braço dado a Mary Barton, que corava e mostrava as covinhas, e cujas pálpebras ocultavam a luz feliz de seus olhos. Havia ao redor do jovem casal uma atmosfera radiante — uma felicidade gloriosa.

Será que a mãe dele seria capaz de arruiná-la? Será que a romperia com suas reclamações, como fizera Marta?⁸⁸. Apenas por um segundo a Sra. Wilson se lembrou de se sentir injustiçada, de todo o esforço desperdiçado — e então, com todo o seu coração de mulher transbordando amor maternal e ternura, ela abriu os braços e recebeu Mary, chorando lágrimas de felicidade e excitação e murmurando em seu ouvido:

— Que Deus lhe abençoe, Mary! Basta você fazer meu filho feliz que vou querer que Deus lhe abençoe para sempre!

Jem precisou de bastante autocontrole para separar aquelas duas a quem amava tanto e que estavam, por sua causa, começando a se amar. Mas o horário de seu encontro com John Barton se aproximava, e sua casa era longe.

Enquanto caminhavam até lá com passos apressados, eles quase não disseram nada; apenas refletiram sobre muita coisa.

O sol não se pusera há muito, mas a primeira sombra leve do crepúsculo já banhava tudo; e, quando eles abriram a porta, Jem mal pôde discernir os objetos do interior da casa à luz mortíça do dia e ao brilho bruxuleante da lareira.

Mary, porém, viu tudo num segundo.

Seus olhos, acostumados com o que era usual no aspecto da sala, viram no mesmo instante o que havia de extraordinário ali — viram e compreenderam.

Seu pai estava postado atrás da cadeira onde sempre se sentava, segurando o espaldar como se precisasse de apoio. E, diante dele, estava o Sr. Carson, com sua silhueta tremenda de aspecto severo avultando-se contra a luz do fogo da salinha.

Atrás de seu pai estava Job Legh, sentado com a cabeça nas mãos e o cotovelo pousado sobre a mesinha da família — era evidente que estava escutando o que era dito; e também que

estava profundamente afetado pelo que ouvira.

Parecia ter ocorrido uma pausa na conversa. Mary e Jem ficaram parados diante da porta semiaberta, sem ousar se mover; mal ousando respirar.

— Eu ouvi bem? — disse o Sr. Carson, com a voz grave e trêmula. — Homem! Eu ouvi bem? Quer dizer que foi você quem matou meu menino? Meu único filho?

Disse essas últimas palavras quase como se implorasse por piedade, mas então mudou o tom para outro, mais veemente e feroz.

— Não ouse pensar que terei piedade e pouparei você, só porque confessou. Não vou lhe poupar de nada que a lei possa lhe infligir. Você, que não teve pena do meu filho, não me causará pena nenhuma.

— Não peço piedade — disse John Barton, baixinho.

— Pedir ou não pedir, de que me importa? Você vai para a forca! Para a forca, homem! — disse o Sr. Carson, aproximando o rosto e repetindo a palavra com uma ênfase lenta e excruciante, como se quisesse impregná-la da amargura que tinha na alma.

John Barton perdeu o fôlego; mas não de medo. Achava terrível ter inspirado tanto ódio quanto o que estava concentrado em cada palavra e cada gesto do Sr. Carson.

— Esse negócio de forca, senhor, eu sei que está muito certo. Imagino que seja horrível; mas vou lhe dizer — falou ele, como que desafogando o peito —, se o senhor tivesse me enforcado no dia seguinte eu teria caído de joelhos e lhe abençoado. Morrer! Senhor, o que é morrer em comparação a viver? Pelo menos, a viver a vida que tenho levado nas últimas duas semanas. A vida, mesmo quando está boa, não é grande coisa; mas essa vida que tenho arrastado desde aquela noite... — afirmou Barton, estremecendo ao pensar naquilo. — Ah, senhor, estive a ponto de me matar muitas vezes só para escapar dos meus próprios pensamentos. Não fiz isso e vou dizer por quê. Achei que seria ainda mais assombrado pela lembrança do pecado que cometi. Ah, só Deus sabe a agonia do meu arrependimento, e isso em parte porque tive medo de que Ele fosse achar que eu estava impaciente com a infelicidade que recebi como punição; uma infelicidade muito, muito pior do que qualquer forca, senhor.

Barton se calou, sufocado pela emoção. Após algum tempo, voltou a falar:

— Desde aquele dia (isso pode ser muito errado, senhor, mas é a mais pura verdade), não paro de pensar que, se estivesse no mundo onde dizem que Deus está, ele talvez pudesse me ensinar a diferença entre certo e errado, mesmo que fosse com muita pancada. Aqui, eu não sei me encontrar direito. Passava até pelo fogo do inferno se pudesse me livrar do pecado, de tão horrível que ele é. Quanto à forca, senhor, isso não é nada.

Sua exaustão o obrigou a se sentar. Mary correu até ele. Foi como se só naquele momento John Barton houvesse se dado conta da presença da filha.

— Ah, menina! É você? Onde está Jem Wilson?

Jem se aproximou. Barton voltou a falar, fazendo muitas pausas para recobrar o fôlego.

— Rapaz! Você suportou muita coisa por minha causa. Deixar esse fardo nos seus ombros foi a coisa mais mesquinha que já fiz. Logo você, que era mais inocente que uma criança. Não vou lhe abençoar. A bênção de alguém como eu não vai lhe trazer nada de bom. Sei que ama Mary, apesar de ela ser minha filha.

Ele parou de falar e fez-se um silêncio de alguns segundos.

Então o Sr. Carson se virou para ir embora. Quando sua mão estava sobre o trinco da porta, hesitou por alguns instantes.

— Você deve imaginar o que vou fazer. Irei diretamente à delegacia de polícia exigir que eles mandem homens para cuidar de você, desgraçado, e de seu cúmplice. Amanhã de manhã sua história será repetida àqueles que têm o poder de mandá-lo para a prisão e em pouco tempo você terá a oportunidade de saber o quanto a força é desejável.

— Ah, senhor! — exclamou Mary, dando um pulo para a frente e agarrando o braço do Sr. Carson. — Meu pai está morrendo. Olhe só para ele. Se o senhor quer morte por morte, pode ficar satisfeito. Não o leve para longe de mim durante essas últimas horas. Ele terá de enfrentar a morte sozinho, mas deixe-me ficar ao seu lado o máximo que posso. Ah, senhor! Se tem alguma piedade, deixe meu pai morrer aqui.

O próprio John se ergueu com dificuldade e respondeu:

— Mary, minha filha! Eu devo algo a esse homem. Vou morrer onde ele quiser. O que você disse é verdade, eu estou às portas da morte; e pouco importa onde vou passar o pouco que me resta. Vou ter de gastar esse tempo lutando com a minha alma para ter algum caráter a apresentar no outro mundo. Vou para onde o senhor quiser. Ele é inocente — afirmou John, indicando Jem e desabando de volta em sua poltrona.

— Não tenha medo! Não podem fazer nada com Jem — disse Job Legh baixinho.

Mas, quando o Sr. Carson estava a ponto de deixar a casa sem parecer inclinado a ter clemência, foi mais uma vez impedido por John Barton, que voltara a se erguer da poltrona e ficou de pé, apoiado em Jem.

— Senhor, só mais uma coisa! Meus cabelos estão brancos de sofrimento e os do senhor, da idade...

— E por acaso eu não sofri? — perguntou o Sr. Carson, como quem pedia pena até do assassino de seu filho.

E o assassino de seu filho respondeu ao apelo, e seu espírito gemeu diante da angústia que ele causara.

— Não sofri na alma para ter esses cabelos brancos? Não trabalhei e lutei até essa idade com esperanças no coração que estavam todas centradas no meu filho? Não falava nelas, mas isso não significa que não estavam lá. Parecia duro e frio; e talvez fosse assim com os outros, mas não com ele! Quem há de imaginar o amor que sentia por ele? Nem meu filho sonhava em saber como meu coração dava um pulo ao ouvir seus passos, e como ele era precioso para seu pobre e velho pai. E ele se foi. Foi morto. Não posso mais lhe dizer nenhuma palavra de carinho e nem vê-lo, nunca mais. Ele era meu sol, e agora só há escuridão! Ah, meu Deus! Confortai-me, confortai-me! — exclamou o velho.

Os olhos de John Barton foram ofuscados pelas lágrimas. Ricos e pobres, patrões e empregados, eram, portanto, irmãos em sofrimento; pois não fora essa a angústia que ele sentira pelo pequeno Tom, numa época tão remota que parecia pertencer a outra vida?

O homem que se lamentava diante dele não era mais o empregador, um ser eternamente ocupando o papel de antagonista; que atravessava o mundo brilhando como o ouro, com um

coração de pedra, e que não conhecia nenhuma tristeza além das vicissitudes do mercado; não era mais o inimigo, o opressor, mas um velho desolado e digno de pena.

A compaixão pelo sofrimento, que antigamente fora um sentimento tão prevalente nele, voltou a encher o coração de John Barton e quase o impeliu a dizer (da melhor maneira que podia) algumas palavras de conforto para aquele homem severo, sacudido pelos soluços.

Mas quem era ele para oferecer compaixão e consolo? A causa de toda aquela infelicidade.

Ah, que pensamento terrível! Ah, que lembrança miserável! Ele abrira mão de seu direito de tratar das feridas de seus irmãos.

Atônito ao se dar conta disso, John Barton desabou na poltrona, quase esmagado pela consciência das consequências de sua ação; pois ele não imaginara o lar destroçado e os pais infelizes, assim como o soldado que dispara o mosquete não pensa na desolação da esposa e no choro das crianças indefesas, que num segundo se tornam a viúva e os órfãos.

Cometido para intimidar uma classe de homens que, para aqueles que são comandados por eles, são vistos apenas como quem deseja obter a maior quantidade de trabalho pelo menor salário — ou, na pior das hipóteses, para remover um sócio irreduzível de uma fábrica desagradável, que se colocava no caminho daqueles que lutavam para obter seus direitos: era assim que John Barton encarara seu crime. No entanto, tendo ele essa visão, após a empolgação do ato passar, o remorso, esse anjo vingador, o descobrira.

E agora ele sabia que matara um homem, um irmão. Agora, sabia que nada de bom poderia vir desse mal, mesmo para os sofrendores cuja causa ele defendera tão cegamente.

John Barton se debruçou sobre a mesa, com o coração partido. Cada novo soluço do Sr. Carson lhe atravessava a alma.

Sentiu-se execrado por todos; como se jamais pudesse explicar o raciocínio pervertido que fizera um pecado indubitável parecer um dever. O anseio por apresentar uma desculpa qualquer foi ficando cada vez mais forte. Ele ergueu a cabeça devagar e, olhando para Job Legh, sussurrou:

— Eu não sabia o que estava fazendo, Job Legh; Deus sabe que não. Ah, meu senhor! — exclamou num tom desvairado, quase se atirando aos pés do Sr. Carson. — Diga que me perdoa pela agonia que agora estou vendo que causei. Não ligo para a dor, nem para a morte, isso o senhor sabe. Mas, ah, homem! Perdoe a minha ofensa!

— Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tenha ofendido — disse Job, num tom solene e baixo, como se rezasse: como se as palavras tivessem sido sugeridas por aquelas que John Barton usara.

O Sr. Carson tirou as mãos do rosto. Eu preferiria ver a morte a olhar para a expressão medonha daquele semblante torvo.

— Que minhas ofensas não sejam perdoadas, para que eu possa me vingar do assassino de meu filho.

Nós podemos blasfemar por meio das ações, assim como por meio das palavras: todos os gestos cruéis e desprovidos de amor são uma blasfêmia.

O Sr. Carson saiu da casa. E John Barton desabou no chão, como morto.

Eles o ergueram e, quase chegando a desejar que aquele transe profundo pudesse ser o fim

de sua existência terrena, levaram-no para cama.

Durante algum tempo, escutaram sua respiração fraca com apenas metade de sua atenção; pois a cada passo apressado que ecoava na rua, imaginavam se tratar da chegada dos policiais.

Quando o Sr. Carson deixou aquela casa, estava zozinho de excitação; o sangue quente lhe percorreu de um jato as veias. Não conseguia ver o azul profundo do céu noturno devido ao feroz pulsar que sentia na cabeça. E, em parte para se controlar e se acalmar, apoiou-se numa grade e olhou para o firmamento tranquilo e majestoso, com seus milhares de estrelas.

E logo sua própria voz surgiu em sua mente, como se as últimas palavras que dissera estivessem ecoando em todo aquele espaço infinito; mas, nelas, havia um tom de tristeza indizível.

“Que minhas ofensas não sejam perdoadas, para que eu possa me vingar do assassino de meu filho.”

Ele tentou dissipar a impressão espiritual causada pelo que imaginara. Estava febril e doente — e não era de se espantar.

Assim, decidiu ir para casa — e não, como tinha ameaçado, para a delegacia de polícia. Pensou, afinal, que podia fazer isso de manhã. Não havia receio de o homem escapar, a não ser que escapasse para o túmulo.

O Sr. Carson tentou banir as vozes e formas fantasmagóricas que surgiam sem querer em seu cérebro e recobrar o equilíbrio mental caminhando de forma calma e lenta, e reparando em tudo o que considerava digno de nota.

Era uma noite morna e doce de primavera e havia bastante gente na rua. Entre outras, uma babá levando uma menininha para casa após algum passeio; provavelmente um baile, pois a linda criança estava com uma roupa delicada de musselina vaporosa e branca; e seus pezinhos de fada pulavam ao lado dos da babá como se ainda escutassem o ritmo de uma música.

De repente, atrás dela, surgiu um menino de recados rude e brutalizado, de nove ou dez anos de idade; parecia um gigante ao lado da fadinha que voejava. Não sei como foi, mas ele, desastrado, derrubou a pobre menininha sobre a calçada dura quando passou atabalhoadamente, sem se importar muito com quem machucava, contanto que pudesse seguir adiante.

A criança se levantou, soluçando de dor; e não sem motivo, pois sangue escorria por aquele rosto que um minuto antes se mostrara tão belo e alegre — pingando no vestido bonito e causando aquelas marcas escarlates tão terríveis para as crianças pequenas.

A babá, uma mulher forte, agarrou o menino no instante em que o Sr. Carson (que vira todo o incidente) se aproximou.

— Moleque danado! Vou chamar um policial! Viu como você machucou a menininha? Viu? — disse ela, acompanhando cada frase com um puxão violento de fúria.

O menino fez uma cara zangada e desafiadora, mas no fundo estava apavorado com a ameaça de um policial, que são ogros das ruas para todas as crianças sem sorte. A babá percebeu e começou a arrastá-lo, com a intenção de lhe dar o que considerava ser “uma boa lição”.

O terror do menino cresceu e, com ele, sua irritação. Foi então que o rostinho doce,

controlando os soluços, abaixou a cabeça da babá e disse:

— Por favor, babá, o machucado não foi muito. Eu fui boba de ter chorado. Ele fez sem querer. *Não sabia o que estava fazendo*, não é, menino? A babá não vai chamar um policial, não precisa ter medo.

E ela fez um biquinho para receber um beijo do menino que a machucara, como haviam lhe ensinado em casa, para “fazer as pazes”.

— Aposto que esse rapaz vai ser mais educado a vida toda por causa da mocinha — disse um transeunte, falando um pouco sozinho, um pouco para o Sr. Carson, que observa a cena.

Este último não pareceu ouvir o comentário e seguiu em frente. Mas o pedido da criança o fez lembrar da voz grave e embargada que ouvira há tão pouco tempo, justificando da mesma maneira, com contrição e humildade, sua enorme culpa.

“Eu não sabia o que estava fazendo.”

Ele fazia alguma associação a essas palavras; já ouvira ou lera aquela súplica em algum lugar antes. Onde?

Será?

Decidiu verificar quando chegasse em casa. Quando entrou, foi em silêncio e sem demora para a biblioteca do andar de cima, pegando a grande e bela Bíblia, imponente e dourada, com as páginas ainda um pouco grudadas da impressão, de tão pouco que era lida.

Na primeira página aberta ao acaso, estavam escritos os nomes dele e de seus filhos.

“Henry John, filho de John e Elizabeth Carson. Nascido no dia 29 de setembro de 1815.”

Para que a informação ficasse completa, seria necessário acrescentar a data de sua morte. Mas a página foi ocultada por uma névoa de lágrimas.

Diversos pensamentos e recordações surgiram na mente do Sr. Carson, desde a lembrança do dia em que ele, orgulhoso, comprara aquele livro caro para poder escrever a data de nascimento do bebezinho de apenas um dia de idade.

O velho pousou a cabeça sobre a página aberta e deixou que as lágrimas caíssem, devagar, sobre as páginas imaculadas.

O assassino de seu filho fora descoberto; ele confessara o crime; mas, estranhamente, o Sr. Carson não conseguia odiá-lo com a veemência do ódio que sentira quando o imaginara como um homem jovem, cheio de vida, desafiando todas as leis, humanas e divinas. Apesar de sua vontade de reter o desejo de vingança que considerava dever ao filho morto, não conseguia deixar de sentir um pouco de pena por aquele pobre homem esquelético, aquela criatura aniquilada, que lhe falara de seu pecado e implorara seu perdão naquela noite.

Na infância e na juventude, o Sr. Carson fora acostumado à pobreza; mas era uma pobreza honesta e decente, não aquela miséria excruciante que encontrara em cada canto da casa de John Barton, e que formava um estranho contraste com a suntuosidade pomposa do cômodo onde agora ele se encontrava. Uma nova perplexidade tomou sua mente quando ele refletiu sobre as fortunas diferentes que cabiam aos homens, embora fossem todos irmãos.

Então, despertou do devaneio e voltou-se para o objeto de sua busca — o evangelho, onde imaginava encontrar a doce súplica: “Eles não sabem o que fazem.”⁸⁹.

Já fazia uma noite sombria a essa altura e a casa estava mergulhada no silêncio. Não havia

nada para interromper o velho naquela leitura nada habitual.

Anos antes, o Sr. Carson aprendera a ler usando o evangelho. Há tantos anos, que se tornara familiar com os acontecimentos descritos antes de conseguir compreender o espírito que criara a vida.

Agora, leu aquela narrativa com novos olhos, com todo o interesse de uma criança pequena. Começou no começo e leu quase com avidez, entendendo pela primeira vez o significado da história. Chegou ao fim; ao fim terrível. E lá estava aquela súplica assombrada.

O Sr. Carson fechou o livro e começou a pensar profundamente.

Durante toda a noite, o arcanjo lutou contra o demônio. Durante toda a noite, outros faziam a vigília no leito de morte. John Barton recobrou a consciência e estava num estado de agitação. Às vezes, até falava com a energia de antigamente; e com aquele sotaque animado de Lancashire que sempre tinha quando estava entre íntimos.

— Veja, eu sempre andei atrás do caminho certo, mas é difícil para um homem pobre achar. Pelo menos, para mim foi. Ninguém me ensinou, ninguém me disse. Quando eu era menino, me ensinaram a ler, mas nunca me deram nenhum livro. Só que eu ouvi dizer que a Bíblia era um livro bom. Por isso, quando ficava cismado e encucado, tentava ler. Mas não dava de acreditar que o preto era preto e a noite era noite quando se via o povo em volta agindo como se o preto fosse branco e a noite fosse dia. Não vou ter muita desculpa para dar no outro mundo. Deus me perdoe, mas posso dizer isso: teria sido mais fácil seguir as regras da Bíblia se eu tivesse visto o povo fazendo igual; mas todos falavam a favor e faziam ao contrário. Naquela época, eu andava com a minha Bíblia que nem criança, com o dedo marcando um lugar, perguntando o significado desta ou daquela passagem, mas ninguém sabia me dizer. Então escolhi duas ou três passagens que eram claras como água e tentei fazer o que elas mandavam. Não sei bem por que, mas tanto para patrão quanto para empregado, essas passagens tinham a mesma importância que o prefeito de Londres tem para mim. De modo que eu comecei a pensar que aquilo era feito para enganar o povo pobre e ignorante, as mulheres e gente assim.

“Não foi durante muito tempo que eu tentei viver seguindo o Evangelho, mas foi a época da minha vida mais parecida com o paraíso. A velha Alice me incentivava, mas todos os outros diziam: ‘Lute pelos seus direitos, ou você nunca vai conseguir o que merece.’ Minha mulher e meus filhos não diziam nada, mas a necessidade deles gritava, e eu fui levado a fazer como os outros. E então, Tom morreu. Vocês já sabem como foi. Estou ficando sem fôlego, e meio que cego.”

Após alguns minutos de um silêncio que ninguém quebrou, ele voltou a falar:

— Costumava ser natural para mim amar o próximo, apesar de agora eu ser o que sou. Acho que teria conseguido até amar os patrões se eles tivessem deixado; isso foi na minha época de Bíblia, antes de o meu filho morrer de fome. Muitas vezes eu parecia como que partido em dois, de um lado minha tristeza pelos pobres que sofriam, e do outro tentando amar aqueles que, na minha visão, causavam o sofrimento deles.

“Finalmente, eu me desesperei e desisti de fazer o modo como o povo agia combinar com o que dizia na Bíblia; e decidi que também não ia mais tentar seguir o que dizia o livro. Acho que já disse tudo isso antes. Mas desde aquela época fui caindo... caindo.”

Depois disso, passou a falar frases desconexas.

— Não achava que ele seria um homem tão velho. Ah, se tivesse me perdoado!

E então, começou a rezar com fervor.

Job Legh tinha ido para casa, como que fulminado por aquele choque inesperado. Mary e Jem aguardavam juntos a chegada da morte; mas, quando o fim se aproximava e a manhã ia nascendo, Jem sugeriu que eles tentassem ajudar John Barton a respirar melhor e, por isso, deixou a casa em busca de uma farmácia que estivesse aberta àquela hora.

Durante a ausência dele, Barton foi piorando; estava deitado na cama atravessado, e parecia quase não respirar mais. Mary, em vão, tentou erguê-lo; sua tristeza e sua exaustão a haviam deixado fraca demais.

Por isso, ao ouvir alguém entrando na casa, ela gritou por Jem, pedindo-lhe ajuda.

Passos que não eram de Jem subiram as escadas.

O Sr. Carson parou diante da porta. Num instante, compreendeu tudo.

Ergueu aquele corpo impotente; e a alma que se esvaía brilhou pelos olhos, cheia de gratidão. Ele segurou o moribundo em seus braços. John Barton uniu as mãos como se fosse rezar.

— Reze por nós — disse Mary, postando-se de joelhos e esquecendo, naquela hora solene, tudo o que dividira seu pai e o Sr. Carson.

As únicas palavras que lhe ocorreram foram aquelas que ele lera poucas horas antes.

— Tem piedade de nós, pecadores; perdoai nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tenha ofendido.

E, quando as palavras foram ditas, John Barton expirou nos braços do Sr. Carson.

Assim terminou a tragédia da vida de um pobre homem.

Mary não pôde compreender mais nada durante diversos minutos. Quando recobrou os sentidos, viu-se sendo apoiada por Jem no banco de madeira da sala de estar. Job e o Sr. Carson também estavam lá, conversando de forma grave e solene. O Sr. Carson se despediu e deixou a casa. E o velho Job disse em voz alta, mas como se falasse sozinho:

— Deus ouviu a prece do homem. Ele o confortou.

86. Trecho do poema épico “Roderick, the Last of the Goths” [Roderick, o último dos godos] do poeta inglês Robert Southey (1774-1843). (*N. da T.*)

87. Referência a Provérbios, 15:17: “Mais vale um prato de verdura com amor do que um boi cevado com ódio.” (*N. da T.*)

88. Referência a Lucas, 10: 38-42. Quando Jesus visitou a casa de Marta, ela reclamou que sua irmã não a ajudava nas tarefas domésticas, mas apenas ficou sentada aos pés do Senhor, escutando o que Ele dizia. (*N. da T.*)

89. Palavras de Jesus, pedindo que Deus perdoasse seus executores. Lucas, 23:34. (*N. da T.*)

A reunião de Jem com o Sr. Duncombe

O primeiro dia sombrio da não existência
O último de perigo e sofrimento.

Byron⁹⁰

Embora Mary mal estivesse consciente do que pensava, e isso fosse mais um instinto secreto lhe informando a alma do que o resultado de um raciocínio, há algum tempo (na verdade, desde seu retorno de Liverpool) sentia que, para o pai, só havia algo a ser desejado e esperado: a morte!

Mary entendeu que a consciência pesada ferira de morte o corpo dele; e não ousou questionar a infinita misericórdia de Deus e se perguntar o que o aguardava na outra vida.

Embora a princípio tenha ficado desolada e perplexa com o golpe que sofrera, ela se resignou e se submeteu assim que recobrou força suficiente para refletir um pouco; e você pode ter certeza de que não faltou ternura e amor da parte de Jem e nem consideração e simpatia da parte de Job e Margaret para consolar e confortar a menina que não tinha mais nenhum parente vivo.

Mary não perguntou nem quis saber o que eles, aos sussurros, estavam decidindo em relação ao funeral. Colocou-se em suas mãos com a confiança de uma criança pequena; satisfeita em não precisar perturbar os devaneios e as lembranças que enchiam seus olhos de lágrimas, fazendo com que essas rolassem devagar pelo rosto pálido.

Foi o dia mais longo de sua vida; todas as novidades e todas as tarefas lhe foram negadas. Mas talvez o período de tranquilidade que resultou disso tenha sido, na verdade, uma coisa boa, apesar de Mary senti-lo como um peso; pois, assim, ela contemplou sua situação de todos os ângulos e compreendeu completamente que o ocorrido a deixara órfã. Dessa maneira, foi poupada da dor que sofremos quando a morte acontece à noite, logo antes do momento em que naturalmente, num dia normal, nos deitaríamos para descansar. Pois nesses casos,

esgotados pela ansiedade e talvez pela longa vigília, nossa própria tristeza nos embala e nos faz adormecer antes de termos tempo de absorver sua causa. E então acordamos, com um sobressalto de agonia que é como uma nova estocada, para a consciência daquela ausência terrível, para o vazio que jamais será preenchido enquanto estivermos neste mundo.

A ocasião também trouxe um dever a ser cumprido pela Sra. Wilson. Ela sentiu que o afeto, além da etiqueta, a impeliavam a ir ver sua futura nora. E, devido a uma associação de ideias ancestral (talvez da morte com os cemitérios das igrejas e das igrejas com o domingo), acreditou ser necessário colocar suas melhores roupas, tão pouco usadas ultimamente que precisaram ser arejadas num pequeno cabide diante do fogo, uma tarefa que a viúva não considerou de todo desagradável.

Quando Jem voltou para casa, tarde da noite naquele dia da morte de John Barton, cansado e tenso com os eventos e as excitações que haviam ocorrido, encontrou a mãe ocupada com seu luto e muito inclinada a conversar. Embora quisesse muito ficar em paz, não pôde deixar de se sentar um pouco com ela e responder suas perguntas.

— Quer dizer, Jem, que John Barton morreu, não foi?

— Foi. Como você soube, mãe?

— Ah, Job Legh passou aqui e me contou, a caminho da funerária. E o final foi bonito?

Jem percebeu que a mãe não soubera da confissão feita por John Barton no leito de morte; lembrou-se da descrição de Job Legh e decidiu que, se ele pudesse evitar, a Sra. Wilson jamais ouviria falar daquilo. Muitas das dificuldades em guardar o segredo seriam removidas se Jem conseguisse convencer a mãe a concordar com o plano que mencionara para Mary, de imigrar para o Canadá. Os motivos que tornavam a ocultação daquele fato desejável estavam relacionados à felicidade doméstica que ele almejava. Com o temperamento irritadiço da mãe, Jem não acreditava que ela fosse conseguir evitar para sempre qualquer alusão ao crime de John Barton, e sabia a provação que isso seria para Mary. Assim, ele resolveu que na manhã seguinte iria o mais cedo que pudesse ter com Job Legh e implorar por seu silêncio; acreditava que dali o segredo não escaparia, mesmo que tivesse sido compartilhado com Margaret.

Mas o que faria o Sr. Carson? Será que haveria algum meio de persuadi-lo de poupar a memória de John Barton?

Jem despertou dessas reflexões pela voz irritada da mãe.

— Jem! — disse ela. — Tanto faz se você nunca mais estiver num leito de morte, já que não consegue contar nada do que aconteceu. Eu fiquei o dia inteiro sozinha (a não ser quando o velho Job passou aqui), mas achei que quando você aparecesse ia ser uma boa companhia, já que estava na casa bem na hora da morte. Mas aqui está você, de bico fechado e atarraxado. Não adianta de nada estar num leito de morte se não ouviu nada do que o morto disse!

— Ele não disse nada, mãe — respondeu Jem.

— Ora essa! Ele, que adorava fazer discurso, foi perder uma oportunidade que nem essa, que ninguém tem duas vezes! E sofreu muito?

— Passou a noite toda muito inquieto — disse Jem, relutante em lembrar daqueles momentos.

— E você tirou o travesseiro da cama? Não? Ora! Um menino tão bem-criado e tão

inteligente devia saber que só isso adianta nesses casos. Tinha pena de pombo naquele travesseiro, pode ter certeza. Dois burros velhos que nem você e Mary, sem saber que um morto deitado em travesseiro de pena de pombo sempre sofre!

Jem ficou feliz em escapar de toda aquela conversa para a solidão e o silêncio de seu próprio quarto, onde podia deitar e pensar sem ser interrompido no que tinha acontecido e no que ainda precisava ser feito.

A primeira providência era pedir uma reunião com o Sr. Duncombe, seu ex-patrão. Assim, na manhã seguinte bem cedo, Jem foi até a fundição onde passara seus dias durante tantos anos; onde, por tanto tempo, tivera seus pensamentos, esperanças e medos. Ele ficou triste ao lembrar que, dali em diante, teria de se manter afastado de todos aqueles lugares familiares; e sentiu-se mais desanimado ainda ao perceber a reação da maioria de seus colegas ao vê-lo. Enquanto estava parado na entrada da fundição, esperando que o Sr. Duncombe tivesse um tempo livre, muitos dos empregados passaram, voltando do café da manhã; e, com uma ou duas exceções, todos o ignoraram ou o cumprimentaram apenas com um aceno frio de cabeça.

“É duro”, pensou Jem, com a amargura e a indignação lhe sufocando, “que, não importa como tenha sido a vida de um homem, o povo acredita na primeira coisa ruim que se diz contra ele. Se eu ficasse na Inglaterra, isso ia acabar passando; mas e Mary, quanto não teria que suportar? Mais cedo ou mais tarde, a verdade vai se espalhar; e ela passaria a ser vista como uma atração por muita gente, só por ser a filha de John Barton. Ora! Deus não julga com a mesma severidade que os homens, e isso é um consolo para todos nós!”

O Sr. Duncombe não acreditava na culpa de Jem, apesar do silêncio com o qual, naquele dia, ouviu mais uma vez as acusações contra ele, mas concordava que, naquelas circunstâncias, era melhor que o rapaz saísse do país.

— Nós recebemos uma carta do governo, como acho que já mencionei para você, pedindo que recomendássemos um homem inteligente, com um bom conhecimento de mecânica, para ser fabricante de instrumentos da Faculdade de Agricultura que eles estão estabelecendo em Toronto, no Canadá. É uma boa posição, com direito a casa, um terreno e uma boa porcentagem sobre os instrumentos fabricados. Vou lhe mostrar os detalhes se conseguir encontrar a carta, que acredito ter deixado em casa.

— Obrigado, senhor. Não preciso ver a carta para aceitar. Preciso sair de Manchester e, já que tenho de fazer isso, prefiro deixar a Inglaterra logo de uma vez.

— É claro que o governo vai pagar sua passagem; acho até que de sua mulher e seus filhos também, se você os tiver. Mas acho que não é casado, é?

— Não, senhor, mas...

Jem hesitou em confessar, com o constrangimento de uma moça.

— Mas — disse o Sr. Duncombe, sorrindo — gostaria de se tornar um homem casado antes de partir, não é isso, Wilson?

— Sim, senhor. E tem minha mãe também. Espero que ela concorde em ir. Mas posso pagar sua passagem; não precisa incomodar o governo.

— Não, não! Vou escrever hoje, recomendando você; e digo que tem dois parentes. Eles nem vão perguntar se o parente é mãe ou é filho. Espero ainda lhe ver antes de você zarpar,

Wilson, mas acho que não vão lhe deixar demorar muito. Venha até a minha casa da próxima vez que quiser falar comigo; acho que vai achar mais agradável. Esses homens são uns cabeças-duras. Coragem!

Jem ficou aliviado ao sentir que aquilo estava resolvido e que não precisava mais pesar os prós e os contras da imigração.

E, com o caminho a seguir ficando cada vez mais claro quanto mais ele o contemplava, Jem foi ver Mary para decidir se seria apropriado lhe contar sua decisão. Margaret estava lá, lhe fazendo companhia.

— O vovô quer ver você! — disse ela para Jem, quando este entrou.

— E eu quero ver seu avô — respondeu o rapaz, subitamente se lembrando de sua resolução de pedir segredo a Job Legh.

Assim, ele mal teve tempo de dar um beijo no rosto doce e triste da pobre Mary, antes de se arrancar de perto da amada para ir ver o velho, que o aguardava com impaciência.

— Recebi um bilhete do Sr. Carson! — exclamou Job, no momento em que viu Jem. — Minha nossa senhora, ele quer ver nós dois! Não é possível que ainda haja encrenca pela frente, é? — disse ele, olhando para o rapaz com uma expressão de perplexidade.

Porém, se por um segundo qualquer suspeita houvesse surgido na mente de Job, ela foi imediatamente dissipada pela expressão honesta, destemida e franca de Jem.

— Não consigo imaginar o que ele quer, coitado — respondeu este. — Talvez ainda queira esclarecer alguma coisa... talvez. Mas não adianta adivinhar. Vamos logo.

— Não seria melhor você dar uma sumida e deixar que eu descubro o que está acontecendo? Talvez ele tenha enfiado na cabeça que você foi cúmplice do crime e esteja preparando uma armadilha.

— Não tenho medo! — disse Jem. — Não fiz nada de errado e não sei nada de errado sobre o pobre do morto; embora admita que já tenha sentido raiva dele. O povo não se enganará durante muito tempo se for procurar a verdade. Eu explico tudo o que puder àquele senhor, agora que isso não vai mais fazer mal a ninguém. Tinha outros motivos para querer encontrar com ele, então está tudo certo.

Job ganhou um pouco de confiança diante da valentia de Jem, mas, para falar a verdade, ainda queria que o rapaz seguisse seu conselho e deixasse que ele fosse descobrir sozinho as intenções do Sr. Carson.

Enquanto isso, Jane Wilson colocara sua roupa preta de domingo e saíra para dar seus pêsames. Estava nervosa e inquieta, pensando nas passagens da Bíblia e nas frases sábias que acreditava serem esperadas das visitas em tais ocasiões; e preparou muito o que dizer conforme caminhava para a casa do morto.

Quando abriu a porta devagar, Mary, que estava sentada, inerte, diante do fogo, viu quem estava ali: a mãe de Jem; a velha amiga de seus pais mortos; a mulher que lhe fizera tantas bondades na infância. Ela se levantou e se atirou no pescoço da Sra. Wilson, aos soluços e lamentos, dizendo:

— Ele se foi! Morreu! E eu estou só no mundo!

— Pobrezinha! Coitada, coitadinha! — disse Jane Wilson, dando-lhe um beijo carinhoso. —

Você não está só; não fique assim. Não vou nem falar Dele que está lá em cima, pois você sabe que é o melhor amigo do órfão. Mas pense em Jem! Não, minha querida Mary, pense em mim! Eu tenho meus momentos ruins às vezes, mas tenho coração, apesar de ser irritada. E, de hoje em diante, você vai ser como se fosse minha filha. Nem o próprio Jem vai lhe amar mais do que eu; e você vai aguentar meu mau humor, Mary, sabendo que, na minha alma, Deus vê um amor que vai ser sempre seu, se você me considerar sua mãe e não falar mais de estar só.

A própria Sra. Wilson também tinha começado a chorar muito antes de acabar esse discurso, tão diferente de tudo o que ela planejara dizer e de toda a devoção formal que reservara para a visita; pois isso era a devoção do coração, e não precisava de enfeites para ser religião verdadeira, pura e imaculada.

As duas se sentaram na mesma poltrona, enlaçando uma à outra; choraram pelo mesmo homem morto; e compartilharam da mesma esperança, confiança e do amor abundante pelo mesmo homem vivo.

Daquele momento em diante, quase nada anuviou a intimidade feliz que surgiu entre elas; e a mãe de Jem conseguia se irritar mais até com ele do que com Mary. Diante da nora, ela reprimiu seus momentos de mau humor ocasionais até que o hábito de se deixar levar por eles diminuiu perceptivelmente.

Anos depois, quando a Sra. Wilson estava conversando com Jem, este tomou um susto com um comentário que a mãe fez sem querer, indicando que ela sabia do crime de John Barton. Fazia muito tempo que eles não se encontravam com ninguém de Manchester que poderia ter revelado o segredo (se é que ele era sabido na cidade, apesar de todos os esforços de Jem para que não fosse). Ele então indagou até que ponto ela conhecia a história e qual fora a sua fonte. A própria Mary lhe contara tudo.

Pois na manhã da qual este capítulo trata principalmente, quando Mary chorava e a Sra. Wilson a consolava com as palavras e os carinhos mais ternos, a menina revelou, para a atônita e consternada viúva, a causa maior de sua profunda tristeza: o crime que maculava a memória de seu querido pai.

Mary não fazia ideia de que Jem guardara segredo da mãe; imaginava que a história tinha passado de boca em boca, como ocorrera com a prisão de seu noivo; assim, na suposição de que a Sra. Wilson já sabia tudo, dera-lhe o relato completo e revelara a causa de sua angústia enorme, maior do que a causada apenas pela morte.

Em ocasiões importantes como aquela, a generosidade inata da Sra. Wilson aparecia. Seu corpo fraco e dolorido fazia com que ela se irritasse com coisas pequenas e bobagens do cotidiano. No entanto, ela sentia uma compaixão profunda e nobre pelas grandes tristezas e, nem no momento em que Mary lhe revelou tudo, permitiu que qualquer expressão de surpresa ou horror lhe escapasse. Não procurou satisfazer sua curiosidade em relação aos detalhes não revelados pela moça; foi tão discreta e digna de confiança quanto o próprio filho; e, nos anos seguintes, quando às vezes se zangava com Mary e perdia a calma com a nora, acusava-a de extravagância ou avareza, de colocar na comida tempero demais ou de menos, de fazer uma algazarra ou de ser sorumbática; mas nunca, nunca, nem em seus momentos mais descontrolados, jamais fez uma alusão ao flerte dela com Harry Carson ou ao assassino do

rapaz; e, sempre que falava de John Barton, tratava-o com o respeito devido à conduta que este tivera em vida, com exceção daquele último e desgraçado mês.

Por isso, foi um choque para Jem quando, após anos terem se passado, ele compreendeu que a mãe sabia da história toda. No dia em que descobriu (não sem remorso) o autocontrole insuspeito que ela sabia demonstrar, sua maneira de tratá-la, que sempre fora carinhosa e respeitosa, tornou-se reverente; e ele e Mary disputavam para ver quem iria contribuir mais para a felicidade da velhice da viúva.

Mas eu estou falando de coisas que aconteceram há pouco tempo, apesar de ainda ter muito a dizer sobre o que ocorreu seis ou sete anos atrás.

90. Trecho de “The Giaour” [O Giaour], poema de Lord Byron. (*N. da T.*)

Detalhes do assassinato

O rico se farta, enquanto o pobre passa fome
Com o rancor lhe roendo a alma
“O que nos ensinam é mentira”, grita ele com
[ódio
“Um *irmão* não agiria como eles.”
“O sonho”

O Sr. Carson estava num daqueles momentos da vida em que paramos para respirar. O objeto de seus esforços, seus medos e seus desejos nos últimos anos estava subitamente oculto — desaparecera no mistério profundo que envolve nossa existência. Até mesmo a vingança que ele acalentara lhe fora tomada, como que pela mão de Deus.

Acontecimentos como esse levam até a pessoa menos profunda à reflexão, quanto mais um homem como o Sr. Carson, cuja mente, se não ampla, ao menos era enérgica; cuja própria energia, na verdade, tendo até então sido o motivo pelo qual ele empregara toda a sua inteligência numa só direção, o impedira de se tornar alguém com uma filosofia mais generosa do mundo.

Mas agora as fundações de sua vida tinham sido arrasadas e a terra que ocupavam fora salgada, para que mais nada ali crescesse ou pudesse ser reconstruído. Foi como a mudança desta vida para aquela outra vida oculta, onde tantos dos motivos que impeliram toda a nossa existência terrena se tornam mais fugazes que as sombras de um sonho. Com a alma arrancada do passado, que para ele se tornara menos do que nada, o Sr. Carson levou algumas horas após ter testemunhado a morte do assassino do filho pensando em sua situação.

Mas, de repente, enquanto ele deliberava e buscava motivos que poderiam ser eficazes em estimulá-lo a agir e trabalhar; enquanto contemplava o desejo de riqueza, distinção social, fama entre os grandes mercadores com os quais lidava, e via essas falsas substâncias se dissiparem e

se se transformarem nas sombras que de fato são, desaparecendo, uma a uma, dentro do túmulo de seu filho — de repente, o Sr. Carson se deu conta de que ainda não sabia tudo sobre as circunstâncias e os sentimentos que haviam levado John Barton a cometer seu crime; e, uma vez que essa triste curiosidade foi despertada, ela pareceu ficar mais forte a cada segundo enquanto não era satisfeita. Assim, o Sr. Carson mandou aquele recado pedindo para falar com Job Legh e Jem Wilson, que acreditava serem capazes de elucidar o que ainda não fora explicado; e ele próprio foi fazer uma visita ao Sr. Bridgenorth, que sabia ter sido o advogado de Jem, com uma suspeita atordoante, que tentou repelir, de que o rapaz pudesse ter ajudado de alguma maneira na morte de seu filho.

O Sr. Carson voltou antes que suas visitas chegassem e teve tempo suficiente para lembrar da noite em que John Barton fizera sua confissão. Ele se recordou, mortificado, de como deixara de lado a maneira orgulhosa e reservada com que sempre se comportava, e o hábito que tinha de ocultar o que sentia, expondo sua angústia na presença daqueles dois homens que estavam prestes a vir vê-lo; e se entrincheirou atrás de barreiras de autocontrole, esperando que nenhuma emoção transparecesse durante a conversa que teria com eles.

No entanto, quando o criado anunciou que os dois homens esperados estavam ali e quando o Sr. Carson mandou que fossem trazidos até a biblioteca onde se encontrava, qualquer observador teria percebido, pelas mãos trêmulas e pela cabeça que balançava, não apenas o quanto ele envelhecera com os acontecimentos das últimas semanas, mas também o quanto estava agitado na expectativa daquele encontro iminente.

A princípio, porém, o Sr. Carson foi tão bem-sucedido em se conter que Jem Wilson e Job Legh o consideraram um dos homens mais severos e altivos a quem já tinham se dirigido, o que acabou com toda a simpatia que os dois homens haviam sentido por ele diante de sua demonstração franca de um sentimento profundo e genuíno.

O Sr. Carson pediu que eles se sentassem e então cobriu o rosto com as mãos por um instante antes de falar.

— Fui visitar o Sr. Bridgenorth esta manhã — disse ele, afinal. — Como eu esperava, ele não pôde me explicar muito bem alguns detalhes a respeito do ocorrido no dia 18 do último mês, que eu gostaria de esclarecer. Talvez vocês dois possam me dizer o que gostaria de saber. Sendo amigos íntimos de Barton, provavelmente sabem ou podem conjecturar muita coisa. Não tenham escrúpulos em falar a verdade. O que disserem aqui jamais será repetido por mim. Além do mais, sabem que a lei não permite que ninguém seja julgado duas vezes pelo mesmo crime.

Ele fez uma pausa de um minuto, pois o mero ato de falar era exaustivo depois da excitação dos últimos dias.

Job Legh aproveitou aquela oportunidade para se manifestar.

— Não vou ficar ofendido nem por mim, nem por Jem por causa do que o senhor disse sobre a verdade. O senhor não nos conhece, é por isso; mas olhe que é sempre bom a gente pensar bem dos outros até que se prove o contrário. Pergunte o que quiser, senhor, e eu prometo que nós ou vamos contar a verdade, ou não vamos dizer nada.

— Sinto muito — disse o Sr. Carson, inclinando de leve a cabeça. — O que eu gostaria de

saber é — continuou, consultando um pedaço de papel que segurava, e tremendo tanto que mal pôde colocar os óculos — se você, Wilson, pode explicar como foi que Barton obteve sua arma. Acredito que tenha se recusado a dar essa explicação ao Sr. Bridgenorth.

— Sim, senhor! Se tivesse dito o que sei, teria incriminado Barton, por isso fiquei quieto. Mas posso contar tudo para o senhor agora, embora não haja muito a dizer. A arma foi do meu pai antes de passar para mim, e ele e John Barton gostavam de ir ao clube praticar tiro ao alvo com ela; sempre levavam essa arma, dizendo que, apesar de velha, ela não errava uma.

Com uma pontada de culpa, Jem viu o Sr. Carson estremecer ao ouvir essas últimas palavras; mas, a cada demonstração irreprimível e involuntária de emoção, os corações dos dois homens se solidarizavam mais com ele. Jem continuou a falar.

— Um dia de semana... Acho que foi na quarta-feira, foi sim. Foi no dia de São Patrício. Eu encontrei John Barton saindo da minha casa, quando estava indo lá almoçar. Minha mãe estava na rua, e ele não tinha encontrado ninguém. Disse que tinha vindo pegar a arma emprestada, e que teria tomado a liberdade de levar, mas não tinha achado. Minha mãe tinha medo dela. Por isso, depois da morte do meu pai (enquanto ele estava vivo, ela ainda confiava em deixar na mão dele) eu levei a arma para o meu quarto. Fui buscar no andar de cima para John, que ficou parado na porta da casa durante esse tempo todo.

— E para que ele disse que queria a arma? — perguntou o Sr. Carson, ansioso.

— Acho que não disse nada quando eu entreguei para ele. Primeiro, murmurou alguma coisa qualquer sobre o clube de tiro, e eu nem cheguei a duvidar, pois sabia que ele já tinha feito isso anos antes.

O Sr. Carson tinha se retesado todo numa atitude de grande atenção enquanto Jem falava; agora a tensão relaxara e ele voltou a afundar na poltrona, fraco e impotente.

Mas se empertigou de novo quando Jem continuou a falar, ansioso por dar todos os detalhes que pudessem satisfazer aquele pai que perdera o filho.

— Só soube para que ele queria a arma quando me levaram para a cadeia. Até agora, não entendi direito. Nunca ia sair de uma encrenca incriminando um velho amigo, tão amigo do meu pai, que também era o pai da moça que eu amo. Por isso, me recusei a falar disso ao Sr. Bridgenorth e não teria contado a história a ninguém, com exceção do senhor.

O rosto de Jem ficou muito vermelho quando ele fez a alusão a Mary, mas seus olhos honestos e destemidos sustentaram sem hesitar a mirada penetrante do Sr. Carson, convencendo-o de sua inocência e franqueza. O anfitrião teve certeza de que Jem lhe contara tudo o que sabia. Por isso, voltou-se para Job Legh.

— Você esteve o tempo todo na sala quando Barton estava falando comigo, não?

— Sim, senhor — respondeu Job.

— Com a sua licença, vou fazer perguntas simples e diretas; a informação que estou recebendo é um alívio para minha mente. Não sei por que, mas é. Pode me dizer se fazia ideia de que Barton fosse o culpado antes da confissão dele?

— Nenhuma, juro por Deus! — declarou Job solenemente. — Para dizer a verdade, eu peço seu perdão, Jem, mas sempre tive dúvida se o rapaz aqui não tinha cometido o crime. Às vezes tinha tanta certeza da inocência dele quanto da minha própria; e, quando pensava no assunto,

via que ele não podia ser o culpado. Mas nunca pensei em Barton.

— No entanto, de acordo com a confissão, ele estava ausente na ocasião — disse o Sr. Carson, lendo o pedaço de papel que segurava.

— E durante muitos dias depois. Não sei dizer exatamente durante quanto tempo. Mas, o senhor sabe, às vezes a gente só vê o que está bem debaixo do nariz depois que alguém mostra. E, até ouvir o que John Barton tinha a dizer naquela noite, não conseguia imaginar que motivo teria para fazer aquilo; por outro lado, no caso de Jem, qualquer um que visse Mary Barton entenderia seu ciúme.

— Então você acredita que Barton desconhecia que meu filho teve essa infeliz...

O Sr. Carson se interrompeu, olhando para Jem, e então continuou:

— ... que ele teve esse flerte com Mary Barton. Mas o jovem Wilson ficou sabendo dele.

— A pessoa que me contou me disse claramente que não tinha contado e nem iria contar ao pai de Mary — explicou Jem. — Não acredito que ele soubesse; se tivesse ouvido falar nisso, não era o tipo de homem que ficaria quieto.

— Além do mais — disse Job —, o motivo que ele deu no leito de morte foi suficiente; principalmente para quem o conhecia.

— Você está falando do que ele sentia em relação à maneira como os patrões tratam os empregados; acha que Barton agiu por vingança, devido ao papel do meu filho em acabar com a greve?

— Bem, meu senhor — respondeu Job —, é difícil dizer: John Barton não era o tipo de homem que se aconselhava com os outros; e nem falava muito sobre o que andava fazendo. Só posso julgar pela sua maneira de pensar e falar em geral, pois nunca o ouvi dizer nem uma palavra sobre esse assunto em particular. Entenda, ele tinha muita dificuldade em compreender como podia existir gente muito rica e muito pobre, diante do que diz o Evangelho...

Job fez uma pausa, tentando expressar aquilo que estava bastante claro em sua própria mente, sobre o efeito produzido em John Barton pelos enormes contrastes apresentados pelas variedades da condição humana, que lhe pareciam ser uma zombaria. Antes que conseguisse encontrar palavras adequadas para se explicar, o Sr. Carson disse:

— Está querendo dizer que ele era um seguidor de Robert Owen,⁹¹ a favor da igualdade, da divisão de bens e dessa espécie de absurdo.

— Não, não! John Barton não era nenhum bobo. Ninguém precisava dizer para ele que, se todos os homens forem iguais hoje à noite, alguns iam sair na frente acordando uma hora mais cedo amanhã. E ele também não se importava com bens e com dinheiro; não havia quem se importasse menos, contanto que conseguisse o pão de cada dia para si e sua família. O que lhe causava mágoa e amargura (e é o mesmo que amarga o coração de muitos pobres, meu senhor, muito mais do que a falta de conforto, deixando até a fome mais difícil de aguentar) era que aqueles que usavam roupas mais bonitas, comiam comida melhor e tinham mais dinheiro no bolso nem queriam saber dele, sem se importar se estava feliz ou triste; vivo ou morto; a caminho do paraíso ou do inferno. Parecia-lhe duro que um monte de dinheiro o separasse tanto de seus irmãos. Pois John Barton era um homem amoroso antes de ver aqueles como ele sendo desprezados, como se o próprio Jesus não tivesse sido pobre. Já o ouvi dizer que, durante

uma época, ele sentia simpatia por todos os homens, ricos ou pobres, porque achava que eram todos iguais. Mas ultimamente vinha se aperreando muito com as tristezas e o sofrimento que testemunhava, e que achou que os patrões poderiam aliviar, se quisessem.

— É isso que todos vocês pensam — disse o Sr. Carson. — Mas como poderíamos aliviar seu sofrimento? Não controlamos a demanda por mão de obra. Nenhum homem ou grupo de homens no mundo pode fazer isso. Depende de eventos que apenas Deus comanda. Quando não há quem compre nossas mercadorias, sofremos tanto quanto vocês.

— Tenho certeza de que não tanto, meu senhor. Embora não entenda de economia, isso eu sei. Sei que me falta instrução, mas minha vista é boa. Nunca vi os patrões ficando magros que nem um esqueleto por falta de comida; na verdade, mal vejo qualquer mudança no padrão de vida deles, embora não duvide de que isso ocorra nas épocas ruins. Mas eles cortam as coisas que são só para mostrar; enquanto os homens como eu precisam cortar aquilo do qual se precisa para viver. Com certeza o senhor há de admitir que é duro quando um homem dá tudo no mundo por um trabalho que salve os filhos da fome, mas mesmo assim não consegue, por mais que queira. Eu não falo as coisas que John Barton dizia, mas isso, pelo menos, está claro para mim.

— Meu bom homem, escute o que vou lhe dizer. Dois homens vivem sem mais ninguém por perto; um faz broas de pão, e o outro, casacos, ou coisa parecida. Não seria duro se o homem que faz pão tivesse que dar seu produto em troca dos casacos, quer os quisesse ou não, só para dar emprego ao outro? É exatamente assim a coisa; basta multiplicar os números. Haverá épocas de grandes mudanças na ocupação de milhares de pessoas, com a ocorrência de melhorias nos bens e nas máquinas. Tudo isso é bobagem. Só pode ser!

Job Legh refletiu durante alguns instantes.

— É verdade que foi muito difícil para quem tecia em tear movido a mão quando apareceram os teares mecânicos; esses bichos fizeram a vida dos homens parecer uma loteria. De qualquer maneira, eu nunca duvidei de que os teares mecânicos, os caminhos de ferro e todas essas invenções são dádivas de Deus. Também já vivi o bastante para saber que é parte do plano Dele mandar sofrimento para fazer surgir um bem maior; mas também deve ser parte do plano que a maior parte possível desse sofrimento seja aliviada por aqueles que têm a sorte de estar em boas circunstâncias. É claro que seria preciso mais raciocínio e sabedoria do que eu ou qualquer outro homem possui para resolver de uma vez como isso devia ser feito. Mas tenho certeza de uma coisa: quando Deus dá uma bênção, ela vem com um dever; e o dever dos felizes é ajudar quem sofre a suportar sua tristeza.

— Ainda assim, os fatos provam diariamente o quanto é melhor para cada homem não precisar de ajuda e ser independente — disse o Sr. Carson, pensativo.

— A gente não pode falar dos fatos como dos números, e dizer que dois fatos juntos provam isso e isso. Deus deu ao homem sentimentos e paixões que não podem ser colocados numa equação, porque estão sempre mudando. E Deus também fez algumas pessoas fracas nos mais variados tipos de coisas. Um tem fraqueza física, outro, mental, outro, de força de vontade, um quarto não sabe a diferença entre o certo e o errado, e por aí; ou mesmo se souber a diferença, lhe faltam forças para seguir o caminho certo. O que eu penso é que quem tem

qualquer força dada por Deus deve ajudar os mais fracos; e os fatos que se danem! Com licença, meu senhor; não sei explicar muito bem o que quero dizer. Sou como uma torneira que não escorre água, mas deixa cair só uma gota de cada vez, de modo que a gente não sabe a força que ela tem.

Job sentiu-se muito triste com a falta de poder de suas palavras, enquanto o significado dentro dele estava tão forte e claro.

— O que você diz é verdade, sem dúvida — respondeu o Sr. Carson. — Mas como gostaria que mudasse a conduta dos patrões? Ou a minha, em particular? — acrescentou gravemente.

— Não tenho instrução suficiente para discutir. Aparecem pensamentos na minha cabeça que sei serem tão verdadeiros quanto o Evangelho, embora talvez não possam ser provados como o Q.E.D.⁹² de um problema. Os patrões, e entre eles o senhor, têm na consciência que vão ter de explicar perante Deus se já fizeram, ou estão fazendo, tudo o que podem para aliviar os males que parecem surgir com as atividades que lhes ajudaram a fazer fortuna. Não é problema meu, graças a Deus. John Barton se agarrou nessa pergunta e achou que não! Então ficou amargo, furioso e louco; e, em sua loucura, cometeu um enorme pecado e causou uma grande tristeza. Mas se arrependeu com lágrimas de sangue e vai passar por sua penitência com humildade no outro mundo, apostado. Nunca vi alguém se arrepender tão amargamente quanto na noite passada.

Fez-se silêncio durante diversos minutos. O Sr. Carson cobriu o rosto e pareceu ter se esquecido por completo da presença dos outros dois; mas eles não quiseram perturbá-lo se levantando e deixando o cômodo.

Afinal ele disse, sem encarar Job e Jem e ver seu olhar de solidariedade.

— Obrigado a vocês dois por terem vindo e por conversarem comigo com franqueza. Temo, Legh, que nem eu nem você tenhamos convencido um ao outro do poder, ou da falta de poder, dos patrões em remediar os males dos quais os homens reclamam.

— Não quis vexar o senhor há pouco; mas não era da falta de poder que estava falando. O que mais dói é a falta de inclinação em tentar ajudar os males que às vezes caem como uma praga nas cidades manufatureiras, quando vemos que os patrões podem parar de trabalhar sem sofrer. Se víssemos os patrões tentando encontrar uma solução para nos ajudar, mesmo que demorasse, mesmo que não desse certo e no final eles só pudessem dizer: “Coitados, nossos corações doem por vocês; fizemos de tudo, mas não encontramos uma cura”, aguentaríamos as épocas ruins como homens. Ninguém sabe o quanto é capaz de suportar depois que acredita que outros homens não se importam com sua tristeza e vão ajudar, se puderem. Se nossos irmãos não puderem nos dar nada além de lágrimas e palavras de encorajamento, aguentamos tudo o que Deus mandar, e conhecemos o amor Dele o suficiente para nos deixar em Suas mãos. O senhor disse que nossa conversa de nada adiantou. Eu digo que adiantou, sim. Eu entendi como o senhor vê as coisas do seu lugar. Vou poder me lembrar disso, na hora de lhe julgar; não vou mais pensar se faz o que eu acho ser certo, mas o que o senhor acha ser certo. Para mim, foi bom por isso. Sou um homem velho e posso nunca mais lhe ver de novo, mas vou rezar pelo senhor e pensar nas provações que vêm tanto com a sua fortuna quanto com a morte do seu filho durante muitos e muitos dias; e vou pedir a Deus que abençoe o senhor e a

ele, agora e para sempre. Amém. Adeus!

Jem mantivera um silêncio másculo e nobre desde que dera suas explicações sobre tudo o que sabia. Então os dois homens se levantaram, fizeram uma mesura profunda olhando o Sr. Carson com a grande simpatia que não podiam deixar de sentir por alguém que sofrera e perdoara tamanha ofensa; e que evidentemente lutava para suportar a dor como um homem.

O Sr. Carson fez uma mesura profunda também. Então, se aproximou de repente e lhes apertou a mão; e assim, sem mais uma palavra, eles se separaram.

Há etapas da contemplação e do sofrimento de uma grande dor que dão aos homens a mesma perspicácia e clareza que, antigamente, tomavam a forma de profecias. Para aqueles que têm uma enorme capacidade de amar e de sofrer, junto com um grande poder de suportar, surge um momento em sua tristeza em que deixam de ver apenas seu caso individual e vão procurar a natureza de sua calamidade e a cura (se houver) que pode preveni-la de voltar a ocorrer com outros, assim como com eles próprios.

Daí os belos e nobres esforços que às vezes são revelados como sendo continuamente feitos por aqueles que já carregaram a cruz da agonia, para que outros não sofram como eles. Esse é um dos fins mais maravilhosos da tristeza: o sofredor que luta com o mensageiro de Deus até que uma bênção é deixada para trás, não apenas para uma pessoa, mas para gerações inteiras.

Levou tempo até que a natureza severa do Sr. Carson fosse impelida a reconhecer esse segredo de consolação; e essa mesma severidade preveniu que ele recebesse qualquer reconhecimento público de suas ações. Pois o caráter é mais fácil de mudar do que os hábitos e as maneiras originalmente formados por ele e, até o dia de sua morte, o Sr. Carson foi considerado duro e frio por aqueles que o viam de maneira casual ou o conheciam superficialmente. Aqueles que tinham a honra de conhecê-lo bem, no entanto, sabiam que seu maior desejo era que ninguém sofresse aquilo que sofreu; que houvesse uma perfeita compreensão e uma confiança e um amor completos entre os patrões e os empregados; que se reconhecesse a verdade de que os interesses de uns eram os interesses de todos e, por isso, requeriam a consideração e a deliberação de todos; que dali em diante era mais desejável ter trabalhadores educados, capazes de julgar, e não apenas homens ignorantes que agiam como meras máquinas; e que o melhor era que estes fossem fiéis aos empregadores devido ao respeito e à afeição, não apenas às negociações monetárias; em suma, reconhecer o espírito de Jesus como a lei que devia comandar ambos os lados.

Muitas das melhorias que agora existem no mercado de trabalho de Manchester tiveram sua origem em frases curtas e francas ditas pelo Sr. Carson. Muitas e muitas ainda a serem levadas a cabo nasceram naquela mente austera e profunda, que se submeteu à lição do sofrimento.

91. Reformista social galês, considerado um dos fundadores do socialismo e do cooperativismo. (N. da T.)

92. Sigla de *Quod erat demonstrandum*, frase em latim que significa “como se queria demonstrar”, muitas vezes usada no fim de uma demonstração matemática. (N. da T.)

Conclusão

Sê gentil conosco, ó tempo!
Não temos vontade de voar alto,
Nossa ambição, nossa satisfação,
Está nas coisas simples
Somos viajantes humildes
Neste mar desconhecido da vida
Sê gentil conosco, ó tempo!

Barry Cornwall⁹³

Poucos dias após o funeral de John Barton, tudo que dizia respeito ao emprego de Jem em Toronto já estava combinado, e o dia de zarpar, marcado. Ele seria quase imediato; mas ainda havia muito a fazer, muitas preparações domésticas a realizar e algo que tanto Jem quanto Mary esperavam que fosse ser um grande obstáculo a ser removido: ou seja, a oposição da Sra. Wilson, que ainda não sabia do plano.

Ambos desejavam muito que ela compartilhasse do mesmo teto que eles para sempre, mas temiam que sua antipatia por um novo país fosse uma objeção insuperável. Afinal, Jem resolveu se aproveitar de uma tarde de placidez extraordinária, quando estava sozinho com a mãe na sala de estar antes de ir se deitar, para abordar o assunto; e, para sua surpresa, ela aceitou prontamente sua proposta de ir com ele e sua esposa.

— É verdade que a tal da América fica bem longe; mais longe até do que Londres, eu acho; e é uma terra estrangeira. Mas eu passei a pensar mal da Inglaterra desde que eles tiveram a ideia boba de pegar um rapaz sossegado que nem você e enfiar na prisão. Aonde você for, eu vou. Talvez naqueles países de índio eles saibam reconhecer um menino bem-comportado quando virem um. Não precisa dizer mais nada, meu filho; eu vou.

O caminho de Jem e Mary se tornava a cada dia mais tranquilo e desimpedido; o presente era claro e factível, e o futuro, repleto de esperanças. Eles tiveram tranquilidade mental

suficiente para voltar ao passado.

— Jem! — disse Mary certa noite, quando eles estavam sentados juntos à luz do crepúsculo, conversando em murmúrios felizes até que Margaret viesse passar a noite com ela. — Você nunca me disse como foi que descobriu o meu flerte com o pobre do Sr. Carson.

Ela corou de vergonha ao lembrar de como fora tola e pousou a cabeça no ombro do noivo enquanto ele respondia.

— Meu amor, vou lhe contar de muito mau grado: sua tia Esther me disse.

— Ah, já me lembrei! Mas como ela ficou sabendo? Eu estava tão chateada naquela noite que não pensei em perguntar. Onde você a viu? Esqueci onde ela mora.

Mary disse isso tudo de maneira tão franca e inocente que Jem teve certeza de que não sabia da verdade sobre Esther e chegou a hesitar em lhe contar. Afinal, respondeu:

— Onde foi que você viu Esther? Quando? Conte para mim, meu amor, pois você nunca me explicou e eu não consigo entender.

— Ah, foi naquela noite horrível, que mais parece um pesadelo!

Ela falou da visita da meia-noite de Esther e concluiu:

— Precisamos ir vê-la antes de ir embora, mas não sei bem como encontrá-la.

— Meu bem...

— O que foi, Jem? — perguntou Mary, alarmada com a hesitação dele.

— Sua pobre tia Esther não tem casa; ela é uma dessas criaturas miseráveis que andam pela rua.

E foi a vez dele de contar seu encontro com Esther, com tantos detalhes que Mary foi forçada a acreditar, embora seu coração se revoltasse contra aquele fato.

— Jem, meu amor! — exclamou, com veemência. — Precisamos descobrir onde ela está! Precisamos ir atrás dela!

E Mary se ergueu como se fosse em busca da tia naquele mesmo instante.

— Mas o que nós poderíamos fazer, meu amor? — perguntou Jem, segurando-a com carinho.

— Como assim? O que *não* poderíamos fazer se a encontrássemos? Você acha que ela não está feliz com a vida que leva e que concordaria em mudar se alguém ajudasse. Não me segure, Jem; é bem nesta hora que ela deve estar na rua. Quem sabe não está por aqui por perto mesmo?

— Espere um minuto, Mary. Eu saio agora e vou atrás dela, embora as chances não sejam muito grandes. Você não pode ir. Seria melhor pedir à polícia que a procurasse amanhã. Mas, se eu a encontrar, como posso convencê-la a vir comigo? Ela já recusou uma vez, dizendo que não conseguiria parar de beber, não importava o que acontecesse.

— Você jamais vai conseguir persuadir minha tia se tiver medos e dúvidas — respondeu Mary, em meio às lágrimas. — Tenha esperanças e confie no lado bom que deve haver nela. Apele para isso, que há de estar lá dentro em algum lugar. E traga-a para casa. Nós vamos amá-la e torná-la boa.

— Isso! — disse Jem, se deixando contaminar pelo entusiasmo de Mary. — Ela pode ir para a América conosco; e nós a ajudaremos a se livrar de seus pecados. Eu vou agora mesmo, meu

amor precioso. Se eu não conseguir encontrá-la, nós iremos à polícia amanhã. Cuide-se bem, meu doce — pediu, dando um beijo carinhoso na noiva antes de sair.

Mas não era para ser. Jem andou para cima e para baixo naquela noite, mas não chegou a encontrar Esther. No dia seguinte, procurou a polícia. Afinal eles reconheceram pela descrição uma mulher que fora, cerca de dois anos atrás, conhecida pelo nome de “Borboleta” devido às roupas alegres que usava. Com sua ajuda, ele encontrou um dos lugares que ela frequentava, uma estalagem vulgar que ficava atrás da rua Peter. Jem e um policial bondoso foram admitidos com grande desconfiança pela senhoria, que os levou até um vasto sótão, onde vinte ou trinta pessoas de todas as idades e ambos os sexos dormiam durante o dia, escolhendo a tarde e a noite para pedir esmolas, roubar ou se prostituir.

— Eu sei que a Borboleta esteve aqui — disse ela, olhando em torno. — Apareceu na noite retrasada, dizendo que não tinha nem um centavo para pagar por abrigo; e que, se estivesse bem longe daqui, no campo, poderia rastejar até morrer num bosque ou num rochedo, como os animais selvagens. Mas que, na cidade, a polícia não deixava ninguém quieto nas ruas, e ela queria um lugar para morrer em paz. É um tipo estranho de paz que temos aqui. Só que naquela noite, a sala estava mais vazia que de costume e, como eu não tenho o coração de pedra (queria ter, pois teria me dado melhor na vida), mandei a moça lá para cima. Mas acho que ela não está mais aqui.

— Ela estava muito mal? — perguntou Jem.

— Muito! Estava só pele e osso e com uma tosse que chegava a lhe rasgar em duas.

Eles fizeram algumas perguntas e descobriram que, na inquietação da morte iminente, Esther ansiara por se ver mais uma vez ao ar livre e se fora — para onde, ninguém parecia saber dizer.

Deixando muitos recados para Esther e ordens para que lhe chamassem se tanto o policial quanto a senhoria obtivessem qualquer indicação de seu paradeiro, Jem dirigiu-se à casa de Mary; pois não a vira durante todo aquele longo dia de buscas. Contou-lhe o que fizera e como não tivera sucesso; e ambos ficaram tristes com esse relato, permanecendo em silêncio.

Após algum tempo, eles começaram a falar de seus planos. Em um ou dois dias, Mary ia sair daquela casa e viver durante cerca de uma semana com Job Legh, até o momento do casamento, que ocorreria imediatamente antes de o navio zarpar. Eles conversaram até cair no silêncio e num devaneio delicioso. Mary estava sentada ao lado de Jem; o braço dele estava em torno da cintura dela, que tinha a cabeça pousada em seu ombro; e os dois pensaram nas cenas que tinham ocorrido naquela casa que ela logo deixaria para sempre.

De repente, Mary sentiu Jem ter um sobressalto e teve um também, sem saber por quê; tentou ver o rosto do noivo, mas as sombras da noite estavam tão profundas que não conseguiu discernir sua expressão. Ele olhava para a janela; Mary voltou-se e viu uma face branca apertada contra o vidro pelo lado de fora, olhando intensamente para a sala escura.

Enquanto eles observavam, como se hipnotizados pela aparição e incapazes de pensar ou agir, um véu negro cobriu aqueles olhos febris que brilhavam lá fora e o corpo desabou ao chão sem qualquer resistência.

— É Esther! — exclamaram ambos ao mesmo tempo.

Correram lá para fora e, naquilo que parecia ser apenas uma pilha de roupas brancas ou claras, desmaiada ou morta, estava a pobre Borboleta destroçada — Esther, que um dia fora inocente.

Ela viera (como um cervo ferido que arrasta o corpo pesado para o frescor verdejante da cova onde nasceu, para ali perecer) ver o lugar que lhe fora familiar em sua inocência, mais uma vez antes de morrer. Se estava de fato viva ou morta, eles não sabiam.

Job chegou com Margaret, pois já estava na hora de dormir. Ele disse que o pulso de Esther ainda batia um pouco. Então a carregaram para o andar de cima e a depuseram na cama de Mary, sem ousar despi-la, temendo que qualquer movimento a fizesse expirar; mas foi tudo em vão.

Lá pela meia-noite, Esther arregalou os olhos e observou aquele quarto que já lhe fora tão familiar: Job Legh estava ajoelhado ao lado da cama, rezando em voz alta e com fervor por ela, mas parou ao vê-la consciente. Ela se sentou na cama com um gesto convulso.

— Quer dizer que foi tudo um sonho? — perguntou, desesperada.

Então, num hábito que continuava a ser um instinto mesmo naquela hora terrível da morte, sua mão buscou o colar que ficava oculto em seu peito e, ao encontrá-lo, soube que era verdade tudo que lhe acontecera desde que se deitara naquela cama como uma moça inocente.

Esther voltou a se deitar e nunca mais disse uma palavra. Continuou a segurar o colar que continha o cabelo da filha e, uma ou duas vezes, deu-lhe um longo e carinhoso beijo. Chorou baixinho enquanto teve forças para isso, e então morreu.

Eles a colocaram no mesmo túmulo que John Barton. E lá eles estão sem nome, iniciais ou data. Apenas este verso está inscrito na lápide que cobre os restos desses dois perdidos:

“Pois ele nem sempre ralhará e nem sempre guardará sua raiva.”

(Salmos 103:9)

Vejo uma casa comprida e baixa de madeira, bastante espaçosa. As árvores ancestrais foram derrubadas num raio de muitos quilômetros, e apenas uma restou para dar sombra ao frontão da construção. Há um jardim em volta da casa e, lá longe, um pomar. A glória de um verão tardio banha tudo, fazendo o coração dar um pulo ao ver tanta beleza.

Na porta da casa, olhando na direção da cidade, está Mary, esperando o marido voltar do trabalho. Enquanto aguarda, ela escuta, sorrindo:

“Bate palma, lá vem o papai
Com o bolso cheio de doce
E um bolinho para o Johnnie.”

Johnnie dá um gritinho de alegria. Sua avó o leva até a porta e fica radiante ao vê-lo resistir às adulações da mãe e continuar agarrado a ela.

— Cartas da Inglaterra! Foi por isso que me atrasei!

— Ah, Jem! Não as segure com tanta força! O que elas dizem?

— Boas notícias. Tente adivinhar.

— Ah, me diga! Não consigo adivinhar — disse Mary.

— Quer dizer que desiste? E a senhora, mãe?

Jane Wilson refletiu por um instante.

— Will e Margaret se casaram? — perguntou ela.

— Não exatamente... mas quase. A velha tem duas vezes a animação da moça. Vamos lá, Mary, tente adivinhar!

Ele cobriu os olhos do filhinho durante um momento, com um ar significativo, até que o menino empurrou as mãos do pai e reclamou:

— Não *tonsigo* vê.

— Pronto! Agora Johnnie está conseguindo ver. Consegue adivinhar, Mary?

— Eles fizeram alguma coisa para fazer Margaret voltar a ver! — exclamou ela.

— Isso mesmo! Ela fez uma operação de catarata e voltou a enxergar perfeitamente. Ela e Will vão se casar no dia 25 deste mês, e ele vai trazê-la aqui na próxima viagem. E Job Legh está falando em vir também. Não para ver você, Mary; nem você, mãe; nem você, meu pequeno herói — anunciou Jem, beijando o menino —, mas para tentar obter alguns espécimes de insetos canadenses, de acordo com Will. De modo que vem só pelas lacraias, viu só, mamãe?

— Querido Job Legh! — murmurou Mary, com enorme carinho.



93. Trecho de “A Petition to Time” [Uma petição ao tempo] de Barry Cornwall, pseudônimo do poeta inglês Bryan Waller Procter (1787-1874). (*N. da T.*)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Mary Barton

Wikipédia da autora

https://pt.wikipedia.org/wiki/Elizabeth_Gaskell

Goodreads da autora

https://www.goodreads.com/author/show/1413437.Elizabeth_Gaskell

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/3517-elizabeth-gaskell>

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/mary-barton-721632ed723526.html>